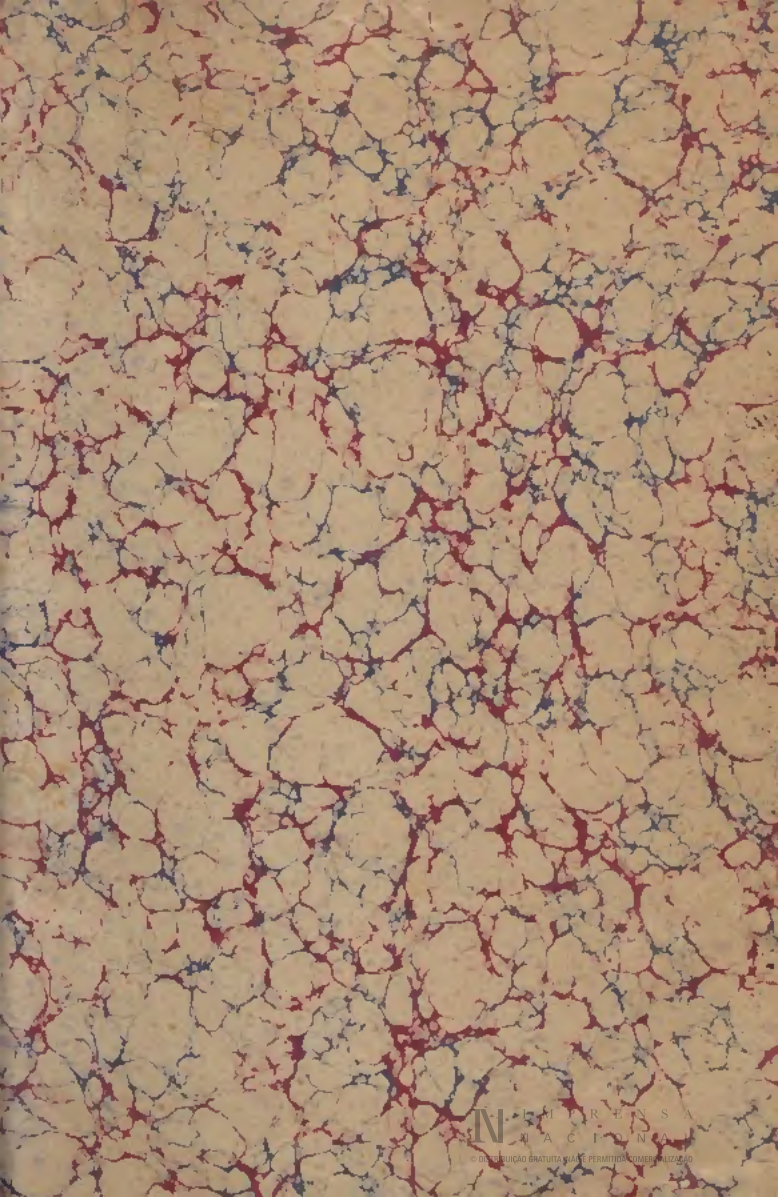


N M. R. P. N. S. A.
N. A. C. P. N. A. L.

DISTRIBUICAO GRATUITA, NAO É PERMANENTE E ESPECIALIZADO



INSTITUTO
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA VIA PERMÍSSÃO COMERCIALIZADA

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ

DA ASIA

DE

JOÃO DE BARROS

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM
NO DESCUBRIMENTO, E CONQUISTA DOS
MARES, E TERRAS DO ORIENTE.

DECADA TERCEIRA

PARTE PRIMEIRA.



LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCLXXVII.

Com Licença da Real Mesa Censoria, e Privilegio Real.

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ

IMPRENSA
NACIONAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA, NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

OFERTA

281304

7/4/47

DA ASIA
DE
JOAO DE BARROS
DECADA TERCEIRA
PRIMEIRA



LISBOA
NA LAGTA ORIGINAL...
LONDONDRE...
Com... ..

I N D I C E

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM

NESTA PARTE I.

D A D E C A D A III.

L I V R O I.

CAP. I. Como ElRey D. Manoel mandou por Capitão geral, e Governador da India Lopo Soares d'Albergaria em huma Armada de treze ndos, o qual partio deste Reyno o anno de quinhentos e quinze; e do que fez depois que partio, e assi na India com sua chegada.

Pag. 1.

CAP. II. Como Lopo Soares, despachado Fernão Peres com huma Armada pera a China, pelo recado que lhe ElRey Dom Manoel mandou deste Reyno da Armada que o Soldão do Cairo fazia pera a India, elle Lopo Soares partio com huma grossa frota pera o mar Roxo em busca desta Armada.

13.

CAP. III. Em que se descreve o sitio da Cidade Judá: e o fundamento de huma Armada, que o Soldão tinha enviado por Raetz Soleimão seu Capitão mór, que estava naquella Cidade Judá.

22.

CAP. IV. Do que Lopo Soares passou no porto de Judá, e depois que se dalli partio

* ii

tio

I N D I C E

- tio té chegar a Camaram, onde invernou, e abi veio ter D. João, ao qual elle mandou buscar á costa da Abassia.* 39.
- CAP. V.** *Como partido Lopo Soares da Ilha Camaram, foi ter á Cidade Zeila, que está na costa da terra Africa, principal porto do Reyno Adel, a qual tomou por armas, e depois queimou.* 54.
- CAP. VI.** *Como Lopo Soares se partio pera a Cidade Adem: e do que alli passou com o Capitão della; e querendo ir sobre a Cidade Barbora, com hum temporal que lhe deo, arribou a Ormuz, e a maior parte de sua Armada per diversas partes passou grandes naufragios, e infortunios.* 62.
- CAP. VII.** *Do que fizeram D. Fernando, e D. João, que D. Goterre mandou de Armada: e o que succedeo em hum entrada, que elle mandou fazer em as terras firmes de Goa, onde mataram João Machado, e alguma gente da nossa, donde se causou o Hidalcão a mandar cercar, no qual tempo os nossos padecêram muito trabalho té a chegada de Antonio de Saldanha.* 70.
- CAP. VIII.** *Como D. Goterre mandou Dom Fernando com gente de cavallo, e de pé sobre o Capitão Ancostaó, na qual entrada*

DOS CAPITULOS

morreo o Alcaide mór João Machado com muita gente nossa, e foi causa da Cidade Goa ser cercada té a vinda de Antonio de Saldanha, que partio deste Reyno com huma Armada. 78.

CAP. IX. Do que succedeo a Jorge de Brito depois que entrou na capitania de Malaca: e do que se passou nella depois de seu falecimento sobre quem o succederia no cargo de Capitão. 86.

CAP. X. Da viagem que Antonio de Saldanha fez o anno de dezeseete, que deste Reyno partio, e as cousas que passaram na India com sua chegada: e como Lopo Soares o mandou de Armada á costa da Arabia, e assi enviou D. João da Silveira ás Ilhas de Maldiva. 94.

LIVRO II.

CAP. I. Em que se descreve o sitio, e cousas da Ilha Ceilão, a que os antigos chamam Taprobana. Pag. 104.

CAP. II. Como Lopo Soares, per mandado d'ElRey D. Manoel, foi á Ilha Ceilão fazer huma fortaleza: e o que passou ante de ser feita com o Rey da terra, o qual ficou tributario deste Reyno. 118.

CAP. III. Do que passou D. João da Silveira nas Ilhas de Maldiva, onde o enviou

- viou Lopo Soares, e assi em Bengala, onde elle foi ter, té chegar a Ceilão a ser mettido de posse de capitania da fortaleza de Columbo. 132.
- CAP. IV. De algumas cousas que D. Aleixo de Menezes fez depois que chegou a Malaca, entre as quaes foi mandar Duarte Coelho a ElRey de Sião: e do que elle passou nesta viagem. 146.
- CAP. V. Em que se descreve o grande Reyno de Sião, e algumas cousas notaveis delle. 152.
- CAP. VI. Como ElRey D. Manoel mandou Fernão Peres d'Andrade descobrir a enseada de Bengala, e a costa da China: e o que passou primeiro que fosse á Cidade Cantam, que he a principal de humas das Provincias que a China tem. 173.
- CAP. VII. Em que se descreve a terra da China, e relata algumas cousas que ha nella, e principalmente da Cidade Cantam, que Fernão Peres hia descobrir. 186.
- CAP. VIII. Do que Fernão Peres passou em quanto esteve na China. 205.
- CAP. IX. De algumas cousas que passaram em Malaca, em quanto D. Aleixo de Menezes esteve nella. 224.

LIVRO III.

- C**AP. I. Como ElRey D. Manoel o anno de quinhentos e dezoito mandou por Capitão geral, e Governador da India a Diogo Lopes de Sequeira. Pag. 233.
- C**AP. II. Do que se passou em Malaca depois que D. Aleixo de Menezes se partio, assi no cerco que lhe ElRey de Bintam poz, como na vitoria que os nossos houveram na ida do rio Muar, tomando-lhe a fortaleza que alli tinha feita na entrada do rio. 242.
- C**AP. III. Como Garcia de Sá foi ter a Malaca, e Affonso Lopes d'Acosta, por estar mui doente, lhe entregou a capitania da Cidade, e se veio á India, onde morreo em chegando: e do que Antonio Correa passou assi em Pegu, como em Malaca, onde Diogo Lopes de Sequeira o mandou. 260.
- C**AP. IV. Como Antonio Correa chegou ao Reino de Pegu: e assi se descreve o sitio, e cousas delle, e da paz que elle Antonio Correa assentou com o seu Rey, e do mais que fez té chegar a Malaca. 273.
- C**AP. V. Como Garcia de Sá ordenou huma Armada a Antonio Correa pera entrar no rio Muar, e assi ir ao Pago, on-

I N D I C E

- onde ElRey de Bintam estava , ao qual elle desbaratou , e destruiu. 285.
- CAP. VI. Como Garcia de Sá mandou de Armada a Manoel Pacheco sobre o porto de Pacem , e Achem : e do feito que cinco Portuguezes , que com elle foram , fizeram : e do mais que sobre este caso succedeo. 298.
- CAP. VII. Em que se descreve o sitio das Ilhas de Maldiva , e algumas cousas dellas : e como João Gomes , que foi enviado a fazer huma fortaleza na principal chamada Maldiva , a fez , e depois o matáram os Mouros , e a causa porque. 305.
- CAP. VIII. Do que fez Christovão de Sousa com huma Armada , que lbe o Governador Diogo Lopes deo para ir á costa de Dabul : e assi do que passáram outros , que tambem enviou o anno seguinte. 316.
- CAP. IX. Do que passou huma Armada de quatorze vélas , Capitão mór Jorge d'Albuquerque , que o anno de quinhentos e dezenove ElRey D. Manoel mandou á India : e do que Diogo Lopes de Sequeira nisso fez. 324.
- CAP. X. Como o Governador Diogo Lopes de Sequeira partio com huma grossa Armada ao estreito do mar Roxo : e do que passou té chegar á Ilha Maçudá , onde o

DOS CAPITULOS

Embaixador Mattheus foi conhecido ser do Preste João ; e do mais que se alli passou.

336.

LIVRO IV.

CAP. I. *Em que se escrevem as cousas d'ElRey da Abassia, ou Ethiopia sobre Egypto, a que vulgarmente chamamos Preste João : e as cousas do error deste nome, e o mais que deste Principe temos sabido, e assi do seu estado, e povo.*

Pag. 359.

CAP. II. *Como a Rainha Sabá se foi ver a Jerusalem com Salamão Rey de Judéa, de que houve hum filho chamado David, do qual, segundo dizem os povos Abassijs, procedem os seus Reys, e o mais que elles dizem deste Rainha Sabá, e assi da chamada Candace, e de algumas cousas do estado deste Principe, e sua religião, e costumes.*

374.

CAP. III. *Como Diogo Lopes de Sequeira se vio com o Barnagax, hum principal Capitão do Preste, com o qual assentou paz; e entregue o Embaixador Mattheus, e D. Rodrigo de Lima, que elle em sua companhia mandou ao Preste, se partio pera ir invernar a Ormuz: e o mais que fez neste caminho.*

397.

CAP.

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

- CAP. IV.** *Em que se escrevem algumas cousas dos estados d'ElRey de Narsinga, e Hidalcão, e huma guerra que entre si tiveram em quanto Diogo Lopes foi ao estreito, e o que della resultou em proveito nosso.* 414.
- CAP. V.** *Como ElRey Chrisnarão assentou seu arraial, e combateo a Cidade Rachol, a qual tomou, depois que deo huma batalha ao Hidalcão em que o venceu, e esta tomada foi por favor dos nossos que se acháram com elle: e do mais que se passou entre estes dous Principes, no qual tempo Ruy de Mello Capitão de Goa tomou as terras firmes.* 424.
- CAP. VI.** *Do que Lopo de Brito Capitão da fortaleza de Ceilão passou com a gente da terra.* 443.
- CAP. VII.** *Em que se dá noticia do curso dos tempos nas partes do Oriente, que navegámos, donde se causa o verão, e inverno dos navegantes, e das suas monções. E como Diogo Lopes se partio de Ormuz onde invernou, passando per Mascate, onde achou recado de huma Armada que aquelle anno partira deste Reino, e dalli se foi pera a India: e o que lhe succedeo no caminho, e assi em Dio com Melique Az.* 452.
- CAP. VIII.** *Como Diogo Lopes de Sequeira,*

DOS CAPITULOS

ra , depois que despachou as ndos , que o anno de quinhentos e vinte vieram com carga de especiaria pera este Reyno , fez huma grossa Armada , em que foi pera Dio com tenção de fazer abi huma fortaleza.

472.

CAP. IX. Como Diogo Lopes de Sequeira com sua frota chegou sobre a Cidade Dio , onde não fez fortaleza , e a causa porque ; e como foi invernar a Ormuz , espedindo os Capitães que biam ordenados pera as partes de Malaca , os quaes foram em companhia de D. Aleixo de Menezes , que os havia de despachar em Cochij.

481.

CAP. X. Do que aconteceu a Simão Sodré ao longo da costa caminho de Goa , e houvera de acontecer a D. João de Lima que se com elle achou : e do despacho que D. Aleixo deo , depois que chegou a Cochij , aos Capitães , que levava em sua companhia.

496.

LIVRO V.

CAP. I. Em que se descreve a situação da Ilha Camatra , e Reinos della , e de algumas cousas que nella aconteceram aos nossos : e a causa por que o Principe do Reyno Pacem mandou á India

pe-

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

- pedir ajuda ao Governador contra hum tyrauno, que llo tinha tomado. Pag. 505.
- CAP. II. Como Forge d'Albuquerque chegou ao Reyno de Pacem, onde pelejou com o tyrauno que o tinha, e o tomou com quanta gente consigo tinha em huma fortaleza, e depois metteo o Principe em posse delle. 519.
- CAP. III. Como Forge de Brito com sua Armada foi ter ao Reyno Achem, onde elle, e outros Capitães com muita gente foram mortos em huma peleja, que tiveram com o Rey da terra; e vindo seu irmão Antonio de Brito com os navios a Pedir, onde os achou, tomou posse da capitania delles: e do mais que elle, e Forge d'Albuquerque passãram té chegarem a Malaca, e o que aconteceu aos outros Capitães, que ficãram em Pacem. 535.
- CAP. IV. Como Forge d'Albuquerque foi á Ilha de Bintam pera destruir a povoação que ElRey nella tinha, e o que lhe succedeo nesta ida, no fim da qual Antonio de Brito se partio pera Maluco. 550.
- CAP. V. Em que se descrevem as Ilhas chamadas Maluco, e se dá noticia de algumas cousas dellas. 564.
- CAP. VI. Das cousas que succedêram a Antonio d'Abreu, e Francisco Serrão, que

DOS CAPITULOS

que Affonso d'Albuquerque na tomada de Malaca mandou descubrir as Ilhas de Maluco, e Banda : e o que succedeo em todo aquelle tempo té a partida de Antonio de Brito, que hia fazer huma fortaleza por causa das razões precedentes, que eram requerimentos delRey de Ternate, que he a principal dellas. 583.

CAP. VII. Da viagem que Antonio de Brito fez nas Ilhas de Banda, e Maluco : e o que passou té fazer huma fortaleza em a Ilha Ternate. 605.

CAP. VIII. Como Fernão de Magalhães se foi a Castella em deserviço d'ElRey Dom Manoel, e as cousas porque : e como ElRey D. Carlos de Castella, que depois foi Emperador, acceitou seu serviço, e se determinou em o mandar ás Ilhas de Maluco per nova navegação. 622.

CAP. IX. Da viagem que Fernão de Magalhães fez com esta frota : e o que succedeo a elle, e a ella té descubrir hum estreito, que passava ao mar do Ponente. 632.

CAP. X. Do que Fernão de Magalhães passou em sua navegação do mar do Ponente té chegar á Ilha Subo, onde mataram a elle, e a principal gente de sua Armada : e do que mais succedeo aos que ficaram. 647.

DE-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

PROLOGO.

ESCREVE Platão em o seu Timéo, contando a prática, que hum Sacerdote Egypcio tinha com Solon sobre a antiguidade, e noticia das cousas della, que lhe disse o Sacerdote com grande indignação: » Ó » Solon, Solon, sempre vós-outros, os » Gregos, haveis de ser meços, e o vos- » so animo sempre maneebo, em o qual » não ha conhecimento da antiguidade, » nem sciencia de câns? » Nas quaes palavras quiz dizer, que todos aquelles, que se não davam ao conhecimento da antiguidade das cousas, as quaes se alcançam pela lição da Historia, tinham entendimento de meninos, porque como estes confusamente recebem o objecto de qualquer cousa que vem, e a todo homem chamam pai, por não terem noticia perfeita pera distinguir qual he o seu proprio: assi os que carecem do conhecimento da Historia estã

Tom. III. P. I.

**

pós-

póstos em vida de confusão. E ainda (como diz Tullio) pela falla diffirimos dos brutos quanto ao discurso do juizo: os homens, que totalmente ignoram a Historia, e aborrecem as letras, são a elles mui conformes. Cãnunca o seu juizo se estende a mais, que ao presente a olhar se lhe traz dãmno, ou proveito a vida, e do entendimento das outras cousas fazem pouca conta, como se nascêram sómente pera contentar o corpo em seus affectos, e desejos. Quasi como gente, que vem a degenerar da natureza humana, mostrando que não ha nelles natural desejo de saber; o qual he tão proprio do homem, (como diz Aristoteles,) que lhe vieram chamar investigador, e inventor das cousas. Da qual propriedade veio o mesmo Aristoteles fazer hum problema, perguntando: Porque os homens se delectavam mais em a noticia das cousas, que se sabem per exemplo que per enthymemia, que he huma razão curta, de que os Logicos usam, que

P R O L O G O .

nistrarem os Magistrados , e officios , de que a sua República os póde prover , e principalmente pera saberem aconselhar quando forem admittidos no Conselho público , no qual se hum homem entrar sem doutrina da Historia ; he como hum mudo entre doutos oradores , ou surdo ante a harmonia de vozes. O fruto do qual uso , que elles tem , se vê na perpetuidade da sua República ; a duração da qual ainda não temos visto ser contaminada per tantas centenas de annos em outra Nação. E são os Italianos geralmente tão dados á lição da historia , por causa do governo da patria , pera da conferencia do passado ordenarem o presente , que se traz quasi em Proverbio : *Italianos se governam pelo passado , Hespanhoes pelo presente , e os Francezes pelo que está por vir.* Aqui , se licito fora , se pudera dar humma reprehensão de penna á nossa Hespanha ácerca desta parte presente , pero como a verdade não apraz quando toca em culpa propria , leixemos o seu pre-

P R O L O G O .

presente, porque o futuro lhe mostrará que tal foi. Sómente huma cousa lembrará esta nossa penna, em que fique entendido parte do que leixou por dizer, com que satisfaremos á obrigação da prática sem doutrina Platonica, (como traz Plotino em o livro de Sapiencia:) que não convem olhar sempre as cousas presentes, mas a revolução que ellas tem do preterito pera o futuro, porque o seu curso natural he hum bem responder ao outro, e hum mal ao outro mal, por estarem as cousas futuras sujeitas a terem as vezes que já tiveram, quasi como hum curso circular. E como a Historia he hum espartador do entendimento pera a consideração deste natural, e Christão curso, a primeira lição, (depois da Divina, que sempre deve preceder a todas,) em que se devem crear aquelles, que Deos elego pera o governo, e administração pública, he em os Annaes, e Chronicas de seu proprio Reyno, e patria, e em toda a outra escriptura, pela qual venha
em

PROLOGO.

em conhecimento dos homens antepafados, e do que fizeram, e differam. Cá desta tal lição, por ser propria de casa, vem elles governar, e aconselhar o Reyno per exemplos do mesmo Reyno, que he a revolução que dissemos. O qual Reyno em os negocios, e ordem do governo segue o processo, que a Natureza leva na multiplicação das familias; que se o filho não tem o parecer do pai, tem muita semelhança com o avô, ou de algum outro parente muito conjuncto, porque a Natureza nunca pôde tanto degenerar, que fique em monstro fóra de sua especie. Assi os negocios, e cousas, que succedem em vida de hum Rey, se não são semelhantes em tudo ás do passado, conformante se com as dos trespassados de maneira, que mais se parecem nossas cousas presentes com as nossas passadas, que com as estranhas, e remotas da patria. Por isso não louvamos muito a homens, que dam razão de toda a historia Grega, e Romana; e se lhe perguntais pe-

PROLOGO.

lo Rey passado do Reyno, em que vivem, não lhe sabem o nome, ainda que coma os bens da Coroa, que o proprio Rey dá a seu avô. E não he muito, porque outro tanto fazem os taes ao nome do primeiro instituidor do Morgado, ou Capella, que possuem, no qual esquecimento parece que o tal instituidor do Morgado o adquirio, e ajuntou per tal modo, que o conta Deos em numero daquelles per os quaes a Escritura diz: *E a lembrança delles será deserta, quasi como se não foram no Mundo*: por ser justa cousa esquecerem aquelles, que por serem lembrados na terra, se esquecêram do Ceo. E ainda pera adquirir estes bens da terra, a que os homens são tão sujeitos, se bem olharem o discurso do Mundo, muito aproveita a lição da Historia, pera virem a grande estado de honra, e fazenda, como Marco Tullio, que huma das cousas, que o poz em a dignidade Consular, que era a maior, que naquelle tempo havia, foi

ter

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

P R O L O G O.

ter grande conhecimento das linhagens, familias, das propriedades, e de outros negocios públicos do povo Romano, sem as quaes cousas o feu orar fora musica sem compasso. E não sómente elle, que trouxemos por exemplo, mas grande numero de homens creou o Mundo, que por esta generalidade de noticia de cousas alcançaram em seu modo tanto, como o mesmo Tullio, porque nascêram em tempo, ou terra, que se soube aproveitar delles. Pero aos que faleceo alguma destas duas cousas, não sómente perdêram o premio, que os outros houveram, e ficou-lhe sua mercadoria em casa sem abrir tenda; mas ainda os direitos della, que per obediencia pertencem ao Senhor da terra, lhe foram engeitados, como cousa que não servia ante elle. Depois desta lição, que dissemos ser mui proveitosa, por natural, e propria de casa, deve-se dar este tal Aprendiz á lição das Chronicas dos Reynos vizinhos, com que communicam, e tem conferencia de negocios,

e de

P R O L O G O .

e de si a toda outra historia proveitosa: Não apontamos nas sciencias de profissão, porque estas são pera homens particulares, que as elegêram por genero de divida, as quaes requerem outro ocio, outro juizo, e são caras de as perder, e por isso os seus Professores as vendem por mui caro preço. Sómente enculcamos lição commum a toda qualidade, e idade, barata em preço, leve de saber, proveitosa em uso, e que serve na paz, na guerra, no prazer, no pezar, na abastança, e necessidade, por ser como huma medida Lesbica, que se accommoda a tudo o que com ella quizermos medir. Quem quizer passar dos exemplos de casa, e dos vizinhos, tem a Historia Romana, Grega, e toda a outra, ainda que dos barbaros seja, porque não reprovamos estas em mais, que na precedencia de as antepôrem ás naturaes, e familiares de casa. E porque aqui está hum grande perigo, em que póde incorrer a gente de teuro juizo, que são os mancebos,

po-

PROLOGO.

polo não corromperem com algum veneno de danmosa lição, diremos o que Platão diz em nome de Socrates: *Que mais grave he o perigo no aceitar da disciplina, ou lição de livros, que no comprar as cousas do mantimento, de que vivemos, porque este da praça não se leva logo no estomago, mas em cousa, que se nellas houver algum veneno, não nos póde empecer; e ainda sobre isso temos conselho do Medico, que nos ensina quaes podemos comer, e quaes não, o que se não faz na compra dos livros.* Donde vem, que primeiro lavra a peçonha da má doutrina, e leitura delles no animo, que assentamos no entendimento. Por acudir ao qual damno, e perigo apontaremos alguns vicios, e defeitos, em que cahiram alguns desta lição da Historia, que sirvam em lugar de balizas áquelles, que tanto não alcançam no ler, e no compôr della, pois a todos podem servir. A primeira, e mais principal parte da Historia he a verdade della; e porém em algumas

col-

PROLOGO.

cofas não ha de fer tanta, que se diga por ella o dito da muita justiça, que fica em crueldade, principalmente nas cofas, que tratam de infamia de alguém, ainda que verdade sejam. É certo que nesta parte mais ganhou no juizo de homens justos, e doutos Thucydides, sendo Gentio, o qual contando o que commetteo contra os Athenienses o Rhetor Antifonte, por reverencia de tão douta pessoa, e de ser seu mestre, calou o modo, e genero de morte, que lhe foi dada per mui infame; do que ganhou Suetonio, Paulo Jovio em os seus elogios, que tendo dignidade Episcopal, descubrio vicios alheios, de que muitos não sabiam parte, com que infamou as almas dos defuntos, de quem os elle escreve. Cá destes taes exemplos mais procede licença de vicios, que abstinencia delles; porque como evitára a hum homem o impeto de má inclinação, quando Suetonio lhe põe exemplo de muitos em Principes illustres, como foram os Empe-

P R O L O G O .

peradores ; e taes vicios , que a mesma Natureza fecha os olhos , esconde o rosto , e tapa os ouvidos por não ouvir taes torpezas de si. É verdadeiramente nunca alguem escreveu estas abominações , e abasos , que ante meu juizo não tenha por culpado nelles , como se vê nas más mulheres , que se gloriam em haver muitas , porque ficam menos culpadas. Tambem calar os louvores de alguem , ou notar suas taxas por odio , ou por comprazer a outrem , quanta Salustio perdeu na primeira parte , tanta culpa tem Antonio de Nebriffa : na segunda Salustio calando na sua historia algumas cousas , que davam louvor a Trelho , polo odio que lhe tinha , posto que muitos não pôde encubrir , em que foi louvado : e Antonio de Nebriffa por comprazer na Chronica , que compoz d'ElRey Dom Fernando de Castella , disse taes abominações d'ElRey D. Henrique , e da Rainha D. Joanna sua mulher , que per a tão douto Barão fora mais seguro a

PROLOGO.

sua consciencia, e nome por dizer, que ditas. E perdoe-me a sua alma, porque melhor he que fique elle com esta nota de paixão, ou complacencia, que taes Principes infamados per sua escriptura. E se não fora porque nas cousas dos Reys, e Principes se deve fallar com toda reverencia, por a dignidade Real, que lhes Deos deo, ainda nossa penna pudera manifestar cousa, não de suspeita, como elle Antonio de Nebrissa fez, mas de feito, em caso, que per via de casamento se moveo, em que o mesmo Rey D. Fernando approvou o contrario do que elle diz. Quanto a encubrir os casos, e infortunios aquecidos ao Principe, ou povo, em cujo louvor se escreve, por lhe não derogar o poder, e retorcer as cousas do tal dainno em outrem com infamia de nome, e não de feitos. Se na primeira Tito Livio he louvado na relação, que fez como os Francezes tomáram Roma, na segunda não ganhou muito em dizer delles, que por causa do vinho, que havia em

Ita-

P R O L O G O .

Italia, entráram nella, e isto em modo de infamia. Pois contar prodigios taes, que o mesmo Tito Livio, que os escreveo na sua historia, os não cria, em o qual vicio tambem Cesar cahio por abonar seus propositos, isto he tão estranhado na Historia, que melhor sofre hum hyperbole, dizendo era tamanha a grita da gente, rugido das armas, quebrar das lanças, que chegava o estrondo até o Ceo. Nem menos convem á fé da Historia dizer, que dos inimigos morreram tantos mil, feridos sem conto, e dos nossos mortos foram dous, ou tres, e feridos doze. Já nomes torpes, crueis, e de vituperio, como usam alguns neste nosso tempo, chamando aos Reys de França, e Inglaterra, o Francez, o Ingrez, e por este modo os da parte contraria outros taes ao Emperador, mais vituperam a quem os diz, que por quem se dizem. E quanto os taes Escritores são taxados por notar no Principe defeitos, em que a Natureza he culpada, e não o

ani-

PROLOGO.

animo delle; tanto louvor se dá áquelle Pintor, que tirando a ElRey Philippe pai de Alexandre per natural, tomou-lhe a postura do rosto de maneira, que lhe encubrisse o defeito que tinha, que era hum olho menos. É melhor está a hum Author per este modo dissimular os taes defeitos, que louvar os Principes de maneira, que vendo elles tanta lisonjaria, façam o que fez Alexandre; o qual offerecendo-lhe Aristobolo hum livro de muitos louvores, deo com elle em hum rio, dizendo, que desejava depois de morto tornar ao Mundo, pera ver se o louvavam tanto. E não se escandalizem de nós, se no espartar destas cousas apontamos em tão graves, e doutos Barões, parecendo que nos queremos gloriari das taes censuras como de cousa propria, pois entre homens de boa lição são mui commuas. Sómente as notamos por serem nelles culpas de animo apaixonado, e não dignas de perdão: como os descuidos de animo cansado do estudo, e daquel-

P R O L O G O.

quelle genero das de Homero, de que dizia Horacio: *As vezes dormia o bom Homero.* Pois se estes, e outros taes perigos estam em homens de tanta erudição, e doutrina, que será no enxurro de tantos Escriptores, como o ganho, e trato da impressão trouxe á praça deste nosso tempo? Se não tapar os narizes, como quem passa per monturo, onde, ainda que se acha hum retalho de panno de boa côr, e fino, a companhia, em que está, faz que se haja nojo d'elle. Verdade he, que se o monturo destes fosse como o de Ennio, no qual dizia Virgilio, que achava pedras preciosas, ainda se soffrêra o seu máo cheiro; mas ver as quiméras de tanta, e tal escriptura, a que se não pôde dar nome, posto que seus donos lhe deu grande titulo, não causa o zelo, e indignação de ver estas cousas fazer verfos, como diz Juvenal, mas riso, como diz Horacio, por outras taes. E certo, que considerando no fruto, que se pôde tirar das taes escripturas, parece

P R O L O G O.

ce que mais erudição dará a lição das fabulas, isto não por causa da materia, mas da torpeza da forma; porque quanto á materia, certo he ser muy diferente tratar de historia verdadeira, ao argumento de huma fabula, pero tem tanta potencia a forma de qualquer couza, que em muitas vence a materia por excellente que seja. Em tanto, que se hum vaso de ouro tiver a forma de algum, que serve em couzas vis, e torpes, ante quererão beber per outro de barro de forma natural deste uso, que pelo outro, porque naturalmente aborrecemos as couzas disformes, e as formadas com as leis naturaes, segundo o genero de cada huma, de nós são muy acceptas: Donde Alexandre, sendo tão cubiçoso de gloria que o fez prodigo de fazenda, veio desejar ter por Escriptor o pai de todas as fabulas em nome, que foi Homero; (que pudiera fazer suspeita toda sua historia,) não porque quizesse que com palavras supprisse o que a elle falecia em feitos; pois

Tom. III. P. I.

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

P R O L O G O .

pois os seus foram tantos, e taes, que occupáram trinta, e tantos Escritores Gregos, e Latinos; mas porque tem tanto poder a força da eloquencia, que mais doce, e accepta he na orelha, e no animo huma fabula composta com o decóro, que lhe convem, que huma verdade sem ordem, e sem ornato, que he a forma natural della. E esta acceptação não he em orelhas de homens gentios, ou profanos, mas de graves, e doutos Barões da Religião Christã, como se vê na lição Grega, e Latina, tantas vezes recitada, e repetida nas suas escolas; porque como todos os homens graves, principalmente nas escrituras moraes, a fim de doutrinar vãt ordenadas, mais respeito tem a mover por exemplo, e induzimento de vivas razões, (pero que o argumento seja fabuloso) que a fé da couza, porque a fé sem imitação de obras figura pintada he, e não viva. E como, a fim de bem obrar, os Escritores ordenáram suas escrituras, aquellas são mais úti-

zios

N I M P R E S S A O E S,
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

PROLOGO.

les, e proveitosas pera ler, que mais móvem pera bem obrar, (nas profanas fallamos,) cá em as da Lei de Deos, que professamos, Paulo deo aviso, que por não derogar a Fé da Cruz de Christo, não as pré-gava com eloquencia. Pero aquellas, cuja doutrina está em força de palavras, e não em fé de Lei, usaremos dellas como Agostinho na sua Doutrina Christã aconsellia, dizendo: *Que se os Filozofos differam algumas cousas proveitosas á nossa Fé, não sómente as não devemos recear, e temer, mas ainda as devemos pera nosso uso tomar delles como de injustas possuidores.* E se estas servem ao bem da Fé, que será naquellas, que tratam sómente pera uso da boa policia: por isso não se póde chamar escritura sem fruto a que tem doutrina de imitação. Fabulas são as de Homero em nome, e argumento; mas nellas vai elle enxertando o discurso da vida activa, e contemplativa, e por isso no proemio das Pandectas do Direito Civil lhe chama o Em-

P R O L O G O.

perador Justiniano *pai de toda virtude*.
E Macrobio diz delle, que he fonte;
e origem de todas as divinas invenções,
porque deo a entender a verdade aos
sapientes debaixo de huma nuvem de
ficção poética. Fabula he a *Cyripedia*
de Xenofon; mas nella quiz elle de-
buxar, que tal havia de ser hum Rey
em o governo de seu Reyno, e por
isso era este livro o familiar per que
estudava Scipião, e Cicero andando na
guerra. Fabula moderna he a *Utopia*
de Thomaz Moro; mas nella quiz elle
doutriñar os Inglezes como se haviam
de governar. Fabula he o *Asno de ouro*
de Apuleio; mas no discurso delle mos-
tra quão brutos animaes são os homens,
que andam occupados, e envoltos em
vicios, e fóra delles ficam racionais em
vida. Fabula he a multidão das que es-
creveo o Filosofo Esopo; mas nellas
estam pintados todos os affectos huma-
nos, e como nos havemos de haver
nelles. Fabula he a *Taboa do Filosofo*
Cebes; mas nesta pintura está todo

PROLOGO.

o processo da vida justa, e perfeita. Todas estas, e outras escrituras, ainda que sejam profanas, e de argumento fingido, quando vao verdadeiras em todas as partes, e affectos, que lles convem, são muito acceptadas, e recebidas de todos doutos Barões; porque vendo elles com quanto fastio das gentes se recebiam a moral doutrina em argumento descoberto, e grave, ao modo de Platão, e Aristoteles, entendêram que os Escritores, que seguíram este genero de escritura, tiveram por fim dar na doçura da fabula o leite da doutrina; e por isso quando liam as taes escrituras, lançavam a casca do argumento fóra, e gostavam o fruto da interior erudição. Mas escrituras, que não tem esta utilidade de lição, além de se nelas perder o tempo, que he a mais preciosa cousa da vida, barbarizam o engenho, e enchem o entendimento de cisco com a enxurrada dos feitos, e ditos que trazem. E o que he mais pe-
ra temer, escandalizam a alma, conce-
ben-

PROLOGO!

bendo odio, e má opinião das partes infamadas per elles. Por causa de evitar os quaes damnos, parece que seria cousa mui justa, per edito público, a papelada das taes escrituras ser entregue ás tendeitas pera embrullhar cominhos, como dizia Persio polos versos de alguns fracos Poetas do seu tempo.

cohiam a moral doutrina, em desprezo
do delectavel, e a graça, ao modo de
Plato, e Aristoteles, entendendo que
os Historicos, que seguíam este caminho
de delectavel, tiveram por fim, de dar
doctura de fabula, e leira da doutrina;
e por isso quando liam as taes doutrinas
taes lançavam a culpa do argumento
sobre o governo e tanto da interior
tribunicação. Mas clareava, que não era
esta utilidade de si, e a utilidade de se en-
de perder o tempo, que se a mais pre-
ciosa coisa da vida, desperdiçavam a en-
ganha, e crechem o entranhamento de
tudo com a mudança dos tempos, e di-
as logo traxeram o que se mais pre-
ciosa temer, e claudicavam a alma, e por-

P E R C U S S O

Desde então, e na opinião das partes
interessadas por elles. Por causa de evi-
tar os quees dantes, parece que seria
mais justo, por elleo publico, a
papellada das duas elcumpas ser entros
que as tenditas pora cultura comen-
sitas, como disse Pedro primeo varfol
de alguns fracos Poetas do las Acupos

DE-



DECADA TERCEIRA.

LIVRO I.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descubrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente.

CAPITULO I.

Como ElRey D. Manuel mandou por Capitão geral, e Governador da India Lopo Soares d'Albergaria em huma Armada de treze náos, o qual partio deste Reyno o anno de quinhentos e quinze: e do que fez depois que partio, e assi na India com sua chegada.



COMO o coração dos Reys, (segundo diz a Escritura,) está em a mão de Deos, por serem na terra seus Ministros no governo della, moveo o animo d'ElRey D. Manuel a que este anno de Tom. III. P. I. A qui-

quinhentos e quinze mandasse Governador á India, pola necessidade que havia de ter de quem a governasse, por causa do falecimento de Affonso d'Albuquerque, segundo elle mesmo dizia, estando na agonia da morte; posto que a tenção d'ElRey em o mandar vir era pera lhe dar galardão do trabalho das armas, que per espaço de dez annos tinha passado. E porque Lopo Soares d'Albergaria, filho do Chanceller mór Ruy Gomes d'Alvarenga; era neste Reyno estimado por huma pessoa de muita prudencia; e na Armada que o anno de quinhentos e quatro ElRey mandou á India, de que elle foi por Capitão mór, se mostrou poder servir este cargo de Governador, e Capitão geral da India, ordenou de o mandar na Armada deste anno de quinze, em que Affonso d'Albuquerque se havia de vir. No qual anno ElRey tomou outro termo acerca do governo das cousas da India, assi naquellas que tocavam á conquista, e guerra della, como das ordenadas ao commercio, e vencimento de ordenados de Capitães, Officiaes, e homens d'armas. Porque como com Affonso d'Albuquerque acabavam muitos Capitães, e Officiaes o termo de tres annos, que eram obrigados a servir, em nenhum tempo mais sem escandalo podia ordenar estas cousas, pera as quaes fez muitos

tos Regimentos, limitando o que cada pessoa podia trazer daquellas partes, e os direitos que dellas havia de pagar, dos quaes Regimentos se ora usa. Pera a qual ida El-Rey mandou aperceber treze náos, em que haviam de ir mil e quinientos homens d'armas, além dos mareantes, muita parte da qual gente eram Fidalgos, e cavalleiros, e outra homens de boa criação. Os Capitães da qual frota eram, Simão da Silveira filho de Nuno Martins da Silveira senhor de Góes, D. Goterre de Monroy filho de D. Affonso de Monroy, Cavalleiro que fora da Ordem de Alcantara em Castella, Christovão de Tavora filho de Lourenço Pires de Tavora, Alvaro Telles Barreto filho de João Telles, Francisco de Tavora filho de Pero Lourenço de Tavora senhor do Mogadouro, D. João da Silveira filho de D. Martinho da Silveira, Jorge de Brito Copeiro mór d'ElRey D. Manuel, e filho de Artur de Brito Alcaide mór da Villa de Bêja, Alvaro Barreto de Montemor o novo, e Simão d'Alcaçova filho de Pero d'Alcaçova em huma não de armadores pera a China, de que Fernão Peres d'Andrade, que hia com Lopo Soares, havia de ir por Capitão mór desta viagem da China, e com elle Jorge Mascarenhas filho de João Gonçalves Montans, e Joannes Impole hum mercador. Aos

A ii

quaes

4 ASIA DE JOÃO DE BARROS

quacs na India Lopo Soares havia de dar navios pera Fernão Peres fazer este descobrimento da terra da China. E porque El-Rey mandava a Lopo Soares que entrasse no mar Roxo, quiz enviar com elle o Embaixador do Preste João, que Affonso d'Albuquerque (como atrás fica) tinha mandado a este Reyno; porque nesta entrada elle Lopo Soares o podia entregar no porto de Arquico, que está dentro das portas do estreito, que, segundo elle Mattheus Embaixador dizia, era do Preste. E assi ordenou de ir com elle Mattheus, Duarte Galvão Fidalgo de sua casa filho de Ruy Galvão Secretario que fora d'El-Rey D. Affonso o Quinto, o qual por ser homem de muita prudencia, e que já fora enviado a negocios de importancia a Reys, e Principes desta Europa, poderia mui bem fazer este tão novo, e estranho. Como era tratar amizade, e communicação com hum Principe Christão, senhor de mui grande estado, e mettido no interior da Ethiopia, cercado de Pagãos, e Mouros, e que desejava metter-se no gremio da Igreja Romana, de cuja doutrina estava mui desfalecido, por não ter communicação com ella por os barbaros que entre elle, e ella se mettiã. Da qual obra elle Rey D. Manuel recebia grande louvor em toda a Europa, e mais outros

proveitos, e beneficios, tendo com elle pres-
 tança, como per este seu Embaixador lhe
 mandava offerecer, em destruição da casa
 da abominação dos Mouros situada na Ara-
 bia tão vizinha a este Preste. Com o qual
 Duarte Galvão mandava ElRey Sacerdotes,
 ornamentos, e cousas do uso Romano, pe-
 ra que os daquellas partes pudessem tomar
 doutrina: e assi mandava muitas cousas pe-
 ra serviço da pessoa do Preste, por mostra-
 das que havia nestas partes. Acabadas de
 prover todas as cousas necessárias pera esta
 viagem, partio Lopo Soares do porto de
 Lisboa a sete de Abril; e com bons tem-
 pos que lhe cursaram chegou a Moçam-
 bique, onde achou dous navios, de hum
 dos quaes era Capitão Luiz Figueira Caval-
 leiro da casa d'ElRey, e do outro Pedrea-
 nes de alcunha Francez, que servia tambem
 de Piloto, os quaes o anno passado partí-
 ram deste Reyno a onze de Junho per man-
 dado d'ElRey a irem descobrir a Ilha de
 S. Lourenço, e assentar nella Feitoria pe-
 ra commercio de gengivre, em hum porto
 chamado Matatána, onde havia huma gran-
 de povoação de gente da terra, e alguns
 Mouros da costa de Melinde. Porém Luiz
 Figueira não fez na terra mais que huma
 força, em que se recolheu per tempo de
 seis mezes, que o alli detiveram os mora-
 do-

6 ASIA DE JOÃO DE BARROS

dores, dizendo que esperasse vir a novidade do gengivre; e per derradeiro levantáram-se contra elle polo roubar, que causou vir-se a Moçambique, onde achou Pedreanes, que havia poucos dias que era chegado. O qual elle Luiz Figueira, em quanto esteve em Matatána, tinha enviado a descobrir a costa da Ilha; e entre alguns portos que descobriu, foi huma bahia, a que ora chamam de Santo Antonio, por assi haver nome o navio que levava. No cabo da qual Ilha contra Leste descobriu o porto, a que os natúraes chamam Bemaró, onde fez resgate de muita quantidade de ambre. E por lhe o tempo não servir pera se tornar onde deixou Luiz Figueira, arribou a Moçambique. Lopo Soares, recolhidos estes dous navios, e espedido Christovão de Tavora, que hia por Capitão pera a fortaleza de Çofala, na vagante de Sancho de Toar, que lá estava, partio-se pera a India, e chegou a Goa a oito de Setembro. E a primeira cousa que fez foi metter de posse da capitania da Cidade a D. Goterre de Monroy, que a levava por ElRey na vagante de D. João d'Eça, que a servia. E assi espedio Jorge de Brito, que levava a capitania da Cidade Malaca, em lugar de Jorge d'Albuquerque, que lá estava, e mandou com elle Diogo Mendes de Vasconcel-

los, que levava a capitania, e feitoria de Cochij, pera lhe logo dar aviamento, por não perder aquella monção de Setembro. E fez-se todo o seu despacho tão brevemente, e teve Jorge de Brito tal viagem, que chegou a Malaca no fim de Outubro, cousa que té hoje não aconteceu a Capitão algum, partir daqui a oito de Abril, e chegar lá no Outubro daquelle anno, em companhia do qual Lopo Soares mandou Antonio Pacheco, que havia de servir de Capitão mór do mar. Passados doze dias, em que Lopo Soares se deteve em Goa provendo algumas cousas, sem esperar a vinda de Affonso d'Albuquerque, de que tinha nova estar em Ormuz mui prospero com a tomada da Cidade, partio-se pera Cochij a ordenar a carga ás náos, que haviam de tornar a este Reyno com espezaria. E de caminho foi visitando as fortalezas, e leixando nellas os Capitães que de cá levava: em Cananor Simão da Silveira, em lugar de Jorge de Mello, que acabava seu tempo; e em Calecut Alvaro Telles, onde estava Francisco Nogueira. Os officiaes de Cochij, chegado elle ao porto, como era Governador novo, a que todos queriam comprazer, o receberam com grande festa, lómentê El Rey de Cochij, que lhe não fez muita, quando se vio com elle. A causa foi por não ser

8 ASIA DE JOÃO DE BARROS

mui contente da vinda d'outro Governador, e ida de Affonso d'Albuquerque, por lhe ter dado o ser de Rey, (como atrás escrevemos;) e mais deteve-se elle tantos dias em se ir ver com Lopo Soares, mostrando não serem todos infelices pera as taes vistas, segundo lhe diziam seus agouceiros, que enfadado Lopo Soares de esperar por elle, quando se vítam, não lhe mostrou o gazalhado, nem fez aquellas ceremonias de cortezias, que lhe Affonso d'Albuquerque costumava fazer. Porque além de Affonso d'Albuquerque ter per condição huma facilidade no agazalhar, e tratar as pessoas per artificio de negocio, sabia contentar aquelles, de que tinha necessidade, principalmente ElRey de Cochij, que havia mister ter contente pera bom, e breve despacho da carga da especiaria. A qual condição era pelo contrario em Lopo Soares, por ser hum homem grave, e severo, que se dobrava mal a estes artificios de comprar. E he tão prejudicial, e custosa esta severidade, e secura naquelles que hão de governar, que mais perdem em seus negocios, do que ganham de authoridade em suas pessoas; porque a facilidade, ainda que seja prodiga no acolhimento das partes, sempre ganhou o animo de muitos; e a severidade avara de autos, e palayras sempre

perdeo com todos. Do modo do qual tratamento, assi nesta, como em outras vezes que ElRey de Cochij se vio com Lopo Soares, dizia entre os seus, e assi a alguns officiaes da Feitoria d'ElRey, de que se elle mostrava amigo: *Lopo Soares trata-me á sua vontade, e por isso eu farei a minha na Feitoria d'ElRey de Portugal; e Affonso d'Albuquerque tratava-me á minha, e por isso fazia quanto queria em meu Reyno.* Passados os primeiros dias da chegada de Lopo Soares, veio D. Garcia de Noronha, que (como atrás escrevemos) Affonso d'Albuquerque espedira de Ormuz com poderes de Governador, pera fazer a carga das náos, e se vir pera este Reyno com ella. Por razão dos quaes poderes, e qualidades de sua pessoa, não sabendo ainda a nova da morte de seu tio Affonso d'Albuquerque, querendo elle ordenar, e mandar nas cousas da carga, houve entre elle, e Lopo Soares alguns desgostos, e muito maiores com a nova, que Simão d'Andrade levou do falecimento de Affonso d'Albuquerque, que não tardou muitos dias. Porque chegando Simão d'Andrade mais embandeirado, do que convinha a hum homem, que leixava seu Capitão morto, Lopo Soares o recebeo com tanto prazer, como elle trazia nas bandeiras, e artilheria que

IO ASIA DE JOÃO DE BARROS

tirou, que não pareceo bem a muitos. Peró que alguns, que isto não louvaram a Simão d'Andrade, por sua parte depois o desculpavam, dizendo, que tinha razão de parentesco com Lopo Soares, e de Affonso d'Albuquerque muitos agravos. Das quaes cousas, e d'outras desta qualidade se causou, que conñado D. Garcia nos meritos de sua pessoa, e aborrecido do modo que Lopo Soares tinha no seu despacho, por não haver mais desgostos, se partio pera este Reyno, trazendo ainda paiocs vazios de pimenta na sua náó. E em sua companhia vieram por Capitães das outras Pero Mascarenhas, D. João d'Eça, Jorge de Mello Pereira, Francisco Nogueira; e alli veio hum grande camada de Fidalgos, e cavalleiros, que naquelle tempo eram a flor da India, creados na escola do Viso-Rey D. Francisco d'Almeida, e de Affonso d'Albuquerque, em cujo tempo os homens tinham por honra os meios per que se ella ganha, e não tratos per que se adquire fazenda, que dalli por diante se começaram usar mui soltamente: com que as cousas do estado da India tomáram hum termo, declinando mais em cubiça de hum cousa, que da outra, com que estão postas no que ora vemos. Despachadas estas náos pera este Reyno, onde chegáram a salvamento,

tornou-se Lopo Soares pera Goa, e de caminho passando per Calecut, se vio com o Camorij; nas quaes vistas que foram fóra da fortaleza, houve pouca detença polos agouros d'ElRey, de que se elles ás vezes servem por desculpa de suas desconfianças. Do qual porto Lopo Soares espedio Simão d'Andrade em huma não grossa, que fosse a Baticalá carregar de mantimentos, e os levasse á Cidade Ormuz, por estar desfalecida delles; e em o modo de contratar com a gente da terra, estando Simão d'Andrade recolhendo estes mantimentos, se levantou hum arroido, em que foram mortos dos nossos obra de vinte e quatro pessoas. Lopo Soares vindo seu caminho pera Goa, e sendo sabedor deste caso per Jorge Mascarenhas, que elle topou ao monte Delij, chegado a Baticalá, tomou por satisfação delle entregarem-lhe os da terra dous Mouros velhos, dizendo serem elles authores do arroido, que causou aquellas mortes. E porque Affonso d'Albuquerque trazia a mão sobre a cabeça dos Mouros mais aspera em satisfação de qualquer sangue que derramavam nosso, não recebeo a gente bem esta dissimulação de Lopo Soares; porque como os Mouros são manhosos, algumas vezes commettem estes crimes por tomarem experiencia da condição do novo Capitão;

e quando vem que não acode com ferro a estes primeiros desmandos, tomam licença pera commetter maiores insultos. Chegado Lopo Soares tanto avante como Anquedi-va já no mez de Fevereiro, onde se acolheo com hum tempo que lhe deo, passado elle, espedio dalli D. Aleixo de Menezes filho do Conde de Cantanhede por Capitão mór de certas vélas, mandando-lhe que dêsse huma viitta á costa de Arabia, e foubesse alguma nova da Armada dos Rumes, e dali se fosse invernar a Ormuz. Em companhia do qual foram estes Capitães, Christovão de Brito, Francisco de Tavora, D. Alvaro da Silveira, D. Diogo seu irmão, Nuno Fernandes de Macedo, Alvaro Barreto, João Gomes Cheira-dinheiro. O qual D. Aleixo por achar os tempos contrarios por ir já hum pouco tarde, não pode andar naquella costa da Arabia, e foi invernar a Ormuz, onde assentou algumas cousas da terra, e assoceçou o animo dos Mouros, vendo a gente que levava; porque pela morte de Affonso d'Albuquerque, que os mettêra debaixo do nosso jugo, ordenavam de se livrar delle, como fizeram, segundo veremos a seu tempo. Assi que nesta viagem não fez D. Aleixo mais, que segurar as cousas da Cidade, e fortaleza nossa, e trabalhar assi per terra, como per mar,

(per meio de alguns Mouros que ElRey de Ormuz a isso mandou) saber o estado da Armada, que o Soldão mandava á India, de que havia diferentes novas; e com as mais certas que per este modo pode haver, tanto que o tempo deo lugar, se partio pera a India.

CAPITULO II.

Como Lopo Soares, despachado Fernão Peres com humia Armada pera a China, pelo recado que lbe ElRey D. Manuel mandou deste Reyno da Armada que o Soldão do Cairo fazia pera a India, elle Lopo Soares partio com humia grossa frota pera o mar Roxo em busca desta Armada.

DEpois que Lopo Soares deo aquella vista ás fortalezas da costa Malabar, e mandou prover a de Ormuz, assi per Simão d'Andrade, como per as náos de Dom Alcixo, deteve-se em Goa os dias necessarios, em quanto deo ordem ao governo da Cidade, e de si tornou-se a Cochij ter o inverno, no qual tempo despachou Fernão Peres d'Andrade pera fazer sua viagem á China, da qual adiante faremos relação. E em todo aquelle inverno, assi em Cochij, como nas outras fortalezas, mandou fazer grandes apercebimentos pera como viesse o

verão partir pera o mar Roxo, por esta ser a cousa em que lhe ElRey mandava primeiro entender. E a mais principal obra que mandou fazer foi acabar certas galés, e navios de remo, que Affonso d'Albuquerque já tinha principiado, assi em Calecut, como em Cochij, por serem os mais proveitosos navios pera navegação do estreito do mar Roxo, onde elle esperava tornar. Andando no qual apercebimento, sobreveio chegar huma não deste Reyno, Capitão, e Mestre hum Diogo d'Unhos, homem diligente nas cousas do mar, o qual partira deste Reyno a vinte e quatro de Abril do anno de quinhentos e dezeseis, depois de ser partida a Armada que aquelle anno ElRey despachou pera a India. E teve tanta diligencia, e dita em sua navegação, que chegou primeiro hum mez que as náos que partíram ante delle. A causa da qual partida foi por vir recado a ElRey per via de Rodes, como o Soldão do Cairo tinha feito huma grossa Armada em o porto de Suez do mar Roxo, a qual estava de todo prestes pera partir pera a India. E posto que ao tempo que elle Lopo Soares partio deste Reyno, se dizia desta Armada, e ElRey lhe mandava que entrasse no mar Roxo, não se havia a nova por tão certa, nem se sabia o número de vélas, e outras particula-

ridades que per este Diogo d'Unhos ElRey mandava dizer a Lopo Soares, e o que sobre isso logo fizesse. Per o qual Diogo d'Unhos foubé, que ante delle eram partidas cinco náos, de que era Capitão mór João da Silveira, Trinchante d'ElRey D. Manuel, filho de Fernão da Silveira, e os Capitães das outras eram Affonso Lopes d'Acoſta filho de Pero d'Acoſta de Tomar, e Garcia d'Acoſta seu irmão, e Antonio de Lima filho de Francisco Ferreira, e Francisco de Souſa Mancias de alcunha, filho de Jorge de Souſa. Dos quaes os primeiros dous chegaram á India hum mez depois de Diogo d'Unhos, e os outros se pendéram nos baixos de S. Lazaro, de que sómente escapou Francisco de Souſa, e a ſua gente. E João da Silveira com maſtos quebrados escapou milagrosamente daquelle temporal, que cauſou invernar aquelle anno em Quiloa. Lopo Soares como viu o tempo paſſado em que estas tres náos que faleciam podiam ir á India, parecendo-lhe que invernavam em Moçambique, ſem ſaber a fortuna que paſſaram, enviou a Rodrigo Eanes em hum navio que as viesse buscar, mandando dizer aos Capitães que o fóssem esperar á Ilha Cocotorá, por quanto elle ſeria com elles em tal tempo, dando-lhe conta do que lhe ElRey mandava fazer por razão da Armáda

da do Soldão. Espedido este navio a grão pressa, deo carga a quatro náos que este anno vieram com especiaria, que lhe deram algum trabalho, por falecer neste tempo Diogo Mendes de Vasconcellos, que servia de Feitor, e Capitão de Cochij, dos quaes cargos proveo a Lourenço Moreno de Feitor, por o servir dantes, e de Capitão a Aires da Silva. Ficando Lopo Soares despejado do despacho destas náos, sendo já a este tempo chegado D. Aleixo de Ormuz, onde invernou, per o qual soube mais particularmente da Armada do Soldão ser partida do porto de Suez, se partio de Cochij pera Goa. Onde por já ter providas todas as cousas, assi as necessarias pera sua viagem, como pera guarda das fortalezas da India, se deteve oito dias sómente, e partio dali aos oito de Fevereiro do anno de quinhentos e dezeseis, levando huma frota de trinta e sete yélas entre náos de alto bordo; galés, e galeotas, navios latinos, e outros de remo. Os Capitães das quaes eram Dom Aleixo de Menezes, D. João da Silveira, e D. Alvaro seu irmão, Jorge de Brito, e Lopo de Brito seu irmão, Affonso Lopes d'Acosta, e Garcia d'Acosta seu irmão, Dom Gonçalo Coutinho, Francisco de Tavora, Gaspar da Silva, Antão Nogueira, Alvaro Barreto, Aires da Silva, Gonçalo da Sil-

veira, Pero Lopes de Sampayo, Duarte de Mello, Antonio Ferreira, Jeronymo de Sousa, Pero Ferreira, Antonio de Miranda d'Azevedo, Antonio d'Azevedo, Fernão Gomes de Lemos, Christovão de Sousa, João de Mello, D. Alvaro de Castro, Diniz Fernandes de Mello, Lopo de Villalobos, Francisco de Gá, Lourenço de Cosine, João d'Ataide, Gomes de Souto-maior, Lourenço Godinho, Bastião Rodrigues, Fernão de Rezende, Antonio Raposo, Diogo Pereira, João Fernandes Malabar, e João Gomes Cheira-dinheiro. Na qual frota levaria mil e duzentos homens Portuguezes, e oitocentos Malabares, a fóra a gente do mar que feriam outros oitocentos. Chegado Lopo Soares á Ilha Cotorá, do dia de sua partida a vinte dias não fez mais detença que em quanto tomou agua, e lenha, sem nella achar recado das náos que mandára buscar, e dahi se partio pera a Cidade Adem, onde o Capitão Miramirzam, que a defendeo a Affonso d'Alboquerque, (como atrás escrevemos,) o recebeu com muita festa, mandando-lhe logo entregar as chaves della, e dizendo que a queria ter em nome d'ElRey de Portugal; e que outro tanto fizera elle a Affonso d'Alboquerque, se fora homem de alguma boa conclusão; mas como era mais amigo da

Tom. III. P. I.

B

guer-

NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

guerra que da paz, não quizera aceitar nenhuma de quantas lhe offerceco, e por isso determinou de se defender delle; e outro tanto fizera dos Ruines, que poucos dias havia que eram partidos dalli bem escalavrados. A causa deste Mouro tão levemente fazer esta offerta a Lopo Soares, foi temendo tão grande frota, e não se atrevia a defender a Cidade com hum pedaço do lanço do muro em terra, que lhe derribou Racz Soleimão Capitão mór da Armada do Soldão, que Lopo Soares hia buscar, o qual havia pouco que se dalli fora, e dera huma bateria á Cidade, com que lhe derribou aquelle lanço do muro, e recebido muito damno se tornou recolher pera dentro das portas do estreito, do qual logo daremos razão. Lopo Soares vendo a facilidade com que este Mouro lhe entregava a Cidade, fez fundamento de á tornada tomar posse della, por lhe parecer que leixando logo alli alguma gente, ficava com mais pouca pera commetter a Armada do Soldão: cá repartindo-se em duas partes, ficaria sem forças pera cada huma dellas, e podia perder ambas estas empresas. Finalmente por não dar lugar a que a Armada do Soldão fosse avifada de sua ida, não se teve mais que em quanto o Capitão da Cidade lhe mandou refresco de mantimentos

da terra , e lhe deo quatro Pilotos pera a navegação daquelle estreito. E espedido del- le se partio pera o estreito , mandando dian- te alguns navios de remo , que lhe fossem tomar qualquer véla que achassem nas por- tas do estreito , por não ser sabida sua ida ; os quaes navios , quando elle chegou , ti- nham tomado tres vélas , a que chamam mar- ruazes. E parece que D. Alvaro de Castro filho de Estevão de Castro Capitão de hu- ma galeota que tomou hum destes , carre- gou-se tanto de roupa que achou nelle , que com hum pouco de vento que se aquella noite levantou , a fez soçobrar sem se sal- var pessoa alguma. E entre as de nome que se alli perdêram com D. Alvaro , (que per todos seriam quarenta ,) foi Jorge Galvão filho de Duarte Galvão , que hia alli por Embaixador pera o Preste João. E alli se perdeu a náó , Capitão Antonio Raposo , em que hiam trezentos e tantos Malabares , e sete , ou oito Portuguezes com toda a pe- dra , e cal que levavam pera a fortaleza , que Lopo Soares mandava fazer em a Ilha Camaram , ou onde lhe melhor parecesse , conforme a tenção d'ElRey D. Manuel. Ao seguinte dia , que eram dez de Março , pas- sada a noite , em que se perdêram estas duas vélas , foi o vento tão furioso , que desap- parecêram a náó S. Pedro , Capitão D. João

da Silveira, em que hia o Embaixador Matheus, e a do Capitão Diogo Pereira, em que hiam trezentos Malabares, e muitas munições, da fortuna dos quaes veremos adiante. Lopo Soares, passada a furia do vento, mandou tomar as velas, por esperar estas quatro peças que achava menos da sua frota; e quando vio que tardavam sem saber de sua fortuna, parecendo-lhe que todas quatro seguiriam huma conserva, por ter dado regimento geral do que cada hum havia de fazer apartando-se d'elle; seguiu sua derrota via da Ilha Camaram, però que tivesse já nova em Adem serem os Rumes partidos dalli, temendo que como os Mouros sempre fallam pouca verdade, podia ainda alli estar alguma parte da Armada delles. E chegando na paragem da Ilha á vista della, mandou duas caravélas que lhe fossem saber se estavam alli, as quaes trouxeram recado não haver já rastro delles, com a qual nova poz o rostro no caminho da Cidade Judá, em que teve affás trabalho; porque saltáram os ventos por davante que o detiveram doze dias por entre muitos baixos de Illias, que traziam os Pilotos aflombrados, e cansados de andarem todo o dia com a sonda na mão, por se não fiarem muito na pilotagem dos Mouros que levavam. Andando no qual trabalho,

lho , veio dar na Armada hum barco pequeno , a que os Mouros dali chamam gellua , em que vinham certos homens Chriſtãos , os mais delles Venezeanos , e os outros daquellas partes de Italia todos Officiaes mecanicos da obra do mar , os quaes vinham fugidos de Judá da Armada dos Ruines , e deram novas do estado em que ficavam , e que elles foram tomados per mandado do Soldão em o porto de Alexandria de algumas náos que alli estavam fazendo sua mercadoria. Lopo Soares depois que soube delles o que desejava saber do sitio , e porto da Cidade , e estado em que ficava a Armada delles , os mandou repartir per as náos da frota , os quaes alvoroçaram tanto aos nossos com o que contavam da pouca força dos Mouros , que com este prazer sobreveio bom tempo , que poz a nossa frota em poucos dias no porto de Judá. Do sitio da qual , e assi do principio , e fundamento desta Armada do Soldão , e do que passou depois que se armou , e partio do porto de Suez té se pôr no estado em que estava , faremos relação neste seguinte Capitulo.

CAPITULO III.

Em que se descreve o sitio da Cidade Judá: e o fundamento de huma Armada, que o Soldão tinha enviado por Ruez Soleimão seu Capitão mór, que estava naquella Cidade Judá.

A Cidade Judá, (ou Gidá, como lhe alguns Arabios chamam,) está situada na terra de Arabia Felix, em altura do Norte de vinte e hum grãos e meio, o qual sitio he mui esteril, sem ter em si hum ramo verde, por toda a sua ribeira ser hum triste areal, e a terra escampada sem amparo dos ventos Nortes, e Nordeste, que a escaldam. E però que a terra per natureza seja tão esteril depois da morte de Mahamed, que Méca ficou por casa de sua abominação, que será deste lugar té doze leguas, povoáram os Mouros esta Cidade, por ser porto conveniente pera os seus secazes, que habitáram todas aquellas partes da entrada, e sahida daquelle mar Roxo; e assi por causa do commercio da especiarria, que por ser a meio caminho daquelle estreito, fizeram a tal escala. Verdade he que dizem os Mouros, que no proprio lugar houve já huma Cidade nobre, donde alguns dos nossos, que entendem em as cousas de

Geografia, querem dizer que esta Cidade será aquella a que Ptolomeu chama Badeo regia, a qual opinião nós não approvamos. Porque a terra he tão esteril, e secca, que a agua que bebem de huns poços lhe vem dahi a sete leguas de hum lugar chamado Beni-hagan; e he tão cara na Cidade, que custa huma carga de camelo della hum quarto de cruzado; e se acerta de concorrer muita gente no tempo que per alli passa alguma Armada do Soldão, val huma carga hum cruzado. E mais toda aquella Comarca he meia deserta, donde parece ser cousa novamente povoada dos Mouros, por ser tão vizinha á sua casa de Méca; e por authorizarem mais o lugar, dizem ser cousa mui antiga, e mostram fóra da Cidade hum monte, em que dizem estarem sepultados Adão, e Eva. A Cidade Badeo, de que Ptolomeu falla, a nosso parecer, he huma povoação que está mais a baixo em altura de vinte grãos, em que elle situa Badeo, ao qual lugar chamam os Mouros Xerefem, onde ha muita cópia de agua, e ainda hoje apparecem duas torres antigas da grande povoação que alli foi. E logo mais adiante está outra Cidade chamada Confutá, cousa mui antiquissima, e em que apparecem letreiros, que ninguem sabe ler, e ora he mui célebre por o sertão della come-

çar dalli por diante a ser mui povoado de lugares, o que a terra atrás não tem. E tornando á esteril Judá, o porto della he hum pouco brigoso pera quem a quizer demandar com mão armada, por não poderem chegar a elle per espaço de hum grande legua com baixos, e restingas que tem, per os quaes não póde andar em muitas partes hum batel, e de maré vazia fica huma praia de arêa, per que podem passear. Sómente tem hum canal per que a Cidade se serve, da figura desta letra S, ficando a povoação no fim da ponta de cima, e á entrada do canal em a de baixo, e todo o outro circuito he cheio dos baixos que dissemos. A Cidade parte della he de boas casas de pedra, e cal, e o demais de taipa, e barro; e havia pouco tempo que com temor nosso da parte do mar tinha começada huma cerca do muro. E no principio delle, quando entram por o segundo coto-velo, que a terra faz, tinham feito á maneira de baluarte, em que estava assentada alguma artilheria pera offender a quem quizesse ir avante. A maior parte dos moradores da qual Cidade eram mercadores, por razão das mercadorias que alli concorriam, assi per entrada, como sahida, e a outra gente era dos Alarves da terra, e todos viviam atemorizados dos Baduijs do campo,

que ás vezes de sobrefalto entravam a Cidade, e faziam damno por a roubar ante que ella fosse cercada. A qual cerca do inuero fez Mir Hocem, o Capitão do Soldão, que D. Francisco d'Almeida Viso-Rey da India desbaratou em Dio, (como atrás escrevemos.) E porque este seu desbarato não sómente causou cercar elle esta Cidade, mas ainda fazer o Soldão outra Armada contra nós, que era aquella que alli estava, será necessario fazer relação de tudo pera melhor entendimento da historia. Mir Hocem vendo-se que com aquelle desbarato de Dio ficava fóra do estado, e poder com que entrou na India, posto que na morte de Dom Lourenço, e feito de Dabul tinha bem servido ao Soldão, e na boca dos Mouros da India, e Cairo era louvado de cavalleiro, e Capitão, não ousou de tornar naquelle estado ante a presença do Soldão. E como era homem prudente, cuidando no modo que teria pera se restituir na graça d'elle, achou que nenhum lhe seria mais leve, e facil que este, simular zelo de virtude, capa que cobre interesses propios; e foi desta maneira. Per algumas vezes que teve prática com Melique Az Capitão de Dio, e assi com ElRey de Cambaya, e outros seus Capitães, fez-lhes crer, que segundo nossas Armadas andavam senhoras daquelles ma-

res , não feria muito commettermos a entrada do mar Roxo , e tomarmos a Cidade de Judá , porto muito perto per que podiamos ir a Méca , e dahi a Medina roubar o corpo do seu profeta , e o termos em nosso poder ao modo que elles tinham a Cidade de Jerusalem , que era a casa de toda nossa crença , cuja romagem era hum dos maiores rendimentos que o Soldão tinha. E porque elle sentia que por seus peccados Deos lhe dera aquelle castigo em o desbaratarmos , por seu serviço , e de seu profeta Mahamed , elle se queria dispôr a cercar de muro a Cidade de Judá , e se pôr nella té acabar aquella obra , e a defender , se lá quizessemos entrar , e pera isso havia logo de mandar recado ao Soldão que lhe mandasse officiaes , que lhe ajudassem fazer esta obra. Pera a qual , per via de petitorios assi d'ElRey de Cambaya , como de Melique Az , e de muitos nobres , ajuntou tanta especiaria , roupas , e outras mercadorias de Cambaya , que carregou tres náos , dando todos como quem fazia esmola mui acceita a Deos , por ser em defensão do corpo do seu Mahamed. Finalmente chegado Mir Hocem com estas tres náos a Judá em companhia doutras náos de mercadores , foi recebido com grande festa , e prazer de todos , sabendo o proposito que levava ; porque cercando

elle a Cidade , não sómente ficava segura de nossas Armadas , mas do concurso dos Mouros Baduijs do campo , que os avexavam. E por se reconciliar com o Soldão , esereveo-lhe logo como começava pôr mãos á obra , na qual não sómente tivera respeito ao serviço de Deos , mas ainda ao seu ; porque com cercar aquella Cidade , elle a segurava de nós , por andarmos mui senhores de todos aquelles mares , e portos da India , e mais dos alarves do campo ; e sobre tudo ficava ella com hum jugo pera se não rebelar mais contra elle , como muitas vezes tinha feito. Cá sua tenção era , tanto que cercasse a Cidade , fazer huma fortaleza pera a sojugar ; e não começava logo nella , por não dar suspeita de sua tenção aos moradores , e poder-lhe-hiam ir á mão a isso em quanto elle não tinha mais gente consigo : por tanto lhe pedia que o provesse com officiaes , e gente , que dinheiro , e cabedal elle vinha provido pera toda obra , e os mercadores da Cidade queriam contribuir té se de todo acabar. Finalmente com estes , e outros enganos tanto adoçou o animo do Soldão , que o provêo logo ; e mais mandou com muita diligencia fazer outra Armada no porto de Suez , pera nella tornar a mandar elle Mir Hocem á India. Acontecco , que andando este Mir Hocem na obra

dos muros da Cidade , que era no tempo que Affonso d'Albuquerque fazia a fortaleza de Calecut , veio ter ao porto de Judá huma não de Mouros carregada de mercadorias , a qual partira de Calecut. E por razão das nossas pazes , per licença de Affonso d'Albuquerque vinham muitos Mouros nellas pera assentarem alli vivenda , os quaes viviam em Calecut ; e Affonso d'Albuquerque por elles despejarem a terra , lhes dava algumas franquezas , principalmente aos que levavam mulher , e filhos. Calif , que assi havia nome o Capitão daquella não , como era costumado vir da India áquella Cidade com mercadorias , quando vio que a cercavam , por ver a obra , foi lá hum dia onde os officiaes andavam lavrando no muro , e acertou de ser em tempo que estava Mir Hocem presente ; o qual vendo o Mouro Calif , e sabendo delle ser Capitão daquella não que chegára , perguntou-lhe pelo nosso Capitão mór ; ao que elle respondeo , que o leixava em Calecut fazendo huma fortaleza. E porque elle a gabou de muito forte , tomou Mir Hocem disso tanto delprazer , por ser em presença dos pedreiros , que lavravam no muro , que disse contra o Mouro Calif : *Porque hajas esta por mais forte que essa que dizes , tu , e os de tua não trabalhareis aqui hum pou-*

co. E assi como o Mouro estava vestido bem tratado, e os que com elle vinham, mandou acarretar pedra, e cal, e serviram na obra té noite, segundo elle depois contou aos nossos quando tornou a Calcut, dizendo padecer aquelle trabalho por louvar as cousas dos Portuguezes. O Soldão por que pera a Armada que ordenava fazer não tinha madeira, por a não haver naquellas partes do Egypto, per meio (segundo se disse) dos Venezeanos houve a das montanhas de Escandalor, que eram do estado do Turco, com quem elle então estava em rompimento de guerra. Da passagem da qual madeira pera Egypto foi ElRey D. Manuel avisado ante da partida de Lopo Soares pera a India; porque hum Fr. André Cavalleiro da Ordem de S. João de Rodes de nação Portuguez, que era Conservador da mesma Ordem, que por parte d'ElRey D. Manuel fazia lá as cousas deste Reyno, lhe mandou esta nova. E mais que o Soldão indinado de quão mal succedeo á sua Armada na India, fazia grandes tyrannias, e males aos Christãos da Europa, que andavam naquellas partes, quasi como quem queria fazer verdadeiro o que tinha escrito ao Papa per o Padre Fr. Mauros, que veio a este Reyno, (como atrás escrevemos.) Sobre o qual negocio ElRey D. Fernando de

Castella mandou a este Soldão Pedro Martyr , segundo elle conta em hum tratado que fez desta sua peregrinação , que anda impresso com suas obras , e estas mesmas cousas escreveo á Religião de Rodes hum Cavalleiro da Ordem , Chipriano de nação , que tambem andava no Cairo ; e assi os Padres do Mosteiro de Santa Catharina de Monte Sinay. As quaes novas vindas per tantas mãos , não sómente deram aviso a ElRey D. Manuel pera melhor prover nas cousas da India , mas ainda foram causa que a mesma Religião de Rodes fez huma Armada maior das que ordinariamente fazia cada anno , a capitania da qual deo ao dito Fr. André Conservador , que depois foi Bailio da Ordem neste Reyno , dignidade principal entre elles. Em a qual Armada entravam seis náos , quatro galés , e seiscentos homens de peleja , e na passagem da madeira da Grecia pera Egypto deo-lhe tal victoria contra a Armada do Soldão , que sendo vinte e cinco vélas , em que hiam oitocentos Mamelucos , e outros mil homens de peleja , lhe metteo cinco no fundo do mar , e tomou seis , em que lhe matou trezentos Mamelucos. E a fóra esta obra , que Fr. André fez per si , hum temporal que depois deo em as náos que ficáram , foi tal , que sómente escapáram dez : parece que co-

mo esta Armada era contra Portuguezes, quiz Deos que hum Capitão Portuguez começasse a primeira destruição della. Posta a madeira que se salvou deste damno em o porto de Suez, já lavrada no Cairo, por ser menos custosa de levar em camelos, por espaço de vinte leguas, com alguns officiaes Levantiscos, que tomou das náos de toda Italia, que estavam em Alexandria, em breve acabou vinte e sete vélas. No qual tempo com fama desta Armada, que o Soldão queria mandar á India, se veio a seu serviço hum cosfiáiro, que tinha grande nome naquelle arcipelago das Ilhas de Grecia, do qual queremos fazer particular relação, por ser o que estava em Judá, quando Lopo Soares chegou. E tambem por causa d'outro que andava com elle, com o qual havemos de continuar parte desta nossa historia, por ser aquelle Coge Sofar o da Cidade Dio, pessoa principal na morte d'El-Rey de Cambaya em tempo do Governador Nuno da Cunha, como se verá em seu lugar, porque se veja de quão pequena fortuna os homens vem a grandes estados. Segundo soubemos per pessoas, que andáram em companhia deste Capitão Ruez Soleimão, de que queremos fallar, elle era natural de huma Ilha do arcipelago chamada Mitylene, homem de baixa sorte, Turco

de nação, cujo officio era carpinteiro de navios, e fustas, o qual por ser homem de espirito quiz tentar a fortuna, mettendo-se a furtar em huma fusta que fez per suas mãos; e deo-se-lhe tão bem o officio, que veio ter nome de cossairo entre os seus, já com número de oito fustas, seis proprias, e duas d'outros que se chegáram a elle. Lançado daquellas partes da Turquia, como encarrado, polos queixumes que d'elle faziam ao Turco, veio ter á costa da Ilha de Sicilia, onde tomou huma galeota que logo esquipou. Passado daqui á costa de Napoles, topou seis galés, quatro do mesmo Reyno, de que era Capitão hum Biscainho de alcunha Villamarim, que alli andava a soldo, e duas de Genoezes, Capitães dous irmãos, cujo appellido era Gobo; das quaes galés havendo elle vilita, poz-se em fogida á força de remo. Villamarim tanto que lhe vio fazer volta, começou de o seguir com suas quatro galés, e adiantáram-se neste alcanço duas dellas tanto, que veio Soleimão a fazer volta sobre elles, e as tomou, e com ellas as outras duas, onde Villamarim foi prezo; e as dos Genoezes por serem mais vagarosas nesta seguida, se salváram. Havida esta vitoria, ficou Soleimão tão poderoso, que andou naquella costa d'Apulia fazendo muito damno. No qual tempo en-

tre alguns cativos houve hum moço natural da Cidade Brinde, filho de hum Antonio Britime Albanes de nação, e de huma Maria Afria natural da mesma Cidade, o qual depois houve nome Coge Sofar, aquelle que dissemos. Finalmente com as tomadias elle Soleimão ficou tão poderoso, que determinou de se ir pera o Soldão em odio do Turco, com fundamento de o servir naquella empreza da India. E com este apparatus de vélas se foi ao porto de Alexandria, e dali assentou suas cousas com o Soldão, dando-lhe a capitania mór da Armada que tinha feito em Suez; posto que té sua chegada sempre se fez com voz que Mir Hocem havia de tornar á India nella. Leixando elle Soleimão todas as suas vélas repartidas per os Capitães, que lhe ajudáram ganhar aquella honra, se metteo em duas galés sómente, mui bem esquipadas, levando mais de cincoenta cativos, todos officiaes de obra do mar, ao qual o Soldão recebeo com honra, e o espedio logo que fosse tomar posse da Armada, que eram vinte e sete vélas, entre galés, galeotas, e náos de alto bordo pera mantimentos, e munições, em que iriam té tres mil homens, muita parte delles Mamelucos, Arabios, e alguns arrenegados artilheiros. Com a qual frota elle partio do porto de Suez, e foi fazendo

do suas escalas té chegar a Adem, levando de Judá em sua companhia Mir Hocem, como segunda pessoa da frota per ordenança do Soldão. O Rey de Adem tanto que soube per o seu Capitão Miramirjão, que tinha na Cidade, a vinda desta Armada, partio a grão pressa da Cidade Elhach, que he a cabeça do seu Reyno; e com grande número de Arabios que trouxe, se metteo nella pera a defender. E però que Racz Soleimão lhe deo bateria de maneira que derribou o lanço do muro que os nossos víram, quando per alli passáram, querendo os Mamelucos entrar per combate, foi tanta a mortandade nelles, que conveio a Racz Soleimão apartar-se daquelle commettimento, e meio desbaratado se tornou recolher pera dentro do estreito á Ilha Camaram. Na qual o Soldão lhe mandava que fizesse huma fortaleza, quando não tomasse Adem, porque dalli poderia fazer a guerra á India té que lá houvesse outra coisa, em que pudesse estar seguro de nossas Armadas. Postos na obra da fortaleza, cujo muro tinha vinte e oito pés de largo, em quanto nella trabalhava a gente commum, ordenou Racz Soleimão de entrar dentro na terra firme, e tomar huma Cidade chamada Zeibid, porque a gente que alli tinha era muita, e gastava-lhe os mantimen-

tos; e quando neste caminho não fizesse mais que trazer alguns, isto tomaria polo trabalho d'elle. Finalmente ficando Mir Hocem com toda a Armada fazendo a obra da fortaleza, Ruez Soleimão entrou pola terra dentro com a melhor gente que tinha, e tomou a Cidade, que era dalli obra de doze leguas, na qual se leixou estar alguns dias, por achar nella muito esbulho, e por ser viçosa, e abastada, era a gente má de fahir della. Neste tempo veio nova da Cidade de Judá, que o Turco em humia batalha que deo ao Soldão, desbaratára, e matára; a qual nova ainda que não se havia por mui certa, folgou Mir Hocem com ella, por favorecer a seu proposito. Porque como tinha mortal odio a Ruez Soleimão, por lhe tirar a capitania mór daquella Armada, e mais era Turco, e elle Cordij, nações que sempre estam em odio mortal, e mais no modo de mandar a frota, tinha recebido d'elle alguns desgostos, amotinou a gente, dizendo: *Amigos, o Soldão nosso senhor he morto, e a nós os seus vassallos, que vimos nesta sua Armada, convem defendermos sua terra; e ainda que a nova de sua morte não seja mui certa, basta termos por certo as batalhas que já per vezes houve entre o Turco, e elle. E porque Ruez Soleimão he Turco, e veio ao servi-*

ço do Soldão fugido do Turco pelos insultos, e roubos que tem feito em sua propria patria, e ora com esta nova quererá tomar voz por elle, pera se restituir na sua graça, em quanto se elle anda enchendo de dinheiro, e riquezas, que houze na tomada de Zeibid, onde elle, e os outros que o seguiram estão mimosos da fertilidade da terra, meu parecer he que nos vamos pera Judá, té se saber o certo em que termo estão as cousas do Soldão nosso senhor; porque muito mais importa a seu serviço segurar-lhe aquella Cidade, que eu per seu mandado cerquei com tanto trabalho, e assi segurar esta sua Armada, que custou hum grande número de dinheiro, que estermos nesta Ilha morrendo com a pedra ás costas nesta obra, que eu não hei por cousa importante a seu serviço. A gente como andava cansada da obra, e muita adoe-
cia do trabalho, e roins ares da terra, e sobre tudo mui indinada de Soleimão, e dos de sua companhia, por lhe dizerem quanto despojo houveram na tomada da Cidade, facilmente foram na opinião de Mir Hocem. Finalmente elle se partio com a melhor parte da frota, leixando algumas pera quando Ruez Soleimão tornasse ter embarcação, e isto não por amor de sua pessoa, fõmente por Mamelucos que anda-

vam com elle por serem naturaes do Cairo. Ruez Soleimão tanto que soube esta partida de Mir Hocem, provida a Cidade de gente que alli leixou em guarnição, tornou-se a Camaram, e embarcado nas vélas que achou, foi-se a Judá, onde Mir Hocem o não quiz recolher, dando por escusa a nova do desbarato do Soldão; e que em quanto não foubesse outra cousa em contrario, elle o não leixaria entrar, por ser homem suspeito ao estado do Soldão, posto que em seu serviço andasse, dando pera isso todas as razões que approvavam sua opinião. Sobre o qual negocio vieram ás armas, ao que acudio o Xerife Paracate, que estava na casa de Méca, que eram dalli doze leguas, o qual como homem religioso metteo a mão entre elles, e os concertou por esta maneira: que Mir Hocem recolhesse a Ruez Soleimão na Cidade, e cada hum estivesse por Capitão da gente que tinha em quanto mandassem recado ao Soldão que determinasse este caso entre elles, por se não ter por mui certo seu desbarato. Però Ruez Soleimão, depois que foi recolhido na Cidade, não guardou que viesse o tal recado, posto que logo despachassem cartas pera o Soldão, porque ante de poucos dias manhosamente prendeo Mir Hocem com quanta vigia tinha sobre si. E não ousando

de o matar, nem ter prezo, o mandou metter em huma galé, dizendo que o mandava ao Soldão que o castigasse daquella união que fizera; e secretamente disse ao Capitão da galé, que como fosse no mar largo que o lançasse nelle com huma pedra ao pescoço, e assi acabou. E porque a nova da morte do Soldão dobrou com huma batalha que lhe deo o Turco; Ruez Soleimão em seu nome levantou bandeira per todas as torres do muro da Cidade, posto que em verdade o Soldão não era morto neste tempo, fómte tinha perdido algumas batalhas. Porém quando veio o anno de dezoito, a vinte e quatro de Agosto, o Turco lhe deo outra em que elle morreo; o qual entre os Mouros per excellencia se chamava o Rey, per este vocabulo Soltão, que nós corrompemos em Soldão, chamado per proprio nome Canfor Algavri, em quem acabou o nome do Soldão do Cairo cabeça de todo o Reyno do Egypto, o qual estado ficou mettido na coroa da casa Otthomana dos Turcos. Estas differenças entre estes dous Capitães havia poucos dias que passáram, quando Lopo Soares chegou ao porto de Judá; e com esta voz que Ruez Soleimão tomou pelo Turco naquella Cidade, e presentes que lhe mandou do despojo de Zcibid, se tornou reconciliar com elle, e depois pa-

gou a morte de Mir Hocem, como adiante se verá.

C A P I T U L O IV.

Do que Lopo Soares passou no porto de Judá, e depois que se dalli partio té chegar a Camaram, onde invernou, onde veio ter D. João da Silveira, ao qual elle Lopo Soares mandou buscar á costa do Abassi.

SUrta a nossa frota no porto da Cidade Judá, mandou Lopo Soares por razão do canal per que se ella fervia, que era retorcido da maneira que dissemos com o banco de arêa que tinha, que as vélas de remo se puzessem diante, e as náos grossas na boca do canal, ficando com toda a Armada quasi de rostro com a Cidade; e ainda que sería espaço de huma legua, os pelouros de ferro coado, com que tiravam dous basaliscos, vinham saltar entre as náos. E era este banco de arêa tão baixo, que na vafante da maré ficava huma praia, per a qual ao terceiro dia da chegada de Lopo Soares veio hum homem, e acenando dalli ás náos, mandou elle a Bastião Rodrigues Lagues de alcunha que em hum batel fosse ver o que queria. O qual era hum arrengado que fallava mui bem o Hespanhol, e trazia huma carta de desafio a Lopo Soares

de Racz Soleimão, chea de totalas rebolarias que os Turcos costumam, commettendo batalha por mar, ou por terra, hum por hum, ou tantos por tantos, por evitar morte de gente. E posto que Gaspar da Silva, e D. Affonso de Menezes pediram a Lopo Soares que lhe concedesse a cada hum delles esta mercê, foi a resposta levada ao Mouro, que disse a Racz Soleimão, que a resposta elle esperava de lha ir dar em terra. E quando veio ao seguinte dia, quasi como em satisfação de seu requerimento, mandou Lopo Soares a D. Affonso de Menezes, e com elle Diniz Fernandes de Mello em a sua galé que lhe fosse sondar todo o canal; e em quanto elles isto faziam, foram outros Capitães com alguns bateis poer fogo a humas náos, que estayam no meio do canal. O qual depois de ser posto, alli tomou posse de hum galeão, fazendo-o todo em huma labareda, que parecia aos da Cidade que ardiam já nelle, e começaram de a despejar. Racz Soleimão quando vio o alvoroço da gente, começou dizer: *Senhores, e amigos, onde vos quereis ir? que temeis? Não vedes vós que aquella gente ha tres dias que veio, e não fez mais que queimar aquella galeão que achou desamparado de defensão? Se credes que ha de sair em terra, estais enganados, porque*

quem quer sabir em terra, não ha de queimar o galeão, mas vir a elle, e tomallo; por tanto tornai-vos a vossas casas, que não he aquella a gente que se ha de por nesse trabalho. E porque os assombremos de cá, tanto quanto os assombram os pelouros dos basiliscos que lhes lá vam fazer damno, demos-lhes huma mostra por fóra dos muros, porque vejam que esta Cidade não está tão desamparada como elles cuidam. Finalmente com estas, e outras amoestações, elle poz toda a gente em ordenança com grande estrondo de seus tangeres, e bandeiras, e deo de si mostra ao longo da ribeira, sahindo por huma porta, e entrando por outra; e de cima dos muros, onde todo o povo estava posto, eram tamanhos os alaridos, que sendo huma legua donde os nossos estavam, lhes vinham estrugir as orelhas. E de quando em quando tiravam tres, ou quatro basiliscos de trinta palmos de comprido, cujo pelouro era de tamanho da cabeça de hum homem, alguns dos quaes andavam pulando entre as náos; mas aprouve a Deos que andando nestes saltos como huma péla de vento, não fizeram damno algum. Lopo Soares sabendo de D. Affonso, e de Diniz Fernandes como pelo canal não se podia entrar senão com muitas voltas, e ainda que fossem em navios de remo razos corriam

muito risco, por os Mouros terem posta a sua artilheria em parte que lhes faria muito damno; assentou com alguns Capitães em segredo de mandar dous, ou tres dos Christãos cativos dos que fugiram na gelua, que fossem de noite em hum batel encravar esta artilheria, nas costas dos quaes iriam outros bateis pera pôrem entretanto fogo ás galés que estavam no estaleiro. Però nenhuma cousa destas houve effeito, porque os cativos depois que lhes foi communicado este negocio, promettendo-lhes Lopo Soares grande premio se o fizessem, responderam que aquillo era irem elles morrer sem fruto algum, porque a artilheria, e galés tudo se velava de noite com muita gente; que seu parecer era pôr o peito em terra; por ventura quando vissem os Mouros esta sua determinação, despejariam a Cidade, como já o começavam fazer de temor sem ver mais que o corpo de tão formosa frota. Lopo Soares com estas cousas dissimulou per espaço de dous dias, parecendo-lhe que o tempo, e o cuidado nellas lhe dariam algum modo com que cumprisse com a vontade d'ElRey D. Manuel, segundo o regimento que pera esta entrada do estreito lhe tinha dado. E quando soube que per toda a frota havia grande murmuração porque não sahia em terra, chamou a conselho to-

dolos Capitães , e pessoas notaveis ; e por
 sua justificação , depois que lhes fez relação do
 que tinha feito , e consultado com alguns
 delles nos dias que eram passados depois de
 sua chegada , mandou-lhes ler pelo Secreta-
 rio o Regimento que lhe ElRey dera sobre
 a entrada daquelle estreito. No qual lhe
 mandava , que em nenhuma maneira com-
 mettesse caso onde manifestamente a gente
 corresse perigo da vida , e outras muitas cau-
 telas , de que devia usar , tudo por resguard-
 do da vida dos homens , e tambem por não
 aventurar o estado da India em hum feito ,
 em que se não ganhava muito pera a segu-
 rança d'elle , falecendo-lhe já quatro vélas
 que eram desapparecidas , que levavam a
 quarta parte da gente da frota , e a maior
 das munições que havia mister. E porque
 elle Lopo Soares sempre tinha mais respei-
 to ao que lhe ElRey mandava , que a quan-
 tas murmurações podia haver naquella fro-
 ta em gente de pouca consideração , não
 cumpria com seus appetites , que era sahirem
 todos em terra. E que verdadeiramente elle
 não tinha escandalo de quem isto dizia , an-
 te os julgava por cavalleiros , e homens de
 generoso animo , pois estimavam pouco a
 vida por serviço de seu Rey ; porém tam-
 bem deviam de crer que elle era tão ami-
 go de ganhar honra , como cada hum del-
 les ,

les , e que deter-se na determinação deste feito não era a outro fim senão esperar se viriam as outras vélas , e também ver se achava algum caminho como pudesse cumprir com o que lhe ElRey mandava , e elles desejavam ; e porque té então nenhuma cousa destas succedêra , elle os ajuntára pera cada hum dizer o que lhe nisso parecia. Leixando Lopo Soares este negocio nos vortos dos Capitães , foram elles tão differentes , e apaixonados na maneira de se contrariar huns aos outros , que tomou elle por conclusão esta , que lhe ElRey encomendava , não aventurar a gente em casos de tão manifesto perigo. Dando por razão , que elles não eram vindos alli a mais que a pelejar com aquella Armada do Soldão , a qual se acháram no mar , per qualquer modo que fora a commettêram té a metter no fundo , porque a tenção d'ElRey era sómente tirar aquelles Mouros do Cairo navegarem pera a India per via de commercio , quanto mais com mão armada. Porém como as galés que alli estavam varadas já não eram pera navegar , (segundo os cativos diziam ,) por estarem já gastadas do Sol , e mais com as escalas que Racz Soleimão andou fazendo , e differenças d'ante elle , e Mir Hocem se desbaratou a gente , a elle lhe parecia que com a nova que se alli ha-

via por certa da morte do Soldão, todas as Armadas contra a India acabariam. Porque primeiro que o Turco acabasse de tomar aquelle grande estado do Cairo, e pacificar os Mouros da Arabia., que naturalmente tem odio aos Turcos, passariam muitos annos. E quando o Turco fosse senhor pacifico de todo, não em conquistar a India, mas defender-se da Christandade, e do Xequé Ismael Rey da Persia, que tinha da outra illhargá, havia mister seu poder por serem vizinhos de ante a porta. Assim que por qualquer via destas elle havia aquellas galeás por desbaratadas, e elle se haveria por mais desbaratado no juizo aventurar contra o mandado d'ElRey a flor de toda a India, por queimar hum pouco de páo que já não servia, nem lhe podia fazer damno. E se o haviam por razão de tomar a Cidade, elle não comprava com tão grande preço, como era, vidas de muita nobreza que nella podiam perecer, tão vil cousa como ella era, pois segundo diziam os cativos que della sahíam, todos os seus moradores estavam de maneira apercebidos na salvação de suas fazendas, que quando a leixassem havia de ser com as paredes vassias. Finalmente examinadas estas, e outras razões por parte deste negocio, ficou assentado ser serviço d'ElRey leixar o commettimento de

ca-

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

cada huma das ditas coufas por o pouco que importavam, e muito que se nellas aventurava, e determinou Lopo Soares de se partir dahi a dous dias, havendo onze que alli estava. E quando veio á sahida da frota, como eram muitas véias, e o lugar estreito, não pudéram sahir naquella maré huma não, Capitão Affonso Lopes d'Acosta, e duas galés, Capitães Lopo de Brito, e Fernão Gomes de Lemos, sobre as quaes mandou logo Lopo Soares a D. Aleixo que se mettesse na caravela de Francisco de Gá, e que lhas recolhesse. Quando na maré do outro dia pela manhã que D. Aleixo deo final com huma bombardá que levassem todos ancora, sahio de dentro do porto de Judá huma galé mui bem esquipada; e em chegando junto de Fernão Gomes de Lemos, que era o que estava mais dentro do canal, tirou-lhe com hum basalisco, a força do repuxo do qual foi tão grande, que fez dar á galé huma volta em redondo de maneira, que lhe víram os nossos a quilha. E ou que ella não vinha a mais que a fazer aquelle tiro, que foi em vão, ou que elle lhe fez algum damno, tornou-se mais teza pera dentro do que vinha, e na conjunção da sua chegada Diniz Fernandes de Mello como tinha huma galé bem esquipada, arrancou rijo, e foi dar hum cabo á

galé de Lopo de Brito, que era mui pezada no reino, por ser a maior de toda a frota. E porque a gente Portuguez quando olha de fóra, muitas vezes se não contenta do que os outros fazem, quizeram alguns taxar a Fernão Gomes no modo que teve de se recolher, fazendo elle nisso o que devia, como Cavalleiro que era, e procedeo daqui o que adiante diremos. Lopo Soares, recolhida toda sua frota, fez seu caminho pera a Ilha Camaram, com fundamento de desfazer a fortaleza que Ruez Soleimão alli tinha começada. E a primeira cousa que fez em chegando, foi mandar duas caravelas, Capitães Francisco de Gá, e Lourenço de Cosme, que fossem á outra costa do Abexij buscar D. João da Silveira, e as outras vélas que se apartaram da frota, por não ter sabido o que era feito dellas. E tambem trabalhasssem muito por tomar o porto da Ilha Maçuá, e do lugar Arquico, que era na terra firme, os quaes diziam ser do Preste João, e soubessem se era verdade ter elle mandado Mattheus por seu Embaixador a ElRey de Portugal pola dúvida que havia nisso, e tudo fosse o mais dissimuladamente que ser pudesse, e se informassem bem das cousas do Preste. Com os quaes mandou ir o bacharel Juzarte Viégas, e dous Linguas, hum chamado Anto-

nio Fernandes, e outro Ajamet Mouro Granadil, que já estivera naquella terra do Preste. Partidos estes navios, foram ter á Ilha Dalaca, e defronte della em outra chamada Daruá acháram D. João da Silveira, que aportou alli com affás fortuna, e lhe deo nova que no dia do temporal que o fez apartar da frota, se perdeu o junco, Capitão Diogo Pereira, salvando-se todos os Malabares que hiam nelle, sómente tres, ou quatro. E que da Ilha Dalaca, cujo porto elle primeiro tomára, se passára áquella ilheta, por estar mais seguro dos Mouros della, por lhe dizer Mattheus Embaixador do Preste que com elle vinha, ser mui povoada delles, e o Rey senhor della mui máo homem, de quem se não havia de fiar, principalmente depois que elle D. João tomára duas geluas carregadas de mantimentos, por necessidade que tinha delle. Passado o primeiro dia da chegada destes dous Capitães, teve D. João conselho com elles, e com o Bacharel Juzarte Viegas sobre o que Lopo Soares mandava que elles fizessem pera ser certo das cousas de Mattheus, e assentáram o mais dissimuladamente que pudéram, (dando-lhe entender ser a outro fim,) que em aquelles dous navios o levasssem á Ilha Dalaca, porque como elle sabia tanto do Rey della, poderia ser que have-

ria alli quem o concedesse. Però Mattheus quando lhe foram com este negocio, em nenhuma maneira pudéram com elle que sahisse da náó, e fez grandes exclamações, e requerimentos da parte d'ElRey D. Manuel, que em nenhum modo navio algum fosse áquella Ilha por a maldade d'ElRey della, como já muitas vezes tinha dito; e de como elle fazia este requerimento, pedia ao Escrivão da náó que lhe dêsse hum assinado pera apresentar ao Capitão mór. D. João, e os Capitães; quando víram tantas exclamações d'elle, tiveram pera si que tudo eram cautelas por não ser conhecido da gente da Ilha, de quem se podia saber se elle quem cuidavam algum Mouro do Cairo enviado a Portugal por espia das cousas delle; e deixando-o em sua contumacia, espedio D. João as duas caravellas que fossem fazer o que lhe Lopo Soares mandava, e elle partio pera Camaram, onde chegou a salvamento. E ao tempo de sua chegada, que foi a primeira oitava de Pascoa do Espirito Santo, hum Clerigo per nome Francisco Alvares, que vinha em esta náó em companhia de Mattheus, foi ver Duarte Galvão que estava em estado da morte, não de enfermidade, mas de velhice, e nojo. Ao qual Francisco Alvares, por ser da sua creação, elle Duarte Galvão disse: *Padre,*

perguntais-me como estou, e não me dais nova da morte de meu filho Jorge Galvão? Senhor (respondeo Francisco Alvares) estará prazendo a Dcos em algum porto da terra donde nós vimos. Por mais certo (disse Duarte Galvão) tenho eu que elle, e meu sobrinho D. Alvaro com quantos hiam na sua fusta, estão no Paraíso, onde N. Senhor os levaria por sua misericordia, pois morrêram em seu serviço, e de seu Rey. Cá podeis ter por certo que todos se alegraram no mar; e Lourenço de Cosme, e alguns do seu navio, os Mouros lhes cortaram as cabeças na Ilha Dalaca, onde os vós leixastes. As quaes palavras foram tão verdadeiras, como o mesmo caso: cá dali a dous dias que Duarte Galvão falleceo, vieram as duas caravellas, e contaram como Lourenço de Cosme, e o Escrivão do navio com alguns em sua companhia fahíram na Ilha Dalaca, por saberem as cousas de Matheus, foram mortos pelos Mouros, e seis escapáram mal feridos, e que isto causára o Mouro Ajamet lingua que leváram. O qual caso não foi por culpa de Ajamet, ante elle foi o primeiro a que o Rey da terra mandou cortar a cabeça, dizendo que elle trouxera alli os Portuguezes; e isto souberam depois os nossos quando Diogo Lopes de Sequeira alli veio ter;

fendo Governador da India, e mandou Dom Rodrigo de Lima por Embaixador ao Presfete em companhia de Mattheus, como em seu lugar será escrito. Parece que não quiz Deos que fosse levada esta embaixada per Duarte Galvão; como levou outras a Reys, e Principes da Christandade; e permittio que acabasse seus dias a nove de Junho de quinhentos e dezefete, em idade de setenta e tantos annos, e fosse enterrado naquella Ilha Camaram, e seu filho no ventre dos peixes do mar Roxo, sem hum saber da morte do outro, sómente o pai que vio em espirito a do filho. Parece que o animo do homem, quando já está de partida pera o lugar dos espiritos, quasi meio separado da carne, vê em espirito o que a nós não he manifesto. Foi este Duarte Galvão filho de Ruy Galvão Secretario d'ElRey D. Affonso o Quinto: Era homem douto nas letras de Humanidade: Compoz per mandado d'ElRey D. Manuel a Chronica d'ElRey D. Affonso Henriques primeiro Rey deste Reyno de Portugal, ou (por melhor dizer) apurou a linguagem antiga, em que estava escrita; e quem quer que foi o primeiro compoedor della, dará conta a Deos de macular a fama de tão illustres duas pessoas, como foram a Raynha D. Tareija, e ElRey D. Affonso Henriques seu filho nas differenças, que

conta haver entre elles. Pois ao tempo que feu pai o Conde D. Henrique falleceo, elle Principe D. Affonso ficou em idade de seis annos debaixo da obediencia, e tutoria de sua Madre, sem ella lhe dar Padraſto, nem elle aprender, e outras fabulas que a Chronica conta. A verdade da vida, e feitos do qual Principe, se a N. Senhor aprover darnos vida, se verá em nossa Europa. Compoz mais Duarte Galvão no tempo que El-Rey o mandou com esta embaixada, humia exhortação sobre a empreza daquella conquista, e destruição da casa de Méca, trazendo pera isso muitas authoridades, e algumas profecias, que denunciavam haver de ser feita per a Christandade desta nossa Europa. Concluindo, que per outro caminho se não podia mais levemente fazer, que per aquelle estreito do mar Roxo, ajuntando-se as Armadas d'El-Rey D. Manuel com as gentes do Rey dos Ábexijs chamado Preste João, e alguns Principes Christãos pela parte de Soria, em hum mesmo tempo poderiam tomar das mãos dos Mouros a Casa Santa de Jerusalem, onde estam todos os passos dos Mysterios de nossa Redempção. Sobre a qual exhortação El-Rey D. Manuel o anno de quinhentos e cinco tinha mandado secretamente o mesmo Duarte Galvão ao Emperador Maximiliano, e a El-Rey de

França, e ao Papa Alexandre, como mais largamente escrevemos em sua propria Chronica. E no fim desta exhortação elle Duarte Galvão dá desculpa de si, sendo homem de tanta idade, aceitar humia tal empreza, com tantos, e taes perigos de mar, e de terra. Fizemos esta digressão sobre as cousas de Duarte Galvão, porque pois tomámos cuidado de escrever os trabalhos, que os naturaes deste Reyno passáram naquelle conquista de Asia, convem que não neguemos a cada hum, que á nossa noticia vier, o premio deste lugar de memoria; e tambem devemos isto a Duarte Galvão por razão das letras, pois per ellas, quanto sua possibilidade alcançou, deo nome a muitos. Os ossos do qual foram depois em tempo de D. Henrique levados daquelle lugar per Francisco Alvares Clerigo, e elle os mandou á India, e de lá os trouxe a este Reyno Antonio Galvão seu filho, vindo por Capitão de humia náu. E não sómente por causa das vezes que nossas Armadas inveneram naquelle Ilha Camaram, sepultura de tanta gente, mas ainda com esta particular de Duarte Galvão, e com hum caso que se commetteo junto della, fica celebrada em nome ácerca de nós: o qual caso procedeo da sahida da galé de Fernão Gomes de Lemos per o canal de Judá, como

atrás apontámos. Cá ouvindo elle que se diziam algumas cousas que tocavam em sua honra, no modo que teve em se fahir do canal, desafiou por isso a Simão d'Andrade pera esta sepultura de Duarte Galvão: o successo do qual feito, por ser materia de honra, ficará entre elles, basta saber que cada hum fez o que cumpria á sua, e no fim ficaram amigos.

C A P I T U L O V.

Como partido Lopo Soares da Ilha Camaram, foi ter á Cidade Zeila, que está na costa da terra Africa, principal porto do Reyno Adel, a qual tomou por armas, e depois queimou.

F Allecido Duarte Galvão, que era a principal parte por cujo respeito ElRey D. Manuel mandava a Lopo Soares que tomasse a costa da terra Abexij, e tambem com a morte de Lourenço de Cosme, e cousas que passaram em Dalaca, em que Matheus se havia por falso Embaixador, posto que seus receios foram verdadeiros, nascêram daqui entre elle, e Lopo Soares taes desgostos, que nunca mais hum quiz ver o outro, com que elle Lopo Soares assentou de não ir a este negocio, e fazer sua via caminho da India, com fundamento de

escrever a ElRey o que sentia de Mattheus, e era passado por sua causa. Però ante da sua partida, em quanto alli invernou, passou trabalhos de fome, sede, e enfermidades, que era cousa piedosa ver morrer a gente que alli ficou parte della enterrada na terra, e outra lançada no mar. E o que tambem causou parte desta morte foi o trabalho que teve em derribar o que Ruez Soleimão, e Mir Hocem tinham feito na fortaleza. E porque na terra firme da Arabia, que tinham por vizinha, pouco mais de hum legua junto de hum lugar chamado Ceilif, começaram acudir alguns Mouros com mantimentos da terra, mandou Lopo Soares que neste ir, e vir aos comprar, andasse sómente hum bargantim, de que era Capitão Bastião Rodrigues. O qual havendo dias que servia neste commercio, dando, e recebendo com os Mouros pacificamente sem muitas cautelas, vieram duas geluas, que são barcos leves, per mandado de Ruez Soleimão, como descobridores do que fazia nossa Armada; e vendo a seguridade com que o nosso bargantim fazia seu resgate com os Mouros, assentáram estes das geluas com os da terra, que os entretivessem pera hum tal dia, e que sahiriam de huma encuberta, e fariam seu feito. O qual negocio succedeo tanto em favor dos Mouros,

por o nosso bargantim estar quasi em secco quando deram sobre elle , que foi tomado com dezeseite homens , e levados a Ruez Soleimão , o qual os mandou de presente ao Turco , e hum delles que fugio de Constantinopla , e veio ter a este Reyno , contou todo o caso. Lopo Soares agarrado deste defastre , e dos mais succedimentos da entrada daquelle estreito , com os primeiros Ponentes que ventáram , se fez á véla , e foi surgir diante da Cidade Zeila , situada na terra Africa , em sahindo das portas do estreito obra de vinte e seis leguas , em huma encada que a terra alli faz , a qual , (segundo sua situação ,) parece ser aquella povoação a que Ptolomeu chama a Avalites emporium. Porque a Cidade em si tem antiguidade de edificios de pedra , e cal , ao modo da Cidade Adem , e a comarca dentro no interior da terra , fertil , e per ella sahem quasi a maior parte das coufas , que per via de commercio se tiram da terra do Rey dos Abexijs , e assi entram as que se lá despendem. O senhor da qual he ElRey do Reyno Adel , cuja Metropoli se chama Arar , que está dentro do sertão no principio da região , a que Ptolomeu chama Tica , e distará desta Cidade Zeila espaço de trinta e oito leguas contra o Sueste. E a causa por que Lopo Soares quiz

dar nesta Cidade Zeila foi por o favor que a Armada de Ruez Soleimão achou nella depois do damno que leixava feito em Adem, como quem os favorecia em odio della; porque ambos estes Reys o de Adem, e o de Zeila, però que não residissem nellas sómente os Governadores que tinham posto, e elles estavam dentro no sertão, era este odio entre elles por causa do rendimento da entrada, e sahida das mercadorias do estreito. Cá antigamente esta Zeila foi mais célebre emporio, e escala daquellas portas do estreito, do que era Adem; e depois que nós entrámos na India, começou esta de se nobrecer com diminuição de Zeila. E além desta causa a principal, houve outra, que era irem os homens tão quebrados no animo, e desgostosos daquella jornada polo pouco que tinham feito, que pera os satisfazer em alguma maneira, quiz Lopo Soares sahir nesta Cidade, fazendo conta que Adem seguro tinha leixalla debaixo da nossa obediencia, polos offercimentos, e modos com que o Capitão della o recebeu. Assim que com este fundamento chegada a nossa Armada ao porto, sem muita resistencia ella foi posta em nosso poder, á custa das vidas de muitos Mouros que ficáram per essas ruas: a dianteira da qual entrada deo Lopo Soares a D. João da Silveira per

humna parte, e a Jorge de Brito, e D. Garcia Coutinho per outra. E não foi tão brevemente commettida, quão prestes foi despejada dos Mouros, e logo dos nossos, porque lhe mandou Lopo Soares pôr o fogo, e deo ás trombetas que se recolhessem a suas embarcações com mui pouco despojo, por ella o não ter em si, e algum que havia, o fogo tomou posse delle. A causa de os Mouros tão levemente despejarem a Cidade, e nella acharem pouca fazenda foi, porque neste tempo que Lopo Soares alli chegou, era ido o Capitão della a chamado do seu Rey com a melhor, e mais gente que pode levar, por razão de humna guerra que tinha com o Preste João, com quem elle vizinha. E temendo os Mouros que nella ficáram, que a sahida de nossa Armada fosse per aquella costa, como a entrada do estreito fora pela outra da Arabia, da qual poderiam receber algum damno, por ficar com pouca gente, rinham a Cidade despejada de toda sua fazenda, e sómente ficou com a gente pera pelejar. E entre alguns cativos, que se alli tomáram, foi hum Portuguez chamado João Fernandes marinheiro, que dizia ser natural de Leça junto da Cidade do Porto, que fora alli ter do bargantim de Gregorio da Quadra da Armada de Duarte de Lemos, de que atrás escreve-

mos. O qual os Mouros prendêram, polo accusarem tres Catelães, que alli foram a vender armas, a quem se elle descobrio que era Portuguez, parecendo-lhe que com esta accusação podiam elles ter mais favor no vender suas mercadorias. Da qual obra elles não esperáram o galardão dos nossos, porque foram dos primeiros que se puzeram em salvo tanto que elles tomáram a praia, e naquelle despojo foram achadas muitas folhas de espadas largas, e compridas, ainda em preto, que elles alli tinham vendido. E o caso de maior contemplação ácerca destas armas levadas áquelles infieis per estes homens sem temor de Deos, foi, que não sómente se perdêram as que tinham por vender, mas as vendidas, que o Capitão da Cidade levou, quando o seu Rey o mandou chamar pera a guerra, que dissemos ter com o Preste João, e elle na confiança dellas foi morto per esta maneira. Querendo ElRey de Adel fazer huma entrada nas terras do Preste com poder de gente, foi elle sabedor disso, e o mais em breve que pode lhe sahio ao caminho, sendo naquelle tempo em idade de dezeseite annos; e per espias sabendo que o Mouro tinha assentado seu arraial em hum grande campo cercado de montes, mandou-lhe tomar os passos per onde podia sair, e deo

sobre elle huma ante manhã. O Mouro quando vio sobre si tão grande poder de gente, aconselhado per este Capitão de Zeila chamado Mahamed, poz-se em salvo com cinco de cavallo, e elle Capitão esperou a batalha: e como homem animoso, e confiado nas boas armas, que houvera dos Catelães, estando as batalhas pera romper, sahindo do corpo da gente, chegou-se tanto á do Preste, que podia ser ouvido, e começou em voz alta chamar se havia alguem que se quizesse matar com elle, ante que as batalhas rompessem. Ao qual desafio sahio hum Frade chamado Gabri Andres, que como valente homem matou este Capitão Mahamed, e foi apresentar sua cabeça ao Preste, como final da vitoria que havia de haver de seus imigos, pois o seu Capitão era morto, e assi foi: cá com esta morte o exercito dos Mouros se poz logo em fugida, na qual o Preste ficou senhor do campo, matando hum grande número delles. Do qual caso se fez huma cantiga ao modo como ácerca de nós se cantam os rimances de cousas acontecidas, que os nossos ouvíram cantar na Corte do Preste dahi a dous annos, quando Diogo Lopes de Sequeira, que succedeo a Lopo Soares naquella governança da India, entrou naquelle estreito, e mandou a D. Rodrigo de

Lima por Embaixador ao Preste, como se verá em seu lugar. E hum Francisco Alvares Sacerdote, que foi nesta companhia de D. Rodrigo, conta em hum Itinerario que fez desta ida, que elle vio este Gabri Andres andar na Corte do Preste posto em honra por razão deste feito; e o Preste gloriando-se desta vitoria, mandára mostrar a D. Rodrigo cinco, ou seis feixes de terçados de cabos de prata, que houvera no despojo desta batalha, tendo já dados outros muitos. E que mandando-lhe dar huma tenda de brocadilho de Méca pera elle Francisco Alvares dizer Missa ao Embaixador, lhe mandára aviso que a desenviolasse, e benzesse, por ser do uso d'ElRey de Adel, tomada naquella batalha. Assim que dous exercitos da Christandade, hum da Igreja Romana, e de Rey Occidental, e outro da Igreja Abassia de Principe Oriental, concorreram ambos em hum dia em destruição daquelle barbaro infiel, que he o mais poderoso daquellas partes da Ethiopia.

CAPITULO VI.

Como Lopo Soares se partio pera a Cidade Adem: e do que alli passou com o Capitão della; e querendo ir sobre a Cidade Barbora, com hum temporal que lhe deo, arribou a Ormuz, e a maior parte de sua Armada per diversas partes passou grandes naufragios, e infortunios.

Lopo Soares, havida a vitoria desta Cidade, passou-se a outra costa da Arabia com fundamento de se ir prover de agua, e mantimentos á Cidade Adem, e a deixar tributaria nossa, como quem estava seguro no que tinha passado com Miramirzam. Però como tudo o que elle fez foi por ter o muro da Cidade em terra, e ver que Lopo Soares naquelle tempo hia mui poderoso, e inteito com sua gente, quando o vio ante o porto de Adem com a Armada mui desfalecida de suas forças, e desacreditada polo que passára em Judá, das quaes cousas era sabedor, e tinha o seu muro bem repairado, e a Cidade provida pera se defender, dissimulou com o provimento da agua, e mantimentos que lhe Lopo Soares pedio, e muito mais descubertamente em se fazer vassallo d'ElRey de Portugal. Finalmente em mentiras, e em hoje lhe mandar

humna pipa de agua, e á manhã outra, fingindo excusas de se não poder mais fazer, por a Cidade estar mui necessitada, o deteve dez dias, té que Lopo Soares, por não perder tempo, e acabar de gastar sobre ancora mais agua do que alli lhe davam, por a grão necessidade que tinha della, e de mantimentos, se fez á véla pera a outra costa de Africa, com fundamento de ir dar em humna Cidade chamada Barbora, que estava abaixo de Zeila contra o cabo Guardafu, e defronte da Cidade Adem. Mas como era no fim de Agosto, em que alli cursão os ventos Levantes, e as aguas andam com elles, ambas estas cousas abatêram, e espaldeáram tanto a Armada, que perdiam do caminho: té que havendo dias que andavam neste trabalho com affás clamor da gente, por perecer á fome, e sede, veio humna trovoadá, que durou per dias da parte do Norte, com que se ella espalhou, tomando cada hum o porto que pode. Lopo Soares com dez, ou doze navios tomou o porto de Calayate, já em dez de Setembro a Deos misericordia, e dalli espedio o caravelão de Lourenço de Cosme, que matáram os Mouros. No qual mandou por Capitão Lopo de Villa-lobos hum cavalleiro natural da Villa de Estremoz, e Pero Vaz de Vera por Piloto com cartas a El-Rey

Rey D. Manuel, em que lhe dava conta do que passára no estreito, e sentia das cousas de Mattheus, e isto a fim que este recado viesse a ElRey ante que a Armada do anno seguinte partisse deste Reyno, pera prover nella o que havia por seu serviço que se fizesse. O qual caravelão veio, e foi huma das cousas que té então se vio da India por milagrosa, por ser tão pequena varilha, que como por cousa maravillosa, nos templos se põe huma pelle de lagarto chea de palha, por se ver quão grandes os cria a terra de Africa; assi diziam todos que ElRey houvera de mandar dependurar aquelle caravelão por memoria de quão pequena cousa viera da India. Espedido Lopo de Villa-lobos, Lopo Soares se foi pera a Cidade Ormuz a prover algumas cousas, e principalmente por ter nova que os Rumes a queriam vir cercar; e dahi mandou Dom Aleixo em a náó Santa Catharina, e outras vélas com todos os doentes, pera ir dar ordem á carga das náos que se esperavam deste Reyno. E quanto á viagem, casos que passáram os Capitães que se apartáram de Lopo Soares, certo que havendo-se de escrever o curso delles, era recitar huma triste, e miseravel tragedia, porque ante, nem depois se vio tamanho corpo de Armada sem pelejar, desbaratar-se per tantos desas-

res.

tres. Porque entre mortos de fome, sede, doenças, naufragios, differenças de alguns mal avindos, e outros desastres em Melinde, Moçambique, Cocotorá, e outras partes daquella costa da entrada do mar Roxo, onde alguns Capitães foram ter primeiro que tornassem á India, passaram de oitocentos homens. Cá sómente em a náó de D. Alvaro da Silveira, de cento e trinta que levava, ficaram vinte e cinco; e ainda estes vendo lançar seus companheiros poucos, e poucos ao mar por mantimento aos peixes, e elles mui necessitados do que haviam mister pera sustentar a vida, hiam alguns tão mal avindos por pontos da vaidade de honra, (materia de toda a paixão da nação Portuguez) que estando o seu Capitão em terra, em huma aguada que fazia, dous delles, que se leixáram ficar com elle detrás dos outros que hiam carregados dos barris de agua, o matáram á traição; sendo ambos os principaes que elle tinha por amigos, e a que mais honra fazia. Hum se chamava Jeronymo d'Oliveira filho de Antão d'Oliveira, que depois por este caso per justiça foi degollado em Cochij; e o outro havia nome Mendafonso, o qual era em mais obrigação a D. Alvaro, porque fora criado de seu tio o Barão de Alvaro D. Diogo Lobo, e elle o tinha dado

Tom. III. P. I.

E

a El-

N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

a ElRey. E este, primeiro que sabisse do porto do maleficio, foi morto ás punhaladas per João Rodrigues Pao, hum cavalleiro da Cidade Evora, o qual o matou, não tanto por vingar a morte de seu Capitão, quanto por se segurar delle, polo ter injuriado; e elle João Rodrigues primeiro que chegasse á India, se perdeu em hum navio. E assi se perdeu em outro João de Ataide, e com elle entre algumas pessoas nobres foram Ruy de Souza, e Lopo Mendes de Vasconcellos, indo elle em companhia de Francisco de Tavora, e Christovão de Souza pera invernar em Cocotorá, onde acháram D. Diogo da Silveira. E partindo delli todos pera a India, morreu no caminho D. Diogo de doença, e o seu corpo foi levado em hum batel per popa da não té Goa, onde o sepultáram. Destoutros seis Capitães, Jorge de Brito, Antonio d'Azevedo, Aires da Silva, Fernão de Rezende, Pero Ferreira, e Antão Nogueira, huns foram invernar a Melinde, outros a Moçambique, e delles os dous derradeiros faleceram de doença daquelles trabalhos, e seus navios foram dados a Lourenço Godinho, e Francisco Godiz; e todos, tanto que tiveram tempo, foram com Lopo Soares a Ormuz. Fernão Gomes de Lemos na sua galé não sómente cotico a tormenta dos

outros, mas ainda teve novo trabalho, cá lhe fugio o seu Piloto por desavença que houve entre elles; e não tendo outra agulha, ou carta per que governasse sua viagem; poz a proa no nascimento do Sol té dar de rostro em Chaul, onde estava por Feitor nosso hum João Fernandes criado de Tristão da Cunha, e por seu Escrivão Antonio Mendes com té vinte homens Portuguezes feitorizando algumas cousas pera as feitorias de Goa, e Cochij, por aquella terra ser mui abastada de mantimentos, e d'outras provisões que não ha na costa Malabar. O qual João Fernandes por ser homem aspero, não estava alli bem quisto de alguns Mouros; e com a chegada de Fernão Gomes dobrou o odio que lhe tinha; porque como elle vinha sem remeiros, pediu este João Fernandes ao Tanadar Capitão da Cidade, que se chamava Cide Hamed, que governava a terra pelo Yzamaluco seu senhor, que lhe mandasse dar alguns remeiros da terra a soldo pera esquipar a galé. E como se não achava gente que o quizesse fazer, temendo o trabalho do remo, e mais porque poucas vezes depois que entram os não leixam sahir; vendo-se Cide Hamed apressado de João Fernandes sobre o não se acharem os remeiros, de importunado disse-lhe: *Não sei que vos*

E ii

fa-

faça : vedes abi hum homem meu , andai por essa Cidade , e tomai os que achardes pera isso. O povo como vio tomar alguns , e que lhe não valia acolherem-se á mesquita de sua oração , porque dalli os hia tirar João Fernandes ás pancadas , e os levava , alvoroçou-se contra elle em tanta união , que conveio a elle João Fernandes recolher-se ás casas onde pousava. Sabendo o Capitão Hamed o insulto do povo , e o estado em que João Fernandes estava , acudio rijo com alguns seus ; e chegando a elle , que estava mui furioso , como he costume dos Mouros , quando querem aplacar alguem de furia , abraçarem-o per modo de humildade quasi por baixo pelas pernas , fazendo Hamed este officio , tirou elle João Fernandes tão rijo per hum das pernas , por se livrar do abraço do Mouro , que lhe deo com o pé nos narizes , que logo foram lavados em sangue. Quando os criados de Hamed o víram naquelle estado , remetteram a João Fernandes , que logo alli foi morto , e trás elle os que o acompanhavam , que seriam té vinte e dous homens , porque naquella furia a nenhum se deo vida , sómente escapou hum Lopo Dias criado de Fernão Camelo polo salvar hum Mouro seu amigo. O Mouro Cide Hamed como era homem prudente , e mais lhe importava a

nossa paz, que o sangue dos seus narizes, por ser Capitão, e rendeiro da entrada, e sahida das mercadorias daquelle porto, cautelou-se logo do que podia succeder ao diante, mandando fazer inventario de quanta fazenda alli achou na casa da Feitoria, e a poz toda em boa recadação, da qual ao diante deo boa conta, como veremos. Fernão Gomes de Lemos não sómente teve bem que fazer em se salvar dos da terra, e partir dalli, mas ainda sendo tanto avante como Dabul, vieram sobre elle cinco fustas que o vinham buscar; e senão acontecêra pôr-se o fogo na polvora de huma dellas, andando pelejando com elle, o qual caso metteo as outras em pressa de salvar a gente que andava nadando, elle ficára alli. Mas este damno dos Mouros, e huma fusta nossa que sobreveio, a qual mandou D. Goterre Capitão de Goa, sabendo como elle Fernão Gomes chegára a Chaul desbaratado, foi causa de se salvar, por não ter comfigo mais que dez homens Portuguezes, e os outros eram remeiros Malabares, e alguns dos que tomou em Chaul, causa da morte de João Fernandes. Este em somma foi o successo daquella grande Armada, que Lopo Soares levou ao Estreito, ao qual nós leixaremos hum pouco, por dar razão do que se passou na India, em quanto elle fez este caminho.

CAPITULO VII.

Do que fizeram D. Fernando, e Dom João, que D. Goterre mandou de Armada: e o que succedeo em huma entrada, que elle mandou fazer em as terras firmes de Goa, onde matáram João Machado, e alguma gente da nossa, donde se causou o Hidalcão a mandar cercar, no qual tempo os nossos padcceram muito trabalho té a chegada de Antonio de Saldanha.

PArtido Lopo Soares pera as partes do mar Roxo, (de que té ora fallámos,) deixou recado a D. Goterre de Monroy Capitão da Cidade Goa, que mandasse duas Armadas, huma ás Ilhas de Maldiva a guardar as náos, que fugindo da costa da India per entre o canal dellas faziam seu caminho, assi de Cambaya, como do estreito de Méca, e hiam buscar pimenta, e outras especiarias á Ilha Çamatra; e outra Armada andasse de Goa té Chaul, tambem por razão destas náos de Mouros, que alli hiam carregar de alguma especiaria, que furtadamente haviam da costa Malabar. Pera o qual negocio D. Goterre ordenou seu irmão Dom Fernando em huma náos, e em sua companhia João Gonçalves de Castello-branco em huma galé, o qual partio para as Ilhas de

Maldiva. E D. João de Monroy seu sobrinho ao longo da costa té Chaul com cinco vélas: elle em huma naveta, e das outras, que eram fustas, e catures, eram Capitães Henrique de Touro, Pero Jorge, Domingos de Xeixas, e Pallos Cerveira; o qual D. João seguiu a costa, e andou nella todo o verão sem fazer cousa alguma, sómente chegou té o rio de Main, onde achou huma náó, que vinha do mar Roxo carregada de mercadoria; a gente da qual, por salvarem a si, e as fazendas, entráram dentro no rio, e varando-a em terra, salváram-se com o melhor que puderam levar, e o mais houveram os nossos, levando tudo a Chaul. Da tomada da qual o Capitão de Main chamado Xequegij se houve por mui offendido; porque não sómente lhe foi tomada a náó quasi á vista d'elle, mas ainda lhe esbombardeáram a fortaleza. E partidos os nossos, a grão pressa mandou trás elles dez fustas mui esquipadas, que os fossem atallar á ponta de Chaul; porque como era já no principio do inverno, começavam de se recolher pera Goa, e podellos-hiam tomar descuidados. Però todo este seu pensamento lhe fundio pouco: cá pondo-se no lugar ordenado, e commettendo os nossos, elles se houveram de maneira com que as fustas se puzeram em fugi-

gida. Chegado D. João a Chaul com a victoria destas fustas, e esbulho da náó, foi provido de mantimentos pelo Feitor João Fernandes, que os Mouros matáram depois (como já atrás fica.) E na demora que Dom João alli fez, veio ter com elle hum Alvaro de Madureira casado em Goa, o qual se tinha lançado com os Mouros por matar hum Lourenço Prégio Tanadar da Cidade, por causa de huma mulher pública Portuguez: o qual do Hidalcão, com quem se elle lançou, era passado áquellas partes. D. João porque levava poderes pera isso, o seguiu, e que se fosse com elle, prometendo-lhe perdão de Lopo Soares, o que elle acceitou. E por vir mal roupadado, se tirou per todos os nossos té quantia de duzentos pardaos que lhe deram, com o qual dinheiro elle se tornou a terra, dizendo que hia comprar roupa pera se vestir, e prover do necessario; mas elle em lugar de se vir salvar, tornou-se ao estado de Mouro em que andava. E por gratificar a boa obra que lhe os nossos fizeram, foi-lhe ordenar huma traição, que logo veremos. Em quanto D. João se deteve no rio de Chaul, como quinze fustas de Melique Az senhor de Dio traziam o olho nelle, tanto que o víram dentro, parecendo-lhe que se poderiam melhor ajudar d'elle, por o lugar ser estre-

to,

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

to, o foram esperar na boca do rio, onde os nossos tiveram bem que fazer em quanto se não víram no largo. Porque como as fustas andavam melhor remeiras, e tinham muita artilheria miuda, e trabalhavam por fugir abalroarem os nossos com ellas, era o seu modo de pejeja huma escaramuça bem travada entre remo, settas, e fogo, té que sendo huma das suas fustas abalroada, fez lançarem-se os Mouros a nado, e salvarem-se em terra, a qual deo aviso a que as outras se puzeram a balravento das nossas, e dahi em salvo. D. João como vio que lhe não podia fazer mais damno, por o tempo lhe não servir, poz-se em caminho via de Goa com fundamento de dar huma vista a Dabul, e ir sempre á vista da costa, por causa de topar alguns navios de Mouros, que sahiam dos portos della, furtados da nossa Armada. E indo bem seguro do que lhe estava ordenado, e sendo já sobre o porto de Dabul, descobrindo hum dos captures que levava diante huma ponta, vio seis, ou sete vélas, as quaes trazia Alvaro de Madureira, com fundamento de dar sobre elle de noite em o porto de Chaul, onde o elle deixava, parecendo-lhe que o poderia tomar descuidado. Porque com a danada consciencia que trazia naquelle estado de Mouro, em que andava, depois de re-

cc-

ceber os duzentos pardaos que lhe deram, pera se reparar de quão desbaratado vinha, foi-se a Dabul, e fez crer ao Capitão do Hidalção que alli estava, que poderia tomar os nossos ás mãos, porque ficavam bem descuidados de haver per aquelles portos Armada alguma, e mais que os nossos navios, tirando a naveta do Capitão mór, tudo eram catures, navios que não vinham a conto pera os que elle tinha. Finalmente por elle já lá ser conhecido, tanto credito teve, que mandando o Capitão de Dabul por nome Miral Melique os seus navios de remo, e Capitães que seguissem o modo do ardid que elle Alvaro de Madureira dava, vinham todos com proposito de tomar os nossos de noite sobre ancora. Però quando houveram vista do catur, que os descubrio, assi como elle fez volta a dar aviso a D. João, assi elles mudáram o proposito, e foram-se todos metter no porto de Dabul, aos quaes D. João não seguiu mais, que quanto os pode alcançar com artilheria. E tornando a seu caminho via de Goa, chegou a ella a tempo que D. Fernando seu irmão era vindo das Ilhas de Maldiva, e naquella viagem tinha tomado duas náos de Mouros de Cambaya, de que era Capitão hum Mouro per nome Cogequi, homem de tanto animo, que sendo a maior parte da fazenda

da das náos sua , e vendó-se cativo , elle mesmo se consolava quando os nossos o queriam consolar , dizendo que os bens desta vida não tinham proprio senhor , porque Deos os dava , e tirava a quem lhe prazia. E ao tempo que D. Fernandó chegou com esta boa preza , estava D. Goterre pera commetter outro negocio per terra , em que dali a bem poucos dias o metteo , no qual elle não teve tão boa fortuna como nos do mar , e causou pôr a Cidade Goa em estado de muito perigo , e os nossos de grandes trabalhos ; e pera se melhor entender o caso , convem trazer o fundamento d'elle de longe. Em tempo que Affonso d'Albuquerque governou a India , hum Fernão Caldeira feu paje casado em Goa , por algumas travessuras que fazia ao modo de cossairo em Mouros que vinham ter a Goa , e passavam pela sua costa , ElRey D. Manuel o mandou vir a este Reyno , e depois o enviou solto com Lopo Soares , o qual depois de chegado a Goa , saltou com Henrique de Touro natural de Evora hum destes Capitães , de que ora fizemos menção , e lhe decepou huma perna , e deo huma cutilada pelo rosto , pelo qual caso elle se passou pera a terra firme. Outros dizem que a este crime se accrescentou assombrarem-o alguns por parte de D. Goterre , que como Lopo

Soa-

Soares tornasse de Cochij, o havia de mandar enforcar no lugar onde tinha feito o maior crime, e que isto fizera D. Goterre, por se elle mais temer, que do crime accidental, por razão de olhar pera sua mulher, que elle Fernão Caldeira tinha em Goa, e tambem lhe ter má vontade por humas palavras que com elle passára em Moçambique: seja como for, basta que elle se passou á terra firme dos Mouros, e se foi pera a tanadaria de Pondá, que será de Goa duas leguas, onde estava Ancostão hum Capitão do Hidalcão. D. Goterre tanto que soube que estava com elle, mandou-lho pedir, denunciando delle quantos males tinha feito assi a Christãos, como a Mouros, e neste requerimento andou per alguns dias com Ancostão: a resposta do qual sempre foi que não sabia parte delle, e que a terra era larga per onde se podia esconder. Da qual escusa D. Goterre ficou tão escandalizado delle Ancostão, que lhe mandou dizer algumas palavras em modo de desafio. Ao que o Mouro respondeo, que elle D. Goterre nascêra do ventre de sua mãe com o nome que tinha, e não lho via accrescentado em outro de mais honra; e elle sendo hum escravo do Hidalcão seu senhor, de homem de pouca sorte per nascimento, per merito de seus feitos chegára a

merecer nome de Ancoftão , e de homem que per feu braço tinha ganhado tanta honra , bem fe devia de erer delle que o não teria fraco pera defender fua vida. Com a qual refpofita D. Goterre ficou mais indignado , vendo que o Mouro o motejava de fraco , e elle gleriava-fe de cavalleiro , donde procedeo , que tornado Lopo Soares de Cochij pera Goa , quando fe partio pera o eftreito , D. Goterre lhe fez queixume de fte Mouro , accrefcentando algumas outras culpas , per as quaes determinava de o castigar per qualquer maneira que pudeffe. Lopo Soares como D. Goterre era casado com D. Mariana fua sobrinha , e o leixava com os poderes de Governador em quanto fazia aquella viagem ao eftreito , refpondeo-lhe que fizeffe o que lhe niffo bem pareceffo. Partido elle , no tempo que D. Fernando , e D. João fizeram as viagens , que ora contámos , per industria de D. Goterre lançou-fe na terra firme hum João Gomes valente homem de fua peffoa , com titulo de ir defavindo delle Capitão ; e a primeira coufa que fez , foi ir poufar com Fernão Caldeira , como homem que já naquelle tempo tinha valia com Ancoftão. Finalmente tanto andou pera o matar , té que hum dia no campo o fez , andando ambos a cavallo , fobre o qual cafo açudio Ancoftão ,

e an-

e ante que João Gomes se salvasse, foi tomado, e morto. Do qual caso procedeo mandar dar D. Goterre seu irmão D. Fernando que entrasse nas terras firmes, ao qual aconteceu o que se verá neste seguinte Capitulo.

CAPITULO VIII.

Como D. Goterre mandou D. Fernando com gente de cavallo, e de pé sobre o Capitão Ancoftão, na qual entrada morreo o Alcaide mór João Machado com muita gente nossa, e foi causa da Cidade Goa ser cercada té a vinda de Antonio de Saldanha, que partio deste Reyno com huma Armada.

DOm Goterre indignado mais com esta morte de João Gomes, determinou de se vingar; e pera isso ser mais a seu proposito, dissimulou o caso per alguns dias, nos quaes exercitava os moradores que tinham cavallos, irem ao campo escaramuçar, trazendo-os adestrados pera o que esperava fazer: do qual negocio deo conta a João Machado Alcaide mór de Goa, aquelle que a salvou no cerco grande que teve, (como atrás escrevemos.) Ao qual João Machado ElRey D. Manuel, por elle ser homem que sabia bem as terras firmes de Goa, deo hum Alvará, que havendo gente de cavallo, ou de pé fazer alguma entrada naquellas ter-

ras, não indo o Capitão da Cidade em pessoa, que elle fosse Capitão desta gente. Por a qual razão D. Goterre quiz que aquella vez desistisse do Alvará, dizendo que elle queria mandar seu irmão D. Fernando com alguma gente a castigar aquelle Mouro Ancollão, que tantas cousas lhe tinha feito, e que elle João Machado iria em sua companhia, como pessoa principal, por saber bem a terra, e o modo de pelejar daquelles Mouros, o que João Machado concedeo entre rogo, e força. Finalmente por se tudo fazer per modo que o Mouro não tivesse alguma suspeita deste ajuntar gente de cavallo, metteo D. Goterre aos moradores que jogassem as canas na festa de Espirito Santo, que elle elegeo pera esta ida; e passadas as canas, ao outro dia á tarde levou ao campo todolos encavalgados, e João Machado per outra parte levou a gente de pé, assi dos Portuguezes, como Canarijs da terra. Junta toda esta gente, depois que D. Goterre lhe denunciou sua tenção, pedindo-lhe quizessem acompanhar seu irmão naquella ida, que elle esperava ser de muita honra, e proveito pera todos, passaram pelo passo de Benastarij, onde estava prestes sua embarcação. Seriam de cavallo oitenta, e espingardeiros, e hésteiros de pé Portuguezes setenta, e muitos Canari-

narijs da terra. Postos em caminho pera Pondá, quando veio ao passar de hum passo mui estreito, como João Machado era homem de guerra, e sabia bem a terra, disse a D. Fernando que naquelle passo leixasse alguma gente de cavallo, e de pé, porque como aquelle lugar estivesse em poder delles, não lhe podia sobrevir cousa que lhe fizesse damno; e se lho tomassem, vindo gente grossa sobre elles, seriam perdidos; ao que D. Fernando logo proveo. Però tanto que se partio, os que alli leixou foram-se trás elle, não que os visse, dizendo, que elles guardariam o passo, e os outros iriam encher-se de muito despojo. E porque quando chegaram ao lugar de Pondá era ainda de noite, quizera João Machado que dessem no lugar ante manhã, pera tomarem os Mouros na cama, o que D. Fernando não quiz, senão que fosse manhã clara. E perdendo elle que lhe dessem a dianteira em modo do descubridor, entre inveja, e alvoroço que se havia de achar muita riqueza, e que os primeiros fariam mais seu proveito; tanto que João Machado partio, foram-se trás elle, e a todo correr dam Santiago no lugar, no qual impeto mettêram logo os Mouros em fugida, que já os tinham sentido, passando-se além de hum rio per humna ponte. No alcanço dos quaes fo-

ram alguns dos nossos , mas não muito ; porque vendo os Mouros quão poucos eram , tornáram sobre si , e os fizeram voltar per onde vinham , e isto já tão apertados , que como huns começáram virar as costas , os mais se puzeram em fugida desordenadamente. E chegando ao passo onde D. Fernando cuidava que tinha algum refugio nos homens que alli leixára , por vir já mui apressado de muitos Mouros que o perseguíam , achou que era tomado per elles , os quaes como eram senhores delle , e a seu salvo , polo lugar ser azado , podíam ferir em os nossos , e quantos vieram diante de D. Fernando , todos ficáram alli mortos. O qual , primeiro que chegasse áquelle passo , tinha feito duas , ou tres voltas sobre os Mouros de cavallo ; mas isso aproveitou pouco , porque quando fazia huua volta , achava menos dez , á segunda vinte de maneira , que vendo João Machado que se podíam perder todos , disse a D. Fernando : *Senhor , i tomar o passo , porque nelle está nossa vida , em quanto eu faço huma volta comprida com estes Mouros ; e se vos Deos levar a Goa , direis a vosso irmão que esta era a honra pera que vos elle cá mandou ; leixardes neste lugar os principaes homens que tinha debaixo de sua capitania , por satisfazer á sua indignação.* Na qual volta

ta que João Machado fez, entreteve algum tanto os Mouros, com que D. Fernando teve lugar pera passar o passo já per cima de corpos mortos da gente de pé nossa, e alguns de cavallo, que os Mouros que o guardavam, quasi a mão tenente matáram. Finalmente João Machado ficou morto no campo, e com elle cincoenta entre de cavallo, e de pé, e cativos vinte e sete, em que entráram criados d'ElRey, e outros homens honrados, e dos Canarijs cento e tantos entre mortos, e cativos, e muito mais morrêram delles senão se embrenháram, por saberem bem a terra. O qual caso foi mui sentido, e chorado em toda a Cidade, não sómente neste dia, mas per muitos, polo que ao diante succedeo d'elle: cá se levantou toda a terra contra nós, e o Hidalção escreveo a Sufo Larij seu Capitão mór daquellas terras, o qual residia em Bilgam obra de quinze leguas de Goa, que com Ancostão que fez este feito, e outros Capitães daquellas tanadarias fosse sobre Goa, e lhe puzesse cerco, pois quebrára as parzes que com elle tinha. Sufo Larij, porque o Hidalção lhe dava a capitania de Goa se a tomasse, e muita parte das tanadarias da terra firme a elle, e aos Capitães que fossem neste feito, não era passado hum mez da morte de João Machado, quando veio

com trinta mil homens, em que entravam quatro mil de cavallo; mas acháram já pe-
 jados os passos que elle vinha demandar
 pera passar a Ilha. Porque D. Goterre com
 a nova de sua vinda tinha provido na de-
 fensão delles com obra de quatorze fustas,
 e bateis, que repartio em duas capitánias,
 a D. Fernando seu irmão deo huma, e ou-
 tra a João Gonçalves de Castello-branco,
 com os quaes andavam Henrique de Tou-
 ro, Domingos de Seixas, Paulo Cerveira,
 Pero Soares, Pero Gomes, Pero Jorge, e
 outros Capitães. E a Cidade repartio em
 estancias, e vigias, derredor dos muros to-
 dolos Canarijs da terra que viviam pelas Al-
 deas, temendo que commettessem alguma
 traição, como aconteceu em tempo de Af-
 fonso d'Albuquerque. Com o qual cerco,
 posto que não foi derredor dos muros, só-
 mente per os passos da terra firme, que Su-
 fo Larij muitas vezes commetteo, sem po-
 der passar a Ilha, porque a Cidade se man-
 tinha do que cada dia lhe vinha de fóra;
 o tempo que alli esteve a poz em muita ne-
 cessidade, e padeceo assás de trabalho en-
 tre temor, e vigia, por andarem alli os do
 mar, como os da terra de dia, e de noite
 com as armas ás costas, acudindo ora nu-
 ma parte, ora noutra, sem terem algum re-
 pouso. E o mais que Sufo Larij fez em es-

ta sua vinda foi no passo Benestarij huma força defronte da nossa fortaleza, onde assentou alguma artilheria, com que fez pouco; porque huma peça de metal, com que nos fazia damno, lhe foi logo quebrada. Finalmente o cerco durou naquelle trabalho, em que os nossos fizeram honrados feitos, té Setembro, que João da Silveira, que invernou em Quiloa, chegou a Goa com quatrocentos homens, que era a gente da sua náó, e a que se salvou da de Francisco de Sousa Mancias. E sobre elle veio Rafael Prestrelo em hum bargantim, o qual havia pouco tempo que chegára a Cochij em huma náó; e como vinha rico da China onde fora, e era homem largo, e cavalleiro, metteo-se com elle muita gente. E dahi a vinte dias chegou Antonio de Saldanha com seis náos, com que deste Reyno partira por Capitão mór; com a chegada do qual não sómente Sufo Larij levantou o cerco, mas ainda per mandado do Hidalção assentou paz, vendo que mais lhe importava que a guerra, pois per tantas vezes estava defenganado não ser poderoso pera tirar de nosso poder aquella Cidade. E ficando de guerra, perdia o proveito que tinha com nossa comunicação, e mais aventurava perder as terras firmes, se as quizessemos conquistar: cá elle pola guerra que

tinha com ElRey de Bisnaga , não podia
 escusar Sufo Larij , e quantos com elle an-
 davam. E se o mandou commetter Goa ,
 não foi tanto pola entrada que D. Goterre
 mandou fazer , quanto por lhe parecer que
 á podia levar na mão aquelles mezes do in-
 verno , por haver conjunção pera isso , com
 as tregoas que com ElRey de Bisnaga nes-
 te tempo tinha , que lhe escufava parte da
 gente que veio áquelle cerco. E tambem
 teve grande esperança de lhe succeder bem ,
 por se dizer que Lopo Soares era perdido
 com toda a Armada no mar Roxo , e por
 isso tomou por causa deste commettimento
 mandar D. Goterre fazer aquella entrada ,
 tendo pazes com elle. E neste concerto de
 paz fez Sufo Larij entrega dos cativos que
 tinha Ancoftão , e ainda D. Goterre , e An-
 tonio de Saldanha tomáram por cautela de
 honra que estas pazes seriam té vir Lopo
 Soares pera as confirmar , se lhe bem pa-
 recessem , as quaes confirmou depois que
 veio. E posto que pareça , que neste lugar
 convinha darmos razão da viagem de An-
 tonio de Saldanha , nós o leixamos pera ou-
 tra parte , porque pera se melhor continuar
 o fio da historia he necessario escrever pri-
 meiro as cousas que se passáram em Mala-
 ca , em quanto Lopo Soares foi ao estre-
 ito , que não foram de menos trabalho , e

perigo, que as que elle passou, e assi Dom Goterre em o cerco de Goa.

CAPITULO IX.

Do que succedeo a Jorge de Brito depois que entrou na capitania de Malaca: e do que se passou nella depois de seu falecimento sobre quem o succederia no cargo de Capitão.

COMO atrás escrevemos, na Armada que deste Reyno partio o anno de quinze, Capitão mór Lopo Soares, foi Jorge de Brito Copeiro mór d'ElRey D. Manuel, ao qual elle fez mercê da capitania de Malaca em lugar de Jorge d'Albuquerque, que a servia, e fora provido della por Affonso d'Albuquerque. E de quão boa fortuna Jorge de Brito teve na brevidade de sua viagem, (como escrevemos,) tão contrária lhe foi depois que tomou posse della. Cá estando em muita necessidade de mantimentos, e todo o povo da terra descontente, e não mui seguro em sua vivenda alli, por causa da morte d'ElRey de Campar, que Jorge d'Albuquerque mandou matar, com a vinda d'elle Jorge de Brito se acabou de desbaratar de todo; e a causa foi querer usar de hum Regimento que levava d'ElRey, sobre o qual caso elle foi mal infor-

mado. E posto que Jorge d'Albuquerque, como experimentado nisto, aconselhava Jorge de Brito, todavia quiz elle ante seguir o Regimento d'ElRey, e conselho d'alguns dos nossos, que tiveram mais respeito a seus interesses, que ao bem da Cidade, começando logo de pôr mãos á obra. Que era tomar todos os criados que foram d'ElRey de Malaca, a que elles chamam Ambaráges, e assi as quintaãs chamadas duções, que eram dos Malayos naturaes da terra, e repartir esta gente, e propriedades per os moradores Portuguezes que alli viviam; e pera se melhor saber o damno que se daqui seguio, repetiremos este caso de seu principio. Quando Affonso d'Albuquerque tomou Malaca, o povo della com temor da furia da nossa entrada fugia pera onde esperava ter salvação; sobre o qual caso (como já escrevemos) elle mandou lançar pregões, que todos se recolhessem á Cidade povoar suas casas, segurando-lhes bom tratamento de suas pessoas, e os manter em justiça ao modo que dantes viviam. E quanto aos que se chamavam criados d'ElRey per este vocabulo Ambaráges, e assi aos escravos do mesmo Rey, que fora de Malaca, comprados per dinheiro, a que elles chamam Ballátes, viviriam debaixo da obrigação de serviço, e liberdade que tinham em poder del-

delle; e não vindo elles té hum certo tempo, todolos que fossen tomados, seriam prezos, e cativos. Com este pregão, e outros modos que Affonso d'Albuquerque teve com alguns principaes da Cidade, assi como Utimutirája, Nina Chetú, toda a gente que andava pelos matos fugida se tornou á Cidade de maneira, que em pouco tempo elle se tornou reformar de moradores. Depois em tempo de Ruy de Brito primeiro Capitão desta Cidade, e de Jorge d'Albuquerque, que foi o segundo, per Regimento de Affonso d'Albuquerque, sempre estes Ambaráges, e Ballates recebiam hum panno em dous tempos do anno pera seu vestir, e certas medidas de arroz pera ajuda de se manterem. E a obrigação que tinham os escravos era servirem na ribeira em a varação das náos, e outros misteres desta qualidade, e os Ambaráges por terem gráo de honra, serviam no mancio da feitoria, e todos estavam em suas casas, e liberdade, creanço seus filhos, e aproveitando suas fazendas; sómente quando eram chamados, acudiam ao serviço; mas com a vinda de Jorge de Brito, todo este uso se desordenou, lançando mão destes Ambaráges com nome de escravos d'ElRey. E algumas quintaãs, e propriedades que tinham homens principaes da terra, lhes eram

tomadas, dizendo não serem suas, mas de outros Malayos, que sugiram no tempo da entrada da Cidade, e elles as tomáram como cousa devoluta. O qual negocio foi em tanta desordem feito, que muitos homens livres ficavam cativos; porque como hum homem da terra queria mal a outro, hia ao Capitão, e denunciava d'elle ser escravo d'ElRey, e com duas testemunhas ficava condemnado, e outro tanto se fazia das propriedades. Vendo o povo como muitos homens livres eram cativos, com temor começaram despejar a Cidade, huns per mar, e outros per terra, o mais secretamente que podiam, por não serem retendos. Accrescentou-se mais a este mal outra cousa que muito indinou a gente mais nobre da terra; e foi, que estando em costume, quando da Cidade Malaca partiam juncos pera Maluco, Banda, Timor, Borneo, Patane, China, e outras partes, posto que nelles fosse fazenda d'ElRey, ou do Capitão, e officiaes da Feitoria, sempre a capitania do junco ficava com o senhorio d'elle. O qual costume Jorge de Brito mudou, mandando que o Capitão do tal junco fosse Portuguez, e com elle fossem alguns homens Portuguezes por maior segurança da fazenda. Finalmente estas mudanças fizeram tanto escandalo nos Malayos, e alli despovoáram a Ci-

a Cidade , que quando Jorge de Brito o quiz remediar , mandando lançar pregões , que todos se tornassem com grandes seguros , e liberdades que promettia , aproveitou pouco. No qual tempo veio elle fallecer de doença , leixando por Capitão da fortaleza a Nuno Vaz Pereira irmão de sua mulher , que servia de Alcaide mór , e este cargo deo a Antonio de Brito seu sobrinho filho de Lourenço de Brito , a qual mudança de officios tambem inquietou a terra , e a metteo em grande confusão. Porque dado que per Regimento d'ElRey os Alcaides móres succedem aos Capitães quando fallecem , neste succedimento não consentia Antonio Pacheco Capitão mór do mar , dizendo pertencer a elle , por alli estar ordenado per Affonso d'Albuquerque , quando leixou por Capitão da fortaleza a Ruy de Brito Patalim , ao qual havia de succeder Fernão Peres d'Andrade. Partida em duas partes esta competencia , Nuno Vaz com seus favorecedores estava na fortaleza , e Antonio Pacheco com sua Armada em huma ilha defronte de Malaca , e hum se vigiava do outro ; no qual tempo foi alli ter Fernão Peres d'Andrade , que hia pera a China , (da viagem do qual adiante faremos relação ,) e nunca os pode concertar. E partido elle , indo hum Domingo Anto-

nio Pacheco ouvir Missa, e passando per ante a porta da fortaleza com gente que o acompanhava, sahio Nuno Vaz de dentro, e tendo-se no lumiar da porta, disse a Antonio Pacheco, que lhe pedia, pois andavam em concerto de se determinar o seu caso per juizes louvados, que o quizesse ouvir perante aquelles homens que o acompanhavam. Chegado Antonio Pacheco á porta a ouvir o que Nuno Vaz queria, sahio de dentro da fortaleza hum Thomaz Nunes homem de muita força, e levou Antonio Pacheco nos braços, e com ajuda de outros que estavam pera isso, deram dentro com elle. E querendo os que o acompanhavam fazer nisto o que deviam á sua amizade, apagou Nuno Vaz toda a furia delles com grandes requerimentos de parte d'ElRey, e perdimento de seus ordenados, e prendendo tambem Pero de Faria, e outros da pareliadade de Antonio Pacheco. As quaes differenças não sómente acabavam em o damno, que estas duas partes se faziam, como gente mal avinda, mas ainda se descuidavam tanto em a defensão da Cidade, que puzeram a ElRey de Bintam em grande esperanza de se tornar a restituir ao estado de Malaca. Porque depois que Jorge d'Albuquerque mandou degollar seu genro ElRey de Campar, pelo artificio que

elle Rey de Bintam teve (como escrevemos) ficou tão glorioso daquelle negocio succeder segundo elle o ordenou, que com mais animo fez maiores Armadas pera saltar as náos que daquellas partes do Oriente vinham com mantimentos, e mercadorias a Malacca. E isto fazia elle em quanto a nova da morte de seu genro não foi sabida; porque depois que a fama della correu pelas terras vizinhas, e assi per a Java, e Ilhas comarcans, causou tanto escandalo, e principalmente depois que Jorge de Brito começou o negocio dos Ambaráges, que quasi todas as nações estavam indignadas contra nós, sem quererem acudir com os mantimentos que ordinariamente só liam trazer á Cidade, que era a principal cousa que ella havia mister. Assi que com nosso máo governo viemos a lhe dar tantas armas, que já mui ousadamente, depois que soube a differença, que entre aquellas duas partes havia, mandava dar villa com suas Armadas á Cidade; porque os nossos polo cuidado que traziam em si, se descuidavam deste inimigo, que não estudava em outra cousa. Finalmente por os bons successos que neste tempo teve, elle mandou a hum Capitão seu chamado Ciribiche de Rája, homem valente de sua pessoa, e prudente Capitão, o qual com huma Armada de lancharas, e calalu-

zes, que são navios de remo, se veio metter em o rio de Muar, que he cinco leguas de Malaca, onde fez huma fortaleza de madeira cousa tão defensavel, que parecia impossivel poder ser entrada; porque além da força dos páos, e entulho de terra, que da porta de dentro tinha, estava nos lugares de suspeita mui artilhada, que podia bem offender a quem a commettesse: Da qual força, como de parte tão perto da Cidade, este Capitão todolos dias lhe vinha dar rebates, não se contentando de defender que não viessem navios de fóra; mas tomando té hum pescador, se sahia pescar, sem neste tempo os nossos lhe poderem fazer algum damno, por a Cidade estar pobre de gente, e o Mouro dar estes rebates em modo de corredor, a fim de levar os nossos ao rio de Muar, onde tinha suas ciladas de mais vélas. A nova destas cousas foram levadas á India a Lopo Soares, depois que veio do estreito, per Verissimo Pacheco irmão de Antonio Pacheco prezo, que andava em hum navio por Capitão; o qual Lopo Soares vendo o risco que Malaca corria, ordenou de mandar D. Aleixo de Menezes a prover nella, e a metter de posse da capitania da fortaleza a Affonso Lopes d'Acosta, que deste Reyno fora provido por ElRey D. Manuel na vagante

te de Jorge de Brito. E provido de todas as cousas pera defensão da Cidade, partio de Cochij em Abril do anno de quinhentos e dezoito em tres navios, de que eram Capitães Jorge de Brito, D. Tristão de Menezes, e elle no terceiro, levando té trezentos homens que haviam de ficar na Cidade, por estar mui desfalecida de gente, o qual aportou nella a salvamento; e do que fez, tanto que chegou, diremos em outra parte, porque convem tornarmos a dar conta do que Antonio de Saldanha passou, que com a Armada em que foi por Capitão mór, e assi de algumas cousas que succedêram com sua chegada á India, depois que assentou as pazes de Goa, de que atrás fallamos.

CAPITULO X.

Da viagem que Antonio de Saldanha fez o anno de dezefete, que deste Reyno partio, e as cousas que passãram na India com sua chegada: e como Lopo Soares o mandou de Armada á costa da Arabia, e assi enviou D. João da Silveira ás Ilhas de Maldiva.

EL Rey D. Manuel pola experiencia que tinha dos serviços de Antonio de Saldanha nas partes da India, ordenou de o

mandar o anno de dezefete pera andar de Armada na costa de Arabia, e portas do mar Roxo em guarda das náos dos Mouros, que navegam aquellas partes, como já outra vez andára o anno de quinhentos e tres, (segundo escrevemos.) E porque de cá do Reyno não podia levar navios de remo, segundo convinha pera aquellas partes, escreveo a Lopo Soares que o provefse delles, conforme ás vélas que elle mandava que Antonio de Saldanha trouxesse de Armada. E além desta capitania mór, lhe deo mais a das náos da carreira, que aquelle anno partíram pera a India a trazerem a especiaria: os Capitães das quaes eram D. Tristão de Menezes filho bastardo de D. Rodrigo de Menezes, Affonso Henriques filho de Fernão de Sepulveda, e Manuel de la Cerda, que hia pera servir de Capitão na fortaleza de Calcut, e Fernão d'Alcaçova de Veador da fazenda, e Pero Quarelina de Feitor de Cochij. Partido Antonio de Saldanha com estas seis vélas, chegou á India a dezefete de Setembro com menos duas que invernáram, e foi sua chegada causa da paz que se assentou com Sufo Larij, como ora escrevemos; e neste mesmo tempo chegou tambem D. Aleixo de Menezes de Ormuz com os doentes, e trás elle veio Lopo Soares, que por ter lá pou-

co que fazer, não se deteve muito. O qual chegado a Goa, vendo Fernão d'Alcaçova com nome de Veador da fazenda, e Regimento, e poderes d'ElRey, que se estendiam a todo o governo da fazenda, e que quasi não ficava a elle Lopo Soares mais que o cuidado das cousas da guerra, e administração da justiça, (não porém que nas Provisões d'ElRey lhe fosse a elle posta esta limitação,) ficou mui descontente, por lhe dar elle coadjutor em seu officio, pois partira deste Reyno sem elle. E mais ser Fernão d'Alcaçova homem, que além do Regimento que levava se estender a muito, per condição elle o fazia chegar a tudo o que queria entender: donde nasceo, que primeiro que Lopo Soares chegasse, lhe achou já feito muitas cousas em Goa, que o a elle descontentáram. Finalmente aqui, e depois que as náos em Cochij estiveram á carga da especiaria, sobre mandar, que he o fermento de toda discordia, houve entre elles tanta, que causou vir-se Fernão d'Alcaçova aquelle mesmo anno pera este Reyno em companhia das náos da carga da especiaria Capitão de huma delas. As quaes differenças não sómente lhe custáram honra, fazenda, e muito trabalho que tiveram lá, e cá no Reyno, mas ainda a alguns Capitães das fortalezas: assi co-

mo D. Goterre Capitão de Goa, e Simão da Silveira de Cananor, e outros por impedirem a Fernão d'Alcaçova em algumas cousas usar do regimento de seu officio, da qual jurdição elles estavam em posse. Porque foram depois de sua chegada a este Reyno demandados polo Procurador da Fazenda d'ElRey, e perdêram seus ordenados; posto que ElRey D. Manuel tornou boa parte a alguns por lhe fazer mercê, e principalmente ElRey D. João seu filho depois que reinou. E daqui começou este costume, serem todos os Governadores da India, depois de sua vinda a este Reyno, accusados de culpas, e os que lá acabáram a morte foi causa de não procederem contra elles, por ser cousa geral ser ella o fim de todas; ou (por melhor dizer) ella tira a inveja, e competencia entre os vivos, donde nascem os odios, que fazem muitas vezes culpas onde as não ha. E quanto neste Reyno reina esta enfermidade, o discurso de muitas cousas que vimos em nossos tempos, e outras que ante passáram, são testemunho desta verdade: cousa certo muito pera condoer da nação Portuguez. Porque no meio da fome, da sede, e de tantos mil generos de trabalhos, e muito perigo que passam naquellas partes, e no fervor da occupação de adquirir fazenda, cau-

Tom. III. P. I.

GNIMPENSA
NACIONAL

fa principal que os lá leva, assi estam inteir-
ros, e promptos pera espreitar os feitos de
quem os governa, e de seus naturaes con-
que communicam, como se fossem livres
destas cousas, e nelles não houvessem as
proprias culpas, e não pudessem ser cita-
dos por maiores ante o juizo de Deos,
e dos homens. E o que peor he ácerca des-
te modo de culpar, que são algumas ve-
zes mais punidos vicios da pessoa, que er-
ros do officio: como se não fosse mais dam-
no huma culpa, que hum defeito; por a
culpa proceder de acto contra preceito, e
o defeito da compleição natural de cada
hum, cousa que mui trabalhosamente se
muda, ainda que o paciente mude o esta-
do. E por evitar este damno em cousa de
tanta importancia, como he o governo da-
quellas partes do Oriente, primeiro que os
homens sejam providos das capitánias, e
officios principaes delle, se devia ter res-
peito mais aos costumes, e habilidade de
cada hum, que á qualidade da pessoa, e
serviços que tem feito; porque estas duas
cousas quando obrigam, podem-se pagar
com mercê de fazenda, e não com gover-
no de estado, cá fazer habilidade pera el-
le, ainda que os principaes muito podem,
nesta parte mais póde a natureza. Por tan-
to não se aqueixem daquelles, que são de-

feituosos em seus officios , mas de si mesmo ; pois ante que mettessem os taes nos cargos , de que os querem arguir de máo governo , já eram sabedores quão mal se elles governavam ; e quem mal governa sua pessoa , e casa , não se deve esperar d'elle que governe bem as alheas , que he já huma policia , que requer grandes partes em hum homem. Tornando a Lopo Soares , como ficou defabafado dos requerimentos , e protestos de Fernão d'Alcaçova , começou logo entender em mandar aquelle verão alguns Capitães a diversas partes , e negocios : a D. João da Silveira ás Ilhas de Maldiva assentar pazes com o Rey de huma dellas ; a D. Aleixo de Menezes assentar as cousas de Malaca , de que ora escrevemos ; e Manuel de la Cerda , em quanto não entrava a servir a capitania de Calecut , que tinha , mandou a Dio com dous navios a negocio , em que não fez cousa pera nos determos na relação della , e por isso não tornaremos mais a elle , sómente aos outros , como se verá adiante. E assi mandou a Antonio de Saldanha com huma Armada de seis vélas á costa de Arabia , como ElRey D. Manuel mandava ; e não levou os tantos navios de remo , como elle fazia fundamento levar , porque os havia mister Lopo Soares pera a ida de Ceilão ,

como se adiante verá. Os Capitães das quaes seis vélas eram elle Antonio de Saldanha, Alvaro Barreto, Miguel de Moura, Fernão Gomes de Lemos, Antonio de Lemos seu irmão, e Nuno Fernandes de Macedo. Na qual viagem indo Antonio de Saldanha tanto avante como o cabo de Guardafu, que he o fim mais Oriental de toda a terra de Africa, topou a não Trindade, de que fora Capitão D. Alvaro da Silveira, per cuja morte os da não fizeram Capitão Francisco Marecos, ao qual Antonio de Saldanha prendeo, por achar na inquirição que tirou da morte de D. Alvaro, que elle emprestára hum punhal a Mendafonso principal author della; e assi prendeo Jeronymo d'Oliveira, que era o outro segundo, que já escrevemos. Partido deste cabo, pola nova que lhe deram os da não, foi buscar hum Mouro chamado Suf, morador em Cambaya, homem poderoso, que andava tratando per aquella costa com hum não grossa, e dous navios pequenos, em que trazia seiscentos homens, o qual per algumas vezes arribou sobre a nossa não Trindade pera a tomar, que per aquella costa andava com vinte e cinco homens, que a mal podiam marear; mas salvou-os Deos em o tempo sempre lhe servir, com que o Mouro não pode chegar a ella. Pe-

ró Antonio de Saldanha, posto que nisso fez diligencia per todos aquelles portos, nunca o pode achar, e converteo a indinação que trazia delle em dar na Cidade Barbora, que está naquella costa de Africa. A qual Cidade però que não he tão nobre como Zeila, que está acima della contra o Noite dezoito leguas, quasi a quer imitar em a maneira de seus edificios, e viver da gente, e entrada, e sahida das cousas do Reyno Adel, cujo Rey he senhor della, e sómente tem alli Governador, como em Zeila. E segundo sua situação parece ser aquella, a que Ptolomeu chama Malaca, e faz emporio, e escala daquella costa, tão notavel como Zeila, però que as ponha mais distantes huma da outra, do que ellas estam. Os Mouros moradores della, depois que passou o feito da tomada de Zeila, que fora o anno atrás, sabendo que per aquella costa andava huma Armada nossa, estavam tanto á lerta, e assi tinham espias no mar em quantas voltas ella dava, que quando Antonio de Saldanha chegou, não teve mais que fazer, que entrar nella vazia de gente, e fazenda, sómente se houve alguma miseria, e mantimento escondido; a tudo o mais, e ao casco da Cidade Antonio de Saldanha mandou pôr o fogo, em quanto se deteve em fazer sua aguada. Passado

daquelle costa á outra de Arabia ; foi tomar hum porto abaixo da Cidade Adem, onde mandou dar pendor á não Trindade, que se hia ao fundo com a agua que fazia, com fundamento de entrar no estreito ; o que deixou de fazer, por o tempo pera entrar, e sahir ser mui breve ; e temeo que invernando dentro, poderia receber a perda de gente, como era morta a Affonso d'Albuquerque, e Lopo Soares. Assi que com este conselho se fez á véla pera ir invernar a Ormuz, e de passagem deo vista á Cidade Adem, que o servio com mantimentos. Chegado a Ormuz, onde esteve com toda sua frota aquelle inverno, ante de sua partida, mandou Francisco de Gá, que alli ficára da Armada de Lopo Soares, que lhe fosse fazer prestes mantimentos a Calayate ; però quando Antonio de Saldanha chegou, não os achou prestes. Porque nesta costa com hum tempo que teve, se perdeu Francisco de Gá, com o qual se tambem perdeu João Rodrigues do Pao, aquelle que matou Mendafonso, matador de D. Alvaro Capitão da não Trindade, que Antonio de Saldanha trazia em sua companhia. O qual por razão destes mantimentos que lhe faleciam, se deteve alli alguns dias, e dahi poz rosto na costa do Reyno de Cambaya áquem da Cidade Dio, onde

DECADA TERCEIRA.

LIVRO II.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descobrimento, e conquista dos mares, e terras do Oriente: em que se contém o que fez Lopo Soares d'Albergaria, que per ElRey D. Manuel governou, e conquistou aquellas partes por tempo de tres annos.

CAPITULO I.

Em que se descreve o sitio, e cousas da Ilha Ceilão, a que os antigos chamam Taprobana.

A ILHA, a que geralmente chamamos Ceilão, cujo Rey Lopo Soares hia metter debaixo da obediencia d'ElRey D. Manuel, está situada defronte do Cabo Comorij, que he a terra mais austral de toda a India, que jaz entre os dous illustres rios Indo, e Gange. A qual Ilha he quasi em figura oval, e o seu lançamento fica ao longo desta costa da India per o rumo, a que os mareantes chamam Nordeste, cuja ponta, a que jaz mais ao Sul, está em

altura de seis grãos, e a do Norte quasi em dez, com que o comprimento della será setenta e oito leguas, e a largura té quarenta e quatro; e a ponta mais vizinha á terra firme distará della pouco mais ou menos dezeseis leguas. E este transito, e estreito d'antre ambas as terras he tão cheio de ilhetas, baixos, e restingas, que se não póde navegar senão per certos canaes; e se he fóra do seu tempo, com tanto perigo, que anda entre as gentes daquelle Oriente outra fabula, como a de Charybdes, e Scylla entre Sicilia, e a terra de Italia. E tambem como cá se tem por opinião, que ambas estas terras foram contínuas huma á outra, assi naquellas partes tem outro tanto da Ilha Ceilão, e da terra do Cabo Comorij; e á mostra que ambas ellas fazem, parece ser mais verdadeira a sua, que a nossa. Porque no tempo que o mar está quieto, vam os homens que per alli navegam, vendo tudo o que jaz no fundo da agua, por o parcel ser baixo, e a agua mui clara; e quem disto tem mais experiencia são os que alli pescam o aljofre. Da qual pescaria, por esta ser das mais principaes daquellas partes, em os Livros do nosso Commercio no Capitulo das perolas, e aljofre particularmente tratamos. Confirma tambem esta opinião de a terra da Ilha ser conjunta

á costa da firme, o que dizem os povos della, principalmente os de Choromandel, fallando do tempo que o Bemaventurado Apostolo S. Thomé converteo á Fé de Christo aquella região. Dizendo que ante que se convertesse o Rey da Cidade Meliapor, onde elle prégava, aconteceu que á costa do mar veio ter hum páo de formosa grandeza, o qual desejava El Rey de aproveitar pera madeira, e taboado de humas casas, mandou ajuntar muita gente, e Elefantes pera o tirar a terra, però nunca o pode fazer, por mais trabalho, e industria que nisso poz. O Santo governado pelo espirito de Deos, porque este páo havia de ser hum meio de elle ser conhecido, e adorado naquella terra, pediu ao Rey que lhe dêsse o páo, e lhe aprovesse, que no lugar onde o elle levasse, de sua madeira edificaria hum casa de oração dedicada ao Senhor, que elle prégava. Concedido pelo Rey este petitorio do Santo, quasi como cousa impossivel, elle, (tirada a cinta, com que andava cingido,) a atou em hum esgalho da ponta delle, e fazendo o sinal da Cruz, a arrojões o levou á Cidade Meliapor, que eram dalli seis leguas das suas, e das nossas doze, onde fundou a casa: e o que sobre este caso mais succedeo contamos adiante, fallando particularmente da conversão da gente,

te, que este Santo Apostolo alli fez. Trouxemos aqui esta memoria sua, porque se saiba, que estando a Cidade Meliapor doze leguas ha mil e quinhentos e tantos annos afastada do mar, como elle tanto da terra, que ao presente está hum tiro de pedra desta povoação; e segundo affirmam os naturaes, o mesmo Santo profetou haver de ser alli: dizendo, que ao tempo que o mar chegasse áquella Cidade, huma gente branca do Ponente, que cresse no Senhor que elle denunciava, viria ter áquellas partes, e faria nella habitação. E però que da grandeza que a Cidade Meliapor teve naquelle tempo, quando os nossos alli foram ter, quasi toda era assolada com guerras do tempo dos Chijs, por alli terem a maior habitação sua, (de que hoje parecem grandes edificios seus,) os nossos em memoria deste Apostolo Santo, reformáram esta povoação com muitas casas de pedra, e cal, que nella são feitas; e em reverencia da Casa do Apostolo, que hoje alli está, mudáram nome de Meliapor, e lhe chamam S. Thomé. E quando alguns dos nossos se acham cansados do trabalho das guerras da India, e principalmente tomados da pobreza, a esta Cidade do Santo vam repoufisar, e he feita huma Colonia de Cavalleiros Veteranos, como tinham ordenado os Romanos áquelles,

que per decurso de annos jubilavam na guerra. Anda tambem na lembrança dos naturaes da Ilha Ceilão este nome não ser proprio della, mas imposto acafo: cá o seu nome antigo he Ilanáre, ou Tranate, como outros dizem, e entre os letrados allí he chamada, posto que o uso commum, e tempo tem já tomado tanta posse, que geralmente se chama Ceilão; e o caso donde lhe ficou este nome, segundo contam os seus letrados, que alguma memoria tem das cousas antigas, foi este. No tempo que os Chijs conquistáram aquellas partes por razão da especiaria, entre o transito desta Ilha, e a terra firme, com hum tempo, a que elles chamam vara, que he o que faz as maravilhas do seu Scylla, e Charybdes: em hum dia perdêram oitenta vélas, donde aquelle lugar se chama Chilão, e nós os baixos de Chilão, que ácerca delles quer dizer os perigos, ou perdição dos Chijs. E como nas terras novamente descobertas primeiro se nota per os mareantes, que as descobrem, os perigos do mar, onde podem receber danno pera aviso dos vindouros, que o proprio nome da terra: quando os Arabios, e Parseos, que depois dos Chijs per commercio entráram em a navegação daquellas partes, do Cabo Comorij por diante, como cousa em que deviam ter tento em seu na-

vegar, traziam muito na boca estes baixos de Chilão, e por não saberem o proprio nome da Ilha, que era Ilanáre, deram-lhe este dos seus baixos. E porque esta syllaba Chij não corre muito na boca dos Arabios, e Parsecos, e he-lhe mais corrente na sua lingua estoutra Ci, por terem duas letras no seu alfabeto, que querem imitar a ella na prolação, as quaes são, Cim, e Xin, mudando Chi em Ci, chamáram á Ilha Ceilão, ou (por fallar mais conforme a elles) Cilan, e nós lhe chamamos Ceilão. Este nome he segundo a gente popular, que os letrados Arabios, e Parsecos em suas Geografias per nome antigo lhe chamam Serandib, dos quaes nós temos alguns volumes em sua propria lingua, onde o vimos; e a causa porque lhe deram este nome, em a nossa Geografia a escrevemos. E parece que naquelle antiquissimo tempo, de que os Geógrafos della escrevêram, era da grandeza que a fazem os seus naturaes, dizendo que tinha em roda mais de setecentas leguas, e que o mar a foi comendo, e daqui viria, (se queremos salvar Ptholomeu,) dar-lhe elle tanto comprimento, que passa além da linha Equinocial contra o Sul dous grãos e meio. E sendo isto assi, pôde ficar verdadeiro o que conta Plinio, que no tempo de Claudio vieram quatro Embaixa-

TIO ASIA DE JOÃO DE BARROS

dores a Roma do Rey desta Ilha Taprobana, e que se espantavam verem cahir as sombras que o Sol fazia pera a parte desta nossa habitação, e não pera a sua, que era contra o Sul, por habitarem além da linha Equinocial. E que parece tambem no tempo de Ptholomeu já havia alguma noticia deste nome Ceilão; porque fallando elle della, diz que antigamente lhe chamavam Salica, e aos naturaes Sali. O nome Simondi seria no tempo que os Chijs a senhoreavam, e que por sua causa ácerca daquelles, que navegavam para ella destas partes do mar Roxo, lhe dariam aquelle nome, porque aos mesmos Chijs, fallando Ptholomeu da propria região delles, chama elle Sine. E depois, pola causa que dissemos que procedeo delles, perdendo a posse daquella Ilha, foi chamada Ceilão, que corresponde ao nome corrupto de Salica, ou Sali, que lhe elle chama. E os povos do Reyno de Sião, fallando della, lhe chamam Lancá, e tem por memoria de suas escrituras que foi já conjunta com a outra terra firme do Cabo Comorij, e isto no tempo que a veio habitar Adam, que alli chamam elles per nome proprio ao primeiro homem, e por outro nome lhe chamam Po, Con; que quer dizer primeiro pai, do qual homem veremos logo o que a mesma gente

da Ilha fente. Serem os Chijs senhores da costa Choromandel, parte do Malabar, e desta Ilha Ceilão, e das chamadas Maldiva, além de o affirmarem os naturaes della, são disso testemunho edificios, nomes, e lingua que nella leixáram, como fizeram os Romanos, ácerca de nós os Hespanhoes, com que não pudémos negar sermos já conquistados per elles. Na qual Ilha leixáram, (segundo os naturaes dizem,) huma lingua, a que elles chamam Chingálla, e aos proprios póvos Chingállas, principalmente os que vivem da ponta de Gálle por diante na face da terra contra o Sul, e Oriente. Porque junta a esta ponta fundáram huma Cidade per nome Tanabaré, de que hoje muita parte está em pé; e por ser pegada neste Cabo Gálle, chamou á outra gente, que vivia do meio da Ilha pera cima, aos que aqui habitavam, Chingálla, e á lingua delles tambem, quasi como se dissessem lingua, ou gente dos Chijs de Gálle. Os quaes Chijs desistiram da navegação da India por lhe consumir muita gente, náos, e substancia; e os póvos que ficáram delles, por ser gente mistiça de muitas, e diversas regiões, aborrecida aos moradores do maritimo da outra parte da Ilha contra a terra do Cabo Comorij, leixáram os portos de mar, e recolhendo-se ás ferranias, onde sempre ha-

bitáram. E desta gente he a montanhez, com que elles ao presente tem guerra, e outros se foram á Comarca de Choromandel, que he na terra firme, onde havia muitas colonias, e povoações dos mefmos Chijs, donde a gente desta terra tambem hoje tem a lingua Chingálla, que diffemos. Os outros nomes, e cousas que os Geografos dam a esta Ilha, leixamos pera os Commentarios das Taboas da nossa Geografia, por ser materia propria daquelle lugar, onde se verá o engano que alguns presentes recebem em dizer que a Aurea Chersonezo, a que nós chamamos Çamatra, he a Taprobana, e o mais que a antiguidade fabulou destas duas Ilhas. O que nos ora convem he saber ser ella de mui excellentes, e puros ares, e pola maior parte fertil, viçosa, principalmente de oito grãos pera baixo do maritimo até o Cabo de Gálle, e a ferra. E nesta distancia, que será huma faixa de té vinte leguas de comprimento, e dez de largo, he a maior povoação, e os mais portos de mar, e onde a natureza produzio toda a canella, de que naquellas, e nestas partes se tem uso. Verdade he que em muitas das regiões do Oriente se acha alguma, mas he agreste, e brava, como em os Livros do nosso Commercio se verá no Capitulo della, e assi dos rubijs, olhos de gato, çafiras,

e outro genero de pedraria, que nella ha; però nenhuma chega em fineza em sua propria especie ás tres que nomeámos: cá estas tres sortes, as finas dellas, são as mais perfeitas de todas aquellas partes. Dos metaes tem ferro sómente, que se tira em duas partes, a que chamam Cande, e Tanavaca; e se nella houvera tanto ouro, como dizem os antigos, os naturaes são tão amigos delle, e tão diligentes de pedir á terra o metal, e pedraria que tem dentro em si, que já deram nelle. Da especiaria, além da cannella, de que ella he madre, (como dissemos,) tem pimenta, cardamomo, brasil, e algumas tintas, de que os naturaes se servem pera tintura de seus pannos; dellas são raizes, outras páo, e outras folhas, e flor. Tem grandes palmares, que he a melhor herança daquellas partes; porque além do fruto delle ser mantimento commum, são estas palmeiras proveitosas pera diversos usos, do qual mantimento, chamado coco, ha aqui grande carregação pera muitas partes. Os Elefantes della, de que ha boa criação, são os de melhor distincto de toda a India; e porque notavelmente são mais domaveis, e formosos, valem muito, e tem muita criação de gado vacum, e bufaras, de que se faz grande cópia de manteiga, que se leva de carregação pera muitas partes. Tem mui-

Tom. III. P. I.

H

to

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

to arroz, principalmente em huua Comarca, que jaz na face da Ilha, que está ao Oriente chamada Calou, que he Reyno, por razão do qual arroz, que elles chamam bate, se chama o Reyno Batecalou, que interpretam o Reyno do arroz. Finalmente affi dos frutos, e sementes naturaes, como das estranhas, que nella plantam, e semeam, he tão fertil, por ser a terra em si apta para tudo, que parece que fez della a Natureza hum pomar regado, porque não ha mez do anno que não chova nella, e o maritimo he quasi alagadiço, e retalhado com rios, huns delles de agua doce, que descem do meio do sertão das serranias, e outros á maneira de esteiros, que faz o mar. As quaes serranias estam quasi á feição oval da mesma Ilha, lançadas de maneira, que parecem hum curral de pedra ençossa, porque no meio leixam a terra chã sem aquelles picos, e aspereza que tem este circuito de serras. Não que ellas sejam tão escalvadas, que em si não tenham arvoredos, porque per antre aquellas pedras, e picos tudo he entulhado de arvores de muitos generos, e per tres, ou quatro partes, á maneira de passos dos Alpes de Italia, se entra dentro neste circuito, que he hum Reyno chamado Candé. E se os Reys della se não fizeram herdeiros de seus vassallos, tomando-lhes toda a fa-

a fazenda , que acham á hora da morte , de que dam aos filhos algumas cousas se querem , fora muito mais fructifera , e abastada ; mas com este temor não querem agricultar cousa alguma. Tem quasi na ponta desta serrania , obra de vinte leguas da costa do mar , huma Serra tão alta , e ingreme , que sóbe em altura de sete leguas ; e em o cume della faz huma planice em redondo de tão pequena quantidade , que será pouco mais de trinta passos de diametro. Em meio da qual está huma pedra de dous covados mais alta que a outra planice ao modo de meza , e no meio della está figurada huma pégada de homem , que terá de comprimento dous palmos , a qual pégada he havida em grande religião , por a opinião que anda entre os naturaes : cá dizem elles ser de hum homem santo natural do Reyno Delij , que he abaixo das fontes dos rios Indo , e Gange : O qual veio ter a esta Ilha , onde esteve per espaço de muitos annos , e mettendo os homens em uso de serem , e adorarem hum só Deos Creador do Ceo , e da terra , a que elles chamam Deunú , e depois se tornou ao Reyno Delij , onde tinha mulher , e filhos. E passados muitos annos de sua vida , á hora da morte tirou hum dente , e mandou que fosse trazido a esta Ilha , e dado ao Rey da terra , pera ser

tido em memoria sua, além da pégada do pico, o qual dente hoje em dia os Reys tem como Reliquia Santa, a que encomendam todas suas necessidades. E desta opinião gentia vieram os nossos chamar a este monte o Pico de Adam, ao que elles per nome proprio chamam Budo. Do qual monte nascem tres, ou quatro rios, que são os principaes que regam a maior parte da Ilha; e em alguns lugares he tão ingreme esta ferrania do monte, que per espaço de trinta braças se sóbe a elle per cadeas de ferro, em que se os homens pégam, por fazerem sua romaria a esta pégada. A qual cousa he tão celebrada de toda a gentildade daquelle Oriente, que de mais de mil leguas concorrem alli peregrinos, principalmente aquelles a que chamam Jógues, que são como homens, que leixando o Mundo, se dedicáram todos a Deos, e fazem grandes peregrinações por visitarem os templos dedicados a elle. Muitas cousas contam os naturaes desta Ilha da sua santidade, e da dos seus Sacerdotes, e Bramanes, que leixamos pera quando tratarmos della em a nossa Geografia, e assi dos costumes da gente, e estado dos seus Reys, e ceremonias com que se servem, e guardam entre si. Ao presente o que convem pera nossa historia he saber que ella está dividida em

nove estados, e cada hum d'elles se chama Reyno. O primeiro, e mais notavel he senhor quasi daquella faixa de terra, em que dissemos crear-se toda a canella, o qual jaz da parte do Ponente da Ilha, e tem os mais, e melhores portos do mar que ha nella, cuja principal Cidade se chama Columbo. Afastada do qual está huma força, em que se o Rey recolhe, chamada Cóta, como nós cá dizemos fortaleza, por se apartar do concurso dos mercadores que concorrem áquelle porto de Columbo, e este era o que Lopo Soares hia buscar. Outro Reyno jaz a Sul deste na ponta desta Ilha, ao qual chamam Gálle, e pela parte do Oriente confina com o Reyno de Jaula, e do Norte com outro chamado Tanaváca; e o que está no meio do sertão desta Ilha todo cercado de ferrania, que tem em lugar de muro, he o Reyno Cande. E pelo maritimo desta Ilha ficam estes Reynos, Batecalou, que he o mais Oriental della; e entre elle, e o de Cande, que lhe fica ao Ponente, está outro chamado Vilacem; e indo pela costa da Ilha contra o Norte arriba de Batecalou está o Reyno Triquinamalé, que pela costa acima vai vizinhar com outro chamado Jafanapatam, que está na ponta da Ilha contra o Norte, os quaes Reynos per dentro do sertão se vam vizinhar huas com

os outros. E são tão grandes entre si, quanto maior poder tem os Gentios, e infeiçõe que os possuem: cá não tem outras demarcações senão a posse de cada hum, por isso não lhás podemos dar com verdade, pois a cubiça dos homens não tem certos limites, ainda que tenham leis Divinas, e Humanas té onde se estende o que podem ter.

C A P I T U L O II.

Como Lopo Soares, per mandado d'ElRey D. Manuel, foi á Ilha Ceilão fazer huma fortaleza: e o que passou ante de ser feita com o Rey da terra, o qual ficou tributario deste Reyno.

ELRey D. Manuel, porque tinha muita informação da fertilidade desta Ilha, e sabia della proceder toda a canella daquellas partes, e que o senhor de Gállé pelo modo que se teve com D. Lourenço, (como atrás contámos,) lhe queria pagar parcas, por estar em sua amizade; e que depois per meio de Affonso d'Albuquerque o Rey de Columbo, que era o verdadeiro senhor da canella, queria ter essa paz, e amizade, escreveu a elle Affonso d'Albuquerque, que em pessoa fosse a esta Ilha, se lhe bem parecesse, fizesse neste porto de Columbo huma fortaleza, por segurar

com ella as offeras deste Rey. Però como Affonso d'Albuquerque se, em quanto viveo, teve outros negócios mais importantes ao estado da India, e que primeiro convinha serem seguros; que esta Ilha Ceilão, e mais como o Rey acudia mui bem com toda a canella que nos era necessaria, dissimulou com as lembranças, que lhe El Rey cada anno sobre este caso fazia, dando-lhe estas, e outras razões porque leixava de o fazer. Vindo Lopo Soares á India, tambem trouxe esta lembrança; e porém primeiro acudio ao estreito do mar Roxo, que pelas razões de Affonso d'Albuquerque era mais importante; e vendo quão pouco tinha feito neste caminho, por quão mal as cousas succedêram, e que aquelle anno de dezoito podia vir outro Capitão mór, e Governador, quiz primeiro que se fosse leixar feita esta obra de suas mãos. E posto que tinha este anno mandado muita gente, e náos a diversas partes, assi como Antonio de Saldanha ao estreito, D. Aleixo a Malaca, D. João da Silveira ás Ilhas de Maldiva, que lhe minguavam pera fazer esta obra, e era honesta escusa pera a não commetter, com tudo se determinou a isso; porque segundo a informação que teve da navegação da Ilha por razão dos baixos que tem, bastavam galés, e outros navios de

remo, e alguns navios de alto bordo para levar munições para a obra da fortaleza. E quanto ao número da gente de peleja, elle tinha por certo, segundo o que era passado da vontade que o Rey mostrava, não haver algum impedimento no fazer da fortaleza. Assim que com este fundamento, no Setembro daquelle anno, de dezoito partio de Cochij, levando huma frota de dezesepte vélas, de que as sete eram galés, Capitães Manuel de la Cerda, Lopo de Brito, Antonio de Miranda d'Azevedo, João de Mello, Gaspar da Silva, Christovão de Sousa, Diniz Fernandes de Mello, na qual hia Lopo Soares. E eram mais oito fustas, que D. Fernando de Monroy trouxera de Goa, que aquelle inverno elle Lopo Soares mandára concertar para esta viagem, e assim levou duas náos com munições, na qual frota iriam té setecentos homens de armas Portuguezes. Seguindo Lopo Soares sua viagem, sendo já quasi abarcado com o porto de Columbo, que elle hia demandar, foram-lhe os ventos tão ponteiros, que as aguas que corriam com elles ao longo da costa, lhe abatêram o caminho, e deram com elle no fim da Ilha no porto de Gálle, que será de Columbo vinte leguas, onde se deteve mais de hum mez, té que o tempo lhe deu lugar para ir a Columbo,

e chegou com toda sua frota. Este porto de Columbo quasi quer imitar hum anzolo, porque tem aquella entrada espaçosa, per meio do qual córta hum rio; e a ponta onde este anzolo faz a farpa com que prende, he tão aguda, e assi se afasta do corpo grosso da outra terra, que com huma pedra se pôde passar a grossura della, e cortada com huma cava, fica quasi em Ilha, sem ter outra entrada senão pela cava. Lopo Soares como vio a figura do porto, e quão proveitoso era o agudo daquella ponta para fazer a fortaleza, assentou logo com os Capitães de ser naquelle lugar. Porém primeiro que sahisse em terra, mandou recado a ElRey per João Flores, notificando-lhe a causa de sua vinda áquelle porto, dando algumas razões porque ElRey seu Senhor desejava ter alli huma fortaleza, referindo todo este caso á infidelidade dos Mouros que alli vinham ter, e ao antigo odio que tinham com os Portuguezes, e principalmente ao muito que elle Rey ganhava, fazendo-se alli aquella fortaleza; assi por razão d'ElRey D. Manuel seu Senhor com ella ficar obrigado á defensão d'elle Rey contra seus inimigos, como porque tendo commercio com os Portuguezes, todo seu Reyno seria mui rico, e abastado das cousas do Ponente. ElRey como havia dias que com

Af-

Affonso d'Albuquerque andava neste trato, e era mui desejofo deste commercio, vendo quão rico se fizera ElRey de Cochij com elle, e que depois que entráramos na India, elle mesmo Rey começava sentir em sua fazenda o proveito que havia de ter; tanto que vio o recado de Lopo Soares, lhe concedeo a fortaleza, mandando-o visitar com palavras, que mostravam este contentamento. Os Mouros de Calecut, e de toda aquella costa do Malabar, como depois de nossa entrada na India de todas partes andavam enxotados de nós, e nesta Ilha Ceilão tinham algum refugio, por nossas Armadas não irem a ella; alguns que se alli acháram na chegada de Lopo Soares, però que se affombráram em o verem no porto, quando souberam que ElRey lhe concedia fortaleza, ficáram de todo mortos. Finalmente á força de peitas, que em toda parte podem mais, que vivas razões, affi transformáram o animo dos acceitos d'ElRey, e o seu com o conselho delles, representando-lhe perigos de sua vida, e perda de seu estado se alli nos desse lugar para fortaleza: que querendo Lopo Soares huma manhã sahir em terra a abrir a cava naquella ponta, que elegco pera a fortaleza, achou que per industria dos Mouros estavam alli huns cavalloos á maneira de trincheiras com

reparios de madeira, em que puzeram certas bombardas de ferro com gente frêcheira posta em defender a terra. E não abafou isto, mas ainda foram alguns homens dos nossos prezos, que como em parte segura eram sahidos em terra, dos que andavam nestes recados entre elle Lopo Soares, e ElRey, quasi em modo de refenspera depois per meio delles se valerem, se o caso não succedesse bem. Lopo Soares quando soube o gazalhado com que o queriam receber em terra, havido conselho com os Capitães, mudou o modo da sahida, fazendo fundamento que a poder de ferro havia de lançar aquelle impedimento, que lhe tolhia o fazer da fortaleza; o qual entendeo ser industriado pelos Mouros, principalmente depois que mandou de perto ver as estancias, e que gente era a que estava em defensão dellas. A qual determinação fez em toda a gente de armas tanto alvoroço de prazer, quão triste estava d'antes, vendo que ElRey dava de boa vontade lugar pera se fazer a fortaleza; e que naquelle negocio haviam de exercitar mais a força de seus braços, como mecanicos com pedra, e cal ás costas, sem premio de fazenda, e honra, que com a espada na mão como cavalleiros, com a qual elles conseguiam estas duas cousas. Lopo Soares pos-

to que vio este alvoroço na gente, depois que foi notificado o que tinha assentado com os Capitães, não quiz fahir aquelle dia, deixando pera o seguinte ante manhã pera ir melhor provido; e assi se fez, tomando terra sem os inimigos lha impedirem. Porque como elles tinham as forças mais nas bombardas, e tranqueira, que no animo, não ouzaram de se desapegar dellas, e estavam naquelle lugar como homens, que se queriam mais defender, que offender. Os nossos tanto que Lopo Soares deo Sant-Iago, sem ter conta com a fumaça das suas bombardas, nem olhar onde apontavam, era a competencia entre elles a quem primeiro treparia per as estancias acima, como que no alto dellas estava o premio da victoria particular de cada hum. Però a alguns custou este animo sangue, e vida: cá não somente de settas, e espingardões foram alguns feridos, mas ainda mortos das bombardas, o principal dos quaes foi Verissimo Pacheco, que (como dissemos) era vindo de Malaca com a nova da prizão de seu irmão Antonio Pacheco. Andando este conflito ás escuras da fumaça da artilheria hum pequeno espaço, em quanto os nossos se detinham no subir da estancia; tanto que hum golpe dellas se fizeram senhores della, assi descozêram na carne dos inimigos, que

os mettêram a todos em fugida , não lei-
xando de os seguir com os pés , e perse-
guindo a ferro. Lopo Soares porque vio
alguns Capitães que se mettiam hum pouco
contra onde havia arvoredos , de que podiam
receber algum damno , principalmente Chri-
stovão de Sousa , que passava hum ribeiro
longe da estancia , mandou dar ás trombe-
tas que se recolhessem , pois já era senhor
da força de seus inimigos , e recolher aquel-
las peças da artilheria que alli achou ; e
sem fazer mais detença , por dar hum fo-
lego aos homens , se tornou a embarcar.
Quando veio ao seguinte dia , por ter já
prestes todas as cousas pera seu intento , sa-
hiu em terra ; e a primeira cousa em que
entendeu , foi em se fortificar , ficando se-
nhor da ponta , que elle desejava pera fun-
dar a fortaleza , a qual força não foi mais
que cava , e reparo de madeira , em que
assentou muita artilheria , na parte que lia
contra a terra , per onde os inimigos o po-
diam commetter. E hum das cousas que o
mais metteo em confusão , foi não achar
vio senhor daquelle lugar , foi não achar
nelle pedra , ou ostra pera fazer cal ; por-
que ante que partisse de Cochij , tomando
informação destas cousas de alguns homens
dos nossos , que já alli foram , fizeram-lhe
crer que havia pedra , de que se poderia

fazer cal; e quando esta não servisse, havia muito marisco, da ostra do qual se poderia fazer muita quantidade. E vendo elle que nenhuma cousa destas havia pera cal, sómente a ostra que era necessario trazer-se de longe, que o podia deter mais tempo do que elle tinha, por estar já em Outubro, e convinha-lhe ser na India, por razão da carga das náos que se esperava do Reyno, em que lhe parecia que podia ir Governador que o succedesse, assentou com parecer de todos Capitães, que pois em breve se não podia fazer cal, que fizessem a fortaleza de pedra, e barro. Porque como atalhasse a terra da ponta de mar a mar, isto bastava por então pera recolhimento seguro dos que alli houvessem de ficar, té que da India se proveesse, segundo a necessidade fosse. Assentado neste parecer de todos, mandou Lopo Soares a grão pressa abrir os alicerces, e trazer pedra pera poer mão á parede, repartindo o trabalho de cada cousa per os Capitães. ElRey de Ceilão quando vio muita da sua gente ferida, e morta daquella sahida dos noffos em terra, e que com pouco trabalho se fizeram senhores da força, que os Mouros tinham feita, e sobre isso começaram a obra da fortaleza contra sua vontade, havido conselho com os seus naturaes, sem dar cre-

dito aos Mouros , quiz ante a paz , que com Lopo Soares assentára , que o rompimento della , que elles lhe aconselháram. Sobre o qual caso mandou a elle o seu Governador , dando algumas desculpas do passado , attribuindo tudo a máos conselhos de homens , que lhe fizeram crer cousas contra o que elle Lopo Soares promettia da paz , e amizade , que per meio da fortaleza podia ter com ElRey de Portugal. E pois elle com morte , e damno dos seus tinha pago accetar conselho de máos homens , que causáram aquelle rompimento , lhe pedia que tornassem a ficar no estado da paz , que com sua chegada logo accitou , consentindo que se fizesse a fortaleza onde elle pedia. Lopo Soares però que em sua resposta se mostrou offendido delRey da pouca verdade , que lhe tratára , e traição que elle Rey commettêra , assi nos homens que lhe mandára prender , como no que fizera sobre assento de paz , concluiu sua resposta nisto : Que elle era contente de tornar á paz , em que d'ante estavam ; porém por a offensa que tinha feita á bandeira real delRey de Portugal seu Senhor em permittir que os Mouros , e os naturaes viessem contra ella com mão armada , no qual caso alguns Portuguezes foram feridos , e mortos , elle Rey havia de soldar este damno

com se fometter com titulo de vassallo del Rey D. Manuel seu Senhor, cujas insignias eram as da bandeira do seu Rey, que representa sua pessoa; a qual quando fosse offendida, ou alguem desprezasse sua paz, os seus vassallos perdiam a vida, té metter seu inimigo debaixo do jugo della. Partido o Governador del Rey com este recado, tornou, e foi tantas vezes, té que per derradeiro assentou com Lopo Soares, que El Rey era contente de se fazer vassallo del Rey D. Manuel, com tributo em cada hum anno de trezentos bahares de canella, que do nosso pezo são mil e duzentos quintaes, e mais doze anneis de rubins, e çafiras das que se tiram nas pedreiras de Ceilão, e seis Elefantes para o serviço da feitoria de Cochij, tudo pago ao Capitão da fortaleza que alli estivesse, ou a quem o Governador da India mandasse. E que El Rey D. Manuel, e seus successores fossem obrigados de amparar, e defender a elle Rey de seus inimigos, como a vassallo seu: com outras mais condições, que no assento deste acto são declaradas, de que Lopo Soares houve hum, e a El Rey ficou outro, escripto em folhas de ouro batido, (segundo seu uso,) e o nosso em pergaminho. Feito este assento, mandou El Rey escusar-se a Lopo Soares de o não ir ver, por estar mal disposto, e

cofas da fua religião de Brammane que era ; porque ácerca do Gentio daquellas partes , eftas duas coufas andam juntas , o facerdocio , e governo dos homens. E però que os Reys tenham grande acatamento aos feus Sacerdotes , e muito maior ás cabeças delles , as quaes tem aquella jurdição que ácerca da Clerizia entre nós tem os Bispos , os mefmos Reys são Brammanes , e são superiores de todos em feo Reyno. Tanto pôde a ambição de senhorear , que não fe contentáram os Principes da terra em terem fubditos feus vaffallos per via da administração do governo secular que lhe Deos deo , pela qual fe fizeram senhores dos corpos , e actos exteriores das obras , que cada hum faz pera executar nelle as leis da justiça , segundo as que pera isso deram ; mas ainda quizeram fer senhores das almas , e authors interiores do animo , que fõmente pertencem a Deos , ou áquelles que , (segundo o noſſo Evangelho ,) são herdeiros deſte myſterio. Lopo Soares feito eſte aſſento , aſſi com a ajuda que ElRey pera iſſo mandou dar com a gente da terra , como pela gente da Armada , em poucos dias acabou a fortaleza quaſi no fim de Novembro , á qual poz nome *N. Senhora das Virtudes*. E neste tempo chegou a ella Dom João da Silveira , que (como atrás diſſemos)

Tom. III. P. I.

I

N I com ENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

com certos navios fora enviado ás Ilhas de Maldiva ; ao qual Lopo Soares, por elle ser pessoa que tinha qualidades pera isso, e mais seu sobrinho, proveo da capitania della, leixando-lhe a gente necessaria pera sua defensão, e alli officiaes pera feitorizarem as cousas do commercio. E porque os Mouros eram costumados ir áquella Ilha enxotados das nossas Armadas, que andavam no Malabar (como dissemos,) quiz Lopo Soares tirar-lhe esta acolheita, leixando por Capitão mór do mar com quatro véllas, pera guarda daquelle porto Columbo, a Antonio de Miranda d'Azevedo. Provi-das as quaes cousas, Lopo Soares se partio pera Cochij, e á sahida do porto per desastre se perdeu a galé de João de Mello, mas salvou-se a gente. E levando Lopo Soares em proposito passar per Coulaõ, onde estava Heitor Rodrigues, hum cavalleiro de Coimbra, por Feitor, e Capitão da carga da pimenta, não o pode fazer polo que logo veremos. No qual lugar de Coulaõ quizera tambem fazer outra fortaleza; e a causa era, porque depois que Antonio de Sá, (como atrás escrevemos,) foi morto, nunca mais os nossos, que alli residiam por razão de recolher a pimenta, estiveram seguros. E posto que em tempo de Affonso d'Albuquerque sempre acudiam os Regedores

res de Coulaão com a pimenta pera carga de huma , e ás vezes de duas náos , e a Rainha que governava aquelle estado favorecia muito nossas cousas , e em tempo del- le Lopo Soares Heitor Rodrigues como homem prudente acabava com ella , e dos seus officiaes muitas cousas em nosso favor , té lhe consentir que fizesse huma casa forte pera recolhimento da fazenda , que elle Fei- tor tinha , teve sobre isso tantos contrastes , e impedimento por parte do induzimento dos Mouros mercadores , que alli residiam , peitando grossamente aos Governadores da terra , que não podia ir avante com a obra , té que depois acabou de a fazer , sendo já Lopo Soares vindo pera este Reyno , e go- vernando Diogo Lopes de Sequeira , que pera isso o mandou favorecer com a gente que Garcia d'Acosta Capitão de huma galé levou. E a causa porque Lopo Soares não acabou esta obra , vindo de Coulaão com es- te proposito , foi , porque sendo tanto avan- te como este lugar , foi-lhe recado que Dio- go Lopes de Sequeira era chegado a Co- chij , e vinha pera o succeder na governan- ça da India ; e era já tão tarde pera elle Lopo Soares se despachar em sua vinda , que passou per Coulaão , e chegou a Cochij a vinte de Dezembro. Però ante de sua par- tida , convem darmos razão de algumas cou-

fas , que elle mandou em seu tempo , por não confundirmos a ordem da historia , e começaremos logo em D. João da Silveira seu sobrinho , que ficava por Capitão em Ceilão , dando conta do que passou na viagem que fez ás Ilhas de Maldiva.

C A P I T U L O III.

Do que passou D. João da Silveira nas Ilhas de Maldiva , onde o enviou Lopo Soares , e assi em Bengála , onde elle foi ter , té chegar a Ceilão a ser mettido de posse da capitania da fortaleza de Colombo.

C Omo já atrás fizemos menção , huma das principaes cousas que havia nas Ilhas de Maldiva era o cairo , materia de que se fazem todalas amarras , e enxarcea , com que as náos daquellas partes navegavam ; e muitas dellas não tem outra pregadura , sómente este fio com que o costado dellas he coseito ; do qual cairo , e assi do grande número destas Ilhas em seu lugar particularmente escrevemos. E como este cairo fosse cousa tão importante a nossas navegações , pola informação que ElRey D. Manuel tinha que estas Ilhas eram huma escadala que os Mouros faziam em a navegação daquelle Oriente , e outras cousas que lhe Affonso d'Albuquerque dellas tinha escrito ,

que convinham ao estado da India, desejava elle ter alli humo forteza. Sobre o qual caso escreveu a Lopo Soares, encomendando-lhe, que mandasse á principal chamada Maldiva, em que estava o Rey que senhioreava a corda dellas, que jaz vizinha á costa Malabar; e fosse pessoa que soubesse notar as cousas, e pudesse allentar paz com o Rey, e o tentasse pera esta forteza, que desejava ser alli feita; e este foi o fundamento com que elle Lopo Soares mandou D. João da Silveira. E tambem a buscar hum Mouro de Cambaya chamado Al-le Can, o qual andava de Armada com sete navios de remo em guarda de seis náos de Cambaya, que naquella monção haviam de vir das partes de Malaca, aonde eram idas a tratar; o qual defendia que daquella parte onde elle andava não viesse pera as nossas fortalezas provisão de cairo, e de outras cousas que os Malabares de lá costumavam trazer. Partido D. João a este effeito com quatro vélas, a em que elle hia, e tres de que eram Capitães Tristão Barbudó, João Fidalgo, e João Moreno; e ante de chegar á Ilha Maldiva, onde El Rey estava, tomou duas náos que vinham de Bengalla pera Cambaya carregadas de roupa, de que a maior dellas era de hum Mouro chamado Gromalle, parente de outro que

estava por Governador em Chatigam, huma Cidade principal do Reyno Bengála, por ser porto de mar, a que concorrem quasi todas as cousas que entram, e sahem daquelle Reyno. As quaes náos elle mandou a Cochij, onde então estava Lopo Soares, e tornou a sua viagem caminho da Ilha Maldiva, onde foi recebido do Rey com muito gazalhado, mostrando ter grande contentamento da paz, e amizade, que El Rey D. Manuel, e seus Governadores com elle queriam ter; e promettendo que em qualquer tempo que em sua terra quizesse fazer casa de Feitoria pera trato de commercio, elle daria lugar, e ajuda pera isso. Finalmente dados, e recebidos alguns presentes entre si, El Rey ficou mui contente de Dom João, e elle se partio muito mais d'elle por a facilidade com que acabou ao que lhia; e foi-se dalli em busca do Mouro Alle Can, por achar nova que andava mais adiante em outras Ilhas. Però nesta ida fez pouco, porque o Mouro tanto que houve vista del- le, como aquellas Ilhas são hum labirin- tho de navegar per entre ellas, e elle era mui costumado áquella navegação, e os nos- sos mui novos nella, andou-lhe furtando as voltas té que enfadado D. João, e mais ne- cessitado de mantimentos, havendo já tres mezes que lá andava, se foi pera Cochij,

onde se deteve sómente o tempo em que se proveo do que lhe falecia, e dali o mandou Lopo Soares que fosse a Bengála ao porto Chatigam com o mesmo requerimento ao Rey da terra pera alli fazer huma casa de Feitoria, pera que os nossos pudessem ter hum recolhimento de suas mercadorias, e seguramente fazer commutação dellas com outras da terra. E que de caminho passasse pela Ilha Ceilão, e do porto Columbo, onde os nossos costumavam ir buscar canella, tomasse Pilotos pera o levarem a Bengála; e tambem que dissimuladamente visse, e sondasse este porto Columbo, e o sitio da terra pera com seu parecer se determinar no que tinha pera fazer per mandado d'ElRey, que era huma fortaleza naquelle lugar, a capitania da qual havia de ser delle D. João. O qual partido com os quatro navios, com que andou nas Ilhas de Maldiva, chegou a Columbo; e visto, e notado o lugar, e havidos Pilotos, poz-se em caminho de Bengála: e o primeiro porto que tomou daquella encada, que ainda per os nossos não era descuberta, foi do rio que vem do Reyno Aracam, onde lhe sahiram seis, ou sete navios de remo; e depois que na prática que tiveram com elle souberam que hia a Bengála, como estavam de guerra com ella,

quizeram ir em sua companhia. Porém Dom João o não consentio, aconselhado de hum moço Bengála, que elle levava, que era cunhado do Piloto da náó que tomára, dizendo que se levava aquella gente, por ser contraria aos Bengálas, não sería bem recebido. E quanto este moço aproveitou aqui com isto que disse, tanto depois dáhou. Chegando D. João ao porto de Chatigam, que he huma Cidade do Reyno Bengála mui frequentada de todos os navegantes, que áquelle Reyno vam tratar, porque como elle era natural Bengála, e cunhado do Piloto da náó, que D. João tomára (como dissemos) não tiveram resguardo nisso, e aos primeiros da terra com que fallou descobrio tudo o que era passado, com que houve o Capitão da Cidade que D. João, e quantos com elle hiam eram ladrões. Porém como naturalmente os Bengálas he gente mais maliciosa de todas aquellas partes, porque não estavam apercebidos pera se defender, dissimuláram com D. João, sem lhe darem a entender o que d'elle tinham sabido, té que se fortalecessem, como logo fizeram, fazendo de noite muitas tranqueiras, e reparos pera os nossos não poderem commetter o lugar, querendo entrar nelle com mão armada. Aconteceo que hum dia, ante que D. João chegasse áquelle porto, tinha en-

trado nelle huma não dalli da terra , que vinha da Cidade Pacem , que he na Ilha Camatra , carregada de pimenta , e de outras sortes de mercadoria. Na qual não vinha hum Portuguez chamado João Coelho , que Fernão Peres d'Andrade , que estava naquelle porto de Pacem carregando pera a China , mandava como mensageiro da parte d'ElRey D. Manuel a ElRey de Bengála. Fazendo-lhe saber , como estando naquelle porto carregando huma não de pimenta , pera com ella , e outras ir áquella Cidade Chatigain a lhe trazer huma embaixada d'ElRey de Portugal seu Senhor , per desastre se lhe queimára aquella principal não de sua frota , como lhe podiam dizer os seus naturaes , que eram presentes , em que se queimáram as principaes cousas que tinha pera levar. Pedindo-lhe que em quanto se elle hia reformar das cousas que alli perdéra , e assi mandar por outras á India ; das quaes eram de Portugal , houvesse por bem que as náos , e navios Portuguezes , que chegassem a seus portos , fossem bem recebidos , e per este modo outras palavras que elle João Coelho levava em sua instrução. O qual , tanto que vio surgir a D. João , foi-se logo a elle innocente do que lhe havia de acontecer : cá D. João sabendo a causa de sua ida , o reteve sem querer que

tornasse a terra, dizendo que não compria a serviço d'ElRey ir elle áquelle negocio, ante danava, pois Fernão Peres não estava naquelle porto. E mais que elle D. João levava do Governador Lopo Soares, que mandasse este recado a ElRey de Bengála, e não elle Fernão Peres, o qual recado havia de ir com mais authoridade, e com algumas peças de presente, que lhe havia de mandar per a pessoa que a isso fosse. Re-tendo per esta maneira João Coelho, dobrou a causa de se o Governador da Cidade mais escandalizar de D. João, porque era elle já sabedor como João Coelho hia com recado a ElRey de Bengála da parte d'ElRey de Portugal per mandado de hum seu Capitão, que estava em Pacem. Do qual Capitão, (segundo diziam todos os Bengá-las, e Mouros que vieram em a náó que trouxe João Coelho,) recebêram muito bom tratamento, e elle D. João tomára as duas náós, que pouco tempo havia que dalli partíam, segundo tinham sabido do moço Maliaio, (como dissemos,) do qual caso affirmavam que Fernão Peres era Capitão d'El-Rey, e D. João era algum Portuguez que andava feito cossairo. Finalmente desta boa vontade que o Governador da Cidade lhe tinha, no primeiro requerimento que lhe D. João mandou fazer, respondeo que os

não havia na terra, sendo aquelle Reyno de Bengála o mais abastado de todas aquellas partes, por ser regada com as aguas do illustre rio Gange. D. João, porque a necessidade o apertava, e per recados que foram, e vieram, não achou graça no Mouro, não sabendo a causa disso, mandou tomar huma champana, que são á maneira de barcas grandes, que estava carregada de arroz, da qual cousa succedeo o que o Mouro desejava, que era romper em guerra. E porque entre elles houve per muitas vezes paz, e guerra, e nisso se passáram muitas miudezas, baste saber que D. João em quanto alli esteve, que foi quasi todo hum inverno, per ferro, e per fogo, que lhe lançáram de noite pelo rio abaixo, e sobre tudo per fome, padeceo muito trabalho, e necessidade, porque per razão do inverno, como não podia sahir daquelle porto, não havia mais que, (como dizem,) beber estes trabalhos, ou verter a vida. No meio do qual tempo, em que de todo houveram de perecer á fome, veio o Governador da Cidade assentar paz com elle D. João, não por lhe dar repouso, mas por seu interesse. E foi, que esperando elle Governador que com a monção haviam de vir algumas náos áquelle porto, temendo que D. João as tomaria, assentou a paz, na qual, sabendo

D. João quão mal o Governador tomava ter elle reteudo a João Coelho, e quanto folgaria de o elle leixar ir a terra, por se valer d'elle o mandou, e elle foi o que lhe deo a vida. Porque além de ordenar, depois que sahio em terra, como D. João houvesse mantimentos, huns furtados de noite per meio dos amigos d'elle João Coelho, e outros dados de dia per consentimento do Capitão da Cidade, depois lhe foi ainda muito mais proveitoso do que elle cuidava que era tello reteudo em o navio. Cá vindas as náos que o Mouro esperava, tanto que as teve despejadas do que trouxeram, tornou outra vez a fazer guerra a D. João; com a vinda das quaes foi ainda João Coelho mais acreditado na terra, por virem algumas do porto de Pacem, que contáram quanto gazalhado, e favor tinham recebido de Fernão Peres d'Andrade. Com o qual favor, que elle João Coelho sentia em o Capitão da Cidade; e tambem por já a este tempo ser vindo recado d'ElRey de Beugála, que mandava que elle João Coelho fosse levar sua embaixada, quasi em modo de conselho, quiz tratar este negocio com o Governador da Cidade. Dizendo que lhe parecia que elle não levava com aquelle Capitão o modo, que convinha pera se tirar da oppressão que lhe dava naquelle por-

to : cá segundo tinha sabido , elle andava meio levantado por certas náos que roubára , e outros crimes que tinha feito. Por a qual razão , como homem que receava o castigo do Governador da India , se lançára naquellas partes , e segundo era de animo , e meio desesperado da vida , elle se espantava não ter feito naquelle porto mais destruição , e que lhe confessava que quasi com temor d'elle soffrêra estar reteudo debaixo de sua mão , e que lhe não dava outro final de quem era , senão a sua prizão. Que quanto ao que elle té então allí tinha feito , cousas eram naturaes a todo homem buscar o comer , e amparar a vida , porque se tomára a champana dos mantimentos , fora depois que os elle pedira por seu dinheiro , e vio que lhos não queriam dar ; e se fez damnos na terra , era defendendo-se dos que lhe faziam. E quanto ás náos que tomáram , não era cousa nova terem os Portuguezes guerra com os Mouros do Reyno de Cambaya , e que como em fazenda de inimigos se queriam entregar , porque estas eram as leis da guerra , e que já podia ser que por esta travessura , e por outras taes , andaria elle fóra da graça do Governador da India. E se assi era , o remedio daquelle damno que Gromálle seu parente tinha recebido por amor d'elle Governador tor-

nado elle João Coelho á India da vinda do recado que levava a ElRey de Bengála, elle sería remediado: cá o Capitão mór da India per elle João Coelho saberia quanto isto importava a elle Governador, e entretanto dissimulasse com aquelle Capitão, e não mandasse que o fossem mais commetter, ante lhe mandasse dar mantimentos pera se ir dalli, e desabafar aquelle porto. O Mouro, posto que com esperança desta restituição da náó, em alguma maneira afloxou de mais commetter descubertamente Dom João; todavia como estava escandalizado, e meio injuriado dos damnos que tinha recebido em mortes, e ferimento de muitos que mandou sobre elle, desejava de se vingar, e pera isso teve este modo. Cartcou-se com ElRey de Arracam, vassallo que naquelle tempo era d'ElRey de Bengála, o qual vivia em huma Cidade deste nome, que per hum rio dentro estaria obra de quinze leguas, e daquelle porto de Chatigam trinta e cinco; e do que assentáram entre si, dahi a poucos dias veio ter com D. João hum homem bem tratado de sua pessoa, e acompanhado de gente em tres, ou quatro navios de remo; o qual lhe apresentou da parte d'ElRey de Arracam hum rubij de preço, posto em hum annel, dizendo, que por ter sabido estar elle hum pouco

mal avindo com a gente de Chatigam, por o máo tratamento que lhe faziam, e elle desejar muito ter amizade, e commercio com os Portuguezes, pola boa fama que tinham naquellas partes, o mandava visitar, pedindo-lhe que se quizesse ver com elle no porto da sua Cidade Arracam, onde poderia ser provido do que houvesse mister. Dom João, recebido o presente, e dado os agradecimentos delle com algumas cousas, que deu ao Embaixador, teve prática com os principaes da frota; e visto o trabalho, e perigo que naquelle porto tinham passado, e a necessidade em que estavam de se prover, pera poderem navegar, porque as aguas do inverno, que alli he grande, lhe tinham apodrecido todos os aparelhos, e velame dos navios, em tanto que já se serviam de alguns de algodão, que fizeram de redes de huns pescadores que salteáram, assentou que lhe convinha ir ao porto de Arracam, de que já tinha noticia ser huma Cidade abastada, e de trato. Finalmente elle se foi em companhia do Embaixador, e na boca do rio Arracam foi recebido de alguns calaluzes que ElRey mandava, apresentando-lhe muito refresco da terra, por segurarem melhor a entrada, a qual sendo já no meio do rio, D. João entendeu não ser tão segura, como os nossos navios haviam mis-

ter.

ter. Porque era já o rio alli tão estreito; que com as antenas da verga hia roçando pela rama do arvoredó, onde se elle espedio do Embaixador, dizendo que bem via como os seus navios não eram pera navegar per cousa tão estreita; que se ElRey se quizesse ver com elle, havia de ser naquelle lugar, onde poderiam assentar paz, e amizade, e que pera isso esperaria dous dias, té ver seu recado. O Embaixador quando vio que á força de razões o não podia levar adiante, mostrando que não tardaria os dous dias, por a Cidade estar mui perto, espedio-se d'elle, levando comfigo os navios de sua companhia, mas elle não veio aos tres, nem aos quatro. No qual tempo porque D. João trazia per vigia do rio os dous bargantijs acima, e abaixo, veio-lhe dizer hum delles que em hum certo passo estreito, per que elles abaixo tinham passado, onde acháram começada huma estacada, andava muita gente que mettia mais estacas, como que queriam atravessar o rio. D. João ao passar pera cima, tinha visto o começo desta estacada, e pareceo-lhe que era artificio dos pescadores, como elles usam naquellas partes; però quando soube que andava muita gente na obra, entendeu o engano, e que lhe podia succeder outro tal delastre, como aconteceu a D. Lourenço d'Almeida

no rio de Chaul, e sem mais demora tornou-se per o rio. Ao passar da qual estacada a gente da obra fugio toda, como que receava receber algum damno dos nossos, por entenderem a traição que lhe elles queriam fazer. No qual modo de fugida D. João entendeu ser assi, e depois per boca de hum delles, que João Fidalgo com o seu bargantij houve ás mãos pera lingua da verdade, o qual defengano causou determinar-se elle fazer sua viagem pera Ceilão, onde sabia que Lopo Soares havia de ser naquelle tempo fazer a fortaleza, da capitania da qual lhe tinha dado palavra, e com sua chegada o metteo de posse, (como dissemos.) E João Fidalgo parece que o Indio que tomou lhe deo tal esperança, com que furtado de D. João, se leixou ficar naquella boca do rio Arracam, e em lugar de navios de preza, em que elle esperava de se fazer rico, vieram dar com elle os calaluzes, e lancharas, que ElRey de Arracam armava sobre D. João. E a vitoria que delles houve, foi livrallo Deos do perigo que nisso passou; e mais cheio de trabalhos, que de prezas, se partio pera a India, onde teve muito em haver perdão de Diogo Lopes de Sequeira, que já neste tempo governava.

CAPITULO IV.

De algumas cousas que D. Alcixo de Menezes fez, depois que chegou a Malaca, entre as quaes foi mandar Duarte Coelho a ElRey de Sião: e do que elle passou nesta viagem.

NO mez de Abril; em que Lopo Soares mandou D. João da Silveira ás Ilhas de Maldiva, na qual viagem passou o que ora escrevemos, mandou tambem a D. Alcixo de Menezes a Malaca sobre as differenças; e trabalhos que lá havia; o qual, partido nos tres navios com a gente, e munições que dissemos, chegou a Malaca na entrada de Junho daquelle anno de dezoito. E verdadeiramente se tardára mais quinze dias, nella estavam outras novas differenças ordenadas entre os nossos, com que não fora muito perder-se por terem ElRey de Bintam por vizinho. As quaes differenças eram entre Manuel Falcão, que servia de Alcaide mór, e o Feitor Lopo Vaz, competindo a quem havia de servir de Capitão da fortaleza per falecimento de Nuno Vaz, que estava cada dia pera morrer de doença, como morreo em D. Alcixo chegando. E quem tecia toda esta tã, era hum Pero de Guilhem Castelhana, que servia de

de Escrivão da Feitoria com outros officiaes de sua valia, de maneira, que estavam todos partidos em dous bandos; e ElRey de Bintam, que sabia parte de tudo, esperando em que haviam de parar suas competencias, pera os vir estremar com todo seu poder, e se fazer senhor de Malaca. O qual, depois que mandou ao rio Muar o seu Capitão Cyribiche, por quão bem lhe succedia na guerra, que nos dahi fazia, elle mesmo em pessoa com todo seu poder se veio metter no rio Muar, e per elle acima pouco mais de dez leguas, em hum lugar chamado Pago, fez huma fortaleza muito mais forte, que a debaixo donde Cyribiche se recolhia, e dalli guerreava a Cidade de Malaca com dobradas forças de maneira, que se contentavam os nossos com lhes não ser entrada, defendendo-a ao modo que fazem os cercados. Tanto que Dom Aleixo chegou, ElRey de Bintam no Pago onde estava soube logo como trazia muita gente, e munições, pera que lhe convinha mudar a ordem que té então tinha de fazer a guerra á Cidade, não mandando correr suas Armadas tão soltamente, como soham, ante começou de novo fortalecer mais suas fortalezas, principalmente a do Pago em que elle estava, temendo que os nossos o fossem visitar a ella, donde se causou que

per alguns dias suas lancharas leixarem de correr a Malaca, sómente alguma que vinha em modo de espia. D. Aleixo porque o negocio principal a que hia era metter a Cidade em assocego por causa das differenças passadas, a primeira cousa em que entendeu, foi em metter Affonso Lopes d'Acosta de posse da capitania da fortaleza, e a Duarte de Mello da capitania mór do mar, e soltar Antonio Pacheco, e os outros prezos. E no castigo das cousas passadas não quiz entender, porque Nuno Vaz, que era huma das principaes partes em ella, chegando elle, faleceo de sua doença, (como dissemos,) e aos outros deo-lhes por castigo os trabalhos, fome, guerra que tinham passado, e a perda de fazenda, que cada hum, por sustentar sua opinião, recebeo: e principalmente por a Cidade estar em tal estado, que havia mister mais homens soltos, e contentes, que prezos, e castigados, e mais de cousas em que todos tinham culpa, cada hum em seu modo. Acabando de assentar as quaes cousas, e assi as da provisão, e segurança da Cidade, ordenou enviar Duarte Coelho a ElRey de Sião com cartas, e hum presente, que lhe ElRey D. Manuel mandára na Armada, em que deste Reyno partio Antonio de Saldanha o anno de dezeseete. E isto em retor-

no do que o mesmo Rey lhe tinha enviado per Antonio de Miranda, quando lá foi por Embaixador per mandado de Alfonso d'Albuquerque, depois de tomada Malaca, em companhia do qual fora o mesmo Duarte Coelho, como atrás fica. Porque além de elle, desta vez que lá foi, saber mui bem as cousas de Sião, o anno passado indo elle com Fernão Peres d'Andrade caminho da China, com hum temporal que lhe deo, elle Duarte Coelho arribou á costa do Reyno de Sião, e entrou per o rio Menam, que o atravessa. Nas correntes do qual está situada a Cidade Hudiá cabeça do Reyno, trinta leguas da qual elle invernou aquelle anno, e dahi tornou fazer seu caminho pera a China, donde era vindo, como dissemos; e desta vez tambem teve grande intelligencia em saber as cousas de lá, nas quaes estava mui práctico: affi que por estas razões o despachou D. Aleixo em hum navio, em que o mandou bem acompanhado. E a substancia da sua embaixada era conformação das pazes, que Antonio de Miranda, e elle assentaram com El Rey de Sião; e a pedir-lhe, que houvesse por bem mandar que alguns dos seus naturaes viessem povoar Malaca, como lhe já mandára dizer, porque sua tenção era desterrar della todos Mouros Malayos;

e povoando-se dos seus, seria hum meio para se melhor communicarem com os Portuguezes em amor, e paz, e as cousas do commercio andariam em suas mãos, e não dos Mouros, com que se tinham feito senhores da maior parte do maritimo de todo aquelle Oriente. Com a qual embaixada Duarte Coelho partio a dezoito de Julho daquelle anno de dezoito, e chegou lá em Novembro; porque o navio em que foi era do Reyno de Sião, e foi fazendo algumas demoras nos portos da costa. Com a chegada do qual, ElRey foi mui contente, e lhe fez grande honra; e quando veio a jurar as cousas da paz, e amizade, que Duarte Coelho com elle assentou, em modo de sacramento de nossa religião, arvorou huma grande Cruz de páo com as armas deste Reyno ao pé, no mais notavel lugar da Cidade, como memoria, e testemunho da paz que jurava, de que ElRey ficou mui contente. E dahi a poucos dias ao pé della enterrou Duarte Coelho hum Pero Lopo criado do Duque de Bragança D. Jemes, que levava consigo, o qual faleceo de doença. Despachado Duarte Coelho muito á sua vontade per ElRey de Sião, elle partio da Cidade Hudiá em Novembro do anno de dezenove com tres navios, hum seu, e dous que o mesmo Rey manda-

dava em sua guarda, por causa das Armadas delRey de Bintam. E sendo já no fim da costa do Reyno Camboja, por os ventos lhe não servirem pera vir pela de Patane, querendo atravessar a ella pera tomar a ponta de Cingapura, deo-lhe tão grande temporal, que veio dar á costa junto de Pam, que era de hum genro d'ElRey de Bintam nosso imigo. O qual em lugar de tratar mal a Duarte Coelho, o agazalhou, e aos que com elle se salváram; e per derradeiro, por causa da prática que Duarte Coelho com elle teve sobre as cousas de Malaca, e d'ElRey de Bintam seu sogro, com quem naquelle tempo estava mal, elle se fez vassallo d'ElRey D. Manuel, promettendo de lhe dar cada anno em final de obediencia hum vaso de ouro, que pezasse quatro cates, pezo que naquellas partes se usa. E posto que esta obediencia, a que elle voluntaria se sometteo, durou pouco, e quasi fez esta obra em odio de seu sogro por paixões que entre ambos havia, e principalmente por ElRey de Bintam neste tempo estar mui quebrado, e elle queria estar seguro de nós, e não perder o trato de Malaca, que lhe importava muito, ao menos naquelle tempo salvou a Duarte Coelho, e o enviou a Malaca em navio seu. Quizemos aqui dar razão desta vinda

de Duarte Coelho, posto que foi já no fim de Fevereiro do anno de vinte, em que governava Diogo Lopes de Sequeira, por não quebrar o fio da historia, que importa mais a continuação della, pois não são annos, que sobresaltalla por causa dos tempos, quanto mais que delle se dá tambem razão. E por este mesmo respeito, pois Duarte Coelho quasi em modo de posse de nosso descobrimento arvorou aquelle divino sinal de Cruz, mysterio de nossa Redempção, como padrão de eterna memoria, em huma das mais populosas Cidades daquelle grande, e illustre Reyno de Sião; necessario he que demos aqui noticia delle, por este ser o mais proprio lugar em que o podemos fazer, posto que em a nossa Geografia se faz mais particularmente.

C A P I T U L O V.

Em que se descreve o grande Reyno de Sião, e algumas cousas notaveis delle.

EM as partes de Asia que descobrimos, ha tres Principes Gentios, com que temos communicação, e amizade, aos quaes podemos chamar Imperadores de toda a gentilidade Oriental, que habita a terra firme della; porque debaixo de seu imperio ha muitos Reynos, e potencias, que nesta

nossa Europa podiam constituir hum poderoso Principe. O primeiro, e mais Oriental he ElRey da China, de que logo daremos alguma noticia; e o segundo a elle vizinho ElRey de Sião, de que ora a queremos dar; e o terceiro ElRey de Bisnaga, de que adiante tambem a daremos. E não tratamos aqui dos Principes, que vizinham com estes dentro pelo sertão, assi como ElRey de Orixá, e ElRey de Bengála, que tem muitos portos do mar, que nós navegamos, e com que temos commercio, posto que são senhores de grandes estados; porque ainda que estes sejam mui poderosos em terra, povo, trato, e riqueza, não se podem comparar aos tres que dissemos. Cá debaixo delles ha Principes seus vassallos, que se fossem os seus estados nesta nossa Europa, podiam constituir grandes Reynos, e principados: a maior parte dos quaes he do povo Gentio, de que aquella terra do Oriente he a madre a mais politica delles, porque a do Ponente habitada de Gentio he a mais barbara de todos barbaros. E porque melhor se entendam as demarcações, e figura do estado, e Reyno deste Rey de Sião, de que ora queremos fallar, e assi fique na memoria huma imagem pera o que havemos de escrever dos de Bisnaga, Bengála, e Pegu, tornaremos á demon-

tração, que já fizemos atrás, fallando da marítima costa da India té o fim do Oriental da China. Quem na mente quizer receber a terra destes Reynos, vire a mão esquerda com a palma pera baixo, e aparte o dedo pollegar do segundo chamado index, ou mostrador, e depois aparte este index dos tres seguintes, os quaes cerre, e encurte pelo primeiro nó, que he quasi o meio, per onde elles levemente se encurtam, e estendem. E depois que tiver assi a mão, olhe que a costa da India lhe fica ao longo do dedo pollegar da banda de fóra, e esta he a parte do Ponente, e na ponta d'elle he o cabo Comorij, que está em altura do polo Arctico sete grãos e meio. E na ponta do segundo dedo index, que está ao Levante, ante de chegar ao fim d'elle, que está em tres quartos de grão da mesma parte, fica em dons a Cidade Malaca. Figure mais, que defronte do primeiro dedo pollegar, quasi da banda de dentro, está a Ilha Ceilão, a mais austral ponta da qual fica em seis grãos, e na ponta do index está a Ilha Camatra, per meio da qual passa a linha equinocial. Os quaes cabos, e Ilhas são das mais notaveis partes, que a India tem, e que ante de nosso descobrimento em alguma maneira eram sabidas, e notas aos antigos Geografos, ainda que per modo

confuso. Todo aquelle vão assi largo , como fica entre estes dous dedos , he o mar da enseada de Bengála chamado assi do mesmo Reyno Bengála , cuja costa fica a mais curva desta enseada , occupando aquella distancia , que se faz entre os nós dos dous dedos , quando começam a sahir da mão , a qual distancia quasi toda fica retalhada com as bocas do rio Gange , que per alli entra no mar. E no meio do dedo pollegar , onde elle tem o nó , apartada da coita obra de setecentas leguas , alli póde situar a Cidade Bisnaga , de que todo o Reyno tomou o nome , o qual participa de dous mares. Da banda de dentro com o de Bengála , que lhe fica no Levante ; e de fóra com o mar da India , em que tem poucos portos ; e esta he a largura deste Reyno , hum dos tres Gentios que nomeámos , e o seu comprimento he do nó té o fim do dedo demarcado per esta maneira. Da banda de fóra , que he do Ponente , fica toda a terra Malabar , que occupa não ainda o terço da largura deste dedo , porque sómente he huma faixa de terra mui estreita , e toda a mais terra he de Bisnaga. E do nó pera cima contra a mão , que he a parte do Norte , lhe ficam estes dous estados , o Reyno Decan , que tem todo o maritimo da parte do Ponente , e o Reyno Orixá ,

que tem o maritimo do Oriente, o qual fica entre este Reyno Bisnaga, e o de Bengála, e pelas costas vizinha com o Reyno Decan. Passando-nos ao segundo dedo index, ou demonstrador, toda a distancia que está entre o primeiro nó, quando elle fâhe da mão, ao segundo desta parte do Ponente, que he o mar de Bengála, he do Reyno Arração, que vizinha com o de Bengála, que lhe fica ao Norte, e o de Pegu que jaz ao Sul. E ambos pela parte do Oriente vam dar nas ferranias, e terras dos Reynos Avá, e Bremá, os quaes correm ao longo do dedo pelo meio d'elle, porque já da outra parte, onde elle faz outra enseada com os tres dedos dobrados, aquelle he o maritimo do Reyno de Sião, o qual participa de dous mares; porque com huma chave de terra vem tomar outra costa maritima da parte do Ponente, que he na enseada de Bengála, começando do nó onde acaba Pegu té o terceiro nó do mesmo index, onde jazem as Cidades, Rey Tagala, Tavam, Pulor, Meguim, Tenasarij, e Cholom: os Governadores das quaes, ainda que se intitulam por Reys, são sujeitos ao estado de Sião. Finalmente tirando o que occupam os dous Reynos Arração, Pegu, e Malaca, que está no fim do dedo index, os limites da qual tem aquella pro-

porção de terra que tem a unha no dedo, todo o mais delle he do Reyno Sião té a juntura que elle faz com a mão. Verdade he que aquella parte, que cerca a unha, e chega té aquella juntura a ella conjunta, posto que foi de seu estado, alguns Mouros que lhe não obedecem, se tem feito senhores do maritimo, porque o interior mais he povoado de bestas feras, que de homens, ou que tem vida dellas. E no fim do dedo, onde se elle ajunta com os outros tres seguintes, faz huma pequena encada, porque sahem hum poderoso rio chamado Menão, que na lingua delles quer dizer mãid as aguas, o qual vem fendendo de alto a baixo todo o Reyno de Sião, começando no lago Chiamay, que está em trinta grãos de altura da parte do Norte, té se metter no mar em altura de treze, com que toda a terra deste Reyno fica entre os dous nervos, que correm té a juntura do braço, e governam os dous dedos index, e o do meio. Porque á semelhança desta demonstração contém este Reyno de comprimento vinte e dous grãos, que são leguas Hespanhoes, per que sempre nesta nossa historia fallamos, trezentas e trinta e duas leguas e meia. E pela parte do Ponente, indo sempre pelo nervo do dedo index, confina com as ferranias, que córtam de Norte Sul, on-

de jazem os Reynos Avá, e Breimá, e Jangomá. E pelo segundo nervo com hum dos mais notaveis rios daquelle Oriente chamar do pelos Siames Mecon, que quer dizer Capitão das aguas, porque traz tanta cópia dellas, que quando vem fahir ao mar naquelle nó do terceiro dedo do segundo nervo que dissemos, ante de fahir a elle, retalhando a terra per muitas partes, por se estender, faz hum lago de mais de oitenta leguas em comprimento, com que fica dividindo estes dous Reynos, o de Camboja pegado com o de Sião pela parte maritima da pequena enseada, que dissemos, e o de Choampá, que fica no Oriente d'elle; e hum; e outro entram mui pouco pelo sertão da terra, que na figura que fizemos he todo o corpo da mão. E onde ella se ajunta com o collo do braço, alli se atravessam humas ferranias tão asperas, como os Alpes, em que habitam os povos chamados Gueos, que pelejam a cavallo, com os quaes continuamente ElRey de Sião tem guerra, e vizinham com elle sómente pela parte de Norte, ficando entre elles os povos Laos, que cercam todo este Reyno de Sião, assi per cima do Norte, como do Oriente ao longo do rio Mecon, os quaes vam vizinhar com a grande Provincia China, que contém em si os dedos derradei-

ros com todo o resto da mão, e pela parte do Sul ficam a estes Laos, os dous Reynos Camboja, e Choampá, que são marítimos. Os quaes Laos, que per este modo vam cercando destas duas partes Norte, e Levante o Reyno de Sião, por serem senhores de tão grandes terras, que contém em si tres Reynos, todos são sujeitos a este Rey de Sião, posto que muitas vezes se rebelam contra elle. E se lhe alguma obediencia dam, he porque os segura dos povos Gueos, que dissemos, por serem homens tão feros, e crueis, que comem carne humana; e segundo o uso delles, e lugar de sua habitação, parece serem aquelles povos que Marco Paulo diz em o livro que escreveo de sua peregrinação, habitarem hum Reyno, a que elle chama Cangu. Porque estes Gueos, a que elle não dá nome, como ao Reyno, geralmente se pintam, e ferrão per todo corpo ao modo que fazem estes de que elle falla, e vemos os Mouros de Berberia ferrados, cousa que em todas aquellas regiões não sabemos que outra gente o faça. E como habitam em altas, e asperas ferranias, onde os ninguem póde entrar, descem daquelles lugares fragosos ás terras chans dos Laos, e fazem nellas grande estrago. E tanto, que se não fosse pola potencia deste Rey de Sião,

que com grande número de gente a cavallo, e de pé, e Elefantes de guerra vai contra elles, já os Láos foram destruidos, e as mesmas terras de Sião tomadas por elles. Contra os quaes indo ElRey de Sião huma vez, era presente hum Portuguez per nome Domingos de Seixas, homem de boa linhagem, o qual foi levado cativo com outros nossos a este Rey de Sião, (como a historia adiante dirá,) e o teve vinte e cinco annos, no qual tempo pola experiencia que teve d'elle ser homem cavalleiro, e de sua pessoa, o fez Capitão de gente. E segundo a informação que d'elle houvemos, neste ajuntamento de gente que ElRey fez pera ir a esta guerra, levaria vinte mil homens de cavallo, e estes cavallos não são grandes, como os de Hespanha, mas pequenos, e porém mui rijos, e aturadores de trabalho. A gente de pé erain duzentos e cincoenta mil homens, e Elefantes dez mil de peleja, e de carga, porque este he o Reyno em que ha maior cópia delles, que em parte alguma, e de que os Reys se mais servem. E a fóra elles, levou grande número de bois, e bufaros, que tambem lhe serviam de carga; e quando na terra per onde foi lhe desfalecia o mantimento, servia-lhe este gado de provisão delhe. E esta gente, que então ElRey levou, he

he a ordenada, que sempre tem feita pera qualquer accidente de guerra que sobrevier ao Reyno, a qual ElRey tem repartida per capitánias, e senhores, a que elle dá terras, e comedias pera isso, e são obrigados que do dia que os chamarem a tres seguintes, hão de estar postos no campo, e em caminho pera onde os mandarem ir. A qual gente ElRey faz sem dar oppressão ao Reyno, porque per este modo he paga á sua custa; e quando quizesse ajuntar mais, podia poer em campo hum conto de homens, ficando-lhe todalas fronteras, em que tem posta gente de guarnição providas do seu ordinario. Porque o Reyno he grande, e mui povoadas as Cidades, e povoações delle; cá sómente da Cidade Hudia, que he a cabeça do Reyno Sião, onde ElRey reside, lança de si cincoenta mil homens. E se quizesse levar gente dos outros Reynos, de que he senhor, não teria conta, mas ordinariamente per constituição, e conselho, está assentado não trazer em seus exercitos senão dos proprios Siames, por cautela de se não fiar de outra nação, ainda que sejam seus subditos, cá não querem que lhe saibam sua ordenança, modo, e avisos nas cousas da guerra. Os quaes Siames de nove Reynos, de que o Principe daquelle estado he senhor, sómente povoam dous: o primeiro

he onde está a Cidade Hudiá, que da parte do Sul vem entestar com as terras de Malaca, ao qual elles chamam Muantay, que quer dizer o Reyno de baixo. E neste Muantay se comprehendem estas Cidades portos de mar, Pangoçay, Lugo, Patane, Calantam, Falingano, ou Talinganor, e Pam. Em cada hum das quaes está hum seu Governador, a que elles chamam Oyá, dignidade como ácerca de nós Duque, e alguns delles se tem intitulado por Reys, porque tem polo sertão muita terra. Des quaes o mais vizinho ao nosso Reyno Malaca he Pam, que já lhe não obedece, e assi fazem outros acima, como se convertem á secta de Mahamed. O segundo Reyno continuado a este pela parte do Norte, he Chaumúa, os povos do qual tem lingua per si; e propriamente o Reyno, a que nós chamamos Sião, nome entre elles mui estranho, e imposto pelos estrangeiros áquelle seu estado, e não per elles. Tres, que estam sobre a cabeça destes, são dos povos Láos, que (como dissemos) obedecem por temor: ao primeiro chamam Jangamá, cuja principal Cidade ha nome Chiamay, donde muitos por causa della chamam ao Reyno Chiamay: ao segundo Chancray Chencran: e o terceiro Lanchaã, que he abaixo destes, e vai vizinhar com o Rey.

no Cachó, ou Cauchichina, como lhe nós chamamos, os quaes póvos Láos tem lingua per si. Tem mais dous Reynos, que hum vizinha com o outro, ambos marítimos: o primeiro chamado Como: e o segundo Cambója, cada hum dos quaes tem lingua propria. Da parte do Ponente lhe fica o Reyno Chaidóco, que tem lingua per si, e a este se segue o Reyno Bremá, que vai correndo estreito, como huma faixa contra o Norte per muita distancia, mudando quasi a terços o nome, porque em baixo se chama Bremá Ová, e logo Bremá Tangut, depois Bremá Pram, e mais acima Bremá Becá, e por cabeça Bremá Limá, os quaes tem lingua propria, posto que nesta differença de terras variam pouca cousa. Finalmente todos estes sete Reynos, tirando os dous que dissemos serem da propria lingua dos Siames, como são gente estrangeira, e conquistada per elles, o temor, e necessidade os faz subditos a ElRey de Sião, e com elles sempre tem que fazer em seus avantajamentos. Os quaes com toda a outra terra que tem por vizinhança he de gente idólatra, e quasi em todas as cousas de sua creença se conformam, por tudo ser trazido da religião dos póvos da Provincia China, que foi já senhora deste estado. Tem os Siames que Deos he Creator do Ceo, e da

Terra, e que dá gloria ás almas dos bons, e inferno ás dos máos, e que a alma do homem tem dous espiritos custodes, que a guardam, e hum que a tenta. Geralmente esta gente dos Siames he mui religiosa, e amiga de veneração de Deos, porque lhe edificam muitos, e mui grandes, e magnificos Templos, huns delles de pedra, e cal, e outros de tijolo, e cal; nos quaes Templos tem muitos idolos de figuras de homens, os quaes elles dizem estar no Ceo, porque vivêram bem na terra, e que tem suas imagens por sua lembrança, mas não que as adorem. Entre estes tem hum de barro, que jaz dormindo encostado sobre humas almofadas do mesmo barro, o qual será de cincoenta passos de comprido, a que elles chamam Pai dos homens, e dizem que Deos o mandou do Ceo, e não foi creado na terra, e que delle nascêram alguns homens, que foram martyrizados por Deos. E a maior figura destas, que tem de metal entre outras muitas que ha naquelle Reyno, he huma, que está em hum Templo da Cidade Socotay, que elles dizem ser a mais antiga do Reyno, o qual idolo he de oitenta palmos, e daqui pera baixo té da estatura de homem tem grande número delles. Os Templos são grandes, e sumptuosos, e nisto despendem os Reys muito, e

todo o Rey, como herda o Reyno, em louvor de Deos logo começa hum Templo, e delles fazem dous, e tres, aos quaes elles dotam grandes rendas. Todos estes templos como são grandes, logo lhes fazem hums pyrames mui altissimos, isto tanto por ser figura dedicada a Deos, como por ornamento do templo, ao modo que se cá fazem os curucheos; però estes são de pedra, ou de tijolo. Do meio pera cima dourados de ouro de pão, sobre betume que dura per muito tempo, e pera baixo he todo pintado de cores, e per remate d'elle em todo cima, assi como nós pomos grimpas, põem elles huma maneira de fombreiro, e em roda da aba muitas campainhas, assi leves em seu movimento, que com qualquer ar que lhes dá tangem. Os Sacerdotes destes Templos são mui venerados, e elles em seu modo religiosos, e tão honestos, que dentro nas officinas de suas casas não pôde entrar mulher, nem querem ter gallinhas, por serem femeas; e se algum he comprehendido em cousa de mulher, logo he punido, e lançado fóra da casa. Seu habito he de panno de algodão, e de cor amatella, porque todo amarello por a semelhança que tem com o ouro, he dedicado a Deos, e he tão comprido, que lhe chega té os artelhos, ao modo do habito dos nossos Religiosos.

Sómente tem esta differença , que o braço esquerdo trazem nú , e daquelle hombro perra a parte direita lhe atravessa humra tira de panno comprida , ao modo de estola , de que ufam os nossos Sacerdotes chamados Diaconos , que dizem o Evangelho , a qual apertam com outra que lhe cinge o habito , e nesta tira atravessada está a denotação de Religioso , como na terra Malabár a linha vermelha dos Bramanes lançada a este modo. Trazem mais por religião andarem rapados , e descalços , e na mão hum abano de papel grande da figura de humra adargga , com que cobrem a cabeça do Sol , e amparam o rosto da gente , quando preparam per elles , e no tempo das chuvas trazem capellos na cabeça. São homens muito temperados no comer , e beber ; e se algum beber vinho , he entre elles tão grande peccado , que o apedrejam por isso. Tem muitos jejuns per todo anno , principalmente em hum tempo , em que geralmente todo povo concorre aos Templos ouvir sermões , ao modo que nestas partes da Christandade se costuma nas Quadragesimas. Tem algumas festas principaes , e todas são no principio da Lua nova , ou quando está cheia , e o rezar delles he em coro de dia , e de noite a certas horas. Nestes Sacerdotes está toda a doutrina , porque não sómente estu-

dam nas cousas de sua religião, mas ainda na revolução do Ceo, e dos Planetas, e nas cousas da Filosofia natural. Tem que o Mundo teve principio, e que houve diluvio geral, e que o termo da duração do Mundo he de oito mil annos, de que já são passados seis mil, e disto davam alguns d'outros razão o anno de mil e quinhentos e quarenta a hum Domingos de Seixas, de que atrás fizemos menção, que lhe perguntava por estas cousas. Dizem que a fim do Mundo ha de ser per fogo, e que neste tempo se abrirão no Ceo sete olhos de Sol, e que cada hum successivamente seccará huma cousa, té que aos cinco seccará o mar, e que nos dous ultimos se queimará toda a terra, na cinza da qual ficarão dous óvos, macho, e femea, de que se tornarão a pruduzir todas as cousas, de que o Mundo se tornará reformar. E que não haverá nelle mar de agua salgada, senão rios que reguem a terra, a qual será mui fertil, e dará seus frutos sem trabalho dos homens com que elles vivam a seu prazer perpetuamente. Fazem o anno de doze mezes, e começam o seu anno na primeira Lua de Novembro; e a causa he, porque entre elles neste tempo começa o verão, e os rios mettidos na madre trazem suas aguas claras. E como ácerca de nós a cada hum dos mezes attribui-

mos hum signo do Zodiaco, notado per huma figura de animal, assi elles denotam os seus per estas. Ao primeiro, que he Novembro, dam a figura de Rato; a Dezembro, Vaca; a Janeiro, Tigre; a Fevereiro, Lebre; a Março, Cobra grande; a Abril, Cobra pequena; a Maio, Cavallo; a Junho, Cabra; a Julho, Bogio; a Agosto, Gallinha; a Setembro, Cam; a Outubro, Porco. São grandes Astrologos, e não movem hum pé sem eleição de tempo pera seus orapostos; e posto que figam as horas do Sol, não tem relógios de sombra, e pera o decurso do dia, e da noite sómente nas casas d'ElRey ha relógio de agua, que de dia, e de noite se vigia; e ao tempo das horas dam tantas pancadas em hum atabaque, que se houve per toda a Cidade, e a tempera sua está calculada pelo ascendente do Sol. E com esta astronomia, e astrologia de que usam, tambem misturam outras artes que della dependem, como Geomancia, Piromancia, e mil modos de feiticaria, e esta per doutrina da gente Quelin da costa Choromandel, a qual por esta causa he mui estimada naquelle Reyno, e vem a elle a ler esta crença. A outra doutrina commum, assi como ler, escrever, e artes liberaes, os mestres dellas são os mesmos Sacerdotes nos proprios Templos, e alli vam

os meninos aprender estas cousas delles ; e assi como os mandamentos , e ceremonias de sua religião aprendem na lingua da terra , assi as cousas da sciencia ensinam em lingua antiga , que he ácerca delles como entre nós a lingua Latina. Escrevem ao nosso modo da mão esquerda pera a direita , tem grandes livrarias todas de mão , por não terem impressão , como os Chijs. Todo este Reyno , tirando as partes per que o confrontamos com os outros povos , que são partes montuosas , e de grandes arvoredos , e alagadiços , que quasi são limites de huns se demarcarem com outros , a mais terra delle he chá , e de campinas , principalmente aquella que vem regando o rio Menam , que faz o Reyno mui abundoso de todas as fementes , e mantimentos. A' agricultura dos quaes a gente se dá mais , que ao outro exercicio , e por esta causa he este Reyno pouco frequentado per via de commercio : cá onde não ha mecanica , não ha obras que os povos estranhos lhes vam comprar. E algumas mercadorias que tem , as quaes procedem do Reyno Chiamay , assi como prata , pedraria , almiscra , (este Reyno Chiamay vizinha com o chamado Tongu , que he a cabeça dos povos Brammás , os quaes confinam dentro pelo sertão com Pegu ,) todas ellas vassam por este Reyno maritimo ,

e por Martabam, por a grande navegação que tem com a India, que lhes fica mais vizinha per o mar de Bengála, que per o de Sião. Ha neste Reyno ouro, prata, e os outros metaes, e delles se leva pera outras partes; verdade he que a prata lhes vem das ferranias dos povos Láos. Geralmente todo Sião he mui lujcito a seu Rey, porque todos vivem delle: cá ninguem tem hum palmo de terra que seja propria, toda he del-le, ao modo que neste Reyno de Portugal são os Reguengos, que são as melhores empolas, e Comarcas da terra, que os primeiros Reys tomáram pera si em lugar de patrimonio; e quem lavra na tal terra, paga a ElRey o quarto. Assi neste Reyno de Sião todo he Reguengo, de que os lavradores pagam hum tanto a ElRey, ou aos senhores, a quem elle dá algumas terras pera sua mantença. A repartição das quaes he per huma medida, a que elles chamam cem, a qual contém em si vinte braças em quadrado; e seiscentos cens destes he huma medida itineraria per que medem os caminhos, e distancias que ha de lugar a lugar, per a qual nós assentámos toda a Geografia daquella região em as nossas Taboas. É pera que os vassallos se animem a servir seu Rey, principalmente aquelles que servem na guerra, são seus serviços escritos em Livro,

e em

e em modo de Chronica: estes actos dos homens são lidos ante ElRey, assi pera com a lembrança haverem igual premio de seu serviço, como pera gloria de seu nome aos que d'elle descendêrem, e todos são pagos nestes rendimentos da terra, della se dá per annos, e alguma em vida da pessoa, e nenhuma de juro. O qual modo não sómente usa com a gente nobre, mas ainda com os senhores que tem nome de Oyas, que entre elles he o que ácerca de nós denotam Duques, e dahi pera baixo a outras dignidades. Cá todos estes, però que d'ElRey tinham Cidades, e Villas com jurdição ao nosso modo, não tem este dominio senão por annos, ou em sua vida, e todos com obrigação de o servirem na guerra com tanta gente de cavallo, e de pé, e tantos Elefantes. E porque maior parte dos meritos, pera haverem estas comedias, está no uso da guerra, ainda que estem na paz, sempre se exercitam nos actos, e manhas della; e algumas festas que ha no anno, que ElRey muito celebra em a Cidade Hudiá, todas são ordenadas a este fim de os homens mostrarem suas habilidades nas armas. Huma destas festas se faz no rio Menam, onde se ajuntam mais de tres mil paraos, e parte-se este acto em dous, ao modo que os Romanos faziam as suas naumachias; porque

depois que tem curso de quem chegará primeiro a hum posto á força de remo, entram na peleja de huns com outros. A festa da terra he de se encontrarem a cavallo, e em Elefantes, e pelejarem a pé de espada, e escudo huns com outros, e delles com alimarias feras, e alguns condemnados á morte são lançados a ellas; e se fica com vitoria, além de ter vida, tem mercê d'El-Rey. Finalmente todos seus exercicios são ordenados a este acto de guerra; e però que sejam homens que se prezam della, e cavalleiros de sua pessoa, e principalmente os das Comarcas, onde estam situadas as Cidades Suruculoeo, e Socotay, que são do Reyno Chaumúa, o mais da vida geralmente gastam em delicias, e vicios. Porque naturalmente são comedores, sem fazerem exceição de alguma immundicia, assi das que cria o mar, como da terra, e mui dados a mulheres, e tão ciosos dellas, que assi o Rey, como todo homem nobre da casa pera dentro, onde ellas estam, não lhe entra macho, todo o serviço he de mulheres, e tem porteiras que guardam estas entradas. E segundo dizem, tem elles razão, por ellas terem taes nesta parte da castidade, que hão mister vigiadas; porque como se ellas prezam de mulher ser inventor daquelle torpe uso dos cascaveis, que os homens enxe-

riram na parte da geração, (segundo contámos, fallando de Pegu,) e assi se prezam que a deleitação deste bestial uso he mais feu, que dos homens, todo o mal que nesta parte dellas se puder presumir, se deve crer. Muños, e varios costumes tem esta gente, e o seu Principe, que leixámos pera os Commentarios da nossa Geografia, o dito baste pera noticia deste tão grande Reyno.

C A P I T U L O VI.

Como ElRey D. Manuel mandou Fernão Peres d'Andrade descobrir a enseada de Bengdla, e a costa da China: e o que passou primeiro que fosse á Cidade Cantam, que he a principal de huma das Provincias que a China tem.

A Lém dos trabalhos, e diligencia que Affonso d'Albuquerque teve em quanto governou o estado da India, e conquistou os Reynos, e terras, que per seu fallecimento ficáram á Coroa deste Reyno, teve mais hum vivo, e natural espirito ácerca de inquirir todos os Reynos, e Provincias daquelle Oriente, trabalhando por saber o estado dos Principes dellas, e como se governavam, e os tratos, e commercios que entre si tinham, provocando-os em nossa amizade per todos os modos, e meios

que elle podia. A qual diligencia, e industria, (salva a graça dos outros Governadores, que o succederam,) a elle se póde attribuir como propria prerogativa. Donde na tomada de Malaca, (segundo escrevemos,) naquelle pequeno espaço de tempo que nella esteve, enviou seus mensageiros a Sião, a Maluco, a Pegu, á Jauha, e á China. E de Ormuz, quando o tomou, enviou Fernão Gomes de Lemos ao Xequé Isnael Rey da Persia, que naquelle tempo era o terror das gentes daquellas regiões, tudo porque o nome Portuguez fosse conhecido no interior dellas, pois o maritimo perpotencia de armas a elle obedecia. E ao tempo que partio de Malaca, huma das principaes cousas que encommandou a Ruy de Brito Patalim, que leixou nella por Capitão, e depois a Jorge d'Albuquerque, quando o mandou de Cochij a servir este cargo, era, que não partisse navio de mercadores daquella Cidade, onde não fosse hum Portuguez homem de bom espirito, e disposição pera trazer informação do que visse, e ouvisse daquellas regiões, e tantas mil Ilhas, como aquelle mar Oriente tem. O que estes Capitães fizeram em todo o tempo que residiram naquella Cidade Malaca, donde no tempo de sua monção, (de que atrás escrevemos,) partiram pera aquelas

las partes. Das quaes ElRey D. Manuel tinha grandes informações, não sómente per os primeiros mensageiros que Affonso d'Alboquerque per si mandou, mas ainda pelo cuidado que estes Capitães tiveram. E como ElRey estava avilado da grandeza daquelle Oriente, e da muita riqueza que nelle havia, assi de cousas notaveis, como artificiaes: determinou enviar huma Armada a este descobrimento, principalmente a Bengála, e á China, por lhe dizerem serem os Reynos do maior commercio, e os mais ricos, e poderosos que havia do Cabo Comorij em diante. A capitania da qual frota, que havia de ser de quatro vélas, que na India se haviam de armar, deo a Fernão Peres d'Andrade, que naquellas partes, principalmente em Malaca, tinha mostrado quanto nelle cabia este, e outros cargos de maior qualidade, o qual (como escrevemos) partio com Lopo Soares, e cile o espedio, tanto que chegou á India, pera ir fazer este descobrimento. Fernão Peres seguindo sua derrota, o primeiro porto que tomou, foi em a Cidade Pacem, cabeça de hum dos Reynos que tem a Ilha Çamatra, á qual os Geografos, (como adiante veremos,) erradamente fizeram terra firme, e não Ilha, como he, chamando-lhe Aurea Chersonezo. Onde pela ordenança que leva-

va , havia de tomar carga de pimenta da
 muita que nella ha , e outras mercadorias
 que tem grande preço na China , a qual el-
 le fazia fundamento ir primeiro descobrir ,
 e depois a Bengála , e costa de Pegu. No
 qual porto de Pacem achou Gaspar Macha-
 do com alguns Portuguezes , que alli esta-
 vam per mandado do Capitão de Malaca ,
 feitorizando carga de pimenta aos juncos ,
 que hiam a Bengála , e á China ordenados
 pela Feitoria de Malaca , segundo o modo
 que ordenára Jorge de Brito , que foi hu-
 ma das causas de se despovoar a Cidade ,
 como escrevemos. E Manuel Falcão anda-
 va tambem com huma galé fazendo arribar
 a Malaca todas as náos , que alli vinham ter
 de Bengála , Choromandel , Cambaya , pe-
 ra que fossem com suas mercadorias a ella.
 A qual cousa os Mouros não queriam fa-
 zer sem esta força , e isto em odio nosso ,
 trabalhando por avocarem alli todo genero
 de commercio , alli das cousas que havia na
 terra , como das que costumavam ir a Ma-
 laca , por desfazerem em o trato della , e
 desfeito , nós leixariamos a povoação , por
 a terra em si não ter cousa que nos obri-
 gasse a sustentalla. Recebido Fernão Peres
 do Rey da terra com grande honra , e co-
 meçando entender em o negocio da carga
 da pimenta , aconteceu que per descuido

dos marinheiros, da pevide de luma can-
 deia, que foi levada abaixo pera tomar
 agua, a não em que hia Joannes Impole
 por Capitão, e Feitor, ardeo com quanta
 fazenda levava debaixo da cuberta, sômen-
 te se salvou a de cima com toda a gente.
 Quando Fernão Peres vio que per aquelle
 defastre, por ser a maior não que levava
 em sua companhia, ficava desaviado, e es-
 perar per outra não, que em Malaca lhe ha-
 via de ser dada pera novamente começar
 tomar outra carga de pimenta, perdia a
 monção, e tempo em que lhe convinha
 partir pera a China, determinou de se ir a
 Malaca, e com as mercadorias que lhe ha-
 viam de dar na Feitoria, e o mais que des-
 te Reyno levava, e se salvou do fogo, fa-
 zer huma viagem a Bengála, e descobrir
 primeiro esta enseada, e da vinda ir á Chi-
 na. Com o qual fundamento pera nesta sua
 ida a Bengála ser melhor recebido quan-
 do lá chegasse, determinou de mandar dian-
 te hum João Coelho em a não do Mouro
 Gromalle, parente do Governador de Cha-
 tigam, com as cartas, e recado que atrás
 dissemos, quando tratámos do que elle fez
 nas cousas de D. João da Silveira. Chega-
 do Fernão Peres a Malaca com este funda-
 mento de ir a Bengála, em nenhum modo
 o consentio Jorge de Brito, que era Capi-
 tão

tão della, ante lhe requereo da parte d'El-Rey, que como cousa muito importante a seu serviço, elle fosse primeiro á China, dando pera isso muitas razões. A principal das quaes era, que Jorge d'Albuquerque tinha enviado lá Rafael Perestrello em hum junco de hum mercador, que alli vivia chamado Pulate, o qual parecia ser reteudo na China, por ser já passado o tempo em que se esperava por elle. Finalmente por estas, e outras cousas do serviço d'El-Rey, e bem do credito daquella Cidade Malaca, posto que era já tarde pera a navegação daquellas partes, Fernão Peres se partio a doze de Agosto do anno de quinhentos e dezesseis; e ainda pera maior impedimento, foram os tempos tão mortos, que chegou meado de Setembro á vista da costa do Reyno de Cochij China. Na qual paragem, por ser no fim do tempo da monção, lhe deo hum temporal por davante, que o fez arribar á costa do Reyno Choampá, com todos os navios que levava; sómente hum junco, em que hia Duarte Coelho, que desta feita foi ter ao rio Menam, que corre per meio do Reyno de Sião, onde invernou, (como ora atrás diffemos,) na qual costa elle Fernão Peres correo maior perigo de sua vida, que em toda a tormenta, per esta maneira. Como por razão das calmarias

que trouxe, ante que lhe sobreviesse este tempo, hia necessitado de agua, passou-se a huma caravella, de que era Capitão Antonio Lobo Falcão, e leixou recado ás outras vélas que levava, que corresse a costa sempre á vista delle, por quanto se queria chegar bem a terra, pera a descobrir, e ver se achava lugar onde fizessem aguada, e quando a achasse, lhe faria sinal. Indo com este propósito ao longo da terra, tão perto que podiam notar a qualidade della, onde a vio verde, e huns corregos dispostos pera nelles haver agua: surta a caravela, sahio alli em hum batel, postos dous berços com hum bombardeiro pera servir com elles, e a mais gente eram marinheiros, e grumetes com barris pera tomarem agua, e Antonio Lobo Capitão da caravela, com que per todos seriam nove pessoas. Tomando os barris pera irem buscar agua, leixou dous grumetes em guarda do batel hum pouco largo, com aviso que tivessem olho se vinha alguém, e que fizessem sinal, tirando com hum dos berços; mas elles tiveram tão bom cuidado, que por razão da grande calma que fazia, se sahiram do batel, e foram-se lançar a dormir debaixo de humas arvores. Hum dos quaes depois que acordou, pelo que vio, foi-se pelo corrego acima em pés, e mãos, sem ousar de se er-

guer, onde achou Fernão Peres em hum ri-
beiro, o qual estava enchendo os barris de
agua, e quando o vio vir daquella manci-
ra, perguntou-lhe: *Que cousa he essa?* O
grumete como hia cortado do medo, não
respondeo, mas apertou os beiços com o
dedo, fazendo-lhe sinal que se calasse. Fer-
nãõ Peres, porque os da companhia não ou-
vissem o que dizia, parecendo-lhe algum
mysterio, apartou-se com elle. Do qual sou-
be que por razão da grande calma que fa-
zia, se foram lançar debaixo de huma ar-
vore á vista do batel; e que acertando de
dormir, quando acordáram, víram estar o
batel em secco, e derredor delle mais de
cincoenta homens, e que esta fora a causa
de ir a elle em pés, e mãos, e o outro seu
companheiro ficava escondido á vista do ba-
tel, pera ver que faziam delle. Quando Fer-
nãõ Peres soube deste perigo, dissimulou
com Antonio Lobo, e disse-lhe: *Ficai aqui
com esta gente, e não façais muito rumor,
que eu quero ir ver o que este vio, que me
parece sonho, porque elle vem de dormir
debaixo do pé de huma arvore; e tomando
huma lança, e adarga, disse ao grumete:
Anda por hi diante. Senhor (disse elle) não
vá vossa mercê assi, senão em pés, e mãos,
como eu venho, por não ser visto. Ao que
Fernão Peres respondeo: Amigo, eu já lei-*

xei de engatinhar, faze o que te digo, anda diante, não bajas medo. Indo per este modo o mais encubertamente que pode, quando chegou onde o outro grumete ficava escondido, vio estar o batel na praia atravessado, e os berços fóra, e muitos homens á sombra delle com lanças, e arcos; o número dos quaes, (segundo sua estimação,) lhe pareceo ser de setenta pessoas. Tornado onde leixou Antonio Lobo, por não enfraquecer o animo dos que com elle estavam, disse: Bem sabia eu que sonhára o grumete. O caso he este: Elle, e seu companheiro lançáram-se a dormir ao pé de huma arvore, com que o batel ficou em secco: derredor delle lançados á sombra estam dez, ou doze homens da terra, compe que nós vamos caladamente té as arvores, onde estes grumetes jaziam, e dalli remettamos com huma grande grita, e ninguem entenda senão em pôr hombros ao batel, porque se nos puzeremos a pelejar com os Negros, per ventura appellidarão gente da terra, que nos dê algum trabalho, pera nos impedir a embarcação. Ditas estas palavras, tomou Fernão Peres a dianteira; e tanto que chegou ao lugar assinado, sahio com huma grita, com que fez fugir a gente tão semrento, que leixáram os mais delles as armas, e fato que traziam, no qual reboiço

os nossos aos hombros puzeram o batel na agua, e se recolhêram nelle. Fernão Peres como se vio recolhido, mandou bradar por huma lingua que levava aos que fugiram, os quaes tambem já tornavam sobre si do primeiro affombramento que tiveram, vendo quão poucos eram os nossos. E chegando espaço que podiam estar á falla, mandou-lhes Fernão Peres lançar as armas, e coufas que leixáram, e assi alguns barretes vermelhos, e brincos de contás miudas, que os marinheiros levavam. Com as quaes alli ficáram domesticos, que não sómente naquelle instante per meio delles os nossos houveram a agua que buscavam, mas ao segundo dia, por elles dizerem a Fernão Peres que tinham alli perto huma povoação, mandou elle recado ás outras vélas que hiam de largo, as quaes fizeram sua aguada, e houveram muito refresco de galinhas, e mantimentos da terra, que lhe esta gente trouxe. Partido Fernão Peres, foi ter a huma Ilha chamada Pullo Candor; Pullo em lingua Malaya de Malaca quer dizer Ilha, Candor he o proprio nome; e daqui se póde entender, que quando nesta historia fallarmos por este nome Pullo, não he proprio, mas commum. Na qual Pullo Candor, ainda que era despovoada, por ser mui frequentada dos navegantes, onde geralmen-

te fazem aguada , e ás vezes tiram os navios em terra , ha tantas gallinhas das que elles alli leixam , que tiveram os nossos hum grande refresco nellas , e assi em outro muito genero de aves que ha nella , e principalmente tanta tartaruga , e variedade de peixes , que puderam carregar as náos. E o porque a elles foi mais novo por té então as não terem visto naquellas partes , foi acharem algumas parreiras de uvas pretas no tempo que se acham inda entre nós : cá era no fim de Setembro. Partido Fernão Peres della , foi ter á costa da terra firme , que corre de Malaca pera o Reyno Sião , e tomou o porto da Cidade Patane , que he do mesmo Reyno , onde concorrem muitas náos de Chijs , Lequios , Jáos , e de todas aquellas Ilhas vizinhas , por ser em trato do commercio mui célebre , e ora por causa nossa com a tomada de Malaca , he mui frequentada de toda a mercadoria daquellas partes. Finalmente Fernão Peres assentou paz com o Governador da terra , pera nossas náos poderem ir a ella , e as suas virem a Malaca , e daqui veio correndo todos os portos daquela costa , fazendo outro tanto , donde se causou que Jorge de Brito logo lá mandou , e assi fizeram todos os Capitães de Malaca , por acharem ser negocio proveitoso , em quanto não rompêram a paz.

E ao tempo que chegou a Malaca, achou que era vindo da China Rafael Perestrello, que elle hia buscar, o qual com as cousas que de lá contava, e com o grande ganho que fez do que levou, e trazia, alvoroçou tanto a Fernão Peres, e aos de sua frota, que houve por melhor fazer primeiro aquella ida, que a de Bengala. Per conselho do qual, logo em Dezembro Fernão Peres se partio pera Pacem fazer carga da pimenta; e por esta ser a melhor mercadoria que lá podia levar, e neste porto se deteve té Maio, em que houve espaço pera Simão d'Alcagova, que era hum dos Capitães de sua Armada, ir á India carregar a sua não, e tornar. Partido Fernão Peres deste porto de Pacem pera Malaca, chegou a tempo que Jorge de Brito Capitão della era falecido; e sobre quem seria Capitão, havia entre Nuno Vaz Pereira cunhado d'elle defunto, e Antonio Pacheco Capitão mór do mar grande contenda a quem serviria este cargo, (como atrás fica.) Entre os quaes elle Fernão Peres se metteo pera os concertar; e vendo que era já em Junho do anno de dezefete, tempo em que lhe vinha partir, por não perder a monção pera a China, leixou-os em suas differenças. Fazendo sua viagem com huma Armada de oito vélas, de que eram Capitães das sete

Simão d'Alcaçova, Jorge Mascarenhas, Jorge Botelho de Pombal, Antonio Lobo Falcão, Pero Soares, Manuel d'Araujo, e Martim Guedes, com as quaes a quinze de Agosto do anno de dezefete chegou á Ilha Tamão, a que os nossos chamam da Beniaga, que quer dizer mercadoria, vocabulo daquellas partes já tão recebido entre elles, que o tem feito proprio. E a causa por esta Ilha ser assi chamada, he, porque todos estrangeiros que vam á Provincia de Cantam, he a maritima mais Occidental, que o Reyno da China tem, a ella por ordenança da terra hão de ir surgir, por estar per espaço de tres leguas da terra firme, e alli provém os navegantes do que vam buscar. E porque as cousas desta região da China são tão grandes, como a mesma terra he, posto que em a nossa Geografia damos toda a relação que della temos sabido; aqui summariamente de algumas cousas o queremos fazer, começando primeiro na descripção da terra, e cousas dos moradores della, e deshi a daremos da Cidade Cantam, cabeça de humra das governanças, que esta região China tem, onde Fernão Peres esteve, e fez todo o negocio a que foi.

CAPITULO VII.

*Em que se descreve a terra da China, e
relata algumas cousas que ha nella,
e principalmente da Cidade Can-
tam, que Fernão Peres
hia descubrir.*

A Grão Provincia, (se este nome pôde ter aquella parte da terra, a que nós chamamos China,) he a mais Oriental que Asia tem; a maior parte da qual he lavada do grande Oceano, á maneira que he a nossa Europa opposita a ella, começando da Ilha Cález. Porque como desta Ilha ella vai torneada, e cingida do mar Occidental, e depois que chega ao cabo de Finis terra, corre ao Norte té chegar ás regiões, e Reyno Dinarmaca, e de si faz a grande enseada, a que chamam mar Balteo entre a Sarmacia, e Norduegia, com o mais que se vai continuando com a terra Laponia, e a outra regelada a nós incognita; assi esta região, a que chamamos China, começando da Ilha Aynam, que he a mais Occidental que ella tem, vizinha ao Reyno Cácho per nós chamado Cauchimchina, que he do seu estado, o mar a vai cingindo pela parte do Sul, e corre nesta continuação pelo rumo, a que os mareantes chamam Lesnordeste,

encolhendo-a quanto póde pera o Norte té chegar a hum cabo o mais Oriental della, onde está a Cidade Niampó, a que os nossos corruptamente chamam Liampó. E daqui volta contra o Noroeste, e Norte, e vai fazendo outra enseada mui penetrante, levando per cima de si outra costa opposita á de baixo, com que a terra de cima fica metrida debaixo dos regelos do Norte, onde habitam os Tartaros, a que elles chamam Tátas, com quem tem contínua guerra. A qual semelhança entre estes dous fins da terra habitada, não está tanto em situação de grãos, quanto em modo de figura; porque a Ilha Cález está em altura de trinta e sete grãos escaços do nosso pólo Arctico; e muita parte da terra desta Europa, quanto ao per nós sabido, acaba em altura de setenta e dous grãos. E a Ilha Aynam está em dezenove grãos, e a terra da China, a que ella está conjunta, (á maneira que Cález o está com a nossa Europa,) a parte della, de que temos noticia, acaba em cincoenta grãos de altura, a fóra o mais que a ella vai continuada. Da qual distancia podemos tirar a grandeza deste estado, pois que em largura, (fallando nas mensuras Geograficas,) esta terra da China tem trinta e hum grãos, e a nossa Europa trinta e cinco grãos. E não fallamos na longura, por-

que por razão da differença dos parallelos, os quaes ainda não temos verificados pelo instrumento de que usamos na descripção das Taboas da nossa Geografia, pera este lugar leixámos a sua distancia. Somente diremos aqui huma maravilhosa cousa, que tem esta região da China na travessa da sua largura, que he a longura ao respeito de como contamos a graduação da terra: que entre quarenta e tres, e quarenta e cinco grãos vai lançado hum muro, que corre de Ponente de huma Cidade per nome Ochióy, que está situada entre duas altissimas serras, quasi como passo, e porta daquella região, e vai correndo pera o Oriente; té fechar em outra grande ferrania, que está bebendo em aquelle mar Oriental em modo de cabo, cujo comprimento parece ser mais de duzentas leguas. O qual muro dizem que os Reys daquella região da China mandáram fazer por defensão contra os povos, a que nós chamamos Tartaros, e elles Tátas, ou Tancas, (segundo lhe outros chamam,) posto que além do muro contra o Norte ainda tem estado ganhado a estes Tátas. Este muro vem lançado em huma carta de Geografia de toda aquella terra, feita pelos melinos Chijs, onde vem situados todos os Montes, Rios, Cidades, Villas, com seus nomes escritos na letra delles, a qual man-

dámos vir de lá com hum Chij pera a interpretação della, e de alguns livros seus, que tambem houvessem. E ante desta carta tinhamos havido hum livro de Cosinografia de pequeno volume com Taboas da situação da terra, e Commentario sobre ellas á maneira de Itinerario; e ainda que nelle não vinha este muro figurado, tinhamos informação d'elle. E o que sobre isso nos davam a entender era não ser per todo continuado, sómente haver entre os Chijs, e os Táatas huma corda de serras mui asperas, e em alguns passos estava este muro feito; mas agora que per elles o vimos pintado, fez-nos grande admiração. A qual carta, posto que não vem agraduada sómente pera demonstração, o Livro das Taboas, que de ante tinhamos, responde a ella na mensura itineraria, de que elles usam, que são tres, ao modo de estadio, milha, e jornada, de que nós usamos. A primeira, e menor distancia sua he Lij, que tem tanto espaço, quanto per terra chá em dia quieto, e tereno se pôde ouvir o brado de hum homem; dez dos quaes Lijs fazem hum Pú, que responde pouco mais de humia legua das nossas Hespanhocas, porque dez delles fazem jornada de hum homem, a qual elles chamam Ychan. E té ora não temos sabido que situem a distancia da terra per grãos

correspondentes ao orbe celeste, posto que sabemos terem este uso nos seus Horoscópos, quando usam da Astrologia, de que são grandes homens: e não he muito não haver entre elles esta maneira de graduação terrestre, pois té o tempo de Ptholomeu não era usado dos Geógrafos. Dentro desta terra que divisámos, a qual he toda de hum Principe Gentio, (como já atrás fizemos menção,) se contém quinze Reynos, ou principados, a que elles chamam governanças, os nomes das quaes ora tornaremos repetir, Cantam, Foquiem, Chequeam, Xantom, Nauquij, Quincij, que são as maritimas delle. E Quicheu, Junná, Quancij, Sujuam, Fuquam, Cansij, Xianxij, Honam, e Sancij, são do sertão. Em as quaes, segundo mostra a carta da Geografia que houvemos, contém duzentas quarenta e quatro Cidades notaveis, as quaes todas acabam nesta syllaba fú, que quer dizer Cidade, assi como Chincheufú, Nimpofú, pelas Cidades Chincheu, e Nimpo, onde os nossos van fazer seus commercios. No qual modo elles se conformam com os Gregos, dizendo Constantinopolis, Andrianopolis, por as Cidades que edificáram, ou renováram Constantino, e Adriano Emperadores, e as mais das Villas tambem tem seu termo final, que denota Villa, que he Cheu, a qual

ordem não guardam nas outras povoações; como são Aldeas, posto que ha muitas dellas, que passam de tres mil vizinhos. Nem ácerca delles fazem esta divisão de Villa á Aldea, por razão de muitos, ou poucos povoadores, sómente porque as vizinhas são cercadas de muro, como as Cidades, e mais tem suas insignias, assi na administração de justiça, como nas outras cousas do governo da terra, e preeminencia de honra. Porque como cada huma destas quinze governanças, ou Provincias, tem huma Cidade, que he sua cabeça, a que acodem todas as Cidades que nella ha; assi as Villas acodem ás Cidades do seu termo, e as Aldeas ás Villas. As quaes cabeças vam todas as appellações de qualquer caso, ora seja do estado, e justiça, ora da fazenda, ora da guerra, onde residem os Governadores principaes, que presidem áquella governança. O primeiro, e principal, a que elles chamam Tutam, este he Governador das cousas que pertencem ao estado, e administração da justiça; e o do regimento da fazenda se chama Concam; e o Capitão geral da guerra, Chumpim. E posto que cada hum destes, debaixo de sua jurdição, tenham grande número de Officiaes, com que servem particularmente seus officios com casas proprias; em huma, que he a principal da

da Cidade pera isso ordenada, cada mez em certos dias se ajuntam todos tres a comunicar as cousas principaes, que sobrevem diante de cada hum, isto em modo de consulta, pera com mais maduro conselho determinarem as cousas. Os quaes cargos naquella Cidade não lhes duram mais que tres annos, e ainda muitas vezes no meio tempo, sem o elles saberem, são sobrefaltados, com que os tiram dos taes cargos, e os mudam pera outra parte, e isto quando as culpas são leves, porque nas graves gravemente são punidos, té o castigo chegar á morte; per esta maneira. O Rey, e Principe deste grande Imperio, dos homens que andam derredor delle, elege hum de que muito confia, e da-lhe de beber tres vezes do vinho que elles lá usam, isto em modo de juramento, e menagem, e manda-o a humma cabeça destas Provincias, ao qual dá tanta jurdição, e authoridade, que segundo a qualidade do crime, elle o possa castigar sem vir mais elle a ElRey, e isto com todo o segredo que póde ser; porque ainda fallam geralmente que lhe obedecam, mas não particularizam o lugar onde vai, per as Provisões, sómente elle que verbalmente lho diz ElRey. Partido com estes poderes, che-

ga á Cidade onde he enviado, e desconhecido, vê, e ouve como cada hum daquelles Officiaes ferve seu cargo; e depois que tem informação das obras de cada hum, o dia que os tres Governadores se ajuntam, vai diante delles como homem que quer requerer alguma cousa. E apresentando a Provisão que trás d'ElRey, elles se deicem da cadeira onde estavam, e se põem ante elle que sobe no seu lugar, esperando elles que sentença ouvirão de si, a qual por grave que seja no culpado, logo he executada; e este Superior, (a que elles chamam Ceuhij,) provê de outros novos Officiaes; e aos que servem bem, muda pera outros officios de mais confiança na mesma Provincia a que he enviado. Tem ainda o Principe deste Imperio outra ordem na maneira de o governar, que os Officiaes do governo da justiça não hão de ser naturaes da terra, mas estrangeiros, á maneira que neste Reyno de Portugal se usam os Juizes, que chamam de Fora, e isto por administrarem justiça em toda pessoa, sem affeição de parentesco, ou amizade; e os Capitães da guerra hão de ser naturaes da propria terra: cá dizem elles que o amor da patria lhes fará trabalhar mais pola defender. E bem como os Gregos em respeito de si todalas outras nações haviam por barbaras, assi os Chijs dizem que

elles tem dous olhos de entendimento ácerca de todas as cousas; e nós os da Europa, depois que nos communicáram, temos hum olho, e todas as nações são cegas. E verdadeiramente quem vir o modo de sua religião, os Templos desta sua santidade, os Religiosos que residem em Conventos, o modo de rezar de dia, e de noite, seu jejum, seus sacrificios, os estudos geraes onde se aprende toda sciencia Natural, e Moral, a maneira de dar os grãos de cada huma sciencia destas, e as cautélas que tem pera não haver sobornações, e terem impressão de letra muito mais antiga que nós, e sobre isso o governo de sua républica, a mecanica de toda obra de metal, de barro, de pão, de panno, de seda, haverá que neste Gento estam todas as cousas de que são louvados Gregos, e Latinos. A qual gente, por não perder nome de Conquistador, já seguiu este modo, conquistando per dentro da terra, té vir ter ao Reyno de Pegu, no qual ainda hoje estam obras de suas mãos com letras que o dizem, assi como sinos de metal de mui descompassada grandeza, e bombardas da mesma forte, donde parece que primeiro este uso se achou entre elles, que ácerca de nós; e em hum campo no Reyno Avá ao Norte de Pegu entre estas duas Cidades, Piandá, e Mirandú, se

acham grandes ruínas de huma Cidade, que elles alli edificáram. E não sómente estes Reynos nomeados, mas quantos comprehendem em si o grande Reyno Sião, de que atrás escrevemos, com os Reynos Melitay, Bacam, Chalam, Varagú, que ficam ao Norte de Pegu, com outros do interior da terra que com elles vizinham; todos em alguma maneira observam, e guardam parte da religião delles Chijs, e o conhecimento da sciencia das cousas naturaes, contam do anno per mezes da Lua, doze Signos do Zodiaco, e outras noticias do movimento dos corpos celestes. Porque no tempo que per elles foram conquistadas aquellas partes, leixáram semeada esta doutrina; e ainda em modo de reconhecimento que todos estes Reynos foram conquistados daquelle Imperio da China, quasi té nosso tempo de tres em tres annos, os Reys delles lhe mandavam seus Embaixadores com algum presente. Os quaes Embaixadores sempre haviam de ser de quatro pera cima; porque primeiro que chegassem a este grande Emperador Principe daquelle estado, era tamanha a distancia do caminho, e tardavam tanto tempo em serem ouvidos, e despachados, que primeiro morriam hum par delles; e quando a doença os não matava, em algum banquete lhe davam cousa com que os enterra-

vam. Ao qual, ou quaes faziam huma sumptuosa sepultura com letreiro, em que se continha quem era, e per quem fora mandado, tudo por perpetuar a memoria de seu Imperio. Porém assi nesta conquista terreste que tiveram, como na per mar, quando vieram á India, (como já dissemos,) tiveram maior prudencia, que os Gregos, Cathaginenfes, e Romanos; os quaes, por causa de conquistar terras alheias, tanto se alongáram da patria, que a vieram perder; però os Chijs não quizeram experimentar este total damno. Antes vendo como a India lhe consumia muita gente, muita substancia de seu proprio Reyno, e que eram avexados dos vizinhos, em quanto elles andavam derramados conquistando o alheio, havendo na sua terra ouro, prata, e todo outro metal, e muita riqueza natural, e tão grão mecanica, que todos tomavam delles, e elles de ninguem: per Decreto de hum Rey prudente, que então governava, tornou-se recolher nos termos do estado, que tinha, fazendo huma pramatica, e defeza, que sob pena de morte ninguem navegasse pera aquellas partes, da qual lei hoje se guardam estas duas cousas, per terra, e per mar póde entrar hum só homem no seu Reyno; e os que entram com algum negocio importante ao serviço d'El Rey, he

com nome de Embaixador, e os passos destes são contados per olheiros a isso ordenados, que se sabe quanto faz; e té os mercadores, que per terra querem ir a esta China, ajuntam-se muitos, e fazem hum delles cabeça com nome de Embaixador, e com esta cautéla compram, e vendem. A segunda cousa he, que nenhum natural pôde navegar pera fóra, e soffre-se alguns que vivem nas Ilhas pegadas na terra firme, irem a parte que torne aquelle anno, e pera esta tal ida pede licença aos Regedores da terra, e dá fiança de tornar em tal tempo, e não ha de levar navio, que passe de cento e cincoenta toneladas; e se pede licença pera maior, não lha querem dar, cá dizem que quer ir longe do Reyno; e se alguns estrangeiros per mar lá vam, e a estas Ilhas, e alli meios furtados, vem os da terra comprar, e vender, e per esta maneira o fazem hoje os nossos; porque ainda que Fernão Peres d'Andrade desta vez affentou paz, e amizade com elles, foram lá depois outros, que fizeram obras com que elles ficáram de guerra connosco. A gente desta Provincia Cantam, onde elle esteve, em respeito da outra que vive mais vizinha ao Norte, he como a gente de Africa aos Alemães, assi no parecer, na alvura, e traço, como no tratamento de sua pessoa, de

maneira, que os debaixo parecem escravos dos de cima. Sómente por respeito do commercio nesta Cidade Cantam, a gente se trata bem, e he rica no seu modo: cá por razão d'elle, concorrem das outras Provincias do sertão muitas mercadorias de toda forte, e assi de diversas nações delles, que já variam a lingua natural de Cantam, posto que entre si se entendem quasi ao modo dos Gregos, contrahendo os vocabulos huns mais que outros. Geralmente são homens delgados em todo negocio, principalmente em o da mercadoria; e nos da guerra muito astuciosos, e que em artificios de fogo pela guerra naval, pola experiencia que os nossos tem, não hão inveja aos da Europa, e já quando lá fomos, tinham artilheria. Porém depois que víram a fórma da nossa, logo tomáram o modo, porque são tão excellentes fundidores, que lavram o ferro em vasos do serviço de casa, como vemos o latão de Nuremberga, e he levado per mercadoria per todas aquellas Ilhas do grande Oriente; mas por ser ferro pedrez, quebra como vidro. As mulheres são de bom parecer em seu modo, e tratam-se muito bem, e elles são tão ciosos dellas, que poucos lhas vem; e quando hão de ir fóra, vam mettidas em andas todas cubertas de seda em collos de homens rodeadas de servidores:

e però que todos geralmente tem duas, ou tres mulheres, huma só, que he a primeira, tem por legitima na estimação. Assi ellas, como elles são mui mimosos, e deliciosos no trajo, no serviço de suas pessoas, e no comer dispendem tanta substancia, como tempo, porque tudo são banquetes, em que gastam dias, e noites de maneira, que lhes não chegam Framengos, nem Alemães. Nos quaes banquetes ha todo genero de musica, de volteadores, de comédias, de cho-carreiros, e toda outra deleitação, que os póde alegrar. O serviço do qual comer he o mais limpo que póde ser, por ser tudo em procelana muito fina, posto que tambem se servem de vasos de prata, e ouro, e tudo comem com garfo feito a seu modo, sem pôr a mão no comer, pôr miúdo que seja. Però tem huma differença dos banquetes de cá, porque de dous em dous tem huma meza pequena, posto que na casa haja cincoenta convidados, e a cada sorte de iguarias ha de vir serviço novo de toalhas, pratos, facas, garfos, e colheres. E de ciosos não comem as mulheres com elles, sendo logo servidos naquelles banquetes per mulheres solteiras, que ganham sua vida neste officio, as quaes são quasi como cho-carreiros, porque todo o serviço da meza se passa com graças, assi dellas, como dos

outros ministros alugados pera isso. As mulheres proprias, posto que não estem nestes banquetes, com suas amigas no interior das casas fazem outro, onde não entra homem, sómente alguns cegos, que tangem, e cantam. Geralmente os homens nobres tem grandes aposentos, com pateos, alpendres cubertos, jardijs, e tudo são casas terreas ao menos na Cidade Cantam, e todo o maritimo que os nossos víram; e de ouvida dizem que nas Provincias mais ao Norte ha edificios sobradados. Quasi a maior parte destas Provincias, ou governanças, (como lhe elles chamam,) principalmente as maritimas, todas são retalhadas com rios, delles de agua doce, e outros são esteiros de salgada, que entram muito pela terra, e por ser mui chã o maritimo della parece alagadiça, não o sendo; mas per industrias naturaes trazem o habitado della á maneira de hum pomar regado. Donde vem que ha tanta cópia de barcos da serventia destes rios, que parece habitar tanta gente na agua, como na terra; porque os barqueiros, como aquella he sua herança, alli trazem mulher, filhos, e sua fazenda a huma parte da barca cuberta á maneira de casa, e a outra parte tambem cuberta, seguindo o tempo do anno, pera os passageiros. E como qualquer rio for grande, e

largo, per que humas possam ir, e outras vir, quasi todo está coalhado de outros barcos estantes á maneira de vendas, onde se acham todalas policias, que póde haver nas Cidades. Finalmente he gente que per industria de ganhar de comer não ha cousa que não invente, té carretas á véla nos lugares de campina, as quaes governam como podem fazer a hum barco per hum rio, onde a gente caminha ao modo dos carros de Frandes, e Italia, posto que tem outros de cavallos. A Cidade Cantam, onde Fernão Peres esteve, não sómente pela informação que tivemos d'elle, e de outros que foram em sua companhia, mas per hum debuxo do natural d'elle, que nos de lá trouxeram, sabemos estar situada ao longo de hum destes rios navegaveis, que dissemos, o qual á entrada da barra tem algumas Ilhas povoadas de agricultores, e dalli té a Cidade corre o rio em largura de duzentos passos, e de altura de tres té sete braças, todo pela margem povoado de lugares pequenos viçosos. O assento da Cidade he em campo chão, e gracioso com agricultura d'elle; sómente quasi no meio della dentro dos muros está hum tezo alto, que parece huma teta, onde está edificado hum sumptuoso Templo, que com seus curucheos á maneira de pyrames, de que elles usam,

do cimento té o cume, faz mostra da Cidade mui formosa, além de outros Templos que ella tem, que se não mostram tanto, e assi as casas, porque (como dissemos) todas são terras. O circuito do muro della parece que será mais de tres milhas, não tanto per estimação de vista, quanto per conta; porque huma noite, em que elles fazem festa solemne de grandes illuminarias, ao modo que nós celebramos á vespera de S. João Baptista, hum Antonio Fernandes homem curioso dos que levava Fernão Peres, estando neste tempo dentro na Cidade, (porque de dia não ousava de o fazer,) correo per cima do muro toda a Cidade, e contou noventa torres, que eram ao modo de baluartes. Todo este muro he alomborado per fóra, assentado sobre a face da terra sem outro alicerce, liado de canteria, e cal, e tão grosso no pé, que quando vem a responder ao meio, he tres vezes menos em largura; e per cima per onde se elle corre todo será mais de vinte palmos, entulhado per dentro mais das duas partes da altura delle, que poderá ser de quarenta palmos, o qual entulho sahio de huma cava mui larga, que cheia de agua tornea todo este muro, ficando entre elle, e ella espaço tão largo, que poderão ir a par seis homens a cavallo, e per dentro do

muro outros tantos de maneira, que se possa todo ver, e servir de dentro, e de fóra, sem algum edificio de casas lhe fazer nojo. Em cada huma das quaes torres ha huma maneira de guarita, ou guarida, (que he mais Portuguez,) cuberta do Sol, e da chuva, onde per ordenança da Cidade todalas noites estam vélas que vigiam. O que faz esta situação da Cidade mais formosa na ordem das casas he ter duas ruas feitas em cruz, que tomam quatro portas da Cidade, das sete que tem de sua serventia, e assi estam direitas, e compassadas, que quem se põe em huma porta, pôde ver a outra de frente. Sobre as quaes duas ruas todalas outras vam ordenadas, e á porta de cada casa está plantada huma arvore, que tem todo anno folha, sómente pera sombra, e frescura, e assi postas em ordem, que per o pé de huma se podem com a vista enfiar o de cada huma das outras. Nas sete portas per que se a Cidade serve ha sete pontes de pedra, e cal, e cada porta tem huma torre com a entrada requestada per tres portas, que passando huma fica defensão na outra; e se alguns barcos querein ir per debaixo da ponte, bem o podem fazer, que a cava tem altura pera ser navegada, però ha de ser indo elles desemmasteados. Em cada huma das portas da entrada da Cidade

ha hum homem como Capitão da guarda, que tem consigo ministros, sem deixar entrar senão homem natural, e conhecido; e dos naturaes nenhum pôde levar armas, sómente os que são ministros da guarda della, como cá são os soldados, que per seu traje são conhecidos. A gente estrangeira, que alli vem ter das outras Provincias, e de fóra da China, poufa em hum arrabalde, que a Cidade tem, e porém não ha de haver homem, que se não saiba donde he, a que vem; e se he vadio, logo he prezo. Finalmente he o governo, e prudencia desta terra tal, que as mulheres solteiras vivem fóra dos muros, por não corromper a honestidade dos Cidadãos, e não ha homem do povo que não tenha officio. Donde vem que não ha pobre que peça esmola, porque todos ou com os pés, ou com as mãos, ou com a vista, hão de servir pera ganhar de comer, e de cegos haverá dentro na Cidade passante de quatro mil, e estes servem de moer nas atafonas em mós de braço, assi trigo, como arroz. As outras cousas da grandeza desta terra, e do seu governo, e costumes, (como dissemos,) se guarda pera os livros da Geografia, batte o dito pera entendimento do que Fernão Peres aqui passou, de que queremos dar relação o mais breve que pudermos.

CAPITULO VIII.

Do que Fernão Peres passou em quanto esteve na China.

AO tempo que Fernão Peres começou a entrar pelas Ilhas adjacentes ao porto da Cidade Cantam, e Ilha Tamou, ou da Beniaga, segundo lhe os nossos chamam, (como dissemos,) primeiro que tomasse o pouso nella, per conselho de Pilotos Chijs que levava, achou hum Armada dos mesmos Chijs de muitas vélas com hum Capitão, que per ordenança da Cidade andava em guarda da costa; porque os navios que vinham a seu porto com mercadorias, e mantimentos não fossem roubados dos costeiros, que ás vezes vinham andar naquella paragem. Fernão Peres, posto que foi logo quasi rodeado deste Capitão, e tentado com alguns tiros de bombarda de ferro fracos pera saberem se era homem de guerra, se de paz, não respondeo com sua artilheria; ante se leixou ir todo aquelle dia embandeirado, mandando tanger suas trombetas, e fazer todos os outros sinais de paz, posto que hia apercebido pera pelejar, se os Chijs quizessem vir a mais que áquella tentação. Ao seguinte dia nesta ordenança, levando sempre á illhargá aquella Armada

dos Chijs, foi Fernão Peres ancorar na Ilha Beniaga em hum porto chamado Tamou, onde achou Duarte Coelho, que havia hum mez que chegára; o qual (como dissemos) quando se delle apartou com o temporal, foi invernar ao rio de Sião, e desta vinda topou com huma Armada de trinta e cinco vélas de Chijs cossairos, com que pelejou animosamente, e quasi entre elles esteve de todo tomado. Do qual Duarte Coelho, como Fernão Peres soube que aquella Armada, que vinha ladrando trás elle, andava alli per ordenança da Cidade Cantam por causa dos cossairos, mandou hum recado ao Capitão della, fazendo-lhe saber quem era, e como vinha com huma embaixada del Rey D. Manuel de Portugal seu Senhor a El Rey da China, e que por vir acaso de paz mais que de guerra, não respondera á tentação della, que lhe os seus navios fizeram. Ao que este Capitão respondeo, que elle fosse mui bem vindo, e já per aquelle navio de sua companhia, que havia dias que viera ante elle, tinha sabido como elle partira de Malaca; e per os Chijs que a ella hiam, tambem tinha noticia da verdade, e cavalleria dos Portuguezes. Que qualquer cousa que houvesse mister, mandasse pedir ao Pio da Villa de Nantó, que viria estar diante, o qual era seu superior, por-

que elle não tinha mais jurdição que andar em guarda das náos, que áquelle porto viessem, por não receberem algum damno de coflaires, e que se tornava ao mar a esse officio. O Pio, a que este Capitão encaminhava Fernão Peres, era hum homem que servia hum cargo, como entre nós o officio de Almirante do mar, e era nome do officio, e não da pessoa. O qual, por razão daquella governança de Cantam ser a mais requestada de estrangeiros, e mais célebre em o trato do commercio, residia naquella Villa Nantó, e alli ordenava todas as Armadas pera guarda da costa, e tinha cuidado de fazer saber á Cidade Cantam que navios eram alli chegados, e donde vinham, e o que traziam, e queriam, e assi de os mandar prover do necessario, de maneira, que não se bolia hum batel sem licença, e ordenança sua. Fernão Peres como teve este recado do Capitão, e soube de Duarte Coelho que já estava instructo em o regimento daquelle porto, ordenou de enviar a Nantó hum homem com seu recado ao Pio; mas elle como official diligente anticipou em mandar outro perguntar a elle Fernão Peres quem era, e o que queria. Ao qual elle deo razão de si, e que a principal causa de sua vinda era trazer hum Embaixador, que ElRey de Portugal, cujo

Capitão elle era, mandava a ElRey da China com cartas sobre assento de paz, e amizade: que lhe pedia houvesse por bem de lhe dar Pilotos, que com aquellas vélas que trazia o mettessem dentro na Cidade Cantam. Tornado este mensageiro a Fernão Peres, trouxe por resposta do Pio muitas palavras de contentamento de sua vinda, e offerecimentos do que houvesse mister; e quanto á sua ida a Cantam não podia ser sem primeiro o mandarem os Governadores da Cidade, que lhe faria saber de sua vinda; e como a resposta viesse, elle lha enviaria. Passados alguns dias, em que Fernão Peres esperou este recado, mandou fazer lembrança ao Pio; mas elle satisfazia tudo com desculpas, dizendo que não podia fazer mais, que a notificação que tinha feito de sua vinda aos Governadores das Cidades. E sobre este negocio houve tantos recados de parte a parte, que enfadado Fernão Peres desta dilação, mandou tirar do porto da Ilha alguns navios pera se pôr em caminho, e com os Pilotos Chijs, que trouxera de Malaca, metter-se em Cantam. Mas parece que não queria sua dita que tão levemente fizesse este caminho, porque não eram os navios fóra do porto, quando faltou hum temporal travessão, que muitas vezes alli acode: com que elle Fernão Peres

res não teve outro remedio de se salvar, se não cortar mastos, e arrazar castellos, que lhe toda a segurança que tem os juncos, que se alli acham no tal tempo, como lhe os Chijs differam. Com a qual tormenta aos da Villa de Nantó não pezava, porque roubavam muita fazenda dos navios que hiam ter á costa, e tinham grande esperança que, por os nossos serem novos naquelle porto, haveriam boa parte da sua; ou ao menos que desapparelhando os navios, ficariam os nossos o inverno alli, dos quaes haveriam as mercadorias a bom preço. E isto sentio logo Fernão Peres, porque nunca pode haver de Nantó masto, verga, ou taboa alguma pera concertar as náos, que o tempo lhe desapparelhou; e quando vio que tudo lhe havia de sahir de casa, lá andou mudando os mastos de humas náos a outras, e repairando-se de maneira, té que se tornou a reformar. Acabado este trabalho, que o deteve alguns dias, em que houve espaço pera poder vir recado da Cidade Cantam pera a sua ida, quando vio que não vinha, por lhe parecer que tudo procedia de algum particular interesse do Pio, ou cautelas dos officiaes per que aquelle negocio passava, mandou apparelhar dous navios sómente, o de Martin Guedes em que se metteo, e o de Jorge Mascarenhas, e

ZIO ASIA DE JOÃO DE BARROS

derredor de si os bateis das outras náos, todos mui bem apparelhados, assi de guerra, como de paz, e partio-se pera o porto de Nantó; leixando por Capitão das outras vélas a Simão d'Alcagova, com fundamento de mais perto mandar seus recados, e requerimentos ao Pio, que o leixassem ir á Cidade Cantam; e quando lho impedisse, tomar per si a licença. Chegado a Nantó, mandou logo o Feitor da Armada Joannes Impole, mui bem acompanhado de gente limpa, e trombetas, com hum requerimento ao Pio, pedindo-lhe licença pera passar a Cantam, com recado, e Embaixador que levava; e não o querendo fazer, protestava não incorrer em desobediencia das pramaticas dos Governadores de Cantam, por quanto elle se hia aqueixar a elles do que té li era passado. O Pio quando vio esta determinação de Fernão Peres, depois de se desculpar ao Feitor, dizendo não ser o despacho deste negocio nelle, e outras palavras brandas envoltas com algumas amofiações, tomou por conclusão que se detivesse por aquelle dia; e quando o recado não viesse té o seguinte a taes horas, que então lhe dava licença que se fosse em boa hora. E porque este recado não veio, passando o termo que lhe o Pio poz, na ordem em que hia, começou Fernão Peres

fazer seu caminho; ao qual o Pio, quando o vio partir, lhe mandou Pilotos da terra, que o leváram ante a Cidade Cantam. Ao tempo que Fernão Peres aqui chegou, que foi quasi em fim de Setembro com toda a pompa, e festa que elle pode, não eram na Cidade os tres Governadores, que dissemos haver nella, que eram o Tutam, Cantam, Chumpim, e estava hum chamado per nome de officio Puchancij, que servia em lugar do Tutam; o qual mandou logo recado a Fernão Peres, que se espantava d'elle naquella sua entrada fazer tres cousas contra a ordenança da Cidade: a primeira vir sem licença dos Governadores della: a segunda, tirar com artilheria: e a terceira, arvorar bandeira, ou lança. Ao que Fernão Peres respondeo o que tinha passado sobre sua entrada com o Pio de Nantó, e que per fim dos recados, que entre elles houve, lhe deo licença, e pera isso lhe mandára Pilotos, que o mettessem naquelle porto. E quanto ás outras duas cousas, em todas as partes, onde os Portuguezes navegavam, as costumavam fazer em sinal de prazer, e paz, e não lhe eram impedidas, e o mesmo faziam os Chijs, quando chegavam a Malaca, como elle podia saber. A qual Cidade, sendo del Rey de Portugal, cujo Capitão elle era, não lhe

punham impedimento algum, ante eram tratados mui bem, como vassallos de hum tão poderoso Principe como era El Rey da China, a quem elle trazia huma embaixada del Rey seu Senhor, como já teria sabido per o Pio de Nantó: que lhe pedia houvesse por bem dar ordem como pudesse mandar o Embaixador, e presente, que trazia a El Rey á Corte, onde elle estava. O Puchancij ouvindo estas razões de Fernão Peres, se deo por satisfeito; e quanto ao despacho do Embaixador, mandou-lhe dizer que os Governadores da Cidade eram fóra, e que se esperava por elles cedo, que como viessem, seria despachado; que se entretanto houvesse mister alguma cousa, que de mui boa vontade o proveriam. A ida dos tres Governadores fóra da Cidade, segundo depois pareceo, foi mais artificio pera Fernão Peres ver a magestade, e pompa de muitas pessoas quando entrassem nella, que alguma outra necessidade; e ainda pera ver os grãos da precedencia de cada hum, e a differença que a Cidade fazia no seu recebimento, vieram hum, e hum, tomando dia proprio pera isso. E porque gastariamos muito tempo em contar como o Concam, que tem administração da fazenda, que era o primeiro na entrada, foi recebido per todos officiaes, que estam debaixo de sua jur-

dição, e depois a entrada do Chumpim Capitão da guerra com seus ministros, e ao terceiro dia como toda a Cidade recebeu o chamado Tutam, que he o mais principal, baste saber em somma que todos tres entraram com tanta pompa, como se cada hum fora senhor da Cidade, principalmente na entrada do Tutam. Porque o rio era coallhado de bateis, todos com bandeiras, e toldos de seda, e a terra cuberta do povo da Cidade com festas a seu modo. E em huma grande praça, onde estava hum cais de pedra muito bem lavrado, em que elle desembarcou, era cousa formosa de ver a differença que faziam em cores, em trajo, e em numero os ministros de cada hum destes officios da fazenda, da guerra, da justiça, e do estado: huns, que haviam de ir a pé, e outros a cavallo, e facas guarnecidas estranhamente, com mais retranças, e borlas do que cá usamos em huma grande festa. E neste mesmo dia todo o muro estava embandeirado de bandeiras de seda, e nas torres havia mastos arvorados, de que dependiam bandeiras, tambem de seda, que podiam servir por véla de hum navio redondo: tanta he a riqueza daquella terra, e tanta a cópia de seda, que assi gastam elles o ouro batido em pão, e a seda nestas bandeiras, como nós gastamos as tintas de pou-

co preço, e o lenço de linho grosso. Levado o Tutam com esta festa, e apparatus a sua casa, Fernão Peres o mandou logo visitar de sua boa vinda, como o tinha mandado fazer aos outros, quando vieram. E teve neste tempo, em quanto elles não vieram, grande resguardo, que nenhum seu fosse á Cidade, nem consentio que Chijs entrasse em os navios, que tambem elles sob graves penas não podiam fazer, senão depois que os navios fossem despachados, e pagassem os direitos á Cidade da mercaderia que traziam. Passados aquelles dias da entrada dos Governadores da Cidade, no qual tempo entre elles, e Fernão Peres houve visitas, ajuntáram-se todos três em a principal casa de seu despacho, onde quiseram ouvir o que elle Fernão Peres queria, pera lhe responderem á conclusão do caso, posto que já tinham sabido a causa de sua ida. No qual dia Fernão Peres mandou o Feitor da Armada Joannes Impoleta, e com trombetas diante, por ir com mais pompa, vendo que os Chijs nestas cousas eram mui fumosos, e que as celebravam com grande apparatus, e que com esse estavam esperando este recado. Chegado o Feitor ao cais nos bateis que levava, alli foi recebido de alguns principaes da Cidade, e le-

e levado aos Governadores; diante dos quaes propoz, como ElRey D. Manuel, que reinava no Ponente da terra chamada Portugal, que descobrira muitas terras, e regiões, té suas Armadas virem ter a Malaca, parte tão remota do seu Reyno, sendo sabedor per hum seu Capitão chamado Affonso d'Alboquerque, que tomou aquella Cidade Malaca aos Mouros, como ao tempo que houvera esta vitoria, achára alli alguns juncos de Chijs, aos quaes elle vingará de algumas tyrannias, que o tyranno daquella Cidade lhe tinha feito, por lhe dizer serem vassallos de hum Principe o mais poderoso de todo aquelle Oriente; e que na communicação que teve com elles, vio ser gente noble, politica, douta em todo genero de sciencia, e que se não tratava per o modo barbaro das outras nações da India: por causa desta nova, desejando este seu Rey, e Senhor ter conhecimento, e prestança de amor, e amizade com este tamanho Principe, como era ElRey da China, mandára armar alguns navios a elle Fernão Peres seu Capitão pera trazer hum Embaixador com cartas, e presente que alli vinha. O qual Embaixador, e presente elle Senhor Rey, mandava que fosse entregué aos seus Governadores de Cantam, que, (segundo tinha sabido,) per meio delles podia ser en-

caminhado á Corte, onde estava o seu Rey, e elle Fernão Peres se tornasse pera Malaca, e no seguinte anno tornaria lá outro Capitão pera trazer o dito Embaixador, porque já neste tempo poderia ser despachado. E por quanto elle Fernão Peres havia dias que era vindo, e fora detido muito tempo per o Pio de Nantó, onde com hum temporal houvera de perder seus navios, lhe pedia que o mais breve que pudesse ser o despachassem. Ouvido este recado pelos Governadores, respondêram a Fernão Peres muitas palavras de contentamento que tinham de sua vinda, e sabiam que havia de ter El Rey da China pola boa fama que naquellas partes havia dos Portuguezes, e do seu Rey. E quanto ao Embaixador, que logo se daria aviamento pera ser agasalhado em terra; e tanto que elles recebessem a entrega delle, escreveriam a El Rey seu Senhor a causa de sua vinda pera saber o que mandava que nisso fizessem, por quanto sem recado seu não podia dalli partir. E se elle Capitão entretanto alguma cousa quizesse da Cidade, ou trazia mercadoria pera fazer commutação com as da terra, que o podia mui bem fazer, e isto seria depois que o Embaixador estivesse em terra. Fernão Peres assi per esta resposta, como per recados, que depois entre elles

houve, sabido o modo que havia de ter, ordenou de pôr em terra o Embaixador com as pessoas, que com elle haviam de ficar, e presente que levava, o qual havia nome Thomé Pires, que Lopo Soares na India escolheu pera isso. E posto que não era homem de tanta qualidade, por ser Boticario, e servir na India de escolher as drogas de botica que haviam de vir pera este Reyno, pera aquelle negocio era o mais habil, e apto que podia ser; porque além de ter pessoa, e natural discrição com letras, segundo sua faculdade, e largo de condição, e aprazível em negociar, era mui curioso de enquerir, e saber as cousas, e tinha hum espirito vivo pera tudo. Finalmente no dia que Fernão Peres o entregou no cais de pedra com grande estrondo de artilheria, e trombetas, e a gente vestida de festa, elle com sete Portuguezes, que ficáram em sua companhia pera irem com elle a esta embaixada, foram levados a seu aposentamento, que eram humas casas das mais nobres que haviam na Cidade. O qual foi logo visitado dos principaes da Cidade, e os Regedores lhe ordenáram certa cousa pera seu mantimento, segundo o uso que a Cidade tem com os Embaixadores; mas Fernão Peres o não consentio em quanto alli esteve, dizendo, que depois que estivesse posto em

caminho pera a Corte delRey, que então seguiria o costume da Cidade. Feita esta entrega, mandáram os Governadores pedir a Fernão Peres que houvesse por bem sahir em terra pera ver, e festejar sua pessoa, de que se elle escusou, dizendo que segundo seu ufo, tinha dado menagem a ElRey seu Senhor daquelles navios, dos quaes não podia sahir; mas que em seu lugar mandaria o Feitor daquella Armada com algumas mercadorias, que lhe pedia o mandassem agazalhar em alguma casa perto de agua, por estar mais vizinho aos navios, pera o mancio dellas. Ordenada esta casa, mandou Fernão Peres o Feitor, e Escrivão com alguns homens da Feitoria, e mercadorias poucas, e poucas, fazendo seu commercio com o melhor regimento que podia ser, dando licença a alguns homens que fossem á Cidade pera elle tambem desconhecido ter modo como a pudesse ver, e notar as cousas della, como fez. E depois que poz tudo em ordem corrente, succedêram duas cousas, que lhe conveio partir-se dalli: a primeira, vir-lhe nova de Simão de Alcaçova, que fora commettido per alguns jurcos de cossaios; mas como elle estava a recado, não puzeram em o effeito seu desejo; e a segunda, adocer-lhe gente, por aquelle rio ler enfermo aos nossos: e em

quanto alli esteve , que foi todo o mez de Outubro , lhe morreriam de febres nove homens , o principal dos quaes foi o Feitor Joannes Impole. Assi que por estas cousas , elle se mandou espedir dos Governadores da Cidade , dizendo que se tornava á Ilha Tamou , onde lhe ficáram as náos , pera as ir reparar do damno que tinham recebido no temporal passado , e assi o fez ; porque como era já acceito na terra , não provisão houve de todas as cousas pera se reparar , do que pudéra haver estando na ribeira de Lisboa ; tanta he a abastança de tudo naquella terra. E elle foi o primeiro homem , que por ver este bom uso aos Chijs lançou lapes ás náos , e navios que levou , o que se ora costuma entre nós , e assi as varandas sobre o leme fóra do corpo da náo. O qual lapes he hum forro de taboado delgado , que se préga per todo o costado da náo , vindo debaixo té hum pouco acima das cintas , já onde o mar não chega ; e entre este taboado novo , e o debaixo se mette hum betume feito de cal , e azeite de peixe , picado alli do maceme velho da náo , com que a taboa de cima se gruda com a outra debaixo. E depois em lugar de bren , sómente com a cal , e azeite vai o novo taboado cuberto per cima , a qual composição he tão proveitosa ao taboado , que o busano não

entra nelle, e faz-se este betume com agua em pouco tempo quasi pedra. E de ser coufa que faz durar hum juncos muito tempo, e o tem estanque de agua, entre os Chijs se acham juncos, que tem quatro, e cinco lapes, com que o costado delles parecem hum muro: però ficam com esta fortaleza muito pezados na véla. Fernão Peres, porque levava regimento d'ElRey D. Manuel, que se derivelles nestas partes da China o mais tempo que pudesse, por se melhor informar das coufas della, e em quanto esteve naquella Ilha da Beniaga, e vieram alli ter alguns juncos dos povos, a que chamam Lequios, de que já em Malaca havia grão noticia que habitavam em humas Ilhas adjacentes naquella costa da China, e elle vio que a mais mercadoria que traziam era grande cópia de ouro, e outra de muito preço, e pareceo-lhe mais desposta gente, que os Chijs, e melhor tratados de sua pessoa, desejava ter informação da terra delles per o olho dos proprios Portuguezes; ordenou de mandar a isso Jorge Mascarenhas em o seu navio, pera que houve licença dos Governadores de Cantam. O qual Jorge Mascarenhas partio dalli em companhia de alguns juncos, que hiam pera a Provincia Fochiem, que he além de Cantam pela costa em diante contra o Oriente, á qual Provincia

cia os nossos, por razão de huma Cidade, que alli está marítima chamada Chíncheo, onde alguns depois foram fazer commercio, geralmente lhe chamam o nome da Cidade. E porque Jorge Mascarenhas foi hum pouco tarde, pera atravessar dalli ás Ilhas dos Lequios, que serão contra o Oriente obra de cento e tantas leguas, a primeira das quaes está em vinte e cinco grãos e meio do Norte, e dahi vam correndo huma corda dellas per o muro chamado Lefnordeste, e des-lhi caminho do Norte: havendo conselho com os Pilotos Chijs, que levava, não partio dalli, e leixou-se estar fazendo seu commercio com dobrado proveito do que se fez em Cantam. Porque como aquella parte não he tão frequentada dos mercadores, valem as cousas da propria terra pouco, e as de fóra muito. E neste mesmo tempo espedio Fernão Peres a Duarte Coelho, por estar já de todo prestes, pera levar nova a Malaca como fora recebido o Embaixador que levára, e tinha assentado paz com os Governadores de Cantam, e como nossas cousas eram mui bem recebidas naquellas partes. O qual Duarte Coelho, (segundo atrás fica,) chegou a Malaca no fim de Março do anno de dezoito; e esta boa nova que trouxe, causou armar o Capitão, e Officiaes hum junco pera ir

á China, e allí pera dar nova a Fernão Peres dos trabalhos, em que aquella Cidade estava por causa da guerra que lhe ElRey de Bintam fazia, como pera vir carregado de munições, e mercadoria. Fernão Peres sabendo per Jorge Alvares Capitão deste junco o estado de Malaca, por ser cousa tão importante, mandou logo per terra chamar Jorge Mascarenhas á Cidade Chinchico, onde soube que estava, e não partira pola razão do tempo, o qual teve logo este recado per posta que naquellas partes tambem usam. Sómente os correios em lugar de corneta, como usam os nossos, trazem o peitoral do cavallo cheio de muitos cascavéis, allí pera serem conhecidos, como pera com o rugido darem espirito ao cavallo em seu curso, como costumam os Castelhanos da Villa de Xarez, pera correr melhor a carreira. Chegado Jorge Mascarenhas aonde Fernão Peres estava, não teve elle mais que fazer que mandar-se espedir dos Governadores de Cantam, dos quaes tinha nova como lhe era vindo recado do seu Rey, que podia mandar o Embaixador Thomé Pires a elle. E ante de sua partida, em Cantam, e na Villa de Nantó, como naquelle porto de Tamou em que elle estava, mandou Fernão Peres lançar pregões que se queria partir, que se houvesse pessoa que de algum

Por-

Portuguez, tivesse recebido algum damno, ou lhe devesse coufa alguma, viesse a elle pera lhe mandar satisfazer tudo; a qual coufa foi mui louvada dos naturaes, e nunca entre elles vista, e houveram sermos homens de muita verdade, e justica. Partido Fernão Peres com toda sua frota no fim de Setembro do anno de dezoito, e sendo tanto avante como a Ilha Aynam, onde se pesca aljofre, que he junto de huma ponta da terra da China, quando querem entrar na enseada Cauchinchina, com tempo se perdeu d'elle o navio Santo André, Capitão Pero Soares com certos Portuguezes. E depois quando Simão d'Andrade irmão d'elle Fernão Peres foi á China, (como se adiante verá,) os Chijs lhe entregáram este Pero Soares, e os Portuguezes que foram ter á costa perdidos. Fernão Peres seguindo sua viagem, quando entrou no estreito de Cingapura, que he na costa de Malaca, per onde entram os que vem daquellas partes, achou Diogo Pacheco com huma Armada, que D. Alcixo de Menezes mandára em guarda d'elle Fernão Peres, esperando que por razão da monção do tempo podia fer alli aquelle mez, e receber alguma affronta das Armadas d'ElRey de Bintam. Em companhia do qual elle entrou em Malaca mui prospero em honra, e fazenda, cousas que

poucas vezes juntamente se conseguem, porque ha poucos homens que per seus trabalhos as merecem pelo modo que Fernão Peres naquellas partes as ganhava.

CAPITULO IX.

De algumas cousas que passãram em Malaca, em quanto D. Aleixo de Menezes esteve nella.

A Chegada de Fernão Peres a Malaca foi mui festejada de todos, não sómente por as cousas que leixava feito na China em favor nosso, por ser terra mui proveitosa pera os que estavain naquella Cidade de Malaca, e retorno que vinha a muitos dos que Fernão Peres alli leixára, por mandarem suas mercadorias em os seus navios, mas ainda porque vinha elle mui provido de munições de toda a forte pera as necessidades que aquella Cidade tinha, de que se elle aprovêra pelo recado que lhe Jorge Alvares levou do estado em que ella ficava. E daquella viagem não sómente á Feitoria de Malaca, mas ainda a todos os que levãram seus empregos naquella Armada, fizeram mui grossa fazenda, assi no que se ganhou na China, como no retorno em Malaca. Affonso Lopes d'Acosta com todos os Officiaes da fortaleza, e assi Duarte de Mello

Capitão do mar, e os outros que haviam de ficar por moradores em Malaca, ante da vinda d'elle Fernão Peres, tinham pedido muito a D. Aleixo que houvesse por bem de irem dar huma villa á força, que o Capitão Ciribiche tinha feito á entrada do rio Muar, donde lhe corria pera lhe desfazerem aquelle covil, e isto ante que D. Aleixo se partisse pera a India. O qual requerimento lhe D. Aleixo não concedeo, porque depois que elle chegou áquella Cidade, cessára o Capitão Ciribiche de vir dar os rebates, que ante dava á Cidade com suas launchas, sómente com elle Dom Aleixo mandar pôr na boca do rio Muar huma galé, e alguns calaluzes de remo, e isto bastava pera ter aquelle Mouro cercado, sem lhe poder vir mantimento de fóra, com que lhe perecesse a gente á fome. Porém porque Fernão Peres era vindo da China, e além da gente que trouxera, tinha provida a Cidade com muitas munições, e Affonso Lopes se aqueixava a elle D. Aleixo que se queria partir pera a India, e em sua companhia Fernão Peres, com os quaes havia de ir muita gente, e elle ficava com a guerra á porta, quasi querendo en-carregar sobre elle D. Aleixo qualquer cousa que por esta causa succedesse: chamou D. Aleixo a conselho todos os Capitães, e

notaveis pessoas ; e posto que todos não eram deste voto de Affonso Lopes , todavia por não ter causa de se mais queixar, nem ter que temer daquella parte tão vizinha , ordenou D. Aleixo que o mesmo Affonso Lopes fosse per pessoa com a gente necessaria. E posto que elle se escusava por causa da menagem que tinha dado da fortaleza , D. Aleixo que lha tomára a houve por levantada naquelle caso , e elle D. Aleixo não foi a isso , por trazer por regimento de Lopo Soares que por nenhum caso sahisse de Malaca , pois o não enviava a mais que a prover das desordens della , de que atrás escrevemos. Nem menos foi Fernão Peres , porque não havia de ir debaixo da capitania de Affonso Lopes , pois não hia o mesmo D. Aleixo. Finalmente foram com Affonso Lopes d'Acosta , D. Tristão de Meneses , D. Rodrigo da Silva , D. Manuel seu irmão , Alvaro de Sousa , Francisco Pereira , Duarte Furtado , Jorge Mascarenhas , Jorge Botelho , Duarte de Mello Capitão mór do mar , Diogo Pacheco , Manuel Falcão , Pero de Faria , Antonio Lobo Falcão , e outros , que hiam por Capitães de calaluzes , e lancharas , e Jorge Mascarenhas que viera da China em o seu navio , que era forte , e maior que as outras vélas , pera com elle poderem abalroar com a tranquei-

queira da força, que estava na borda da
 agua, e com elle seriam té trezentos homens
 Portuguezes, além de alguns principaes Ma-
 laios com gente da terra. Chegada esta fro-
 ta ao rio Muar, foi a tempo que a maré
 começava descabeçar, e descobria huma
 grossa estacada, com que os Mouros tinham
 atravessado o rio hum bom espaço da for-
 taleza; e porém não tão perto, que com a
 nossa artilheria ella pudesse receber damno.
 Affonso Lopes quando vio que não podia
 passar a estacada em a galé, em que hia,
 nem menos o navio de Jorge Mascarenhas,
 que era o maior, em o qual levavam mui-
 ta artilheria, surgio áquem da estacada com
 toda a frota. Alvaro de Sousa filho de Ni-
 coláo de Sousa, e cunhado d'elle Affonso
 Lopes d'Acosta, como era mancebo de té
 dezoito annos, de animo generoso, que de-
 sejava ganhar honra naquelle feito, em hum
 calaluz, em que levava sete Portuguezes,
 passou além da estacada, e foi-se pôr dian-
 te da fortaleza. Affonso Lopes seu cunha-
 do quando o vio assi desmandado, e met-
 tido em tanto perigo, porque da fortaleza
 tiravam com espingardas, mandou depressa
 a Jorge Botelho que em hum calaluz, em
 que hia, o fosse recolher; mas por muita di-
 ligencia que Jorge Botelho nisso poz, quan-
 do o recolheo, estava ferido dos tiros de

dentro, de que logo morreo em Malaca. Jorge Botelho por lhe parecer que estava mais prestes pera quando ao outro dia pela manhã houvessem de dar na fortaleza, deixou-se ficar dentro da estacada, ao qual outros houveram inveja, por ser lugar de honra, e foram-se para elle tres, ou quatro Capitães de calaluzes. E estando elle, e os outros contentes, cuidando terem bom posto, pera quando viesse a maré da manhã, em que haviam de commetter a fortaleza, foram de noite todos chamados, e assi os mais principaes Capitães, e Fidalgos á galé de Affonso Lopes d'Acosta a conselho sobre aquelle feito. O qual no parecer de alguns se houve por tão duvidoso, por muitas razões que deram, quão facil parecia a outros de contraria opinião, entre os quaes era D. Tristão de Menezes, a quem o caso parecia mais leve, que a Jorge Mascarenhas, e Affonso Lopes, que o haviam por mui duvidoso. E não era muito parecer este commettimento facil a D. Tristão; porque como o anno de quinhentos e oito, quando D. João de Menezes seu tio irmão de seu pai sahio na praia de Arzilla lançar ElRey de Féz fóra da Villa que tinha tomada, elle D. Tristão foi o primeiro homem que poz os pés em terra, e o peito na boca das bombardas dos Mouros, tinha pe-

pera si que menos sería commetter aquella tranqueira de Muar. Porque a differença que havia da praia de Arzila á tranqueira de Muar, he a que póde haver de hum leão a hum gato, posto que tem a mesma figura, e natureza. Cá segundo affirmam homens, que se acháram em honrados feitos, dous viram que tinham a morte ante os olhos, de quem os commetteo: este do soccorro de Arzila, sahindo em pequenos batices em hum recife de pedras, onde quebrava o mar da costa brava; e pondo os pés em terra, punham o rosto na boca das bombardas, e outro soccorro que em outra tal costa, e recife fez D. Henrique de Menezes, sendo Governador da India, quando soccorreo a fortaleza de Calecut, estando nella por Capitão D. João de Lima, como a historia contará em seu tempo. Assim que desfeita esta ida de Muar em perfiás, tornáram-se pera Malaca com menos honrada que leváram, com a qual cousa D. Aleixo não tinha paciencia, lembrando-lhe quão pezadamente concedêra aquella jornada, o caso da qual elle havia por maior desastre, que ser commettrida a fortaleza, e virem os homens bem sangrados sem vitoria alguma. Mas parece que não quer Deos que nestes casos da vitoria contra os inimigos, os homens vam mui confiados em suas proprias

forças, sómente na esperança de sua ajuda. Donde vem vemos casos commettidos per tantas, e taes pessoas, que no juizo dos homens parece não haver cousa que lhes possa resistir, e tudo succede ao contrario, e outros em que tudo fica na misericordia de Deos, e succedem prosperamente, como aconteceo nesta tornada a repetir dali a poucos dias. D. Aleixo passado este caso, que elle havia por proprio feu, determinou de mandar a D. Tristão de Menezes ás Ilhas de Maluco, como lhe Lopo Soares mandára; e succedeo ainda pera o elle fazer melhor, chegarem juncos da Jauha. Em os quaes vinham cartas de Maluco pera o Governador da India, e Capitão de Malaca, as quaes cartas mandava ElRey Boleife de Tarnáte, hum das Ilhas de Maluco, e Francisco Serrão, que era hum dos Capitães que Affonso d'Albuquerque lá mandára, (como atrás escrevemos.) E nellas mui estreitamente pedia este Rey ao Governador, e Capitão de Malaca, que mandasse lá navios, e gente pera fazerem huma fortaleza, obrigando-se ElRey a toda a despeza que se nisto fizesse, por desejar muito ter amizade, e commercio com ElRey de Portugal, e seus vassallos, escrevendo tambem Francisco Serrão muitas couças daquellas Ilhas, e quão proveitosa cousa sería haver nellas huma

ma fortaleza nossa, dando pera isso muitas razões. Finalmente D. Tristão se partio pera aquelle negocio em hum navio, em que levou cincoenta homens, e dous juncos de mercadores de Malaca, a viagem do qual escrevemos em seu lugar. ElRey de Bintão per alguns Mouros, que da sua mão tinhã em Malaca, soube que não commetterem os nossos sua fortaleza na ida que fizeram, fora mais por paixões, e differenças que houve entre os Capitães da frota, que por outro caso; e que D. Aleixo de Menezes que alli estava, era sobrinho do Governador da India, e trazia os seus poderes, e estava tão indignado contra os Capitães por não commetterem a fortaleza com as paixões que tiveram entre si, que lhe parecia ante de poucos dias elle em pessoa com quanto poder havia na Cidade, haviam de ir outra vez sobre sua fortaleza. ElRey tanto que foi disto sabedor, como era sagaz, e mui prudente em seus negocios, considerando a maneira que teria pera abrandar esta furia de D. Aleixo, determinou de lhe mandar cominetter algum modo de paz. Porque sabia que partido elle pera a India, pera onde estava de caminho, segundo lhe diziam, em cuja companhia havia de ir Fernão Peres, e muita da gente que viera da China, com a que ficasse em Malaca, de-

pois da sua partida, elle se haveria bem. Com o qual fundamento mandou alguns recados a D. Aleixo, pedindo-lhe que mandasse alguma pessoa a elle pera praticar sobre este negocio. E como lhe foi aceitado per recados que foram, e vieram, houve D. Aleixo, e Affonso Lopes d'Acosta quasi por acabado tudo, e que sómente se detinha por elles não concederem algumas cousas, que ElRey delles queria em modo de segurança, pera que elle pedia vontade do proprio Governador da India, mostrando desconfiar sem vontade d'elle aquelle negocio ficar seguro, tudo isto a fim de o dilatar té se chegar a partida de D. Aleixo. O qual partido na monção, trazendo consigo Fernão Peres com alguns que com elle vieram da China, ficou o negocio quasi em modo de tregua, té elle mandar confirmação do concerto da paz, que elle ElRey de Bintão queria, tendo elle no peito guardada a traição que poz em obra ante de pouco tempo, como se verá. E porque quando D. Aleixo chegou á India, Lopo Soares em chegando de fazer a fortaleza de Ceilão, a entregára a Diogo Lopes de Sequeira, o qual governava já; he necessario que neste terceiro Livro, que ora queremos começar, entremos com o novo Governador, escrevendo as cousas de seu tempo.

DECADA TERCEIRA.

LIVRO III.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descobrimento, e conquista das terras, e mares do Oriente: em que se contém parte das cousas, que se nelle fizeram em quanto Diogo Lopes de Sequeira governou aquellas partes.

CAPITULO I.

Como ElRey D. Manuel o anno de quinhentos e dezoito mandou por Capitão geral, e Governador da India a Diogo Lopes de Sequeira.

PORQUE Lopo Soares neste anno de quinhentos e dezoito acabava os tres annos, que ElRey D. Manuel per ordenança quiz que os Governadores das partes da India residissem nella, e assi todos os Capitães, e Officiaes das fortalezas que nella tinha, mandou fazer huma grossa Armada pera ir Diogo Lopes de Sequeira Almotacel mór do Principe D. João seu filho, e Alcaide mór da Villa Alandroal, filho de Lopo Vaz de Sequeira, que tivera a mes-

ma Alcaidaria. Ao qual Diogo Lopes El-Rey houve por bem dar esta governação da India pola experiencia que tinha de sua pessoa, não sómente em a viagem que fez a Malaca, quando a descubrio, (segundo escrevemos,) mas ainda em outras Armadas fobre mar, e principalmente na Villa de Arzilla em Africa, onde esteve por Capitão. E porque com Lopo Soares acabavam tambem muitos Capitães, e Officiaes os tres annos que haviam de servir, e por esta causa convinha irem outros que os succedessem, e gente de armas pera defensão das fortalezas, pola muita que era falecida; mandou El-Rey aperceber nove vélas pera mil e quinhentos homens, de que estes eram os Capitães: D. João de Lima, que hia pera servir El-Rey de Capitão de Calecut, Ruy de Mello filho de Fernão de Mello pera Capitão de Goa, D. Aires da Gama pera Capitão de Cananor, Garcia de Sá filho de João Rodrigues de Sá, Lopo Cabreira pera Alcaide mór de Malaca, João Lopes Alvino pera andar na costa de Melinde pera Sofala, Pedro Paulo filho de Bartholomeu Forlentin, João Gomes Cheiradinheiro pera as Ilhas de Maldiva. Apercebida esta frota, partio Diogo Lopes de Lisboa a vinte e sete do mez de Março deste anno de dezoito, e com bons tempos que

que teve, chegou a Moçambique. E ante que chegasse aqui na paragem do Cabo de Boa Esperança, hum peixe deo huma encontrada em a náo de D. João de Lima, que cuidáram alguns no estremecer que ella fez, que dera em algum penedo; e acudindo logo á bomba, parecendo que podia a náo fazer agua, víram que não fazia mais que a ordinaria. Porém depois em Cochij, dando pendor á náo, acháram mettido no costado della hum focinho de hum peixe, que seria de comprimento de dous palmos e meio, agudo na ponta, e preto, e duro á maneira de corno das alimarias, a que os Gregos chamam Rhynocero, e nós Ganda, como lhe os Indios chamam. Sómente tinha este huma differença, que a crespidão da superficie delle era á maneira de grossia de ferro, e tão dura que o limava, como faz huma lima de dura tempera. E parece que quando deo este encontro no costado, entrou grande parte per hum liame, e ao espedir, barafustando com o corpo, fez estremecer a náo, e esnocou per junto das cachagens, o qual foi trazido por mostra a este Reyno, dizendo ser de hum peixe, e outros de outro. Depois passados alguns annos confirmei ser do peixe-agulha, como alguns diziam; porque indo eu pera o castello de S. Jorge da Mina, que he na col-

ta de Guiné, levando o Piloto per popa do navio huma linha com seu anzol pera tomar os peixes, a que os mareantes chamam Albecóras, que são do tamanho, e feição do Atum, veio cahir no anzol hum destes peixes Agulha, o qual anzol ficou mettido entre as duas farpas das cachagens, com que teve o peixe, té que ao estremecer do navio acudiram todos; e suspendendo o focinho fóra da agua, ou (por mellhor dizer) o bico, tanto andáram marinheiros com físgas, e arpões, que o prendêram per muitas partes, e lhe lançáram no governo do rabo huma laçada. Finalmente eram ao arribar mais de vinte homens, e repartido depois per todos, tinha mais polpa do que hum touro tem de carne; e o seu focinho, posto que limasse o ferro, e fosse da feição do da náó de D. João de Lima, era mais pequeno com o que o outro peixe era maior; e porque ambos estes dous focinhos, ou bicos de peixe tivemos na mão, e o que se tomou neste navio affirmáram os mareantes ser peixe Agulha, nos parece que tambem era o outro. Diogo Lopes partido de Moçambique, chegou a Goa a oito de Setembro, onde se deteve poucos dias, por achar nova que Lopo Soares estava de caminho pera ir a Ceilão, parecendo-lhe que o podia tomar ante que se partisse pera lá.

E sendo tanto avante como Pondarane, foi dar com elle Antonio de Saldanha, que (como atrás fica) vinha de Ormuz, onde invernára; e posto que o topou de noite, ella foi bem alumniada com o fuzilar da artilheria, com que se ambas estas Armadas salváram. Acabado este prazer, foi logo Antonio de Saldanha em hum batel visitar Diogo Lopes, e ficou lá com elle toda aquella noite, dando-lhe conta das cousas do estado da India, que fez apressar mais a elle Diogo Lopes, não se querendo deter pelas fortalezas porque passou, sómente deixava os Capitães que levava pera residirem nellas; porque sua tenção era (como dissemos) tomar Lopo Soares primeiro que partisse de Cochij pera ir a Ceilão, e impedir-lhe aquella ida, por não ser cousa tão importante naquelle tempo a fortaleza que hia fazer, como outras cousas, que levava d'EIRey mais encommendadas, pera as quaes lhe convinha a gente, e náos, que Lopo Soares levava pera aquelle feito. Mas os tempos foram taes, que em Batalalá o detiveram nove dias, donde mandou recado a Lopo Soares sómente polo entreter; e chegou este seu recado a Cochij huma tarde da manhã, que elle Lopo Soares era partido. E posto que este recado per mandado de Diogo Lopes não passou mais adia-

ante, ao caminho foi aviso a Lopo Soares da vinda d'elle Diogo Lopes, o qual elle dissimulou, e foi avante com seu intento, que acabou (como escrevemos.) Chegado Diogo Lopes a Cochij, onde foi recebido com muita festa, teve elle tanta temperança, e reverencia á pessoa de Lopo Soares, que não quiz pouzar na fortaleza, que he o aposentamento dos Governadores, e agasalhou-se em humas casas de Lourenço Moreno, em quanto Lopo Soares não veio de Ceilão, nem usou de seu officio té d'elle receber a entrega, segundo a ElRey mandava em suas Provisões com as solemnidades costumadas, porque tinha Lopo Soares humma Provisão que governasse té se de todo embarcar. Depois da vinda do qual, que foi a vinte de Setembro, teve ainda Diogo Lopes muito primor nos cumprimentos de honra com elle, o que té hoje não temos visto, ante grandes desgostos, e taes, que podiam bem macular a honra, não dos que se embarcaram, (porque os mais destes muita ganháram na paciencia do que lhe foi feito,) mas daquelles, per cujas culpas se partíram bem descontentes; materia certo não de barões, que entram em tão grande cousa, como he o governo da India. A qual nestes actos sempre lhe vimos aos seus novos Governadores mostrar bom rosto, e

o contrario aos que se partem della ; e o que peor he , que quem nella mais suor, e sangue verteo pola servir, menos galardão tem de seus frutos : quasi como que quer ser tida por crua madrastra de huns, e a tempo lisongeira madre de outros, certo duro castigo de Deos, cuja causa he escondida a muitos, e a poucos descuberta. Lopo Soares entregue a Índia a Diogo Lopes, partio-se de Cochij, e veio per Canaror, onde tomou gengivre, e dahi pera este Reyno a vinte de Janeiro, anno de dezennove, com nove náos carregadas, com que chegou a elle. Parece que toda a fortuna d'elle Lopo Soares estava em ir, e vir com sua frota, e boa carga de especiaria, porque desta vez não lhe succedêram as coulas da governança da India tão prosperamente, ao menos na ida do mar Roxo, como a primeira vez o anno de quinhentos e quatro no feito de Panáne. Diogo Lopes ficando em seu governo, em quanto alli esteve em Cochij, espedio alguns Capitães per diversas partes por a necessidade que d'isso havia : D. Affonso de Menezes com tres navios pera estar sobre a barra de Baticalá, sem leixar entrar, ou sahir véla alguma, té elle Diogo Lopes alli ser, e tomar vingança do Governador da Cidade, por estar alevantado contra nós, e não que-

rer pagar as parcas que devia. E allí espedio a João Gomes Cheira-dinheiro pera ir fazer humna fortaleza nas Ilhas de Maldiva, onde ElRey D. Manuel mandava que elle ficasse por Capitão. No qual tempo tambem espedio Christovão de Sousa com humna Armada de tres vélas, elle em humna galé, e em duas caravelas Ruy Gomes d'Azevedo d'Elvas, e Lourenço Godinho. Ao qual se havia de ajuntar João Gonçalves de Castello-branco, que com tres fustas estava sobre a barra de Dabul por mandado de Lopo Soares, polo que allí passára D. João de Monroy por causa de Alvaro de Madureira, que andava lançado com os Mouros, (como atrás escrevemos,) e de caminho havia elle Christovão de Sousa levar de Goa dous catures, que lhe havia de dar Ruy de Mello Capitão della, como deo, com que elle Christovão de Sousa fez corpo de cinco vélas, em que levava trecento e sessenta homens. Diogo Lopes, del-pachados estes Capitães, e providas as courças de Cochij, partio-se pera Goa, e de caminho veio provendo as fortalezas de Calecut, e Cananor, e allí no levantamento de Baticalá, onde tinha mandado D. Afonso de Menezes, tornando o Governador á nossa obediencia com pagar as parcas que devia, e outras satisfações que

Diogo
Lo-

Lopes quiz delle por causa da rebelião passada. Chegado Diogo Lopes a Goa, começou logo a entender em mandar outros Capitães a diversas partes: o primeiro foi Antonio de Saldanha com huma frota de mais quatro vélas além das que trazia consigo pera andar na costa de Arabia, e dahi vir invernar a Ormuz, e de caminhar pafar pela costa de Dio, onde se havia de deter, esperando as náos de Méca pelo modo que fez, quando Lopo Soares o enviou. E assi mandou Simão d'Andrade pera a China com certos navios, ao qual ElRey Dom Manuel proveo de cá per seu Alvará da capitania mór daquella viagem, depois que viesse seu irmão Fernão Peres d'Andrade. O qual a este tempo era já chegado á India em companhia de D. Aleixo de Menezes, que (como atrás fica) partíram de Malaca, nas costas dos quaes veio nova como os commettimentos de paz, que ElRey de Bintam movêra, tudo fora simulações té se D. Aleixo partir, e que viera sobre Malaca com grande poder, a qual mettêra em grande trabalho, e que ficava em muito maior, assi por estar desfalecida de mantimentos, como de gente, e essa pouca que havia era toda enferma; por causa da qual nova, e assi por aproveitar Antonio Correa, com que tinha razão de parentesco;

elle lhe deo huma não, e hum navio, que fosse a Malaca com algumas provisões que de lá pediam, onde o Capitão Affonso Lopes d'Acosta lhe daria mais dous juncos, com que fosse a Pegu assentar paz, e trato com o Rey delle; e carregados os juncos, e navios de mantimentos, por alli haver grande cópia delles, os enviasse a Malaca pera provisão della, e elle carregasse a não de outras mercadorias, que tem valia em Ormuz, e as levasse lá. Mas Deos ordenou esta sua ida de outra maneira mais em favor das cousas de Malaca, pera entendimento das quaes convem dizer primeiro o que se nella passou depois da vinda de D. Aleixo.

CAPITULO II.

Do que se passou em Malaca depois que D. Aleixo de Menezes se partio, assi no cerco que lhe ElRey de Bintam poz, como na vitoria que os nossos houveram na ida do rio Muar, tomando-lhe a fortaleza que alli tinha feita na entrada do rio.

AO tempo que D. Aleixo de Menezes partio de Malaca, ficava a Cidade no estado que dissemos, e però que com esperança de paz, segundo ElRey de Bintam simulava, com as cautelas que nisso moltra-

va ter: deixou-a D. Aleixo assi fortalecida, que pode soffrer o impeto da vinda d'El-Rey, que dali a poucos dias per terra, e mar a veio commetter. Per terra com mais de mil e quinhentos homens com muitos Elefantes armados; e per mar com sessenta lancharas, e calaluzes, navios mui guerreiros, e leves no remo. Chegado huma manhã subitamente com esta frota, e exercito, poz os nossos em grande confusão, e trabalho; porque na fortaleza não haveria mais que té duzentos homens, muita parte delles doentes de febres, e outras enfermidades, que se géram da corrupção dos pestiferos ares que a terra tem por razão de seu sitio. Porém como a honra, e a vida nos raes conflitos ambas se animam pera se defender, foi esta vinda d'ElRey de Bintan quasi hum aziar pera esquecerem todas febres de maneira, que a muitos não lhes vieram mais, e todos cobráram força pera se levantar, e vestirem as armas. Affonso Lopes, ante desta vinda d'ElRey, tinha repartida a vigia, e guarda da Cidade em estancias, e estas em capitánias per esta maneira. Na parte da povoação chamada Ilher, em duas estancias feitas sobre a cava, estavam Francisco Fogaça, e André Pelloa; e no outeiro, que está sobre a nossa fortaleza, onde depois Duarte Coelho

fundou huma Ermida da vocação de Nossa Senhora da Graça, estava Jorge Botelho de Pombal, e os Portuguezes casados na terra, onde chamam a Bato China; e na ponte, que atravessa o rio per onde vam á povoação grande dos Mouros, que he contra Úpij, guardava Fernão de Lemos; e a guarda desta mesma povoação; que tambem estava cercada de cava, per que entrava agua, tinha elle Affonso Lopes entregue ás principaes cabeceiras dos Mouros, e Gertios que alli viviam: assi como ao Bendára, ao Colascar, ao Tamungo, e outros, todos offerecidos a morrer por sua casa, mulher, e filhos: cá tinham por certo se ElRey de Bintam entrasse a Cidade, não haver de ficar algum com vida polo odio em que estava com elles. Do mar tinha cuidado Durarte de Mello Capitão mór d'elle, com os outros Capitães, que eram D. Rodrigo da Silva, Fernão Figueira, Diogo Mendes, Gabriel Gago, Carlos Carvalho, e elle Affonso Lopes ficava pera acudir ás estancias da terra, onde visse mais necessidade. Chegou ElRey huma manhã (como dissemos) foi a tempo que a maré era vazia, e os nossos navios estavam quasi todos na vaza, que causou terem os inimigos lugar pera pôr fogo a huma galé nossa desemmasteada, que estava pera se renovar, por ser já mui velha,

lha, e assi a duas náos de mercadores já descarregadas. E como a primeira noticia, que os nossos tiveram desta vinda d'ElRey, foi a mostra da sua Armada do mar, já quando punham fogo a estas peças, todos naquelle primeiro subito da vista acudiram á praia, cuidando que queria poiar em terra. Porém quando elles nas costas ouviram huma grita de outros, que sahíram do mato, onde estavam lançados em cilada, e remetiam ás estancias que dissemos, deixou Affonso Lopes d'Acoſta esta parte do mar entregue a Duarte de Mello, que a defendesse, e com a outra gente ordenada ás estancias acudio a elles, onde já achou Mourros da Cidade, que lhe defendiam a subida. E posto que estes inimigos da cilada naquelle primeiro impeto ousadamente commettêram as estancias, como quem nellas achou fraca defensão, por ser da gente da terra; tanto que os nossos chegaram, allí lhes puzeram o ferro de vontade, que os fizeram descer dos lugares das estancias, onde tinham subido, havendo entre elles huma cruel competencia á custa do sangue, e vida de muitos, allí ás lançadas, espingardadas, como com alguns berços encarratados, que Affonso Lopes mandou trazer aos lugares de maior perigo, que varejavam, e defendiam bem de pelouros.

Mello com os outros Capitães, por causa da maré, detiveram-se hum bom pedaço primeiro que nadassem, pera ir commetter os inimigos; e tanto que começaram despa-
 rar nelles sua artilheria, desparralharam tan-
 tos, que lhe conveio a elles alargarem-se
 hum pouco, com que os nossos tiveram tem-
 po de apagar o fogo, que tinham posto.
 Mas não foi este negocio tão levemente de
 fazer, que primeiro não custasse vidas, e
 sangue dos nossos; porque Gabriel Gago
 com quantos levava na sua lanchara se af-
 fogaram per desastre de lhes saltar fogo na
 polvora, sem poder ser soccorridos, quan-
 do a lanchara se abriu, por todos terem
 tanto que fazer em si, que não podiam soc-
 correr aos outros. E a Diogo Mendes Ca-
 pitão da outra, huma bombarda dos inimi-
 gos lhe levou a cabeça fóra dos hombros,
 ficando o toro do corpo em pé. Finalmen-
 te assi no mar, como na terra, os nossos
 tiveram tanto que fazer per espaço de tres
 horas, que durou aquella furia, que se con-
 tentáram com ficar em posse do seu, reco-
 lhendo-se os inimigos aos lugares, que ele-
 geram pera seu alojamento: os do mar pe-
 ra a Ilha grande, que está defronte da Ci-
 dade; e os da terra quasi á vista das estan-
 cias, fazendo-se todos fortes, como quem
 vinha de vagar, e assi o fizeram; porque El-
 Rey

Rey per dezoito, ou vinte dias contínuos teve os nossos cercados, dando-lhes per muitas vezes duros, e fortes combates, que os trazia mui cansados assi do trabalho, como da vigia, e necessidade de mantenedores, que lhes começaram falecer. Mas aprouve a Deos que em todo este tempo os inimigos acháram nelles tanta resistencia, e houve entre elles tantos mortos, e feridos, que vendo ElRey que recebia mais damno do que fazia, e que os nossos começavam já tomar tanta ousadia contra elles, que o hiam commetter, temendo que saltassem com elle dentro no seu proprio arraial, huma noite o mais caladamente que pode, se partio, tornando-se ao Pago, donde viera. Na qual viuda, posto que deo muito trabalho aos nossos, e delles morressem dezoito homens, assi no mar, como na terra, de que os principaes foram os Capitães, que nomeámos; dos inimigos se soube serem mais de trezentos e trinta, e hum grande número de feridos, com que ElRey entre os Mouros, que viviam em Malaca, perdeu muito credito, vendo que deste feito em que elle poz todas suas forças, e os nossos eram poucos, e mui debilitados nellas por causa da enfermidade, e fome, que padeciam, em todos os combates sempre levou a cabeça quebrada. Elle como teve esta experiencia,

que rosto por rosto não podiam levar o melhor delles, por pelejarem como gente, que não tinha mais salvação que o seu braço, determinou tornar á guerra que lhe ante fazia, por se achar melhor della, mandando suas lancharas correr a Malaca, e a saltar os juncos, que a ella vinham. E algumas vezes per terra mandava gente, que commettiam as tranqueiras, combatendo-as de dia, e de noite; e como achavam defensão, tornavam-se recolher, parecendo-lhes que algum dia podiam tomar os nosos descuidados; ou ao menos pera os castigar tanto, que entre este trabalho da guerra, enfermidade da terra, e fome que lhe fazia padecer, defendendo-lhe trazerem mantimentos, os podia diminuir de maneira, que não houvesse quem defendesse a Cidade, e se viesse metter nella. Pera conseguir o qual effeito, tirou da força que tinha no rio de Muar o Capitão Ciribiche, que vinha fazer estes saltos, e poz outro per nome Sanio-tea de Raja, que era o mais affamado cavalleiro daquellas partes. E o que tinha dado a este Mouro tanto credito entre elles, era por ter acima do artelho hum mamillo de carne duro á maneira de callo, á semelhança de esporão de gallo, e haviam todos que este sinal era de animoso; porque naquellas partes como acham gallo, que

tem grande esporão, dam por elle muito, por os achar mais feroces que os outros, que o tem menor, nos desafios em que os mettem; por ser cousa mui costumada, e hum grande passatempo, e delicias, que os nobres daquella região costumam ter, principalmente em Patane, metterem estes gallos em desafio: E perde-se, e ganha-se grande somma de dinheiro nas apostas, que sobre isso fazem os que vam ver este espectáculo; porque huns põem por parte de hum gallo, e outros por outro; do qual duelo, e peleja ha juizes, que julgam qual delles o fez melhor. Este Sansotea de Raja, posto que era cavalleiro de sua pessoa, e bom Capitão, mais tinha ganhado esta opinião que delle havia com artificio, e ardis da guerra, que por seu proprio braço. Por não perder a qual opinião, e mais mostrar quanta differença havia delle a Ciribiche, per hum grande tempo, assi per mar, como per terra, fez muita guerra á fortaleza. E tanto a apertou com defender que lhe não viesse mantimento, e da India foi tarde provida, que valia algum que se achava tanto preço, que quasi ficava pezado a ouro; e de não haver vinho, muitos dias se leixou de celebrar Missa. Com a qual necessidade poz os homens em tal estado entre fome, e doença, principalmente a gen-

te commum, que não podiam mover os braços; no qual tempo tiveram algum socorro com a vinda de Antonio Correa, que (como atrás dissemos) Diogo Lopes de Sequeira mandára áquella Cidade com alguma provisão, e dalli havia de levar dous juncos a Martabam, ou a Pegu carregar de mantimentos. O qual, em quanto elles se faziam prestes, assi com o que trouxe, como com sua pessoa, muito resistio aos rebates, com que este Sansotea de Raja apertava a Cidade: té que sobreveio cousa não cuidada dos nossos, (sendo já Antonio Correa partido pera Pegu,) com que elle Sansotea perdeu a vida em huma victoria que houveram d'elle; e o caso succedeo per esta maneira. Continuando elle este modo de nos fazer a guerra, per terra rebates nas tranqueiras, e per mar correndo a Malaca, ás vezes mais a se mostrar que a pelejar, convertia a vingança do que não podiam fazer em esbulhar os navios, que vinham á Cidade, principalmente áquelles que eram de partes, que estavam em nossa amizade, e aos outros fazia entrar no rio de Muar, e tomando-lhes o melhor do que traziam, como direitos, e do mais pagava-lhes ao preço que queria; dizendo que aquellas cousas eram pera ElRey de Malaca seu Senhor, o qual posto que tivesse perdido a posse do

fitio da Cidade, não tinha perdido a posse da navegação daquelles dous estreitos, por que se navegava a ella; por razão do qual senhorio se lhe devia tudo o que lhe pagavam quando em sua prosperidade elle estava em Malaca. E aconteceu que entre estas tomadias foi o junco de hum mercador Jáo de nação, que continuava vir muitas vezes a Malaca com mantimentos, ao qual elle metteo dentro no rio Muar, e levou á fortaleza que tinha, com lhe dizer querer-lhe pagar quanto trazia. Porém depois que o esbulhou de todo, disse-lhe que da vida lhe fazia graça; pois sendo nós inimigos delRey seu Senhor, com quem elle estava de fogo, e sangue, por o terem lançado fóra da sua Cidade, elle trazia mantimento, e outras cousas pera nos sustentar, e favorecer. Finalmente o Jáo quando se vio perdido de todo, sómente com o casco do navio veio-se a Malaca apresentar a Affonso Lopes d'Acoſta, dizendo ser-lhe feito aquelle damno por nossa causa, e que Sansotea não dava outra razão de o esbulhar do seu. Affonso Lopes d'Acoſta, porque este Jáo era homem mui poderoso, e acreditado na Cidade entre todos os mercadores, sentio muito este mal que lhe foi feito; porque perdendo elle o seu, sem outra emenda, ou restituição, não ouſaria mer-

cador algum vir á Cidade, com que se per-
 deriam de todo, pois ella de si não tinha
 cousa alguma. E depois que o consolou de
 sua perda, dando-lhe esperança de restitu-
 ção della, esteve-lhe perguntando polo lu-
 gar onde Sansotea tinha assentada a forte-
 leza, e outras cousas de que desejava ter
 mais informação, do que elle tinha visto
 della, quando lá foi, como escrevemos
 atrás. O Mouro depois que satisfez ás per-
 guntas de Affonso Lopes, afirmou-se em
 que elle daria modo como aquella fortale-
 za fosse tomada, dando pera isso razões
 por causa das entradas, e saídas, que el-
 le notou, alli pela parte do mar, como da
 terra. Finalmente posto este negocio em con-
 selho, chamando Affonso Lopes pera isso
 as principaes pessoas, depois que se ouvi-
 ram razões humas em contrario de outras,
 em que havia dúvida no commettimento
 desta fortaleza, pola ida passada que foi
 sem fruto algum, como por parte do cre-
 dito que se dava pera tamanho feito a este
 Jáo, vencêram outras razões. E assentou-se
 que Duarte de Mello devia ir commetter
 esta força, repartindo logo o commettimen-
 to della per duas partes: hum per mar de
 rosto a ella, e outra per terra per hum cer-
 to lugar, porque o mesmo Jáo offendido
 promettia levar a gente encubertamente, e

a pôr pegada nos páos da tranqueira, onde não havia mais perigo, que resguardar-se dos esterpes de peçonha, que alli estavam semeados, os quaes elle iria tirando todos, por os nossos não encorrerem neste perigo. A qual entrada per terra Affonso Lopes d'Acosta encommendou a Manuel Falcão, debaixo da capitania do qual havia de ir Antonio Lobo Falcão seu sobrinho, Diogo Pacheco, Manuel Pacheco seu irmão, Diogo Brandão do Porto, João Guedes de Santarem, e outras pessoas nobres; e o mesmo Jáó com dous filhos, e alguns criados hiam diante por guia de todos. Levando mais esta ordenança, que tanto que entrassem no rio Muar, hum pedaço ante de chegar á fortaleza, que havia de sair Manuel Pacheco com sua gente em hum certo lugar, e ir per humia vereda, que corria entre a effitura do arvoredó ao longo do mar. A qual vereda hia dar nas tranqueiras da fortaleza, per a qual o Jáó os havia de encaminhar; e não haviam de commetter a entrada della, senão depois que ouvissem varezar a artilheria, com que Duarte de Mello per mar a havia de combater. Assentada esta ida o mais secretamente que se pode fazer, apercebeo-se Duarte de Mello, com fama que havia de ir ao estreito de Sabão dar guarda aos navios que vinham á Cida-

de, por não receberem damno da Armada que trazia Sanfotea de Raja. E tanto que de todo foi prestes, partio Duarte de Mello vespera de todos os Santos do anno de quinhentos e dezenove, levando em toda a frota té duzentos homens, de que seriam cento e vinte Portuguezes, e os mais eram Malayos da terra, e foi a tempo que lhe amanheceo no lugar, onde Manuel Falcão havia de sahir. O qual tomando o João por guia, segundo tinham assentado, começou caminhar com assás trabalho; porque como a terra era alagadiça, e havia alguns esteiros que passar, e sobre isso aquella noite chovêra, hiam todos mais pera tomar por repouso huma chaminé de fogo, onde se enxugassem, que do fogo de polvora que acháram. Duarte de Mello, por lhe dar espaço a elles fazerem este caminho, e tambem por ser menos sentido, a remo furdo foi de vagar, té que ao tempo que lhe pareceo que seriam no lugar que o João dizia, se mostrou ante a fortaleza, dando Sant-Iago com a artilheria. Manuel Lobo tanto que a ouviu, como ainda não estava junto da tranqueira, apressou o João que hia os esterpes, o qual com a pressa descido dos hombros do escravo, por muito resguardo que teve, não andou muitos passos que não foi

foi encravado, com que lhe conveio tornar a subir aos hombros do mesmo escravo: mas aproveitou-lhe pouco, por ser a peço- nha d'elles de tanta potencia, que morreu logo. Manuel Falcão posto que perdêra a guia, não leixou de seguir seu caminho, levado ante si dous filhos do Jáo homens, e os seus escravos, que lhe fossem tirando estes esterpes. Dos quaes posto que Deos guardou Manuel Falcão, não se pode elle guardar na primeira chegada, commetten- do entrar na tranqueira, porque veio hu- ma das bombardas, que os inimigos naquel- la parte tinham posta, que lhe quebrou hu- ma perna, com que logo ficou quasi mor- to ao pé de huma palmeira. Vendo os nos- sos que com elle hiam em que estado fica- va o seu Capitão, e o Jáo guia, que os té li trouxera era esterpado, e outros que se não puderam guardar, ficaram suspensos no que fariam, porque ainda neste tempo não tinham sabido do que fazia Duarte de Meillo, sómente ouviam na parte do mar os trons da artilheria, per que sabiam ser já diante da fortaleza. E estando assi con- fusos, levantou a voz hum João Fernandes de Santarem, e disse contra todos: *Senho- res, que fazemos? Aqui está o Senhor Dio- go Pacheco, tomemos a elle por Capitão, porque elle he tal cavalleiro, que*

terá em parte onde ganhemos honra com vitoria. Com o qual parecer houve, nos que se alli acháram juntos, hum rumor que eram neste voto. Ao que Diogo Pacheco respondeo: *Não he tempo de mais eleição, nem de Capitão, cada hum o seja de si mesmo: Sant-Iago.* No qual appellido alli ficaram animados, que como homens, que se offerciam em sacrificio a Deos, todos juntamente commettêram a tranqueira, onde acháram assás resistencia, porque ella estava naquella parte já mais defensavel, do que a leixou o Jáo, que levou este ardil de commetterem a entrada per aquella parte. Duarte de Mello pela outra, que estava frente á margem do rio, poz-se a dar bateria per meio de fogo, settas, e outros aguilhões de morte, huns de arremesso, outros a mão tenente, passando avante, té que fez affastar os Mouros. E porque alli nesta sua entrada, como na outra do Sant-Iago, que deo Diogo Pacheco, era tamanha a fumaça, e tanta a confusão, que huns se não conheciam dos outros, sómente no appellido, sería cousa muito mais confusa, e incerta querer dar razão do que cada hum fez, e disse, depois que a furia accendeo o animo de todos: baste saber que espaço de duas horas os Mouros se defendiam animosamente. Porque além de passarem de oitocentos ho-

homens , número mui desigual dos nossos , eram todos gente limpa , em que entravam obra de trezentos Mandarijs , que são como entre nós os Fidalgos , e muitos destes tinham este appellido Raja , que (como já escrevemos) se dá em denotação de grande honra., ao modo que nós temos o titulo de Conde. Però nem a cavalleria , nem a nobreza , nem o seu Capitão tão nomeado Sansotea de Raja , o qual alli fez maravilhas , os pode livrar de morte , deixando a sua bem vingada em vidas , e sangue , que derramáram dos nossos. Finalmente este foi hum dos honrados feitos , que se naquellas partes fizeram , alli no commettimento , como no pelejar d'elle , no qual quasi todos os Mouros , que defendiam aquella força , ficáram estirados no meio della , e delles foram cativos , sem algum estar inteiro em suas carnes ; e dos nossos morreram mui poucos , porém feridos houve affás. Havida esta vitoria , mandou Duarte de Mello recolher a artilheria que nella estava , a qual passou de trezentas peças , em que havia muitas de bronço sem outro esbulho ; porque como todos estavam alli em guarda , e defensão desta força , não tinham mais movel , que quanto traziam sobre suas peeloas , e per derradeiro foi queimada , e feita em cinza. Duarte de Mello , porque

Tom. III. P. I.

R

N^a IMPRENSA NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

a Armada, que hia dar os rebates a Malaca, tanto que elle entrou no rio per mandado do Capitão Sansotea de Raja, se recolheo per elle acima, quizera ir trás ella té o lugar do Pago, onde ElRey de Birtam estava, e em modo de salto dar tambem sobre elle com aquella vitoria, que lhe Nosso Senhor mostrava; mas não o pode fazer. Porque como ElRey tinha sabido que a sua Armada, por grande que fosse, não havia de peder resistir á nossa; toda a sua guerra era salirem dalli as suas lancharas a saltar os juncos, que vinham a Malaca, e ás vezes dar mostra de si á Cidade, em modo de rebate, e tornar-se logo a recolher a esta guarida do rio. E temendo que a nossa Armada podia subir pelo rio acima, té onde era o Pago seu aposento, tinha mandado atravessar o rio com grande tranquia de madeira em partes, porque as nossas, quando subissem acima, fosse per caneiros mui estreitos, e de passagem perigosa. O primeiro atalho dos quaes era ante de chegar a esta força que lhe tomáram, e acima della outro, e outros de maneira, que dahi á povoação do Pago, onde ElRey estava, nos lugares mais estreitos havia estes atravessados de tranquia. E segundo Duarte de Mello soube dos cativos que alli houve, a causa porque Sansotea de Raja mandou que sua

sua Armada se fosse per o rio acima, foi porque lhe pareceo que elle Duarte de Mello não vinha a mais, que a Iha queimar, e não a commetter a fortaleza, por estar mui defensavel, e com mais gente, que quando alli foi ter o Capitão Affonso Lopes d'Acofta, que levava dobrada frota do que elle trazia. Vendo Duarte de Mello, depois que se embarcou, a segunda estacada de tranquia, que estava logo acima da fortaleza, e que acima havia outras, que lhe impediam seu desejo, contentou-se com aquella tão illustre vitoria, que lhe Nosso Senhor deo, e veio-se pera Malaca, onde foi recebido com grande festa, e prazer de todos, por ficarem desabafados dos sobresaltos deste Capitão Sansotea, e mais poderiam haver mantimentos de fóra, que com temor d'elle não vinham, cousa que os mais atormentava, que a mesma guerra.

CAPITULO III.

Como Garcia de Sá foi ter a Malaca, e Affonso Lopes d'Acoſta, por eſtar muídoce, lhe entregou a capitania da Cidade, e ſe veio á India, onde morreo em chegado: e do que Antonio Correa paſſou aſſi em Pegu, como em Malaca, onde Diogo Lopes de Sequeira o mandou.

HAvendo pouco mais de tres mezes que eſte feito era paſſado, adoeceo Affonso Lopes d'Acoſta Capitão da Cidade, a qual quiz Noſſo Senhor livrar de outras taes revoltas, como vimos que houve nella ſobre o ſucceder á capitania por falecimento de Jorge de Brito; porque em tal eſtado eſtava Affonso Lopes, que não dava a ſua doença muita eſperança de vida. E ante que o Noſſo Senhor levaſſe, acertou de vir á India Garcia de Sá filho de João Rodrigues de Sá, a quem Diogo Lopes de Sequeira deu licença, que em quanto não entrava em cargo algum, e elle não lia ao eſtreito de Méca, onde eſperava ir o anno ſeguinte, foſſe em huma náa a Malaca fazer ſeu proveito. E tambem a fim que com ſua chegada, Malaca receberia favor, aſſi de gente, como de mantimentos, porque de todas eſtas couſas havia de ir bem provido: e

mais tornaria na monção de Dezenbro com o cravo, nóz, maça, e as outras sortes de drogas, que daquellas partes soiem vir pera a carga das náos, que haviam de partir o Janeiro seguinte de quinhentos e vinte. Affonso Lopes d'Acosta quando vio Garcia de Sá, pessoa rão principal, e que levava consigo passante de sessenta homens de armas, além da gente que amarinhava a náó, houve que Nosso Senhor o vinha a ver, e á mesma Cidade, porque elle estava mui desconfiado de sua vida; e segundo lhe dizia o mestre, no mar, ou na India podia haver saude. Finalmente chamando elle Affonso Lopes os Capitães, officiaes, e pessoas principaes da Cidade, lhes propoz o estado em que estava; e que vendo quanto compria a serviço d'ElRey, e bem daquella Cidade ser governada per huma tal pessoa, como era Garcia de Sá, elle desistia da capitania, e lha entregava, pois a sua doença era mais de morte que vida. E sua tenção era ir-se pera a India na propria náó, em que elle Garcia de Sá fora, com o qual, (segundo já o tinha praticado,) haviam de ficar mais de sessenta homens, que vinham em sua companhia pera guarda, e defensão da Cidade, que era hum grande soccorro para ella, por quão desfalecida estava de gente, e a que havia (como todos sabiam)

estava doente, e não mui inteira nas forças corporaes pera soffrer os trabalhos daquelle terra, que sempre havia mister ser ceuada com gente fresca pera isso. A esta vontade de Affonso Lopes d'Acosta contrariou Lopo Cabreira Alcaide mór da fortaleza, allegando o regimento d'ElRey ser em contrario do que elle queria fazer, por quanto a elle pertencia a successão da capitania, fazendo sobre isso alguns requerimentos; mas tudo cessou, havendo respeito ás qualidades de Garcia de Sá, e á gente que com elle ficava. Por a qual razão Affonso Lopes lhe entregou a capitania per hum acto solemne; e elle partio em a não caminho da India, onde faleceo em chegando, por ir já mui debilitado. Garcia de Sá, tanto que começou entender no governo, e estado da terra, e nas cousas d'ElRey de Bintam, soube que todo seu intento, e trabalho era ajuntar parentes, amigos, e grandes apparatus de guerra, com fundamento de vir cercar Malaca, e não se levantar della té a tomar, ou morrer sobre isso. Porque ainda que tinha muito sentido tão grande quebra, como foi a perda de tanta gente, e munções de guerra, que se perdeu na fortaleza do rio Muar, (segundo vimos,) muito mais sentia ir já perdendo o credito em todas aquellas partes. Cá os parentes, genros, e

outras ajudas, que levemente achava no tempo de sua prosperidade, quando as pedia, começavam de lhe falecer, por ser cousa mui geral o favor seguir a prosperidade, e não as quebra. As quaes cousas, posto que Garcia de Sá sabia, vendo-se pobre de gente, e de outros provimentos, com que não podia pôr em effeito seu desejo, que era, ante que esta serpe creasse mais cabeças das que queria ajuntar á sua, ir á fortaleza de Pago a lha cortar, se o Deos ajudasse, convertia esta sua tenção em prover, e reparar a Cidade, reformando tambem navios velhos, de que tinha necessidade. Alguns dos quaes deo a Duarte Coelho, que era vindo do Reyno de Sião, onde o mandou D. Aleixo, segundo atrás fica, o qual per espaço de tres mezes andou no estreito de Sabam, e naquelles canaes, per onde vinham os juncos a Malaca em guarda delles, por causa das Armadas d'ElRey de Bintam, té que aprouve a Deos que tornou Antonio Correa de Pegu, onde era ido, veio ter a Malaca, com que ElRey foi fugindo do Pago. Pera entendimento do qual feito, (ainda que vai mais adiante,) convem fazermos aqui relação do que primeiro procedeo. Atrás escrevemos como Diogo Lopes de Sequeira mandou Antonio Correa com huma não, e hum navio que vies-

se a Malaca, onde Affonso Lopes lhe daria juncos pera ir a Martabam, e Pegu carregar de mantimentos pera provisáo da Cidade, e elle carregasse a náó, e navio de lacre, e outras mercadorias, e se fosse a Ormuz entregallas aos officiaes d'ElRey, por o muito proveito que se nesta viagem fazia. Deste navio que elle levava era Capitão Antonio Pacheco, que hia pera servir o seu cargo de Capitão mór do mar de Malaca, do qual cargo fora tirado de posse, quando o prendeo Nuno Vaz Pereira sobre suas differenças, como fica atrás; e tanto que o navio fosse em Malaca, havia de ficar por Capitão delle hum cavalleiro por nome Duarte Franco, que hia no mesmo navio, e assi hia tambem Manuel Pacheco irmão delle Antonio Pacheco. E além deste navio, houvera de ir em companhia de Antonio Correa té a Ilha Çamatra Diogo Pacheco irmão destes dous, o qual havia pouco que com Manuel Pacheco viera de Malaca, e trouxera grandes informações das Ilhas do ouro, de que havia geral fama na India estarem ao Sul de Çamatra. Sobre o qual descobrimento Diogo Lopes o mandava, por elle Diogo Pacheco ser mui experto nas cousas do mar, e ter grande habilidade pera descobridor, além de ser cavalleiro de sua pessoa; e pera isso lhe man-

mandou armar hum navio, em que elle hia, e hum bargantim, de que era Capitão Francisco de Sequeira. E como pera o resgate, e commercio do ouro se haviam mister algumas fortes de pannos de Cambaya, que não havia na feitoria de Cochij, ao tempo que Antonio Correa dalli partio, não pôde ir com elle, sómente Antonio Pacheco seu irmão, cuja companhia lhe durou pouco a elle Antonio Correa, com hum temporal que sobreveio, com que foi ter ao porto de Pacem, e dahi a Malaca, e depois partio pera Pegu, como já dissemos; e do que lá passou, adiante se verá, porque queremos continuar este Capitulo, relatando os trabalhos destes irmãos Pachecos. Os quaes se tiveram tanto favor da fortuna na India, quanto tinham de serviço, e cavalleria, elles foram bem prosperos em fazenda. Però como neste Oriente, a que chamamos India, reina mais a cegueira da fortuna, que a luz da razão, dissemos já por ella ser crua madrastra dos fieis, e lijougeira madre dos artificios: cousa tão approvada na boca do povo deste Reyno cabeça della, que quando vem passar hum destes seus mimosos com a pompa da sua prosperidade, dizem: *Vedes, alli vai hum filho da India*. O qual dito nunca se pode dizer por algum destes irmãos, porque qua-

iro de que se ella servia, a tres sepultou em si; e hum que cá veio, foi Antonio Pacheco, acabou neste Reyno mais farto de serviços, que de galardão. E tornando á viagem de Diogo Pacheco, que partio logo nas coizas de Antonio Correa, tanto que começou tomar per rumo de sua navegação a costa da Ilha Camatra pela parte do Sul, sendo tanto avante como o Reyno chamado Daya, que seria vinte leguas do de Achem, que fica ao Occidente na ponta da Ilha, com hum tempo que teve, perdeu-se delle o bargantim, o qual foi alli dar á costa, e delle escapou sómente hum escravo Canarij, que depois veio ter a Achem, onde os nossos o acháram, e delle souberam a perdição deste bargantim. Diogo Pacheco seguindo a costa, foi ter ao Reyno de Barros, mui nomeado naquellas partes polo muito ouro que nelle ha, e assi o cheiroso beijoim, a que os nossos por a suavidade chamam beijoim de boninas, e por outras mercadorias de preço. Por causa das quaes cousas concorrem alli algumas náos de Cambaya, e navios dos Reynos de Pacem, Pedir, Achem, e Daya, das quaes partes elle achou furtas tres velas, que como conhecêram ser navio nosso, ficáram desamparadas, acolliendo-se a gente a terra. Diogo Pacheco entendeu o seu temor, fez

finais de paz, com o que os Governadores da terra mandáram saber quem era, e o que queria, visitando-o com algum refresco. Aos quaes elle, depois de gratificar seu presente com algumas cousas das que alli podiam ser estimadas, respondeo ser hum Capitão d'ElRey de Portugal, mandado pelo seu Governador da India rodear aquella Ilha per a banda do Sul; e nos portos que descobrisse, notificasse que seguramente podiam levar suas mercadorias a Malaca, e que tambem podiam vir a elle, se lhe aprouvesse, porque mercadorias levava pera com elles fazer pacífica commutação. E quanto á gente que fugira dos navios com sua chegada, seguros podiam tornar a elles, posto que fossem de lugares, com que os Portuguezes tivessem guerra; porque por reverencia de estarem naquelle porto d'ElRey de Barros, com quem ElRey D. Manuel de Portugal seu Senhor desejava ter conhecimento, elle lhe faria muita honra, e os ampararia, se alli outrem lhes quizesse fazer algum mal, ou damno. Da qual resposta o Rey da terra, e seus Governadores ficáram mui contentes, e mandáram logo a bordo do navio refresco, e que fossem fazer com elle commutação das cousas que havia na terra com as que elle trazia. Diogo Pacheco, porque se vio sem o bar-

gantim, que era a principal cousa que elle havia mister pera aquelle descobrimento a que hia, determinou de gastar os pannos, que levava pera o resgate do ouro, a troco do que lhe alli deram, que foi hum pouco de ouro, e beijoim, e algumas coufas que dalli levam a Malaca. Porque os Mouros como são ciosos de nós, poucas vezes em terras, onde novamente imos ter, descobrem a grossura que tem, temendo que nos façamos senhores della, e os lancemos daquelle proveito que elles logram. E em quanto alli estive, sômente trabalhou em duas coufas; em se vigiar, temendo que de noite per industria dos Mouros de Cambaya não lhe fosse feita alguma traição; e em se informar dos da terra do que tinham sabido, e se dizia das Ilhas do ouro, que estavam ao Sul daquella Ilha Çamatra; por quanto geralmente em Malaca, onde hiam alguns mercadores daquelle Reyno Barros, se dizia que na terra não havia tanto ouro, como elles levavam, mas que a maior quantia haviam per resgate nas Ilhas do ouro, a que elles navegavam. E posto que os Mouros, e naturaes da terra deste negocio eram mui ciosos, tanto puderam peitas, que Diogo Pacheco deo a dous, ou tres naturaes dalli, que já lá foram, que vieram a lhe dizer o que tinham visto, e experimentado,

dizendo que quasi ao Sueste daquelle porto de Barros cento e tantas leguas havia huma corda de baixos, e restingas, em meio dos quaes estava huma Ilha não muito rasa, e per as fraldas chea de palmares, dentro na qual vivia muita gente preta, com que faziam resgate de ouro á borda da agua, por não contentirem que alguém fosse onde elles habitavam, e por isso não sabiam o sitio de terrapel dentro, nem o mais que nella havia, nem o modo da vida daquella gente, a qual dava muita quantidade de ouro a troco de huns pannos de Cambaya da sorte que elle alli trouxera, que eram vesticias, mantazes, e bertangijs azues, e vermelhos. E posto que elles faziam bom barato do ouro a troco de tão baixos pannos, ainda havia muitos homens, que se lá fossem huma vez, por mais ouro que trouxessem, não tornariam lá outra, com temor de perder a vida; porque geralmente de vinte vélas que lá fossem, não ficava a quarta parte, por ser esta navegação mui perigosa. A causa era não se poder ir a esta Ilha, senão em monção de tempo, que durava tres mezes, e em vasilhas mui pequenas, por os muitos baixos, e restingas, que tinha, em que havia alguns canaes per que navegavam, e estes mui estreitos, e que cada anno se mudavam por serem de arêa;

com a revolução das aguas no inverno daquellas partes. E quando acertavam de entrar, ou sahir per elles, em dia que não fosse muito brando, e sereno, quebrava o mar em frol, e acapellava qualquer cousa que achava diante. Diogo Pacheco però que estes homens lhe fizessem maiores difficuldades, ciosos deste negocio, segundo elle entendia, não leixava de lhe perguntar muitas cousas, assi pera seu aviso, como pera ver se os comprehendia em alguma contradicção. E depois que delles tirou o que pode, como isto era o principal que o alli fez deter alguns dias, mandou-se espedir d'El-Rey, e de seus Governadores, e fez seu caminho correndo a costa da Ilha adiante, té chegar ao canal, que ella, e a terra de Jauha fazem, chamado de Polimban, de huma Cidade cabeça do Reyno da mesma Jauha, que jaz sobre aquellas praias. E dahi torneando a Ilha per a outra costa do Norte, foi ter a Malaca, onde achou Garcia de Sá por Capitão, e partido pera a India Affonso Lopes d'Acosta; o qual ante que adoceesse, sendo já Antonio Correa em Pegu, prendeo a seu irmão Antonio Pacheco, e o tinha mandado á India, sem o querer leixar servir a capitania mór do mar. Alguns dizem que a causa principal desta prisão foi ser Affonso Lopes d'Acosta homem

mem de forte condição, e rixoso, em quanto esteve em Malaca, com muitas pessoas; e porque Antonio Pacheco era homem, que não lhe havia de soffrer alguma soltura de palavras, que elle tinha, quando o vio em Malaca, e que vinha com elle seu irmão Manuel Pacheco, e que Diogo Pacheco do descobrimento que lha fazer alli havia de ir ter, temeo que tres irmãos, e mais tão cavalleiros, aviassem com elle ter moderação de palavras. Finalmente elle mandou fazer autos de sua prizão, dizendo que lhe era descortez, e homem mal soffrido; e condemnando-o em culpas, que elle mesmo Affonso Lopes tinha, o entregou a seu irmão Gaspar d'Acosta, que elle mandou á India em huma náó, que se foi perder nas Ilhas de Gamispolá. As quaes, por serem fronteiras, e mui vizinhas á Cidade Achem, tanto que se soube nella que a gente daquella náó estava alli perdida, foram a elles lancharas de Mouros, com os quaes pelejaram tanto, que não ficaram mais vivos, que o Capitão Gaspar d'Acosta, Antonio Pacheco, Gregorio Gonçalves do Algarve, Diogo Fernandes, e outros tres, cujos nomes não vieram á nossa noticia; e todos tão feridos, que se houveram por tão mortos, como os outros. Dos quaes tanto que Garcia de Sá, que já servia de

Capitão de Malaca, soube parte, elle os mandou resgatar per meio de Nina Cunapam hum Gentio grande nosso amigo, que estava por Xabandar em Pacem, que de Achem té vinte leguas. E a este negocio enviou Diogo Pacheco, que quando chegou a Malaca (como dissemos) estava bem innocente dos taes trabalhos de seu irmão. Mas maiores os padeceo elle em tornar ao seu descobrimento do ouro o anno seguinte, pera onde o armou Garcia de Sá em hum navio da terra, e hum bargantim, com que chegou ao porto de Barros, onde estivera, no qual tornou achar quatro, ou cinco vélas de Cambaya, e de outras partes, que lhe não consentiram tomar pouso dentro no porto, tirando-lhe ás bombardas. Diogo Pacheco, porque o vento lhe era contrario, e vio que gente da terra a grão pressa se mettia em lancharas pera vir tambem contra elle, metteo-se no bargantim, querendo tirar á toa o navio ao mar largo polo não tomarem; e foi o tempo tanto, que o mar comeo o bargantim, e o navio veio á costa, do qual escapáram alguns Malayos homens do mar casados em Malaca, que se mettêram pelo sertão da Ilha atravessando-a toda, e vieram ter da outra banda do Norte, onde acháram em barcação, que os levou a Malaca, os quaes con-

contáram esta perdição de Diogo Pacheco, que foi o primeiro dos nossos que perdeu a vida por descubrir esta Ilha do ouro.

C A P I T U L O IV.

Como Antonio Correa chegou ao Reyno de Pegu : e assi se descreve o sitio, e cousas delle, e da paz que elle Antonio Correa assentou com o seu Rey, e do mais que fez té chegar a Malaca.

Tornando a continuar com a viagem que Antonio Correa fez a Pegu com bom tempo que teve, depois que partio de Malaca, chegou ao porto da Cidade chamada Martabam, que he do estado d'ElRey de Pegu. E como per hum rio navegavel que tem, do sertão concorrem alli quasi todas as mercadorias, que vam ter á Cidade Pegu cabeça deste Reyno assi chamado, e na propria terra havia os mantimentos que elle hia buscar, e muita cópia de lacre, e dalli per terra á Cidade de Pegu, onde ElRey estava, seriam té sessenta leguas, determinou não subir mais pela costa acima, pera entrar per o rio de Cosnij, per onde vam ter á propria Cidade Pegu. Porque como naquelle tempo toda a costa deste Reyno estava ainda por descubrir por nós, a

Tom. III. P. I.

S

N IQUALRENSA
NACIONAL

qual he mui chea de Ilhas, e os mais dos rios dos principaes portos tem tão grande macareo, que perigam muitas náos; abastou o em que se elle vio no porto de Martabam pera não querer fazer mais experiencia; e tambem pareceo-lhe que per este modo podia dar mais prestes aviamento aos juncos, que havia de carregar de mantimento pera Malaca, por a necessidade em que a leixava, e principalmente por achar alli muitos juncos, que a frete vãm cada dia a ella, por ser mui breve viagem. Assi que por estas cousas dalli quiz mandar recado a ElRey de Pegu, e pera isso ordenou Antonio Paçanha natural da Villa Alauquer em modo de mensageiro, e por Escrivão desta messaje Belchior Carvalho, e seis, ou sete homens pola mais authorizar, a fôra seus servidores, e alguns peães da terra, que o Governador da Cidade lhe ordenou que fossem em sua companhia com provisões pera os agazalhar per todo o caminho. E porque Antonio Correa foi o primeiro Capitão, e pessoa notavel, que alli foi enviado assentar paz com ElRey de Pegu, depois que Affonso d'Albuquerque de Malaca mandou a elle Ruy d'Acunha, e esta paz, e amizade, que elle Antonio Correa assentou, foi com grande solemnidade; ante que venhamos á relação della, faremos

outra das cousas deste Reyno. Pegu , per que geralmente nomeamos este Reyno , nome he imposto pelos Estrangeiros : os natu- raes chamam-lhe Bagou , e assi chamam á principal Cidade , donde o Reyno tomou o nome. Pela parte do Ponente he cercado este Reyno do mar da enseada de Bengá- la , e o seu comprimento he da Cidade Rey maritima , que está em quatorze grãos , e hum terço de elevação do polo Arctico , e acaba em dezoito na Cidade Sedoe tam- bem maritima. Porém nesta costa se contém mais leguas do que se mostra per estes quatro grãos , e hum terço , porque vai el- la repartida per esta maneira : o primeiro terço de toda a distancia sua he de Norte Sul , e o segundo de Levante a Ponente , e o outro torna ao Norte , per onde se vê que os dous terços sómente multiplicam em grãos , e o mais em número de leguas por a feição que a terra faz. Pela banda do Norte vai entestar em o Reyno chamado Arracam , com que muitas vezes tem guer- ra , e não póde tomar , por ser mui mon- tuoso , e cercado de grande arvored. E correndo desta parte dentro pelo sertão té chegar ao sertão da Cidade Rey , onde el- le fanece da banda do Sul , vem fazendo huma faixa de terra á maneira de meia lua. A maior parte da qual he montuosa , e ha-

bitada dos povos Brammás, e Jangomás, que se mettem pela parte do Oriente deste Reyno, entre elle, e o grão Reyno Sião, o qual Sião vem beber no mar da Cidade Tavay pera baixo. Toda esta terra de Pergu, ou Bagou, como lhe chamam os naturaes, he mui chã á mancira de campina, que a faz ser alagadiça, com muitos esteiros do mar, que entram per ella, e per as bocas de dous notaveis rios, que a retalham toda em grande número de Ilhas á maneira de huma horta regada. As quaes aguas doces a fazem mui fertil de todo genero de mantimento, assi dos agricultados, como dos que a propria terra brota de si; e pela mesma maneira tem a criação dos gados, e alimarias com grande cópia de aves, e peixes, que se pescam na agua salgada, e doce, com que a terra he mui abastada de mantimentos. Té este tempo que Antonio Correa chegou aqui, e depois per alguns annos se demarcava este Reyno, (como dissemos,) em que haveria de comprimento pouco mais de noventa leguas, e no mais largo outro tanto. Porém de poucos annos a cá com a communicação nossa, e alguma ajuda que houve dos nossos, ElRey guerra aos povos Breminás, e tomou-lhes alguns Reynos, té que a fortuna lhe

lhe virou as costas, e o rosto a hum vaf-
 fallo d'elle mesmo Rey, que elle tinha pos-
 to por Governador do Reyno Tangú dos
 Brammás. O qual com esta gente Brammá,
 que he mui bellicosa, lhe tomou o Rey-
 no, e ainda custou a vida a hum cavallei-
 ro per nome Fernão de Moraes Portuguez,
 que lá estava com hum galeão fazendo car-
 ga de lacre per mandado do Governador
 da India, com o qual morrêram aquelles,
 que consigo tinha no galeão. E foi tama-
 nha a fortuna deste novo tyranno, que não
 sómente tomou todo este Reyno Pegu, ma-
 tando todos os principaes da terra hum, e
 hum, por se segurar delles, mas ainda
 conquistou estes Reynos, Prom, Melitay,
 Chalam, Bacam, Mirandu, e Avá, que
 correm contra o Norte mais de cento e cin-
 coenta leguas, todos de povos Brammás,
 sempre ao longo do rio, que vem do lago
 Chiamay, o qual com suas correntes rega
 grão distancia de terra por vir per campi-
 nas; e quando com sua crescente sahem da
 madre, se alarga mais de trinta leguas,
 com que as terras ficam esmercadas do seu
 nateiro, e responde tão em breve com a
 novidade das sementeiras de arroz, e cria-
 ção dos gados á maneira da terra do Egy-
 pto com a crescente da chea do Nilo. E
 depois de hayidas estas vitorias, em que

tambem alguns dos nossos militáram, quasi nos annos que compunhamos esta historia, tentou de ir tomar o Reyno Sião, porém não lhe succedeo como elle desejava. Cá por ser caminho comprido, e muita parte montuosa, e tão cego com arvoredo, que lhe convinha á força de machado, fazer estrada per distancia de muitas leguas, não ganhou nesta jornada mais que perda de grande número de gente; e porém chegou á vista da Cidade Hudiá cabeça do Reyno Sião, que lhe foi bem defendida. Este povo de Pegu tem lingua propria, differente dos Siames, Brammás, Arracam, com que vizinha, por cada hum ter lingua per si. Porém quanto á maneira de sua religião, templos, sacerdotes, grandeza de idolos, e ceremonias de seus sacrificios, uso de comer toda immundicia, e torpeza de trazer casacaes soldados no instrumento da geração, e ceconvem muito com os Siames. E ainda dizem elles, que os Siames procedem da sua linhagem; e será assi, porque esta torpeza se acha em outro povo. Donde se póde crer ser verdade o que elles contam, que aquella terra se povoou do ajuntamento de hum cão, e huma mulher; pois que no acto do ajuntamento delles querem imitar os cães, porque quem o imita, delle deve proceder.

E 3

E a historia desta sua geração he, que vindo ter á costa daquelle Reyno Pegu, que então eram terras hermas, hum junco da China, com tormenta se perdeu, de que sómente escapou huma mulher, e hum cão, com o qual ella teve cópula, de que houve filhos, que depois os houveram della, com que a terra se veio a multiplicar, e por não degenerarem do pai, inventáram os cascaveis; e daqui, depois que a gente foi muita, se passou a Sião, donde os daquelle Reyno tem o mesmo costume; e porque em ambas estas partes as mulheres tem melhor parecer que os homens, dizem ellas que as fêmeas sahem á primeira mãe, e os machos ao pai. Outros dizem, que esta terra, e a de Arracam foi povoada de degredados, e que o uso dos cascaveis foi remedio contra aquelle nefando peccado contra natura. E ainda alguns Judeos daquelle região, que sabem a lingua, e entendem a escriptura delles, dizem que estes degredados eram enviados per ElRey Salamão de Judéa, no tempo que as suas náos navegavam áquellas partes em busca de ouro, que levavam de Offir, que elles tem ser na Ilha Camatra, que naquelle tempo haviam ser terra continua a esta. Seja como for, pois de tempos tão antigos não temos escripturas; sómente o que o povo recebe

de pai a filho, e segundo o demonio naquello tempo, e ainda agora reina em toda aquella gentildade, mais nefandos abusos, téra do pensamento nosso, tem entre si. Basta para noticia das cousas deste Reyno, e discurso de nossa historia, saber as demarcações delle, o sitio, abastança, e religião de gente; o mais de seus costumes, governo, e estado de seu Rey, uso de suas armas, e outras cousas que entre elles se usam, leixamos pera os Commentarios da nossa Geografia, a que sempre nos remettemos, por ser da propria materia, quando mais particularmente fallamos de cada Reyno per si. E tornando aos mensageiros, que Antonio Correa mandou ao Rey de Pegu, que reinava ao tempo que elle chegou ao porto de Martabani, tanto que per elles foi informado como que estava alli, e que sua vinda não era a mais que assentar pazes, e amizade com elle, com alguns justos impedimentos de não poder ir a elle, foram logo despachados com davidas em retorno do que lhe Antonio Correa mandou. E pera effeito da amizade, e paz que elle queria assentar com Antonio Correa em nome del Rey de Portugal, como seu Capitão que era, enviou com o mesmo Antonio Paçanha duas pessoas notaveis de sua casa, hum secular, e outro Religioso que era o seu Rau-

lim maior, a que todos os outros do Reyno Pegu obedecem. Chegadas estas duas pessoas tão principaes á Cidade Martabam, que por causa de sua vinda foi logo mettida em prazer, e festa, e mais sabendo serem vindos a este assento de amizade nossa, que elles muito desejavam pela vizinhança que tinham com Malaca, que era a vida, e principal commercio de toda aquella enseada de Bengála, houve entre elles, e Antonio Correa suas visitasões. E quando veio ao dia, que todos tres se haviam de ver pera jurar estas pazes, o qual acto pera maior solemnidade se havia de fazer no templo da Cidade, com muita gente que veio a elle, esperáram por Antonio Correa, o qual foi com os seus na maior pompa que elle pode, por mais solemnizar esta festa, levando o Capellão da náó, que lhe servia de Raulim. E como já entre elles as pazes estavam assentadas, e não vinham áquelle lugar a mais que serem juradas, segundo seu uso; tanto que todos foram juntos, não houve mais que fazer, que tirar o Samibegam huma folha de ouro batido, onde, (segundo uso dos Reys daquelle Oriente,) vinham escritas estas capitulações. E entregues a hum official, foram lidas em alta voz duas vezes: a primeira na propria lingua da terra, pera serem entendidas dos

naturaes ; e a segunda interpretadas em a nossa pera os nossos ; e per modo semelhante mandou Antonio Correa ler as suas per o Escrivão da não , escritas em papel a nosso uso. Lidas , e assinadas as quaes cousas , quando veio ao juramento , que o Samibelegam havia de fazer , o seu Raulim começou a ler per hum livro de sua religião , e per fim da lição tomou huns papeis amarellos , (côr dedicada ao culto divino ,) do tamanho de letras de cambo , e algumas folhas de arvores odoríferas , em que hiam escritas palavras , as quaes accendidas em fogo , se fizeram em cinza. E de si tomou as mãos do Samibelegam entre as suas , e as poz sobre aquellas cinzas , dizendo algumas palavras : á que o Samibelegam respondia , como que concedia naquelle juramento ; promettendo em nome d'ElRey ser firme , e valioso o que assentava , tudo isto com tanta cerimonia , attenção , e silencio , que fez grande admiração aos nossos. Antonio Correa quando veio a fazer seu juramento , chegou-se a elle o Capellão da não vestido em sua sobrepelliz alva. E porque em a não não havia outro livro , que fizesse maior poinpa , por ser de folha de papel inteira , que hum Cancioneiro de trovas imprimidas , em o qual estavam as obras que os Fidalgos , e pessoas deste Reyno ,

que tinham vea pera isso, té aquelle tempo tinham feito ; quiz Antonio Correa levar ante este livro, que o breviario do Clerigo, ou algum livro de rezar, que na vista do Gentio, que era presente, parecia pouca cousa, e que não ornamentavamos bem as palavras de nossa crença. Finalmente tomando o Capellão o livro na mão, e aberto pera Antonio Correa jurar, pondo os olhos na letra, começou a ler alto, segundo o acto requeria, o princípio das trovas, que tinha feito Luiz da Silveira Guarda mór do Principe D. João, que depois de Rey o fez Conde de Sortelha; o argumento das quaes he do Ecclesiasticos de Salamão, que começa: *Vaidade das vaidades, e tudo he vaidade.* Na qual hora por razão destas palavras tomou tamanho receio a Antonio Correa com admiração dellas, e lhe saltou no espirito hum tremor, como se puzesse as mãos nas palavras de toda nossa Fé. E teve pera si, que era obrigado cumprir aquelle simulado juramento; porque Deos não he testemunha de enganos, ainda que sejam os taes actos feitos entre pessoas diferentes em fé, quando ambas as partes contratam de paz, e concordia em bem commum. Acabado este acto de paz, e concordia, que causou ser logo Antonio Correa provido de todos os mantimentos, que havia

mister pera Malaca, lacre, e outras cousas pera a sua viagem de Ormuz; ante que se partisse, lhe aconteceu cousa, que lhe mudou esta viagem; e o caso foi este. Havia naquella Cidade Martabam, ao tempo que elle Antonio Correa chegou, alguns Mouros alli estantes fazendo suas mercadorias, os quaes foram presentes a todo o acto de paz, que elle assentou; e como isto foi para elles humna grande dor, porque logravam o commercio daquelle Reyno, onde té aquelle tempo navios nossos não continuavam, em algumas vezes que o Piloto, e Mestre da náó de Antonio Correa foram a terra consertar as vélas, e prover-se do necessario pera sua viagem, em banquetes que lhe pelos da terra foram dados per alguns principaes homens da terra, como nossos amigos, parece que tiveram os Mouros tal industria, que lhe deram peçonha, de que morrêram, estando Antonio Correa pera partir. Quando se elle vio manco destas duas tão principaes partes de sua navegação, tomou por remedio tornar-se a Malaca em companhia dos juncos, que tinha carregado de mantimentos, porque nelles havia Pilotos da terra, que sabiam esta navegação, e não os tinha pera a India; e sem esperar mais, como fez tempo, se partio pera Malaca, aonde chegou a tempo que

que tanto aproveitou com sua pessoa, como com os mantimentos que levava. Parece que pera isso permittio Deos o desastre da morte do Piloto, e Mestre, como se verá neste seguinte Capitulo.

CAPITULO V.

Como Garcia de Sá ordenou huma Armada a Antonio Correa pera entrar no rio Muar, e assi ir ao Pago, onde El-Rey de Bintam estava, ao qual elle desbaratou, e destruiu.

EM quanto Antonio Correa se deteve nesta viagem de Pegu, em Malaca passaram as cousas que atrás contámos, assi do tempo de Affonso Lopes d'Acosta, como outras, depois que Garcia de Sá entrou na capitania; e todas as mais que se neste tempo fizeram té a chegada d'elle Antonio Correa, deram muito trabalho á Cidade, por não haver nella mais descanso que armas ás costas, dos rebates, e cercos d'El-Rey de Bintam, fome de que suas Armadas eram causa, defendendo os mantimentos, e doengas que cada dia hiam gastando a gente, que na Cidade havia. Com a vinda do qual Antonio Correa, porque do comer geralmente pende a maior parte do contentamento dos homens, trouxe elle tan-

ta abastança á terra, que deste esforço tomáram todos forças, com que os rebates d'ElRey de Bintam cessáram, achando tanta resistencia nas tranqueiras que soião commetter, que entendêram ser vindo á Cidade soccorro de mantimento, e gente. Garcia de Sá como vio que ElRey de Bintam mais damno lhe fazia per fome, que per armas, determinou nesta prosperidade, e alegria, que os homens tinham com aquella abastança, atalhar ao diante, e mais aos ajuntamentos que ElRey de Bintam fazia, (como atrás escrevemos,) pera vir em pessoa cercar a Cidade. Finalmente elle poz sua tenção em conselho; e propostas muitas razões, e inconvenientes sobre o caso, assentou que pera tirar aquella serpe que tinham tão perto, como era o Pago, donde cada dia eram commettidos, convinha pera quietação daquella Cidade ir sobre ElRey de Bintam ante que se fizesse mais poderoso com as ajudas que convocava a si, e o lançassem daquella fortaleza. E que vistas as qualidades da pessoa de Antonio Correa, e quanto bem aquella Cidade per meio d'elle tinha recebido: este por ser o principal, convinha que tambem viesse da sua mão, que era ir por Capitão mór de huma Armada, que se faria pera este feito. E porque demos o feu a cada hum, as

principaes pessoas que eram neste voto foram Garcia de Sá, que havia dias que o trazia no peito, D. Rodrigo da Silva, Duarte Coclho, Manuel Pacheco, e outros tres, ou quatro. Prestes a frota, que seria de trinta vélas, as mais dellas navios de remo, e alguns redondos, e caravelas, que Duarte de Mello Capitão mór do mar trazia de Armada, em que iriam té quinhentos homens, cento e cincoenta Portuguezes, e os mais era gente da terra, partio Antonio Correa a quinze de Julho do anno de quinhentos e vinte, em cuja companhia, além dos nomeados, hiam mais estes Capitães, Duarte Furtado, Francisco de Sequeira, Henrique Leme, Carlos Carvalho, Bartholomeu d'Afonseca, Christovão Dias, Ruy Mendes, Diogo Dias, João Salvado, e outros, cujos nomes não vieram á noticia nessa. Este rio, per que Antonio Correa havia de ir, (como já dissemos,) na entrada tinha aquella força, que Duarte de Mello destruiu; e em algumas partes onde era estreito, tinha algumas estacadas, e tranquias que o atravessavam, leixando sómente alguns canaes per onde navegavam as lanchas d'ElRey, todo per ambas as margens delle mui cuberto de grande, e espesso arvoredos, que o assombrava em tanta maneira, que não entrava o Sol nelle senão quan-

do se podiam enfiar os seus raios com a madre do mesmo rio. E quando hiam per elle, rombava a folha, ou qualquer mo- to que se fizesse, como em huma abobada de maneira, que hum batel que fosse reman- do era ouvido longe. Sómente nos cotove- los que elle fazia com suas torturas, aqui era impedido, e se quebrava muito o ter- mo do ouvido, em os quaes lugares El- Rey de Bintam trazia sempre escuitas, pe- ra ser avisado do que entrava per elle, com temor nosso, o qual estava em huma forte- leza situada não ao longo deste grande rio de Muar, de que fallamos, mas nas cor- rentes de outro pequeno, quasi como estei- ro, ao qual os naturaes chamam Pago, don- de ao lugar, e sitio della chamavam Pago, e vinha-lhe metter neste grande, que corre mui longe pela terra, sempre per lugares bai- xos, e apaulados; e o Pago como he de pouca agua, e mui estreito, passado o lu- gar onde ElRey tinha feito seu assento, não passava mui adiante. Na margem do qual de ambas as partes, ao modo de Ma- laca, ElRey tinha feito huma grande po- voação toda de madeira, a huma das quaes partes ficava o povo, e elle na outra, e no meio atravessava huma ponte per que se serviam. E posto que estas forças, e po- voações são de madeira, principalmente as que

que elles ordenam em modo de fortaleza, he cousa tão defensavel; que a muitas dellas não chega muro de pedra, e cal; porque fazem huma estacada de páos tão fortes, e duraveis, que lhe chamam os nossos páo ferro, e delles tão grossos como mastos, e tão juntos huns aos outros, que não pôde hum homem passar per entre elles, e são entulhados per dentro; e este entulho he hum terço de toda sua altura, e per este modo são entulhados os baluartes, em que tem affestada artilheria. E como ElRey de Bimam sempre teve receio de o commetterem alli, não sómente neste lugar de sua habitação, mas ainda onde este pequeno rio Pago se mettia no de Muar, tinha feito em hum cotovelo d'elle outra tal força de grossa madeira de huma banda, e da outra do rio, onde se recolhia parte da sua Armada, e a entrada do rio era per huma cancella, que se fechava cada noite, onde havia gente de guarnição, que guardava este lugar, que tambem tinha muita artilheria. Finalmente em baixo, e em cima tudo eram perigos, e trabalho per que os nossos haviam de passar; pera tirar os quaes impedimentos de madeira, ainda que não fosse tomar a espada, e lança na mão, sómente machados pera a cortar, cansaria mil homens, quanto mais tão pouca gente como

Tom. III. P. I.

T

a nossa era. Porém assi constituiu Deos as obras dos homens, que os mesmos homens per outro artificio, quando lhes a elle apraz, as vencem, e desfazem. Porque como Antonio Correa per alguns Malayos, que sabiam bem estas entradas, era avisado de tanto embaraço, e impedimento, levava ante si huma manchua com mais de vinte homens com machados pera os desfazer. Indo assi com esta ordem pelo rio acima, ante que chegasse ao cotovelo, que dissemos seria obra de sete leguas da barra, que ferido, e houve logo rebate, assi onde elles estavam, como na povoação d'EIRey. O qual suspeitoso de seu mal, a grande presa mandou recolher muita parte da Armada, que tinha em baixo pera a povoação, onde elle estava; e depois de recolhida, cortar muitas arvores das que estavam á borda do rio pera o encher de tranquia. E em alguns passos mandou decepar outras té o meio, e estarem assi com cordas lançadas nas pontas com gente da outra banda preses, pera que querendo algum dos nossos navios passar, que as abatessem sobre elles. Antonio Correa quasi noite chegou junto da primeira estancia, que os Mouros tinham feita; e como a terra alli fazia hum cotovelo agudo, ficava a tranqueira dos Mouros

ros da parte dianteira, e a nossa Armada da parte trazeira, tão vizinhas pelas costas, que se no meio não houvera tão alto, e espesso arvoredado, víram-se todos; e porém ouvia-se o rumor de ambaladas partes, por as razões do tombar do rio, que dissemos. Ouvindo Antonio Correa esta vizinhança, passada parte da noite, em que a gente algum tanto assocegou do rumor, mandou em hum balão pequeno a Jorge Mesurado Feitor da sua náó, por saber a lingua Malaya, que lhe fosse espreitar a tranqueira dos Mouros, e escuitasse o rumor delles, pera saber em que determinação estavam. O qual tornado a Antonio Correa, disse que a prática da vigia dos Mouros era, que pela manhã haviam de pelejar com elle, e animar-se huns aos outros; e que segundo o rumor delles, lhe parecia que era muita gente. Antonio Correa, por ter dado pera isso hum certo final, tanto que foi ouvido, todos os Capitães foram com elle, onde se consultou o modo que haviam de ter ao outro dia ante manhã, em que elle se determinava commetter os inimigos; e a ordem que pera isso deo foi esta. Que Duarte de Mello Capitão mór do mar, por ter huma caravela, que podia com os castellos ficar igual das tranqueiras, e cancella per que era a entrada, iria diante, levada a caravela

per bateis á toa, pera pela enxarcea, e ma-
 reagem della subir a nossa gente; e logo jur-
 to a ella iria elle Antonio Correa, por cau-
 sa de hum tiro grosso, que levava na galé-
 em que hia, e assi os outros navios maiores,
 que levavam artilheria pera se servirem na-
 quella chegada della, e mais serem ampa-
 ro aos navios de remo rasos, té entestarem
 nas tranqueiras, e principalmente a passa-
 gem da caravela. A qual assi estava feita,
 e fechava aquelle lugar da entrada, que
 muito mais receava Antonio Correa o em-
 baraço, que lhe ella podia fazer na passa-
 gem, entalando-lhe os navios no meio da
 vea, que commetter a força, que os Mou-
 ros tinham feito á de dentro della, onde
 tinham posta sua artilheria. E como este
 impedimento era o que lhe maior confusão
 fazia, ordenou que na caravela fosse da gen-
 te do mar a mais despachada, e destra pe-
 ra subirem pela enxarcea; e tanto que em-
 parassem com a cancella, se lançasse nella
 hum golpe de homens, e entrados dentro,
 fossem com machados cortar qualquer fe-
 cho, com que estivesse fechada. Posto An-
 tonio Correa nesta ordem, tanto que foi
 manhã, começou a descobrir o cotovello,
 que a terra fazia, na volta do qual os Mou-
 ros tinham feito sua fortaleza. E ainda a
 caravela não era descuberta de todo, quan-
 do

do a artilheria dos Mouros, que estava ali apontada, começou a varejar, sem ella lhe responder com a sua, por assi o ter ordenado Antonio Correa, senão depois que elle tirasse com humia espera em final que dava Sant-Iago. Dado o qual final, com que a artilheria de ambas partes começou a fuzilar; entrou no vão daquelle rio hum trovão contino, cousa tão espantosa, que não parecia ser instrumento de homens, mais que a natureza da terra, e o furor do ar com todos elementos concorriam em guerra, e propria destruição sua, com que os homens não sabiam em que lugar estavam. Porque este contino, e espantoso trovão per humia parte, a grossura do fumo, que não sahia daquelle opaco, e sombrio lugar per outra, e a luz escura dos relampados, que de quando em quando per outra afozilavam, e per derradeiro a grita de tanta gente, fazia tudo humia tal mistura nos ouvidos, e vista, que se não podiam entender, responder, ou conhecer huns aos outros; sómente ás cegas cada hum lançava mão do que achava ante si. E quasi apalpando mais, que vendo o que faziam, os da caravela de Duarte de Mello, però que lhe foi assás trabalhoso, subindo pela enxarcca houveram a cancela á mão; e depois que foram senhores della, se lançaram dentro da tran-

queira; e como não levavam outro intento, por lhes assi ser mandado, a primeira cousa que fizeram, foi vir abrir as portas da cerca á caravela pera entrarem os outros navios. Na qual entrada sem mais pelejar, assi se houveram os Mouros por vencidos, que nenhum quiz esperar a furia do nosso ferro. Finalmente Antonio Correa com toda sua gente se fizeram senhores daquella fortaleza, té do almoço que os Mouros tinham posto ao fogo, que era arroz cozido, e outras viandas segundo seu uso, que os nossos houveram por melhor que as lançadas, e fréchadas, que naquella entrada esperavam achar. Mas aprouve a Deos que os livrou deste perigo, e ficáram com o animo dobrado, pera logo com esta victoria ir avante onde ElRey estava: o que Antonio Correa fez, tanto que os nossos esbulháram o que alli foi achado, que por fer de gente de guarnição, era pouca cousa, e a melhor foram vinte e tantas peças de artilheria, a maior parte della de metal, e algumas que foram nossas, que elles tinham havido nas affrontas que nos deram em Malaca. Antonio Correa, porque temeo que indo elle per aquelle pequeno Pago acima, nas costas lhe podiam dar alguma affronta as lancharas da Armada d'ElRey, que per ventura estariam escondi-

didas per esses estreitos, que vinham dar no rio grande; leixou alli Duarte de Mello na sua caravela, e outros navios, que por grandes não podiam ir acima, por ficar seguro, e mais entre tanto recolheriam a artilheria, e munições que alli ficavam. E assi ordenou por causa das arvores, que estavam atravessadas per o rio que havia de ir, e outras que estavam serradas, pera darem sobre elle á passagem dos nossos, ou ao menos pera lhe fechar á tornada o caminho, que fossem diante os bateis com os homens de machado, pera lhes tirar este impedimento, e perigo. A qual providencia aproveitou tanto, que sem ella não pudera ir adiante; porque além da tranquia atravessada, havia em algumas partes muita estaca mettida ao maço, tão profunda na vasa, por a terra ser apaulada, que lhe deo grande trabalho o arrancar, e cortar desta madeira, e foi causa que se deteve muito em chegar á povoação onde ElRey estava. O qual com esta detença de Antonio Correa teve tempo de pôr sua gente em ordem, e seus Elefantes armados, e tudo tão a ponto, que quando os nossos chegaram, e o víram estar em huma chapa da terra, que se fazia sobre o rio, onde elle havia de desembarcar, lhe fez assás de temor. Porque além desta vista, que parecia

fer de dous mil homens bem armados para dar, e receber, em elles descobrindo este lugar, foram recebidos com huma grita, que rompia os ares estrogindo as orelhas; e quando foi aos nossos quererem poiar em terra, foram recebidos de muita artilheria, e huma nuvem de frêchas, que cubriam o Sol. No qual feito claramente os nossos viram obrar mais o poder de Deos, que o seu; porque no primeiro ferro que começaram pôr na carne dos Mouros, alli os cortou o temor, e perdêram as forças, e sentido, que em nenhuma outra cousa o tinham senão em os pés, o qual desbarato causou pôr-se ElRey em salvo com toda a potencia de seus Elefantes, parecendo-lhe que dentro no mato os nossos o haviam de tomar: tanto foi o temor que lhe Deos poz no animo, sem haver homem, que tornasse atrás. Acabando esta gente de despejar a Cidade, posto que os corpos de alguns ficaram atravessados per essas ruas, os nossos se fizeram senhores della, sem Antonio Correa consentir que entrassem pelo mato em alcanço d'ElRey, contentando-se com tamanha mercê, como lhe Deos fezera em lançar este tyranno, que tanto nos perseguia, daquelle lugar tão perigoso de entrar, que sómente em o commetter era grande feito, quanto mais acabar-se sem

morte de algum dos nossos, que foi outro novo milagre. Finalmente a Cidade, e casas d'ElRey foram esbulhadas do melhor, que em tão pequenas vasilhas, como elles traziam, se pode levar, e per derradeiro se poz fogo a tudo; e os Mouros em fugindo, por nos não lograrmos dellas, o puzeram em mais de cem peças de navios, huns que eram da Armada d'ElRey, assi como lancharas, calaluzes, e outras de seu serviço, em que havia alguns de estado, dourados as popas, e proas, ornamento em que estes Principes querem mostrar a magestade, e policia de seu serviço, alguns dos quaes por mostra Antonio Correa levou a Malaca, leixando feito em cinza aquelles dous sitios. Na qual Cidade foi recebido com o maior prazer, que ella havia dias que tivera; porque com a destruição deste tyranno, (a quem daquella vez não ficou hum barco, nem peça de artilheria,) ficava ella segura das perturbações que lhe dava. O qual como homeni desconfiado de mais poder viver naquella parte, se foi assentar na Ilha Bintam, que será de Malaca quarenta leguas, onde per algum tempo quietou, em quanto não teve forças.

CAPITULO VI.

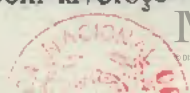
Como Garcia de Sá mandou de Armada a Manuel Pacheco sobre o porto de Pacem, e Achem: e do feito que cinco Portuguezes, que com elle foram, fizeram: e do mais que sobre este caso succedeo.

COM este feito, que foi mui soado per todas aquellas partes, ficáram os amirados no favor que tomáram delle para nosso damno: e alguns delles tinham commettido crimes, e insultos contra nós, de que té então não houveram castigo, por estar Malaca tão affortunada da perseguição deste tyranno, que não podia acudir a isso. E entre estes, que começáram tomar ousadia contra nós, foi hum tyranno que estava em Pacem, que se tinha intitulado por Rey, e assi o Rey do Reyno Achem, dos quaes adiante particularmente faremos relação, por lá ser mais proprio lugar. Aqui haste saber que tinha este de Pacem roubado alguns dos nossos, que alli foram ter com fazenda, assi no tempo que Lopo Soares governou, como depois que lhe succedeo Diogo Lopes de Sequeira. E a couza mais fresca, que então tinha feito, era se-

rem alli mortos mais de vinte e tantos homens, delles criados de D. Aleixo de Menezes, outros de D. João de Lima Capitão de Cochij, os quaes alli foram ter em huma não do mesmo D. João, em que tambem se perdeu muita fazenda. Garcia de Sá como com a vitoria que houve d'ElRey de Bintam ficou com mais algum repouso pera poder entender no que estes tyrannos da Ilha Camatra tinham feito, os quaes elle dissimulava pola oppressão em que Malaca estava, ordenou logo de armar huma não, a capitania da qual deo a Manuel Pacheco, que polo que alli era acontecido a seu irmão Antonio Pacheco, quando foi cativo, (como escrevemos,) teria mais favor de fazer esta guerra ao tyranno de Pacem, e Rey de Achem, andando per aquella costa defendendo-lhe a entrada das náos, que com mercadorias viessem a seus portos, e as fizesse arribar a Malaca, e assi não consentisse que os seus fossem pescar ao mar; porque como os Gentios da India, e assi os Mouros que vivem no maritimo della, mais se mantem do pescado, que de carne, em nenhuma cousa lhe podia fazer maior damno, que em lhe defender a pescaria, e assi as náos que vam áquelles portos, grande parte das quaes levam das Ilhas de Maldiva muita muxama, que se faz de pesca-

do, e he entre elles mui estimada. Partido Manuel Pacheco a este feito, começou atormentar aquelles dous portos de Pacem, e Achem, tomando-lhe quantos pescadores vinham pescar, com hum batel que pera isso trazia bem esquipado; e as náos estrangeiras fazia-as arribar a Malaca, e as que per força queriam tomar estes portos, metia-as no fundo. No qual tempo por lhe falecer agua, mandou a isso o batel remado per marinheiros Malayos, e em seu resguardo com elles estas cinco pessoas, Antonio de Véra do Porto, Antonio Paçanha de Alanquer, Francisco Gramaixo, João d'Almeida de Quintella, e o barbeiro da náo; porque pela experiencia que tinha de suas pessoas, não lhe haviam de deixar o batel em mãos dos Mouros, succedendo algum caso, em quanto os marinheiros fizessem aguada. Entrando este batel em hum rio chamado Jacapárij, que será do porto de Pacem huma legua, onde fez sua aguada, quando veio ao sahir, como os Mouros os tinham em ollio, de huma parte, e da outra choviam settas sobre elles, por os virem esperar á margem do rio: Tudo pelos entreter em quanto se faziam prestes tres lancharas no porto de Pacem pera os vir tomar ante que sahisses do rio ao mar, onde a náo lhe podia soccorrer, e deram-lhe

lhe os Mouros tanto trabalho com as nuvens de fréchas que lhe tiravam, que se não se cubríram com as adargas, as quaes liam cubertas das mesmas fréchas, nenhum delles ficára com vida. Passado o qual perigo, já na boca do rio começou vir a elles a maré, e com ella a viração, que os entreteve tanto, sem á força de braços poderem furdir avante, que vieram a elles tres lancharas, que o vinham buscar. Huua das quaes, que era a capitania, por ser mais veleira, vinha hum bom pedaço das outras, em cada huma das quaes passavam de cento e cincoenta homens, todas mui bem remadas, e o Capitão della era hum Mouro Jáo de nação per nome Raja Sudamicij, que servia a ElRey de Pacem de Capitão de suas Armadas. Os nossos quando se víram tão longe da náó, e que o vento não servia pera lhes poder foccorrer a tempo, sem primeiro passarem pela furia daquellas tres lancharas, determináram morrer ante que se leixar cativar. E o conselho que tomáram foi offerecer-se a Deos em sacrificio, dizendo, que não pelessem no batel senão em lanchara, abalroando com elles juntamente, se lançassem dentro, e se mettessem ás lançadas com os Mouros, e os mais Nosso Senhor o faria por elles. A lanchara como vinha com alvoroço de os levar



na mão primeiro que as outras chegassem; como coufa de pouca preza chegou a elles, quasi como que os queriam tomar á mão vivos; mas de outra maneira lhe succedeo. Porque ainda ella não chegava, quando os nossos com o nome de Jesus na boca se lançaram dentro tão levemente, que ainda o pé não era posto na coxía, quando o ferro das lanças era no peito dos Mouros; assi animosamente, que como carneirada em que dam lobos, os fizeram logo remoinhar. E como eram muitos, huns embaraçavam os outros, por se resguardar de se não ferirem; e os nossos não tinham outro officio, senão fornear, e enfopar as lanças nelles, com que alguns se lançaram ao mar. Finalmente foi tamanha a desenvoltura, e despacho, que estes cinco homens com os marinheiros tiveram naquelle commettimento, que ainda que andavam bem sangrados, o Senhor Deos que os animava, e favorecia, lhes deo força pera que ficassem senhores da lanchara, morrendo grande parte dos Mouros, huns delles ás lançadas, e outros afogados. E seu proprio Capitão rouco de brados, que se não lançassem ao mar, não como quem fogia, mas com indinação delles, se lançou tambem; e com hum terçado na mão direita, remando com os pés, e a esquerda, matava nelles por se vingar, como

homem desesperado. Quando as outras duas lancharas de longe víram que os nossos eram senhores desta, parecendo-lhes que o batel trazia tanta gente, que podia fazer aquelle feito, e mais que a não começava de sobrevir a elles, fizeram a volta ao porto donde sahiram, que foi vida pera os nossos, por estarem taes, que não tinham já alento, e vasavam muito sangue; e o que Nosso Senhor fez mais por elles, foi, que das feridas que houveram, nenhum delles morreo. El Rey de Pacem vendo-se com esta injúria, e temendo que pois Malaca destruía El Rey de Bintam, que outro tanto poderia fazer a elle com alguma Armada; e tambem sabia que era ido hum Principe herdeiro daquelle estado ao Governador da India requerer ajuda contra elle, por segurar suas cousas, mandou dizer a Manuel Pacheco que queria paz, e não guerra; e que se o Capitão de Malaca a mandava fazer por causa de algumas perdas, que os Portuguezes alli tinham recebido, em que elle não era culpado, (como se mostraria, quando o quizesse saber,) elle era contente de compoer todo este damno. Manuel Pacheco, porque havia já tempo que andava alli, e tinha vindo ao ponto que Garcia de Sá desejava, que era ter paz com esta Cidade Pacem, por ser mui importante ao estado de Malaca,

e este tyranno se somettia com obrigação de satisfazer as perdas que os nossos recebêram, e mais que lhe convinha ir dar hum folego á gente, que com elle andava; fingio que elle não tinha poder pera assentar paz com elle, senão fazer-lhe crua guerra; e porém por quanto a elle lhe convinha chegar a Malaca, daria conta ao Capitão delte seu requerimento. Partido Manuel Pacheco, levou a lanchara, que os nossos tomáram, pera estar em Malaca por memoria de tão honrado feito, onde foi recebido com muito prazer de todos. E porque Duarte Coelho estava pera ir á China, onde Garcia de Sá o mandava com huma náó, e hum navio a fazer fazenda d'ElRey, pera a qual viagem era mui necessario levar pimenta, e ElRey de Pacem requeria paz; por vir em tão boa conjunção este seu requerimento, leixou de mandar a isso Manuel Pacheco, por se não fazerem duas despezas, e foi Duarte Coelho a este negocio. O qual assentou a paz, e carregou as duas náós que levava, de pimenta, e seda, e outras mercadorias, que ficáram em Malaca, em que se fez boa fazenda; e com a pimenta, e outra carga partio pera a China, da viagem do qual adiante faremos relação. E por ser já vinda a monção pera a India, partio-se Antonio Correa carregado de honra, e da

fazenda que fez em Pegu, cousas que poucas vezes se conseguem, onde elle chegou a salvamento: E per aqui acabamos as cousas, que naquellas partes de Malaca se fizeram o anno de dezenove, e vinte, no qual tempo passáram outras na India, de que convem darmos razão por haver muito tempo que della partimos.

C A P I T U L O VII.

Em que se descreve o sitio das Ilhas de Maldiva, e algumas cousas dellas: e como João Gomes, que foi enviado a fazer huma fortaleza na principal chamada Maldiva, a fez, e depois o matáram os Mouros, e a causa porque.

A O tempo que Diogo Lopes de Sequeira despachou Antonio Correa, Garçoa de Sá, Simão d'Andrade, e outras pessoas pera as partes de Malaca, em a relação do que alguns passáram nos detiveram té este passado Capitulo, tambem despachou outros Capitães. E porque João Gomes de alcunha Cheira-dinheiro foi o primeiro pera fazer huma casa forte nas Ilhas de Maldiva, primeiro que entremos na relação do que elle fez, convem darmos huma geral noticia destas Ilhas de Maldiva, em que tantas vezes fallamos. Este nome Maldiva,

posto que seja nome proprio de huma só Ilha, como logo veremos, a etymologia delle em a lingua Malabar quer dizer mil Ilhas, Mal mil, e diva Ilhas, porque tantas dizem haver em huma corda dellas. Outros dizem, que esta palavra Mal he nome proprio da principal, em que reside ElRey, que se intitula por senhor de todas, e a ella communmente chamam Maldiva, como se dissessem a Ilha de Mal; e como ella he cabeça de todas, todas se intitulam della. E esta corda, que corre á semelhança de huma faixa estendida fronteira á costa da India, começa nos baixos, a que chamamos de Pádua na paragem de monte Delij, e vai entestar na terra da Jaóa, e costa de Sunda. Isto segundo demostram algumas cartas da navegação dos Mouros, porque os nossos té ora tem noticia sómente de obra de trezentas leguas do curso dellas, começando nas a que chamam de Mamálle, nome de hum Mouro de Cananor, que era senhor das primeiras, que estam apartadas da costa Malabar per espaço de quarenta leguas em altura doze grãos e meio da parte do Norte. E as derradeiras nesta distancia de trezentas leguas chamadas Candú, e Adú, estam em sete grãos da parte do Sul; e quasi no meio desta faixa de trezentas leguas está a principal dellas chamada

da Maldiva, que dissemos, onde reside o Rey, que se intitula por senhor de todas. As quaes Ilhas as mais pequenas estam encabeçadas em as maiores de maneira, que huma governa trinta, quarenta, segundo estam situadas; e a este número assi encabeçado em huma chamam elles patána. E posto que o Rey, que se intitula por senhor de todas, e todo o povo dellas seja Gento, os Governadores são Mouros, cousa que elles sempre trabalham; porque comter a governança das terras, pouco, e pouco se vem a fazer senhores dellas. E o modo que nisto tem he fazerem-se rendeiros da renda das terras, principalmente dos portos de mar, porque com este arrendamento anda junto o governo da justiça, por se melhor arrecadarem as rendas do Principe da terra; e este uso que os Mouros tem, mais he inda nas terras firmes que nas Ilhas. A situação destas de Maldiva, ainda que algumas das maiores sejam apartadas humas das outras per espaço de vinte, quinze, dez, e cinco leguas, o maior número dellas he estarem tão conjuntas, e apinhoadas, que parecem hum pomar meio alagado de agua, que quasi tanta parte he cuberto como descuberto della; e que de salto em salto, por não molhar os pés, e ás vezes lançando a mão nos ramos das arvores, se au-

da todo. E são os canaes desta agua que as retalha tão retorcidos, que os mesmos naturaes ás vezes huma maré os apanha, e lá os vai lançar em parte, onde não sabem atinar. Porque ainda que estes canaes muitos delles tem tanta altura, per que possam navegar náos mui grossas, são tão estreitos, que em partes vam dando com a eutena das vélas nos palmares; não que dem tamaras, como dam as de Barberia, e toda Africa, mas hum pomo do tamanho da cabeça de hum homem; ao miolo do qual primeiro que lhe cheguem, tem duas cascas á maneira de noz. A primeira, posto que per cima, he mui liza, passada aquella tez liza, todo o mais he tão estopento, que se fia todo melhor que esparto, da qual cordoalha se serve toda a India: e principalmente em amarras, por serem as que se fazem deste fiado mais seguras, e duraveis no mar, que nenhuma forte de linho. E a causa he porque enverdece com a agua salgada; e faz-se tão correento nella, que parece feito de coiro, encolhendo, e estendendo á vontade do mar: de maneira, que hum cabre destes bem grosso, quando a náó com a furia de tempestade, estando sobre ancora, porta muito per ella, fica tão delgado, que parece não poder salvar hum barco; e no outro saluço, que a náó faz arfando, torna a ficar

ficar em sua grossura. Servem-se mais deste caíro em lugar de pregadura; porque como tem esta virtude de reverdecer, e engrossar no mar, cozem com elle o taboado do costado das náos, e tem-as por mui seguras: verdade he que elles não navegam pela furia dos mares do Cabo de Boa Esperança, nem menos tem hum paio a pezar dos ventos, como fazem as nossas náos, sómente navegam no tempo do verão em monções, que são tempos bonanças regulados em seu curso per espaço de tres mezes, e como entra inverno, logo cessam de navegar. Tem mais este pomo tão proveitoso outra casca de mui duro páo, per cima da qual ficam os finaes daquelles nervos, e fios da outra, á maneira do entre-casco da soveira, ou (por melhor dizer) á maneira de hum noz descuberta da casca verde. Esta casca per onde aquelle pomo recebe o nutrimento vegetal, que he pelo pé, tem hum a maneira aguda, que quer semelhar o nariz posto entre dous olhos redondos, per onde elle lança os grellos, quando quer nascer: por razão da qual figura, sem ser figura, os nossos lhe chamáram coco, nome imposto pelas mulheres a qualquer coisa, com que querem fazer medo ás crianças, o qual nome assi lhe ficou, que ninguem lhe sabe outro, sendo o seu proprio, como

lhe os Malabares chamam, Tenga, e os Carnarijs, Narle. O miolo, que tem dentro nesta segunda casca, ficará de tamanho de hum grande marmelo, e porém de parecer diferente, porque sua propria semelhança na côr de fóra, e de dentro he humna avelã, que tem dentro algum vão, sem ser maciça, e do mesmo sabor, mas com mais grossura, e substancia, cá tem mais partes oliginosas que a avelã. Dentro no qual vão se estilla humna agua mui doce, e cordeal, principalmente ao tempo que elle está na arvore já de vez; e quando quer nascer, todo este concavo em que esta agua está, se faz humna massa espessa á maneira de nata, a que elles chamam lanha, cousa mui suave, e saborosa, e de melhor substancia, que as amendoas, quando na arvore querem coalhar. Porque este fruto na substancia, na altura, no uso de comer, e oleo que em si tem, muito semelhavel he ás avelãs, e amendoas, e assi tem per cima aquella côr alionada, e per dentro he alvo. Este pomo, e a palmeira que o dá parece ser das mais proveitosas cousas, que Deos deo ao homem pera sua sustentação, e necessario uso; porque além de servirem no que já dissemos, fazem delle mel, vinagre, azeite, vinho, e mais he mui substancial mantimento per si só comido, e misturado

com arroz, e per outros modos, de que os Indios em seus comeres se servem d'elle. E da primeira casca que o cobre, se faz o cai-ro, que dissemos ser tão commum, e necessario pera a navegação de todo aquelle Oriente, depois que o curtem, máçam, e fiam á maneira do linho canamo. As palmeiras que o dam tambem servem de madeira, de lenha, e telha, porque cobrem as cascas com as folhas, por vedar bem a agua, e assi lhes serve de papel, escrevendo nellas da maneira que já dissemos; e os seus palmitos, quando são novos, não lhes chegam os da Barberia. Finalmente, como hum homem naquellas partes tem hum par de palmeiras, ha que tem todo o necessario pera seu uso; e quando querem gabar algum de bondade em suas obras, dizem por elle: *He mais frutifero, e proveitosa, que huma palmeira.* A fóra estas arvores, que se criam naquellas Ilhas sobre a terra, parece que he tão viva a semente dellas, que a natureza alli repositou, que em algumas partes debaixo da agua salgada nasce outro genero dellas, as quaes dam hum pomo maior que o coco; e tem experiencia que a segunda casca d'elle he muito mais efficaz contra a peçonha, que a pedra Bezoar, que vem daquellas partes Orientaes, que se cria no bucho de huma alinaria, a que os Par-

scos chamam Pazon, de que nos livros de
 nosso Commercio tratamos largamente fal-
 lando das coufas contra peçonha. A mais
 commum, e notavel mercadoria que estas
 Ilhas tem, por cuja causa se navega para
 ellas, he o cairo que dissemos, por se não
 poder navegar em todas aquellas sem elle.
 E assi tem huma maneira de marisco tão
 miudo, como caracões, mas de outra fei-
 ção, e de hum osso duro, branco, e lus-
 troso, entre os quaes se acham alguns tão
 pintados, e lustrosos, que feitos em botões
 com hum cerco de ouro, parecem alguma
 cousa esmaltada, dos quaes se carregam por
 lastro muitas náos pera Bengála, e Sião,
 onde servem de dinheiro, ao modo que en-
 tre nós serve a moeda miuda de cobre pe-
 ra comprar as coufas miudas da praça. E
 a este Reyno de Portugal tambem se trazem
 por lastro dous, e tres mil quintaes alguns
 annos, os quaes se levam a Guiné, aos
 Reynos de Beneij, e Congo, onde se gastam
 tão no mesmo uso de moeda, e o Gentio
 do interior daquellas terras fazem desta moe-
 da thesouro. E á maneira de como os mo-
 radores daquellas Ilhas o apanham, e pes-
 cam, he fazerem grandes balsas de folha
 de palma, liadas humas com outras por
 se não espedaçarem; e lançadas no mar,
 sóbe este marisco a ellas buscar algum ce-
 vo;

vo; e como estas balsas estam bem cubertas delle, tiram-as á terra, e apanhado, todo lhe mettido debaixo da terra té que apodrece o pescado que tem, e de si lavado no mar, ficam os buzios, (que assi lhe chamamos nós, e os Negros Igovos,) mui alvos, pera com menos nojo os tratar nas mãos, que a mocda de cobre, de que neste Reyno val hum quintal de tres té dez cruzados, segundo vem muito, ou pouco da India. Tem mais estas Ilhas muita pescaria, de que se faz grande cópia de moxama, que se leva pera muitas partes por mercadoria, em que se ganha bem, e assi em azeite de peixe, e cocos, e jágara, que se faz delles ao modo de açucare. Quanto ás cousas de artificio que a gente dellas faz, são pannos de seda, e algodão, e delles são taes, que cousa de recedura não se faz melhor em todas aquellas partes, e isto principalmente nas Ilhas Cendú, e Cudú, onde dizem que ha melhores tecelões, que em Bengála, e Choromandel. Porém toda a seda, e algodão, de que fazem estes pannos, lhes vem de fóra, por serem mui desfalceidas destas duas cousas, e assi de arroz, que todo lhe vai de carroto. Tem criação de gado vacum, carneiros, e ovelhas; mas não tanto que lhes escusem as manteigas, que lhes vam de Ceilão, e de outras partes,

em que se faz muito proveito. A gente destas Ilhas, com que os nossos tem comunicação, he baça, fraca, e maliciosa, cousas que sempre andam juntas, não sómente em a natureza dos homens, mas ainda nos brutos animaes, donde se pôde verificar huma paradoxa, que todo fraco de animo he malicioso em cautelas. Veste a principal gente pannos de seda, e algodão; e a outra da plebe, das mesmas palmeiras, e de herbas tecem sua cobertura. Tem lingua propria, posto que os que vizinham com a costa do Malabar, fallam a sua lingua, principalmente na Ilha Maldiva, onde está El Rey, por causa de concorrerem a ella muitos Malabares. E a esta Ilha chegou João Gomes, que, (como no princípio dissemos,) Diogo Lopes despachou pera vir a ella fazer huma casa forte á maneira de fortaleza, pera dalli feitorizar cairo, e outras cousas que ha na terra pera provimento das Armadas. O qual polo que já estava assentado entre El Rey, e D. João da Silveira sobre o fazer desta casa, como atrás fica, elle João Gomes foi recebido d'El Rey com gazalhado, e lhe deo lugar onde pudesse fazer a casa que requeria. E porque elle levava recado que mandasse logo cairo, e outras cousas que ha na terra pera provisão da feitoria de Cochij, e não podia jun-

tamente dar aviamento a isso, e mais fazer a casa forte de pedra, e cal, por não achar estas achegas prestes, pera que havia mister mais vagar; como homem que estava em terra pacífica, e que tinha o Rey por si, fez huma força de madeira pera seu recolhimento, no qual durou pouco tempo; porque o regular curso das cousas, em que os homens trabalham, he, que cada hum colhe a novidade da terra segundo o que nella semeou. E como João Gomes, por ser homem cavalleiro de sua pessoa, era hum pouco imperioso, e queria que todo mundo lhe obedecesse, e que bastava ser Portuguez, pera isto assi ser, e mais Capitão d'El-Rey de Portugal; quantas náos de Mouros alli vinham ter, todas queria que estivessem a seu mandar, como se elle fora o Rey da terra. Do qual modo, e tratamento os Mouros se escandalizavam; e sobre este escandalo se ajuntou o damno, e perda, que Gromalle Mouro de Cambaya recebeu em a náos, que lhe tomou D. João da Silveira, quando alli veio ter, (como atrás escrevemos.) Finalmente, tanto que elle soube que João Gomes alli estava, e que tinha dez, ou doze homens consigo sómente, ajuntáram-se os Mouros escandalizados de João Gomes, que foram ter a Cambaya, e armados certos navios deram

sobre elle , e o matáram com quantos tinha comsigo.

C A P I T U L O VIII.

Do que fez Christovão de Sousa com huma Armada , que lhe o Governador Diogo Lopes deo pera ir á costa de Dabul: e assi do que passáram outros , que tambem enviou o anno seguinte.

A Trás fica como Christovão de Sousa foi mandado per Diogo Lopes de Sequeira com seis vélas de Armada para andar na costa de Dabul , por razão do que os Mouros alli tinham feito no tempo de Lopo Soares. Sobre o qual caso elle tinha lá enviado João Gonçalves de Castello-branco com tres fustas , ao qual Diogo Lopes mandava que se ajuntasse com Christovão de Sousa , e andasse com elle té a entrada do inverno em guarda daquella costa , e náos que de Goa , Cananor , Cochij hiam carregar a Chaul , onde tinhamos huma feitoria , de que era Feitor Diogo Pais. Seguindo Christovão de Sousa esta viagem , como foi já no fim de Janeiro , achou os ventos Noroestes , que naquella costa pera sua viagem eram mui contrarios. E parecendo-lhe que abraçando-se mais com a costa , em algumas enseadas , ficaria mais abrigado dos

ventos , que lhe eram ponteiros , e tambem nas abras dos rios podia achar alguns navios de Mouros , que furtadamente de nós passavam dalli pera Cambaya com alguma pimenta ; coseo-se bem com a terra , té chegar á barra do rio Citápor , onde foubé que estava huma náó , que carregava de pimenta. A gente da qual tanto que vio hum catur , que Christovão de Sousa mandava a ella , salvou-se em terra , deixando a náó desamparada , com que o catur não teve mais que fazer que levalla. Christovão de Sousa , tanto que os Noroestes o leixáram , se poz em caminho pera Dabul , onde achou nova que os Mouros , chegando Ruy Gomes d'Azevedo á barra do rio , ao longo do qual está a Cidade Dabul situada , o vieram conunetter com muitas fustas ; e estando com ellas ás bombardadas , saltou-lhe fogo na polvora , com que se queimou elle , e a gente ; do qual desastre escapou huma mulher Portuguez , que os Mouros cativáram , e isto haveria seis , ou sete dias que passára : Cuidando Christovão de Sousa que esta caravela lhe ficava atrás , por não ser boa pera abolinar no tempo que a levou ao longo da costa , e ella lançou-se ao mar pera mais cedo se ir perder. Christovão de Sousa com o primeiro impeto da indignação que teve deste caso quizera

commetter ir dar sobre a Cidade Dabul; però leixou de o fazer, porque a entrada do rio tinha hum baluarte mui forte, e cheio de tanta artilheria, que podia metter no fundo quantas vélas quizessem entrar pera dentro, e mais tinha já perdida a gente da caravela. E estando determinado pera ir a Chaul ver se andava lá João Gonçalves, e com elle vir commetter esse caso com mais cópia de gente, deo-lhe tamanho temporal de Noroeste, que o fez recolher na enseada dos Malabares, que será de Chaul duas leguas. Passada a qual furia do temporal, depois de naquella enseada ter posto o fogo a huma povoação de Mouros, tomou-se á barra de Dabul, onde achou outra tal nova como a primeira de huma náu nossa, que os officiaes de Cananor mandavam á feitoria de Chaul, a qual as fuitas de Dabul tinham mettido no fundo. Quando Christovão de Sousa se viu em meio destes dous desastres, que elle attribuia a si mesmo polo modo que passaram, foi-se com esta indignação a Chaul em busca de João Gonçalves; mas achou lá nova ser partido pera Goa, donde depois o tornou o Governador a mandar, como veremos. Christovão de Sousa, porque não o leixavam os Noroestes, que naquelle tempo alli cursavam muito, e podia já mal soffrer a véla,

e tambem não via modo pera tomar emenda dos Mouros de Dabul, recolhidos mantimentos, fez-se á véla caminho de Goa, dando primeiro em hum lugar chamado Calacij cinco leguas de Dabul, por ser seu, o qual commettimento houvera de custar a vida de muitos, per esta maneira. Christovão de Sousa chegou de noite á barra deste lugar, parecendo-lhe que por ser de noite se poderia melhor vingar dos Mouros, se os tomasse de sobrelalto, e a sua caravela de Lourenço Godinho, e a sua galé na barra, e em duas fustas, e hum paráo, e bateis se metteo pelo rio acima, sendo luar bem claro. Però como os Mouros estavam de aviso sobre elle, que sabiam andar per aquella costa, escandalizado do que os Mouros de Dabul lhe tinham feito, quando entrou no lugar, posto que era grande, e nobre, com sumptuosas mesquitas, era já todo despejado, com que não teve mais que fazer, que entrar no lugar, e dessa pouquidade que se pode haver da genie commum recolhia á praia, pera embarcar pela manhã. A qual não lhe pareceo tão pacífica, como a noite: cá com sua vinda appareceo sobre o lugar hum Capitão com té quatrocentos homens, os mais delles frécheiros, como gente determinada, e offerecida a morrer. Christovão de Sou-

sa parecendo-lhe que andava ainda no lugar alguma gente nossa no engodo do estbulho, sahio com té quarenta espingardeiros, e a mais gente que tinha, que seriam cento e cincoenta homens per todos. E quando chegou a huma rua do lugar, traziam os Mouros diante si ás fréchadas alguns dos nossos, que lá andavam; e dando *Sant-Iago* com o alvoroço que a gente levava, descarregáram as espingardas nos Mouros. Os quaes soffrendo aquelle primeiro impeto, como todos eram frècheiros, amiudáram suas fréchas, que nunca mais os nossos espingardeiros puderam cevar suas espingardas. E porque estes não trazem adargas, como a outra gente de armas, foram os primeiros que começaram receber o damno das fréchas, e allí os primeiros que se puzeram em salvo caminho das fustas. O qual desamparo fez a Christovão de Sousa vir-se também recolhendo a ellas, por se ajudar da artilheria que nellas estava, com que podiam varejar ao longo da praia, pera os Mouros darem lugar a se embarcarem; mas desta industria Christovão de Sousa se não pode servir, porque sentindo-a os Mouros, mettêram-se entre os nossos, e a embarcação de maneira, que não podiam tirar das fustas, que não fizessem tanto damno em os nossos, como nelles. Finalmente

Christovão de Sousa por tomar a embarcação, e os Mouros por lha defender, se passaram tres horas, té que á força de ferro elle se achou ao embarcar sómente com dez homens derredor de si, porque de cento e cincoenta, com que elle sahio, todos os outros eram embarcados, de que as pessoas que o mais acompanháram té se metter na fusta, foram Francisco de Sousa Tavares seu sobrinho, e Belchior Tavares. O qual negocio foi tão quente, que entráram os Mouros com elles dentro na agua, e com as mãos queriam reter a fusta, dos quaes muitos ficáram na praia estirados, e dos nossos foram feridos trinta e cinco; e hum bombardeiro, estando dentro na fusta, hum frêcha o foi matar. Recolhido Christovão de Sousa ás suas embarcações, foi-se hum caminho de Chaul, para aquella gente ferida ser melhor curada. Diogo Lopes de Sequeira, porque a Goa lhe foi recado do que acontecêra na perdição da caravela, e não, que os Mouros de Dabul mettêram no fundo, como ora contamos, e na informação deste caso foi culpado tanto Christovão de Sousa, que sem mais aguardar outro recado, o mandou logo vir. O qual recado levou Antonio Raposo, que hia em companhia de João Gonçalves, que Christovão de Sousa cuidava estar em Chaul, e

elle era já partido pera Goa, como disse-
mos, o qual trazia quatro, ou cinco na-
vios, e com os mais que tinha Christovão
de Sousa, a quem elle escrevia que lhe en-
tregasse os que trazia consigo, João Gon-
çalves havia de andar naquella costa. Però
Christovão de Sousa, como lhe constou, que
por Diogo Lopes fer mal informado do
caso, lhe mandava que entregasse a Arma-
da, elle o não quiz fazer, estando ainda
em Chaul curando a gente ferida do caso
que ora contámos; e depois que foi em
Goa, Diogo Lopes ficou fatisfeito das ra-
zões que lhe elle deo da culpa, que ante
lle quizeram dar, porque tambem sou-
be Diogo Lopes não ser culpa sua, que ante
desastres; e que quando conveio pelejar,
elle o fizera como cavalleiro que era. E
logo no verão seguinte mandou Diogo Lo-
pes a Christovão de Sá, filho de Henrique
de Sá Senhor de Matosinhos, e Alcaide
mór do Porto com tres galés para andar
de Armada na costa de Chaul, e paragem
de Dio. Porque soube per João Gonçalves
quantos modos Melique Az Senhor de Dio
buscava pera com suas fustas damnar as nos-
sas cousas, quando se podiam ajudar de
nós; e tambem por causa das fustas de Da-
bul, de quem as nossas náos, e navios, que
hiam a Chaul, recebiam muito damno. E
os

os Capitães das duas galés, que hiam com Christovão de Sá, eram D. Jorge de Menezes seu primo com irmão, filho bastardo de D. Rodrigo de Menezes Commendador da Grandula da Ordem de Sant-Iago, e Jorge Barreto de Béja. Com as quaes vélas Christovão de Sá andou naquella costa de Cambaya, e assi assombrou Melique Az, vendo que começavam já de attentar nelle, que recolheo suas fustas; e acabado o tempo que lhe Diogo Lopes limitou que andasse alli, tornou-se pera Goa. Nas costas do qual veio Antonio de Saldanha ter naquella paragem de Dio, o qual vinha de Ormuz, onde invernára da vinda do estreito, como atrás escrevemos. E este pequeno tempo, que Antonio de Saldanha andou na costa de Dio, quasi de passada, como era na monção que as náos de Méca vem pera aquella Cidade, fez nellas boas prezas, que se accrescentáram ás outras que trazia da costa de Arabia. Com as quaes chegou á India, onde todas as Armadas, que Diogo Lopes fez os annos de dezoito, e dezenove, se recolhêram, porque assi o tinha elle ordenado pela necessidade que havia das vélas, e da gente pera huma grossa Armada, que o anno de quinhentos e vinte havia de fazer pera entrar o estreito do mar Roxo, que lhe ElRey mandava,

324 ASIA DE JOÃO DE BARROS
como fez; e adiante faremos relação del-
ta sua ida.

CAPITULO IX.

*Do que passou huma Armada de quator-
ze vélas, Capitão mór Jorge d'Albo-
querque, que o anno de quinhentos e
dezenove ElRey D. Manuel mandou
á India: e do que Diogo Lopes
de Sequeira nisso fez.*

O Anno de quinhentos e dezenove fez
ElRey D. Manuel huma grossa Ar-
mada de quatorze vélas, porque mandava
fazer algumas fortalezas na India, e Capi-
tães a novos descobrimentos, pera que con-
vinha cópia de vélas, e gente, a capitania
mór da qual frota deo á Jorge d'Alboquer-
que, que na India havia de servir de Ca-
pitão da Cidade Malaca depois de Affon-
so Lopes d'Acosta. E em quanto não en-
traffe nesta capitania, dava-lhe ElRey hu-
ma viagem pera a China, pelo modo de
Fernão Peres d'Andrade, pera a qual ida
lá na India lhe haviam de ser dados navios.
O que lhe dava pola experiencia que tinha
de seus serviços naquellas partes, em que
mostrou muita virtude, e cavalleria que ha-
via nelle. Da qual Armada aquelle anno
passáram sómente quatro náos, de que eram os

os Capitães Lopo de Brito filho de João de Brito, Pero da Silva filho de Ruy Mendes de Vasconcellos senhor das Villas de Figueiró e Pedrógão, que havia de andar por Capitão do trato de Cochij pera Ormuz, João Rodrigues d'Almada, e Francisco da Cunha, que partindo depois a sete de Junho, chegou a Cochij a dez de Outubro. E os que não passaram aquelle anno á India, e invernaram em Moçambique, e per aquella costa, foram estes: o mesmo Jorge d'Albuquerque, Christovão de Mendouça filho de Diogo de Mendouça Alcaide mór de Mourão, Rafael Perestrello, Rafael Catanho, Diogo Fernandes de Béja, o Doutor Pero Nunes, que hia pera servir de Veador da fazenda daquellas partes, pelo modo de Fernão d'Alcaçova, de que atrás fallámos. Manuel de Sousa, filho de Duarte de Sousa, Gonçalo Rodrigues Correa, D. Diogo de Lima, que arribou a este Reyno, e D. Luiz de Gusmão Fidalgo Castelhana, que se levantou com hum formoso galeão que levava; e o caso succedeo per esta maneira. Seguindo este D. Luiz sua viagem, quando foi na travessa do cabo de Santo Agostinho pera o de Boa Esperança, que he a regular derrota, deo-lhe hum tempo que lhe quebrou o leme, e ficou tão sem correjimento, que lhe foi forçado arribar á terra

de Sancta Cruz do Brasil. Na qual parte por descuido que teve, estando em terra fazendo o leme, os Brasíjs lhe matáram cincoenta e tantos homens, em que entrou o Piloto. Vendo-se D. Luiz com este desastre, que elle houve por boa fortuna, segundo seus máos propositos, de que já havia alguma noticia em palavras que ante tinha soltado, como era homem á maneira de soldado, assentou em seu peito de se tornar, e ir-se pera Italia, e andar naquelle arcipelago a toda roupa. E porque se pudesse melhor senhorear dos Portuguezes que ficaram, fingio que queria buscar as arcas de todos, dizendo que tinha sabido que dos defuntos que os Brasíjs matáram, muitos tinham tomado parte de sua fazenda. A qual busca fazia per mãos de Castelhanos, que hiam em o galeão, entre criados, e outros que convocou pera seu proposito; e como achava arma alguma nas arcas, tomava-a logo, dizendo que o fazia por evitar brigas em a náó. Per este modo feito senhora da náó, começou descubertamente mostrar quem era, fazendo cruezas como hum algoz, em que matou alguns Portuguezes; e posto na volta das Ilhas terceiras, o Mestre Fernando Affonso, que elle trazia como prezo, per artificio lhe fogio, o qual lhe servia de Piloto, e assi hum batel com al-

alguns marinheiros. E porque elle levava já tomada huma naveta de Duarte Bello hum mercador de Lisboa, a qual vinha da Ilha S. Thomé carregada de açucares, e escravos, e huma caravela que tomou entre as Ilhas, e com os pousos que de humas em outras andou fazendo, e fama que os fogidos deram delle, se soube seu proposito, vigiáram-se as povoações pequenas delle, e nos primeiros navios que partíram pera este Reyno se veio o Mestre dar conta a El Rey. O qual logo a grão pressa mandou dar aviso a todos os portos de Castella, que vindo alli, o prendessem, e trabalhasssem por lhe tomar o galeão. Elle tanto que nas Ilhas houve estes dous navios, partio-se com elles caminho das Canarias, ante de chegar ás quaes, tomou outros dous carregados de pastel, e pescado, com que entrou no porto da Gomeira por vender estes roubos. Sobre a qual venda, em que entrevinha o Capitão do lugar, houveram ambos differenças, com que D. Luiz começou de lhe esbombardear a povoação; e houve tal resposta da artilheria que nella havia, que lhe quebráram a verga grande do galeão. Vendo-se elle manco sem o poder marear, já como homem assombrado dos males que tinha feito, e que não se atrevia com tamanha preza, pera que havia mister mais

poder de gente, e que ella hia dizendo quem era, baldeou a artilheria do galeão na melhor caravela, com o mais precioso que lhe pareceo destes roubos, e com gente de sua quadrilha se partio pera Castella, deixando o galeão, e as outras vélas, que depois vieram ter a poder de seus donos. E por acabarmos esta sua vil tragedia, chegado elle D. Luiz ao porto de Cales, onde já era o aviso d'ElRey sobre elle, escapou da prizão em que o quizeram tomar; mas depois foi tomado em terra, e levado a huma torre do alcacer de Sevilla, da qual per tiras, que fez dos lançoos em que dormia, se lançou; e como ainda tinha grande altura pera chegar a baixo, deixou-se cahir, onde quebrou ambas as pernas. E jazendo assi como mereciam suas obras, aos gemidos da dor que tinha acudio hum homem, que o salvou ás costas em hum Mosteiro de Frades, e depois foi ter a Italia, onde acabou mal, como suas obras mereciam. Outro galeão, que tambem hia nesta Armada, de que era Capitão Manuel de Sousa, tem outra tragedia mais miseravel; o qual apartando-se da companhia de Jorge d'Albuquerque, e chegando a Moçambique, posto que era já tarde, commetteo passar á India. Però como os ventos Levantes eram forçosos, não os po-

dendo soffrer , arribou a terra áquem do cabo Guardafú pera se prover de agua , de que andava mui desfalecido : á mingua da qual , por a muita gente que levava , que passavam de duzentos homens , lhe eram mortos alguns. Com a qual necessidade seguindo a costa caninho de Melinde , veio ter a hum lugar chamado Matua , onde deixado o galeão hum pouco largo da costa com quarenta homens no batel , sahio em terra buscar agua , a qual achou em fontes hum pouco affastadas da povoação. A gente da terra tanto que os víram , com refresco de gallinhas , e outras cousas os vieram buscar , aos quaes acháram occupados enchendo barris , e vasilhas de agua ; e como todos vinham famintos destas duas cousas , descuidáram-se tanto do batel , que lhes ficou em secco com a maré , que alli espraia muito. Quando o elles víram tão longe da agua , huns a levar a que tinham recolhido nos barris , outros aos hombros , a elle começaram de se apressar ; a qual pressa os Mouros lhe atalháram com outra maior , vindo sobre elles mais de dous mil , que os tinham em olho do lugar onde estavam escondidos , esperando alguma conjunção ; e foi ella tal , por o galeão estar mais de meia legua a la mar , que todos os nossos ficaram enterrados naquella praia. Os do

galeão vendo tamanho desastre, em que entrou o Capitão, e Piloto, que haviam de governar a elles, e a elle, não ousando sair em terra, nem esperar mais tempo, por a grande necessidade que tinham de agua, deram á vela o melhor que puderam, e foram a hum lugar chamado Oja, que será além de Melinde contra a India vinte leguas. No qual lugar acháram mantimentos, e o mais que haviam mister; e houve tanta facilidade na maneira desta comunicação per espaço de dias, que se foi á terra o mestre com cinco pessoas, de que os principaes eram, Simão de Pedrosa moço da Camara d'ElRey, e Belchior Monteiro, ambos naturaes do Porto, onde o senhor de Oja os teve seis dias, sem os querer leixar ir ao galeão, mostrando ter muito contentamento de sua estada, pedindo-lhes que invernassem alli, onde lhes fazia da todo o necessario. Os do galeão parecendo-lhes que eram elles mortos, ou cativos, como já não traziam cabeça que os governasse, e todo seu estado era salvasse das mãos dos Mouros, pois o não podiam fazer da enfermidade, de que o galeão andava tão iscado, que cada dia lançavam mortos ao mar, porque entre elles não havia força pera levar ancoras, cortáram-

ram-as, fazendo-se á véla, com temor que os podiam tomar ás mãos: tanta era a confiança, que elles tinham na sua força. Quando o mestre, que estava em terra, o vio partir, foi-se ao senhor que o entretinha, a que elles chamam Rey, o qual havendo compaixão do que lhe sobre isso disseram, lhes mandou dar hum paráo pera irem tomar o galeão; mas elle hia já tão longe, que tomaram elles por salvação tornar-se á terra a ElRey, que os recebeu mui bem. O galeão como não levava outro Piloto senão o contra-mestre, que do officio sabia mui pouco, foi assentar a quilha em hum secco de aréa junto da Ilha de Quiloa, onde per os Mouros della, e de Monfia, e Zenzibar foram mortos, sem darem vida a mais que a hum moço sobrinho do mestre, o qual ElRey de Zenzibar salvou para mandar em presente a ElRey de Mombassa, cujo vassallo elle era; e per derradeiro escorchado o galeão de quanto levava, lhe puzeram o fogo, que he o consumidor de todas as cousas. As outras vélas, que foram em companhia de Jorge d'Albuquerque, posto que não tiveram tantos trabalhos, affás foram aquelles que lhe fez não passarem á India, e invernar em Moçambique, onde muitos ficáram enterrados de enfermidade. Diogo Lopes de Sequeira, posto que

não sabia destes desastres, per as náos que chegáram á India soube como paráram deste Reyno quatorze vélas, e que segundo os tempos que tiveram nesta viagem, parecia que invernavam todas em Moçambique, e per aquella costa. E como pelas cartas que El Rey D. Manuel lhe escrevia apertava muito que em toda maneira entrasse o estreito de Méca, se o já não tinha feito, pera a qual ida elle se apercebia, e como viesse a monção, partir; houve que esta invernada de Jorge d'Albuquerque lhe vinha a popa, pera de Moçambique o ir esperar ao cabo Guardafú, e levar parte das náos, e gente fresca, que com elle hia. Pera o qual negocio mandou hum Gonçalo de Loulé homem diligente, e que entendia bem as cousas do mar, com cartas a Jorge d'Albuquerque em hum navio, que lhe deo, em que lhe escrevia que com o primeiro tempo elle se puzesse em caminho, e o fosse esperar ao cabo Guardafú com toda sua frota; e achando nova que era já passado, se fosse trás elle caminho do estreito. E posto que nesta viagem tambem Gonçalo de Loulé, entre animo, cubiça, e necessidade passou muitas cousas, por serem mui miudas, que nos poderiam deter; basta saber que tomádo elle a costa de Melinde, na mão fez muitas prezas, por recolher as quizes des-

pejou o seu navio do necessario, e depois com tormenta alijou tudo. E porém per aquella costa foi apanhando algumas reliquias, que ficáram do galeão Santo Antonio, assi como o mestre com seus companheiros em Oja, o sobrinho em Zanzibar, e assi alguma artilheria grossa em a Ilha Monfia, as quaes peças elle entregou em guarda ao Rey, por serem tão grossas que as não podia levar, e per derradeiro foi levar o recado a Jorge d'Albuquerque. O qual tanto que teve tempo, se fez á véla; e quando chegou ao cabo Guardafú, achou nova ser Diogo Lopes já passado; e não o seguiu como lhe mandava, por muita parte das náos que levava serem da carga da especiaria, e de armadores, que lho tolheram com muitos requerimentos, e protestos, apresentando o traslado de seus contratos, per os quaes não eram obrigados andar em Armadas. Finalmente Jorge d'Albuquerque poz a proa no cabo de Roscalgate da costa Arabia, onde sabia que Diogo Lopes havia de tornar; e sendo tanto avante como as Ilhas da Maccira, teve hum tão grande temporal, que esteve quasi perdido em fundo de cinco braças. Sahido do qual perigo, em que se tambem achou hum náo de hum Bastião Figueira de Goa, que hia pera Ormuz, foi ter ao porto de

Calayate, onde passou outro maior, por ser causado não dos temporaes, mas da malicia, e cubiça dos homens, que he mais perigosa, que os temporaes da natureza; e o caso foi este. Estava naquella Villa de Calayate, que he d'ElRey de Ormuz, hum seu Governador, a que elles chamam Guazil, o qual havia dias que era chamado por ElRey por causa de mexericos, o que elle dissimulava, dando algumas escusas que ElRey não recebia. E desejando elle de o haver á mão, escreveu a Duarte Mendes de Vasconcellos, que alli andava com humma fusta, per mandado do Capitão de Ormuz, que sabia ser grande amigo do Guazil, que havia nome Racz Xabadim, que trabalhasse por lho haver á mão; por a qual cousa lhe promettia muito, além do serviço que fazia a ElRey de Portugal, pois o Reyno de Ormuz era seu. Duarte Mendes como vio Jorge d'Albuquerque no porto, pareceo-lhe que tinha acabado este feito; e dando-lhe conta do caso, accrescentou tanto com suas razões importar muito ao serviço d'ElRey D. Manuel, por aquelle Mouro estar meio levantado, que concedeo elle na prizão. E assentou com elle que o mouro de o prender seria, ir elle Duarte Mendes ao serão com alguma gente, com que costumava ir visitar o Mouro, no qual tempo

po estariam os Capitães das náos na praia, e a hum certo final dariam de subito na casa, e assi o prenderiam. Però o negocio foi feito tanto com mais alvoroço, que prudencia, dos ministros que nisso eram, e o Mouro se vigiava de maneira, que custou este commetter entrallo nas casas vinte dos nossos que morreram, e cincoenta e tantos feridos. E ainda houvera de chegar a mais, senão fora Diogo Fernandes de Bêja, que estando sangrado daquelle dia, acudio com a gente da sua náao á praia, e segurou a embarcação aos nossos, e per derradeiro o Mouro salvou-se per huma janella, e não lhe matáram mais de tres homens. Este fim tem as obras que se commettem, dando o beijo na face com a espada escondida. O qual caso, depois da vinda de Diogo Lopes, elle castigou na pessoa de Duarte Mendes, levando-o dalli prezo a Ormuz, por induzir a isso Jorge d'Albuquerque, da viagem do qual Diogo Lopes ao estreito escrevemos neste seguinte Capitulo.

CAPITULO X.

Como o Governador Diogo Lopes de Sequeira partio com huma grossa Armada ao estreito do mar Roxo : e do que passou té chegar á Ilha Maçudá , onde o Embaixador Mattheus foi conhecido ser do Presfete João ; e do mais que se alli passou.

O Governador Diogo Lopes de Sequeira , tanto que enviou a Gonçalo de Loulé ao caso que ora dissemos , e despachou as náos , que aquelle anno haviam de vir com carga da especiaria a este Reyno , a capitania mór dos quaes deo a Fernão Peres d'Andrade , que com ellas chegou a salvamento ; por não perder tempo , posto que ainda de todo não tinha prestes as náos , que esperava levar , partio-se de Cochijá dous de Janeiro do anno de quinhentos e vinte , vindo per Cananor , Calecut , Batalá , provendo-se de mantimentos , e coufas que alli tinha mandado fazer , e a estas fortalezas do necessario pera sua segurança , em quanto elle fazia aquella viagem. E por que huns galeões , que tinha mandado fazer em Calecut , não eram de todo acabados , foi necessario deter-se alguns dias em Goa , donde partio a treze de Fevereiro com huma frota de vinte e quatro vélas ,
nas

nas quaes levava té mil e oitocentos homens Portuguezes, a fóra outros da terra Malabar, e Canarij, com os quaes fez número de tres mil homens de armas, leixando a D. Aleixo de Menezes por Governador em sua ausencia. Das quaes velas eram dez náos grossas, dous galeões, cinco galés, quatro navios redondos, duas caravelas latinas, e hum bargantim pera recados, de que estas pessoas eram Capitães, D. João de Lima, Francisco de Tavora, Christovão de Sá, Christovão de Sousa, Jeronymo de Sousa, Manuel de Moura, Diniz Fernandes de Mello, Jorge Barreto Pereira, Pero Gomes Teixeira Ouvidor geral, Antonio Raposo de Béja, Fernão Gomes de Lemos, Antonio de Lemos seu irmão, Nuno Fernandes de Macedo, Henrique de Macedo seu irmão, Gaspar Doutel, Lourenço Godinho, Simão Guedes, Pero de Faria, Francisco de Mello, Pero da Silva, Antonio Ferreira, Diogo de Saldanha, e Antonio de Saldanha. Ao qual Diogo Lopes de Sequeira mandou cinco dias ante de sua partida com quatro velas dos Capitães, que com elle andavam de Armada, que se fosse diante dar vista á Ilha Cocotorá; e achando nella alguns navios de Mouros, que os entretivesse, por não levarem nova de sua ida, cá sua tenção era não tomar a costa de Ara-

bia, senão a de Africa, começando no cabo Guardafú, onde havia de fazer sua aguada, e alli o esperasse. E sendo caso que no mar achasse alguma não de Mouros, que hia abocando entre ambas terras pera entrar o estreito, que lhe dêsse pouca caça, pera se ella poder salvar, e dar nova que andava alli Armada nossa de poucas velas, com que ficassem sem suspeita da frota, e que aquelle anno não havia elle entrar no estreito. E posto que Antonio de Saldanha levou diante cinco dias, teve Diogo Lopes tão prospera viagem, que quasi em hum mesmo tempo chegáram todos ao cabo Guardafú, e alli hum caravela que deste Reyno partio, Piloto, e Capitão Pero Vaz de Véra, aquelle que Lopo Soares em fahinda do estreito mandou com Lopo de Villa-lobos com cartas a ElRey, como atrás escrevemos. O qual Pero Vaz trazia por regimento que fosse ter neste cabo Guardafú neste tempo, porque sabia ElRey pelo que tinha escrito a Diogo Lopes da entrada do estreito, que então podia ser alli. A causa da vinda do qual foi trazer cartas a Diogo Lopes, per que lhe ElRey fazia saber como per via de Levante tinha sabido a ida dos Rumes áquellas partes, encomendando-lhe que os fosse receber dentro no estreito o mais poderosamente que pudes.

desse, e que em toda maneira levassê com-
 figo o Embaixador Mattheus, o qual elle
 Diogo Lopes já levava, pera fazer sobre
 o seu negocio o que lhe ElRey mandava.
 E porque em todas partes que no rosto
 de Guardafú elle quiz tomar pera fazer agua-
 da não achou lugar pera isso, foi correndo
 a costa té chegar ao porto de huma povoa-
 ção chamada Méte, que com sua vista lo-
 go se despovoou, sómente huma Moura
 velha de tanta idade, que não teve pés pe-
 ra se salvar. Per meio da qual Diogo Lo-
 pes fez sua aguada, mostrando ella hum
 rio secco, e que cavassem debaixo do mui-
 to seixo que tinha, porque naquelle tempo
 secco toda a sua agua hia furtada per bai-
 xo. A qual velha Diogo Lopes, em galar-
 dão desta sua obra, mandou dar pannos,
 e em modo de graça disse que a fazia se-
 nhora daquelle lugar, porque ella o mere-
 cia melhor que quantos nelle viviam, pois
 todos o desampararam, e ella não; e por
 amor della mandou que lhe não fosse pos-
 to fogo, posto que do tempo de Antonio
 de Saldanha elle ficou bem destruido, quan-
 do o tomou, segundo atrás escrevemos. Par-
 tido o Governador daqui, indo sempre ao
 longo da costa, como lhe pareceo ter pas-
 sada a Cidade Adem, atravessou á parte da
 terra Arabia, em que ella está situada, e

chegou a esta costa a treze de Março. Onde sendo tanto avante como hum lugar chamado Ara, por elle Governador com a sua Santo Antonio ir tomar o pouso junto de Antonio de Saldanha, que estava já furto, sem ambos saberem o perigo que tinham de baixo da agua, que era hum penedo, deo tamanha pancada nelle, que foi logo a não aberta, da qual se não salvou, mais que a gente, e alguma pouca de artilheria, e fato que vinha sobre cuberta. O qual defastre deo nome ao lugar, porque lhe chamam agora os nossos o Penedo de Santo Antonio. Repartida a gente desta não, que seriam té quatrocentas pessoas, pelas outras, passou-se Diogo Lopes ao galeão S. Diniz, em que hia Pero de Faria, e aos dezesete de Março entrou per as portas do estreito. A qual entrada elle mandou festejar com bandeiras, estendartes, trombetas, artilheria; e ainda por maior festa, e animar a gente da perda da sua não, mandou soltar alguns Mouros, que andavam nas galés a banco, por serem doentes; e foi dita que logo os assentos destes foram reformados com outros de novo, que tomou Jeronymo de Sousa em huma gelua. Dos quaes Diogo Lopes soube, como ao porto de Judá eram vindos mil e duzentos homens, e seis galés de Rumes vinham pera lançar gen.

gente em Zeibid , e dahi haviam de ir a Adem. Diogo Lopes , como quem os lia bulcar , mandou logo pôr todas as vélas em ordem , pera que em vendo , commettendo ; mas elles tiveram cuidado de se guardar deste encontro , por serem avisados da entrada daquella frota , tornando-se recolher ao longo da terra , e leixando o mar largo , per onde ella podia navegar. Diogo Lopes de Sequeira , posto que já na India tinha denunciado aos Capitães daquella frota , como lhe ElRey mandava que entrasse o estreito ; ante que partisse daquelle lugar do pouso que tomou , passada a porta delle , os mandou chamar , e alli em conselho lhe tornou resumir a tenção d'ElRey D. Manuel naquella entrada do estreito , que lhe mandava fazer , e o que novamente escrevia per Pero Vaz de Véra , que era chegando , como todos sabiam , e assi a nova que alli achavam dos Rumes. E finalmente que toda aquella frota , em que era feita grande despeza , sómente a duas cousas era vinda : a primeira , a desbaratar a Armada dos Rumes , se lhe a elle Nosso Senhor fizesse tanta mercê que os achasse ; e a segunda , pôr o Embaixador Mattheus na terra do Preste , e saberem particularmente das cousas daquelle Principe , a noticia do qual era tão desejada , como todos sabiam. Pratica-

das algumas cousas sobre esta notificação que o Capitão mór fez, ácerca do modo que teriam em a navegação dalli a Judá, onde estavam os Rumes; porque o caso não estava em termos pera tratarem de outra cousa, partio-se a frota posta na ordem, e com o regimento que lhe elle deo. E como os ventos geraes contrarios a sua navegação começavam já a curfar, andou tão pouco, e isto ainda com muito trabalho, que tinha dalli, (onde de todo surgio, por não poder ir mais avante,) ao porto de Judá passante de cento e vinte leguas. Sobre o qual caso havido conselho, e praticados todos os inconvenientes, e damnos que succedêram a Affonso d'Albuquerque, e a Lopo Soares, quando commettêram aquelle caminho, por ser fóra de tempo, que assentáram, vista a instancia, com que lhe ElRey encomendava as cousas do Preste, ser mais seu serviço ir buscar a sua costa, que trabalhar por ir a Judá. E por ventura deste descobrimento de seu estado, e portos se saberia cousa, que dêsse mais breve caminho, e mais seguro modo pera darem fim ás entradas dos Rumes naquelle estreito; e quando não houvesse mais que fazer, que poer Matheus em terra, ficava tempo pera darem hum castigo ao Rey da Ilha Dalaca, por causa da morte de Lourenço de Cosme, e dali

dahi irem invernar a Ormuz. Approvado este parecer em que todos concorreram, por ser em parte que demandando a terra rota abatida, nem saberiam tomar a Ilha Maçuá, por se não atreverem os Pilotos a isso, nem menos Pero Vaz de Véra, que já alli fora, foi necessario tornar á Ilha Ceibam, que ficava atrás; pera dalli fazerem seu caminho. Na qual mudança se mudou o tempo de maneira, que não podiam ir atrás, nem adiante; com que assentou Diogo Lopes de leixar alli Antonio de Saldanha com todas as náos, e vélas de alto bordo, e elle em as de remo passar-se á costa Abassia; mas aprouve a Nosso Senhor, que ante de poer isso em effeito, vespera de Pascoa da Resurreição lhe sobreveio tempo, que com toda sua frota fez seu caminho ao porto da Ilha Maçuá, ainda com assas trabalho. E ao poer do Sol, per detrás de huma alta montanha no dia de Pascoa, víram todos huma bandeira preta da feição daquellas, a que chamam rabo de gallo, dentro no corpo do Sol, affirmando-se alguns que a viam mover, cousa que a todos fez grande admiração; e tomáram este final em favor de nossas cousas, e destruição da secta de Mahamed, por ser naquella dia de tanta solemnidade, e em parte onde elle prevalecia com abusão de sua se-

pultura, e nós com poder de armas contra elle. Com prazer, e alvoroço da qual visita, além de o dia ser festival, e o mais celebrado de nossa Religião, houve por todas as náos grandes fúlias, e alegria: e quando veio ao seguinte, que eram dez de Abril, chegaram á Ilha Maçuá. A qual Diogo Lopes com os navios pequenos logo mandou rodear, porque a gente de sua povoação se não passasse a terra firme, que será della em parte pouco mais de dous tiros de bétta; mas ella havia já cinco dias que estava despejada, assi de pessoas, como de fazenda, porque tantos havia que a nossa frota era vista das geluas, que andavam na pefcaria do aljofre, que alli ha. Porém ainda os nossos acháram alguma pobreza em navios pequenos, que como a nossa Arina-da entrou no porto, foram tomados, e assi duas náos de Guzarates, que se fizeram á véla na volta da Cidade Cuaquem, onde Jeronymo de Sousa com sua galé foi tomar huma, e queimou outra, salvando-se toda a gente em terra no lugar de Arquico, onde os moradores da Ilha Maçuá estavam todos recolhidos, por ser povoado de Christãos do Preste, e assi em outro seu lugar vizinho menos povoado, per nome Decanij. E segundo se depois soube delles, tanto fugiram os Mouros de Maçuá, quando

do víram as vélas, parecendo-lhes serem de Rumes, como nossas; porque algumas vezes que alli vieram ter navios seus, tinham recebido tanto damno delles, que os temiam como a nós, de que tinham ouvido grandes males. Hum bargantim da nossa Armada, que tambem andava por haver á mão alguma das geluas, que se acolhiam ao lugar de Arquico, que lhe o Governador mandava tomar, pera haver lingua da terra, tanto se chegou á praia, que em huma almadia vieram ter com elle tres homens. Os quaes sabendo ser o bargantim de Portuguezes, foi tamanho o prazer nelles, que dous se lançaram dentro no bargantim, dizendo que os levassent ao Capitão mór pera lhes darem huma carta, que levavam do Capitão daquelle lugar, que era d'ElRey dos Abexijs. Levados estes dous homens ao Governador Diogo Lopes, hum dos quaes era Abexijs de nação, e outro Mouro, em chegando ante elle, lançaram-se aos seus pés, os quaes elle mandou levantar, e recebeu com gazalhado, sabendo ser enviados do Capitão do Preste. E recebida a carta, que vinha escrita em Arabigo, continha-se nella, como elle Capitão de Arquico per ElRey de Ethiopia seu Senhor dava muitos louvores a Deos por ser chegado aquelle dia, em que Chriistãos haviam de vir áquel-

le porto, como entre elles se esperava per profecias que disso tinham; que sua vinda fosse muito boa, e pera tanta paz, amizade, e bem daquella terra delRey seu Senhor, como todolos seus vassallos esperavam. E porque os moradores daquella Ilha Maçuá, ainda que Mouros fossem, eram seus, lhe pedia por mercê os houvesse por seguros daquella sua frota, os quaes com temor della eram acolhidos áquelle lugar Arquico, em que elle estava, e ao outro Decanij. E quanto aos Christãos que nelles havia, nestes não fallava, porque aos taes bastava-lhes o nome que tinham pera estarem seguros de suas armas, pois as do animo de todos eram das chagas de Christo Jesus, em que todos eram salvos. E que em retorno de hum anel de prata, que lhe aquelle seu homem daria, como final da paz, que no seu animo havia, pera receber, e agazalhar aquelle povo Christão de sua Armada, e o prover do que na terra houvesse, pedia que lhe mandasse outro final tão notavel, que fosse visto per aquella mesquinha gente da povoação de Maçuá, que com seu temor leixára suas casas. Diogo Lopes, lida esta carta, e recebido o anel, que lhe deo o Abexij, por as cousas que o Embaixador Mattheus contava daquella Ilha Maçuá, e lugar de Arquico, responderem ás que aquelle

te Capitão dizia, entendo serem seus aquelles
 homens, e recado, e não algum artificio
 de Mouros pera se salvar. E feita mercê
 a ambos, mandou-lhes dar huma bandeira
 de damasco branco com huma Cruz no
 meio, daquellas que costumam andar em
 nossas Armadas, da semelhança que tem as
 da Ordem da Milicia de Christo, respon-
 dendo ao recado do Capitão, quanto tem-
 po havia que ElRey D. Manuel de Por-
 tugal seu Senhor encomendava aos seus
 Capitães môres da India que trabalhassiem
 por vir áquelle porto assentar paz, e ami-
 zade com o Preite senhor daquellas regiões
 da alta Ethioopia. E em final desta verdade,
 e retorno do anel que lhe elle enviára,
 porque lhe pedia paz pera os vassallos des-
 te Principe, cujo Capitão elle dizia ser, lhe
 mandava aquella bandeira com o final da
 verdadeira paz dos Christãos, pois por elle
 Christo nosso Redemptor fez paz entre Deos,
 e os homens. Tornando o bargantim a ter-
 ra com estes dous homens, hia o Mouro
 tão ledo, polo seguro que levava aos seus,
 que temendo que o Abexij, que hia occu-
 pado com a bandeira, levasse a alvicera da-
 quella nova, ante que chegasse mais á praia,
 se lançou ao mar, por ir diante com ella.
 E parece que foi isto permissão de Deos pe-
 ra aquelle final de nossa redempção ser dal-

li levado com mais pompa ; porque pelo recado que o Mouro deo no lugar, se ajuntáram mais de duas mil almas entre Mouros, e Christãos a quem mais corria; e chegados ao bargantim, parecia que o queriam levar nas palmas. Finalmente o Capitão do lugar sabendo o dom que lhe o Capitão mór mandava, veio á praia ao receber com grande veneração; e mostrando aos nossos quanto contentamento tinha de sua vista, depois que per mandado d'elle a gente se poz em procissão, levou arvorada a bandeira com cantares de alegria ao lugar, e mandou-a arvorar sobre suas casas. Diogo Lopes como espedio os homens, que leváram este recado ao Capitão, quiz dar huma vista á povoação da Ilha Maçuá, porque lhe diziam haver nella muitas cisternas de agua, da qual a Armada vinha hum pouco desfalecida: e achou haver nella quarenta e nove, de que as dezeseis eram de seis braças de comprido, tres de largo, e duas e meia de alto, e as outras somenos, e em todas havia tanta cópia de agua, que não quiz pôr muita taxa ás náos, e porém repartio-a per todas. E porém depois de vagar elle Diogo Lopes, per si quiz ver toda a Ilha pera melhor informação sua, com fundamento do que lhe ElRey escrevia: que notasse tudo, pera ver onde se po-

deria melhor fazer huma fortaleza contra os Rumes, aqui, ou na Ilha Camarão; e segundo a medição, que elle mandou fazer no circuito della, haverá mil e duzentas braças. A sua figura he quasi como huma meia lua: e jaz o lançamento della com a terra firme, (de que estará affastada obra de dous tiros de bésta,) de maneira, que fecha hum porto, e acolheita de náos, que muitos dos nossos diziam ser melhor que o de Cartagena, e o de Modam. A povoação dos Mouros era, segundo elles costumam per toda aquella costa, as casas principaes de pedra, e cal com terrados, e as outras de taipa, e cubertas de palha, e huma mesquita, onde depois o Capitão com a gente da Armada per vezes mandou dizer Missa: e a primeira foi das Chagas de Christo Jesus, por ser dita huma festa feira depois das oitavas da Pascoa: e poz nome a esta Casa já com este sacrificio dedicada a Deos, *N. Senhora da Conceição*. A terra desta Ilha em si era grossa, e desabada, em que andava criação de gado vacum, e gazellas; e tão grande numero de lebres, que alguns dos nossos as tomavam a cosso com regeitos que lhes remessavam. Tornando Diogo Lopes desta primeira visita que deo a esta Ilha, hum pouco chegando a terra, vio descer do lugar Arquico

contra a praia hum homem a cavallo com quatro bois diante, e dous a pé, que os tangiam; e entendendo que vinha a elle com algum recado, mandou chegar o bargantim, em que hia bem a terra pera lhe fallarem. Os quaes tanto que chegaram, por mostrar Christo Jesus, e sua Madre, amostrando huma carta de pergaminho grande, em que traziam pintadas suas figuras, dizendo serem Christãos. Diogo Lopes, em elles entrando no bargantim, que lhe apresentaram diante estas Imagens, tirado o barrete, com adoração as beijou, do qual acto elles ficaram muito contentes, e se houveram por seguros de todo; e como gente já mais confiante, fallaram ao Governador, dando-lhe aquelles quatro bois da parte do Capitão de Arquico, e huma carta, por a qual lhe dava os agradecimentos da bandeira, que lhe mandára; e lhe fazia saber como tinha escrito a hum Senhor, que governava aquella Comarca, chamado Barnagax, da vinda d'elle Capitão mór, e a causa della; e tambem tinha mandado chamar os Frades do Mosteiro de Visão, que alli estavam perto, por serem aquelles, que mais fallavam na vinda dos Christãos áquelle porto, e que disso tinham profecias. Porém que lhe parecia que não viriam senão passado o outro

tro Domingo, por guardarem todos os oito dias daquella semana, por razão da festa, e ter tantos dias de seu oitavario; ainda que per outra parte, (por esta sua vinda delles serem passos dados em louvor de Deos,) a elle lhe parecia que logo partiriam. Diogo Lopes, recolhidos aquelles homens no bargantim, folgou de os ver, porque todos traziam ao pescoço em hum cordão humma Cruz pequena de páo, ao modo que nós costumamos trazellas de ouro; senão que nós as trazemos por galanteria, e joia, e o que peor he, pera jurarmos per ellas, e elles por devoção, e final do que professam. E o que mais lhe contentou delles foi achallos zelosos das cousas da Fé, assi no que lhe respondiam ás perguntas que lhe elle fazia, como no que lhe elles perguntavam. E houve tanta prática de huma parte, e de outra per meio de André d'Ataíde lingua dos Governadores, sem elle Diogo Lopes lhe querer mentar Matheus o Embaixador pera ver se fallavam nelle, que vieram elles a perguntar se fora ter á Índia, ou a Portugal hum Embaixador, que o Preste tinha enviado, o qual havia nove, ou dez annos que era partido, e d'elle não tinha nova. Diogo Lopes dissimulando o caso, perguntou-lhes pelo nome, e alguns sinaes, per que se podia mais certificar de

suas cousas. Ao que elles respondêram muito conformes á verdade, dizendo ser hum mercador, que negoceava no Cairo, de que o Preste se servia muito em recados, e negocios, e assi sua madre a Rainha Helena. E por ser homem diligente, ambos mãi, e filho determináram de o mandar á India, pera dali ir com recado a hum Rey Christão do Ponente, cujas Armadas diziam serem aquellas, que novamente conquistavam a India, e faziam guerra aos Mouros. Ao qual mandando o Governador que viesse ver aquelles homens, quando elles o víram, e conhecêram, lançáram-se a elle, beijando-lhe a mão com grande reverencia, chamando-lhe Abba Mattheus, que quer dizer Padre Mattheus, em denotação da honra, que naquella terra per suas cans, e dignidade lhe era dada. Elle quando os vio ante si, com aquelle modo de reverencia que lhe faziam sinal que naquella terra sua pessoa era estimada, com prazer começaram os seus olhos a verter lagrimas pela alvura de sua barba, que elle trazia bem comprida. E depois que os beijou no hombro, e na cabeça, segundo o uso dos Arabios em lugar de paz, disse: *Louvores sejam dados ao eterno, e piedoso Deos, que se lembros de meus trabalhos, infamia, e injurias, pois lhe aprouve que houvessem fim, e se*

manifestasse ante o Senhor Governador, e tanta Fidalguia, e Nobreza, como he presente, ser eu verdadeiro neste caminho que fiz, todo endereçado a serviço d'elle mesmo Deos, pois era pera ajuntar em paz, e amizade dous tão Christianissimos Principes, como são ElRey David de Ethiopia, e ElRey D. Manuel de Portugal, contra os Mouros inimigos de sua Santa Fé, e não sou visto ser hum Mouro enganador falsario espia do Soldão, com outras infamias, e injurias, que pera minhas orelhas eram maior trabalho, que quantos tenho passado de dez annos a esta parte per tantos mares, e regiões como peregrinei. Porém se pera effeito de tamanha Armada, como aqui trás o Senhor Governador, se não podia menos fazer, eu dou todolas minhas tribulações, perigos, e injurias per benz empregadas, e de tudo me esqueço com o prazer desta hora. E pera que de todo seja perfeito, vós-outros, amigos, que me conheceis, ide chamar o Capitão de Arqui-co de minha parte, e que lhe peço mande chamar o Barnagax, e os Frades do Mosteiro de Visão, porque elles sabem a verdade das minhas cousas; e tambem pera me entregar a elles o Senhor Governador, que não vem a outra cousa a este porto per mim tão desejado. O Governador Dio-

go Lopes, e pessoas que eram presentes, vendo o modo, e lagrimas com que Mattheus disse estas palavras, e lembrando-lhe quanto se delle dizia, que causou padecer elle algum trabalho, além do que elle merecia, por ser homem forte de condição, mimoso, e máo de contentar, houveram piedade delle, e tiveram grande contentamento de se acharem presentes áquella hora, em que se manifestou ser verdadeiro, e não falso Embaixador. As palavras do qual acudio Diogo Lopes com outras, em que o consolou; e que quanto á vinda do Bar-nagax, e Padres, que elle mandava chamar o Capitão, como tinha feito, não sabendo delle Mattheus. Tornados estes Abexijs com o recado do Governador ao Capitão, per os quaes se soube que alli vinha Mattheus, começaram alguns que o conheciam vir ás náos, e com grande prazer se lançaram ante elle, beijando-lhe a mão, mostrando neste, e outros sinais ser homem estimado na terra. E como os nossos viram este alvoroço naquelle povo Christão, e houve logo fama per toda a Armada que aquelle Rey dos Abassijs era mui rico de ouro, por nas suas terras haver grandes minas delle; movidos tres homens de armas da gente com-mum com cubiça deste ouro, (a fama do qual tem feito maiores males,) fugiram da

galé de Jorge Barreto, determinados de se ir á Corte do Preste. Ao que Diogo Lopes logo acudio, mandando ao Ouvidor Pedro Gomes Teixeira com recado ao Capitão de Arquico, pedindo-lhe que ordenasse como ambos se vissem, pera praticarem algumas cousas do serviço de Deos, e dos Reys, a que ambos serviam: e tambem que tres homens de baixa sorte eram fogidos da Armada, e se dizia serem lançados em terra, lhe pedia que lhos mandasse entregar. Partido Pero Gomes ao lugar de Arquico, que era duas leguas dalli do pouso, onde a Armada estava surta, ao outro dia tornou em companhia do mesmo Capitão de Arquico, que vinha ver Diogo Lopes, e trouxe consigo os tres fugidos, que foram tomados cinco leguas caminho da Corte do Preste. E as vistas entre o Capitão, e Diogo Lopes foram na praia, por algumas desconfianças de temor de entrar no mar, que o Ouvidor sentio no Capitão: e assentados em tres cadeiras, elle em huma, Diogo Lopes na outra, e na terceira o Embaixador Mattheus, foi toda a prática do pradaquelle ajuntamento, o qual sería pera muito serviço de Deos, e exalçamento de sua Santa Fé, e destruição da secta de Mahamed, pois pera isso em amor, e caridade

de irmãos se ajuntáram dous Principes tão poderosos, ElRey D. Manuel no mar; e ElRey David de Ethiopia na terra. Elpididos hum do outro, tornou-se Diogo Lopes embarcar, e o Capitão mui contente com huma espada, e outras peças que elle deo, não quiz cavalgar em huma mula em que veio, senão em hum cavallo que trazia a destre; e por mostrar o contentamento que levava, affastados obra de trinta de cavallo, e duzentos peães, que trouxe consigo, começou com huma lança correr o campo, manecendo-a a huma mão, e a outra com tanta desenvoltura, e graça, que folgavam os nossos de o ver. Principalmente a Diogo Lopes, que já estivera por Capitão da Villa de Arzilla nas partes de Africa; e dizia por elle que lhe parecia ter ante os seus olhos o Alcaide Lároz senhor de Alcacerquebir, que neste modo de escaramuçar era mui déstro; e mais este Capitão vinha vestido ao modo mourisco, camisa branca das que elles usam, e seu hedem em cima, e na cabeça huma touca. Passado este dia, que todo foi de prazer com a vista deste Capitão, quando veio ao outro, mandou Diogo Lopes a terra o bargantim recolher sete Frades, que do Mosteiro de Visão vinham ver o Embaixador Mattheus, os quacs á entrada do galeão foram recebidos

dos com huma Cruz de prata arvorada, e com o Cantico *Benedictus Dominus Deus Israel*, sendo pera isso juntos todos os Clerigos da Armada com suas sobrepellizes, e os Cantores do Governador. No qual recebimento não houve alguem, que pudesse reter as lagrimas com huma piedosa lembrança de ver dous povos Christãos, hum Occidental, e outro Oriental tão remotos em lugar, tão differentes em policia, costumes, e ceremonias da Religião que professavam; sómente aquelle sinal da Cruz alevantada ante elles assi os inflammava em fé della, amor, e caridade entre si, que os tinha atados em vinculo de irmandade espiritual, como se entre elles precedêram particulares beneficios de parte a parte. Certo, grande, e maravilhoso sinal da obra, que faz o espirito da Verdade no coração daquelles, que professam nossa Religião Christã. E porque estes povos Abassijs ante deste nosso descubrimento nunca souberam que cousa era dar obediencia á Igreja Romana, e estas vistas foram causa que os Reys daquella grande Ethiopia per meio d'ElRey D. Manuel mandáram sua obediencia aos Summos Pontifices Romanos, posto que já tinham seu Patriarca, de quem recebiam os Sacramentos do que professavam, ante que mais procedamos neste quarto Livro, queremos escre-

ver alguma cousa da antiguidade, religião, e estado destes Principes da Abassia, a que vulgarmente chamamos Preste João.



DECADA TERCEIRA.

LIVRO IV.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descobrimento, e conquista das terras, e mares do Oriente: em que se contém parte das cousas, que se nelle fizeram, em quanto Diogo Lopes de Sequeira governou aquellas partes.

CAPITULO I.

Em que se escrevem as cousas d'ElRey da Abassia, ou Ethiopia sobre Egypto, a que vulgarmente chamamos Preste João: e as cousas do error deste nome, e o mais que deste Principe temos sabido, e assi do seu estado, e povo.

ANTE que descobrissemos estas partes da India, toda a diligencia que ElRey D. João o Segundo pode fazer por descobrir este Rey dos Abassijs, elle a fez com assás custo de sua fazenda, como consta pelo que atrás escrevemos. Depois ElRey D. Manuel a instrucção que deo a Vasco da Gama, quando o mandou a descobrir este Oriente, quasi toda se resumia em saber o estado, e cousas deste Prin-

tipe; e em todas as Armadas, que pelo tempo em diante foram, os degredados que mandava lançar na costa de Melinde, no Cabo Guardafú, a este fim eram lançados. Porque como nestas partes da Christandade communmente andava este nome Preste João das Indias; e viamos alguns Religiosos que habitavam nesta Abassia, parecia-nos, por a pouca noticia que se tinha daquellas partes, ser este seu Principe aquelle grande Preste João das Indias, donde procedia trabalhar os da nossa Christandade por ter sua amizade, e comunicação. E però que em a nossa Geografia largamente escrevemos do Estado deste Rey da Abassia; pera declaração desta historia aqui trataremos algum pouco de suas cousas, e principalmente deste error, que anda entre o vulgo, cuidando ser elle aquelle grande Preste João das Indias, a qual opinião tem enganado a homens doutos. Segundo o que temos alcançado per algumas escrituras, assi dos Occidentaes, como Orientaes da parte Asia, entre os Tartaros chamados Jagathay, que habitam a Provincia Hathay, a que nós chamamos Catuyo, que he aquella, a que Ptolomeu chama Scythia fóra do monte Imão, houve alguns Principes Christãos Nestorianos, que foram dos mais poderosos daquellas partes, a que os Tartaros Gentios na-

quelle tempo chamavam Unchá, e os seus naturaes vassallos delle o intitulavam per este nome Jovano, do nome de Jónas Profeta. O qual nome andava per todos herdeiros daquelle imperio, por ser proprio do seu estado, como o de Cesar aos Romanos, depois de Julio Cesar primeiro Imperador: e per nós-outros Occidentaes da Igreja Romana era chamado Preste João das Indias, por o seu estado ser naquellas partes Orientaes. E chamavam-lhe Presbyter, porque quando estes Principes prosperavam, (segundo escreve Antonio Arcebispo de Florença,) levavam ante si em lugar de bandeira huma Cruz no tempo da paz, e no da guerra duas, huma de ouro, e outra de pedras de grande preço. He de notar que excedia a todos Principes da terra em nobreza, e riqueza, significadas estas duas cousas pela materia de que ellas eram, e pelo final ser defensor da Fé; donde lhe davam este nome de Presbyter, de que nós corrompemos Preste; e era tão poderoso, (segundo alguns delle descrevem,) que tinha debaixo de seu imperio setenta e dous Reys. Vindo o imperio destes Principes a hum per nome proprio chamado David, pedindo aos Tartaros seus tributarios o tributo que lhe pagavam, per induzimento de hum seu proprio Capitão chamado

Singis, ou (segundo outros) Chingijs, os Tartaros se rebeláram, donde entre elle, e elles houve guerra, no fim da qual elle perdeu o estado, e pessoa. O qual estado se traspassou no seu Capitão Singis author desta guerra, que, (segundo alguns querem,) era da linhagem do mesmo Principe per via de mulher, e por se reconciliar em amor do povo, casou com huma filha sua; e não tomando o titulo, que andava nos herdeiros daquelle estado, tomou outro novo, chamando-se Ularchan do Cathayo. Da qual batalha que houve entre este Principe David, e seu Capitão, fallando Marco Paulo em o que escreveu de sua peregrinação naquellas partes, diz, que a causa della foi por este Singis, a que elle chama Chinchis, ser desprezado deste Emperador Preste João, mandando-lhe pedir per seus Embaixadores huma filha em casamento, sendo elle Chinchis a este tempo já levantado por Rey entre os Tartaros. E deste Chinchis Chan, ou Singis, que foi levantado por Emperador o anno de mil cento e oitenta e sete, começa elle Marco Paulo contar a genealogia dos Emperadores Tartaros de Cublay, que era o sexto na ordem delles, em cuja Corte elle estava no anno de mil e duzentos e oitenta e nove, que he diferente principio do que escreveu Hai-

thonio Armenio do Imperio dos Tartaros. Os quaes por ambos serem estrangeiros daquellas regiões, se enganaram nestas genealogias, polo que temos lido em huma Chronica em Parseo, que houvemos, dos feitos de Tamor Langue, a que os nossos chamam Tamerlão, na qual se contém a genealogia daquelles Principes Tartaros, per decurso de muitas centenas de annos té o tempo d'elle Tamor, dos quaes escreveremos em a nossa Geografia, quando tratar-mos daquellas regiões. E ainda que o Escritor della seja Mouro, confessa que deste Principe Preste João, a que elles (como difemos) chamavam Unchá, ficou hum Rey de pequeno estado, que recolheo as reliquias daquella christandade Nestoriana. A qual por ser mui avexada dos Principes Tartaros, que depois succedêram nos annos de mil e duzentos quarenta e seis, o Papa Innocencio Quarto, ouvidos seus clamores, mandou ao Principe Tartaro, que então imperava, certos Frades Dominicos, o principal dos quaes se chamava Fr. Anselmo, pedindo-lhe que não quizesse tingir as mãos em o sangue Christão, e amoestando-o que quizesse receber a Fé de Christo. E porque no tempo que os Principes Christãos deste estado de Asia, entre nós os da Europa, eram nomeados per este nome Preste João

das Indias, perdido o seu imperio, ficou na boca das gentes, e ellas o traspassáram no Rey dos Abassijs, que habitavam a Ethiopia sobre Egypto, de que tratamos. Porque vendo nestas partes os Religiosos daquella Provincia, e sabendo serem subditos a hum Principe Christão, que tambem traz por estado huma Cruz na mão em denotação de defensor da Fé, parecia-lhe ser este o Preste João das Indias tão celebrado nestas partes da nossa Europa. Os quaes Religiosos, quando ouviam nomcar o seu Rey por este nome Preste João, parecia-lhes ser nome dado a elle per nós, sem saberem donde procederia. E ainda quando per algumas pessoas doutas, e curiosas eram perguntados da interpretação deste nome, que davamos ao seu Principe, davam-lhe evasões segundo o juizo de cada hum. E daqui procedeo hum Embaixador deste Reyno de Abassia, que veio a este Portugal, dizer ao nosso Lusitano Damião de Góes, quando escreveu da Religião, e costumes desta gente, que em sua linguagem Bebule, e Encoe queria dizer Precioso Joanne: e hum Religioso desta nação dizer a Marco Antonio Sabellico, quando compunha a sua Rapsodia, que este vocabulo Grão na sua lingua queria dizer Potente, e que chamarmos-lhe João, seria corrupção destoutro **N** RE **N** ENS **A** per

per outra tal informação, em sua escritura chamar-lhe Prestão Rey dos Indios. O qual engano, que estas pessoas tão doutas receberam, foi por naquelle tempo não termos mais noticia daquelle Principe, que quanto sabiamos per os Religiosos do seu Reyno, que viamos nestas partes, muitos dos quaes contam cousas diferentes do que os nossos tem visto; principalmente depois que Diogo Lopes de Sequeira, (como logo veremos,) dalli mandou hum Embaixador a El Rey David, que então reinava naquella Ethiopia: e muito mais particularmente no tempo que D. Estevão da Gama, sendo Governador da India o anno de quarenta e hum, entrou naquelle estreito, e foi té o lugar de Suez, onde o Turco tinha feito huma Armada com tenção de a queimar. Na qual tornada leixou a requerimento deste Rey seu irmão D. Christovão da Gama com quatrocentos homens pera lhe ajudar a recobrar seu Reyno, que de todo lhe tinham tomado os Mouros, havendo já treze annos que o tinha perdido. Na restituição do qual os nossos que lá ficáram, trilháram todo seu estado; e per informação dos que são vindos, (porque grão parte dos outros morrêram nesta guerra, e hoje andam lá,) nós compuzemos a Geografia daquellas regiões, e houvemos noticia das que da-

qui em diante escrevemos, e assi do que escreveo Francisco Alvares, hum Sacerdote que foi com o nosso Embaixador. E segundo o que per estas pessoas temos alcançado, o Rey daquellas partes, a que já per direito de posse tem entre nós adquirido nome de Preste João, he hum Principe Christão Jacobita, a que os seus povos chamam em geral Rey da terra Abassia, e elle em suas cartas se intitula assi: *David amado de Deos, columna da fé, parente da estirpe de Judá, filho de David, filho de Salomão, filho da columna de Siom, filho da semente de Jacob, filho da mão de Maria, filho de Nabú per carne, Emperador da grande, e alta Ethiopia, e dos seus grandes Reynos, e Provincias, Rey de Xod, de Gassate, de Fatigar, de Angóte, de Buze, de Adca, de Vangue, de Gojame onde nasce o Nilo, de Damára, de Bagamedre, de Ambea, de Vague, de Tigre Mahom, de Sabay donde foi a Rainha Sabá, de Barnagax, senhor té Nobia onde he a fim do Egypto.* Das quaes regiões, e senhorios, posto que a maior parte possuia pacificamente, de alguns assi de Mouros, como de Gentios, tem sómente o titulo, como alguns Principes desta nossa Europa, que se intitulam per senhores de Reynos, e estados, de que será mais certo. *senhor aquelle, que*

os conquistar da mão dos infieis, em cujo poder elles estão. Porque muitos a este Rey obedecem quando querem, e o mais do tempo estão alevantados: donde se causa andar elle sempre no campo com a mão armada, ora contra Mouros, ora contra Gentios, em meio dos quaes elle tem seu estado. E sendo tão grande como he, e o mais numeroso em povo de toda Ethiopia, não tem Cidade, ou povoação nobre: havendo na mesma Ethiopia fóra de sua jurdição entre povos mui barbaros na vida politica, povoações nobres per edificio, defensaveis per arte, populosas per mercadores, e ricas per trato de commercio, que a elles concorrem, as quaes com razão se podem chamar Cidades. Muitas das quaes são cercadas de muro de pedra, tijolo, ou taipa, com vallos, e cavas tão profundas, e largas, e agua a que as enche, que se podem defender do impeto de quaesquer inimigos. E vendo os nossos, que andavam na Corte daquelle Principe Preste João, quantas vezes os Mouros, e Gentios faziam entrada em suas terras, e á mingua destas defensões lhe matavam, e cativavam muito povo com outros danos de guerra, praticando com os principaes senhores sobre este caso, e dizendo-lhe o modo que os Reys desta nossa Europa tinham na defensão de seu estado,

edificando Cidades, Villas, e Castellos cercados de muro, respondiam que o seu Rey não punha a potencia de seu estado em cercas de pedra; mas no braço de seu povo. E que este com as taes defensões descuidar-se-hia tanto de si, que viria a receber maior damno, e perderia o exercicio das armas, que se conserva com o cuidado de segurar a vida, e defender a fazenda, o qual exercicio se ganhava andando sempre no campo, e não em o repouso das casas. Per o qual modo os Reys daquella grande Ethiopia tinham ganhado dos infieis a maior parte do seu estado; e que se alguma pedra, e cal gastavam, era em fundar sumptuosos, e magnificos templos, em que Deos era louvado, porque as casas de sua adoração haviam de ser diferentes da habitação dos homens, assi por ser cousa a elle Deos dedicada, como por os ministros do culto divino estarem seguros dos insultos dos infieis, que tinham por vizinhos, o qual modo os seus Reys tinham já continuado per muitas centenas de annos, e o receberam da doutrina de Salamão Rey de Judéa, donde o seu primeiro Rey descendia. E parece, posto que estes Abassijs dessem aos nossos estas razões de não fundarem Cidades, ou Castellos cercados, que costume mui antiquissimo he entre elles não as haver, porque ve-

mos que os Geografos , e Ptolomeu , que foi o mais moderno em suas Taboas , tres , ou quatro Cidades mediterraneas situa em toda esta região da Ilha Meroe pera cima. E ainda destes não ha memoria , sómente da Cidade Axuma , que segundo os Abassijs dizem , foi Camara , e quasi Metropoli da Rainha Sabá , da qual ora não apparece mais que algumas antigualhas de edificios arruinados , e pedras ao modo de pyrames , que por sua grandeza o tempo não pode consumir , ao qual lugar elles chamam Acaxumo. Però pera demarcação dos Reynos , e Comarcas usam aquelles Principes na parte onde ha maior povoação , (poucas das quaes chegarão a dous mil vizinhos,) ter huma casa de pedra , e cal , ou de taipa ; não pera defensão da terra , mas como cá usam huma casa pública , a que chamamos do Conselho , a qual elles chamam Betenegux , que quer dizer casa d'ElRey. Na qual casa pouza o Governador da terra quando ahi está , e alli faz suas audiencias ao povo ; e quando pouza em outra parte , ou não lie na terra , sempre está aberta , e poderão ninguem ousa de entrar nella , cá seria logo punido como trédor , que se queria levantar com a terra. E a esta causa em as Taboas da nossa Geografia tomamos estes Betenegux por situação de cada huma das Co-

marcas que aquellas regiões tem. E segun-
 do o que do estado deste Emperador da
 Ethiopia temos sabido, elle jaz entre as cor-
 rentes dos rios Nilo, Astabora, e Astapus,
 que Ptolomeu descreve na quarta Taboa de
 Africa, aos quaes rios os naturaes chamam
 Tacuij, Abavij, Tagazij. Dos quaes rios
 elles tem por maior o do meio, e por isso
 lhe deram o nome que tem, que quer dizer
 pai das águas: o qual procede do lago, a
 que Ptolomeu chama Coloe, e elles Barce-
 ná: e este lago podemos dizer ser o cora-
 ção de todo o estado do Preste: cá lhe fi-
 ca no meio, e em torno vai cercado dos
 Reynos, e Provincias que se elle intitula,
 como ora dissemos. Os confins do qual es-
 tado pela parte do Oriente entesta no mar
 Roxo, começando quasi na fronteira das
 portas do estreito, que estam em altura da
 elevação do pólo Arctico doze grãos, e hum
 terço, e acaba na paragem da Cidade Quá-
 quem maritima, que está em dezenove grãos,
 e hum quarto: assi que deste lado Oriental
 podemos dizer que contém pouco mais, ou
 menos, cento e vinte e duas leguas. Però
 entre o mar, e as suas terras vai huma cor-
 da de ferranias quasi sobre as praias delle,
 que he povoada de Mouros, que são se-
 nhores dos portos de mar, sem elle ter mais
 que o da Villa Arquiqq, ou Arcoco, e

mo lhe alguns chamam, onde (segundo atrás escrevemos) Diogo Lopes de Sequeira estava com sua frota. Da parte Occidental vai entestar em grandes minas de ouro, cujos habitadores são Negros Gentios, que lhe obedecem, e pagam tributos, as quaes ferranias vam correndo quasi com as correntes do rio Nilo, que elles chamam Toavij, de que elles tem sómente noticia sem uso das suas aguas, por razão das grandes ferranias de Damud, e Sinaxij, (em que tambem ha outras minas,) se metterem entre elles, e elle. E daqui vem chamarem elles ao rio Abavij pai das aguas, por não verem as do Nilo: e estas dizem elles que bebem dous generos de gente, de que tem noticia: huma he Hebreá, que jaz mais ao Ponente, a qual tem Rey mui poderoso, de que elles fabulam grandes coufas, e chamam-lhe per nome commum Neguz Tederos, que quer dizer Rey dos Judeos. A outra gente fica mais vizinha ao ajuntamento que fazem os rios Nilo, e os outros dous, isto da parte do Ponente, a qual he de Amazonas, a que elles geralmente chamam Manguiste das Suétes, que quer dizer Reyno das mulheres. E parece que ou estas procedêram da Rainha dos Nobijs, a que elles chamam Gaïa, ou ella dellas, porque esta Gaïa fica com o seu estado

ellas pela parte do Oriente, e mette-se en-
 tre todos os rios Abavij, e Tagazij, quasi
 na paragem onde se elles ajuntam, e em
 hum corpo se vam metter no rio Nilo, e
 assi se mettem as serranias de Magáza, on-
 de tambem ha outras minas de ouro mui
 ricas. E lançando huma linha com o enten-
 dimento da Cidade Quáquem maritima que
 dissemos, ao fim da Ilha Meroe, que ao
 presente se chama Nobá, onde o Nilo vai
 já todo em huina vea levando todos ou-
 tros rios incorporados em si, fica este lado
 da parte do Norte, que aparta o estado do
 Preste dos Mouros, em comprimento de
 cento e vinte cinco leguas. E caminhando
 deste fim do Nilo pela parte do Occidente,
 que descrevemos, fazendo huma maneira de
 arco não mui curvo, que vai fenecer con-
 tra o Sul, chega ao Reyno Adeá, que he
 a mais austral terra que elle tem: nas ser-
 ras do qual nasce o rio Obij, a que Pto-
 lomeu chama Raptus, que vai sahir ao Ocea-
 no na povoação Quilmance junto de Me-
 linc. Na qual distancia de caminho per a
 linha curva que dissemos, haverá duzentas
 e cincoenta leguas; e toda a vizinhança que
 per esta parte tem he de Gentios, gente pre-
 ta, de cabello revolto, mui bellicosa, prin-
 cipalmente os povos a que elles chamam Gal-
 las, vizinhos a este Reyno Adeá. E partir-
 do

do delle, (que está em altura de seis grãos da parte do Norte), pera Oriente, vai entestar com o Reyno Adel, que he de Mouros, cuja Metropoli se chama Arar, e está em altura de nove grãos, na qual distancia pôde haver pouco mais, ou menos cento e oitenta leguas. Assi que ajuntando as distancias destes quatro lados, que cercam o estado deste Principe, podemos dizer que contém pouco mais, ou menos seiscentas e setenta e duas leguas. E os tres rios, que diffeimos que o regam, não são soberbos quando sahem de suas fontes, que bastem regar a terra do Egypto; mas são ajudados das aguas de outros mui notaveis; porque em o chamado Tagazij, que he mais Oriental, entram sete, e no segundo Abavij oito, e no Tacuij quatro, que nascem nas serras de Damut, Bizamo, e Sinaxij, a fóra outros que elle já traz incorporados em si quando aqui chega. O curlo, e nome dos quaes se verá em as Taboas de nossa Geografia, e no Commentario della, quando tratamos do Egypto, e a razão do seu crescimento no tempo de nosso verão: materia bem discutida entre graves Authores, e poucos entenderám a causa por não terem noticia dos temporaes daquellas partes. E assi escrevemos particularmente da origem dos Reys deste imperio, com os costumes de sua re-

ligião ; e por isso neste seguinte Capitulo sómente queremos dar huma geral noticia de suas cousas , pera enfiar assi o que nesta parte Abassia fez Diogo Lopes , como o que fizeram os outros Governadores pelo tempo em diante.

C A P I T U L O II.

Como a Rainha Sabá se foi ver a Jerusaleem com Salamão Rey de Judéa , de que houve hum filho chamado David , do qual , segundo dizem os povos Abassijs , procedem os seus Reys , e o mais que elles dizem desta Rainha Sabá , e assi da chamada Candáce , e de algumas cousas do estado deste Principe , e sua religião , e costumes.

Segundo o que estes povos Abassijs tem per escritura , de que se gloriam , he , que ouvindo a Rainha Sabá daquella Ethiopia a fama do poder , e sapiencia de Salamão Rey de Judéa , por se informar da verdade , mandou a Jerusaleem hum Embaixador. E sendo per elle , depois de sua vinda , certa do que víra , e ouvira , desejava em pessoa participar da sapiencia d'elle , però que idólatra fosse ; partio pera Jerusaleem com grande aparato de estado , e riquezas , embarcando no mar roxo em hum porto ,

onde se depois edificou huma Cidade do seu nome Sabá em memoria desta passagem. A qual Ptolomeu situa em altura de doze grãos e meio, de que ao presente não ha mais memoria, que dizerem alguns ser na terra, defronte da qual está huma Ilha chamada Sarbo em altura de quinze grãos e hum oitavo, a qual em alguma maneira retém o nome da Cidade, e he mais propinqua á situação de Ptolomen que Maçuá, ou Cnáquem, onde outros querem que foille. Passando ella este mar roxo a outra parte da terra Arabia, e atravessando aquelle deserto, ante de chegar a Jerusalem, em huma lagôa, no cabo da qual estavam humas traves atravessadas a modo de ponte per que a gente passava, ella alumuada de espirito profetico não quiz passar per ellas, dizendo que não havia de poer os pés onde o Salvador do Mundo havia de padecer; e depois que se vio com Salamão, pedio-lhe que as mandasse dalli tirar. O qual em sua chegada a recebeu com honra, alli por razão de sua pessoa, como polos grandes does de ouro, coufas aromaticas, e pedras preciosas, que levou pera o Templo do Senhor, e servizo da casa d'elle Salamão, com o qual esteve té ser instructa em as cousas da Lei, e concebeo hum filho d'elle, que pario no caminho á tornada pera seu Reino. E depois que foi

em idade, com grande apparato, e riquezas o enviou a seu padre, pedindo-lhe que ante o tabernaculo do Santuario lhe aprouvesse de o ungir por Rey daquella Ethiopia, pera ficar por successor della; posto que té aquelle tempo seu Reino andasse na linha feminina, e não masculina per costume do Genticio da terra. Chegando Meilech (que assi havia elle nome) a Jerufalem, foi recebido de seu padre com muito amor, e delle alcançou seu requerimento; e ao tempo que foi ungido por Rey, lhe mudou o nome, chamando-lhe David, como seu avô. E sendo já doutrinado em todas as cousas da Lei de Deos, ordenou Salamão de o enviar a sua madre com apparato de Rey; e pera offo de cada hum dos doze tribus lhe deo officiaes ao modo de sua casa delle Salamão, e por Principe dos Sacerdotes Azaria filho de Sadoch, que tambem era Principe dos Sacerdotes do Templo de Jerufalem. O qual Azaria poucos dias ante de sua partida alcançou per intercessão de David que pudesse entrar em o *Sancta Sanctorum* a orar, e sacrificar por successo do caminho, na qual entrada elle furtou as taboas da lei, poendo outras em seu lugar, que pera este caso tinha feitas, sem disto dar conta a David, té que partido elle, e sendo já nos confins da Ethiopia, lho disse, David, como quem

queria imitar a seu avô em zelo da honra da Lei de Deos, com grande prazer, e alegria se foi á tenda de Azaria; e tiradas as taboas do lugar onde as trazia, começou ante ellas a bailar, e cantar louvores, e glorias ao Senhor, ao qual todos os seus imitaram vendo a causa do seu prazer. Finalmente chegado David ante sua madre, ella lhe entregou o Reino; e deste Principe dizem elles Abassijs que procedem todos os seus Reys per linha masculina té hoje, e que á cerea delles não reinou mais mulher. E mais que todos os officiaes, de que se ora os Reys servem, são da linhagem daquelles, que este seu primeiro Rey David trouxe; e que não póde tomar outros pera governo de sua casa, e Reyno, senão destes tribus, no gráo, e qualidade que cada hum trouxe naquelle princípio. E tambem se gloriam que per duas Rainhas suas naturaes, celebradas na Sagrada Escritura, tiveram conhecimento de duas leis, que Deos quiz dar aos homens pera se salvar em diversos tempos; per a Rainha Sabá, a que deo per Moysês; e per a Rainha Candáce, a que deo per Christo Jesus seu filho. E porque parece contradicção dizerem estes povos que os seus Reys daquella Ethiopia procedem desta Rainha Sabá, e que não houve depois della mais Rainhas no seu

Reyno, e dizerem que a Rainha Candáce, que foi depois desta, ao menos mil e oitenta annos tambem sua Rainha, convem que não leixemos esta confusão aos ouvintes. Este nome Ethiopia não sómente he nome commum das duas regiões Oriental, e Occidental, a que os Cosmografos o deram; mas ainda de huma Cidade situada junto da Ilha Meroe, em huma Provincia oriental a ella, que carrega hum pouco contra o Sul, á qual os Abassijs chamam Tigray, e Estrabo Tenezes, a qual Provincia sabemos ser governada per mulheres com titulo de Rainhas. E parece que se intitulavam do nome da Cidade Ethiopia, como Metropoli do Reyno, e não de toda a região de Ethiopia sobre Egypto, porque no mesmo tempo havia Principes, que tinham o titulo de Reys da Ethiopia commum. Da qual região Tenezes, fallando Strabo, diz: *E depois o porto de Sabá, e o lugar da caça dos Elefantes, assi chamada deste uso, e a região interior se chama Tenesis, a qual tem os desterrados, que em outro tempo fugiram de Psammiticho Rey do Egypto, os quaes sam chamados Scritas, que quer dizer estrangeiros, e tem Rainha, debaixo do senborio da qual está a Ilha Meroe, e vizinha a estes lugares, e assentada em o Nilo.* E mais adiante, fallando elle das victorias,

rias, que Petronio Capitão Romano houve nesta terra, diz: *Destes povos eram os Capitaes da Rainha Candace, a qual em nos-
 sos tempos imperou os Ethiopas, certamen-
 te mulher baroil, a qual tinha hum olho
 perdido.* E procedendo ainda mais em as
 vitorias de Petronio, conta dos Embaixa-
 dores que lhe esta Candace enviou, ao re-
 querimento da qual elle não concedeo, an-
 te lhe tomou huma Cidade per nome Na-
 pata, em que estava hum filho della Candá-
 ce, que se salvou do impeto delle Capitão.
 E segundo a conveniencia dos tempos, es-
 ta deve ser a Rainha Candace, cujo era o
 Eunucho, a quem o Diacono S. Philippe
 declarou a profecia de Isaias, e converteo
 á Fé de Christo. Per o qual Eunucho, e
 per a prégacao de S. Mattheus, confessam
 os Abassijs receberem a Fé: però não cele-
 bram muito a vida deste Santo, por ser au-
 thor da sua conversão, nem tem a sua lenda
 conforme a Igreja Romana: Cá segundo el-
 la, este Apostolo esteve naquellas partes per
 espaço de trinta e dous annos, e a sua pri-
 meira entrada foi em huma Cidade chama-
 da Nabader, e pousou com o Eunucho con-
 vertido per Philippe, e elle o levou a El Rey
 Egypto, o qual se converteo com toda sua
 casa, por este Apostolo lhe resuscitar hum
 filho. Ao qual Rey succedeo Hyrraco, que

martyrizou o Apostolo ; e per morte deste tyranno os póvos elegêram hum filho d'El-Rey Egypto defunto, que viveo per espaço de setenta annos, e leixou por herdeiro do Reyno hum filho, que foi barão fantissimo. Assi que em hum mesmo tempo vemos nesta parte da Ertiopia barões intitulos por Reys della, e mulheres do mesmo titulo, que não eram conjuntas per matrimonio a algum delles. Porque ora Candáce, de que se falla nos Actos dos Apostolos, e a de Strabo seja toda huma, sabemos, (segundo conta Alexandro de Alexandro, e os seus Dias geniaes,) que muitas Rainhas destas partes em memoria da primeira, pela excellencia de sua pessoa, foram chamadas Candáces, como Cesares, os Emperadores Romanos, e Faraós os Reys de Egypto, tendo cada huma nome proprio, como tinha a Senhora do Eunuchos, á qual chamam Judith, segundo dizem os proprios Abaslijs. E ainda que não seja com nome de Candáce, sabemos que, quasi naquelles confins que dissemos, hoje reina huma mulher, e não de pequeno estado, a qual os mesmos Abaslijs chamam Gaia. Nas terras da qual, principalmente nas que são da região, a que chamamos Nobia, e os Abexijs Nobá, alguns dos nossos que alli foram, víram muitos templos da christandade que aquella terra

ra teve, os quacs jaziam arruinados das mãos dos Mouros, e em algumas paredes imagens de Santos pintadas. É a causa desta destruição, (segundo elles diziam,) foi serem delamparados da Igreja Romana, por razão do grande número de Mouros, que os tinham cercado. E sendo os nossos na Corte do Preste João, em companhia de hum Embaixador, que Diogo Lopes de Sequeira desta vez do porto de Arquico lhe mandou, (como logo veremos,) esta Gáia Rainha daquelles Nobijs, mandou pedir ao mesmo Preste per seus Embaixadores, que lhe mandasse Clerigos, e Frades pera lhe reformar o seu povo, que com a entrada dos Mouros havia muito tempo que estava sem doutrina Evangelica, por não poderem haver Bispo Romano, como já tiveram. Ao que o Preste respondeo que o não podia fazer, porque tambem o seu Abuna, debaixo da doutrina do qual estava toda a Igreja da Ethiopia, elle o havia do Patriarca Alexandrino, que estava entre os Mouros, e sem recado do que pediam, se tornáram estes Embaixadores da Gáia. Certo grave cousa pera as orelhas de hum Christão zeloso da fé ouvirem, vendo que o grão do Senhor semeado nesta, e outras partes per os primeiros agricultores de seu Evangelho, que foram os Apostolos, se perde por os seus suc-

cessores não tirarem a zizania delle, pera
 que a espiga do número centesimo cresça. E
 os principaes, a quem compete o adjuto-
 rio desta obra, polo poder do segundo gla-
 dio que lhe foi dado, leixam este antigo
 agro da primeira semente, e vam romper
 terras novas apauladas da muita idolatria
 que em si contém, porque lhe responde ao
 presente mais com temporaes fruitos, que
 com almas ganhadas ao Senhor. E praza a
 Elle que os ministros, e jornaleiros desta obra
 não se entreguem tanto na temporalidade,
 e abominacões do ceno dos taes paves, com
 que no dia do final juizo não appareçam
 ante o Tribunal de Christo, delles feitos
 mais gentios do que elles per catholica dou-
 trina daquelle gentio ganháram almas, que
 apresentem ao Senhor como feis servos, que
 deram á usura o talento de sua possibilidade.
 E tornando ás nossas Rainhas da Ethiopia
 de que fallamos, confirma tambem não se-
 rem ellas senhoras universaes da região de
 que se nomeam, sómente da Cidade do tal
 nome, o titulo que Josefo no livro da anti-
 gidade Judaica dá á Rainha Sabá, quando
 conta como foi ver Salamão: cá elle a in-
 titula por Rainha da Ethiopia, e de Egy-
 pto, havendo neste tempo Faraó sogro do
 mesmo Salamão, que era Rey de todo Egy-
 pto: cá se fora verdade **N**er ella Rainha def-
 ta

ta região, per alli fizera o caminho a Jeru-
salem, que era mui perto, e não atravessára
o mar roxo, e o deserto de Arabia. E por-
que fez este caminho per ella, disse a Eseri-
tura: *Veio a Rainha do Austro*. Donde al-
guns quizeram commentar ser Rainha da re-
gião Sabea, que he nas partes da Arabia Fe-
liz, a que ora os Mouros Arabios della cha-
mam Yáman. E pois Josefo, não sendo ella
Rainha de Egypto, lhe dá o titulo d'elle,
assi se deve crer que não de toda a Provin-
cia da Ethiopia era Rainha, senão da Cida-
de assi chamada, e das Comarcas a ella vizi-
nhas. E tambem o proprio nome della não
era Sabá, mas Maqueda, segundo dizem os
Abassijs: però davam-lhe aquelle nome Sabá,
que era o proprio de huma Cidade Metro-
poli daquella região que ella imperava: e
por já não haver tal Cidade, os Abassijs
chamam áquella região Sabay, (como disse-
mos.) A qual Cidade Sabá, ante de ella ser
Rainha, havia muitas centenas de annos que
era fundada: cá segundo o sitio, esta era
aquella Sabá, que Moyses cercou, e tomou
per industria da filha do Rey della, quando
Faraó Rey do Egypto o mandou por Ca-
pitão a esta guerra, segundo conta Josefo no
livro que allegamos. E passados quatrocen-
tos e setenta annos, pouco mais, ou me-
nos, Cambyfes conquistador desta Ethiopia,

mudou o nome a esta Cidade Sabá, chamando-lhe Meroe, que era o nome de sua irmã, ou segundo querem outros Escriitores, de sua madre: donde ficou este nome á Ilha que faz o Nilo, em a qual ella era edificada. Parece que estes Escriitores, quando falavam destas Rainhas, ás vezes tomavam a parte polo todo, e outras ao contrario; intitulando-as ora per huma maneira, ora per outra. E os mesmos Abassijs, que se gloriam dellas, mostram algumas memorias da sua habitação; porque ainda que a Rainha Sabá se intitulasse da Cidade Sabá, que era na Ilha Meroe, dizem elles que a camara, em que ella tinha seus thesouros, he hum lugar chamado Acaxuma, onde ora se mostram grandes edificios, e alguns pyrames da grandeza da agulha de Roma, a qual naquelle tempo foi tão principal Cidade, e durou tanto curso de annos, que Ptolomeu como cousa célebre, chamando-lhe Axuma, a situa em altura de dez grãos da parte do Norte. E assi dizem que a Rainha Candáce nasceo em hum lugar perto desta Cidade Acaxuma, o qual ora he huma aldeia de ferreiros; e o proprio lugar de Acaxuma era a principal estancia della, posto que o Reyno proprio, de que se elle intitulava, era a terra a que elles chamam Buro, mui vizinha á Cidade Acaxuma. E tambem dizem que

que o Capado da Rainha Candáce não converteo á Fé de Christo sómente o Reyno chamado Tigray, que (como dissemos) he aquella parte da terra, a que Strabo chama Tenesis, na qual ainda hoje ha huma povoação chamada Temey, que parece que delle procederia a toda a Comarca, e que algum destes nomes he corruto do outro, mas ainda converteo outras Comarcas. E assi dizem que David filho da Rainha Sabá se coroou por Rey naquella Cidade Acaxuma, donde ficou em uso que os Reys, que depois o succedêram té hoje, se vam coroar áquelle lugar; e não o fazendo, reina injustamente. E que assi os Reys, que succedêram a este David té o tempo que recebêram a Fé de Christo, como desta sua conversão té ora sempre foram accrescentando seu estado per conquista de armas: e todolos Reynos, e senhorios, que per este modo tem accrescentado a sua Coroa, como de cousa propria, quando provêm delles a algumas pessoas, ainda que procedam da linhagem daquelles de quem os houveram, he em quanto lhes bem parece, sómente o Reyno Dambeá. Cá este, ainda que o Principe que o governa seja vassallo del- le Preste João, não o póde remover, nem tirar daquelle estado, e herda-se de pai a filho. E a causa he, que no tempo que David filho da Rainha Sabá começou conquist-

tar os Reynos da gentilidade a elle vizinhos, este se deo a elle por vassallo ante de ser conquistado. E dos outros Reynos, que estes Principes conquistáram dos Reys Gentios daquella Ethiopia, alli como dos povos Gorgagens, e de outros, quando os nossos lá andáram, gloriando-se elles Abassijs daquellas vitorias, lhe mostravam as proprias casas, onde aquelles Reys gentios habitavam. E dizem que o primeiro Reyno, que este seu primeiro Rey David conquistou da mão do Gentio daquella Ethiopia, foi o que elles chamam Tigray. Trouxemos todas estas cousas, porque se veja que em hum mesmo tempo houve naquella Ethiopia os Reys, e Rainhas illustres que nomeamos; e que os Abassijs por gloria do seu principio, que começou neste primeiro David, querem encubrir os outros Reys, que tambem houve naquellas partes. Condição mui geral de todas as gentes, que por darem antigos, e illustres principios á sua linhagem, sempre fabricam cousas a que a antiguidade não testemunha dá licença: posto que per outra parte estes Abassijs mostram o contrario na conquista, que dizem ter os seus Principes com os Reys Gentios comarcãos, de que conquistáram tantos Reynos, como tem. O que parece pelo decurso do tempo, e per as Rainhas, que sempre naquellas partes hou-

ve té hoje, he, que a Sabá daria a seu filho alguma parte da terra da que elle possuia para herança sua, e tudo o que fosse conquistando do Genticio daquellas regiões accrescentasse a sua coroa: e o mais que ella possuia como Rainha, conformando-se com o costume, e lei da terra, ficava á outra femea, té vir ter per este modo a Candáce, e desta successivamente a Gaia, que ora reina, da qual particularmente fallamos em a nossa Geografia. Muitas cousas destas não estam alumiadas antre os Abassijs, por ser gente, que não se dá a escrever os annaes dos seus Reys, como costumáram os Gregos, e Latinos, que não são tão antigos na Lei de Deos, como elles dizem ser. E prevalece entre elles tanto esta antiguidade da Rainha Sabá, e Lei de Moysés, por ser o leite de sua primeira doutrina, que ainda hoje estam aguardos della, porque todos guardam o sabbado, e Domingo, tem circuncisão, e baptismo de agua ao nosso modo. Però differem nisto, o macho he levado á Igreja a receber este sacramento aos quarenta dias, e a femea a sessenta, e sempre ha de ser ao sabbado, ou Domingo; porque como guardam estes dous dias, e nelles celebram Missa, dam o sacramento ás crianças, dando-lhes logo a madre a mamma pera poder levar aquella pequena particula. E quanto a hum final de fogo,

que trazem sobre o nariz, que alguns queriam dizer ser baptisimo de fogo, tirado daquelle palavra da Escritura: *Ipse vos baptizabit in Spiritu Sancto, & igne*, não he assi, sómente usam d'elle per preceito dos primeiros Reys, que foram Catholicos. Os quaes como viviam em meio de tanta gentildade, porque o seu povo fosse conhecido, mandáram que se assinasse com fogo naquelle lugar: e he tão guardado o tal preceito, que achando-se algum homem sem elle, sendo accusado, fica cativo do Principe. A circumcisão de que tambem usam, he feita aos oito dias em casa per Sacerdote; os homens no lugar ordenado, e as mulheres cortando-lhes huma particula glandosa, a que os Latinos chamam nynfa, o qual uso não havia ácerca dos Hebreos, e dizem elles que o tem por preceito da Rainha Sabá. Além destas ceremonias da lei velha, que elles hão por sacramentaes, tem outras ácerca de não comer porco, e cousas a que chamam immundas, muitos abusos que elles confessam tomarem, não sómente por preceito do seu Abuná, que (como dissemos) tem a doutrina dos Jacobitas, mas ainda por pramatica do seu Rey. Porque, excepto os sacramentos, e ordenar os Clerigos nas ordena-pera o sacerdocio, que se faz pelo Abuná, em todo o mais o Rey he sobre todos: cá

elle os provê dos beneficios , e os remove
 quando lhe apraz , e castiga feus delictos ,
 como se fossem leigos. Os Clerigos não tem
 dizimos , cá todos os rendimentos da terra
 são del Rey , sómente tem algumas terras ,
 que lhe os Reys ordenam , que rendem pe-
 ra as Igrejas ; e isto he segundo a devoção
 dos Principes , os quaes neste modo de re-
 partir com a Igreja se tem mostrado serem
 zelosos da honra de Deos. Porque em to-
 da aquella Ethiopia (como dissemos) não
 ha hum edificio , ou casa , que os Reys te-
 nham feito pera si ; e pera se louvar Deos
 são tantos os Mosteiros de Frades da Ordem
 de Santo Antão , (porque não tem outra ,)
 e tantas as Igrejas de Conegos Regrantes ,
 que elles tem ao modo que temos as Sés
 Cathedraes , e tanta a outra Igreja parochia ,
 e tanta Ermida , que não tem número : e a
 todas os Reys provém de renda , ornamen-
 tos , e nisto sómente se mostra a grandeza ,
 e policia daquelles Principes. Aos Frades ,
 e Conegos Regrantes nas Comarcas onde
 habitam dá terras assinadas , a que elles
 chamam Gultos , que rendem pera a casa :
 e assi vive o sacerdote abastadamente , e he
 estimado naquellas partes , principalmente os
 que residem nos Conventos , e Igrejas Col-
 legiacs , que por nenhuma outra cousa os
 homens mais trabalham naquellas partes ,

que por ter grão de Sacerdote, porque com isto tem a vida certa. E daqui vem haver naquellas partes grande número de Frades, e Clerigos: cá a multidão delles fundada na cubiça de ter o necessario em aquelle estado, faz conservar-se entre elles tanto tempo o que professam da lei. Geralmente todo aquelle povo he barbaro nas cousas da sciencia; porque tirando as que pertencem ás ceremonias do seu sacerdocio, (e ainda estas barbarizadas,) em todo o mais não se acha nelles doutrina alguma, nem procuram por isso: té nas cousas mecanicas não tem engenho algum; e se lá acolhem algum estrangeiro engenhoso, não o leixam vir; e põem não pera lhes servir em mais, que na instructura de seus templos, por entre elles não haver pedreiros, carpinteiros, ou pintor que lhos faça, e esses que tem são obra de estrangeiros. E todos os ornamentos, paramentos que tem, que são muitos, e mais do que se espera em tão barbara gente, assi pola cópia, como por serem de seda, e brocadilhos, todo este panno lhes vai da India, do Cairo, e de outras partes: té os pannos das tendas do seu Rey, e ornamentos de sua casa, na qual, e nas Igrejas estam todas as alfaias, que per partes a gente nobre de toda aquella Ethiopia podia ter. E he tão estranha cousa entre elles algum

artificio, do pouco uso que tem da policia, que té hum ferreiro, que lavra o ferro para suas necessidades, tem por cousa que se faz por arte diabolica: e por esta causa são entre elles infames; e se acertam de ver pela manhã hum ferreiro, e adoecem naquella dia, dizem que do olho do ferreiro lhes veio aquelle mal. E chega esta ignorante opinião a tanto, que vivem estes ferreiros quasi apartados do conforcio da outra gente, e não os leixam entrar nas Igrejas. Finalmente he Nação tão bruta, que muitos dos vizinhos, sendo negros de cabello torcido, tem mais policia na mecanica das coufas, do que elles tem. E não póde ser mais bruto do engenho, que acertando hum Armenio, que se achou naquellas partes, de fazer a ElRey hum moinho de agua para lhe moer o trigo, e todo outro genero de pão, a farinha do qual elles fazem entre humas pedras á mão, mais remoendo que moendo, e isto com muito trabalho: acabando ElRey de ver a obra que fazia, mandou-a logo desfazer, dizendo que aquillo não servia em sua terra, porque elle andava sempre no campo per todo o seu Reyno, e não havia de levar comsigo aquelles engenhos, que sempre estavam em hum lugar. Como se aquelle artificio não convinha a mais, que onde elle fosse presente,

e não ao povo de todo seu Reyno. O qual povo tudo merece, cá habitando tão grossas terras, onde ha grandes criações pera se aproveitarem das lans, regadios pera linhos, e sítios pera todo algodão, que quizerem semear; de bruteza, e preguiça padecem andarem vestidos geralmente de pelles por cortar; e quem as traz cortidas, he huma grande policia. E são tão curtas estas suas vestes, que lhes cobrem pouca parte do corpo: té o commum dos Clerigos, Frades, e Freiras he huma vergonha ver como andam, sem a elles terem de quanto lhes parece. Sómente os Conegos, e Frades, que residem em seus Conventos, estes vestem panno de algodão, e trazem as roupas compridas, como convem a seu habito: e assi a gente nobre usa deste panno, o qual lhe vai da India, e de algumas partes vizinhas. Porque (como dissemos) são taes, que nem pera vestir, tomar hum peixe, huma ave, huma fera, per modo de artificio, não tem pera isso engenho, sómente pera furtar são assi engenhosos, que lhes não chegam os Ciganos vagabundos, e isto na Corte d'El-Rey, que nas outras partes não ha esta soltura sem punição. E parece que de andar o seu Principe sempre no campo pastando as hervas, ao modo dos Alarves, segundo os temporaes do anno

são, ora em outra, na qual inquietação, e concurso de muitas, e varias nações, assi de que andam naquelle arraial, como das que conquistam, os puzeram em necessidade de dous usos, os quaes lhes fez a natureza, pera roubar, e pelejar, a que Naturalmente são inclinados. Donde vem que estes Abaffijs geralmente como são fóra da miseria de sua patria, tem animo ousado, principalmente naquellas partes Orientaes, e alguns delles são excellentes Capitães; como os nossos tem experimentado. O estado do Preste, però que ao presente que nós compomos esta historia seja bem pequeno, e mudado com a entrada que os Mouros fizeram em todo seu Reyno, fazendo-se senhores d'elle, quasi per decurso de treze annos, sendo elle recolhido em partes remotas de ferranias, por salvar a vida, té que os nossos á custa de seu proprio sangue o restituíram, como se dirá em seu tempo; neste, em que o Governador Diogo Lopes de Sequeira enviou a elle D. Rodrigo de Lima por Embaixador da parte d'ElRey D. Manuel, (como logo veremos,) era mui poderoso em terras, e povo. Em terras, porque tinha as que atrás nomeámos; e povo, porque com sua potencia não sómente era senhor obedecido de toda a Christandade daquella Ethiopia, mas ainda mui-

tos povos da gentildade, e dos Mouros, em que entravam grandes senhores. E em nenhuma cousa se mostrava mais a potencia d'elle, que no assentar do seu arraial; porque (como dissemos) por antigo costume estes Principes andam sempre no campo pastando as hervas, ora a huma parte, ora a outra, ao modo dos Parthos, Parseos, e Arabios, que seguem este costume. E verdadeiramente era cousa maravilhosa de ver: cá em huma populosa Cidade de pedra, e cal achar-se-hão edificios, templos, praças, ruas, mantimentos, mercadorias, e policia de bom regimento; e neste arraial achava-se huma Cidade de panno, de grande número de tendas de algodão, humas de huma côr, outra de outra, e dellas de seda entretalhadas, allí armadas, e arruadas, e os officios postos em bairros, e as Igrejas em Freguezias, que por muitas vezes que se o Preste mudasse, já cada hum sabia onde se havia de assentar, se ao Levante, se ao Ponente, e a que mão, e em quanta distancia; de maneira, que nenhum homem tinha necessidade de perguntar: *Onde pouso foão?* porque pela ordenança do lugar em que cada hum se havia de apouentar, já sabia que os Officiaes d'ElRey em tal parte, e os da justiça em tal, e os mecanicos de tal officio em tal, e a tantas tendas. E

segundo o grande número da gente, que este Principe trazia, se não houvera esta ordem, pola pouca demora que elle ás vezes fazia em lugares, primeiro que se hum homem achára, se partira dalli. Porque o arraial, que estando a praça principal situada no meio d'elle, era dalli ás tendas d'ElRey huma legua; e se era em campo chão larga e incia, tudo per huma rua tão direita, e larga, que das portas dos paços d'ElRey se via o concurso della, por elles sempre serem assentados no lugar mais alto daquelle sitio: bem se deve crer que não tomaria este arraial pouco espaço de terra, e que a gente d'elle não era de pequeno número, pois tinha treze Freguezias, huma das quaes era dos cozinheiros d'ElRey. E quando se mudava, além do grande número de homens, que serviam de levar cargos á cabeça, de mulas de carga dizem que passavam de cem mil, a fóra muitos camelos que levavam as tendas. Das quaes mulas elles se servem não sómente neste serviço de carga, mas ainda pera caminharem nellas, e os cavalloos levam a destre; por que como entre elles não se usá ferramentas bestas, e são mais tímidos que as mulas, pelejam nelles, e caminham nas mulas. A maneira do serviço d'ElRey, e tratamento de sua pessoa naquelle tempo, que flo-

recia em potencia de todas as cousas, era mais de homem divino, que humano: porém agora que a guerra dos Mouros trouxe á terra necessidade de homens, já se communicam, e já o conversam, e já se deixa ver como homem, e não com aquellas ceremonias, de que ante usava, como se elle fora alguma divindade. Porque té os senhores de seu estado no modo de o ver, e fallar não pareciam vassallos, mas escravos; em tanto, que mandando elle recado ao mais poderoso delles per o mais baixo homem de sua casa, ainda que fosse ao Tigre Mahon, ou ao Barnagax, que na dignidade representavam Reys, tanto que em sua casa lhe era dito que lhe vinha hum recado do Preste, logo em continente se sahia de sua casa, e no campo, e a pé, nú da cinta pera cima havia de receber o seu recado. Ouvindo o qual recado, se era em contentamento do Preste, vestia-se das mais nobres vestiduras que tinha, e tornava a cavalgar, e hia-se pera casa; e se era em seu descontentamento, a pé, nú como estava, se tornava. E a primeira palavra que estes mensageiros diziam da parte d'ElRey, era: *ElRey vos envia saudar*; á qual palavra todos por cortezia, e acatamento hiam com a mão ao chão. Outros muitos costumes tem a gente Abassij, e o seu Principe, que

são mui diversos dos nossos, os quaes (como já dissemos) leixamos pera o Commentario da nossa Geografia, porque este lugar não requer mais.

C A P I T U L O III.

Como Diogo Lopes de Sequeira se vio com o Barnagax, hum principal Capitão do Preste, com o qual assentou paz; e entregue o Embaixador Mattheus, e D. Rodrigo de Lima, que elle em sua companhia mandou ao Preste, se partio pera ir invernhar a Ormuz: e o mais que fez neste caminho.

O Governador Diogo Lopes de Sequeira, ante que estes Padres do Mosteiro de Visão, que elle com tanta solemnidade (como dissemos) mandou receber, tinha secretamente enviado a elle hum Fernão Dias, homem que sabia mui bem a lingua Arabia, que geralmente se falla per aquellas terras, pera que notadas as couças do Mosteiro, e Religiosos delle, o pudesse bem informar, e de tudo estar avilado quando os Religiosos, que Mattheus mandára chamar, viessem saber se respondia o seu dito com a vista delle Fernão Dias. E porque elle tardava, e os Frades eram vindos, os quaes contavam muitas couças da sua Religião,

gião, número, grandeza das casas que tinham, e assi dos muitos Religiosos que nel-las havia; e que o Mosteiro de Visão, que he da vocação da Ordem de Jesus, era hum dos principaes que elles tinham: o Ouvidor Pero Gomes Teixeira zeloso das cousas de nossa Fé, desejando ver per si o que estes Frades diziam, pediu licença ao Capitão mór, que em companhia delles o leixasse ir ver aquelle Mosteiro. Diogo Lopes quando vio que huma tal pessoa, como era Pero Gomes, se offerencia a este caminho, per o qual podia ser melhor informado das cousas que desejava, que per outra pessoa alguma, agradecia-lhe muito esta ida, dizendo, que lhe havia grande inveja a ella. Finalmente Pero Gomes se foi em companhia dos Frades té a Villa de Arquico, e dalli o Capitão do lugar mandou hum seu irmão com elle; e sendo no caminho, começaram achar magotes de gente do Barnagax, que se vinha ver com Diogo Lopes. E quando chegavam a estes magotes, o irmão do Capitão de Arquico, por obediencia, e reverenciar a pessoa do Barnagax, cuja aquella gente era, se descia a pé, e lhe fallava; e tornado a cavalgar quando vinha outra, fazia outro tanto, nas quaes ceremonias, segundo seu uso, se foram detendo hum bom espaço, té que vieram encontrar com a pes-

foa d'elle Barnagax , o qual trazia ante si quatro mulas a destre mui formosas , e quatro cavallos grandes , como os de Andalu- zia em Hespanha , e toda a gente que acom- panhava o Barnagax vinha de mulas. O ir- mão do Capitão de Arquico , visto a pessoa d'elle , per espaço de hum tiro de besta se apeou , e fez apeaar a Pero Gomes , e am- bos a pé foram contra o Barnagax a lhe fallar ; o qual por honrar Pero Gomes , te- ve a redea da mula em que vinha ; e che- gados elles , lhe beijáram a roupa no lugar do geolho direito , segundo seu costume de reverenciar as pessoas tão notaveis. O qual Barnagax , depois que soube de Pero Go- mes quem era , e a romaria que hia fazer , e como o Capitão estava esperando por el- le , respondeo com palavras de homem pru- dente , que o mesmo desejo de se ver com o Capitão mór o movéra áquelle caminho que fazia ; e que a romaria que elle Pero Gomes hia fazer era tão perto , que bem poderia tornar ante que elle Barnagax se visse com o Capitão ; que lhe pedia por amor d'elle que assi o fizesse , porque folga- ria de fallar primeiro com elle ; e assi se fez. Porque Pero Gomes , vista a casa , e to- mada informação do que desejava saber dos Padres do Mosteiro , dos quaes foi mui berr recebido , se tornou pera Arquico. Dos

quaes Religiosos houve hum livro escrito em lingua Chaldea, em que elles tem toda a lenda da Igreja, de Evangelhos, Epistolas, Psalmos de David que rezam, e outras cousas que respondem á Igreja Romana, e algumas segundo seu uso. Chegado o Barnagax ao lugar Arquico, per meio de Pedro Gomes houve alguns recados entre elle, e o Capitão mór Diogo Lopes sobre o lugar onde se ambos haviam de ver; por que hum requeria que fosse no proprio lugar Arquico, que do pouso onde as náos estavam, (que era hum pouco abaixo,) a elle haveria duas leguas, e outro queria dentro em as náos. Nas quaes dúvidas se metteo conselho dos Mouros, a quem nossa amizade com o Preste era mui odiosa por ser em sua destruição, os quaes mettêram tanta desconfiança no animo do Barnagax, que não havia remedio pera querer que as vistas fossem de outra maneira, té que entreveio nisto ir Antonio de Saldanha a elle. E entre muitas práticas que ambos tiveram sobre este negocio, depois de elle regeitar arrefens de parte a parte, escusando-se disso com dizer, que onde havia Christandade havia de haver toda a verdade, em hum Sacerdote querendo descobrir huma Cruz, que levava de prata, que Antonio de Saldanha pera o provocar lhe queria en-

tregar, como penhor de seguridade de sua
 pessoa naquelle acto das vistas, levantou-se
 muito rijo donde estava, indo á mão ao
 Sacerdote que não descubrisse a Cruz; di-
 zendo, que pera cousas de tão pouca im-
 portancia, como eram as que se entre elles
 tratavam, pera que era entrevir o final de
 que dependia toda nossa Fé? E sem mais
 altercar nas dúvidas que tinha, disse, que
 era contente de chegar á praia, que estava
 defronte de Arquico. E pois diziam que as
 náos por razão dos baixos não se podiam
 mover do lugar onde estavam pera vir al-
 li, que viesse o Governador em navios de
 remo, e que ambos se veriam na praia. Tan-
 to poder tem a vista daquelle final entre
 aquella barbara, e rustica gente, creada na
 codea da nossa lei, que mais os segura a
 vista delle pera não temerem perder a vida,
 que a nós, creados na policia da Igreja Ro-
 mana, e verdadeiro entendimento da lei
 Evangelica, os juramentos solemnizados com
 tanto sacramento de palavras na segurança
 dos bens, a que chamamos fazenda. Don-
 de parece que mais tem aproveitado a estes,
 nesta parte, a ignorancia da luz da lei, que
 a nós a claridade della. Finalmente este Bar-
 nagax, como homem seguro dos temores
 que lhe os Mouros punham, e sem pontos
 de honra, (materia que faz toda discordia,)

elle se veio ver com Diogo Lopes á praia, acompanhado com té duzentos homens de cavallo, e dous mil de pé, os quaes entrou ao Capitão de Arquico como guardado do campo; e sahindo-se do corpo desta gente, veio com té seis pessoas ao lugar onde estavam ordenados assentos, em que se haviam de assentar. O vestido de sua pessoa era ao modo Alarve, huma camisa branca de lenço vestida sobre outras roupas, e em cima hum bedem preto, e na cabeça huma touca branca de lenço. E segundo se depois soube, elle, e os seus vinham em habito honesto, e triste, por haver poucos dias que em huma entrada que elle fizera nas terras dos Mouros contra as partes do Egypto, perdêra hum filho, e quatrocentos de cavallo, per o qual caso o Preste estava descontente d'elle, dando-lhe a culpa disso. Diogo Lopes veio a modo contrario com té seiscentos homens vestidos de festa; e quando vio a ordenança em que o Barnagax deixava a gente que trouxera comligo, poz a sua ao longo da praia em ordem de boa mostra; e sahido com outros seis homens, pera elle Diogo Lopes, e Embaixador, e hum catele cuberto de seda pera o Barnagax, por este ser o modo da maior honra, que elles pötem ter em seu assento. Che-

gados a hum tempo a este lugar, assentáram-se todos tres; e depois de feitas suas cortezias, segundo o uso de cada hum, e darem graças a Deos polos ajuntar naquele acto de congregação Christã, em amor, e paz, começou Diogo Lopes dar conta das cousas que eram passadas, assi nas diligencias que os Reys de Portugal tinham feito por ter conhecimento, e communição com aquelle Emperador da Abassia tão nomeado per toda a Christandade, como as dividas que os Capitães da India tiveram, quando víram lá o Embaixador Matheus, parecendo a todos ser alguma industria dos Mouros pera fim de seus negocios. Porém depois de elle ser em Portugal, ElRey D. Manuel, que então reinava, o recebeu como se devia receber o Embaixador de tal Principe, e que per alguns inconvenientes, e occupaões que houve no Reyno, não foi logo despachado. Depois vindo á India, ElRey D. Manuel seu Senhor mandára a Lopo Soares o Governador passado, que fora ante delle, que entrasse no estreito poderosamente, e entregasse a elle Matheus naquelle porto de Arqico aos Capitães delle: e assi por falecer o mesmo Embaixador, que ElRey com elle mandava, e por tempos contrarios não pode haver effeito aquella vista, **Acto de**

irmandade, em que elle Diogo Lopes, e elle Barnagax estavam. Porque as cousas per Nosso Senhor ordenadas pera tamanho fructo, como aquelle seria, convinha terem estes principios de trabalho pera maior consolação, e merito daquelles, que per elle mesmo Deos os soffriam. E pois Deos fizera a elle Diogo Lopes tão particular mercê, que o chegára áquella hora em que estava, duas cousas lhe convinha fazer pera cumprir com a instrucção que lhe ElRey D. Manuel seu Senhor mandava: a primeira, levar hum authentica certidão d'elle Mattheus como ficava naquelle porto entregue a elle Barnagax, pessoa das mais principaes daquelle Reyno, e alli hum Embaixador seu, que mandava que fosse ao Preste em companhia d'elle Mattheus em lugar do outro que faleceo. E a segunda era fazer hum fortaleza na Ilha Camarão, ou naquella Maguá, qual pareceffe mais proveitosa pera guerrear os Mouros daquelle estreito do mar Roxo, conformando-se nisto com a vontade do Preste, e tambem tomar emenda d'ElRey da Ilha Dalaca, pola morte de hum Capitão Portuguez, que alli foi ter na entrada de Lopo Soares, segundo elle Mattheus sabia, como pessoa que este negocio prognosticou, por saber ser aquelle Mouro homem atraçoado. E que quanto a elle Mattheus

theus ser entregue, disso estava já satisfeito, e o Embaixador, que com elle havia de ir, era aquelle Fidalgo, amostrando a D. Rodrigo de Lima, filho de Duarte da Cunha de Santarem, o qual era hum dos seis que levava consigo já ordenado para este acto, que por não estarem ainda prestes algumas pessoas que com elle haviam de ir, e assi cousas para a pessoa do Preste, por isso lho não entregava logo. Que elle havia de ir em companhia d'elle Matheus té o Mosteiro de Visão, onde (segundo elle dizia) por sua devoção havia de estar alguns dias: que alli pedia a elle Barnagax que mandasse alguma pessoa, que o encaminhasse té a Corte do Preste, quando elle Matheus tivesse algum impedimento de não poder ir tão cedo. Que quanto ao fazer da fortaleza, por aquelle anno lhe parecia que não podia ser, assi porque a elle Capitão mór lhe convidava ir invernar fóra do estreito, por ter perdidas a maior parte das munições que trazia em huma náó que perdêra, como por haver ainda de vir recado do parecer do Preste sobre este caso; e que conformando-se com o breve tempo que tinha de caminhar, daria humia vista a Dalaca. O Barnagax, em quanto Diogo Lopes disse estas cousas, esteve mui attento, e a todas respondeu como homem prudente; e per der-

radeiro em confirmação de paz, e amizade, que alli assentáram, veio hum Sacerdote, e apresentou huma Cruz de prata dou-rada, em que ambos a haviam de jurar. A qual Cruz tomando o Barnagax na mão pe-lo pé, e posto em geolhos, disse: *Aquella paz, e amor que Christo Jesus nosso Redemptor mandou a seus discipulos que hou-vesse entre elles, esta seja entre nós-outros, que professamos sua Fé, a qual quanto em mim for, por parte d'ElRey David meu Senhor cumprirei, e assi o juro neste sinal de nossa salvação.* Diogo Lopes per seu mo-do feito outro tal juramento, tornáram-se assentar; e depois que hum pedaço estive-ram praticando nas cousas da guerra, que aquelles dous Principes, (cujas pessoas elles alli representavam,) tinham com os Mou-ros, e Pagões, espediram-se hum do outro, por o tempo não ser pera mais, por causa da grande calma que fazia. Na qual vista Diogo Lopes mandou dar algumas peças de armas ao Barnagax, e hum corpo intei-ro dellas, com que estava armado hum ho-mem, que elle pedio por ser a elle cousa nova aquelle corpo de armas brancas. Em retorno das quaes peças elle mandou logo a Diogo Lopes hum cavallo, e huma mu-la, e cincoenta vaccas, que se repartíram pelas náos; e ao seguinte dia o tornou Dio-go

go Lopes visitar com mais algumas peças, e assi ao Capitão de Arquico. Finalmente naquelles dous, ou tres dias que o Barnagax esteve em Arquico depois destas vistas, sempre de huma parte, e da outra houve visitasões, té que elle se mandou expedir de Diogo Lopes, dizendo, que lhe convinha partir-se, e que ao Capitão de Arquico ficava recado pera dar aviamento ao Embaixador que havia de mandar. No despacho do qual Diogo Lopes entendeu logo, e ordenou irem em sua companhia té treze pessoas, de que as principaes eram Jorge d'Abreu d'Elvas, segunda pessoa depois de D. Rodrigo, João Escolar Escrivão da Embaixada, Lopo da Gama, João Gonçalves Feitor, e lingua, Manuel de Mariz tangedor de orgãos, por razão de huns que hiam de presente ao Preste entre outras cousas da Igreja que lhe mandava, e Francisco Alvares Sacerdote. O qual desta viagem em que foi, e assi do que lá soube, e alcançou, segundo a possibilidade de seu engenhio, compoz hum livro, mais puro que doutamente, que ora anda convertido em lingua Italiana. Apercebido D. Rodrigo do necessario a sua viagem, com hum honrado presente que levou, assi de armas, como de ornamentos de casa, e principalmente das cousas necessarias ao culto Divino,

segundo o uso Romano, foi elle, e fua companhia, e o Embaixador entregues ao Capitão de Arquico, segundo a ordem que o Barnagax pera isso leixou; e por testemunho do acto desta entrega, que se em Arquico fez, no proprio lugar della se arvorou hum grande Cruz de páo. E parece que Nosso Senhor tinha limitada a vida de Matheus no Mosteiro de Visão, onde elle desejava chegar; porque chegados a elle, faleceo, e D. Rodrigo seguiu seu caminho á Corte do Preste, onde chegou: e do que lá fez adiante faremos relação, porque aqui convem continuar com Diogo Lopes. O qual em quanto esteve naquella Ilha Maguá, sempre hia ouvir Missa á mesquita da povoação, á qual mandou poer nome *Santa Maria da Conceição*: e a primeira Missa que se nella disse, foi das Chagas, por ser em festa feira depois das oitavas da Pascoa, em que houve muitas lagrimas de devoção dos nossos, vendo o lugar onde Nosso Senhor os tinha levado, e quanta mercê d'elle recebiam, pois em lugares onde elle era blasfemado per Mouros, e Gentios, elles eram ministros daquellas oblações, e sacrificios a elle accetos, por ser em memoria do sangue de Christo Jesus. Por a qual obra sempre a nação Portuguez seria louvada, e trazida na boca das gentes de

geração em geração té o fim do Mundo; e no outro teriam premio de Catholicos nesta vinha militante do Senhor. Diogo Lopes, acabadas estas cousas com grande prazer de todos, e feita a sua aguada nas cisternas que havia na Ilha, partio-se via da outra chamada Dalaca, onde chegou, a qual será de trinta leguas, quasi todo este comprimento lançado ao longo da terra firme de Africa chamada Abasiua. A terra da qual Ilha he baixa, cheia de muitas ilhetas, e baixos; e se não he tão doentia como o sítio della mostra, he porque os ventos que alli cursam, quasi todos lhe vem por cima da agua, na qual ha sómente humna Cidade nobre, chamada como a mesma Ilha, a fóra outras povoações pequenas á manciara de aldeas. As quaes, por serem maritimas, onde os nossos podiam ir, todas estavam despejadas, temendo esta visitação, que lhes havia de ser feita, e por isso não houveram dellas mais despojo, que algum gado, que a gente commum matou, entre o qual eram camelos, a carne dos quaes haviam por bom refresco. Diogo Lopes, por que alli não havia mais que fazer, por sinal do que fizera aos moradores, se os acháram, mandou derribar algumas casas notaveis de pedra, e cal, e poer fogo á Cidade. Partido dalli, foi haver vista da ou-

tra costa da Arabia; porque como aquella da Abassia era cheia de muitas Ilhas, e baixos, e ainda per nós não navegada, não quiz sahir do estreito per aquelle canal; e tambem pera de lá mandar á Ilha Camarão hum navio saber se foram lá ter dous galeões, que se apartáram d'elle, Capitães Christovão de Sá, e Francisco de Mello, e não achando nova delles, que o seguisse. Sahido do estreito, foi ter onde perdeu a sua náó Santo Antonio, de que ainda mandou recolher tres ancoras, que se puderam haver, e daqui partio pera Adem, onde foi visitado com muito refresco. E por muita pressa que se deo em sahir de entre estas duas terras que fazem o estreito, temendo poder sobrevir o tempo, que tanto damnou fez a Lopo Soares, já quando começou descobrir a garganta que faz o Cabo de Guardafú, e a terra Arabia, achou tantas cerrações, e tempo do inverno, que não se pode espedir daquella paragem sem perder todos os bateis das náos que levava per popa, por os comerem os mares grossos. E assi hum galé real, Capitão Jeronymo de Sousa, que se alagou junto da terra Arabia, além do Cabo Fartáque onde morreo muita gente nobre, entre os quaes foi Manuel de Sousa Galvão, filho de Duarte Galvão, com que aquelle estreito ficou por

por sepultura de dous filhos, e hum pai, e assi morreo Pero da Silva de alcunha o Casfre: e milagrosamente no batel da galé escapou o Capitão Jeronymo de Sousa com onze homens, de que os principaes eram Henrique Homem, e Pero Borges. E havendo dous dias que andavam na lingua das ondas a Deos misericordia, chegáram a terra, onde passáram outra tanta fortuna. Porque como toda aquella costa he de Mouros Arabios, per espaço de cem leguas que fizeram caminho sempre ao longo da praia, além da fome, sede, e outros trabalhos de tão comprida jornada, recebêram delles tal companhia de pancadas, vituperios, leixando-os em coiro, que quando chegáram a Lalão, que está na fronteira do Cabo Roscalgate, não levavam já figura de homens; tão corridos os tinha o Sol, e tão desfigurados os fizera a fome, sede, e trabalhos que passáram. E porque o Xeque desta Cidade era vizinho de Calayate per espaço de quinze leguas, e mui familiar d'ElRey de Ormuz, por lhe parecer que nisto o comprazia, os teve alli alguns dias pera recobrem suas forças, e depois vestidos, e acompanhados de gente os mandou a Calayate, e dalli vieram os nossos, como veremos. Diogo Lopes de Sequeira correndo tambem sua tormenta, veio com a Armada ter á Villa

Calayate, onde achou Jorge d'Albuquerque, que (como atrás fica) o veio aqui esperar, e alli ao Doutor Pero Nunes, a quem deo posse do officio de Veador da Fazenda que levava per ElRey. E ante que se daqui partisse, sendo já no fim de Junho do anno de quinhentos e vinte, chegou huma não, que deste Reyno partio aquelle anno, Capitaõ e Piloto Pedro Eanes, Francez de alcunha, ao qual por ser homem diligente, e que sabia bem as cousas do mar, ElRey D. Manuel mandava com cartas a Diogo Lopes sobre algumas cousas de seu serviço. E tambem com a nova do que tinha sabido da Armada que o Soldão fazia, e lhe tinha enviado dizer per Pero Vaz de Véra, temendo que per algum acontecimento não passasse á India com este recado. E esta foi a causa por que Pedro Eanes foi demandar aquella paragem, por em Moçambique achar recado como Diogo Lopes mandára alli chamar Jorge d'Albuquerque. E entre outras cousas, que ElRey mandava a Diogo Lopes que fizesse aquelle anno, era, que na mesma não com Pedro Eanes enviasse alguma peãoa, de que elle confiasse esta ida a descubrir as Ilhas do ouro, a través da Ilha Camatra, de que já atrás escrevemos, por lhe muitas peãoas, que andáram naquellas partes da India, darem grande es-

perança de se poderem descobrir. A qual
 ida Diogo Lopes logo alli deo a Christo-
 vão de Mendouça filho de Pero de Mendou-
 ça Alcaide mór de Mourão, da viagem do
 qual adiante faremos menção. E pera que
 ElRey foubesse o que elle Diogo Lopes fi-
 zera naquella entrada do estreito, que lhe
 mandára fazer, enviou com este recado a
 Pero Vaz de Véra, costumado levar as no-
 vas deste estreito, o qual chegou a este Rey-
 no, onde a sua vinda foi mui celebrada,
 não sómente com festas temporaes, mas ain-
 da espirituaes de solennes procissões, dando
 louvores a Deos polo descobrimento daquel-
 le Emperador da Abassia, chamado Preste
 João, tão desejado neste Reyno. E porque
 estas novas fossẽ mais celebradas em as
 Cidades, e Villas do Reyno, ElRey lhe
 escreveu, notificando-lhe o que Diogo Lo-
 pes fizera, tudo muito particularmente por
 dar noticia a todos do estado daquelle Prin-
 cipe Christão té então mal sabida, da qual
 obra elle tinha tanto contentamento, como
 de se descobrir per elle a India, por estas
 duas cousas nestas partes da Christandade
 serem muito incognitas, e a noticia dellas
 escura, e em muitas cousas falsa. Diogo Lo-
 pes, despachado Pero Vaz, porque aquelle
 ponto de Calayate não era tão bom como
 o de Mascate pera as náos grandes inver-

narem, passou-se a elle, e alli deixou Jorge d'Albuquerque por Capitão de todas, e elle foi invernar aquelle anno a Ormuz, levando consigo todas as vélas de remo, ao qual leixaremos té dar conta do que se passou na India, em quanto elle fez esta viagem do estreito, e invernou em Ormuz.

C A P I T U L O IV.

Em que se escrevem algumas cousas dos estados d'ElRey de Narsinga, e Hidalcão, e huma guerra que entre si tiveram em quanto Diogo Lopes foi ao estreito, e o que della resultou em proveito nosso.

NO principio do livro quinto da segunda Decada, tratando das cousas de Goa, e como os Mouros se fizeram senhores da terra chamada Decan, e parte da Canará, demos huma geral noticia dos Principes que nellas havia, e as contendias que entre si tinham. E como esta guerra sempre foi entre estes dous estados, hum dos Mouros, e outro dos Gentios, e os mais poderosos no tempo em que nós entrámos na India, nestas duas Provincias Decan, e Canará, eram o Hidalcão Mouro, e ElRey de Narsinga, ou Bisnagá Gentio, e deste não temos dado tanta noticia como do outro;

polo que convem determo-nos hum pouco
 nisso, pera se mais claramente ver a causa
 que Ruy de Mello Capitão de Goa teve
 pera tomar as terras firmes sujeitas ao Hi-
 dalcão, em quanto Diogo Lopes de Sequei-
 ra andou nas partes que escrevemos. E tam-
 bem porque se saiba a potencia deste Prin-
 cipe, com que tinhamos vizinhança, e tan-
 tos negocios, como se verá per o decurso
 desta historia: posto que entre elle, e nós
 não houve rompimento de guerra, ante pro-
 curou sempre nossa amizade, e de nós re-
 cebeo ajudas, com que alcançou vitorias de
 seus inimigos, como se logo verá. E posto
 que dando nós noticia de como se serve, e
 dos apparatus de sua casa, davamos huma
 mostra em que se podia julgar sua riqueza,
 e poder, por serem cousas de Principes de-
 liciosos, e soberbos, que querem com ou-
 ro, prata, e muita policia fazer suas casas
 templos de adoração, e no serviço de suas
 pessoas huma maneira de idolatria, com que
 querem ser servidos dos seus povos, leixare-
 mos todas estas superstições, que procedem
 do sobejo ter, e repouso da vida, por tra-
 tar da maneira com que este Principe Gentio
 se apercebeo pera ir tomar huma Cidade,
 que era do Hidalcão; porque em nenhuma
 cousa com razão se póde melhor notar a po-
 tencia, e ser de hum Principe, que nos ap-

paratos, e ordem das cousas do exercicio anilitar. Porém porque este seu apparatus não pareça aos que tem pouca noticia dos Principes daquelle Oriente, maior nesta escriptura, do que seria em verdade, diremos o modo que tem de fazer tanta gente de guerra. Segundo o que temos sabado dos Officiaes da fazenda daquelle Principe, quasi regularmente em cada hum anno tem de renda doze contos de pardaos de ouro, cada hum dos quaes pardaos val da nossa moeda trezentos e sessenta reaes, e delles sómente enthesoura em cada hum anno tres contos, ou dous e meio. Todo o mais dispende no governo de seu Reyno, e serviço de sua caia; e principalmente em ter feita gente contra dous generos de vizinhos, com que a maior parte do tempo tem guerra, hum he ElRey de Orixá, ou Oria, Gentio; e os outros são os Capitães do Reyno Decan Mouros. E esta gente de guerra se faz per duzentos Capitães que elle tem, aos quaes dá terras no Reyno com obrigação que tenham ordinariamente feita certo número de gente de cavallo, e tanta de pé, e tantos elefantes pera quando quer que forem chamados, acudirem logo. E pera estarem melhor apercebidos, certas vezes cada anno gente de sua obrigação, ou mal armada,

manda-lhe ElRey tirar a capitania ; e aos que andam concertados com o número , e armas da sua gente vai-lhes ElRey accrescentando as quantias. E o rendimento das terras , que ElRey dá a estes Capitães , se reparte em terços ; ElRey leva hum , e os dous são pera os soldados de sua capitania , e mantença de sua pessoa. E ha Capitania destas , que rende hum conto e cem mil pardaos , outra oitocentos , e daqui pera baixo té cincoenta mil. E quem tem tal rendimento de seu Reyno , e assi reparte com seus Capitães , e tem tal ordem na maneira de seu governo , levemente pôe em campo hum tão grande exercito como este Principe levou pera ir tomar a Cidade Rachol , e o fundamento disso procedeo desta causa. Havendo o Hidalcão , o principal senhor do Reyno Decan , e ElRey Crisnaráo de Bifnagá paz assentada pera muitos annos das guerras que entre estes dous estados houve , e desejando elle Crisnaráo cumprir o que seu pai Marsanay mandára em seu testamento , que era tomar a Cidade Rachol , que o Hidalcão nas guerras passadas tinha tomado , por não lhe mover guerra sem causa , usou de hum artificio com que a pudesse quebrar , e foi este. Nas capitulações das pazes , que entre elles eram assentadas , se continha , que quando de Reyno a Reyno foggisse algum

homem, que fizesse roubo, ou furto, era cada hum delles obrigado de entregar ao outro; e não o entregando, e querendo-o defender, quebrava a paz. A qual capitulação nunca o Hidalcão cunprio em muitos Gentios, e Mouros, que se tinham acollido a suas terras com sommas de dinheiro, que levavam d'ElRey, e de seus Capitães, e com peitas que davam se dissimulava com elles de maneira, que as partes nunca houveram o seu. Crisnarão, como sabia que neste laço podia acolher o Hidalcão, chamou hum Mouro per nome Cide Mercar, o qual andava em coulãs de seu serviço havia muitos annos, e mandou-lhe entregar quarenta mil pardaos, com os quaes fosse a Goa comprar cavallos, dos que alli vinham de Ormuz. Escrevendo elle Crisnarão cartas ao Capitão nosso, em que lhe commendava, que pera aquelle negocio lhe dêsse todo favor, isto a fim de o caso ser mais notorio a todos pera seu proposito. Cide Mercar, ou que a somma do dinheiro o tentou, ou que foi movido por huma carta, que dizem ser-lhe dada do Hidalcão, em elle chegando a huma tanadaria chamada Pondá tres leguas de Goa, dalli se foi a elle. O qual como o teve consigo, o mandou logo a Chaul, dizendo que lhe dava aquella tanadaria por ser homem honrado da

da casta de Mahamed, a que elle Hidalção queria honrar; però dahi a poucos dias desaparecco, e dizem que foi por elle o mandar matar, depois de lhe ter tomado os quarenta mil pardaos. Sobre o qual caso, depois de recados de parte a parte, ElRey Crisnaráo moveo seu exercito pera tomar a Cidade Rachol, denunciando, que o Hidalção per este modo tinha quebrado a paz, que entre elles havia: e ainda pera mais justificação sua, escreveu a alguns Capitães do estado do Reyno Decan, assi como ao Cóta Maluco, Madre Maluco, e a Melique Verido vizinhos d'elle Crisnaráo, por saber que não estavam bem com o Hidalção, e que lhe haviam de approvar aquelle seu proposito. Partido ElRey Crisnaráo da Cidade Bisnagá sua Metropoli, depois de ter feito muitos sacrificios, e oblações aos seus deoses polo successo daquella ida, começou a caminhar nesta ordem. O seu Porteiro mór chamado Camanaique levava a vanguarda com mil de cavallo, e dezeseis elefantes, e trinta mil homens de pé: e trás elle hia hum Capitão per nome Trimbecára com dous mil de cavallo, vinte elefantes, e cincoenta mil homens de pé: Seguia a este outro Capitão per nome Timapanaique com tres mil e quinhentos de cavallo, trinta elefantes, e sessenta mil homens de pé.

Hadapanaique, que seguia este, levava cinco mil de cavallo, cincoenta elefantes, e cem mil homens de pé; e trás elle hia Comdónara outro Capitão, que levava seis mil de cavallo, sessenta elefantes, e cento e vinte mil homens de pé, ao qual seguia o Capitão Comóra com dous mil e quinhentos de cavallo, quarenta elefantes, e oitenta mil homens de pé. Gendrajó Governador da Cidade Bisnagá, que seguia a este, levava mil de cavallo, dez elefantes, e trinta mil homens de pé; e trás elle hiam dous capados privados d'ElRey com mil de cavallo, quinze elefantes, e quarenta mil homens de pé. O page do betel d'ElRey levava duzentos de cavallo, e quinze mil homens de pé, e cem elefantes, ao qual seguia Comarbercá com quatrocentos de cavallo, vinte elefantes, e oito mil homens de pé. Vinha logo ElRey com a gente de sua guarda, que eram seis mil de cavallo, trezentos elefantes, e quarenta mil homens de pé, nas costas do qual hia o Gim da Cidade Bengapor; ao qual per razão do officio se ajuntavam grande número de Capitães, com os quaes fazia somma de quatro mil e duzentos de cavallo, vinte e cinco elefantes, e sessenta mil homens de pé. Além desta gente posta em tal ordenança hiam repartidos dous mil de cavallo, e cem mil homens em capitaniás pe-

queñas, os quaes á maneira de descubridores pela dianteira, trazeira, e lados de toda parte, duas, e tres leguas descubriam a terra, e assi ordenados, que per atalaias de hums á vista de outros em hum instante se sabia o que havia naquella distancia. E da provisão que cada hum destes Capitães levava de agua, por não perecer esta gente á sede, hiam doze mil homens sobrefalentes, repartidos pelo comprimento do fio desta gente, cada hum com seu odre de agua ás costas, pera que com necessidade della não se sahisse da ordenança que levavam. A recovagem deste exercito não se podia numerar, porque sómente de mulheres públicas passavam de vinte mil, e homens que lavam roupa, a que elles chamam Mainatos, e regatães, mercadores, officiaes mecanicos de todo officio, era cousa maravilhosa ver o número delles, e a ordem que cada hum tinha de se agazalhar quando ElRey se apou-sentava em alguma parte dous, e tres dias. Porque neste arraial se achavam praças cheias de todos os mantimentos, ruas, e tendas de mercadorias de toda sorte, té ourivezes, que não se contentavam de vender joias feitas, mas ainda as faziam, e lavravam a pedraria pera as fazer a contentamento dos com-pradores, como se estivessem em suas casas dentro na Cidade Bisnagá. E em que se notou

o grande número de gente, e animaes, que foram neste exercito, foi ao passar de hum rio, o qual aos primeiros dava por meia perna; e quando veio aos derradeiros, querendo beber achavam arêa, onde faziam covas por recolher huma pouca de agua. E não era muito, porque além deste número de gente, cavallos, e elefantes de peleja que dissemos, havia tão grande multidão de bois, e bufaros, que seguiam este arraial, que cubriam os campos, e podiam esgotar hum rio por cabedal que fosse; os quaes levavam todas as cousas que pera tamanho exercito se requeria, porque naquellas partes não de bestas, mas de bois, e bufaros se servem em as cousas da carga. A ElRey em todo este caminho no lugar onde se havia de alojar, per ordenança em meio de todo o exercito, quasi per centro d'elle lhe havia de ser feita huma cerca de mato grosso, de huma sorte de espinhos, que se dam naquellas partes, cousa mui alpera de romper, e que em circuito de muitas povoações se plantam pera lhe ficar em lugar de defensão, por serem sempre verdes, de maneira, que té o fogo entra mal nelles. Dentro da qual cerca se armavam as tendas do serviço da pessoa d'ElRey; e pegada á sua estava outra, que lhe servia de templo, onde adorava seus ídolos. E todas as manhãs, primeiro que ou-

tra cousa fizesse, recebia as benções do seu principal sacerdote Bramane, e era per elle mesmo lavado com agua pura, e outras ceremonias, em que elles põem a remissão dos peccados, e naquelle lugar recebia per este Bramane a resposta do que elle queria saber dos seus idolos sobre o successo daquella guerra. Primeiro que moveisse a qual, per número de novees lhe tinha sacrificado tantas mil aves, e tantas mil alimarias, dobrando cada hum destes nove dias o número de cada sorte, de maneira, que no derradeiro dia dos novees matou de cada nove fortes das aves, e alimarias duas mil trezentas e quatro cabeças, que fazem todas vinte mil setecentas e trinta e seis, que he bem diferente número das Hecatombas, de que usava o Gentio Grego, (tanto faz huma progressão dobrada,) e a carne destes animaes se dava aos pobres por amor do idolo a que eram sacrificados. Toda a sua gente de guerra, a de cavallo levava laudees de algodão embutidos assi no corpo, como na cabeça, e braços, tudo tão duro, que defendiam qualquer bote de lança, como se fossen laminas de ferro. E os cavallo acubertados tambem hiam armados da mesma sorte, e assi os elefantes, cada hum dos quaes levava seu castello, de que pelejavam quatro homens, e nos dentes postas humas bisarmas em revés

das outras, assi talhantes, que não se lhe tinha couza alguma. A gente de pé, que havia de pelejar, era repartida em frêcheros, lanceiros, e outros de espada, e adarga, as quaes adargas eram tão grandes, segundo seu uso, que cubriam todo hum homem, e por isso estes não levavam outras armas defensivas, como os outros que eram laudees.

CAPITULO V.

Como ElRey Chrisnardo assentou seu arraial, e combateo a Cidade Rachol, a qual tomou, depois que deo huma batalha ao Hidalcão em que o venceu, e esta tomada foi por favor dos nossos que se acharam com elle: e do mais que se passou entre estes dous Principes, no qual tempo Ruy de Mello Capitão de Goa tomou as terras firmes.

CHegado ElRey com este grande exercito á Cidade de Molabundim, que se rá pouco mais de huma legua da Cidade Rachol que hia tomar, assentou aqui seu arraial por dar repouso á gente, e tambem porque era tão perto, que segundo o número da gente que levava, em estar aqui alojada ficava ao pé do muro de Rachol, onde lhe ainda veio muita gente de outras Comarcas,

com que occupava as campinas daquellas Cidades, nas quaes dellas feitas á mão, e outras nadiveis havia grandes alagoas de agua. E ainda pera que a gente não percesse com a necessidade della, estava a Cidade Rachol assentada entre dous rios cabedaes; o maior dos quaes, que lhe ficava da parte do Norte, era da parte donde ElRey esperava que podia vir o Hidalcão; e outro, que estava da parte do Sul, era per onde elle viera, e dali ao rio haveria espaço de seis leguas, ficando a Cidade Rachol quasi no meio desta distancia. A qual Cidade per natureza estava mui bem situada, porque era sobre hum outeiro feito como huma teta, que a natureza no meio daquella campina creou, e de huma certa parte era pena viva, e todo o mais terra; e além deste sitio per si ser mui defensavel, os primeiros fundadores dobráram esta defensão com tres cercas de muros, que lhes fizeram, todo de tão grande cantaria, que estando huina sobre outra sem ter cal; a grandeza das pedras, e largura delle soffria ser per dentro entuihado assi da situação do monte que era bem ingreme, como de terra sobreposta quasi té as ameias. E em torno destas cercas pelo pé do monte tinha huma profunda, e larga cava, as torres da qual cerca eram tão bastas, que de huma a outra se podia fallar, e ouvir o que diziam;

e entre torre, e torre, principalmente nos lugares de suspeita, posta muita artilheria, de que sómente a grossa eram duzentas peças. Além destas couças, o que fazia mais forte esta Cidade, era, que no bico alto desta torre, onde estava feita huma fortaleza, alli arrebetava huma fonte de muita, e boa agua, a qual, e assi poços, e tanques feitos á maneira de cisternas descobertas, que estavam dentro das cercas, tinham tanta cópia della, que bastava pera quatrocentos homens de cavallo, vinte elefantes, e oito mil homens de pé, que alli estavam de guarnição, pera os quacs havia tanta provisão de mantimentos recolhidos, que poderiam soffrer hum cerco por tempo de tres annos. El Rey depois que per seus Capitães foi certificado desta defensão que a Cidade tinha, no dia, e hora, que os seus Brameses deram por eleição, a mandou combater: però assi neste dia, como em outros, que foi combatida per espaço de tres mezes, ella se defendeo á custa de muitas vidas de ambas as partes. E chegou o negocio a tanto, que pera dar animo á gente de pé, que se não chegava bem ao combate do muro, por a artilheria fazer muito damno, vieram os Capitães deste combate comprar por dinheiro qualquer pedra, que hum homem trouxesse do pé del- le, por os fazer chegar. No fim do qual

tempo veio nova a ElRey, que o Hidalção era chegado, e se apouentára além do rio, que estava da parte do Norte, per onde elle esperava que podia vir, e que trazia dezoito mil de cavallo, cento e cincoenta elefantes, e cento e vinte mil homens de pé, archeiros, espingardeiros, e outros de lança, e espada ao seu modo. Passados alguns dias, nos quaes ElRey mandou sempre ter vigia no que o Hidalção fazia de si, vendo que se não mudava, mandou combater a Cidade pera ver em que se determinava. O Hidalção havido seu conselho, e vendo que ElRey, como quem não fazia muita conta d'elle, não se mudava da estancia que tomára, nem menos lhe vinha defender o passo do rio, e hia per seus combates em diante, quasi como affrontado desta pouca estima em que ElRey tivera sua chegada, foi tomar hum váo abaixo que o rio fazia. Passado o qual, foi assentar de noite seu arraial logo na margem d'elle, porque não sómente lhe defendia as costas, mas ainda lhe servia pera beber o grande número de gente que trazia; e per toda outra parte ficou cercado de huma cava, que mandou fazer, e vallos com sua artilheria, que era muita, e grossa, em que elle trazia grande confiança, por saber que seu inimigo não vinha tão provido della. ElRey como não de-

sejava mais que vello, passado da parte donde elle estava, ainda que sería de hum a outro espaço de tres leguas per as campinas, que dissemos, tomada eleição do dia per seus Bramanes, com suas azes ordenadas foi commetter o arraial; o qual logo naquelle primeiro impeto da gente, quasi per todo foi tão bem commettido, que muita della era já dentro nas cavas, quando o Hidalcão mandou desparar a artilheria, que té aquella hora de industria mandou que não tirasse. E como o campo todo era coalhado de gente de pé, e cavallo, foi tamanho o estrago que fez em todos, e os elefantes allí tornáram atrás furiosos do espanto della, que sómente elles fizeram grande parte do dano. Sobre o qual estrago sahio hum corpo de gente dentro do arraial, que poz todo o Gentio em fogida per espaço de meia legua. Quando o rumor da gente que fogia foi dar onde ElRey vinha em sua batallia, como era cavalleiro de sua pessoa, tirou hum anel de hum dedo, e o deo a hum page, dizendo em alta voz: *Trabalha por te salvar, e leva este sinal a minha principal mulher, e dize-lhe, que ella, e as outras, tanto que souberem que eu sou morto, me acompanhem na morte, porque ante eu quero que o Hidalcão se glorie que me matou, que venceo.* E tornando virar o rosto, disse aos

aos principaes Capitães que estavam com elle :
Quero ver quem segue minha fortuna. Aca-
 bando as quaes palavras, como homem of-
 ferecido a morrer, fez volta á gente que
 fogia, mandando matar nella, como nos
 proprios inimigos; porque se fugiam de hum
 perigo, soubessem ter a morte no lugar on-
 de buscavam amparo da vida. Finalmente
 com este furor delRey assi se mudou o
 animo dos seus, que vindo fogindo como
 ovelhas, voltando se fizeram leões, té que
 mettêram os Mouros em fogida; e não cu-
 rando parar no arraial, lançavam-se ao rio,
 onde morreo grande número de gente. E
 se ElRey não se mostrára piedoso, mandan-
 do aos seus que não fizessem mais mal, di-
 zendo que eram innocentes da culpa do Hi-
 dalcão, quasi toda aquella gente perecêra
 na passagem do rio. E vendo-se senhor do
 arraial, foi descer á tenda do Hidalcão,
 dizendo que bastava a hum homem fazer-se
 senhor da casa de seu inimigo. No qual def-
 barato foram prezos cinco Capitães do Hi-
 dalcão, e o geral delles, que se chamava
 Salebatecan, em guarda do qual andavam
 quarenta Portuguezes, que se lançaram com
 os Mouros por crimes que tinham feito en-
 tre nós; os quaes, por salvar a pessoa de
 Salebatecan, morreram todos; e elle depois
 de lhe serem mortos dous cavallos, com
 duas

duas feridas foi tomado. O despojo que se tomou naquelle desbarato, foram quatro mil cavallos dos Arabios, cem elefantes, quatrocentos tiros de artilheria grossa, a fôra outra miuda, rocijs da terra, bois, bufarros, gado, tendas, pavilhões; e cativos, e cativas foi cousa sem número, dos quaes cativos ElRey por grandeza mandou soltar muitos. Passado este dia, deteve-se ElRey no arraial do Hidalcão quatro, nos quaes mandou queimar dezeseis mil corpos de homens dos seus, que alli morrêram, e por suas almas dar muitas esmolas pera os seus templos, e pagodes, e dos Mouros que morrêram não se fez conta, porque a não tinha. O modo que o Hidalcão teve de escapar deste furor d'ElRey, foi conselho de Sufo Larij senhor de Bilgão, que depois por accrescentamento de honra houve nome Sadacan, com quem pelo tempo em diante tivemos muitos negocios. O qual como era homem que sempre usou de artificios, e todos seus serviços eram de cautelas, e resguardos á vida, aconselhou ao Hidalcão que se leixasse estar dentro no arraial, té passarem os primeiros impetos de ambos os exercitos; e como vio a furia com que ElRey vinha com quatrocentos homens de cavallo, disse ao Hidalcão: *Senhor, hoje não he o teu dia; se queres viver, segue-me,*

me, que eu te porei em salvo; e assi o fez, indo buscar outro váo, e caminhos que elle trazia bem decorados pera os taes tempos. E não sómente elle, mas hum capitão, de dous que estavam dentro na Cidade Rachol, fez outro tanto, o qual vendo que ElRey abalava pera ir ao arraial do Hidalcão, sahio da Cidade nas costas delle com duzentos de cavallo, e elefantes, e alguma gente de pé; e como vio o defbarato, tornava-se recolher á Cidade, mas não o quizeram recolher, com que lhe conveio pôr-se tambem em salvo. Tornado ElRey ao seu arraial, depois de recolhido o despojo do Hidalcão, ordenou de tornar ao combate da Cidade, no qual tempo acertou de ir ter com elle hum Portuguez per nome Christovão de Figueiredo, que vivia em Goa, e levava huns poucos de cavallos Arabios a vender a ElRey, em companhia do qual iriam té vinte Portuguezes, delles que tambem liam lá fazer sua fazenda, e outros em sua companhia, e todos com espingardas, e armados como gente de guerra. ElRey, porque Christovão de Figueiredo era já conhecido delle por razão destes cavallos que costumava levar, e tambem por ser homem mui aprazivel em toda parte, fez-lhe grande gazalhado. O qual per seu modo de comprazer a ElRey, pediu-lhe licen-

ça que lhe leixasse ir ver o sitio da Cidade, o que lhe concedeo, dando-lhe alguma gente que fosse com elle em sua guarda. Chegado Christovão de Figueiredo mui perto dos muros da Cidade per a parte mais encuberta que elle vio, esteve notando os lugares per onde lhe parecia ser a entrada menos perigosa; e estando assi com os Portuguezes de sua companhia mais perto do muro, que o Gentio que lhe ElRey mandou dar, apparecêram per cima das ameias muitos Mouros. Christovão de Figueiredo como levava sua espingarda cevada, e assi os outros Portuguezes, disse-lhes: *Amigos, não percamos tiro*; e dizendo isto, descarregaram todos a primeira cevadura. E por que cada hum derribou o seu, foi-se por aqui ateando o fogo da onfadia, que quantos Gentios levava consigo, se achegavam ao muro; e correo a nova tanto, que deo rebate em ElRey, que Christovão de Figueiredo entrava a Cidade. Finalmente foi tanto o alvoroço no arraial, que acudio a gente toda; e per aquelle dia tanta pedra se tirou do muro, que quando veio aos combates que se depois deram, o proprio Christovão de Figueiredo com os outros Portuguezes acabaram de rematar a vitoria do combate da Cidade. Porque querendo o Capitão della olhar o damno que os seus

recebiam pola parte onde andavam os Portuguezes, de que elle já tinha sabido serem elles a causa do mal que recebiam, em lançando a cabeça fóra per entre as ameias, foi derribado de huma espingarda dos nossos, e dizem ser a de Christovão de Figueiredo. Vendo a gente de dentro a morte de seu Capitão, ao outro dia se entregáram a ElRey, que lhe deo as vidas, e fazendas, sómente tomou a artilheria. E porque depois d'elle entrar na Cidade se fizeram alguns roubos aos Mouros, mandou castigar os culpados, dizendo que pois elle tinha asegurado aquella gente pola lealdade que guardáram a seu Senhor em lhe defender aquella Cidade, não havia vassallo seu olhar com odio áquelles em quem elle punha os seus de piedade. Provida a Cidade de gente pera sua defensão, tornou-se ElRey a Bisnagá, onde lhe vieram Embaixadores do Yzamaluco, Cotamaluco, Verido, e de outros Capitães do Reyno Decan, dizendo, como tinham sabido o desbarato do Hidalcão, que lhe pediam que se contentasse com a vitoria que houvera, por ser fortuna que todos aquelles que andavam na guerra eram obrigados soffrer. Però porque a fazenda, e esbulho não pertencia a tamanho Principe como elle era, lhe pediam houvesse por bem de o mandar tornar ao Hidalcão; por-

que os cavallos, elefantes, artilheria, e outras munições, que o Hidalcão perdêra naquelle desbarato, eram do estado do Reyno Decan, cujo Capitão o Hidalcão era, e não proprio d'elle. E porque elles tambem eram Capitães, e defensores daquelle Reyno, a elles competia por o bem commum d'elle pôr em sua fazenda, e pessoas: por tanto lhe pediam que não quizesse que se ajuntassem com mão armada a vir buscar o que como amigos pediam. Ao que ElRey respondeo, que a elle lhe pezava ver homens de tanta qualidade, como elles eram, mais tristes pola perda da fazenda, que da honra do Hidalcão, o qual lhe tinha roubada muito mais no que tinha tomado áquelles ladrões, que do Reyno Bisnagá se acolhiam a elle, do que lhe fora tomado no arraial: que quanto a se juntarem todos com mão armada, que a elle lhe pezava de os perder de amigos por culpas alheias; mas pois assi queriam, que ante os queria juntos, que cada hum per si, por os não andar buscando por tão derramadas terras, como habitavam. Dada esta resposta a estes Capitães, não tardou muito outro tal requerimento do proprio Hidalcão per seu Embaixador, dando grandes desculpas pola causa daquelle rompimento, e culpando ElRey por tão leve causa quebrar a paz ai-

sentada per tantos. Ao que ElRey respon-
 deo, que elle lhe perdoava o mais que lhe
 tinha merecido, e não queria outra satisfa-
 ção d'elle, que vir-lhe a beijar o pé, como
 a supremo Senhor que era do imperio Ca-
 nará; e feita esta obediencia, lhe mandaria
 tornar tudo o que lhe fora tomado, porque
 elle não movia guerra por razão do esbu-
 lho, senão por castigar culpas, e gloria da
 victoria. Partido o Embaixador do Hidal-
 ção, foi elle posto em grande confusão ácer-
 ca do que faria; porque por huma parte
 contendia a honra de sua pessoa, e pela ou-
 tra perder o estado, pois o não podia sos-
 ter, nem defender senão com o que tinha
 perdido, que era o nervo de quanto ser el-
 le tinha. Finalmente depois de muitos con-
 selhos, e irem, e virem recados, elle se de-
 terminou com ElRey que era contente, com
 tanto que havia de ser esta reverencia no
 estremo do estado d'elle Hidalção, junto de
 huma Cidade sua chamada Mudogal. ElRey
 pelo desejo que tinha de ver este Mouro
 ante seus pés, feito seu exercito, chegou
 á Cidade, mas não achou o Hidalção, e
 com lhe dizerem: *Aqui está, alli está*, en-
 trou tanto pela terra, que foi ter a outra
 Cidade por nome Bisapor, huma das mais
 populosas, e de melhores casas que o Hi-
 dalção tinha. E porque ainda aqui o Hi-

dalcão não se atreveo ir ante ElRey, e to-
 manho exercito nos lugares por onde ElRey
 hia não se achava agua, tornou-se elle a
 Mudogai. O Hidalcão vendo o estrago que
 ficava feito em Bisapor, e que elle fora cau-
 sa disso polo modo que teve naquelle ne-
 gocio em mentir tantas vezes, mandou a
 ElRey Sufo Larij, per cujo conselho se el-
 le então governava, e fora causa de se sa-
 hir do arraial, offerecendo-se o mesmo Su-
 fo Larij a abrandar ElRey de toda a indi-
 gnação que tinha contra elle. O qual como
 era homem malicioso, e de grandes caute-
 las, offereceo-se a ElRey pera ir a este ne-
 gocio mais porque pertendia huma maldade,
 que nesta ida commetteo, que por de-
 sejo de servir ao Hidalcão. A qual maldade
 de foi, que estando ante ElRey Crisnarão
 desculpando o Hidalcão de não ir a elle,
 disse, que a causa de o não ter feito, fora
 porque Salebatecan, que tinha cativo em
 Bisnagá, o avisava que em nenhuma ma-
 neira fosse ante ElRey; porque a nenhum
 outro fim se movêra de Bisnagá com tama-
 nho exercito, senão pera depois de o ter
 acolhido, e morto, entrar pelas terras do
 Decan, e as tomar; e que homem que per
 hum seu Capitão mór era avisado destas cou-
 sas, não lhe devia pôr culpa nas cautelas,
 e resguardos que té então tinha dado á sua
 vi-

vida, e estado. ElRey Crisnaráo indignado de Salebatecan, parecendo-lhe ser assi como Sufo Larij dizia, e mais da parte do Hidalcão, a quem tanto importava dizer-lhe mais verdade do que té alli lhe tinha dito, sem mais examinar o caso, mandou a grão pressa recado a Bisnagá, que cortassem a cabeça a Salebatecan, e dilatou a resposta a Sufo Larij do que requeria té vir recado do que mandára fazer. A causa por que este Sufo Larij ordenou a morte de Salebatecan, foi, porque sabia que dizia elle em Bisnagá, onde estava cativo, que ninguém tinha destruido o Hidalcão seu Senhor, assi na honra, como na fazenda, se não elle Sufo Larij, no conselho que lhe deo que fogisse do arraial, e em outras cousas que ante, e depois tinha feito; e que o Principe que se governava per parecer de hum seu escravo como elle era, e não per conselho de muitos Capitães homens nobres, e que haviam de pôr a vida por seu estado, como puzeram, merecia ver-se em tal estado, como estava. Sufo Larij por se vingarem destas palavras, e tambem temendo que no concerto do Hidalcão havia de entrar a liberdade d'elle Salebatecan, o qual tornando a seu estado, pola valia que tinha como Hidalcão, o podia indignar contra elle, por se segurar d'elle buscou este mo-

do de o matar. E como veio a nova de sua morte, temendo que se estivesse mais dias na Corte d'ElRey, se poderia saber a maldade que tinha feito, secretamente fingio, e foi-se pera o Hidalcão, dizendo, que ElRey o quizera matar, como matou a Salebatecan, por isso lhe aconselhava que em nenhuma maneira se fiasse delle. E fingio simulando com ElRey alguns dias, fingio hum subita necessidade com que se veio pera a Cidade Bilgam, que era sua, quinze leguas de Goa, e se fez forte nella, deixando o Hidalcão, e ElRey travados em guerra, com causa de maiores odios, por a maldade que elle ordenou, que logo foi sabida de ambos estes Principes, da qual guerra se causou tomar Ruy de Mello Capitão de Goa as terras firmes della, como dissemos; e foi por esta maneira. Entre a gente que habita aquellas Comarcas, e terras vizinhas a Goa, ha duas linhagens antigas, e nobres, que eram as cabeceiras de baixo de cujo governo estavam todas aquellas Tanadarias, ante que os Mouros as conquistassent da mão delles, (como já escrevemos.) Hum linhagem destas tinha por appellido Berás, que era a mais principal, e a outra Gijs. Destes Gijs, dous irmãos, hum per nome Comogij, e outro Appagij, vendo como o Hidalcão fora des-

baratado per ElRey Crisnaráo , e que lhe
 não ficava posse pera poder defender as ter-
 ras da fralda do mar da ferra de Gate pe-
 ra baixo , que foram delles , ajuntáram obra
 de oito mil homens ; e pouco , e pouco vie-
 ram tomando a terra aos Mouros de guar-
 nição que nellas havia , té virem dar nas
 Tanadarias , que foram de Goa , onde esta-
 va hum Capitão Mouro polo Hidalcão. O
 qual Capitão vendo o tempo disposto po-
 lo desbarato de seu Senhor , determinou ná-
 quella agua envolta (como dizem) ver , se
 dos rendimentos que tinha recebidos das
 terras lhe podia ficar alguma cousa na mão.
 E pera effectuar este seu proposito , mandou
 dizer a Ruy de Mello , que elle era mui
 perseguido daquelles Gentios que se levanta-
 ram , os quaes andavam roubando a terra ,
 donde se causava não acudirem tantos man-
 timentos á Cidade Goa , como acudiam no
 tempo que a terra estava sem aquelles le-
 vantamentos : que lhe pedia por mercê ; pois
 entre elle , e o Hidalcão havia tanta paz ,
 e commercio , como vizinho , e amigo o
 quizesse ajudar com alguma gente contra
 aquelles ladrões , que tanto damno faziam
 a todos , em quanto o Hidalcão tardava com
 soccorro , por causa das differenças que ha-
 via entre elle , e ElRey de Bisnagá. E que
 quando a esta ajuda tivesse algum impedi-

mento, podia ir tomar as terras da mão daquelles Gentios, por quanto elle se não atrevia defendellas com quão pouca gente tinha; e que pera isso daria qualquer ajuda, e industria que necessaria fosse, por ter sabido do Hidalção seu Senhor, que muito mais havia de folgar estarem as terras em mão d'elle Capitão, que dos Gentios. Ruy de Mello havido conselho sobre este caso, assentou com os principaes da Cidade, (por D. Aleixo de Menezes naquelle tempo estar invernando em Cochij, a quem Diogo Lopes leixava o governo da India,) que quanto ás ajudas que pedia, se lhe deviam negar, dando a isso alguma honesta escusa; e quanto a tomallas, pois o tempo, e caso as trazia a casa, e a pouco custo, que as havia de aceitar, e ir logo sobre ellas. Sabida pelo Mouro esta determinação que Ruy de Mello tomava, ficou mui contente, porque não desejava elle outra cousa pera conclusão de seu proposito. Finalmente Ruy de Mello com mui pouco trabalho em huma entrada que fez com té duzentos e cincoenta de cavallo, e oitocentos peões Canarijs da terra, em espaço de dez, ou doze dias tomou as principaes Tanadarias, leixando nellas Ruy Jusarte por Capitão do campo com alguma gente de cavallo, e de pé em seu favor. Na qual cousa os Gentios

tiveram tanta prudencia, vendo que a requesta era comnosco, que sómente saber que Ruy de Mello as hia tomar, as leixáram, e foram correndo toda aquella fralda do mar té Chaul, por serem terras que já não eram do senhorio de Goa, em que nós pretendiamos ter direito, por a Cidade ser nossa; e per espaço de quatro annos andáram aquelles Gentios tão prosperos, que comêram os rendimentos da terra a pezar do Hidalcão. O Mouro seu Capitão, que teceo esta tea, de nós havermos as de Goa, por elle salvar o que tinha roubado dellas, veio-se a Goa, fingindo temor do Hidalcão por não defender as terras, confiando que alli lhe seria feito honra polo que fizera por nós. E não se atrevendo per si poder salvar a prea do roubo, dizem que em dinheiro o entregou a huma pessoa, em cuja mão lhe parecia que o tinha seguro; e porque depois, quando o pedio, lhe foi negado, endoudeceo. O qual depósito ainda que foi secreto, o Mouro o publicava, andando por muito tempo pelas ruas de Goa com esta mania, e cá neste Reyno menos o logrou a pessoa de quem se elle queixava, porque a justiça de Deos se tarda em tempo, não dissimula os exemplos de seu castigo, pera que vejamos que tem conta com todos, e que se lhe desaprax a maldade do

infel, por mais offendido se ha daquelles que professaõ sua lei; porque quanto por ella são mais chegados á verdade, e caridade proximal, tanto mais obrigados de a guardar a todo genero de pessoa, principalmente em casos de confiança. E neste de cubiça, que começou no Hidalção, tomando os quarenta mil pardaos que ElRey Crisnaráo entregou a Cide Mercar, pera lhe comprar os cavallos, vemos hum notavel exemplo, em que se vê os frutos, que se colhem della, perdendo o que dissemos, e outras cousas que pelo tempo em diante os damnos da guerra em que ficava lhe trouxeram. E pelo modo semelhante o seu Capitão, que se acolheo a Goa com o roubo, se não foi morto, como elle matou Cide mercador, endoudeceo pera maior pena. E quem lhe negou o deposito, além de o não lograr, segundo dizem, jazendo na cama de doença de que morreo, tambem fallando com o dinheiro, teve quasi outra mania; e depois de sua morte, pessoa em cuja mão elle confiou parte desta fazenda, ainda que não foi negada per elle a seus herdeiros, elles a não logram. E por não ficar sem pena o artificio, de que ElRey Crisnaráo usou pera romper a paz, depois tornou a perder per guerra o que naquella guerra ganhou. Finalmente, porque cada hum colhe-

se o fruto da semente que semeou, té hum Manuel de Sampayo Tanadar do passo chamado Noroá, que he da mesma Ilha de Goa, o qual andou por medianeiro entre Ruy de Mello, e o Capitão do Hidalcão, que se acolheo á Cidade, (segundo se disse,) elle houve esta paga da terçaria. Estando doente de enfermidade de que morreo, temendo que por sua mulher ficar rica, o Capitão da Cidade que então era a casasse com pessoa de menos qualidade que a sua, estando na cama, quizera per si fazer os desposorios da mulher com hum seu amigo: però ante que effeituasse este desejo, morreo, e a mulher casou logo, como elle receava. E nós ainda que provocados tomassemos aquellas terras firmes de Goa, não tardou muito que as não perdessemos, (como se adiante verá,) de maneira, que todos pagaram na moeda que recebêram.

CAPITULO VI.

Do que Lopo de Brito Capitão da fortaleza de Ceilão passou com a gente da terra.

Neste mesmo tempo estava por Capitão da fortaleza de Ceilão Lopo de Brito filho de João de Brito, o qual o anno passado de dezoito ElRey D. Manuel ordenou que fosse fazer esta fortaleza com té

oitocentos homens, em que entravam muitos officiaes mechanicos deste mister: acabada a qual obra, havia de ficar com a gente necessaria pera defensão della, e officiaes da fazenda, e a mais se havia de ir ás outras fortalezas. Succedeo que estando ElRey com esta determinação, veio Lopo de Villa-lobos, que Lopo Soares despachou pera este Reyno quando sahio do estreito, (como escrevemos atrás,) per o qual elle escreveu a ElRey, como tanto que chegasse á India, havia de ir fazer esta fortaleza de Ceilão. Com tudo o anno de dezenove ElRey o despachou para ir servir a capitania della, e seu irmão Antonio de Brito que lá andava fosse Alcaide mór; e Feitor André Rodrigues de Béja, e Escrivães João Rabello, e Gaspar d'Araujo, de alcunha Benimágre, ambos seus moços da camara. Da qual fortaleza chegado Lopo de Brito á India foi entregue per D. João da Silveira, que estava nella por Capitão. E como elle Lopo de Brito levava quatrocentos homens, em que entravam muitos pedreiros, e carpinteiros, e ella estava quasi pera se vir á terra, por ser feita de pedra, e barro, ordenou Lopo de Brito de a fazer de pedra, e cal. E porque alli perto não achou pedra, nem marisco pera poder fazer a cal, mandou algumas champanas á pescaria do aljofre de Calce-

re, que he dalli mui perto, carregar da ostra donde se tira o aljofer, da qual fez quantta quantidade de cal lhe era necessaria, com que não somente fez a fortaleza, mas ainda algumas casas; e além desta obra guarneceo mui bem a cava; que atalhava o terrado mar a mar, com que a fortaleza ficava em Ilha pelo modo que já dissemos. Os da terra quando viram esta reformação da fortaleza, como gente assombrada do que lhe os Mouros diziam de nós, começaram temer mais aquella força, parecendo-lhes que tudo era pera lhes tomar a terra. Finalmente a esta suspeita ajuntáram outras causas, que importavam sua liberdade, porque os nossos não lhes consentiam que viessem alli os Mouros contratar com elles, de que recebiam muita perda, assi huns, como outros. Da qual defeza procedeo não acudirem aos nossos com o mantimento da terra, que lhe vinham vender; e sobre isto se achavam algum desmandado fóra da nossa fortaleza, era ferido, ou morto se o podiam fazer. Lopo de Brito por conservar a paz, que estava assentada per Lopo Soares, dissimulava algumas cousas destas, levando-as per pontos tão brandos, que começou entre os nossos haver murmuração, não chamando a este soffrimento prudencia, mas covardia: donde se causou querer elle cumprir ante com

a vontade da gente de armas, que com o
 soffrimento seu, ainda que lhe parecia ser
 mais proveitoso pera o governo da terra.
 Finalmente estimulado tanto dos inimigos, co-
 mo dos amigos, huma festa, tempo em que
 o Gento da terra por ser depois de comer
 se lança a repoujar, e menos suspeitoso pera
 este caso, com té cento e cincoenta homens
 escollidos, deo na povoação de Columbo,
 que era pegada com a nossa fortaleza. E co-
 mo esta sahida foi de sobresalto, ficáram os
 inimigos tão cortados de medo, que sem lhes
 lembrar mulher, nem filhos, todos se pu-
 zeram em fogida naquelle primeiro impeto.
 Lopo de Brito, porque sua tenção era as-
 sombrar, e não matar, pera ficarem teme-
 rosos de commetterem mais o que tinham
 feito, mandou-lhes atar as mulheres, e filhos
 ás portas das casas pera verem que os tive-
 ram em seu poder, e não lhes quizeram fa-
 zer mal. Porém quando se espedio, mandou
 pôr fogo a huma rua larga, e direita, que
 era a principal da Cidade, e de maior con-
 curso da gente, temendo que ao recolher
 dos nossos, por a rua vir direita demandar
 a nossa fortaleza, os inimigos lhe viessem dar
 nas costas, com que recebesse algum damno;
 e alli foi. Porque passado o primeiro im-
 peto do temor, que os fez pôr em salvo,
 vendo que lhes ficavam mulher, e filhos,

voltáram com o amor delles, como gente
 offerecida a morrer. E posto que o fogo foi
 grande amparo aos nossos, por ser já gran-
 de, e se metter entre huns, e outros, toda-
 via com aquella furia custou a vida a mui-
 tos delles, e dos nossos: cá primeiro que se
 despedissem desta sua furia, ficáram feridos
 mais de trinta, de que depois morrerám al-
 guns. E verdadeiramente se elles não se oc-
 cupáram em matar o fogo, e não acháram
 as mulheres, e filhos atados ás portas, em
 que entenderám que aquella sahida de Lopo
 de Brito fora mais ameaça, que vontade de
 os offender, segundo acudíram muitos, e
 vinham furiosos, não fora muito entrar de
 envolta com os nossos na fortaleza. Toda-
 via com o damno que alli recebêram em com-
 metter os nossos, dobrou-se sua indignação,
 com que descubertamente mostráram o odio,
 que nos tinham, não tardando muitos dias
 em vir pôr cerco á nova fortaleza. Na pri-
 meira chegada do qual, però que Lopo de
 Brito se vio em muito trabalho, por serem
 perto de vinte mil homens, como vinham
 mal ordenados, á custa das vidas de muitos
 elle os affastou, e fez industriosos em assen-
 tar seu arraial. Fazendo seus vallos de ter-
 ra, e reparo de muitas palmeiras, e pouco,
 e pouco como gente que vinha de vagar,
 foram-se chegando á nossa fortaleza, té ar-

marem dous baluartes das mesmas palmeiras, em que affentáram alguma artilheria. A qual però que não fosse tão furiosa como a nossa, o grande número suppria a furia, porque naquelle cerco haveria mais de seiscentos espingardões, de que alguns eram do tamanho de berços, que tiravam virotões de pão de dez palmos de comprido, com penas de couro de porcos montezes, que a duzentos passos faziam mui grão passada. E além deste trabalho, em verem de dia o arcoalhado destes virotões, de noite tinham outro, que era ser alumiado com settas de fogo pera lhes queimar as casas de palha que tinham; e o maior de todos era irem buscar agua pera beber fóra da fortaleza, porque toda custava muito sangue. O qual cerco durou per espaço de cinco mezes; porque como era no tempo do inverno, e da India não lhe podia vir soccorro, foi causa de os nossos padecerem muito trabalho; té galé, Capitão Antonio de Lemos filho de João Gomes de Lemos Senhor da Trofa, na qual trazia té cincoenta homens, e ainda estes com difficuldade se puderam mandar. Porque como neste tempo Diogo Lopes de Sequeira era ido ao estreito do mar Roxo, com a potencia de tantas vélas, e gente, (como escrevemos,) e as fortalezas da

da India ficáram sómente com a ordenada
 pera sua defensão, e a de Cochij, que era
 mais vizinha a Ceilão', tinha menos gente
 que as outras, por ser mais segura, não se
 pode mandar maior soccorro a Lopo de Bri-
 to. E este que lhe foi ainda era mais por
 salvação d'elle, e das pessoas que alli esta-
 vam, que por causa da posse da mesma for-
 taleza: cá não se havia por cousa importan-
 te ao estado da India termos alli tomado
 aquella posse, porque sem ella havíamos to-
 da a canella pera carga das nossas náos, e
 ElRey da terra sem este jugo que o assom-
 brava, queria pagar suas pareas. E depois
 correndo o tempo, se vio quão escusado
 era, com que se mandou desfazer, ficando
 sómente humna casa de feitoria, com que o
 Rey da terra ficou desassombrado de todo;
 e ainda a alguns delles foi proveitosa, com
 ajuda que houveram de nós contra seus imi-
 gos com que tinham guerra, como adian-
 te escrevemos. Lopo de Brito vendo quão
 pouco soccorro lhe viera, e sabendo as cau-
 sas porque determinou lançar dalli aquella
 vizinhança, de que tanto damno tinha rece-
 bido, primeiro que elles entendessem quão
 pouca gente lhes acudíra. Fazendo conta,
 que quando mais não pudesse fazer naquel-
 la sua sahida fóra da fortaleza, que tomar
 os dous baluartes, que tanto damno lhe ti-

nham feito, isto haveria por grande victoria. Assentado em conselho o modo que haviam de ter naquella sahida, mandou Lopo de Brito a Antonio de Lemos, que com sua galé se puzesse diante dos baluartes, mostrando que per alli lhe havia de dar bateria com as peças grossas que levava na galé: e elle ao outro dia pela festa, que he o tempo do repouso do Gentio, (como já dissemos,) fei-to final com té trezentos homens, deo nas estancias dos inimigos. E aprouve a Deos que como elles sentiram em si o ferro dos nos-sos, deram lugar a que se fizessem senhores dos baluartes, tendo já neste tempo Antonio de Lemos a sua galé cuberta de fréchas, e virotões, de que recebeu muito damno. Vendo o corpo da gente que estava mais met-tida no arraial, e assi a que se alojava na Cidade, que era a principal, como estes dous baluartes eram entrados per nós, e o grande arroido que havia por cada hum se salvar, acudiram os Capitães de todas as partes, em que se fez hum grão número de gente, na qual entravam cento e cincen-ta de cavallo, que pera aquella Ilha Ceilão, onde não ha muito uso delles, era huma grande cópia; e assi vinham té vinte e cin-co elefantes armados com seus castellos, de que pelejavam muitos homens com fréchas. Quatro dos quaes, como mais adestrados no

uso

ão do pelejar, vinham diante fazendo grandes montantes com humas espadas, que traziam atadas em revés nos dentes. O qual espectáculo de feras, por virem acompanhadas de tão grão pezo de gente, metteo os nossos em tamanha confusão, que muitos fizeram pé atrás. Lopo de Brito recolhida toda a gente a si, ante que aquellas feras lhe atombassem tudo, juntamente em desparando todos os espingardeiros, que levava consigo nos quatro elefantes dianteiros, deo *Sant-lago* nelles, e com as lanças em tezo os feriram asperamente. Os quaes como se acharam escaudalizados das espingardas, e lanças, voltáram urtando contra os seus, fugindo tão sem tento, que deram nos que vinham atrás, e huns nos outros de maneira, que o seu desbarato deo maior culpa aos nossos, levando-os ante si com grande grita ás lançadas. E porque no corpo dos Mouros, e Gentios da Ilha não havia tanta dureza como no couro dos elefantes, que quando embravecem, não faz mais o ferro de hum lança nelle, do que faz o ferrão de hum aguilhada no couro de boi quando o castiga, ficáram daquella feita mortos, e feridos. Lopo de Brito passada hum rua larga, per que esta gente vinha, tanto que começou entrar por arvoredo, tornou-se a recolher, temendo o sitio da terra, e con-

tentou-se da vitoria que Deos lhe dera, a qual tambem custou affás do sangue dos nossos. E porém succedeo deste feito, que vendo ElRey alguma da sua gente nobre morta, e que os Mouros que o mettiã nesta rebelião contra nós, não erã parte pera o livrarem da nossa sujeição, como lhe elles promettiam, passado este dia, não tardãram muitos que não mandasse pedir paz a Lopo de Brito, com que as cousas daquella fortaleza ficãram no estado da paz, como dantes estavã.

CAPITULO VII.

Em que se dá noticia do curso dos tempos nas partes do Oriente que navegãmos, donde se causa o verão, e inverno aos navegantes, e das suas monções. E como Diogo Lopes se partio de Ormuz onde inverno, passando per Mascate onde achou recado de huma Armada que aquelle anno partirã deste Reyno, e dalli se foi pera a India: e o que lhe succedeo no caminho, e assi em Dio com Melique Az.

A Trás escrevemos como o Governador Diogo Lopes de Sequeira, por razão do inverno que começava, em elle salindo das portas do estreito, perdéra os bateis das náos da Armada, e de Calayate se fora ir-

verner a Ormuz, sendo isto no fim do mez
 de Junho. E porque a nós os que vivemos
 nestas partes da Europa, parecerá estranho
 inverno em taes mezes, e muitas vezes nes-
 ta historia tratamos de invernaem as náos
 em Moçambique, quando vam, e quando
 vem, e assi outras Armadas nossas, que de-
 correin per todos aquelles mares, dizemos
 invernaem em tal parte, sendo nos mezes
 do nosso verão, e tambem fallamos per mon-
 ções, que são os tempos que lá navegam,
 parece-nos bem tratarmos hum pouco da
 maneira dos temporaes daquellas partes do
 Oriente, posto que algumas vezes o tenha-
 mos tocado; pera que aquelles, que desta
 cousa não tem experiencia, por nós tenham
 alguma noticia dellas, por não terem dú-
 vida na maneira de nossa elocução, que vai
 conforme a uso dos navegantes daquellas
 partes, e isto será conferindo os tempos que
 nellas cursam com os desta nossa Europa,
 e principalmente da costa de Hespanha. Não
 dividindo o curso do anno em quatro tem-
 pos, como geralmente per todos he repar-
 tido, dando a cada quartel delle seu pro-
 prio nome, mas fallando em curso de na-
 vegação, na costa da nossa Hespanha de
 onze de Março té quatorze de Setembro,
 que são os dous Equinocios, chamamos-lhe
 Verão, pera partir della, e tornar a ella

sem tormenta alguma, porque neste tempo anda o Sol da Equinocial pera esta parte do Norte que nós habitamos. E porque nesta nossa região o movimento do Sol causa o curso dos ventos, como se verá em o primeiro Livro da nossa Geografia, onde tratamos esta materia mais precisamente, he cousa mui regular nestes mezes ventarem Noroestes, Nortes, e Nordeste; e no Inverno os oppositos a estes, e os outros a elles transversaes, ou collateraes se ventão, he por accidente, e não per curso de muitos dias. Na India per experiencia vemos, que os ventos não se regulam com o accessio, ou recesso do Sol, per o modo que faz ácerca de nós; porque os mezes do seu Verão não convem com os nossos ácerca do navegar, posto que toda a terra da Asia jaz dáquerá da linha Equinocial, como nós estamos. E ainda na mesma cousa della, posto que esté em hum paralelo, ha tanta differença de hum tempo ao outro, que a hum chamam Inverno; e a outro Verão. E vent-se este modo, ou por melhor dizer, este curso da natureza a particularizar tanto com seus effeitos, que sómente huma ponta, ou cotovello de terra, a que nós chamamos Cabo, cuja distancia ás vezes he pouco mais que o comprimento de huma mão; em esta não chegando áquelle termo da ponta, he

he divisão, onde ella participa de duas co-
 ras contrarias, na véla dianteira dá-lhe o
 embate do vento contrario, e na trazeira
 vai á popa. E assi como acha estes dous
 ventos contrarios em hum lugar tão pontual,
 assi participa de dous tempos, hum he Ve-
 rão, e outro Inverno. E onde se isto mui-
 tas vezes per os nossos experimenta, he no
 Cabo Roscalgate, como se vio vindo Dio-
 go Lopes do estreito: cá eram já com el-
 la tão grandes cerraçõs, que se não viam
 os navios huns aos outros, vindo mui jun-
 tos, e sendo no mez de Junho. Dobrado
 o qual Cabo per mui pequena distancia,
 achou a região da outra costa, clara, fere-
 na, e com o Sol tanto na força de sua quen-
 tura, que da grande calmaria não se afastava-
 vam as vélas dos mastos. E em outro tem-
 po quem vem da costa de Choromandel pe-
 ra o Malabar com tempo desfeito, e mares
 grossos, que parece que querem comer o
 navio, emparelhando onde elle participa da
 outra linha da costa transversal, acha (co-
 mo dizem) calma borrarho, e á contrario
 modo, indo da India pera Choromandel:
 em tanto, que hum mesmo navio (como
 dissemos) na véla da proa tem hum vento
 geral, e na popa outro, e por a mesma
 maneira ha outras partes naquelle Oriente
 onde isto acontece. Donde podemos ter qua-

fi por regra geral, em as costas maritimas daquellas regiões mais responder o seu verão, e inverno ao curso dos ventos, que ao curso do Sol; e estes ventos se regulam mais por razão dos golfãos, estreitos do mar, pontas, e torturas que a terra faz, que por causa particular do mesmo Sol, posto que d'elle depende a universal de todos os motos naturaes, pera entendimento da qual regra neste material exemplo se pôde ver. O raio do Sol quando fere directo dando na terra, aquelle primeiro acto seu he; però quando o corpo da terra o impede que não passe mais abaixo, torna rebater este raio, e faz outro, ao modo que vemos pullar a pella, a qual quando sahe da mão, quanto com maior força dá no chão, tanto mais alto pulla pera cima, donde podemos dizer que o movimento de cima pera baixo foi do braço que a lançou, e o debaixo pera cima fez a terra com o rechão de sua dureza. Assim nestas partes da India o Sol causa o movimento dos ventos; però quando elles correm com aquelle curso natural dos grandes golfãos de mar daquelle Oriente, e vem dar com aquelle impeto em alguma costa da terra, principalmente se he montuosa, que os não deixa passar avante, ella os torna rebater per outro rumo, com que de hum vento procedem

dem dous., hum causado do Sol como prima causa, e outro do rebate da terra, e daqui vem dizerem os mareantes algumas vezes: *Este vento não he geral, mas embate da terra.* E como os ventos são o espirito exterior do mar, que o move a huma, e a outra parte, e a furia, ou mansidão delle faz o verão, e inverno aos navegantes, acontecem naquellas partes grandes differenças de tempos em hum mesmo clima, e paralelo. A demonstração da qual variação fazemos nos livros da nossa Geographia, onde a olho por razão da pintura da terra se verá ser mui regular este curso do Sol, posto que comparado o seu curso ao desta nossa região o hajamos por vario. O qual curso de todo anno, tambem como cá se reparte em quatro tempos de Verão, Estio, Autumnno, e Inverno, mas não tão distantemente como ácerca de nós, por razão de terem o Sol mui vizinho, principalmente nas terras que jazem entre os dous Tropicos, que em hum mesmo tempo muitas arvores tem juntamente frol, fruto verde, e outro maduro, e isto mais notavelmente nas terras que jazem debaixo da linha. Verdade he que as que jazem da Equinocial pera esta nossa parte, regularmente respondem com suas novidades nos mezes do nosso Verão, hum pouco mais cedo ou tar-

de, segundo vemos em a nossa Europa nas terras que tem differença de mais, ou menos quentes. Porém ácerca da navegação ao nosso modo tem seis mezes de Inverno, e seis de Verão: não em hum proprio tempo, cá esta he a differença de que tratamos. Porque o Inverno daquelle estreito donde Diogo Lopes sahio té o Cabo Guardafú, e de Roscalgate, que he a garganta delle, o seu Verão começa em Setembro, e acaba em Abril, e os outros mezes do anno são do Inverno. Neste Verão ventam regular, e geralmente Leste, Leste-nordeste, que entram pera dentro do estreito; e no Inverno Oestes, Oesnorouestes, com que sahem de dentro. E o Inverno de Ormuz he como nesta costa de Hespanha, de Outubro té fim de Fevereiro; porque o lançamento do mar Parsco, em que esta Ilha jaz, per o rumo a que os mareantes chamam Aloesnorouest, em comprimento de cento e cincoenta leguas com as correntes dos rios Eufrates, e Tigre, e terra escampada, per que elles passam, quando se já vem metter no mar, participa dos tempos do nosso clima, e cursam per aquelle estreito Norouestes, Nordestes, e Nordeste o mais do tempo destes mezes do Inverno, e os do Verão são os que falecem pera doze do anno. E na costa da India, porque se vai já mettendo en-

te o Tropico , e linha Equinozial , pera
 poderem navegar , ha mais mezes de Ve-
 rão , que em outras partes , porque começa
 em Agosto , e acaba per todo Abril , e os
 outros são do Inverno. E per toda a costa
 de Melinde té Moçambique , nos mezes do
 seu Verão geralmente ventam Lestes , Lef-
 nordestes , que são da entrada de Outubro
 até fim de Março ; os do Inverno são os que
 falecem , e ventam naquella paragem Oestes ,
 Oesnorouestes. E o Verão do Cabo de Boa
 Esperança começa no principio de Janeiro
 até quinze de Maio , e ventam Oestes , Oes-
 norouestes , e alguns Suduestes , que he tra-
 vessia no Cabo , e no seu Inverno os con-
 trarios. Estes taes tempos por serem geraes
 pera navegar a certas partes , e não a ou-
 tras , communmente os mercantes nossos ,
 conformando-se com os daquelle Oriente ,
 chamam-lhe monção , que quer dizer tem-
 po pera navegar pera tal parte. Dizem tam-
 bem monção grande , monção pequena ; a
 grande he tempo que cursa a maior parte
 dos seis mezes do Verão seu , e a pequena
 a menor. Porque fallando propriamente ,
 não he hum vento tão continuo , que per
 todos os seis mezes curse de hum rumo ; mas
 venta ao modo que vemos em a nossa cos-
 ta de Hespanha , que o geral , no tempo
 do seu Verão (como dissemos) **per a maior**

parte curfam Noroestes, Nortes, e Nordestes. Porém nestes mezes tambem per alguns dias ventam Levantes té meio dia; e delle té o poer do Sol Ponentes, a que chamamos virações do mar por virem com a maré, e de noite vam buscar a estrella do Norte, e este he o curso natural da costa de Hespanha. E por a continuação de hum rumo durar em huns mezes mais que em outros, esta duração de tempo se chama monção maior, e a de menos menor. E como a de Ormuz pera a India era em Agosto, tanto que veio este mez, Diogo Lopes que alli invernou, (como dissemos) se espedio d'ElRey, leixando algumas coufas ordenadas na Cidade pera bem da fazenda delle Rey, que foram causa do damno, que adiante veremos. Partido com sua frota, chegou a Calayate, onde leixára Jorge d'Albuquerque com a frota das náos, e achou alli Jeronymo de Sousa com seus companheiros, que (como atrás dissemos) miraculosamente Deos os salvou dos trabalhos, e perigo que passáram, aos quaes proveo segundo suas necessidades. E ante que se dali partisse, chegou Ruy Vaz Pereira filho bastardo de João Rodrigues Pereira senhor de Basto, o qual partio deste Reyno por Capitão de hum galeão em companhia da frota de nove vélas, que ElRey D. Manuel

aquelle anno de quinhentos e vinte mandou á India, Capitão mór Jorge de Brito filho de João de Brito, o qual hia fazer huma fortaleza em as Ilhas de Maluco; e os outros Capitães eram elle Ruy Vaz Pereira, Lopo d'Azevedo filho de Ruy Gomes d'Azevedo, Gaspar da Silva filho de Diogo Gomes da Silva, que hia pera servir de huma fortaleza, que ElRey mandava fazer em Chaul, Pero Lopes de Sampayo, que hia pera servir outra nas Ilhas de Maldiva, Pedro Lourenço de Mello, que havia de fazer huma viagem pera a China, Pedro Paulo filho de Bartholomeu Florentim, Antonio d'Azevedo, e André Dias Alcaide de Lisboa, que havia de feitorizar a compra de quanta pimenta aquelle anno se carregasse para este Reyno, D. Diogo de Lima filho de D. João de Lima Bisconde de Villa nova de Cerveira. Partida esta frota do porto de Lisboa, però que os tempos que levou fizeram que huns chegassem primeiro que outros em diversas partes, todos foran a salvamento. Na qual viagem a Ruy Vaz Pereira acontenceo hum maravilhoso caso, e de grão perigo em hum galeão em que hia; porque passado o Cabo de Boa Esperança; indo huma noite com todas as velas metidas, subitamente esteve quedo, como se encalhára em alguma cabeça de arca;

encalhado o houveram todos, segundo o rojo grande que fez. E acudindo logo á bomba pera ver se abríra, e fazia agua, e tambem aos prumos, lançando-os de humma, e de outra parte, acháram que o galeão nadava, e que quem os detinha era hum monstro do mar, o qual jazia pegado na quilha do galeão per todo o comprimento d'elle, sendo de vinte e hum rumos, que são cento e cinco palmos, e com o rabo retinha o leme, e com as azas, ou perpetanas abraçava os dous costados de manciara, que chegavam té meza da guarnição, e alguns dos nossos lhe tocáram com a mão. A cabeça do qual, que foi a derradeira coufa que elle mostrou, sería do tamanho de huma pipa, e junto della tinha humas trombas, per que espirava, lançando maior espadana de agua que humma Balca, a qual cousa como era mui nova, e nunca vista dos nossos, fez nelles tão grande espanto, e mais por ser de noite, que lhes não deixava bem divisar a figura deste monstro, que alguns houveram ser espirito máo, que vinha foçobrar. Outros querendo-lhe fazer arremesso de lanças, físgas, e arpões pera o fazer mudar, havendo ser algum peixe, não o consentio o Capitão, porque com a furia da dor ao espedir-se não foçobrasse o galeão. Finalmente depois de muitas dúvidas

das per espaço de hum quarto de hora, que estiveram neste temor, veio o Capellão da náó, que o esconjurou, e com alguns exorcismos elle abaixou as prepetanas, e espedio-se per baixo, sem fazer mais que respirar grande quantidade de agua per as trombas; e segundo diziam alguns mareantes, era peixe Sombreiro, chamado assi per elles, por haver hum no mar mui grande, que sobre a testa tem huma cobertura a este modo. E delles eram lembrados andar outro tal, (ainda que não tão grande,) na paragem da Villa Atougia, o qual mettia a cabeça dentro nas barcas, que hiam a pescar, por tomar homens, com que tinha sobrado já duas; e de maneira affombrou a gente, que não ousavam ir pescar, té que orações, e preces do povo o trouxeram morto á costa. Ruy Vaz passado este perigo, e chegado a Moçambique, por nelle achar nova que o Governador Diogo Lopes invernava em Ormuz, leixando a derrota da India, quiz ir buscallo, porque levava huma via das cartas que lhe ElRey escrevia. Per as quaes, e per o mesmo Ruy Vaz soube das náos, que aquelle anno hiam pera a carga, as quaes lhe deram grão cuidado por causa das outras da Armada de Jorge d'Albuquerque, que faziam grande número, e não sabia se poderia haver tan-

ta especiaria, que pudesse haver carga para todas. E parece que o espirito lhe dizia o que este anno havia de succeder sobre a carga desta especiaria; porque mandando El-Rey a André Dias por Feitor desta carga, por ser homem que sabia bem os negocios da compra, e carregação da pimenta, por estar muito tempo em Cochij servindo de Escrivão da Feitoria, ou que fosse por os Officiaes, que então lá estavam tomarem por injúria ir deste Reyno pessoa sómente áquelle negocio, em que parecia ter El-Rey de confiança d'elles, ou que André Dias não teve respeito á bondade da pimenta, sómente a carregar muita, foi toda a que elle trouxe tão verde, e mascabada, e falecida em pezo, que algumas náos quebráram a trinta, e quarenta, a sessenta, e a setenta por cento, e outras mais de cento por cento. Porque havendo trinta e tres annos que isto passou, ainda hoje na casa da India em Lisboa, que nós feitorizamos, estão paíões cheios della, tão mascabada, que parece haver ainda de custar dinheiro lançalla ao mar, em que se tem perdido grão somma da especiaria, assi pela Armada de Jorge d'Albuquerque, como na de Jorge de Brito daquelle anno, mandava El-Rey muitas cousas a Diogo Lopes, segundo via por suas

suas cartas , que lhe davam grande cuidado , vendo concorrerem tantas em hum tempo , pera que lhe convinha muita gente de armas , muitas náos , e grande número de mercantes , e munições. Cá ElRey queria que se fizesse huma fortaleza em Maluco , outra em Çamatra , outra nas Ilhas de Maldiva , outra em Chaul , e que entrasse no estreito , e trabalhasse por tomar Dio , onde tambem fizesse outra fortaleza , e que mandasse á China , e descobrisse as Ilhas do ouro , e a outras partes ; cuidar nas quaes cousas cansava o espirito , quanto mais poelias em effeito. E por quanto a em que ElRey então mais apertava que elle Diogo Lopes commettesse , era fazer huma fortaleza em a Cidade Dio per vontade d'ElRey de Cambaya , e de Melique Az Capitão , e senhor della , e quando o não consentisse , a tomasse per força de armas , e a capitania da fortaleza desse a Diogo Fernandes de Béja , de que já levava Alvará seu , logo dalli quiz elle Diogo Lopes tentar este caso , mandando o mesmo Diogo Fernandes com tres vélas diante que o fosse esperar á ponta de Dio , á qual geralmente vam demandar as náos , que vam do estreito de Méca , e de toda a costa da Arabia , pera nellas fazer as prezas que pudesse. Però como Diogo Lopes , depois que espedio Dio-

go Fernandes, se deteve pouco, logo o alcançou, e juntamente com toda a frota seguiu sua viagem, a qual indo junto da costa de Dio, acháram huma muy grande, e poderosa não, que confiada na muita gente, e artilheria que levava, se quiz defender a dous navios pequenos, que por serem leves de véla, foram os primeiros que lhe chegáram. Mas como ella era alterosa, e elles lhe ficavam muito a baixo da mareagem, o mais damno que lhe puderam fazer, em perpassando ao longo do costado della, foi de cima da gavea lançar-lhe algumas panellas de polvora sobre a ponte que levava, as quaes foram queimar muitos Mouros que vinham de baixo. E com todo este damno pola muita artilheria que trazia, e gente bem armada, os navios se não podiam melhorar, té que veio Ruy Vaz Pereira com o seu galeão, em que levava trezentos homens, que a ferráram, e entrando ás lançadas com elles, começáram alguns Mouros com temor do ferro lançar-se á agua. Andando já os nossos como senhores da não buscando o esbulho della, huns dizem que foi obra dos Mouros, outros de faiscas do fogo, que os navios lançáram, que foram dar em jaras que traziam polvora, com que a não lançando as cubertas pera o ar, se foi ao

fundo, onde morreram alguns dos nossos, entre os quaes foi o contramestre. Diogo Lopes quando chegou á náó, e não vio della mais que huns poucos de Mouros meios affados do fogo, os quaes os nossos bateis andáram tomando, e soube dos mesmos Mouros que por razão das panellas de pólvora, que lhe os navios lançáram, fora a náó queimada; assi por a perda della, como por serem causa de os nossos, que entráram dentro, ficarem queimados, mandou prender os Capitães dos navios, e tambem por dar melhor cór ao que esperava fazer chegando a Dio, como fez. E foi mandallos em presente a Melique Az senhor delle, dizendo, como topára aquelles seus hospedes, que vinham pera sua casa, e que se haviam tão mal tratados, fora por sua culpa, por não quererem amainar á bandeira d'El-Rey de Portugal seu Senhor, e sobre isso ficaram naquelle estado, aos quaes ainda elle mandára salvar que se não affogassem, como lhe elles diriam, e este bem lhe fizera por amor delle. Melique Az como era prudente, lançou o feito a termos de paço, respondendo, que ainda aquelles Mouros haviam pouco affados pera o que mereciam, pois foram tão mal ensinados, que em vendo sua Senhoria não se vinham lançar á seus

pés. Passados estes primeiros recados, Fernão Martins Evangelho, que alli estava por Feitor em Dio já do tempo de Affonso d'Alboquerque, (como atrás escrevemos,) veio ver Diogo Lopes, per o qual soube do estado da Cidade. E pelas práticas que deste tempo de Affonso d'Alboquerque eram passadas, sobre ElRey de Cambaya dar lugar pera se alli fazer huma fortaleza em modo de feitoria, em que elle Melique Az mostrava ter muito contentamento, (posto que se sabia quanto elle trabalhára que não houvesse effeito,) mandou Diogo Lopes tentar a Melique Az per elle Fernão Martins deste caso, trazendo-lhe á memoria quanta palavrava elle, e ElRey de Cambaya já sobre isso tinham dada, e que importava a bendelle Melique Az estar alli aquella casa; porque depois que elle Fernão Martins feitorizava as cousas d'ElRey seu senhor naquella Cidade, elle Melique Az neste trato tinha recebido muito proveito. E porque de huma, e de outra parte se passáram muitos recados, que tudo eram palavras desatadas, por as cautelas que cada hum tinha em não descobrir nellas sua tenção, principalmente Diogo Lopes, a quem ElRey aquelle anno escrevia, que quando lhe não desse Melique Az lugar de fortaleza, trabalhasse por tomar a Cidade; não lhe queria elle mostrar ter

muita sede do negocio , polo segurar de a
 não fortalecer mais , em quanto se elle hia
 fazer prestes a Cochij pera vir sobre ella com
 Armada poderosa , como lhe ElRey man-
 dava que a commetteffe. E o em que elle
 Melique Az se resumio ácerca daquelle re-
 querimento de Diogo Lopes , foi , que por
 haver já muitos annos que per Affonso d'Al-
 boquerque fora requerido a ElRey de Cam-
 baya , e nisso se não fallára mais , era neces-
 sario elle Diogo Lopes mandar-lhe seu Em-
 baixador sobre isso , e que elle Melique Az
 baixador logo ordem como partisse dalli ; e ha-
 veria logo ordem como partisse dalli ; e ha-
 via a vontade d'ElRey , na sua pouco ha-
 via que fazer , porque sempre estivera pres-
 tes pera o servir. Finalmente Diogo Lopes ,
 por não mostrar a Melique Az que de pro-
 posito vinha áquelle portto de Dio a este ne-
 gocio , e tambem polo segurar , disse , que
 da India mandaria aquelle recado a ElRey ,
 porque então abastava saber a boa vontade
 d'elle Melique Az , mostrando-se muito con-
 tente delle. E aquelles dias que se alli de-
 teve veio ter com elle Gaspar da Silva Ca-
 pitão da náó Nazaré , que foi huma das mais
 formosas deste Reyno , em que elle levava
 quatrocentos homens , o qual tambem com
 nova , que podia achar Diogo Lopes naquella
 paragem , fez o caminho de Ruy Vaz Pe-
 reira , que no seu galeão levava **trezentos**

homens; e segundo toda esta gente hia fretada do Reyno, e bem disposta, com ella, e com mil e quinhentos homens, que Diogo Lopes trazia nas outras náos, bem se poderia tomar a Cidade Dio. Cá segundo se depois soube; ella estava mui pobre de gente estrangeira, de que Melique Az sempre fez mais cabedal, que dos naturaes Guzarates, por ser gente fraca; e a estrangeira em que elle confiava eram Mouros Arabios, Turcos, Parseos, e Rumes, que naturalmente todos nos tinham odio, por lhes termos tomada aquella navegação, e mais eram homens animosos, e mui astuciosos nas cousas da guerra, e sobre isso mui offendidos de nossas Armadas. E porque com a entrada que Diogo Lopes fez no estreito, e mais invernar aquelle anno em Ormuz, e Jorge d'Albuquerque em Calayate, não ousáram as náos do estreito de Méca vir aquelle anno a Dio, e aquella que Ruy Vaz aferrou houve o fim que dissemos: assi que com defalecimento de gente, e mercadorias que estas náos traziam, que tambem he nervo da guerra, estava a Cidade pobre, e Melique Az assombrado. Però como era sagaz, contrafazia as cousas de maneira, que ninguem lhe sentia necessidade, nem desconfiança; e naquelles dias que Diogo Lopes alli esteve, fez vir tanta gente da terra com mantimentos,

tos, e cousas de refresco, que mandou em abastança a toda nossa Armada, que com o muito povo, que vinha das aldeas a trazer estas cousas, não se podiam revolver pelas ruas da Cidade. E inda pera contentar a todos, não sómente a Diogo Lopes, mas a todo o Capitão mandou peças de presente, e per derradeiro como homem seguro, e que se não vigiava de nós, mandou dizer a Diogo Lopes, que lhe disseram que naquella não, que alli então chegára de Portugal, viñham algumas mulheres, que lhe beijaria as mãos mandar-lhe mostrar huma, porque desejava ver as femeas que pariam homens tão cavalleiros, e gentis homens, como eram os Portuguezes. Diogo Lopes além das peças que lhe também enviou em retorno das suas, mandou-lhe mostrar huma mulher Mourisca, que alli vinha casada, per o mesmo seu marido; e posto que era mulher de bom parecer, em a vendo Melique Az era tão discreto, que disse: *Não he esta a que pare Portuguez*; e quando lhe disseram de que nação era, respondeo, que bem parecia ser da linhagem daquella gente Arabia. Depois que se Diogo Lopes despedio d'elle, e partio pera a India, ficando alli Rafael Perestrello com fama de carregar a sua não de roupa pera levar a Malaca; onde elle esperava ir, como veremos, pera neste tempo elle poder

notar bem as forças, e entradas daquella Cidade, pera Diogo Lopes vir sobre ella, como lhe ElRey nas cattas daquelle anno mandava; acertou que entre algumas cousas que Rafael Perestrello mandou a Melique Az de presente, (pera com mais facilidade poder fazer seus negocios,) ir hum panno de armar de figuras, o qual em se abrindo, que Melique Az vio as figuras das mulheres, disse aos que estavam presentes: *Estas são as mulheres que parem os Portuguezes, e não me espanto agora da cavalleria, e parecer delles, pois procedem destas.*

CAPITULO VIII.

Como Diogo Lopes de Sequeira, depois que despachou as náos, que o anno de quinhentos e vinte vieram com carga de especiaria pera este Reyno, fez huma grossa Armada, em que foi pera Dio com tenção de fazer abi huma fortaleza.

D iogo Lopes de Sequeira tanto que chegou a Goa, providas algumas cousas necessarias ao governo da Cidade, principalmente as terras firmes, que achou que Ruy de Mello tinha tomado, pela maneira que atrás escrevemos, passou-se a Cochij a dar aviamento á carga das náos, que aquelle anno haviam de vir com especiaria pera este

este Reyno, e assi ordenar as cousas necessarias pera com huma poderosa Armada tornar sobre Dio, como lhe ElRey mandava. E porque da frota que Jorge d'Albuquerque levou, que invernou em Moçambique, ficáram na India muitas náos, que com as daquelle presente anno da Armada de Jorge de Brito fazia hum grande numero pera todos tornarem com especiaria, despachou sómente aquellas a que pode dar carga, de que veio por Capitão mór Antonio de Saldanha, que chegou a este Reyno a salvamento, e as outras ficáram pera ir com elle ao feito de Dio; e por esta causa, e lhe ElRey mandar que fosse o mais poderosamente que pudesse, reteve todos os Capitães que hiam ordenados pera aquellas partes de Malaca, com fundamento, que acabado este negocio os espediria, como fez; e segundo o que depois succedeo, per ventura lhe fora mais proveitoso ir ao mesmo feito sem elles, que levállos em sua companhia, como se verá. Melique Az como não estuda em outra cousa senão em se vigiar de nós, e sobre isso trazia grandes espias; tanto que soube dos grandes apparatus que Diogo Lopes fazia, (ainda que a fama delles eram pera tornar ao estreito do mar Roxo fazer hum fortaleza,) mandou hum Mouro per nome Camallo visitar Diogo Lopes

com hum presente; levando per instrucção, que depois que o visitasse da sua parte, e lhe dêsse o presente, se leixasse andar de vagar espreitando o que elle fazia; e neste tempo como de seu lhe disse, que elle Melique Az estava esperando que mandasse alguma pessoa a ElRey de Cambaya sobre a casa de feitoria que queria fazer, como com elle assentára; porque segundo elle Camallo tinha entendido de Melique Az, em chegando não haveria muito que fazer neste negocio. E depois que este Mouro per tal modo tentou Diogo Lopes, porque sentia nelle que o não queria despachar, sendo esta a cousa que elle mais desejava pera melhor notar tudo o que elle fazia, de que logo avisava Melique Az, disse-lhe hum dia que tinha cartas de Melique Az seu senhor, que se fosse o mais prestes que pudesse; e que tambem lhe escrevia, que quanto á casa da feitoria que elle Capitão mór desejava ter em Dio, que elle Melique Az tinha cartas da Corte d'ElRey de Cambaya, em que lhe escreviã alguns seus amigos, a quem elle Melique Az tinha encomendado este negocio da casa, que ElRey de Cambaya não leixava de dar esta licença sómente por esperar que Diogo Lopes lha mandasse pedir: que de seu conselho elle o devia logo fazer, por ser cousa geral a todos os Príncipes

pes quererem-se rogados ao modo das mulheres, posto que muito desejem fazer a mesma cousa. E pois que este negocio estava em tal estado, a elle Camallo lhe parecia, e affi lho escrevia seu senhor Melique Az que lho dísse, que elle Diogo Lopes devia mandar algum Capitão com náos, munições, e officiaes pera logo poer mão á obra, por não se perder tempo em irem, e virem recados. Diogo Lopes ainda que não entendia naquelle tempo todos estes artificios de Melique Az, o que então alcançou delles era, que de affombrado da Armada que lhe diziam que elle fazia, lhe mandava aconselhar que mandasse lá hum Capitão, porque elle Diogo Lopes desistisse do que ordenava, com que poderia poer o peito em terra, e tomar a Cidade que elle Melique Az receava, o que não podia fazer qualquer outro Capitão, que elle lá mandasse; e por o mais affombrar, entretinha a Camallo, porque visse o grande aparato da Armada, e Camallo não andava olhando outra cousa. Finalmente vindo o tempo em que podia partir, elle se poz em caminho com huma frota de quarenta e oito vélas, entre náos, galões, galés, fustas, bargantijs, e outros navios de reino, a qual frota foi a maior que té aquelle tempo se ajuntára naquellas partes, os Capitães da qual eram estes, D. Alei-

xo de Menezes, D. João de Lima, Jorge d'Albuquerque, Antonio de Brito, Fernão Gomes de Lemos, Antonio de Lemos seu irmão, Christovão de Sá, Francisco de Mendoga, André de Sousa Chichorro, D. Jorge de Menezes, Miguel de Moura, Lopez d'Azevedo, Jeronymo de Sousa, Antonio Ferreira, Francisco Pereira de Berredo, Francisco de Sousa Tavares, Pero Lourenço de Mello, Francisco de Mendoga de Murça, Simão Sodré, Diogo Fernandes de Béja, Rafael Catanho, Rafael Perestrello, Pero da Silva, Christovão Correa, Nuno Fernandes de Macedo, Antonio Raposo, Ruy Vaz Pereira, Antonio de Brito de Sousa, Antonio Correa, Aires Correa seu irmão, Gonçalo Pereira, Christovão Jusarte, Francisco de Mello Gallego, Duarte d'Afonseca, André Dias Alcaide de Lisboa, Diogo Pereira, Gaspar Doutel, Alvaro d'Almada, Gonçalo de Loulé, Paulo Machado, Thomé Rodrigues, Aires Dias, Lourenço Godinho o Pireirinha, Pero Gomes de Sequiera Malabar, João Fernandes Malabar, o Panical de Cochij, que depois desta vinda se fez Christão, Malu Mocadam dos Canarijs de Goa, que tambem se fez Christão, e ora ha nome Mamiel da Cunha. Na qual frota hiam té tres mil homens Portuguezes, e oitocentos Malabares, e Canarijs de bai-

xo do governo dos Capitães Gentios da terra que nomeamos. Seguindo Diogo Lopes sua viagem com esta grande frota, foi tomar o rio Banda cinco leguas áquem de Chaul; porque como he rio largo, e sem banco algum na barra, podia dentro sem perigo agazalhar toda a frota. No qual lugar Diogo Paes, que estava por Feitor em Chaul, lhe trouxe toda a provisão de mantimentos, que lhe Diogo Lopes tinha mandado fazer prestes pera aquella viagem. E recebidos os mantimentos, denunciou a todos os Capitães a tenção d'ElRey D. Manuel sobre aquella ida sua, que era mandar-lhe que naquella Cidade Dio fizesse huma fortaleza; e quando Melique Az lhe não quizesse dar lugar pera isso, que então a tomasse elle per força de armas, polo muito que importava ao estado da India ser feita naquelle lugar, por evitar ser aquella Cidade Dio huma acolheita de quantos Turcos, Arabios, e Rumes hiam áquellas partes. E porque além de ElRey D. Manuel encomendou a elle Diogo Lopes, que trabalhasse muito per todos os modos que a fortaleza se fizesse ante per vontade d'ElRey de Cambaya, e de Melique Az, que per força de armas, e o Mouro Camallo por parte do mesmo Melique Az (como ora dissemos) lhe dizia que mandasse alguma pes-

foa a ElRey de Cambaya, por quão facilmente havia de conceder naquella fortaleza, e que bastava mandar a isso hum Capitão com alguma gente, e munições, pera em vindo o recado se porem logo mãos á obra, affentou Diogo Lopes no conselho que teve com os Capitães de mandar diante D. Aleixo com té vinte vélas entre grandes, e pequenas, pera tentar a tenção de Melique Az, quasi pelo modo que o elle mandára aconselhar per seu criado Camallo, por mostrar que naquelle negocio em tudo queria seguir seu conselho. Porque quando elle Diogo Lopes chegasse o poder mais culpar se fizesse o contrario do que aconselhava; e que a voz da outra frota, que com elle ficava, feriala que era pera Ormuz, por elle com grande instancia ser chamado por ElRey, que lhe fosse dar vingança d'ElRey Mocrim, que por elle governava a Ilha Baharem, o qual estava meio levantado, e não lhe queria acudir com os rendimentos. E por isto passar assi em verdade do levantamento deste Mouro, e requerimento d'ElRey de Ormuz, e ser já sabido em Cambaya pola vizinhança, e communicação que hum Reyno tem com outro, podia-se bem dissimular o mais que elle hia fazer. E querendo elle Diogo Lopes mandar o Mouro Camallo em companhia de D. Aleixo, não foi achado, e sou-

be que á sua partida de Goa com toda a
 frota fogira em huma fusta; o que deo má
 suspeita a Diogo Lopes, parecendo-lhe que
 não respondiam suas palavras, e conselhos
 com o acto da fogida. Finalmente elle se
 partio dalli com toda sua frota; e tanto que
 foi na paragem da ponta de Damão, don-
 de se pôde atravessar de lugar mais perto a
 enseada de Cambaya pera Dio, espedio Dom
 Aleixo, ficando Diogo Lopes com toda a
 mais frota hum pouco de vagar por dar
 espaço ao que D. Aleixo havia de fazer.
 Mas como nestas cousas sempre se acha hu-
 ma pouca de inveja, dizem que partido Dom
 Aleixo, não faleceo quem fizesse erer a Dio-
 go Lopes que não convinha muito a sua hon-
 ra mandallo diante. Porque se era verdade
 o que Diogo Lopes dizia, que lhe Melique
 Az mandava dizer quão facilmente se podia
 impetrar aquella licença d'ElRey de Cam-
 baya; per ventura estaria esta materia tão
 disposta na vontade d'ElRey, e delle Meli-
 que Az, que em elle vendo D. Aleixo com
 aquella frota, ou por vontade d'ElRey, e
 delle Melique Az, que em elle vendo Dom
 Aleixo com aquella frota, ou por vontade,
 ou por temor acabaria logo tudo de manei-
 ra, que quando elle Diogo Lopes chegaf-
 se, iria (como diziam) ao atar das feridas,
 e scaria D. Aleixo com a honra **N**daquelle **fez**

feito. Diogo Lopes como lhe tocáram nesta parte da honra do caso, parece que o removeo de maneira, que não lhe levou Dom Aleixo mais que hum dia sómente. No qual dia não era mais feito, (por Melique Az não ser na Cidade,) que terem entrado dentro nella Pero Lourenço de Mello Capitão de huma náo, e Jorge Dias Cabral, hum cavalleiro que andára muito tempo em Italia nas guerras de Napoles com o grão Capitão Gonçalo Fernandes, donde trouxe honrado nome de feitos que lá fez, aos quaes Diogo Lopes encomendou, que tanto que D. Aleixo chegasse, em habito de marinheiros fossem dentro á Cidade, como que liam pedir algum mantimento ao Feitor Fernão Martins, e que notassem bem a entrada do rio, e do modo que Melique Az tinha provida a defensão da Cidade.

CAPITULO IX.

Como Diogo Lopes de Sequeira com sua frota chegou sobre a Cidade Dio, onde não fez fortaleza, e a causa porque; e como foi invernar a Ormuz, espedindo os Capitães que hiam ordenados pera as partes de Malaca, os quaes foram em companhia de D. Aleixo de Menezes, que os havia de despachar em Cochij.

Chegado Diogo Lopes ante o porto da Cidade Dio em nove de Fevereiro do anno de quinhentos e vinte e hum, achou o negocio a que elle hia bem differente do que cuidava; e em duas cousas logo notou ser fallo quanto lhe Melique Az mandava dizer da facilidade do caso. A primeira, porque o não achou na Cidade, e segundo lhe contáram Pero Lourenço, e Jorge Dias, que o souberam de Fernão Martins, elle era ido á Corte d'ElRey de Cambaya; e posto que lançou fama que ElRey o mandára chamar, a elle Fernão Martins parecia o contrario. Porque quanto elle pode alcançar da sua ida, ella fora a impedir a vontade d'ElRey de Cambaya, que em nenhuma maneira desse palavra pera se fazer a fortaleza, se elle Diogo Lopes lá mandasse com este requerimento alguma pessoa. Cá esta sua ida

fora depois que soubera, que elle Diogo Lopes partira com aquella grande frota, e que o Mouro Camallo, que lá andava nestes enganos, havia poucos dias que chegára, e logo se partira em busca d'elle; e polo que elle contou a Melique Saca seu filho que alli estava, e a seus Capitães, a Cidade ardia alli no mar, como na terra, provendo toda parte per onde podia ser entrada. A segunda cousa, em que tambem Diogo Lopes notou que não o queriam hospedar nella, foi, que lhe disse D. Aleixo que no dia de sua chegada, e depois no seguinte, o porto da Cidade estava despejado, e aberto pera sair, e entrar, e a manhã que elle Diogo Lopes apparecêra ao mar, logo se atravessára a cadeia que vio, e as náos que estavam junto della. E mais, que mandando elle chamar aquelle dia Fernão Martins pera praticar com elle as cousas que lhe mandára, não viera, e que lhe dera a entender per hum recado, que lhe mandára de escusa, que estava quasi reteudo sem ousar commetter o caminho, por não descubrir a vontade dos Mouros, té que elle Diogo Lopes viesse, porque vendo sua pessoa diante, tomariam melhor conselho. Havida esta primeira noticia das cousas da Cidade no dia que Diogo Lopes chegou, não teve nelle tempo pera mais, que mandar ancorar as náos,

galções, e galés nos lugares que convinham, segundo a ordem que já pera isso tinha dado aos Capitães. E primeiro que algum recado mandasse a Melique Saca, filho de Melique Az, quiz tomar alguma mais informação de como a Cidade estava provida, e achou que com Melique Saca ficaram estas tres pessoas, per cujo conselho se haviam de fazer, e ordenar todas as cousas alli da paz, como da guerra. Hum dos quaes era o Capitão principal de Melique Az chamado Haga Mahamed, Tartato de nação, e parente seu; o outro havia nome Sufo Turco, Capitão da sua Armada; e o terceiro chamado Sedalim, que servia de Capitão mór della, os quaes eram homens de que tinha muita experiencia de seu saber, e cavalleria. E além destas tres cabeças ficava a gente da terra, de que a Cidade estava atulhada, e mais muita gente estrangeira de Arabios, Parseos, Turcos, e muitos arrenegados de varias nações, delles a soldo, e outros que eram vindos a seus tratos de mercadoria em náos, que alli estavam. E de hum baluarte que estava no meio do rio, que era á entrada do porto da Cidade, atravessava hum grossa cadeia de ferro, enroladas nella amarras de cairo, por o ferro não desfazer huns barcos, sobre que ella se sostinha naquelle grande vão do canal que havia entre o baluarte e a

terra onde ella estava preza. E junto della no meio deste canal estavam tres náos grandes carregadas de pedra com rombos dados, pera ao tempo da necessidade as encherem de agua, e as calarem no fundo, com que o canal ficasse de todo atupido. E além destas náos estava toda a fustalha que Melique Az senhor da Cidade tinha prestes, que seriam té cento e oitenta peças, a fóra muitas náos de carga suas, e dos mercadores que alli eram vindos, as quaes náos elle tinha arestado pera esta defensão. E ainda pera impedir mais aquella passagem, tinha feito huma estacada de grossa, e espessa madeira, assi ordenada, que parecia a quem entrava per ella entrar per as torturas que contam do labyrintho. Tinha mais feita outra obra derredor do baluarte, que estava no meio do rio, que era muita pedra grossa quasi penedos lançada derredor d'elle á manciara de recife, porque não pudessem as nossas galés pela banda de fóra abaíroar com elle. As quaes pedras se naquelle tempo nos impediram entrar na Cidade, depois no anno de quinhentos e trinta e oito nos aproveitáram muito, quando Soleimão Bassá Capitão do Turco veio sobre esta Cidade á instancia do Soltão Badur Rey de Cambaya em odio nosso, tendo nós já feito nella fortaleza, de que era Capitão Antonio da Silveira de Me-

nezes, como se verá em seu tempo. Entre o qual baluarte, e a terra firme fronteira á Cidade, onde está a povoação a que chamamos dos Rumes, (segundo fica atrás na descripção que fizemos do sitio desta Cidade,) era aquelle lugar tão aparcelado, e baixo, que não podia per alli passar hum navio por leve, e raso que fosse. Finalmente, no mar, na terra, e per todo o muro eram artificios, e artilheria, como que os nossos eram aves que haviam de subir pela agrura da penedia, sobre que o muro estava feito, naquella parte do mar, per que os nossos podiam ter alguma subida. Diogo Lopes vendo que a entrada daquella Cidade estava mui diferente do que elle cuidava, e que com a ida de Melique Az ficavam suas promessas desfeitas, mandou chamar Fernão Martins Evangelho, que já estava com mais liberdade, do que teve na chegada de D. Aleixo, do qual teve ainda mais particular informação da força, e defensões, que a Cidade tinha. E primeiro que passasse mais tempo, depois que entre elle, e Melique Saca houve visitasões, mandou-lhe dizer, como elle hia caminho de Ormuz ao negocio que lhe Fernão Martins diria; e que por não perder tempo, e seu pai lhe mandar muitos recados per Camal-lo seu melleiroiro sobre a fortaleza que alli

queria fazer, em que elle Melique Saca já estaria mui práctico, por haver tanto tempo que se nisso tratava, folgaria que lhe mandasse dizer o lugar que seu pai pera isso queria dar, porque elle vinha apercebido de aquella obra havia mister. E mais, que como elle sabia, os Portuguezes em poucos dias punham humna fortaleza em pé, e isto quando tomavam a peito de a fazer, como fizeram outras que tinham feitas na India. Melique Saca como de seu pai ficára instructo do que havia de responder a elle Diogo Lopes se alli viesse com tal requerimento, e mais tinha á illarga os tres mestres que dissemos, respondeo, que por elle Fernão Martins sua Senhoria podia saber como seu pai fora chamado d'ElRey de Cambaya, e que havia poucos dias que lhe escrevêra; que humna das cousas que o ainda lá detinha, era estar esperando que elle senhor Governador mandasse alguma pessoa a ElRey, como lhe muitas vezes tinha mandado dizer, porque em quanto elle Melique Az lá estivesse, com seus amigos podia aproveitar muito neste negocio. E pois seu pai estava esperando que elle senhor Capitão mór mandasse alguem a este negocio, que o devia logo fazer, por não perder tempo, como elle dizia; e que elle Melique Saca daria avia-

mento á sua partida pera em breve ir , e vir com recado , porque elle não tinha outro de seu pai , e por ser filho não podia tomar mais licença por haver a benção d'elle , que quanta lhe dera ; e que ainda que em mais elle quizesse servir sua Senhoria , tinha as mãos atadas per tres velhos que seu pai leixára em guarda daquella Cidade. Que pera qualquer outra cousa de mantimentos , e provisão pera aquella Armada , a Cidade estava tão abastada delles , que nisso lhe faria pouco serviço. E além destas palavras , que eram a força de sua resposta , disse outras a Fernão Martins , que também tinham outro entendimento , ao modo das que lhe Diogo Lopes mandou dizer , quasi que não lhe havia de custar a entrada na Cidade tão barato , como custaram as outras , em que elle dizia que os Portuguezes tinham feito fortaleza. Diogo Lopes com esta resposta de Melique Saca teve logo conselho com os Capitães , diante dos quaes elle quiz que Fernão Martins dissesse o que lhe parecia de Melique Saca , e assi da força que a Cidade tinha , e se era cousa que se devia commetter. E assi per elle , como per Pero Lourenço , e Jorge Dias foi dito , que pera commetter a Cidade per alguns lugares que parecia poder-se entrar , havia mister mais de dez mil homens , e com menos era cousa impossível. Diogo Lopes ,

depois que ouvio a prática que se teve sobre o tomar a Cidade per força de armas, como houve mui differentes votos, não quiz tomar final conclusão sem primeiro mandar mais alguns recados a Melique Saca, sem lhe dar a entender que o entendia, pera entre tanto examinar este caso. O qual exame foi pedir elle a alguns Capitães, e Fidalgos principaes que em habito de marinheiros fossem á feitoria, como que hiam buscar alguma provisão, e notassem bem tudo, pera de vista poderem dar seu voto naquelle caso. E porque no cabo da Cidade, que estava mais ao mar sobre a entrada do rio, estava hum lanço de muro, que não era manceijo como o outro que estava feito na penha viva, e este dizia João de la Camara Condestabre mór que daria em duas horas com elle em terra, foi elle Diogo Lopes em hum batel com o Condestabre, e alguns Fidalgos ver este lugar, e se era cousa possível o que elle dizia. A qual vista não aproveitou pera mais, que pera depois, como em lugar de suspeita, fazer Melique Az hum baluarte mui forte, que seguron aquella parte, ao qual ora chamam o baluarte de Diogo Lopes, por elle com esta vista ser causa de se fazer. Feitas todas estas diligencias, e elle Diogo Lopes estar defenganado de Melique Saca, por recados que foram, e

vieram, dizendo elle que não podia naquelle caso mais fazer, que dar aviamento ao Embaixador, que elle podia mandar a El-Rey de Cambaya se quizesse, teve Diogo Lopes outra vez conselho sobre a determinação daquelle caso; e a conclusão delle ácerca dos mais, foi, que não era cousa pera commetter tomar aquella Cidade á escala vista. E porque toda a gente da Armada estava com grande alvoroço da vista do muro, que Diogo Lopes foi ver, per onde João de la Camara dizia que daria com elle em terra, houve por toda a Armada rumor que por alli haviam de commetter. Però quando ao outro dia se disse que não se havia de combater a Cidade, foi a tristeza tão grande na gente de armas, e tanta a murmuração contra Diogo Lopes, que não faleceo cousa que lhe não levantassem; e a causa disto foram duas cousas. A primeira, que em dous, ou tres dias, que andáram aquelles tratos per meio de Fernão Martins entre elle Diogo Lopes, e Melique Saca, temendo Fernão Martins pelo que sentia em elle Diogo Lopes que a Cidade fosse commettida, e que se podia perder huma somma de dinheiro, que elle tinha feito na fazenda d'El-Rey, que alli feitorizava, e em que com algum seu, e do Escrivão de seu cargo podia ser té trinta mil cruzados: huma noite veio com el-

les á náó de Diogo Lopes aos pôr em cobro, e elle os mandou entregar a Bastião Rodrigues Lagues de alcunha, da qual cousa se logo affirmou ser aquillo peita. E a outra cousa, porque a mais da gente de armas julgava mal Diogo Lopes, foi, que muitos dos Capitães, que no conselho passado votavam que lhe não parecia serviço de Deos, nem d'ElRey D. Manuel, commetterem aquella Cidade á escala vista, estes melmos por fóra, cada hum na sua náó de que era Capitão, por se congratçar com a gente della, e habilitar sua pelloa, diziam ser a mais malfeita cousa que podia ser não commetterem aquella Cidade, e que seu voto não fora outro, com outras mil cousas desta qualidade. Diogo Lopes tanto que soube o que estes Capitães diziam, tornou outra vez aos ajuntar, como que se queria ratificar em seu parecer; e mandou ao Secretario que tomasse o voto de cada hum per escrito, e os fez affinar. E com tudo neste caso de Diogo Lopes mais verdadeiramente se póde dizer estar a culpa em outras duas cousas, que nelle. Huma foi, ter Diogo Fernandes de Béja hum Alvará d'ElRey D. Manuel, que levou deste Reyno, per que lhe fazia mercê da fortaleza, que se fizesse alli em Dio; e outra, haver mais de vinte Capitães que estavam todos orde-

nados pera fazer suas viagens de mais seu proveito, que ir tomar experiencia da polvora das bombardas de Melique Az se tinha muito, ou pouco salitre; e quaes estes foram, adiante na espedida delles se verá. Assim que tendo todos mais respeito á conta que cada hum fazia de seu proveito, que á honra que Diogo Lopes ganhava naquelle feito, os mais delles assináram o que d'antes tinham dito. E as causas que houve pera se resolverem todos no que tinham votado, foram: que naquelle negocio não se havia de ter tanto relguardo ao perigo das bombardas, e artificios, com que Melique Az tinha provido aquella Cidade, e numero de gente, com que elle esperava de a defender, como Capitães que era della; quanto respeito convinha que se tivesse a ElRey de Cambaya, que era senhor della. O qual se haveria por muito offendido naquella força, que lhe fosse feita; e não havia mais mister pera começarem abrir huma guerra de novo, que era a cousa que ElRey mais defendia a todos los Governadores. E pois ElRey nas cartas que aquelle anno escrevia, encommendava a elle Diogo Lopes, que primeiro tentasse todos los meios, e que o derradeiro fosse commetter a Cidade, e isto ainda com grandes cautelas sobre o risco da gente, o qual todos viam

estar ante os olhos, devia-se primeiro tentar este modo, em que Melique Az tantas vezes repetia, que era mandar alguma pessoa a ElRey. E quando este seu conselho fosse falso, então tempo ficava pera lhe fazerem a guerra; porque depois das pazes que tinham feitas, em que então estavam, erros tinha elle Melique Az commettido em tempo de Lopo Soares com suas fustas: donde se podia tomar a causa de lhe fazer a guerra, e assi do recolhimento que não havia de dar aos Turcos, e Rumes, como ficára assentado pelo Viso-Rey D. Francisco d'Almeida: quanto mais que bastava quanta mentira neste caso tinha dito. E entre tanto devia ficar sobre aquelle porto Diogo Fernandes de Béja, (que era o noivo, que havia de ser desposado com a fortaleza,) com algumas vélas esperando o recado d'ElRey; e vindo mandado que havia por bem que se fizesse, começaria logo abrir alicerces, em quanto levavam recado a elle Diogo Lopes a Ormuz. E quando fosse o contrario, elle mesmo podia logo denunciar a guerra, não deixando entrar, nem sahir hum barco; e este era o maior damno que lhe podiam fazer, pôr-lhe a mão na garganta per onde elle recebia vida; e depois que elle Diogo Lopes tornasse de Ormuz, então lhe ficava lugar pera o mais que o

tempo d'esse de si. Tanto que Diogo Lopes ficou satisfeito dos Capitães per esse modo, não houve mais que dizer, s'omente dissimular elle com Melique Saca, e mandar-lhe dizer, que naquelle caso da fortaleza que alli queria fazer, sempre elle, e os Governadores passados se quizeram conformar com o parecer, e vontade de seu pai: e pois a elle lhe parecia bom conselho o recado que elle Diogo Lopes devia mandar a ElRey, que alli o queria fazer. Que lhe pedia, que a Ruy Fernandes, que elle alli leixava com o Feitor Fernão Martins Evangelho, pera ir a ElRey de Cambaya com seu recado, lhe mandasse logo dar aviamento pera isso. E que em quanto elle fosse, leixava Diogo Fernandes de Béja com alguns navios, e munições, pera tanto que viesse recado, começar logo poer mãos á obra: que elle lho encommendava que lhe fizesse bom gazalhado, porque havia de ficar alli por hospede alguns dias na fortaleza. Melique Saca ouvida esta determinação de Diogo Lopes, como homem desabafado daquella Armada, que lhe tinha posto a mão na vida, não teve que dizer a Diogo Lopes, senão mandar-lhe louvar tão bom conselho, e fazer grandes promessas de si ácerca do aviamento do homem; que queria mandar, dando o negocio por

acabado por parte de seu pai em estar lá; e assi a diligencia que se daria ao que Diogo Fernandes houvesse mister, tanto que viesse recado. Finalmente, postas estas cousas em effeito, Diogo Lopes entregou Ruy Fernandes ao Feitor Fernão Martins que o proveesse do necessario pera aquella jornada, e deixou Diogo Fernandes naquella porto em huma náó, e com elle Nuno Fernandes de Macedo em hum navio, e seu irmão Manuel de Macedo em outro com o regimento do que haviam de fazer. E espedio todos os Capitães que hiam ordenados pera vir com as náós que deste Reyno foram pera trazerem a carga da pimenta, e assi os ordenados pera as partes de Malaca, e outros que tinham náós, e navios, que haviam mister corregimento, aos quaes mandou que se fossem a Cochij com D. Aleixo, ao qual deo todos os poderes que elle tinha de Governador pera prover nestas cousas, e em todos os negocios daquellas partes em quanto elle Diogo Lopes hia a invernar a Ormuz. E por quanto elle esperava tornar alli sobre Dio acabar de rematar as cousas daquella fortaleza, ou fazer outra em Madafadar cinco leguas de Dio, onde elle já tinha mandado Antonio Correa, e o Piloto mór João de Coimbra ver o sitio, e disposição do lugar; mandou elle a D. Alei-

xo que fosse alli naquelle tempo com quan-
 tos navios, e gente pudesse ajuntar. E man-
 dou tambem dalli Fernão Camelo, que já
 estivera por Feitor em Chaul, que da sua
 parte fosse ao Nizamaluco hum dos princi-
 paes Capitães do Reyno Decan, que era
 senhor daquella Cidade, pedir-lhe licença
 pera alli fazer huma fortaleza, porque seu
 fundamento d'elle Diogo Lopes era estar
 tambem provido per esta parte; que quan-
 do o negocio da fortaleza de Dio, ou Ma-
 defadar não succedessem bem, ter lugar pe-
 ra isso nesta Cidade Chaul, onde nossas cou-
 sas eram bem recebidas. E mais sabia elle
 Diogo Lopes que o Nizamaluco desejava
 ter alli esta fortaleza nossa, por causa do
 grande interesse que lhe disso vinha, e de
 outros fundamentos que elle fazia, de que
 adiante daremos conta. Donde procedia con-
 sentir elle pagarem os moradores da Cida-
 de dous mil pardaos de pareas, que lhe o
 Viso-Rey D. Francisco d'Almeida poz, em
 penitencia de não serem em ajuda de seu
 filho D. Lourenço quando os Rumes pele-
 jaram com elle, e foi morto polo modo
 que atrás fica, e tambem ElRey D. Manuel
 encommendava a elle Diogo Lopes que ten-
 tasse este Nizamaluco desta licença. Final-
 mente acabadas estas cousas, Diogo Lopes
 se partio pera Ormuz, e Diogo Fernandes

ficou sobre Dio, e D. Aleixo fez sua viagem caminho da India com toda a mais frota, com o qual nós iremos hum pouco de tempo, por dar razão do que fizeram tantos Capitães como hiam ordenados para aquellas partes de Malaca.

CAPITULO X.

Do que aconteceu a Simão Sodré ao longo da costa caminho de Goa, e houvera de acontecer a D. João de Lima que se contelle achou: e do despacho que D. Aleixo deo, depois que chegou a Cochij, aos Capitães, que levava em sua companhia.

Como em companhia de D. Aleixo hiam vélas diferentes, que eram náos, galeões, fustas, e catures, huns haviam milter huma navegação, e outros outra. As náos, e galeões, por serem de grande porte, tomavam o golfão do mar por atravessarem mais cedo á India; e as outras vélas de remo, que eram pequenas vasilhas, seguiam a costa da terra, que foi causa de esta frota ir hum pouco derramada. E tambem como muitos hiam descontentes daquella viagem, de que levavam as mãos vazias, e sempre ao longo da costa se achava algum navio de Mouros, que de hum porto ao outro furtados de nós andavam fazendo suas

commutações, e assi havia alguns ladrões, que os nossos sabiam andarem alli ao salto, e se acolhiam a certas guaridas, com esta tenção alguns se leixavam esquecer da companhia dos outros, e outros não podiam mais andar. E però que neste caminho alguns tiveram que contar d'elle, tomamos nós sómente hum caso, que aconteceu a hum fusta, de que era Capitão Simão Sodré, e o que houvera de acontecer a D. João de Lima em hum bargantim, por razão do que elle passou na barra de Dio com Diogo Lopes de Sequeira, de quem elle hia aggravado; e o caso foi este. Como os homens nobres nos lugares de honra, como era commetter o combate da Cidade Dio, todos se querem mostrar, trabalhava cada hum de tomar bom posto. D. João de Lima, porque naquella jornada hia por Capitão de hum galeão, que era das melhores peças de toda a frota, e por as qualidades de sua pessoa pertencia-lhe aquelle posto que elle tomou, o qual era no meio do canal junto, onde a cadea de ferro que dissemos estava atravessada: veio d'outra parte Christovão Correa filho de Christovão Correa Comendador dos Colos com outro galeão pequeno, e com o mesmo desejo de ganhar honra, como mancebo, e novo no officio de Capitão, sem ter resguardo de D. João, pas-

fou-se diante d'elle. Gonçalo de Loulé, (de que atrás fizemos menção,) sendo homem que (segundo diziam) de mareante viera a estado de Capitão de hum navio, não tendo respeito a quem elles eram, perpassou per ambos, e vai-se por diante de Christovão Correa junto com huma lagea contra a Cidade. Donde D. João de Lima, quando vio Gonçalo de Loulé naquelle lugar, ainda que folgou polo que Christovão Correa lhe fez, levantou-se do pouso em que estava, e foi-se pôr diante de Gonçalo de Loulé; e como o galeão demandava muita agua, e Dom João com a indignação que tinha fazia com o mestre d'elle que fosse mais avante, foi dar com elle quasi sobre a lagea, em que se houvera de perder, se lhe logo não acudiram muitos batéis. No qual caso houve tirar com huma bombardada do mesmo galeão que lhe acudissem; e foi tanta a revolta em toda a Armada, que cuidavam todos que começava já o galeão dar bateria á Cidade. Tambem os Mouros acudiram acima ao muro, que ficava sobre o galeão, e travou-se huma união que acudio Diogo Lopes, parecendo-lhe fer outra cousa. E porque naquelle tempo se tratava entre elle, e Melique Saca o negocio da fortaleza, e houve da Cidade recados que couse era aquella, como que se aggravavam de se romper a paz, estando

em requerimento de fortaleza, passou Diogo Lopes palavras com D. João sobre aquelle desmancho, donde lhe tirou a capitania do galeão. Tanto polo feito, como porque D. João retorcido pera os que estavam per derredor, disse que o Diogo Lopes, que havia de tomar Dio, ficava em Portugal, a qual palavra dizem que ouviu Diogo Lopes. E a pessoa, por quem D. João dizia aquillo, era por Diogo Lopes de Lima seu irmão, o qual tinha aquella capitania mór da India; e a frota, que Diogo Lopes de Sequeira levou, pera elle Diogo Lopes de Lima se ordenava. Mas como a Corte dos Reys he cheia de muitas mudanças, foi Diogo Lopes de Sequeira, e Diogo Lopes de Lima foi satisfeito da mercê que lhe era feita a dinheiro de contado; e per esta maneira vem os Reys despende mais em pagar injurias, que fazer honras. Passada aquella primeira indignação, que Diogo Lopes de Sequeira teve, tornava depois a dar o galeão a D. João, mas elle o não quiz acceitar; e quando veio á partida pera Goa em companhia da outra frota, não quiz ir senão em hum bargantim; e como homem desgostoso ha mui mal provido de remeiros, e sem lhe parecer que podia achar cousa, que lhe impedisse seu caminho. O qual sendo tanto avante como huma enseada, que Nestá além

de Dabul, foi dar de subito com huma fusta de Turcos, que estavam em resguardo de huma não, que se alli carregava de Adem, a qual era de hum Mouro arrenegado per nome Alle Frange, que estava em Dabul, a quem como a nosso amigo Diogo Lopes tinha dado licença pera poder navegar com aquella não suas mercadorias; e posto que tinha este seguro, como cauteloso por a fusta em resguardo della. E verdadeiramente segundo D. João hia desconfiado, e mal provido pera aquelle officio de lançadas, por ventura alli acabáram seus desgostos. Però como Simão Sodré hia diante sem D. João o saber, nelle empregáram os Turcos sua furia, mettendo-se com elle tão rijo no primeiro impeto, que lhe entráram a fusta, por todos irem tão descuidados, e com as armas postas em parte, que foi muito tempo pera as vestir: tão subitamente deram os Turcos nelles detrás de huma ponta, onde os estavam esperando, como gente que vigiava a costa. Eram com Simão Sodré naquella fusta Tristão d'Ataide, filho bastardo de Alvaro d'Ataide Senhor de Penacova, Paio Correa filho de Fr. Paio Correa Comendador da Ordem de S. João, João Cerregeiro moço da Camara d'ElRey, João de Goes casado em Cananor, e outros que fariam número de té quinze pessoas, as quaes de-

deram de si tal conta, que mettêram os Turcos em fugida, porque víram elles vir Dom João de Lima em o seu bargastim, e cuidáram serem mais vélas. Ainda que não se haviam muito de gloriar deste commettimento, por irem bem feridos; e dos nossos os que ficáram mais fréchados foram Simão Sodré, e Paio Correa. Vendo todos que a costa não estava tão segura, como elles cuidavam, ajuntáram-se ambos, e foram a salvamento, como os outros daquelle frota de D. Aleixo. O qual tanto que chegou a Cochij, começou a entender em o despacho das náos, que haviam de vir aquelle anno de quinhentos e vinte hum com a carga da especiaria pera este Reyno. E como acabou de as despachar, entendeu no aviamento das outras, que haviam de partir pera as partes de Malaca; e por serem muitos Capitães ordenados pera diferentes negocios, fatermos huma pequena detença em tornar requerir algumas cousas, que ficam atrás, porque convem ser assi pera levarmos enfiada nossa historia. Atrás escrevemos como deste Reyno partira Jorge d'Albuquerque por Capitão mór de toda a frota, que aquelle anno partio deste Reyno, o qual levava a capitania de Malaca, onde já estivera em tempo de Affonso d'Albuquerque, e que em quanto nella não entrasse, (porque a servia

Diogo Lopes d'Acosta,) que pudesse fazer
 huma viagem á China. E como por razão
 de não passar á India, e invernar em Mo-
 çambique, e depois andar em companhia
 de Diogo Lopes de Sequeira, não houve
 lugar de ir fazer sua viagem; neste meio tem-
 po faleceo Affonso Lopes d'Acosta, e servia
 de Capitão de Malaca Garcia de Sá, que
 lá foi ter pelo modo que escrevemos, de
 maneira, que estava ella vaga pera elle Jorge
 d'Albuquerque a poder logo servir, sem pri-
 meiro ir á China. Por a qual razão ante que
 Diogo Lopes em Dio o despedisse, mandou-
 lhe que levasse hum Principe herdeiro do
 Reyno Pacem na Ilha Çamatra; o qual sen-
 do elle Diogo Lopes no estreito do mar Ro-
 xo, lhe viera pedir ajuda contra hum tyran-
 no, que lhe tomára o Reyno, encomen-
 dando-lhe muito que trabalhasse por lançar
 o tyranno fóra do Reyno, e metter o Prin-
 cipe em posse d'elle, por quanto se fazia val-
 fallo d'ElRey D. Manuel, e o queria ter
 por senhor. E acabado este feito, no lugar
 de Pacem fizesse huma fortaleza, na qual
 havia de ficar por Capitão mór Antonio de
 Miranda d'Azevedo com mais outros offi-
 ciaes, e gente ordenada a ella pera sua de-
 fensão, e favor do Principe. E pera isso le-
 varia duas, ou tres náos, além de outra
 companhia que té li **N**o haviam de seguir,
 pe-

pera serem naquelle feito de lançar o tyrano fóra , e metter o Principe em posse do seu. E a outra companhia que té li o haviam de seguir , eram Christovão de Mendoga com tres navios a descubrir as Ilhas do Ouro , e com elle Pedro Eanes Francez , como tambem escrevemos , e Rafael Perestrello em huma não pera a China , e Bengala , e Rafael Catanho pera Malaca , e ambos haviam de fazer em Pacem carga de pimenta. E assi Diniz Fernandes de Mello com hum navio havia fazer huma viagem a Malaca , e se aproveitar por ser homem de serviço ; e Pero Lourenço de Mello tambem em outra não havia de fazer outra viagem pera Bengala , depois de Rafael Perestrello. Todos estes Capitães mandava Diogo Lopes de Sequeira que partissem juntos ; porque ainda que cada hum tinha seu lugar limitado a que liam ordenados , podiam mui bem ser no feito de Pacem , sem perder tempo ; e mais os ordenados pera a China , e Bengala , por força haviam de ir tomar carga de pimenta , e de outras mercadorias em Pacem. Havia mais outro Capitão ordenado contra aquellas partes do Oriente , o qual era Jorge de Brito , que , (como tambem escrevemos ,) El Rey mandava que com certas vélas fosse fazer huma fortaleza em Maluco , o qual aquelle anno de quinhentos e vinte partira como Jorge

d'Albuquerque por Capitão mór de toda a frota, que deste Reyno foi, e por a mesma causa do negocio de Dio foi detido como os outros. Assi que neste anno podemos dizer que na India se acháram dous Capitães mórres da carreira daqui pera a India, ambos ordenados pera irem fóra da India, que jaz dentro do Gange, com outros muitos Capitães a diferentes negocios, e todos se acháram juntos em o negocio de Dio, sem fazer mais do que vimos, e todos despachou Dom Aleixo, e o Doutor Pero Nunes Veador da fazenda, os quaes levariam dezefete vélas entre grandes, e pequenas, em que iriam mil homens, dos quaes não tornáram á India cento, e a este Reyno vinte, todolos mais o mar, e aquellas barbaras terras gastáram: da qual triste Tragedia alguma relação faremos em somma, porque descer ao particular della o animo entristece, e a pena recce entrar. E porque todos se foram ajuntar em a Ilha Camatra, primeiro que entremos na relação dos feitos, faremos huma digressão, dando conta della.

DECADA TERCEIRA.

LIVRO V.

Dos Feitos, que os Portuguezes fizeram no descobrimento, e conquista das terras, e mares do Oriente: em que se contém parte das cousas, que se nelle fizeram, em quanto Diogo Lopes de Sequeira governou aquellas partes.

CAPITULO I.

Em que se descreve a situação da Ilha Camatra, e Reynos della, e de algumas cousas que nella aconteceram aos nossos: e a causa por que o Principe do Reyno Pacem mandou á India pedir ajuda ao Governador contra hum tyranno, que lho tinha tomado.

NO principio do sexto Livro da segunda Decada, escrevendo da fundação, e principio que teve a Cidade Malaca, dissemos a causa por que se enganaram os antigos Geografos, chamando a esta Ilha Camatra, Chersoneso. O lançamento da compridão della jaz pela nossa navegação per o rumo, a que os mercantes cha-

man Noroeste, Sueste, e tomada quarta do Sul, e terá duzentas e vinte leguas de comprimento, e de largo sessenta, ou setenta na maior sua largura. A qual fica tão vizinha á terra de Malaca, que no lugar mais estreito do canal que ha entre ellas não será mais que té doze leguas, quasi na fronteira da Cidade Malaca; e dalli assi pera a parte do Levante, como Ponente, vai esta terra da Ilha afastando-se da firme de maneira, que faz estas duas entradas daquelle estreito mais largo que no meio. E porém per todo elle tudo são baixos, restingas, ilhetas com canaes, os quaes errados se perdem as náos que per alli navegam: e daqui (como atrás dissemos) procedeo naquelle antigo tempo de Ptolomeu, e dos outros Geografos não ser aquelle transito navegavel, como ora he, porque a cubiça dos homens todos os atalhos busca, ainda que perigosos, pera conseguir seu intento. Fica esta Ilha com a linha Equinocial, que a córta pelo meio em figura de huma aspa, donde a ponta mais Oriental está em seis grãos da parte do Sul, e com ella vai vizinhar na terra da Jáua, fazendo ambas huma estreito per que antigamente se navegava pera aquellas partes Orientaes; e por esta parte ao presente fica ella menos povoada, e em torno mui cheia de Ilhas,

e baixos. E pela parte do Ponente, que está em quatro grãos e tres quartos da banda do Norte, he mais limpa, principalmente da banda de fóra, mas muito mais povoada, por nella haver grande concurso de navegantes, e a terra em si ter muitas sortes de mercadoria. Geralmente per toda a fralda do mar he terra alagadiça, e de grandes rios, e pelo sertão montuosa, onde está hum lago, de que alguns delles procedem. E como jaz de baixo da linha Equinocial, he a terra tão humida com as aguas, e quente do Sol, que cria grandes arvoredos, com que ella fica mui fumosa de tão grossos vapores, que ardendo o Sol per cima della, não tem força pera os gastar, nem os ventos livre entrada pera os lançar daquelles lugares sombrios da espessura do arvoredo, que a fazem doentia, principalmente aos estrangeiros. Além da muita quantidade de ouro que nella ha, tambem se acha muita cópia de estanho, ferro, e algum cobre, salitre, enxofre, tintas de minas, e huua fonte de que mana oleo, a que chamam naptá em o Reyno de Pacem, e no meio tem hum monte como o chamado Ethna em a Ilha Sicilia, per que lança fogo, a que os da terra chamam Bala-lum. Entre o grande, e diverso número de arvores, e plantas que cria, dellas de frui-

tos de que a gente commum se mantem, e outras que a natureza deo pera seu ornamento, tem as do fândalo branco, aguila, beijoim, e as que dam a canfora, como a da Ilha Burneo, posto que alguns digam que a daqui he mais fina, e de outro genero da que vemos que vem da China, que he composição, e estoura he cousa natural de outra especie. Das especiarias tem pimenta commum, pimenta longa, gengivre, canella; e cria seda em tanta quantidade, que ha hi grande carregação pera muitas partes da India. As feras, e bichas que cria he tanta a variedade delles, que falece nome a nós, e aos naturaes da terra pera per elle poder fazer a differença que huns tem dos outros. Os rios como são cabedaes, tem grande variedade de pescado, e peixes; e em alguns, assi como no rio de Siaca, onde se pescam faves menores que os destas partes, não lhes aproveitam mais que as ovas, e destas ha maior carregação do que nós cá temos dos mesmos faves. O geral mantimento da gente he milho, e arroz, e muitas sementes, e frutas agrestes do mato, porque per razão do clima não póde crear outras sementes, que venham com fruto maduro, como aquellas de que nós usamos. A terra he povoada de dous generos de gente, Mouros, e Gencios, estes são na-

luraes, e os outros no principio foram estrangeiros, que per via de commercio começaram povoar o maritimo, té que multiplicando, de pouco mais de cento e cinquenta annos a esta parte, se vieram fazer senhores, e intitular com nome de Reys. O Genticio, leixando o maritimo, recolheo-se pera o interior da Ilha; e o que vive naquella parte da Ilha, que cabe contra Malaca, he aquella geração a que elles chamam Bâtas, os quaes comem carne humana, gente mais agreste, e guerreira de toda a terra. Os que habitam a parte contra o Sul chamados Sotumas, são mais conversaveis; e assi este Genticio, como os Mouros que vivem pelas fraldas da Ilha que vizinham o mar, però que huns dos outros differem na lingua propria, quasi todos falam Malayo de Malaca por ser a mais commum daquellas partes. E assi estes como os de dentro do sertão da Ilha, todos são baços, de cabello corrido, bem dispostos, e de bom aspeito, e não do parecer dos Jáos, sendo tão vizinhos, que he muito pera notar em tão pequena distancia variar-se tanto a natureza. E principalmente chamando-se per nome commum toda a gente desta Ilha Jáüijs, por se ter entre elles por causa mui certa serem já os Jáos senhores desta grande Ilha; e primeiro que

510 ASIA DE JOÃO DE BARROS

os Chijs, tiveram o commercio della, e da India. E com esta variedade tão notavel no aspecto do rosto, parece ficar verificado o que já dissemos desta gente da Jaiia, não ser natural da terra que habitam, mas gente vinda das partes da China, por imitarem os Chijs no parecer, e na policia, e engenho de toda obra meccanica. Ante que conquistassem a India, as armas destes habitadores de Çamatra eram frêchas de zervatanas hervadas, como os mesmos Jáos usam; mas depois que tomámos Malaca, com a continuação da nossa guerra se fizeram industriosos em pelear, e em todo genero de armas, té artilheria de ferro, e bronze, principalmente com alguma nossa, que houveram de náos, e navios, que alli foram ter, e com outros casos de má fortuna, que alli tivemos, de que ao diante faremos relação. A terra das fraldas do maritimo desta grande Ilha, ao tempo que nós entrámos na India, estava repartida em vinte e nove Reynos; mas como nós mudámos todos aquelles estados Orientaes, favorecendo huns, e supprimindo a outros, segundo recebiam nossas cousas, destes vinte e nove que abaixo nomeamos, alguns estão já encorporados no vizinho mais poderoso. E começando da ponta da Ilha mais occidental, e austral, e indo rodeando-a pe-

la parte do Norte , o primeiro se chama Dáya ; e os que se seguem , assi como a costa vai , são Lambrij , Achem , Biár , Pedir , Lide , Piradá , Pacem , Bára , Darú , Arcat , Ircan , Rupert , Purij , Ciáca , Campar , Capocam , Andraguerij , Jambij , Palimbam , Taná , Malayo , Sacampam , Tumbavam , Andalóz , Piriáman , Tico , Bárros , Quinchel , e Mancópa , que vem cahir sobre Lambrij , que he vizinho de Dáya , o primeiro que nomeámos. Dentro no sertão da Ilha , como he grande , ha muitos Principes , e senhores , de que não temos noticia em particular , e por isso trataremos sómente daquelles , com que tivemos commercio , ou guerra , cujo estado de alguns delles não tem mais que huma Cidade , de que se intitulam por Reys ; e outros tem ao presente tanto poder , que nos tem custado sangue , como no decurso desta nossa historia se verá. De todos estes Reynos o de Pedir foi o maior , e mais celebrado naquellas partes , e isto antes que Malaca fosse povoada. E a elle concorriam todalas náos , que hiam do Ponente , e vinhos do Levante , como a emporio , e feira , onde se achayam todalas mercadorias , por este Reyno ser senhor daquelle canal entre esta Ilha Camatra , e a terra firme. Porém depois que Malaca se fundou , e prin-

cipalmente com nossa entrada na India, co-
 meçou crescer o Reyno de Pacem, e di-
 minuir este de Pedir. E sendo o de Achem
 seu vizinho o somenos em poder, ao pre-
 sente he o maior de todos, tanta variação
 tem os estados, de que os homens fazem
 tanta conta; e quem a este Reyno deo prin-
 cípio de ser o que ora he foi a chegada
 de Jorge de Brito, como logo veremos. O
 Reyno de Pacem, a que Jorge d'Alboquer-
 que hia a metter de posse o Principe que
 dissemos, tinha hum novo costume, e tal,
 que não era pera alguém desejar ser Rey
 d'elle, porque o povo não lhe dava muito
 tempo vida. E de quão mal affortunado era
 o herdeiro desta herança, que o povo dava
 a quem queria, tinha hum bem, que
 não se concedeo a todo homem, que era
 saber a hora da sua morte; e se não era a
 hora, era o dia, e quando muito incerta,
 não sabia da semana. Porque como esta dou-
 dice, ou furia saltava no povo, todos an-
 davam pelas ruas quasi em modo de canti-
 ga: *Ha de morrer ElRey*, sem haver quem
 contrariasse esta voz, nem ella fazer nojo
 ás orelhas de alguém, sómente a ElRey,
 e a alguns seus privados, que logo como
 ouviam cantar este canto de morte, reco-
 lhiam-se com elle, e ás vezes juntamente
 pareciam. De maneira, que quando Fernão

Peres d'Andrade foi á China, e esteve alli em Pacem fazendo carga de especiaría, matáram dous Reys, e não se fez mais conta disso, nem houve mais rebuliço, e alvoroço na Cidade como se não fora morto hum Rey, que os governava, e levantado outro que elegiam pera os governar. E tem elles pera si que este seu costume, (o qual approvam por mui bom,) que Deos o ordenou, dizendo que tão grande cousa como he hum Rey, que governa na terra em lugar de Deos, não ousaria alguém de o matar, se Deos o não permittisse; e que quando o permite he por elle ter taes peccados, que não merece ser Rey, e quer que o seja o matador. E por esta causa, como este matador he da linhagem real, tanto que mata o Rey, e se assenta em sua cadeira, e está nella hum dia assentado pacificamente, he entre elles havido por legitimo Rey. E ás vezes ha sobre este reinar tanta revolta, que já aconteceu em hum dia fazerem tres Reys, hum per morte do outro. E sabendo o Principe, que Jorge d'Albuquerque levava, este cruel costume, he tão doce cousa reinar, que não sómente elle, que não tinha idade pera temer, mas outros de maior juizo, procuravam de haver este Reyno. E o caso que obrigou a este Principe ir á India pedir soccorro nos-

so procedeo daqui. Atrás fica escrito como indo Affonso d'Albuquerque pera tomar Malaca, tomou na costa desta Ilha Camatra hum junco, a que os nossos chamaram Bravo, pelo grande trabalho que lhes deo primeiro que o tomassem, no qual junco hia hum Principe herdeiro do Reyno Pacem, por se lhe levantar contra elle hum seu tio, que era Governador delle; e como Affonso d'Albuquerque, depois que soube sua fortuna, o levou consigo a Malaca, dando-lhe esperanza de o restituir em seu Reyno; o que elle não quiz esperar, e appareceo ao tempo que Affonso d'Albuquerque estava de partida pera a India. Este Principe chamado Geinal, ou porque lhe pareceo que Affonso d'Albuquerque o queria levar consigo á India, ou por qualquer outra cousa; quando lhe fogio, foi-se a ElRey que fora de Malaca, que naquelle tempo andava tão desbaratado, como elle. O qual Rey o foi entretendo com esperanças, que como acabasse de assentar suas couzas, lhe daria ajuda pera cobrar seu Reyno. Sendo já passados seis, ou sete annos nestas esperanças, no qual tempo ElRey o casou com huma filha sua, tanto que se vio em Bintam com algum repouso por causa de algumas vitorias que houve em nosso damno, ordenou de o mandar com huma

frota , porque tambem no mesmo Reyno de Pacem succedêram cousas pera isso , e foram estas. O tio , de que este Principe Geinal fogia , segundo se depois soube , era irmão de sua mãe , e Rey de Arú vizinho de Pacem , o qual se apoderou do Reyno , e ficou senhor de ambos. Os Pacens por terem por costume o que dissemos , que como se anojavam de hum Rey , logo lhe procuravam a morte , como este era estrangeiro , não tardáram muito em lha dar , e levantáram outro natural , o qual tambem não durou muito tempo. Porque como já havia alguns Arús em Pacem , que ficáram do Rey passado seu natural , trabalháram por lhe dar a morte , e assi o fizeram ; e levantado outro em seu lugar , chegou o Principe Geinal poderosamente com o favor de seu sogro , e matou o que então reinava , cujo filho era o moço que Jorge d'Alboquerque trazia. Do qual moço , que sería de té doze annos , lançou mão hum Mouro per nome Moulana , que naquellas partes entre os Mouros era como o supremo Califa de sua secta , e este o trouxe á India pedir ajuda a Diogo Lopes. Fazendo conta , que como Geinal pela ajuda que trouxe d'El Rey de Bintam tomára o Reyno de Pacem , que muito melhor o poderia haver aquelle Orfacani , fazendo-se vassal-

fallo d'ElRey de Portugal; e mais requerendo ajuda contra hum inimigo dos Portuguezes, assi por ser genro d'ElRey de Bintam, como polo que elle tinha feito a alguns Portuguezes, que alli foram ter, depois que tomou o Reyno, pelo qual estava posto em odio com elles; e o caso foi este. Ao tempo que este Geinal chegou a Pacem, estava alli feitorizando algumas cousas hum Gaspar Machado per mandado do Capitão de Malaca, o qual Gaspar Machado temendo que poderia receber algum mal, por ser genro d'ElRey de Bintam nosso inimigo, escapulio o mais encubertamente que pode naquella revolta de sua chegada, e foi-se pera Malaca, leixando em terra muita fazenda. ElRey Geinal quando soube que estava alli aquelle Portuguez, e que fogira com temor seu, pezo-lhe muito; porque ainda que entre elle, e ElRey de Bintam estava assentado que ambos haviam de fazer guerra a Malaca, e por este respeito lhe dera ElRey sua filha, e mais ajuda pera cobrar seu Reyno, sua tenção era ao presente não offender, mas favorecer nossas cousas, temendo que se nos indignasse, não estava seguro em seu Reyno. Com o qual fundamento como algum navio nosso per alli passava, fazia-lhe quanto gazalhado podia de maneira, que pro-

vocou a que Garcia de Sá Capitão de Malaca mandasse lá Duarte Coelho assentar paz com elle. E correndo o trato do commercio entre os nossos, e elle em toda paz, e concordia, acertou de ir áquelle seu porto hum Diogo Vaz homem de má cabeça, e de peor consciencia, que fez quebrar esta paz per esta maneira. Este Diogo Vaz fora com João Gomes ás Ilhas de Maldiva por Capitão de huma fusta, (segundo atrás escrevemos,) o qual chegando ás Ilhas, dizem que se fez esgarrado dellas com tempo, e correntes, e deo consigo na costa de Choromandel, onde tomou huma não carregada de muita roupa, que hia pera Camatra, e Malaca, não levando mais gente que a do mar, que mareava a não. Morra a qual gente, metteo a fusta no fundo do mar, passando-se á não, e deo consigo no porto de Pacem, onde foi bem recebido d'ElRey Geinal, que já reinava. E porque per costume de todos aquelles Reynos, qualquer mercadoria que vem a seu porto primeiro que venda, os officiaes d'ElRey hão de tomar por os preços da terra a que ElRey houver mister, tomáram a este Diogo Vaz a mais da mercadoria que levava pera ElRey. O qual Geinal com os trabalhos de assentar as cousas do Reyno, não estava ainda com tanta substancia, que logo

pudesse pagar o que tomáram para elle: cá primeiro havia de mandar vender na terra as coufas, pera da venda dellas lhe pagar, e elle ficaria com ganho. No qual modo de paga houve alguma detença, que Diogo Vaz mal soffria; e como homem avantajado, e pouco paciente, muitas vezes requerendo seu pagamento a ElRey, tinha-lhe dito algumas palavras tão soltas, que anojados alguns homens accitos a ElRey, tornando elle outra vez requerer o seu com esta soltura de palavras, foi alli morto ás criçadas diante d'ElRey. E com esta indignação alvoroçou-se a gente da Cidade com voz: *Matallos, matallos*, em que morreram alguns Portuguezes, assi dos que foram com Diogo Vaz, como os de huma não que hi estava de Goa do Feitor Ruy d'Acosta, de que era Capitão hum João de Borba. Porém como aquella morte foi mais accidente, que ordenada, mortos os primeiros, que acháram pelas ruas da Cidade, não curáram de ir á não de João de Borba. O qual posto que em terra tinha ainda muita fazenda por recolher, acolheo-se ante que mais fosse, com a qual não elle chegou a Goa, onde foi notificado por nosso inimigo este Rey Geinal. Sobre o qual caso succedeo vir o Principe, que levava Jorge d'Albuquerque, pedir socorro contra elle, que

que lhe foi concedido, e fez sobre isso o que veremos neste seguinte Capitulo.

CAPITULO II.

Como Jorge d'Albuquerque chegou ao Reyno de Pacem, onde pelejou com o tyranno que o tinha, e o tomou com quarenta gente consigo tinha em huma fortaleza, e depois metteo o Principe em posse delle.

DEspachado Jorge d'Albuquerque em Cochij com a ordem que dissemos, que pois todos os Capitães hiam pera aquellas partes, e forçadamente haviam de tomar o porto de Pacem, pera se alli prover de suas mercadorias, todos fossem em sua conserva, tirando Jorge de Brito, que levava armada de oito vélas pera Maluco; quando veio ao seguir a bandeira de Jorge d'Albuquerque, huns ficáram diante, outros atrás, e outros foram surgir em outro porto, e não ao de Pacem. Però quando chegou a elle, achou já furto Rafael Perestrello na barra, e das seis vélas que eram da sua conserva, esta foi diante, e sómente o seguio D. Affonso de Menezes, D. Sancho Henriques seu genro, que hia por Capitão mór do mar de Malaca, e assi Dimiz Fernandes, e Rafael Catho chegou depois que o feito do negocio

a que foi era acabado. Achou mais com Rafeal Perestrello Manuel da Gama, que Garcia de Sá Capitão de Malaca alli mandára em huma caravella armada em favor de hum junco, o qual o Feitor d'ElRey, e alguns mercadores de Malaca mandavam com fazendas, pera com ellas fazerem commutação de outras, como se entre elles usa. Achou tambem outro junco, de que era Capitão hum João Pereira, o qual fora ter ao porto de Arú fazer sua fazenda. E como o Rey daquelle Reyno tinha guerra com os de Pacem pola morte do seu Rey, que (como escrevemos) era tio do Principe Geinal, que ora estava em posse do Reyno, concertou-se com elle que viesse per mar com alguma gente sua, e elle iria per terra com toda a mais. A qual ida João Pereira accitou, por saber o que este Geinal tinha feito aos Portuguezes, que se acháram com Diogo Vaz. Donde succedeo que este Rey de Arú, o dia ante que Jorge d'Albuquerque chegasse, era vindo; e quando soube de sua chegada á barra de Pacem, deteve-se té ver o que elle Jorge d'Albuquerque faria, posto que logo entendeu o caso, por ter já nova que ao Principe Orfacam era concedida ajuda, e que podia ser esta. O que elle logo soube per meio de João Pereira, per quem mandou visitar Jorge d'Albuquerque, dando-lhe conta da

causa de sua vinda , e que estava alli com aquella gente junta a seu serviço , por elle ser grande servidor d'ElRey de Portugal. E posto que o seu porto de Arú não fosse tão celebrado dos Portuguezes , como era aquelle de Pacem , sempre os Capitães de Malaca d'elle recebêram boas obras. Jorge d'Alboquerque lhe mandou agradecimentos desta sua offerta , e denunciar como vinha metter de posse aquelle Principe , e lançar fóra do Reyno a Geinal , que o tinha indevidamente , e mais era imigo dos Portuguezes : Que se elle Rey de Arú vinha tomar vingança d'elle , ante de pouco tempo elle Jorge d'Alboquerque esperava de lha dar , por tanto se quizesse esperar , que o podia fazer. Ao qual recado respondeo que lhe pedia por mercê , que havendo o negocio de vir a determinar-se per armas , houvesse por bem que elle fosse com sua gente nisso ; e por o trabalho que nisso puzesse , não queria mais por honra sua , que levarem os cavalleiros , que consigo trazia , o despojo que engeitassen os seus d'elle Jorge d'Alboquerque. O que lhe elle concedeo , quando o caso estivesse nesses termos , e que entretanto elle se fosse pôr á vista da fortaleza , onde estava o tyranno , e que alli lhe mandaria dizer o que fizesse. ElRey Geinal quando sobre si vio hum exercito per terra , e armada nossa per

mar, e tudo contra si, bem entendeu que o fim daquelle negocio havia de ser deixar elle o Reyno, ou perder a vida, se o quizesse defender, pois na terra, e no mar tudo era contra elle, té o natural povo da Cidade Pacem, por ter morto o Rey que elles tinham levantado. Porque como elles tem em pouca conta matar hum Rey pelo modo que dissemos, assi tem em pouco morrerem todos por defenderem aquelle que elles levantam, ou vingar sua morte. E se té então o não tinham feito, era porque Geinal como sabia o costume d'elles, não se quiz apou-sentar na Cidade, que está obra de meia le-gua per hum rio acima, que vem de den-tro da terra, por não ficar sujeito a elles, e aos nossos navios, que alli fossem ter. E fez pera seu apousento á vista da mesma Ci-dade em hum escampado hum grande cer-ca de grossa madeira, ao modo de muro de villa, com huma cava em torno, ficando só-mente duas portas pera sua serventia. E den-tro desta grande cerca fez outra mais forte como castello, onde elle tinha suas casas da mesma madeira, e canas da terra segundo seu uso, nas quaes tinha sua fazenda, e mu-lheres. E a cerca de fóra ficava em povoa-ção de gente, que tinha da sua guarda, da qual ao tempo que Jorge d'Albuquerque che-gou, sería pouco mais **de** de **te** tres mil homens da

da mais escolhida gente, e mais fiel que elle pode haver. E ainda como homem não confiado delles, temendo que se succedesse alguma cousa, pera que lhe conviesse pôr-se em defensão, e que elles o podiam delamparar, fez-lhes recolher dentro na grande cerca suas fazendas, e parte das mulheres. Finalmente elle estava como homem, que determinava não sahir dalli senão perdendo a vida; e dissimulando esta sua determinação, em Jorge d'Albuquerque lançando ancora, o mandou logo visitar. As palavras da qual visitaçãõ foram de homem, que não se temia ter feito couã, per onde esperasse d'elle Jorge d'Albuquerque poder receber algum damno, dizendo, que sua vinda fosse mui boa; e que pois hia pera Malaca, onde tinha sabido que elle havia de estar por Capitão, lhe pedia por mercê que quizesse d'elle algum serviço de mantimentos, ou de qualquer cousa que houvesse mister; porque pois haviam de ser vizinhos, que se começassem de prestar hum com o outro. Ao que Jorge d'Albuquerque respondeo, que ao presente não havia mister d'elle mais, que despejar aquelle Reyno, pera metter de posse d'elle o Principe herdeiro, que alli trazia consigo, o qual era feito vassallo d'ElRey de Portugal seu Senhor; e tambem mandar-lhe entregar a fazenda dos Portuguezes que applicou, assi

dos mortos, que os seus alli matáram, como dos vivos que fogiram com temor seu. E que por quanto elle tinha pera fazer muitos negocios em Malaca, e se não podia alli deter, que se determinasse logo, pera elle poer em execução o que naquelle caso lhe mandava fazer o Governador da India. Geinhal não ficou mui espantado desta resposta de Jorge d'Albuquerque, porque bem sabia elle que esta havia elle de ser; porém parecendo-lhe que per aqui podia sahir fóra daquella affronta, mandou-lhe outro recado per Nina Cunapam, o Gento nosso amigo, que estava alli por Xabandar, aquelle que resgatou Gaspar d'Acosta, Antonio Pacheco, e outros que escapáram em Achem, (como atrás contámos.) Per meio do qual Nina Cunapam, por causa desta amizade que tinha comnosco, lhe parecia poder moderar a indignação que tinham d'elle; e a substancia das palavras eram, que elle não sabia que causa haveria pera aquelle moço de tão pequena idade ser mais verdadeiro herdeiro do que elle era, como todo mundo sabia; que se era por dizer que se fizera vassallo d'ElRey de Portugal, elle o queria ser da maneira que bem pareceffe, e que assás mostrava desejar isto na paz, e amizade em que estava com o Capitão de Malaca, como podia saber per elle mesmo Nina Cunapani, pois fora me-

dianeiro em algumas cousas, que entre elles passaram por razão desta amizade, e de outras que elle Geinal tinha feitas por servir a ElRey de Portugal. Que fazenda de Portuguezes elle não sabia de tal parte, que verdade era vir alli ter hum homem de má cabeça, e peor lingua, o qual foi morto havendo razões com os seus; e a fazenda que alli trouxera, depois da sua morte soubera que a roubára elle de huma náó, que vinha dirigida a certos mercadores, que residiam naquella Cidade, aos quaes a mandára entregar, depois que fizeram certo ser sua. E quanto a elle leixar o Reyno, que fora de seu pai, isto não podia ser senão perdendo a vida, e esta tinha elle offerecido polo defender, quando as outras cousas que offerecia lhe não fossem a elle Jorge d'Albuquerque aceitas. Finalmente, porque de huma, e de outra parte houve mais recados, sem Geinal vir á conclusão que Jorge d'Albuquerque queria, conforme ao que trazia per regimento; havido conselho, sem embargo da pouca gente que com elle estava, que não seriam mais que trezentos homens, e os inimigos tres mil, Jorge d'Albuquerque se determinou ir dar huma vista á fortaleza em seus bateis; e vista, se determinaria de todo, porque como não tinha mui certa informação no lugar, e sitio della, não po-

dia fazer outra cousa. Posto neste caminho, tanto que se poz com sua gente junta ao pé de huma arvore já hum pouco sobre a tarde, por se não poder dar maior aviamen- to, veio logo Nina Cunapam com recado de Geinal, pedindo-lhe por mercê que sobrestivesse hum pouco da indignação que trazia contra elle, porque elle queria conceder no que mandava, e que pera isso estava em conselho com os seus no modo que seria melhor fazer-se. Tornado Cunapam com a resposta, veio, e tornou outra vez, tudo por elle Geinal ter espaço de despejar as mulhe- res, e se recolher pouco, e pouco pera o mato per outra porta que tinha naquella parte. E porque a resposta que lhe Jorge d'Alboquerque mandava era mui apressada, e elle Nina Cunapam entendia que Geinal a não havia de cumprir, e que depois ficaria em odio de Jorge d'Alboquerque, não quiz tornar mais dentro, dando a entender que fizesse o que havia de fazer, porque Geinal estava em outro proposito. Finalmente Jorge d'Alboquerque praticando assi em pé com os Capitães, e principaes pessoas, assentou que por quanto não traziam escadas, nem cou- sa pera commetter aquella força, sómente espadas, lanças, e espingardas, deviam dormir com boa vigia aquella noite ao pé daquella arvore, e que entretanto viriam as

munhões das náos, e dariam combate pela manhã. A este tempo estava ElRey de Arú á vista delle Jorge d'Albuquerque esperando que lhe mandasse recado do que faria, entre os quaes houve alguns recados, e no fim delles Jorge d'Albuquerque lhe mandou dizer que estivesse prestes, e não commettesse entrar a fortaleza, senão depois que visse que os Portuguezes tinham feito portal pera isso. E porque na entrada dos seus podia haver alguma desordem, lhe pedia que se mudasse dalli pera a outra banda do mar, porque como elles sabiam bem a terra, podiam seguir melhor o alcance dos inimigos; cá (segundo via) não tinham outra acolheita, e mais que mandasse logo pôr aos seus hum ramo verde na touca da cabeça per a differença dos inimigos, por não receberem algum mal dos Portuguezes, sem o qual final o puderam padecer. Em quanto se estes recados passavam, acertou que de dentro da cerca dos Mouros se tirou hum, ou dous tiros de huma etpingarda, hum dos quaes veio quebrar huma perna a Francisco Quatrim criado do Conde de Portalegre D. João da Silva. Quando a nossa gente vio este damno, começaram de se queixar, dizendo contra Jorge d'Albuquerque: *Senhor, que fazemos aqui? quereis que nos matem a todos esta noite? que aguardamos mais escadas? não*

temos nós mãos? E com isto começou hum ruído entre a gente, alvoroçando-se pera o combate. Vendo Jorge d'Albuquerque este alvoroço fer a verdadeira conjunção que os negocios da guerra querem, por a não perder, disse contra os Capitães: *Pois que nos Deos chama, sus senhores, a elles*; e em dizendo isto, mandou dar ás trombetas, e disse: *Nome de Jesus, Sant-Iago*. Bem como quando huma preza de grossa agua, cujo pezo quer romper o impedimento que a detem, quando lho talham, ou tiram, sahe com hum impeto que ninguem póde esperar sua força; assi a nossa gente dado *Sant-Iago*, sahiu em corrida tão impetuosamente, que nenhum parou senão com as mãos nos páos, que faziam aquella cerca; trabalhando huns por subir per elles acima, outros por os arrincar, aliando dous, e tres homens a hum páo, outros fazendo vai e vem dos que achavam soltos, de maneira, que todos estavam occupados no em que trabalhavam, e não no que lhes faziam, que era de dentro tirarem-lhes os Mouros muitas fréchadas, zargunchadas de arremesso, e todo genero de armas, como do mar he mais destra, e leve em trepar por razão de seu officio, o primeiro homem que trepou per aquelles páos acima foi hum

hum calafate da náó de Rafael Perestrello, de alcunha Marquez, e o segundo Pestana marinho, e trás estes hum mulato tambem homem do mar. Per outra parte Diniz Fernandes de Mello com a gente de seu navio, correndo ao longo daquella bastida de madeira, achou em hum canto hum páo abalado, e tanto aluio com ajuda de outros, que entrou com aquelles que o seguiam, e veio per dentro ao longo da bastida demandar a porta da entrada della pera a abrir aos nossos; mas quando chegou, estava já aberta. Porque como alli concorreo o maior pezo da gente, por ser a entrada, e nella a maior defensão, trabalháram os nossos, que hiam em companhia de Jorge d'Albuquerque, por despejar aquelle lugar, no qual lhes quiz Nosso Senhor mostrar o principio de sua vitoria. Havia sobre este lugar da porta huma maneira de guarita assi ordenada, que podiam decima vinte, ou trinta homens pelejando, e lançando pedras, e outros rios, defender poer-se alguém de baixo pera atrombar a porta, no qual lugar foram alguns dos nossos dos primeiros que se a ella chegaram bem escalayrados. Soltam Geinal como este era o lugar, em que elle tinha posto maior defensão, andava em cima mandando; e animando os seus té que per

acerto, sem saber ser tão illustre pessoa, sómente pelo ver mais diligente naquella defensão, apontou nelle Cide Cerveira huma espingarda que levava, com que logo veio abaixo, como se fora huma ave derribada do caçador, por lhe dar o pelouro no meio da testa. Com a morte do qual os seus defampararam a porta, e o primeiro que per ella entrou foi hum Bartholomeu Caiado criado do Duque de Bragança D. Gomes, e trás elle entrou todo o corpo da nossa gente. Però não foi muito avante, porque aquelle grande terreiro de povoação de dentro estava coalhado de Mouros, que como homens offerecidos á morte, por ser lugar mais despejado, começaram de ferir animosamente os nossos, com que conveio a Jorge d'Albuquerque recolher em hum corpo os seus. Porque com aquelle primeiro impeto da entrada da porta, os que foram com elle, e outros que entraram per outra parte, começaram de se espalhar de maneira, que se não enxergavam entre tanta multidão de Mouros; e feitos em hum corpo, deo outro *Sant-Iago*, onde se fazia huma maneira de rua larga, que hia dar na outra fortaleza. No qual rompimento começaram alguns dos nossos a cahir mortos: os primeiros foram Christovão d'Acofta criado da Rainha D. Lianor, e Affonso

fo de Freitas natural de Alcacere do Sal. E querendo Heitor Henriques de Santarem, como homem de animo, poer a lança na testa de hum elefante, de dous que alli andavam pelejando, delviou o elefante a lança com a tromba, e apanhou-o com ella per entre as pernas, e lançou-o pera o ar como se fora humia laranja: e quiz-lhe Deos bem, que indo armado cahio em lugar, e de maneira que o não matou. A outro elefante commettêram tambem Domingos de Seixas, e João do Valle, mas tiveram outra industria; que Domingos de Seixas poz a lança em o negro, que governa de cima o elefante, e o derribou, e João do Valle nelle. O elefante tanto que sentio o ferro da lança em si, e não teve quem o governasse, com a dor da ferida, e espanto das nossas espingardas, que tiravam como hum trovão, tornou contra os seus, e foi derribando, e trilhando nelles. Andando a furia da guerra em estado, que os Mouros começavam de se ir apinhoando, e recolhendo á outra cerca pequena, que difemos que tinham em lugar de fortaleza, quasi como homens que esperavam de se recolher per detrás per humia porta, que ella tinha pera o mato; acertou D. Affonso de Menezes com a gente da sua não andar per de fóra buscando entrada, por-

que não se achou no que se fez pela porta. Os Mouros quando sentiram que de fóra queriam entrar com elles, parecendo-lhes que os tinham cercado de todo, e que não tinham outra salvação senão o seu braço, pois detrás, e diante tudo era ferro, e morte, a pé quedo se leixavam atassalhar, e elles tambem respondiam com retorno. Finalmente, a esta entrada de D. Affonso per aquella parte, onde ElRey de Arú tinha olho, por ser o lugar per que seus inimigos se haviam de acolher ao mate, acudio elle com toda sua gente, a qual como vinha folgada, acabáram de rematar o caso com morte de seus inimigos, ficando aquellas duas cercas cubertas com mais de dous mil corpos mortos, de que sómente na pequena passavam de setecentos estirados em terra, a mais sea cousa que podia ser. E dos nossos além dos nomeados foram mortos Bartholomeu Fernandes criado do Duque de Bragança, e hum grumete da não de Jorge d'Albuquerque, e feridos hum grande número d'elles, de que os principaes foram Jorge de Mello, Gaspar d'Acosta, Jorge Lobo, e Jorge d'Albuquerque, de duas fréchadas, huma no rosto, e outra no corpo. E porque a gente daquella terra usa muito de peçonha, mandou elle logo que lhe fossem chupadas, porque se a

levavam, que lhe não impedisse; e de si mandou hum recado a ElRey de Arú, que elle vira vingança de seu inimigo, que lhe entregava aquella fortaleza pera ao outro dia lha entregar, por quanto elle se reco- lhia ás náos por ser já tarde. Però quando veio ao dia seguinte, que Jorge d'Alboquer- que lhe mandou que a despejasse, andavam os Arús tão encarniçados no despojo della, que eram máos de sahir: com tudo ElRey os tirou fóra, e se mandou espedir de Jor- ge d'Alboquerque com grandes offercimen- tos de sua pessoa, e estado. Acabado este feito de armas, entrou Jorge d'Alboquer- que em outro de posse ao Principe, man- dando concertar hum elefante com pannos de seda, em que o menino foi posto; e com os principaes Mouros da Cidade dian- te, e os nossos detrás, em que entravam muitos Fidalgos, foi levado com esta pom- pa, e muitas trombetas per toda a Cidade, denunciando-o por Rey daquelle Reyno, e que elle Jorge d'Alboquerque em nome del- Rey D. Manuel de Portugal o mettia de posse, e o havia por investido nelle, como que elle tomára per justo titulo de Rey daquelle tyranno que o possuia, e isto como obrigação de seu vassallo. Feita esta cerimonia de posse, de que elle Jorge d'Alboquerque mandou fazer hum auto, em

que tambem dava por Governador delle ao Mouro Moulana, e por seu Xabandar a Nina Cunapam, havendo respeito aos serviços, e boas obras, que tinha feito aos Portuguezes, e a elle já servir o mesmo cargo em vida do pai do novo Rey. No qual auto tambem se continha como El Rey de Pacem recebia da mão deste Jorge d'Albuquerque aquelle Reyno, o qual elle ganhára per força de armas; e que elle em nome d'El Rey D. Manuel de Portugal, cujo Capitão era, lho entregava com obrigação de vassallagem, e que pagaria de tributo todolos ordenados dos officiaes daquella fortaleza, que alli havia de fazer pera segurança do mesmo Reyno, e assi os soldos da gente de armas: e toda a pimenta, que El Rey houvesse mister pera a carga das suas náos, elle Rey de Pacem lha daria a razão de dous cruzados o bahar de quatro quintaes cada hum. E da madeira, que estava na cerca que os nossos tomáram a Solráo Geinal, mandou Jorge d'Albuquerque fazer huma fortaleza junto da barra do rio no lugar mais conveniente, e esta em quanto se buscasse algum modo pera ser de pedra, e cal, por quanto em tão breve tempo não se podia fazer mais. Pera guarda da qual deixou cem pessoas, e os officiaes eram Antonio de Miranda d'Azevedo, que

hia já ordenado pera Capitão, Antonio Barreto Alcaide mór, Escitor Pero Cerveira, com seus Escrivães, e os mais Officiaes, como as outras fortalezas da India. Havendo poucos dias que Jorge d'Albuquerque tinha havido esta vitoria, chegou Antonio de Brito com a frota de seu irmão Jorge de Brito bem desbaratada de gente, a qual com elle foi morta em o porto de Achem per hum desastrado caso que lhe aconteeceo no proprio dia da vitoria d'elle Jorge d'Albuquerque, como se verá neste seguinte Capitulo.

CAPITULO III.

Como Jorge de Brito com sua Armada foi ter ao Reyno Achem, onde elle, e outros Capitães com muita gente foram mortos em huma peleja, que tiveram com o Rey da terra; e vindo seu irmão Antonio de Brito com os navios a Pedir, onde os achou, tomou posse da capitania delles: e do mais que elle, e Jorge d'Albuquerque passaram té chegarem a Malaca, e o que aconteeceo aos outros Capitães, que ficaram em Pacem.

Jorge de Brito, porque se não pode despachar tão brevemente como Jorge d'Albuquerque, não sahio com elle de Cochij;

e porém não tardou ir logo na sua esteira, levando seis vélas, de que eram Capitães Christovão Correa, Christovão Pinto, Francisco Godiz, Lourenço Godinho, Pero Fernandes, e Gaspar Gallo em huma fusta, e as outras vélas eram navios redondos, e latinos. A fóra hum navio, de que era Capitão Antonio de Brito irmão d'elle Jorge de Brito, que por não estar de todo apparelhado, não sahio naquelle dia, e depois foi ter no porto da Cidade Achem na Ilha Camatra, onde foi herdar a capitania mór de toda a Armada, pelo que alli aconteceu a seu irmão, como se logo verá, na qual frota iriam passante de trezentos homens de armas, além da gente mareante. Com as quaes cinco vélas elle Jorge de Brito chegou ao porto da Cidade Achem, que está abaixo de Pacem obra de vinte leguas contra o Sul. Na qual Cidade achou hum João de Borba natural desta villa de que tinha o appellido, homem que sabia bem a lingua Arabia, e algumas daquellas partes, por a qual razão era conhecido dos Mouros dalli, onde elle já fora quando fogio de Pacem por causa da morte de Diogo Vaz, como no Capitulo atrás contámos. O qual por razão do proveito que achava naquellas partes, alguns officiaes d'ElRey de Goa o tornáram armar com outra náó, que

foi carregar de moxama a Mascate, que era mercadoria em que se ganhava muito em Camatra; però a não com hum temporal que lhe deo no meio do golfão entre as Ilhas de Maldiva, e aquella Ilha Camatra, abrio, e se foi ao fundo. Da gente da qual quinze pessoas se salváram no batel, e elle com nove em huma almadia; e eram os mares tão grossos, que não pode elle haver o batel á mão, e foi ter com toda esta gente a Pegú, os quaes depois houve Rafael Perestrello estando em Bengala, per meio de hum Mouro que alli tratava por nome Alle Aga. E elle João de Borba com as nove pessoas correo contra Camatra per espaço de nove dias, e foi ter naquelle porto de Achem milagrosamente, porque em todo este tempo elle, e as outras oito pessoas não comêram, nem bebêram, sómente cada hum tomava hum grão de Anhão tamanho como hum grão de pimenta, o qual acertou de levar no seio hum Mouro que alli hia, por ser entre elles tão costumado o uso daquella mézinha, que não sabem andar sem ella, do qual Anhão particularmente fallamos em os livros do nosso Commercio. Chegado João de Borba a este porto de Achem, como era homem de bom saber, e naturalmente loquaz em qualquer das linguas que sabia, ElRey da

terra o recebo em graça, principalmente sabendo que se perdêra com humna não de mercadoria, que vinha pera aquelle seu porto. Este, tanto que Jorge de Brito chegou, logo o foi visitar á não em companhia de huns melleiros, per os quaes o ElRey mandou visitar de sua boa chegada com algum refresco da terra, e leixou-se ficar, dando-lhe conta de sua fortuna, e do estado da terra, e de algumas cousas que alvoroçaram os nossos, e movêram a Jorge de Brito pera commetter o que fez. Huma das quaes foi dizer-lhe que alli havia hum templo dos Gentios, no qual (segundo fama) havia muito ouro; e mais que aquelle Rey tinha tomado toda artilheria, e fazenda da não, em que alli veio ter Gaspar d'Acosta irmão de Affonso Lopes d'Acosta Capitão de Malaca, a qual se alli perdeu. E tambem tinha havido á sua mão a fazenda de hum bargantim, que se perdeu junto de Dáya, que era perto dalli, no qual hia pera descobrir as Ilhas de Ouro Diogo Pacheco, e era Capitão delle Francisco de Sequeira; e mais tinha tomado humna não, que D. João de Lima mandára de mercadoria ás Ilhas de Maldiva, e dali havia de ir a Malaca; e andando em calmaria á vista deste porto Achem, sahíram as lanchas d'ElRey a ella, e a tomáram, e ma-

taram seis Portuguezes , que nella liam , porque a mais gente era Malabar. Jorge de Brito , depois que se affirmou bem destas cousas , e do estado del Rey , e força que tinha pera se defender , quiz-se mais certificar dellas per hum Diogo Lopes , que levava consigo pera Maluco , onde elle estivera com Francisco Serrão , o qual tambem vindo com Gaspar d'Acofta em a não que se alli perdeu , fora cativo , e resgatado com elle per Nina Cunapam , como ora escrevemos , do qual cativeiro sabia a lingua da mesma terra , como João de Borba. E movido elle Jorge de Brito per estas duas linguas , que o peccado lhe offereceo , e desviou de sua jornada , per o mesmo João de Borba , que estava na terra , e era o mais linguaraz , mandou dizer a El Rey como hia de caminho pera Malaca ; e por o Governador da India ter sabido como elle recolhêra toda a fazenda , e artilheria , que se alli perdêra de huma não , e bargantim , lhe mandára que passasse per alli , e arrecadasse tudo delle Rey , em cujo poder estava , que lhe pedia que lhe mandasse entregar tudo. Ao que o Rey da terra respondeo , que elle não sabia outro mais certo author , em cujo poder estivessem aquellas cousas , que no fundo do mar , em que se a não , e bargantim perdêram , segundo ou-

vio dizer, por tanto com elle devia ter este requerimento. Que havendo elle mister alguma cousa daquelle seu Reyno, que de mui boa vontade folgaria de a dar, como fazia aos Portuguezes que alli chegavam, de que elle João de Borba era testemunha em que estado alli veio ter, e como foi per elle agazalhado. Em quanto este, e outros recados andáram entre ElRey, e Jorge de Brito, veio alli ter Rafael Catanho, que se apartára no mar com tempo da conserva de Jorge d'Albuquerque, e quizera ficar alli com Jorge de Brito, o qual elle não consentio; porque estavam já todos tão cheios da esperança do ouro daquelle pagode, que lhe parecia que eram muitos pera a repartição, e elles foram poucos salvos do perigo, que lhes aconteceu. Ou quiz Deos livrar a Rafael Catanho delle; porque como era cavalleiro, per ventura ficára alli, como ficáram outros deste nome. E vendo que não queriam sua companhia, por não ser daquella conserva, foi correndo a costa caminho de Pacem, e no porto de Pedir achou Christovão de Mendoga, que hia ordenado ao descobrimento do ouro, tão incerto, e perigoso, como era o do pagode; e ambos se partiram dalli, e foram ter com Jorge d'Albuquerque, que estava ordenando a fortaleza de madeira que disse-

mos. Jorge de Brito, depois que aquelle urdidor do peccado João de Borba andou tessendo com recados de huma, e outra parte aquella tea de morte, já com indignação de quão pouca razão fazia de si aquelle barbaro, determinou per conselho de todos Capitães entrar na Cidade. E porque do pouso onde estavam as náos a ella haveria huma legua per hum rio acima, ordenou de ir em os bateis, e assi na fusta Capitão Gaspar Gallo, na qual embarcação podiam ir té duzentos homens. E por a fusta ser maior vasilha de todas, mandou que fossem nella quasi todos os bésteiros, e espingardeiros, que feriam té sessenta, com alguma artilheria, fazendo fundamento que ao tempo da sahida em terra esta fusta assi provida lhe podia servir em lugar de baluarte, que defendessem a ribeira, por lhe não ser impedida sua embarcação em algum aperto, em que se podia ver. Ordenada esta ida, partio Jorge de Brito ante manhã; e sendo quasi a meio caminho, achou huma povoação de poucas casas ao sobpé de hum teso, que vinha beber na agua, a qual quebrava em huma rebanceira alta de barreiras, onde estava feito huma força de madeira ao modo de baluarte com alguns berços pera defender a passagem. Chegado Jorge de Brito já dia bem claro

a este lugar, deteve-se hum pouco esperando pela fusta de Gaspar Gallo que não vinha, por vir mais carregada que os bateis allí de gente, como artilheria; e sobre tudo ventava o terreno da terra enfiado pela madre do rio, que lhe era ainda maior inconveniente. Estando allí quedos, pareceo aos do baluarte que sua detença era por temerem passar per diante d'elle, por ser tão perto, que lhe podiam chegar com os berços que tinham: e por dar mostra de si, e assombrar os nossos, fizeram alguns tiros. Vendo a gente que lhe tiravam, começou de se agastar, dizendo a Jorge de Brito, pera que era mais esperar, porque não sahiam em terra tomar aquelles tiros ante que os matasem allí sem fazer alguma coufa; e mais que pera passar por diante, de força os haviam de tomar. Importunado Jorge de Brito da gente, e vendo que não apparecia Gaspar Gallo, mandou a Lourenço Godinho com alguns bésteiros, e espingardeiros, que ficáram nos bateis, que rodeasse o teso que a terra fazia, por ser huma encuberta per onde podia vir gente, que lhe tomasse a embarcação, e lha segurasse. Dado este resguardo áquelle lugar de suspeita, foi elle commetter o outro, em que a tinham menos, onde acháram maior perigo; não tanto por culpa do lugar, quan-

to da leviandade de hum dos que levava
 comsigo chamado João Serrão. Porque ten-
 do já entrado o baluarte levemente, e lan-
 çado fóra os Mouros que estavam dentro,
 e tomados tres, ou quatro berços com que
 tiravam, estava Jorge de Brito determinado
 de se fazer alli forte té que viesse Gaspar
 Gallo, e Lourenço Godinho pera juntamen-
 te fazer seu caminho. E porque os Mou-
 ros da povoação, que estava ao sobpé do
 baluarte, e assi dos que fogiram delle, ti-
 ravam de baixo, este João Serrão, a que
 os outros chamam Pero de Glão, ou por
 lhe dar mais certo nome, homem que le-
 vava o aguião de Jorge de Brito na mão,
 e na cabeça os fumos do vinho, em que
 se entregára aquella madrugada, por lhe
 dar coragem ao commetter, desattentada-
 mente lança a correr pelo teso abaixo, e
 não parou senão entre os Mouros, onde
 logo foi morto, e trás elle Aires Botelho,
 que o seguia. Ao correr dos quaes acudiram
 outros, e travou-se huma peleja de manei-
 ra, por verem perder o aguião de Jorge
 de Brito, que lhe conveio a elle sahir do
 baluarte com toda a outra gente. Na qual
 conjunção chegou ElRey que vinha com
 té oitocentos, ou mil homens, e seis ele-
 fantes armados a seu modo. E a primeira
 cousa de que se quiz ajudar dos nossos, fo-
 ram

ram huns bufaros bravos, que naquelle lugar tinha encerrados; porque dando os nollas nelle, achassem alli aquellas feras, de que podiam receber damno, como recebêram, e alli dos elefantes que vieram tras elles. Hum dos quaes querendo-lhe Gaspar Fernandes pôr o ferro da lança, elle com a tromba o lançou tão alto, que quando cahio, por ir muito armado, embaçou, de maneira, que a mão tenente o mataram os Mouros. Jorge de Brito vendo o damno que lhe faziam estas feras, a grão pressa mandou per hum pagem seu chamar Lourenço Godinho, que acudisse com os besteiros, e espingardeiros, e o desabafasse delles, porque com a gente bem se haveria; e espedido este recado, veio-se retrahendo contra o baluarte, onde esperava de se fazer forte. Porém era já tanto Mouro sobre elles com zargunchos, fréchas, e páos tostados de arremesso, que não havia couraça, ou adarga, que não passassem, com que derribáram alli alguns dos nossos. Por acudir aos quaes traspassáram com huma azagaia de arremesso as queixadas a elle Jorge de Brito; e vendo alguns dos Capitães que o acompanhavam naquelle estado, começaram de o obrigar a que se recolhessem, pois não vinha Lourenço Godinho, nem Gaspar Gallo. Ao que elle respondeo, com

mo cavalleiro que era, já mal pronuncian-
do a palavra: *Pera que he vida sem hon-
ra? adiante, senhores, que nos taes tra-
balhos acode Deos.* Mas não tardou muito
que sobre esta ferida veio hum daquelles páos
tostados, que lhe atravessou as pernas, com
que cahio, e dalli acabáram de o matar.
E como aqui foi o maior conflito dos nos-
sos, ficáram naquelle lugar mortos com Jor-
ge de Brito Christovão Correa, Christovão
Pinto, João Pereira, Francisco Godiz, e
outros, em que entravam quatro, ou cin-
co músicos, que por ser cousa nova áquel-
la jornada de Jorge de Brito, e elle ser da-
do a isso, folgou de os levar. Entre os
quaes era hum chamado Gomes, moço da
Capella d'ElRey D. Manuel, que não se
podia bem determinar qual era o maior es-
tremo d'elle, a voz, e a suavidade, e mo-
do do seu cantar, ou os vicios a que era
inclinado. Ouvindo Luiz Raposo, e Pero
Velofo ambos criados d'ElRey, os quaes
foram da criação de Jorge de Brito, como
elle ficava entre os Mouros, começaram
bradar: *Volta, volta, senhores, acudi ao
vosso Capitão.* Mas todos estes seus brados
não aproveitáram pera mais, que pera am-
bos se irem offerecer em sacrificio, por acu-
dir áquelle de que tinham recebido crea-
ção, cuidando de o achar vivo. Finalmen-

te, elles houveram de perecer alli todos, senão sobrevieram Lourenço Godinho, e Gaspar Gallo, que com os bésteiros, e espingardeiros, que fizeram praça, se puderam embarcar as reliquias, que ficavam de obra de cento e vinte homens, que eram com Jorge de Brito; porque os mais, que fazia o número de duzentos, com que elle partio das náos, andavam com estes dons Capitães; e naquella barbaro, e estranho lugar ficáram mais de cincoenta homens fidalgos, e cavalleiros da mais nobre, e limpa gente, que hia naquella Armada, a fóra outros que foram no conto dos feridos, que falecêram depois. Recolhidos aos navios, não tiveram mais certo conselho, que fazer-se á véla ao longo da costa com fundamento de acharem Jorge d'Albuquerque em Pacem, onde sabiam que havia de ir com o Principe que levava. E sendo tanto avante como o porto de Pedir, acháram Rafael Catanho, e Christovão de Mendonça com os tres navios do seu descobrimento pera as Ilhas do Ouro. O qual quando vio aquella Armada alli desbaratada, e sem Capitão, quizera lançar mão della; però como ainda alli hiam alguns homens Fidalgos, e de conta, o não consentiram, esperando que viesse Antonio de Brito irmão de Jorge de Brito, que (como dissemos) ficá-

ficára concertando o navio , com a vinda do qual cessou tudo. Porque entregando-se dos papeis que seu irmão levava , foi achada huma Provisão d'ElRey D. Manuel , em que havia por bem que elle succedesse naquella capitania , falecendo seu irmão. O qual a primeira cousa em que entendeu , tanto que teve posse della , foi prover as capitarias , e officios em lugar dos que faleceram. De Capitão mór do mar , que elle havia de servir , proveo a Simão d'Abreu , e a Pero Botelho irmão de Lourenço Godinho , e a Francisco de Brito de Capitães de dous navios , e de Feitor a Ruy Gago , e a outros de outras cousas , que vagáram por morte de outros. Partidos estes Capitães , foram a Pacem , onde acháram Jorge d'Albuquerque , que tinha já provido destes melmos cargos a outras pessoas , e de Capitão em lugar de Jorge de Brito , a D. Sancho por ter Alvará d'ElRey D. Manuel , que todos officios que vagassem em Malaca , e naquellas partes , em que elle tinha jurdição , havia por bem que os proveesse té vir pessoa que elle mandasse que o servisse. E pe- ró que houve razões de huma parte , e outra como se haviam de entender estas duas provisões , a sua , e a de Antonio de Brito , todavia Antonio de Brito ficou com a sua

sua capitania. E porque tinha algumas cousas, de que se havia de aperceber em Malaca pera fazer sua viagem, foi-se diante de Jorge d'Albuquerque, por elle ainda ter que prover naquella fortaleza de Pacem, o qual não tardou muitos dias que não foi trás elle. Porque como o acabamento da fortaleza havia mister muito tempo, e Raphael Catanho, Raphael Perestrello, e Christovão de Mendoga alli se haviam de prover, e carregar de pimenta, e de outras cousas pera fazerem suas viagens, e tambem o tempo não era da monção pera onde cada hum havia de ir, principalmente a de Christovão de Mendoga, que era já passada, mandou a todos que ficassem alli em ajuda, e favor daquella fortaleza em quanto ella não estava em estado pera se poder defender. Finalmente, acabadas estas cousas, elle se partio pera Malaca, onde chegou a salvamento, e achou Antonio de Brito, e Garcia de Sá, que lhe entregou a capitania. E verdadeiramente se estes Capitães não ficáram em favor daquella fortaleza de Pacem, ella não durára em pé muitos dias; e per ventura fora melhor naquelle tempo, que durar té outro, que a fez mais custosa, e com muito damno nosso. Porque tanto que Jorge d'Albuquerque se partio, Melique Ladil hum Mouro, que

dizia pertencer-lhe aquelle Reyno de Pacem, per hum rio, que vem cortando dentro pelo sertão té se metter no que vem dar na Cidade, vinha com lancharas, (que são os navios de remo, que naquellas partes de Malaca se mais usa,) e dava muitos saltos nella, com que a gente recebia muita oppressão. E o que peor era, que lhe não deixava vir os mantimentos, que per aquelle rio abaixo solham vir, de que se ella mantinha; e não se contentando com este danno que fazia, por andar mui poderoso com treze lancharas, e cevado nos saltos que fazia a seu salvo, atreveo vir á nossa fortaleza dar rebates de noite, té lhe vir pôr fogo, e acolhia-se logo a hum estreito que tomava por acolheita. Os Capitães vendo esta sua ousadia, fizeram-se prestes, e foram atrás elle; o qual depois que começou a sentir o seu ferro, largou as lancharas, mettendo-se pelo mato, com que ficou de todo desbaratado, trazendo os Capitães todas as lancharas pera serviço da fortaleza, a qual depois que foi posta em estado que bem se podia defender, Christovão de Mendoga, e Diniz Fernandes foram-se pera Malaca. E Pero Lourenço de Mello, que alli depois tambem veio ter, foi-se perder nas Ilhas que chamam de Andramú, a gente das quaes come carne humana, indo ei-

le pera Bengala carregado de pimenta, que tomou alli em Pacem. E o mesmo risco de se perder correo Rafael Perestrello, indo tambem pera Bengala, onde chegou; e do que alli fez, ao diante daremos razão.

C A P I T U L O IV.

Como Jorge d'Albuquerque foi á Ilha de Bintam pera destruir a povoação que ElRey nella tinha, e o que lhe succedeo nesta ida, no fim da qual Antonio de Brito se partio pera Maluco.

Jorge d'Albuquerque tanto que foi entre-
gue da fortaleza de Malaca, quiz logo
entender nas cousas d'ElRey de Bintam, o
qual (segundo lhe disseram) estava mui prof-
pero na Ilha Bintam, e dalli mandava com
suas lancharas correr a Malaca, e não lei-
xava vir pelo estreito de Cingapura navio
algun, com que tinha a Cidade posta em
necessidade de todas as cousas. Ao que Gar-
cia de Sá não podia acudir por estar mui
desfalecido de gente; e alguma que tinha,
não a queria aventurar, cá podia com isso
pôr-se em estado que perdesse a fortaleza;
tão pouca era a gente que nella havia. E pos-
to este caso em conselho dos Capitães que
alli estavam, vista a necessidade em que a
Cidade estava posta, e quão poderoso ElRey

de Bintam se hia fazendo com fazer arribar quantos juncos vinham per o estreito de Cingapura, por elle estar na garganta delle, e quanta, e boa gente então alli estava, alli a Armada de Antonio de Brito, como dos outros Capitães, que per ventura passariam muitos annos em que não houvesse outra tal conjunção, acordáram de o fazer polo muito que este negocio importava ao estado daquella Cidade. E porque Antonio de Brito, que havia de ir pera Maluco, não fosse, e tornasse outra vez a Malaca, ordenou elle com Jorge d'Albuquerque, que esta ida a Bintam fosse indo elle já de caminho, cá não faria mais que chegar a Bintam com elle, e dali se despedir. Porque chegára Antonio de Brito em conjunção a Malaca, que tanto importava a sua ida ser logo, como aquelle negocio de Bintam. A qual conjunção era haver pouco tempo que era partido de Malaca hum Mouro per nome Cachilato, parente d'ElRey Boleife de Ternate das Ilhas de Maluco, enviado per elle Rey ao Capitão de Malaca em hum junco, que pera isso armou, em companhia do qual (segundo elle contou) partira tambem outro junco, em que vinha por Capitão Francisco Serrão, que Affonso d'Albuquerque, quando tomou aquella Cidade Malaca (segundo escrevemos) mandou com Antonio d'Abreu, e

havia annos que lá estava. E por as cousas
 que disse a ElRey, e outras que depois suc-
 cedêram assi da nossa, como da sua parte,
 desejava elle Boleife que ElRey D. Manuel
 mandasse lá fazer huma fortaleza. E quan-
 do vio que com cartas, que per vezes elle,
 e Francisco Serrão tinham escrito aos Ca-
 pitães de Malaca, e Governadores da In-
 dia, per juncos que lá hiam carregar de cra-
 vo, não eram respondidos; determinou El-
 Rey, como homem prudente que era, man-
 dar o mesmo Francisco Serrão em hum jun-
 co, e este Cachiláto seu parente em outro;
 porque acontecendo alguma fortuna a hum,
 que o outro podia vir a Malaca; e assi
 foi, (como se depois soube,) que o de Fran-
 cisco Serrão tornou arribar a Malaca. Ao
 qual Cachiláto Garcia de Sá fez muita hon-
 ra, e deo muitas dadivas pera elle, e pes-
 soa d'ElRey; respondendo, que as cartas
 que lhe dera pera ElRey D. Manuel, e seu
 Governador da India, elle as enviára. E po-
 lo que elle Garcia de Sá sentia d'ElRey,
 e do seu Governador, pelas cartas que lhe
 escreviam da maneira que elle Garcia de Sá
 se havia de haver com as cousas de Malu-
 co, a elle lhe parecia que não tardaria mu-
 to mandarem hum Capitão pera fazer a for-
 taleza, que ElRey Boleife tanto desejava.
 Sobre o qual negocio o anno passado era

partido pera lá hum Capitão per nome Dom Tristão de Menezes, o qual se os tempos o não contrariáram, elle estaria já com El-Rey Boleife, ou seria de lá partido. Partido este Cachilato mui contente de Garcia de Sá, chegou o mesmo D. Tristão, que lhe elle dizia, o qual vinha muito mais contente d'ElRey Boleife, e das cousas daquellas partes estarem postas no que ElRey D. Manuel quizesse ordenar daquelle Rey Boleife, e de todo seu estado. Però este contentamento não o trazia elle de si, porque como era cavalleiro, e de muito primor nas cousas da honra por o que lá passou, que não foi por defeito de sua pessoa, mas de fustre, gerou-se-lhe huma postema (segundo dizem) desta paixão, de que morreo de sua chegada a Malaca a poucos dias; da viagem, e succedimento do qual, por pertencer ás cousas de Maluco, daremos adiante razão. Com esta pressa que ElRey Boleife dava a que os nossos lá fossem, e cousas que Antonio de Brito, e os de sua Armada ouviam das riquezas, e variedade daquellas tantas mil lhas, que havia naquelle Oriente, era tamanho o alvoroço nelles de se partir, por chegar aonde eram chamados, que o mesmo Antonio de Brito era o que mais apressava que fossem ao feito de Bintam por fazer esta sua viagem. Do qual lugar de Bin-

tam, que he huma Ilha, será necessario dar-
 mos primeiro noticia do sitio della, e po-
 voação que ElRey alli fez, e quanto impor-
 tava ser totalmente destruida. ElRey que foi
 de Malaca, (como temos escrito) andou de
 huma a outra parte buscando sitio de sua ha-
 bitação o melhor, e mais seguro, e tambem
 proveitoso para nos fazer a guerra, como
 fazia. E destruida a que fez em o Págo per
 Antonio Correa, não achou outro mais con-
 veniente, que a Ilha Bintam, ainda que
 hum pouco longe de Malaca, porque dis-
 tava della per espaço de quarenta leguas.
 Porque (como atrás he escrito) a navegação
 de todo aquelle Oriente pera vir a Malaca
 he per dous canaes, a que chamamos estre-
 itos, que se fazem entre a terra da costa Ma-
 laca, e a Ilha Çamatra; hum corre ao lon-
 go desta Ilha, que se chama de Sabam, e
 o outro ao longo da costa de Malaca cha-
 mado de Cingápura, por razão da Cidade,
 que alli esteve antigamente, onde se fazia o
 commercio de Malaca, como atrás escreve-
 mos. E o que faz estes dous estreitos em tan-
 ta largura, como ha da terra firme a Ça-
 matra, que poderão ser vinte leguas, he
 metterem-se no meio deste espaço tantas
 ilhas, baixos, e restingas, que não se póde
 navegar per alli, e ficam ao longo destas duas
 costas que dizemos dous canaes, per onde

a força da agua entrou mais liberalmente, per os quaes se communicam, e navegam todas as mercadorias daquelle Oriente do mar da China, e do Ponente do mar da India. Per o canal chamado de Sabam navegam todas as que vam, e vem pera a Jatta, Banda, Maluco, e a todas aquellas Ilhas a ellas adjacentes, que jazem da linha Equinocial pera o Sul; e pelo da banda de cima chamado de Cingapura navegam da linha contra o Norte, em que entram as Ilhas de Japan, Lequios, Luções, e outras mil Ilhas com todos os Reynos da costa da China té a ponta de Ugentana; e este em partes he tão estreito, que vam as entenas das vélas roçando com o arvoredado da terra. Finalmente per estes dous canaes se navegam as partes Orientaes além de Malaca, na entrada de hum dos quaes, que he o de Cingapura, El Rey que foi della, por lhe tirar todo o commercio daquellas partes, se foi apoufentar junto em huma Ilha chamada Bintam, onde naquelle tempo era intitulado Rey. A qual Ilha da entrada deste canal estará pouco mais de seis leguas, cuja fórma he como quando a Lua tem a terça parte cheia do Sol. E porque os Mouros naquella lingua Malaya chamam á figura da Lua, quando alli está, Bintam, houve a Ilha este nome. O circuito della será pouco mais de

trinta leguas ; e per meio daquella angra , ou enseada que tem , corre hum rio de agua doce , per que a maré entra hum bom pedaço , por a Ilha per as fraldas ser baixa , e alagadiça , e no meio montuosa , e per toda cheia de muito arvoredos. Cortada esta Ilha em duas partes com este rio , ao modo de Malaca , em huma onde a terra era mais fragosa per dentro , e alagadiça na entrada , alli junto ao rio que a cortava , fez huma povoação grande , onde se apousetou. Atravessando o rio com huma ponte de mui grossa , e forte madeira de páo , a que os nossos chamam ferro , por ser mui duravel , que per nome proprio he chamado Barbusano , e no fim da ponte da outra banda despovoada hum baluarte do mesmo páo entulhado de terra de maneira , que ficava todo maciço , onde poz grande número de artilheria. E leixando a madre , per onde corria o rio , porque quando a maré era vazia ficava tudo huma vasa descuberta , per que não se podia sahir em terra senão de maré cheia , toda aquella parte que ficava em vasa , começando da ponte té a barra , onde o rio entrava no mar , que era hum grande espaço , de huma banda , e da outra mandou metter estacadas de madeira de nove ordens , que occupavam toda a vasa descuberta. E na foz do rio mandou lançar

muita pedra solta, por a fazer mui estreita, e per elle acima metter outra estacada á força de maço, assi fortes, e compridos, que parecia nascerem alli. Os quaes hiam mettidos per tal ordem, que ficava a serventia da Cidade per hum canal tão estreito, e retorcido, que parecia huma cobra ferida, de maneira, que subir hum navio per elle té chegar á ponte com boa paz era com muito trabalho. Estava mais a Cidade cercada de madeira per dentro boa altura, toda em pannos á semelhança de dentes de cerra, que huns defendiam os outros com a artilheria nelles posta; pois querer ir á Cidade per outra parte era impossivel, por a Ilha em torno ser alagadiça, e tão cuberta de arvoredos, que per dentro não se andava senão per humas certas veredas. Finalmente, assi per sitio, como per arte aquella Cidade estava tão defensavel, que qualquer homem que a notasse bem, o faria duvidoso de se poder commetter, quanto mais entrar. Jorge d'Albuquerque però que soubesse muita parte destas cousas per algumas pessoas que o informáram, não era assi particularmente como o caso requeria. Com tudo, porque a estacada que hia posta per meio da madre do rio havia de ser o maior impedimento pera chegar á ponte, mandou ante de sua partida tres navios mui bem ar-

tilhados, e providos pera isso, que lhe fossem pouco, e pouco tirando aquellas estacas, pera que quando elle chegasse com toda a frota, achar o canal despejado, e ir logo avante com hum dos navios mais altos dos castellos a se igualar com a ponte. Dos quaes navios eram Capitães D. Rodrigo da Silva, João Fogaça, e Henrique Leme; e chegados á barra do rio, começaram sua obra, arrincando as estacas pequenas a gaviete com hum batel, e as maiores ao cabrestante do navio de Henrique Leme. Ao qual passaram muita parte da gente dos outros, por o muito trabalho que nelle havia de haver, e se revezarem a elle, ordenado logo com suas arrombadas, que tambem havia de fazer emparo ao batel. A qual obra lhe foi mais trabalhosa, e perigosa, do que lhe pareceo no princípio; porque como foram per dentro do canal, começaram receber muitas bombardadas de alguns lugares, onde os Mouros vieram pôr sua artilheria pera lhe impedir o que faziam, com que matáram dous, ou tres homens, e feríram muitos com as rachas do navio, que a artilheria quebrava. Havendo já seis dias que continuavam esta obra, affi de noite, como de dia, estando huma noite o navio amarrado a quatro estacas, por serem aguas vivas, foi tamanha a força da agua, quando

vasava, que quebráram as estacas, e amar-
 ras. Com que o navio foi dar a través so-
 bre huma fossa alcantilada, que quando a
 maré acabou de vasar, ficou enforcado, sem
 os nossos entenderem o perigo, em que es-
 tavam, senão quando sentíram outro maior
 já no quarto da alva, que eram muitas lan-
 charas, que demandam pouca agua, que co-
 meçáram querer entrar. E quando se víram
 cercados, e o navio posto de maneira que
 não se podiam ter empé, sem estar apega-
 dos, e elles neste tempo haviam mister qua-
 tro mãos, houve alli alguns que commet-
 tēram querer-se recolher ao batel, que ti-
 nham a hum costado do navio. Porém co-
 mo o perigo era commum, em que se tra-
 tava da vida de todos, e não se podiam re-
 colher sem leixarem a artilheria, e a honra
 com ella, e ainda o não podiam fazer a seu
 salvo, por quão rodeados estavam dos Mou-
 ros, não acháram melhor remedio, que su-
 bir-se aos castellos da popa delle, donde co-
 mo de baluarte começáram defender que não
 entrassem os Mouros dentro; té que em ama-
 nhecendo víram os outros navios seu peri-
 go, e acudíram-lhe, recolhendo a gente, e
 artilheria sem os imigos ousarem de os com-
 metter, porque acertou a esta hora de ap-
 parecer Jorge d'Alboquerque, que subia pe-
 ra cima da barra, onde tomáramo pouso, e
 com

com temor do qual se recolhêram. Na qual frota vinham estes Capitães, Jorge d'Albuquerque, D. Sancho, e D. Garcia Henriques seus cunhados, e Jeronymo d'Albuquerque seu filho, D. Affonso de Menezes, Garcia de Sá, D. Estevão de Castro, Manuel Pacheco, Henrique de Figueiredo, Jorge Botelho. E das outras era Antonio de Brito, e os que hiam com elle pera Maluco, cujos nomes já dissemos. Em que haveria com a gente que já alli estava dos tres navios té seiscentos homens, muita parte dos quaes eram Fidalgos cavalleiros, e criados d'ElRey com outra gente limpa. Visto o lugar, e a difficuldade de sua entrada, e o damno que os primeiros navios tinham recebido, e quão pouco era feito no tirar das estacas, pera o que se ainda havia de fazer com parecer dos Capitães; assentou Jorge d'Albuquerque mudar o proposito que trazia á cerca de commetter aquelle feito, que era ir com os navios acima té abarbar na ponte, pois o sitio, e difficuldades do lugar não dava de si tanta esperança, quanta Manuel Pacheco lhe deo, e per cuja informação commetterá aquelle negocio do modo que vinha. Todavia, porque elle Manuel Pacheco dizia que andára já per alli em outro tempo de armada, e sabia as entradas daquelle lugar, acceitou Jorge d'Albuquerque

que levallo por guia per entre hum arvored
do de mangues, que nasciam na vasa, e da
hi haviam de ir sahir diante da fortaleza. E
per outra parte em bateis iriam demandar
abaixo hum pouco do baluarte pera com-
metter este combate per dous lugares: a dian-
teira de hum dos quaes Jorge d'Alboquer-
que deo a Antonio de Brito, que era o da
parte da Cidade, e o da ponte a Garcia de
Sá, e elle iria com o corpo da outra gente
pera acudir onde mais necessario fosse. Posta
em obra esta sahida, foi ella tal, principal-
mente per onde guiou Manuel Pacheco, por
tudo ser vasa, que dava pela coixa aos ho-
mens; que quando chegaram a hum canto
da fortaleza per onde quizeram entrar, tan-
to damno lhe fazia a vasa, que levavam em
si pera commetter, como pera se resguardar
da artilheria, porque andavam tão pegados,
que não se podiam revolver. Com tudo de-
pois que os homens começaram de se esquen-
tar em furia, houve alguns que começaram
a trepar pela tranqueira acima; mas foram
logo derribados, porque tudo eram pelou-
ros de artilheria, espingardas, settas, zar-
gunchos, e de tudo tanto, que o ar anda-
va coalhado destas cousas. Com as quaes lo-
go alli ficáram mortos quinze homens, de
que os principaes eram D. Estevão de Cas-
tro, Fernão da Gama, e Jorge de Mello

tambem ficou de maneira, que dali a poucos dias morreo; e feridos D. Rodrigo da Silva, Henrique Leme, Jorge Botelho, e outros muitos. Garcia de Sá na outra parte do baluarte onde chegou, tambem foi recebido com outra tal nuvem de tiros; e aperfiou tanto por subir ao baluarte per cima dos páos, que querendo-se ajudar de dous homens seus, que o tomassem ás costas, houve duas lançadas, huma no rosto pequena, e outra per huma perna, que o derribou abaixo, e assi foram feridos outros, que o seguiam. Finalmente em toda parte tinham os nossos tanto que fazer, sem terem algum artificio de escadas, machados, ou outra cousa, de que se pudessem ajudar, que vendo Jorge d'Albuquerque quanto damno recebia, e quão pouco podia fazer á mingua destas cousas, se recolheo com parecer dos outros Capitães. E em dous dias que estiveram no porto, tiveram conselho, no qual se assentou tornarem-se pera Malaca, visto quanto mais lhe alli servia o artificio de escadas, machados, e de outras cousas desta qualidade, que o seu animo. Porque este comino era de pessoas nobres, que desejavam honra, matavam nelles como em homens decepados, sem poder chegar aos inimigos, por estarem debaixo, e elles em cima. E esperarem alli té que fossem a Malaca buscar

algumas destas cousas, era dar mais animo aos Mouros deterem-se tantos dias sem os commetter; e mais convinha que Antonio de Brito se partisse fazer sua viagem, que começava tardar por razão da monção, e tambem por causa das novas, que achou em Malaca. Assi que havendo respeito a estas cousas, Jorge d'Albuquerque se tornou, não com tanta vitoria como a de Pacem; no commetter da qual esperando tambem por escadas, e machados pera cortar aquella tranquieira, que era os muros que lhe defendiam aquella entrada, pelo caso que contámos, Deos o chamou pera lhe dar aquella vitoria. E quanto pela parte do seu animo, onde quer que se elle achára, a houvera de levar, porque elle era muito cavalleiro; e però como virtuoso, e confiado no que lhe os homens diziam, não era muito previsto nas cautelas, e casos da guerra. E daqui procedeo não levar este feito avante, porque frou-se no que lhe Manuel da Gama disse de quão facil era a entrada do rio, e assi a defensão da madeira da fortaleza, e baluarte, que sem escadas podia hum homem subir per ella. E posto que nosso officio não seja condemnar, ou assolver estes feitos, apontamos as cousas delles pera doutrina das que estam por vir, por este ser o fructo da historia, em os negocios presentes sempre nos applicar

aos casos passados daquelle genero, de que ella faz menção. Chegado Jorge d'Albuquerque ao Cabo de Cingapura, pera dalli espedir Antonio de Brito, vinha Jorge de Mello tal das suas feridas, que alli ficou sepultado; e Antonio de Brito proveo da capitania do seu navio a Antonio de Mello seu irmão, e assi proveo outras pessoas de cargos per morte de alguns homens, que morrêram naquelle commettimento. E deixando Jorge d'Albuquerque, que dalli se foi pera Malaca, onde chegou a salvamento, continuaremos com Antonio de Brito, que fez sua viagem caminho das Ilhas de Maluco, dando primeiro neste seguinte Capitulo huma geral noticia dellas pera entendimento da historia.

C A P I T U L O V.

Em que se descrevem as Ilhas chamadas Maluco, e se dá noticia de algumas cousas dellas.

TOda aquella parte do Oriente, que jaz além da Ilha per nós chamada Camatra, e dos antigos Geógrafos Aurea Chersoneso, não foi sabida per elles. E però que assi seja, e Ptolomeu o confesse na descripção de suas Taboas, todavia elle faz a todo aquelle Oriente huma testa de terra contínua,

e vem descendo com ella té nove grãos da parte do Sul. Com a qual testa se aparta da Ilha Camatra contra o Oriente per espaço de dous grãos e meio, em que cerra, e acaba o número dos cento e oitenta grãos da quarta parte do mundo pouco mais, que em seu tempo era sabido; e naquelle canto onde fecha esta longura, e largura, sitúa huma Cidade chamada Caltigara, que parece mais pera o termo desta sua computação, como ponto celeste imaginado, que por ser assi. E ainda pera mais tellemunhar este ponto por verdadeiro, per toda esta testa vai situando outras Cidades, e deliniando rios, nomeando enseadas, e promontorios, como se alli houvera alguma cousa destas. Parece que assi desta parte, como de outras muitas, por o mundo naquelle tempo não ser muito curfado, e navegavel, elle foi mal informado, com que cahio nos erros, que suas Taboas tem, como nós ao presente, tendo tanto navegado, e descoberto, tambem per boças alheas vimos a cahir em outros taes. Porém quanto a este, sabemos per nossas navegações ser mar, e terra retalhada em muitas mil Ilhas, que juntamente elle, e ellas contém em si grande parte da redondeza da terra, do que ante de nossos tempos era sabida; e no meio deste grande número de Ilhas estão as chamadas Maluco

queremos dar noticia por causa da nossa historia. Por isso deixando a divisão geral deste Oriente repartido em duas partes, Boreal, e Austral por causa da linha Equinocial, rematando tudo no meridiano lançado entre Portugal, e Castella por razão de suas conquistas, (como fazemos em a nossa Geografia,) quanto a estas Ilhas do Maluco, o seu sitio he de baixo da linha Equinocial. Per o qual paralelo distam contra o Oriente da nossa Cidade Malaca pola navegação dos nossos, espaço de trezentas leguas pouco mais, ou menos; e não per situação Geografica de eclipses, e outras observações de conjunção, e opposição d'outros Planetas com o Sol, e com a Lua, que pera verificação das nossas Taboas temos sabido. Estas cinco Ilhas jazem huma ante outra pelo rumo de Norte Sul ao longo de outra Ilha grande: o comprimento da qual per este mesmo rumo será té sessenta leguas, e isto pela costa desta grande Ilha, que está da parte do Ponente, a qual elles chamam Batochina do Moro. E de quão direita ella corre com esta face do Ponente, tão curva, e escachada he do Levante, lançando tres braços, hum na cabeça, que tem contra o Norte, o qual corre ao Nordeste, e dous no meio que correm direito a Oriente, e isto segundo a pintam nas Cartas de navegar, com a qual figura

quer parecer hum troço de páo liso per huma face, e tres esgalhos pela outra. As outras cinco chamadas Maluco, que jazem ao longo desta, todas estam huma á vista da outra per distancia de vinte e cinco leguas. E não dizemos serem cinco porque naquelle contorno da Batochina, e entre ellas não ha já li outras, nem menos lhe chamamos Maluco, por não terem outro nome; mas dizemos serem cinco, porque naturalmente nestas ha o cravo, e em tres ha Rey proprio de cada huma. E tambem juntamente todas se chamam Maluco, como cá dizemos entre nós, Canarias, Terceiras, Cabo-verde, havendo de baixo desse nome muitas Ilhas, que tem o seu proprio. E o de cada huma destas começando da parte do Norte vindo pera o Sul, o da primeira he Ternate, que se aparta meio gráo da linha Equinocial, e a segunda se chama Tidore, e as seguintes Moutel, Maquiem, e Bacham. As quaes antigamente per nome do Gentiõ natural da terra se chamavam Gape, Duco, Moutil, Mara, Seque. Todas são mui pequenas, porque a maior não passa de seis leguas em roda: a figura dellas ao longe quer parecer hum curucho redondo, e pelas fraldas ha alguma terra chá. E porém todo o seu maritimo he de muitos recifes de pedra, em que as náos que alli estam furtas com

qualquer vento travessão correm muito risco senão estão á de dentro de algumas calhetas, com que o mar quebra no recife, e não em o costado dellas. A terra destas Ilhas em si he mal assombrada, e pouco graciosa; porque como o Sol sempre anda mui vizinho, ora passe ao Solfsticio Boreal, ora ao Austral, com a humidade da terra cobre-a de tanto arvoredor, plantas, e hervas, que isto faz aquella terra carregada no ar, e vista della com as exhalações dos vapores terrestres, que sempre andam per cima dellas, que faz nunca as arvores estarem sem folha. Porque ainda que mudem huma; já per outra parte está com outra nova, e outro tanto he nas hervas; e com tudo cada cousa vem com sua novidade a hum certo tempo cada anno. Sómente as arvores que dam o cravo respondem com novidade de dous em dous annos, porque no apanhar quebram-lhe o novo, onde ella lança os cachos delle á maneira de madre filva, como vemos que a oliveira, se he muito açoutada da vara, dahi a dous annos não responde com novidade porque ha mister aquelle tempo pera crear rama nova, em que dê azeitona. Geralmente per a fralda destas Ilhas a terra he sadia, e isto a que he alta; a que tem este maritimo alagadiço, como a Ilha Bacham, he doentia.

tia. A terra de todas pela maior parte he
 preta, grossa, fofsa, e tão sequiosa, e po-
 rosa em si, que por muito que choiva, lo-
 go he bebida toda aquella agna; e se al-
 gum rio tem que venha do alto das ferra-
 nias, primeiro que chegue ao mar, a terra
 o bebe todo. E assi dispoz a Natureza suas
 sementes, que sendo a Batochina maior que
 estas cinco juntas, e todas dentro em hum
 pequeno espaço de mar, nesta grande não
 ha cravo, e tudo o que tem he mantimen-
 tos, e nas cinco cravo sem elles. Finalmen-
 te veio a Natureza a particularizar tanto a
 disposição de sua especifica virtude, que té
 barro pera louça deo sómente em huma
 que jaz entre Tidore, e Montel, chamada
 Pullo Caballe, que quer dizer Ilha das pa-
 nellas, polas que se alli fazem do barro
 que tem, cá entre elles, Pullo significa Ilha,
 e Caballe panella. E não sómente nas cou-
 sas naturacs, mais ainda nas artificiaes assi
 estam repartidas na inclinação, e uso dos
 homens pera huns pola necessidade dellas
 se communicarem com os outros, que na
 Ilha Batochina em hum lugar chamado Gei-
 lolo se fazem os saccoes, em que se enfar-
 della todo o cravo, que dam todas as cin-
 co pera se carregar pera fóra, quando o não
 querem trazer a gravel em suas peitacas,
 como elles costumam. Algumas destas Ilhas

lançam fogo no cume de sua maior altura, assi como a Batochina do Moro, e a Batochina de Muar, e outras a estas vizinhas. E o mais notavel aos nossos he o da Ilha Ternate, de que sómente daremos noticia pola que houvemos de Antonio Galvão; o qual sendo Capitão destas Ilhas o anno de quinhentos e trinta e oito, residindo nesta Ilha Ternate em a fortaleza S. João que hi temos, quiz ir ver aquelle mysterio da Natureza, porque daquella fortaleza viam no cume da Ilha vaporar fogo, ao modo que vemos hum forno de cal quando começa cozer, sem luz alguma de dia; e de noite era cousa espantosa ver as cores, e faiscas do fogo, e rescaldo que lançava em torno, cubrindo muita parte do arvoredado, da maneira que se elle cobre quando nestas nossas regiões neva. Però isto não he em todo o anno, sómente nos mezes de Setembro, e Abril quando o Sol se muda de huma parte a outra, que passa a linha Equinocial, que córta meio gráo desta Ilha: cá então ventam huns ventos, que accendem aquelle natural fogo na materia que lhe dá nutrimento per tantas centenas de annos. Subido Antonio Galvão áquella altura, onde viam este fogo, achou toda a coroa daquelle monte escaldada, e a terra delle fofa, não feita em cinza, mas ligada huma á outra,

tra, e leve. E per toda aquella coroa havia
huns redemoinhos á maneira que vemos fazer
a agua, quando estando estanque lhe lan-
çam huma pedra, que vai fazendo aquelles
circos; e porém os que estavam feitos nesta
terra eram profundos em modo de algar,
a que podiam descer per aquelles degrãos
circulados, que a terra fazia. Contou mais
Antonio Galvão, que do meio do monte
pera baixo tudo eram grandes arvoredos,
e a terra alli fragosa, e cuberta delle, que
em muitos passos elle, e os de sua compa-
nhia subiam per cordas: e de entre esta fra-
ga corriam ribeiros que vinham regar o chão
della, como que o fogo que andava no cen-
tro daquelle monte fazia estillar, e suar
aquellas aguas. E se Plinio, quando quiz
ver o outro tal fogo do monte Vesuvio em
Italia, buscára outra tal conjunção, como
Antonio Galvão buscou, não ficára elle lá
pera sempre, como ficou, segundo dizem.
O cravo que per todo o Mundo corre, nasce
nestas cinco Ilhas que dissemos, e não
se acha notavelmente em outras; e as arvo-
res que o dam, como cousa de menos uso
das gentes, veio Deos, universal distribuidor
do creado, encerrar nestas cinco ilhetas; e
a massa, e noz em outra chamada Banda,
que tambem he senhorio destas, da qual
adiante faremos relação. Geralmente ainda

que tem algum milho, e arroz, toda a gente destas Ilhas de Maluco comem de hum mantimento, a que chamam Sagum, que he o miolo de huma arvore á semelhança da palmeira, senão que a folha he mais branda, e massia, e o verdor seu he hum pouco escuro, cujo toro tem altura de vinte palmos, e no cima lança huns cachos como palmeira de tamaras, e nellas nasce hum fruto como maçans de arcipreste, dentro dos quaes estam huns pös, que se tocam em carne escaldam. Quando este ramo he tenro, pödám hum pedaço d'elle, e mettem-no em hum vaso de boca pequena; e per espaço de humia noite estilla tanta quantidade do seu licor, que fica o vaso cheio, cuja côr he de leite anaçado, ao qual licor elles chamam Tuáca; e bebido em fresco, segundo dizem os nossos que usam d'elle, he sadio, e engorda muito, e o sabor he doce, e gostoso. E per modo de cozimento, segundo nós usamos do mosto das uvas, fazem deste licor vinho, e vinagre; e depois que a arvore he já bem sangrada, com estas pódas he velha, em tempo que tem grosso tronco, a decepam rente com o chão. Do qual tronco feito em achas, com huns sachos de páo cavam huma massa branca, e tenra, que he o miolo da arvore, a qual jaz entre os nervos que a sostem. E tomas-

da aquella massa, a diluem na agua á maneira de polne, porque se aparte bem dos nervos; e depois que faz pé em baixo, e os nervos vem acima, apartam elles, e escoam a agua clara, e a massa fica apartada, e limpa. Esta, tomada assi em polne grossa, he lançada em humas formas quadradas de barro quente, onde se coze, o qual mantimento em fresco tem mui bom sabor; e pera levar sobre mar em viagem coniprida, dizem alguns dos nossos que delles usaram, ser melhor que o nosso biscoito. E quando querem fazer deposito desta farinha, he primeiro muito enxuta, e depois mettida em vasilhas que lhes não entre a humidade por não arder; e ao tempo do comer, geralmente assi como cozem outra vianda, assi fazem quente este pão. E porque o hão por bom mantimento, ainda que na Ilha de Moro sua vizinha haja arroz, e custe mais barato que o Sagum, ante queirem este, porque o acham de melhor digestão, e mais saboroso. Tem outras duas especies de arvores, huma chamada Nipa, e outra... ambas lhes dam pão, e vinho, e vinagre como o Sagum; e porém entre ellas he mais estimado o pão desta, que das outras. Finalmente destas tres arvores ao modo de palmeira, (como atrás escrevemos,) della tem uso pera comer, beber,

vestir, cubrir casas, e outros muitos usos. Tem mais outro licor que se estilla de humas canas grossas pera beber, muito mais suave, e estimado que os outros, e por isso sómente as pessoas nobres, que soffrem o custo das cousas de muito preço, usam d'elle, o qual licor se cria dentro de huns canudos de huma cana grossa, que terão de comprido de nó a nó cinco palmos. Além destes frutos, e licores tem outras mui varias cousas, assi de sementes, pannos, e frutas que lhes servem de mantimentos, que he mui estranho a nós os que vivemos em Europa; e però que não temos cá uso d'elle, quando nos vemos naquellas partes algum se come com mais gosto que o natural com que nos creamos. E posto que na terra haja animaes que servem de mantimento, assi como porcos, carneiros, cabras, e outras sortes de animaes montezez, e aves caseiras, e bravas, geralmente mais usam aquelles povos do pescado, que da carne. Do qual pescado elles tem grão abundança, assi do que se pesca nesta nossa costa de Hespanha, como de outro genero a nós mui estranho. Metal algum não se acha naquellas Ilhas, però que alguns querem dizer que ha ouro; mas os nossos nunca o víram, sendo a cousa porque o geral dos homens mais trabalha. Os povos destas Ilhas

he de côr baça, e cabello corredio, de corpo robusto, e fortes membros, carregados em sua acatadura, muito dados a guerra, e pera todo outro exercicio mui preguiçosos; e se alguma industria ha, assi no modo de agricultural o mantimento de que vivem, e trato de vender, e comprar, este trabalho he das mulheres: envelhecem cedo em cans, e vivem muito; são mui ligeiros na terra, e muito mais no mar, porque em nadar são peixes, e em pelejar aves, em toda parte gente maliciosa, mentirosa, e desagradecida, e abil pera aprender qualquer cousa; e sendo pobres em fazenda, he tanta a sua soberba, e presumpção, que se não abatem per necessidade alguma, nem togeitam senão per ferro que os escala, e sangra na vida. Finalmente aquellas Ilhas, segundo dizem os nossos, são hum viveiro de todo mal, e não tem outro bem senão cravo; e por ser cousa que Deos creou, he podemos chamar boa; mas quanto a ser materia do que os nossos por elle tem passado, he hum pomo de toda discordia. E por elle se podem dizer mais pragas, que sobre o ouro; e se fora em tempo dos Poetas Gregos, ou Latinos, elles tiveram mais que dizer, e fabular dellas, que das Ilhas Gorgondas. E duas cousas dam argumento pera se poder afirmar, que os ha-

bitadores destas são de mui varias, e diversas nações: a primeira, a inconstancia, odio, suspeitas, e pouca fé que entre si tem, como gente que sempre se vigia entre si huma da outra; e a segunda, a grande variedade de suas linguagens, cá não lhe chega o vasconço de Biscaya, de maneira, que hum lugar se não entende com outro, e como são varias, assi he o tom, e modo diverso; porque huns fórman a palavra no papo, outros na ponta da lingua, outros entre os dentes, outros no paldar; e o cantar, pelo qual ainda que se não entenda a palavra, basta para pelo tom delle ser conhecido. E se tem alguma lingua commum per que se possam entender, he a Malaya de Malaca, a que a gente nobre se deo de pouco tempo pera cá, que he depois que os Mouros foram a ellas por causa do cravo. E ante delles não havia conta do anno, pezo, ou medida, e viviam sem conhecente de hum só Deos, ou noticia de alguma certa religião: sómente tomavam alguns delles pera sua adoração o Sol, Lua, e Estrellas, per que Deos quiz chamar o entendimento de todo racional a olhar pera cima estas primeiras noticias, e sinaes. E outros adoravam qualquer cousa da terra, como ainda hoje tem os que habitam o sertão, que o maritimo já está em poder de

de Mouros intitulados em Reys, como veremos. Da antiguidade da povoação daquellas Ilhas, como he gente bestial sem letras, e das cousas, passadas não tem mais noticia, que trazerem algumas em cantares á maneira de rimances, que nós usamos, por memoria de algum feito, entre elles não ha cousa certa; e porém todos confessam serem estrangeiros, e não proprios indigenas, e naturaes da terra. É ante que entre elles houvesse Senhor, ou Rey, que os governasse, viviam de baixo dos mais velhos, repartidos em parentelas. Depois dizem que aportáram alli juncos destas tres nações, Chijs, Malayos, ou Jáos, e mais se affirmam em Chijs, que em outros, porque ainda agora fica a sua noticia em o nome que tem a grande Ilha chamada Batechina do Moro. Ao longo da costa da qual estam estoutras, porque ácerca dos seus moradores geralmente Bate quer dizer Terra, e composto com China, chama-se a Terra da China, e dam-lhe por denotação Moro, nome proprio da terra, á differença de outra chamada Batechina de Muar. E té á vinda destes não houve noticia do cravo pera se aproveitarem d'elle em mais, que quando estavam doentes pôr em o seu pó pela icta, e rosto, ao modo que fazem os Negros de Guiné de Malagueta: e desta entrada

dos Chijs, que foram monarchas daquelle Oriente, começou haver noticia do cravo, e entrou nelles a cubiça de o possuir, vendo que por elle lhe davam cousas pera suas necessidades. E principalmente huma moeda de cobre do tamanho dos nossos ceitijis, sem figura, ou caracter algum, sómente hum buraco no meio per que enfiam número de mil em cada fio; á qual moeda elles chamam caixas, de que mil e duzentas fazem ora em nossos tempos hum cruzado em valia, e esta he a moeda que corre per todo aquelle Oriente de Malaca por diante. E posto que os naturaes daquellas Ilhas com seu juizo, e memoria não tornem tanto atrás em tempo, que dem noticia de outra maior antiguidade; parece que estas Ilhas pequenas, que jazem ao longo da Batochina, foram a maior parte dellas, ao menos o baixo, e não o alto della, cuberto do mar. Porque segundo os nossos dizem, cavando a superfície daquella terra preta, e foffa que tem, onde todalas arvores lançam suas raizes á frol della, logo acham arêa, e muito cascalho do mar: donde parece que o tempo foi tomando aquella posse ao mar, e a deo á terra pera criação do fructo, que em si contém. Depois que estes Chijs (como dissemos) começaram continuar a navegação destas Ilhas,

e gostáram deste seu cravo , e da noz , e
 maísa de Banda , á fama deste commercio
 acudíram tambem os Jáos , e cessáram os
 Chijs. E segundo parece , foi per razão da
 lei , que os Reys da China puzeram em to-
 do seu Reyno , que nenhum natural seu na-
 vegasse fóra delle , por importar mais a per-
 da da gente , e cousas que sahiam delle ,
 que quanto lhe vinha de fóra , como já
 atrás escrevemos fallando das cousas da Chi-
 na , e conquista que tiveram na India por
 razão das especiarias. Ficando o commer-
 cio daquelle Oriente per hum curso de
 tempo em os Jáos , como senhores da sua
 navegação , segundo tambem escrevemos
 fallando da Ilha Çamatra ; veio-se fundar
 a Cidade Cingápura , e depois a Cidade Ma-
 laca , com a navegação do seu estreito , com
 que os Malayos tambem começáram a ter
 estado , e posse pera navegar aquelle gran-
 de número de Ilhas. Finalmente ao tem-
 po que nós entrámos na India estas duas
 nações , Jáos , e Malayos navegavam toda
 a especiaria , e cousas Orientaes , trazendo
 todo aquelle illustre emporio , e lugar de
 feira , que he Malaca ; tomada a qual , fi-
 cou em nosso poder. E porém já neste tem-
 po havia nas Ilhas de Maluco muita gente
 convertida á secta de Mahamed ; porque
 como pela navegação , que os Parsecos , e

Arabios tiveram na Ilha Camatra, e Malaca, trouxeram o natural Gentio á sua secta, alli os Jáos, e Malayos já convertidos, navegando ás Ilhas de Maluco, e Banda, convertêram as povoações maritimas com que tinham commercio. E de quatorze Reys que havia em as de Maluco, de que logo falaremos, o primeiro que se fez Mouro foi o de Ternate, per nome Tidore Vongue, pai d'ERey Boleife, o nosso amigo, que agazalhou Francisco Serrão. E segundo a conta que elles dam, ao tempo que os nossos descobríram aquellas Ilhas, haveria pouco mais de oitenta annos, que nellas tinha entrada esta peste; e ainda quando Antonio de Brito (como veremos) chegou a Ternate, como em cabeça daquellas Ilhas, estava hum Caciz, que lhe deo esta infernal doutrina. E he tanta a divindade, que o estado real quiz em toda parte do Mundo attribuir a si mesmo, que té nestas Ilhas Maluco, entre gente bestial, buscou fabulas de sua genitura, e princípio por mostrar aos subditos, que não vem de tão vil compostura como os outros homens, na qual fabula a gente tem tanta fé, que ainda hoje ha lugares desta religião dos seus primeiros Reys. E fabulam per esta manci-
 las Ilhas per os mais velhos, hum destes

principal per nome Bicocigará , que vivia na Ilha Bacham , andando hum dia em hum barco ao longo da terra , vio entre huns penedos huma grande montã de rotas , que são humas canas mociças chamadas rotas , que quando são delgadas , fazem dellas cordas , e pera arar qualquer cousa servem-se muito dellas. Bicocigará parecendo-lhe bem estas canas , do batel donde estava mandou aos seus familiares , que as fossem cortar , e trouxessem ao batel. Però elles chegados ao lugar dellas , tornáram-se , dizendo , que a vista o enganára , porque não havia alli taes canas. O qual como do batel em que estava as visse , quasi em modo de perfia com elles sahio em terra ; e chegando a ellas , que as vio , com grande indignação dos servidores que aperfiavam lhas mandou cortar. Fazendo a qual obra começou a correr sangue da cortadura delles , e víram jazzer entre as raizes quatro ovos , que pareciam de cobra : e juntamente ouvio huma voz que lhe disse , que tomasse aquelles ovos , porque delles haviam de nascer os principaes que os haviam de governar. Tomando estes ovos com grande admiração , e religião , os levou pera casa , e guardou em lugar seguro , e fechado. Dos quaes dahi a pouco tempo disse que nascêram quatro pelloas , tres de homens , e huma de mu-

ther: os homens foram havidos por Reys com grande religião da gente, hum reinou na mesma Ilha Bacham, outro na de Butam, e outro nas Ilhas chamadas Papuas, que estam ao Oriente de Maluco. A mulher casou com o senhor de Lolóda, lugar na Batochina do Moro junto da grão Bonóra: destes dizem elles que procedêram os seus Reys. E está entre elles tão arringada esta opinião, que hoje tem os penedos, onde foram achados os ovos, por cousa sagrada, e o Bicocigará por homem santo. Però a verdade, segundo parece por outras cousas que elles contam deste Bicocigará, he que elle era homem prudente, e buscou este artificio pera deixar quatro filhos que tinha tão honrados como deixou. E quando os nossos lá foram, que foi em vida de Bolcife, tinham reinado naquella Ilha Ternate treze Reys, e o primeiro que se fez Mouro foi o pai deste Bolcife, ao qual chamáram Cachil, Tidore, Vongue, porque os mais delles se nomeam per tres nomes ao modo nosso, pronome, nome, e cognome. E dizem que a causa de se fazer Mouro foi huma mulher nobre da Jatia, com que casou, que era Moura; e ao tempo que Antonio de Brito lá chegou, reinava hum menino de idade de sete annos per nome Cachil Bohaán filho d'El Rey Bo-

leife, o qual Boleife se tinha mostrado tanto nosso amigo, e de sua amizade procederam taes cousas, que obrigou a ElRey D. Manuel mandar Jorge de Brito fazer lá huma fortaleza; das quaes cousas, e causas nos seguintes Capitulos queremos dar razão.

CAPITULO VI.

Das cousas que succedêram a Antonio d'Abreu, e Francisco Serrão, que Affonso d'Albuquerque na tomada de Malaca mandou descobrir as Ilhas de Maluco, e Banda: e o que succedeo em todo aquelle tempo té a partida de Antonio de Brito, que hia fazer huma fortaleza por causa das razões precedentes, que eram requerimentos delRey de Ternate, que he a principal dellas.

Affonso d'Albuquerque tomada a Cidade Malaca no anno de onze, (segundo atrás escrevemos,) como elle era huma feira do Oriente, e Ponente, onde corriam as mercadorias daquellas Provincias, e tantas mil Ilhas, e a ella vinham todas as nações por razão deste commercio, porque não tivessem algum reccio, sabendo que estava em nosso poder, determinou pelo muito que importava á conservação della, mandar per aquellas partes Orientaes notificar,

que todos viessem sem receio algum: cá lhes seria guardada sua justiça, e feito todo favor em seus negocios. Sobre a qual cousa pera a mais favorecer, mandou Antonio de Miranda d'Azevedo a Sião, a Pegú Ruy d'Acunha, e á Jaüa, e a Maluco Antonio d'Abreu, indo diante d'elle hum Mouro natural de Malaca per nome Nehodá Ismael com hum junco de mercadoria de alguns Mouros Jáos, e Malayos, que tratavam nestas partes, pera que quando Antonio d'Abreu chegasse áquelles portos, que fosse bem recebido: cá segundo o nosso nome era espantoso entre aquelles póvos, não seria muito ser elle mal recebido. E a voz da ida deste Nehóda era ir buscar cravo a Maluco, e noz a Banda; e que como de seu denunciaffe quão pacifica ficava Malaca, e quanto favor o Capitão mór mandava fazer a todo mercador estrangeiro, sem lhe serem feitas as tyrannias de que usava EIRey de Malaca. Partido este Antonio d'Abreu com os tres navios que dissemos, fez sua viagem caminho da Jaüa, levando, além de Pilotos Portuguezes, alguns Malayos, e Jáos, que andavam naquella navegação. E o primeiro porto que tomou foi da Cidade Agacim, que he na Jaüa, e dahi foi ter á Ilha de Amboino, que he já do senhorio de Maluco, que será della obra de sessenta leguas,

e assi aqui, como nos outros portos que tomou, em todos poz seus padroes ordinarios, pela maneira que os nossos Capitães tiveram no primeiro descobrimento que faziam. E seguindo seu caminho, com tempo que tiveram, se perdeu o navio de Francisco Serião; mas aprouve a Deos que se salvou toda a gente, a qual Antonio d'Abreu recolheu, e dahi foram ter á Ilha de Banda, que he do senhorio de Maluco. E bem como neste nome Maluco se comprehendem as cinco Ilhas, cada hum das quaes tem proprio nome, assi neste nome Banda se contém outras cinco Ilhas juntas. Verdade he que a principal dellas se chama Banda, onde todalas outras acodem a hum lugar chamado Lutatam, por a elle concorrerem todos os navios, que vam ao commercio da noz; e as outras se chamam Rosolanguim, Ay, Rom, e Neira, e todas estam em altura de quatro grãos e meio da parte do Sul, e a Lutatam hiam cada anno os povos Jáos, e Malayos carregar de cravo, noz, e massa. Porque como estava em paragem que se podia melhor navegar, e lhe era mais segura, e aqui ordinariamente em juncos da terra sohia vir o cravo que havia em Maluco, não trabalhavam polo lá ir buscar. Nestas cinco ilhas nasce toda a noz, e massa, que se leva per todalas partes do Mundo, como em Ma-

lucro o cravo. E a chamada Banda he a mais fresca, e graciosa cousa, que póde ser em deleitação da vista: cá parece hum jardim, em que a Natureza com aquelle particular fruto que lhe deo se quiz deleitar na sua pintura. Porque tem humia fralda chã cheia de arvoredos que dá aquellas nozes, as quaes arvores no parecer querem imitar huma pereira. E quando estam em frol, que he no tempo que a tem muitas plantas, eervas, que nascem per entre ellas, faz-se da mistura de tanta frol huma composição de cheiro, que não póde semelhar a nenhum dos que cá temos entre nós. Passado o tempo das flores, em que as nozes já estam coallhadas, e de côr verde, (principio de todo vegetavel,) vai-se pouco, e pouco tingindo aquelle pomio da maneira, que vemos neste Reyno de Portugal huns pessegos, a que chamam calvos, que parecem o arco do Ceo chamado Iris, variado de quatro côres elementaes, não em circulos, mas em manchas desordenadas, a qual desordem natural o faz mais formoso. E porque neste tempo que começam amadurecer, acodem da ferra, como a novo pasto, muitos papagaios, e passaros diversos, he outra pintura ver a variedade da feição, canto, e côres, de que a Natureza os dotou. Passada esta fralda tão graciosa, levanta-se no meio da

da Ilha huma terra pequena , hum pouco
 ingreme , donde correm algumas ribeiras ,
 que regam o chão de baixo ; e como se so-
 be com trabalho o aspero daquella subida ,
 fica huma terra chã , assi cuberta , e pinta-
 da como a debaixo. A figura della Ilha he
 á maneira de huma ferradura , e haverá de
 ponta a ponta , que jazem Norte , e Sul ,
 quasi tres leguas , e de largura huma ; e na
 angra , que ella faz com sua feição , está a
 povoação de seus moradores , e as arvores
 da noz. Na Ilha chamada Gunuápe não ha
 arvores de noz , mas outras pera madeira ,
 e lenha , de que se os moradores das que
 tem este fruto se servem em seu uso ; na
 qual tambem ha outra garganta de fogo ,
 como a de Ternáte em as Ilhas de Malu-
 co , e por esta razão lhe deram o nome que
 tem , porque Guno quer dizer aquelle fogo ,
 e Ape he o proprio nome da Ilha. O qual
 Guno por ser pouca cousa , os nossos vam
 a elle , e da sua boca apanham enxofre , de
 que se aproveitam por o acharem bom ; e
 toda a noz , que ha nas outras tres ilhetas ,
 a trazem a esta Banda como a sua cabeça ,
 por a ella acudirem os mercadores. A gente
 dellas he robusta , e a de peor acatadura da-
 quellas partes , de cor baça , e cabello cor-
 redio : segue a secta de Mahamed , e mui-
 tada ao negocio do commercio , e as mu-

lheres ao serviço das cousas da agricultura. Não tem Rey, ou Senhor, e todo o seu governo depende do conselho dos mais velhos; e muitas vezes porque os pareceres são diversos, contendem huns com os outros. E a gente que os mais enfrea he aquella que povoa os portos de mar, per onde lhe entra o necessario pera seus usos, e tem sahida suas novidades, que he massa, e noz, porque a terra não tem outra, que saia para fóra. O arvoredor do qual pomo he tanto, que a terra he cheia d'elle, sem ser plantado per alguém, porque a terra o produzio sem beneficio de agricultura. Querem imitar estas arvores o parecer das nossas pereiras, e porém a sua folha tem semelhança de nogueira, e o pomo deste tamanho he, e a noz em verde o mesmo parecer tem. Estas matas não são proprias de alguém, como herança particular, são de todo o povo; e quando vem Junho té Setembro, em que este pomo está de vez para ser colhido, estão já estas matas repartidas per os lugares, e povoações, e cada hum acode a apanhar; e quem mais apanha mais proveito faz. Como ácerca de nós são as matas do conselho, assi da bolota, como as ferras do carrasco da grã, que no tempo do apanhar geralmente se descouta aos da villa daquelle termo. Antonio d'Abreu, depois que nesta

Ilha Banda poz padrões de seu descobrimento, porque havia carga pera isso de noz, massa, e assi de cravo que os juncos de Maluco costumam trazer alli, (como dissemos,) comprou hum junco da terra pera vir nelle Francisco Serrão; e por lhe o tempo servir pera Malaca, houve por mais serviço d'El-Rey tornar-se com nova do que tinha descoberto, e mais vindo tão carregado, que ir adiante a Maluco pera onde lhe não servia, e principalmente por os navios estarem já tão desbaratados daquella comprida viagem, que não se atreveo andar com elles tanto tempo no mar. Finalmente, partido daquellas Ilhas de Banda muito contente de quão bem fora recebido da gente da terra, porque não chegasse com este contentamento a Malaca, com hum temporal que lhe sobreveio apartou-se delle Francisco Serrão. Com tudo elle Antonio d'Abreu chegou a Malaca; e depois vindo em companhia de Fernão Peres a este Reyno pera dar conta do que descobrira naquella viagem, faleceo no caminho. Francisco Serrão quando se apartou delle, foi-se perder em humas Ilhas, a que os da terra chamam de Luco Pino, que quer dizer Ilha das tartarugas, por causa das muitas que alli ha, que serão de Banda té trinta e sete leguas pouco mais, ou menos. E estando em terra com

toda a gente naquelle estado, e mais em Ilhas despovoadas sem provisão pera se manter, quiz Deos que houvessem remedio per quem lhe queria fazer mais mal, e foi per esta maneira. Como naquellas Ilhas, porque estam em lugar pera isso, se perdem muitos navios, sempre são visitadas de certos ladrões, que per alli andam a roubar os que se perdem nellas, os quaes por haverem visita do naufragio dos nossos, acudiram logo em hum navio de remo chamado córacóra. Da qual cousa Francisco Serrão foi logo avisado per os Mouros Pilotos, que vinham com elle, dizendo, que se apercebesse, porque havia de ser commettido per elles; mas desta feita ficáram no lago que vinham armar; porque tanto que Francisco Serrão os vio vir, poz-se em filada, e sahidos elles em terra desejosos de prear, remettêram os nossos ao navio, e tomáram posse delle. Os ladrões vendo-se alli salteadós, como sabiam que a Ilha não tinha agua, nem cousa de que se mantivessem, e ficando nella eram logo mortos, vieram a tratar com os nossos que os recolhessem consigo, que elles os levariam á Ilha Amboino em hum porto chamado Ruçotello, onde os agazalháram tão bem, que por causa delles tiveram contenda com os moradores da Cidade Veranuda, que he a principal da Ilha Batoclina

de Muar, que seria de huma Ilha á outra pouco mais de duas leguas, com quem por razão da vizinhança sempre tinham competencia. Os quaes inimigos vindo em suas córças armados, com este requerimento que lhes fizessen entrega delles, vieram em rompimento de pelejarem; e como os nossos foram em ajuda dos da terra, pois por elles era a contenda, houveram vitoria destes de Veranula. E porque a gente daquellas partes he mui gloriosa de qualquer vitoria, e logo levantam alguma obra por memoria della, fizeram estes de Ruçotello hum baileu de madeira, que naquellas partes serve o que a nós varandas, ou citados de vista. Na qual obra, que toda era mui bem lavrada a seu modo, esculpíram as Armas deste Reyno, e a Cruz de Christo da ordem da sua milicia, que ha neste Reyno, de baixo da qual insignia os Portuguezes militam na guerra, o qual haileu ainda hoje dizem os nossos que está em pé. Esta vitoria foi logo denunciada per todas aquellas Ilhas, que se houve por grande cousa, por os de Ruçotello não virem a conto em poder, e cavalleria com os de Veranula. Porém quando souberam que fora por razão da ajuda dos nossos, confirmáram a fama que lá tinham delles da tomada de Malaca, que assombrou todo aquelle Oriente, por ser a

mais célebre cousa que havia entre os Mouros Orientaes. Havia neste tempo naquellas Ilhas, (como ha em todas as partes,) alguns Reys, e Senhores, que contendiam com seus vizinhos, entre os quaes eram os Reys de Ternate, e Tidore das Ilhas de Maluco; os quaes tanto que souberam estarem os nossos alli, desejou logo cada hum de os haver em sua ajuda, e principalmente ElRey de Ternate, por já estar informado das nossas cousas per Nehodá Ismael, que, (como escrevemos,) Affonso d'Albuquerque mandou diante, e fora alli ter. O qual Rey de Ternate temendo que o de Tidore enviaste tambem em busca delles, primeiro que o elle fizesse, mandou armar dez navios, em que iriam té mil homens, de que era Capitão hum Cachil Coliba. Nas costas do qual tambem ElRey de Tidore mandou sete navios; però quando chegou, já Cachil Coliba os tinha levado a ElRey de Ternate, com o qual Francisco Serrão folgou ir, por a sua viagem ser áquellas Ilhas de Maluco. Havia nome este Rey de Ternate Cachil Boleife, homem de muita idade, e grão prudencia, e havido entre os Mouros quasi por profeta nas cousas que dizia, as quaes elle alcançava com o discurso que tinha de muitos annos, mais que por a santidade que elles punham nelle. E como em todas as partes

tes communmente vemos andar entre o povo humas esperanças futuras de bem ou mal, que ha de sobrevir á terra, onde cada hum vive; assi havia huma opinião entre a gente daquellas Ilhas, que a ellas haviam de vir huns homens de ferro de mui remotas partes do Mundo, os quaes haviam de fazer alli morada; e per o poder, e força deilles o Reyno de Ternate se estenderia per todas aquellas Ilhas, a qual opinião diziam proceder d'ElRey Boleife quasi que a denunciava em modo de profecia aos seus vassallos. Donde quando elle vio Francisco Serião ante si armado em humas armas brancas inteiras, acompanhado dos outros Portuguezes tambem armados das armas que tinham, levantou as mãos dando louvores a Deos, pois lhe mostrára ante de sua morte os homens de ferro, em cujas forças estava a seguridade de seu Reyno, e per cujo favor os seus descendentes haviam de permanecer per muitos annos com titulo de Reys daquella terra. Parece que o espirito de homem em as cousas que deseja, ou teme, o fervor que o enleva á contemplação dellas, o faz prognosticar em futuro parte do seu successo. Porque como os cuidados de dia fazem que o espirito entre sonhos de noite esteja maginando muitas cousas, que nós depois vemos postas em effeito por razão de

hum sympathia natural, a que a Natureza obedece; assi em futuro esta mesma sympathia, que he obediente aos influxos celestes, faz afirmar não per fé, mas per temor, ou esperança parte do que teme, ou deseja. Por que sabemos que os Astrologos pera o prognostico de qualquer pergunta que lhes fazem, fazem a raiz da interrogação na hora que a parte concebeo o desejo de fazer a tal pergunta, pera a calcular com o ascendente do Planeta, que então he predominante. E como os Arithmeticos de dous termos notos tiram hum terceiro per que julgam a verdade da conta proporcional; assi o Astrologo naturalmente per dous termos notos, hum superior, que he activo, e outro inferior passivo, que está na concupiscivel, ou irascivel do homem, vem a syllogizar as respostas que dá. E se este terceiro operante julga os casos alheios per este modo, que muitas vezes se engana por não calcular bem os termos notos; como não será mais certo o animo de hum homem prudente, que he mais fiel pera se julgar, do que o pôde ser o juizo alheio? Seja como for, pois destas cousas não podemos mais alcançar, que andar apalpando pera achar a razão delles, como faz o cego, que quer atinar o caminho. O que sabemos em certo he, que muitas cousas **N**primeiro que se viessem

sem a effectuar, andáram muito tempo na boca das gentes, sem saber donde nasceo a tal opinião; e assi aconteceu a esta da gente de Ternate, ora que procedesse da imaginação d'ElRey Boleife, ora de outra qualquer causa. E ainda que por razão destas armas, com que elle vio armado a Francisco Serrão, e seus companheiros, a nós não competisse ser havidos pelos homens de ferro, que elle esperava; sómente pela constancia, e continuos trabalhos, e perigos, que padecemos em tão comprida viagem sem cansar, propriamente a nós conveni o tal nome. Quanto mais que por razão da esperança, que este Boleife tinha na continuação do seu Reyno nos de sua linhagem té hoje, os nossos por enfiar esta sua herança de herdeiro em herdeiro, tem vestido mais vezes as armas, do que ha de cravos na sua Ilha. Té que vindo a reinar Cachil Tabariza em tempo que lá em Ternate residia Tristão d'Atafde por Capitão da fortaleza que alli tinhamos, o anno de trinta e quatro, per alguma suspeita que teve d'elle, o prendeo, e com os autos de sua prisão o mandou á India ao Governador Nuno da Cunha. E por as culpas não serem de qualidade de mais castigo, que o trabalho de tão comprido caminho, elle foi livre, e per sua propria vontade se fez Christão, e hou-

ve nome D. Manuel em memoria d'ElRey D. Manuel author do descobrimento daquellas Ilhas. Parece que permittio Nosso Senhor esta oppressão, que lhe foi feita de ser prezo, e fazer tão comprida jornada pera dous effeitos: hum pera se salvar na acceitação do Baptismo, em que se mostrou sua innocencia; e o outro effeito foi na obra que fez no caminho de sua tornada, estando na hora da morte. Porque indo este Rey Dom Manuel de Ternate em companhia de Jordão de Freitas, que havia de servir de Capitão da fortaleza que alli temos, adoeceu o mesmo Rey em Malaca, com o qual ficou sua mãe, e hum Pate Sarangue, e outros homens nobres Mouros seus vassallos, que o acompanháram. E Jordão de Freitas partio-se via de Maluco por não poder esperar por elle, e ser muy necessaria sua ida por causa das revoltas que lá havia. Partido elle, e ElRey posto em estado de morrer, fez todolos actos de Catholico Christão; e em seu testamento, por não ter legitimo herdeiro que o succedesse, fez universal herdeiro daquelle Reyno de Ternate com todolos senhorios das outras Ilhas a elle subditas a ElRey D. João o Terceiro Nosso Senhor, que hoje reina. O qual testamento levado á Cidade Ternate cabeça daquelle Reyno, os principaes, e povo delle receberam

com solemnidade, e acceitáram por Rey, e Senhor ao dito Rey D. João, segundo fórma do testamento; e pera mais confirmação, todos per modo de eleição pera os reger, e governar, o quizeram, e acceitáram por Rey. O qual acto foi feito com a bandeira Real deste Reyno, e pregões per toda a Cidade, com posse actual daquella herança, e com toda outra solemnidade, segundo quer o Direito, posto que ante tinhamos esta posse já adquirida per armas, como consta pelos estromentos que Jordão de Freitas Capitão daquella fortaleza tirou no anno de mil e quinhentos e quarenta e sete, segundo mais particularmente irá escrito em seu lugar. Per esta maneira que acima contámos, ficou Francisco Serrão naquella Ilha Ternate com os outros Portuguezes de sua companhia tão acceito a El Rey, que alli estimava sua pessoa, como seu estado, porque havia que nelle o tinha seguro pera seus herdeiros pola esperanza que lhe o espirito promettia pola causa que dissemos. Sendo já neste tempo Nehodá Imael, que viera diante d'elle Francisco Serrão carregado de cravo, o qual vindo pela Jaitia, se perdeu em hum porto da Cidade Tumbam governada per hum senhor, a que elles chamam Sangue de Pate, dignidade entre elles como ácerca de nós o Duque.

E em Março do anno de quinhentos e treze, Ruy de Brito Patalim Capitão de Malaca, sabendo como a fazenda daquellê junco se salvára, mandou que fosse por ella João Lopes Alvim com quatro navios. Na qual viagem foi elle mui bem recebido em todos os portos da Jaiã, principalmente em a Cidade Sindayo, que era de Pate Unuz, aquelle Principe que Fernão Peres desbaratou em Malaca. E neste mesmo anno, depois da vinda de João Lopes Alvim, foi Antonio de Miranda d'Azevedo com hum Armada ás Ilhas de Maluco, e Banda cargar de cravo, na qual viagem perdeu hum junco; e ambos os Reys alli de Ternate, como Tidore contendiam a quem lhe faria mais favor no despacho da carga do cravo que havia de trazer, por entre elles haver contendas, e invejas de vizinhos que nunca falecem, posto que o de Ternate fosse genro do outro, casado com humã sua filha. Em concertar os quaes Antonio de Miranda se metteo; e por derradeiro temendo-se elles que aquelle sería mais poderoso, que nos tivesse em sua terra, cada hum escreveu a El Rey D. Manuel, pedindo-lhe houvesse por bem de mandar fazer em suas terras humã fortaleza, dando razões cada hum per si do serviço que lhe fariam. E quando o requerimento de ambos o puzes-

se em confusão, e fosse causa de se não determinar nesta fortaleza que pediam, em tal caso elles tinham huma Ilha common de ambos, que se chamava Maquiem, na qual a podia mandar fazer, e não ficariam com escandalo da obra. Vindo Antonio de Miranda tão carregado de cravo, como do requerimento destes Reys, trouxe consigo os Portuguezes, que estavam com Francisco Serrão, e elle não veio a requerimento d'ElRey Boacem, porque lhe parecia que vindo-se elle, perdia a esperança que tinha, (como dissemos,) e quasi como penhor della oretinha, em quanto não via a fortaleza que desejava. E desta vinda de Antonio de Miranda d'Azevedo, per hum Pero Fernandes, que veio com elle, que era hum homem dos que estavam com Francisco Serrão, houve ElRey D. Manuel as cartas, que lhe estes Reys escrevêram, e foi informado particularmente das cousas daquellas partes, e per outras cartas do mesmo Francisco Serrão. O qual além de escrever a ElRey, escreveu a seus amigos, e principalmente a Fernão de Magalhães, que já na India, e em Malaca tinha particular amizade de poufarem ambos; e por dar maior admiração áquella sua viagem, engrandeceo o modo, e trabalho della, fazendo a distancia daquellas Ilhas dobrado caminho

do que havia de Malaca a ellas, dando entender que tinha descoberto outro novo mundo maior, e mais remoto, e rico, do que descobrira o Almirante D. Vasco da Gama. Das quaes cartas começou este Fernão de Magalhães tomar huns novos conceitos, que lhe causaram a morte, e metteo este Reyno em algum desgosto, como logo veremos. Neste mesmo tempo que Antonio de Miranda partio pera aquellas partes, e Jorge d'Albuquerque pera Malaca servir de Capitão della, mandou Affonso d'Albuquerque com elle a Duarte Coelho, que viera de Sião, que tanto que chegasse a Malaca, o enviasse logo em hum navio com vinte homens, além dos mareantes, e fosse fazer huma casa de madeira em modo de feitoria na Ilha de Banda pera ter feita a carga da noz, massa, e cravo pera os navios, que de Malaca a fossem buscar, a qual ida não houve effeito por haver necessidade de ir á China, como foi. Però bastáram as cartas, que Antonio de Miranda trouxe, pera ElRey D. Manuel se determinar em mandar fazer huma fortaleza naquellas Ilhas de Maluco; porque na Armada que partio deste Reyno o anno de quinhentos e dezesepte, Capitão mór Antonio de Saldanha, escreveu elle a Lopo Soares, que então era Governador naquellas partes, que enviasse

a este negocio huma pessoa apta pera a tal obra. Com o qual fundamento D. Aleixo, estando em Malaca, mandou D. Tristão de Menezes, como atrás fica, o qual fez seu caminho pela Jaüa, e per Banda; e a primeira Ilha das de Maluco que tomou, foi Ternate, onde estava Francisco Serrão. E porque estes dous Reys Boleife de Ternate, e Almançor de Tidore (como dissemos) andavam em competencia a quem nos teria em sua companhia; tanto que ElRey de Ternate vio D. Tristão no seu porto, mandou-lhe fazer de madeira huma casa forte em hum porto chamado Talangame, que será da Cidade Ternate huma legua, por ser o melhor que a Ilha tinha pera estancia das náos, cuidando que hia elle pera estar alli de assento. Feita esta força, começou entre os Reys nova desavença; e mais polo que tinham escripto per Antonio de Miranda, que fosse esta fortaleza em a Ilha Maquiem que era de ambos. Com o qual requerimento de tambem nos querer em sua terra, veio Cachil Laudim Rey da Ilha de Bacham de maneira, que D. Tristão era importunado com requerimentos, e partidos que lhe faziam. E vendo elle que se começava entre estes Principes differenças, que podiam vir a tanto rompimento de guerra, com que não houvesse a carga do cra-

vo que lha buscar, metteo-se entre elles para os concertar, ou ao menos quietar por então. E com seu trabalho, e as cartas que levava del Rey D. Manuel pera estes Reys, e principalmente com não fazer a fortaleza, que cada hum receava ser feita na terra de seu competidor, os teve contentes. Dando por escusa, que sua vinda era sómente levar aquellas cartas d'El Rey D. Manuel seu Senhor, e notar a disposição da terra, e se era sábia pera seus vassallos nella estarem, pera com a resposta, que elle D. Tristão trouxesse, El Rey se determinaria nisso. Praticando o qual negocio mais particularmente com El Rey Boaleife de Ternate, disse-lhe, que pera El Rey D. Manuel seu Senhor mais em breve se determinar em fazer alli fortaleza, convinha que Francisco Serrão viesse com elle D. Tristão. Porque como era homem que sabia bem a terra, e podia dar a El Rey inteira noticia do que d'elle quizesse saber, e amigo, e servidor d'elle Boaleife, devia consentir que viesse com elle. Este requerimento assi córado teve D. Tristão com El Rey Boaleife, porque sentia d'elle que per outro modo não viria Francisco Serrão, e elle mesmo não se matava muito por vir, como homem que tinha esperança que havendo-se de fazer lá fortaleza, e estando elle ainda lá, El Rey D. Manuel o

encarregaria nisso. Finalmente D. Tristão se partio daquellas Ilhas com cinco vélas, o seu navio, e quatro juncos carregados de cravo, em hum dos quaes vinha Francisco Serrão, e com elle hum homem nobre per nome Cachilato, que ElRey Boleife mandava por Embaixador a ElRey D. Manuel com este requerimento da fortaleza, que queria ter naquella Ilha. Mas não tardou muitos dias que com hum temporal que tiveram, elle D. Tristão chegou no principio de Abril do anno de quinhentos e vinte á Ilha de Banda com tres juncos menos, Capitães Francisco Serrão, Simão Correa, e Duarte d'Acosta. E quando se vio sem elles, parecendo-lhe que arribáram ás Ilhas de Maluco, por já partir tarde, tornou em busca delles, por o tempo lhe servir mais pera isso, que pera Malaca, e achou Francisco Serrão no porto de Talangame da Ilha Ternate, onde estava a casa de madeira, que ElRey mandára fazer, e Simão Correa estava no outro de Bacham, e de Duarte d'Acosta não teve nova. Vendo elle D. Tristão como por a monção ser passada lhe convinha invernar alli, descarregou alguma parte do cravo em terra pera dar pendor aos navios, e os concertar. E ante de o tornar a recolher, sendo já no fim do inverno, mandou-lhe dizer Simão

Correa que lhe fosse soccorrer, por quanto os Mouros o queriam matar. D. Tristão com este recado, però que ElRey de Ternate lhe dizia que não fosse, que elle o mandaria trazer seguramente, porque não quiz confiar isto senão de si mesmo, foi a Bacham, e achou ser desfinando de seis, ou sete Portuguezes, que estavam em companhia de Simão Correa, porque a mais gente do junco eram Mouros Malayos mareantes. E porque com esta ida de D. Tristão alguns Mouros cativos, que andavam nos juncos, fogiram pera a terra, e elle quiz culpar a ElRey em o negocio por cujo respeito alli viera chamado Simão Correa, e também em não mandar fazer a entrega dos escravos fogidos, de que ambos não estavam contentes hum do outro; aconteceu que se armou hum arroido (ordenado pera isso) com os Portuguezes do junco de Simão Correa, que estavam em terra, sobre que fora a paixão, aos quaes mataram os Mouros sem escapar mais que hum só, que se acollheu a nado ao junco. D. Tristão porque isto foi em conjunção que faltou o vento travellia, foi forçado fazer-se á vela, e por muito que depois trabalhou, não pode tomar a Ilha; e foi tanto o tempo, e tão continuado per alguns dias, que lhe convieo ir-se á Ilha de Amboino, onde aca-

bou de carregar o navio, com que se veio a Malaca: da paixão do qual caso dizem que se lhe gérou huma posthema, de que morreo em chegando a Malaca, como dissemos. Assim que havendo tantas causas precedentes, e mais irem ordinariamente de Malaca áquellas Ilhas de Banda, e Maluco buscar especiaria, dobrando sempre este requerimento daquelles Reys; ordenou El-Rey D. Manuel enviar huma Armada a este negocio, que foi a de Jorge de Brito. E por sua morte succedeo seu irmão Antonio de Brito, como atrás escrevemos, com a viagem do qual tornaremos a continuar neste seguinte Capitulo.

CAPITULO VII.

Da viagem que Antonio de Brito fez nas Ilhas de Banda, e Maluco: e o que passou té fazer huma fortaleza em a Ilha Ternate.

Partido Antonio de Brito do Cabo de Cingapura, onde se espedio de Jorge d'Albuquerque, fez sua viagem per o estreito de Sabam, levando seis vélas com a em que elle hia, de que eram Capitães Francisco de Brito, Jorge de Mello, Pero Botelho, Lourenço Godinho, Gaspar Gallo, nas quaes vélas levaria mais de trezentos ho-

mens. E a primeira terra que tomou, foi a Cidade Tumbam da Ilha Jaiia, e daqui foi á outra chamada Agacim, onde por ser escala da navegação daquellas partes, e a ella concorrerem muitas mercadorias, e mantimentos, deteve-se dezefete dias, provendo-se de algumas coufas. E porque a Ilha Madura, que naquellas partes tem nome, estava defronte daquella Cidade Agacim, e elle desejava ter informação das coufas della, mandou lá hum navio de remo com dezefete homens. Os quaes entrando per hum gracioso, e fresco rio, per a margem do qual havia muitas fruitas da terra, assi como duriões, e jacas, vianda affás golosa a quem começa de a gostar, assi enganou os do batel, que sahindo todos em terra a comer della, os moradores vendo seu descuido, lhes tomáram o batel, e os prendêram a todos, que não deram pouco trabalho a Antonio de Brito per via de resgate havellos á mão; e isto ainda com favor do senhor da Cidade Agacim, que nisso enterveio. Recolhida toda esta gente, estando já Antonio de Brito pera partir, chegou D. Garcia Henriques com quatro vélas, hum navio em que elle hia, e tres juncos, de que eram Capitães Henrique de Figueiredo hum Fidalgo de Coimbra, Duarte d'Acosta, e Francisco de Laniar, o qual D. Garcia hia buscar carga

de especiaria á Ilha de Banda , como ordinariamente os Capitães de Malaca cada anno mandavam os juncos da terra. Chegado elle , veio naquella conjunção hum junco da mesma Ilha Jáia , que tambem fora a Banda buscar especiaria , o qual deo nova como lá achára gente branca ao medo dos nosos , entrada novamente na terra , e que lhe deram a elles Jáos huma carta pera navegarem seguramente , se pelo mar achassem outra gente da sua companhia. Antonio de Brito , havida a carta , achou ser de letra Castellhana , e dada per Castellhanos em nome d'ElRey de Castella : tão pomposa , e copiosa em palayras , como esta nação costuma em sua escriptura , principalmente em cousas desta qualidade , em que ella espraia muito. E porque na India , quando elle Antonio de Brito partio , havia nova que Fernão de Magalhães , (de que atrás fallámos ,) se fora a Castella com fundamento de ir ter áquellas partes ; assentou com D. Garcia que podia ser esta gente de sua companhia , e que convinha ambos irem em huma conserva pera qualquer caso que succedesse naquelle caminho. Mas como as cousas do mar são mui incertas , principalmente per entre aquelle número de Ilhas , que he hum labyrintho acertar os seus canaes , e sobre isso muitas correntes , e mares revessos da diffe-

rença dos ventos; tendo já passada a Cidade de Tumbaya, onde se detiveram tres dias, emparando no boqueirão de Anjane, alli lhe apanharam as correntes hum junco de Duarte d'Acosta. O qual indo com a força da corrente, sem lhe poder valer, esgarrado contra o Sul, o melhor que pode, elle, e os Portuguezes que levava, acolhêram-se em huma champana, na qual foram ter á Jáoa, e dahi a Malaca, sem do junco se saber onde fora parar. Passadas estas correntes, sendo já na paragem de Amboino, deo-lhe huma trovoada que os apartou de maneira, que Antonio de Brito correo contra a Ilha Banda, aonde chegou sômente com Lourenço Godinho. Porém depois poucos, e poucos vieram ter com elle, achando já na mesma Ilha D. Garcia, o qual lhe deo mais certas novas da Armada de Castella, e o que fizera naquellas Ilhas, de que adiante faremos relação. Antonio de Brito, porque os navios pequenos que levava haviam mister corregimento por haver muito que andavam no mar, deo-lhes pendor; e entretanto por ainda não ser acabado de assentar per-nós o preço da especiaria, e cousas que davamos a troco dellá aos da terra, fez contrato com elles ao modo de Cochij, per-aíssi o que elles tinham, como o que lhe nós havíamos de dar estivesse sempre em

hum prego, porque com a ida de muitos navios que alli hiam ter de Malaca, depois que foi nossa, tinham os nossos damnado aquelle trato em damno seu, e proveito dos naturaes da terra; por serem os Portuguezes homens neste negocio do commercio tão apressados, e descubertos em seus conceitos, que lhe está a parte vendo o animo de seu appetite. E como os Gentios, e Mouros daquelle Oriente em comprar, e vender são os mais delgados, e forijs homens do mundo, e sobre isso tão pacientes, e frios em descubrir seus appetites, e necessidades, que ninguem lhas sente; sempre neste acto do commercio nos levam debaixo, como nós em os da guerra os sopeamos. Acabadas estas cousas, e tomada carga pera os juncos, que D. Garcia levava, partíram-se ambos via de Maluco, leixando alli algumas vélas, que se não puderam tão brevemente aviar, por acudirem ás cousas que lhe contavam serem feitas com a chegada dos Castelhanos. E porque na Ilha Bacham, de que era Rey Laudim, foram mortos os Portuguezes do junco de Simão Correa, como se vio neste passado Capitulo; passando Antonio de Brito per ella, deteve-se em quanto mandou Simão d'Abreu com alguma gente que sahisse em huma aldeia sua, e a queimasse, e matasse os que pudesse; porque souberam El-

610 ASIA DE JOÃO DE BARROS

Rey Laudim que não ficavam sem emenda os damnos, e mal que se faziam aos Portuguezes: e que como aquella sua Ilha fora a primeira daquellas partes, que os encetou com ferro de morte, com outro tal per elles fosse ella a primeira castigada. Dado este castigo a seu salvo, foi-se Antonio de Brito á Ilha Tidore, de que era Rey Almançor: a chegada do qual foi a tempo, que as cousas daquellas Ilhas, principalmente as do Reyno de Ternate, estavam em estado de se perder, pera que conveni fazermos huma pequena demora na relação destas cousas, pois tudo he necessario ao proseguimento da historia. Ao tempo que Antonio de Brito chegou a estas Ilhas, era falecido ElRey Boleife de Ternate, e dizia-se sua morte ser de peçonha, industriada per Mouros que andavam naquelle trato do cravo; vendo quanto este Rey desejava termos alli fortaleza, e quanto elles perdiam se alli fosse. Sendo já a este tempo, poucos dias ante do falecimento d'ElRey, morto Francisco Serrão, e tambem per meio dos Mouros, e segundo os nossos depois souberam, quasi na conjunção que matáram Fernão de Magalhães, como veremos. Parece que permittio Deos que ambos não vissem o rosto hum do outro, nem o dos nossos, por serem causa do que depois succedeo a este

REY-
NACION

Reyno; e nos papeis que ficáram delle Francisco Serrão se acháram cartas de Fernão de Magalhães, em que dava conta de si, e do que esperava fazer em resposta de outras que houvera delle, como adiante se dirá. E ao tempo que ElRey Cachil Boleife se vio no acto da morte, (posto que não entendeu a causa della,) como homem prudente, e que via na imaginação o successo do seu Reyno nas differenças que havia de ter depois de seu falecimento, por leixar dous filhos lidimos, o maior dos quaes chamado Bohaat era de té sete annos, que o havia de succeder, e outro havia nome Dayalo, e bastardos sete, os mais delles homens; ordenou seu testamento, em que mandou que a Rainha sua mulher, que era filha d'ElRey Almançor de Tidore, ficasse por Tutor de seus filhos menores, e Governador do Reyno. Porque com o favor de seu pai ElRey Almançor poderia ser temida, e acatada, e não ousariam os seus mover alguma novidade contra seu filho; e assi encommendou a ella, e ao filho successor, e todos os principaes do Reyno no proprio testamento, que trabalhassem muito por haver nossa amizade. E não contente com as palavras do testamento, em que fazia esta encommendação, depois que o teve cerrado, mandou vir ante si a Rainha, filhos menores, e os

bastardos, com as principaes pessoas de seu Reyno, e fez-lhes hum arrazoamento, commendando-lhes a paz, e concordia entre si, porque em o espirito elle os via todos com a mão armada, não por defensão do Reyno, mas em destruição d'elle, competindo a quem o havia de governar em quanto seu filho Bohaat legitimo herdeiro não tinha idade pera isso. Por evitar as quaes differenças, elle leixava o governo d'elle á Rainha, por confiar na virtude, e prudencia della que o podia bem fazer, assi pera bem d'elle, como a prazer dos bons. E quando ella pela occupação da criação de seus filhos, e outras cousas proprias das inulheres, não pudesse acudir a tudo, ella de ante elles elegeria algum, que a ajudasse neste trabalho do governo; e esta era a primeira cousa que pedia a todos, com a qual sua alma iria descansada. E a segunda cousa, por tambem depender da conservação, e augmento do seu Reyno, e bem commum de todos era, que fizessem grande fundamento da amizade dos Portuguezes, porque estes lhes haviam de defender de seus inimigos, estes lhes haviam de dar sahida ás novidades do seu cravo, estes lhes haviam de trazer todas as cousas, de que tinham necessidade pera seu uso, e finalmente nelles haviam de achar paz, fé, verdade, e outras virtudes, que

naquellas Ilhas se não achavam : com tal que
 lhes guardassem as mesmas cousas, porque
 com estas partes se ganhava o animo dos
 homens; e ainda que fossem diferentes em
 lei, conservar-se-hiam no ser, e sustenta-
 mento da vida. E però que naquella hora
 em que ElRey propoz estas, e outras cou-
 sas, que todas vinham a concluir nestas duas,
 os presentes tivessem animo de as cumprir,
 como elle faleceo logo se revolveo tudo;
 de maneira, que faleceo pouco pera huns
 com os outros virem a rompimento de guer-
 ra. E o que mais os accendeo a cada hum
 procurar por ser Governador do Reyno, e
 a ter em poder o novo Rey Bohaat, foi a
 vinda de Cachilato parente d'ElRey Bolei-
 fe, que (como atrás fica) veio a Malaca por
 seu mandado a Garcia de Sá Capitão della,
 e quando achou ElRey falecido, trabalhou
 tambem por ser hum dos que governassem.
 Porque como levava recado que nossa Ar-
 mada não tardaria muito em ir áquellas par-
 tes, e naquella Ilha fariam os fortaleza; que-
 ria que o achassem em posse pera com nos-
 so favor ficar mais firme nella. A Rainha nes-
 te tempo não sómente era atormentada com
 estas públicas differenças, mas ainda com ou-
 tras que ella secretamente sentia de seu pai
 ElRey Almançor, o qual não esperava mais
 pera com titulo de acudir a ella, e ao ne-

to, tomar o Reyno pera si, que ver travados em armas os filhos bastardos, e parentes d'ElRey, que eram os que competiam neste caso. A qual cousa ella como mulher prudente dissimulava, sem dar a entender a seu pai que o sentia na maneira, que elle tinha com ella nos conselhos que lhe mandava ácerca de como se havia de haver com os filhos d'ElRey naquellas competencias que tinham, porque tudo hia ordenado pera elle pôr em effeito seu proposito. E como estava aconselhada da prudencia de seu marido, però que contra sua natureza ella movesse isto, por ser mui amiga de mandar, todavia constangida da necessidade, mandou chamar todos seus enteados, e os principaes do Reyno a conselho, fingindo ser occupada na creção de seus filhos, e por sua fraqueza natural não poder acudir aos negocios do Reyno, disse, que ella os mandára chamar pera que soubessem que daquella dia em diante elegia pera seu ajudador no governo daquelle Reyno a Cachil Daroez; porque além de ser irmão de seu filho, e ter qualidades pera isso, era homem de que todos haviam de ser contentes, por tanto a elle obedecessem, como á propria pessoa delle, e de seu filho. E os negocios da defensão, e cousas da guerra, quando o caso o requeresse, ella os punha nas mãos delle, e

conselho de todos , por os taes exercicios pertencerem a elles , e não a ella. Posto o Reyno em affoço com esta obra da Rainha , sobrevieram os Castelhanos áquellas Ilhas , os quaes però que chegassem a esta Ilha Ternate , ella , nem Cachil Daroetz os quizeram receber , e passáram-se a Tidore , onde foram bem recebidos d'ElRey Almançor. Porque vendo elle quão inclinados nós estávamos ás cousas d'ElRey Boleife por razão das obras que d'elle tínhamos recebido , e Embaixador que mandára a Malaca , de que já tinha recado não tardarem muito ir nossas Armadas áquellas Ilhas , temendo que nos poderíamos mais afeiçoar por estas causas ao outro , e não a elle ; e que tendo aquelle Reyno de Ternate fortaleza nossa , elle Almançor ficava mui acanhado , determinou recolher os Castelhanos , que lá foram ter com duas náos. Porque além destas razões , que ElRey Almançor por parte de seu proveito punha ante si , deram elles outras em abonação da grandeza , e estado do seu Principe ; com que houve Almançor que nesta parte de adjutorio , e favor não tinha menos forte em ter consigo os Castelhanos , que os de Ternate terem Portuguezes. Finalmente , elle lhe deo carga de cravo pera duas náos , e recolheo consigo certos homens , que alli deixáram em modo de feitorizal cravo pera

tornarem as outras a este commercio. Hum dos quaes homens chamado João de Campos, que ficára alli com nome de Feitor, tanto que vio Antonio de Brito ao mar, parecendo-lhe serem as náos suas, que dalli eram partidas, ou de alguma outra Armada de Castella, metteo-se em hum paráo vestido em hum saio de veludo, e huma gorra na cabeça com outras insignias de trajo, que logo de longe deo suspeita aos nossos ser Castelhana. Ao qual ante que houvesse reconhecimento das nossas náos, Antonio de Brito mandou hum calaluz esquipado que trazia, em que o trouxeram, e d'elle soube todo o processo de sua vinda, e como carregára alli duas náos, huma das quaes era partida per via da nossa navegação em busca do Cabo de Boa-esperança. E a outra, que tambem partio em sua conserva, por lhe abrir huma grande agua, tornára arribar a Tidore; e depois que foi concertada, partira com fundamento de ir demandar a terra firme, que está na costa das Antilhas, e alli descarregar, por se não atreverem a tornar pelo estreito per onde vieram. Antonio de Brito porque estas cousas se conformavam com outras, que elle soubera de outro Castelhana per nome Alonço d'Acosta, que trazia já em a náo tirado de hum junco, onde o elle achára naquella ^{nação} ^{el-}

elle não quiz que apparecesse em quanto praticava com estoutro, pera ver se concordavam ambos; levou tambem consigo a João de Campos, e foi surgir no porto da Cidade Tidore d'ElRey Almançor, e naquelle dia não houve mais entre ambos que visitasões. E quando veio de noite, ouviram os nossos grande estrondo de tambores, e huns sinos de metal, que se usam naquellas partes, inventados na Jaúia pera os remadores ao compasso, e tom delles irem cantando, e remando ao modo que os Alemães de ordenança lançam os passos remissos, ou apresados, segundo o sentem no pisaro, e tambor; e com estes sinos, e cantares, e outros instrumentos daquelle mister em frota de remos de muita gente, he cousa muito pera ouvir, principalmente de noite. E posto que alguns dos nossos tinham já visto, e ouvido aquelle seu modo de remar, como sentíram grande número de navios no rumor de cantar, e estrondo dos sinos, e não sabiam com que proposito vinham, metteo-os em alvoroço de se aperceber pera pelejar; té que Antonio de Brito foi certificado que era Cachil Daroez Governador de Ternate, que per mandado da Rainha vinha buscar a elle Antonio de Brito, sabendo que chegára á Ilha Bacham. Entre os quaes houve grande festa de salva de artilheria, e pela manhã na

vista de ambos muito maior, o qual prazer, e festa foi pera ElRey Almançor grande confusão, e tristeza. Porque bem vio elle que a diligencia da Rainha de Ternate sua filha, e de Cachil Daroez em vir tomar nossa Armada ao caminho com tão grande festa, tudo era em seu damno, principalmente polo que tinha feito contra nós no gazalhado, e carga, que tinha dado aos Castelhanos. E como homem que queria remediar o passado ante que mais fosse, veio logo ver Antonio de Brito á sua não, desculpando-se de o não ter feito o dia de antes; e porém que em todo o tempo que fosse, elle o vinha buscar como homem mui deseioso de ter Portuguezes naquelle seu porto, por ser a cousa que elle tanto tempo havia que procurava com cartas, e recados que tinha enviado a ElRey de Portugal, e aos seus Capitães, que estavam em Malaca. Antonio de Brito per o mesmo modo lhe respondeo; e que ElRey de Portugal seu Senhor por causa destes recados, e cartas, que elle tinha enviado, o mandava com aquella frota a fazer naquellas Ilhas huua fortaleza no seu porto de Tidore, ou Ternate, onde a elle Antonio de Brito bem parecesse; havendo respeito á disposição do sitio do lugar, e saude d'elle, e tambem onde achasse melhor gazalhado, e mais verdade, e fé. Porque os Portuguezes

zes quando edificavam alguma casa, em que esperavam viver muito tempo; a duas cousas principalmente tinham respeito, ao sitio, e disposição do lugar, e á boa, ou má vizinhança; porque na primeira seguravam a faude corporal, e na segunda paz, e verdade, de que dependem todos os bens da vida. E porque elle achava aquella sua Ilha occupada com os novos hospedes, que nella agazalhára, vindo elles alli mais acaso que por os elle procurar, ou chamar, como tinha feito aos Portuguezes, a elle lhe parecia escusado buscar porto naquella sua Ilha; pois elle Almançor estava satisfeito daquelles novos amigos. E que por isso se queria partir pera Ternate, onde esperava recado do que ElRey de Portugal sea Senhor lhe mandava que fizesse naquelle caso, sobre que lhe logo escreveria em a primeira monção. ElRey Almançor ficou tão confuso com estas palavras, que todas as suas foram humas desculpas mal atadas, ás quaes Cachil Daroez respondeo, porque via que ElRey re-torca tudo a que era mais razão fazer elle Antonio de Brito fortaleza naquella sua Ilha, que em Ternate. E foi entre elles a perfia tão travada, e Cachil Daroez fallava com huma liberdade de fé, que nos tinha guardada, e tão confiado em sua pessoa, como cavalleiro que elle era, que foi necessario

lançar Antonio de Brito o bastão no meio. E depois que de huma parte, e de outra se altercou mais brandamente, disse elle a El-Rey, que queria mandar ver os portos daquella sua Ilha; porque vistos os della, e os de Ternate, conformar-se-hia com o regimento, que lhe pera isso dera El-Rey seu Senhor. El-Rey já mais contente de si, espedio-se de Antonio de Brito, dizendo, que elle se hia a terra pera lhe mandar entregar aquelles hospedes, por cuja causa ante elle tanto tinha perdido; cá não os queria ter consigo, pois elle se descontentava disso. João de Campos o Feitor dos Castelhanos como sentio o caso, não lhe faleceo discrição pera requerer a Antonio de Brito que mandasse pôr em cobro a fazenda, que alli tinha, e que a não leixasse em poder d'El-Rey. Ao que Antonio de Brito respondeo, que a fosse elle recolher; e que pois as pessoas, que com ella estavam haviam de vir, e eram de mais preço, onde elles estivessem, estaria ella com elles seguramente. E pera isso mandou com elle a Lisuarte de Lix, que era Escrivão da Feitoria, pera que além do inventario que os Castelhanos fizessem della, fizelle elle outro por mais segurança da fazenda d'El-Rey de Castella, que elles diziam ter alli. Finalmente recolhida ella, e os Castelhanos que a trouxeram em seu poder,

der, Antonio de Brito se foi com Cachil Daroez a Ternate, onde o novo Rey, e sua madre com todos os principaes o receberam com grande aparato, e tanto prazer, e festa, como que entrava naquella terra hum remidor de seus trabalhos, e defensor de todas. Antonio de Brito, posto que mais por contentar El Rey Almançor, que por desejar fazer fortaleza em Tidore, elle mandasse lá correr todos os portos; todavia se achára outro melhor que o de Ternate, por então elle o acceitára té asseccar o animo daquelle Mouro sobre as cou-las em que os Castelhanos o tinham mettido, posto que elle se mostrava disso muito arrependido. Mas como o de Ternate, ainda que fosse recife, era melhor que todos de Tidore, teve elle apparente escusa de não fazer lá fortaleza, que não foi pouca dor pera El Rey. Elegido este lugar, por não haver outro melhor, e mais estar pegado na Cidade Ternate, começou Antonio de Brito entender na obra; e a primeira enxadada que se deo no seu alicerce, e pedra que se nelle lançou, foi per mão de Antonio de Brito a vinte e quatro dias de Junho do anno de mil e quinhentos e vinte dous, estando elle, e todos os nossos com capellas na cabeça, e grande festa por a solemnidade do dia, que era de S. João

Baptista; e todos os outros Fidalgos, cavalleiros, e gente de armas fizeram outro tanto, e por memoria deste santo houve a fortaleza nome *S. João*.

C A P I T U L O VIII.

Como Fernão de Magalhães se foi a Castella em deservizo del Rey D. Manuel, e as causas porque: e como El Rey D. Carlos de Castella, que depois foi Emperador, accitou seu servizo, e se determinou em o mandar às Ilhas de Maluco per nova navegação.

A Trás escrevemos como Francisco Serão das Ilhas de Maluco onde foi ter escreveu algumas cartas a Fernão de Magalhães, por ser seu amigo do tempo que ambos andáram na India, principalmente na tomada de Malaca, dando-lhe conta das Ilhas daquelle Oriente. Ampliando isto com tantas palavras, e mysterios, fazendo tanta distancia donde estava a Malaca, por fazer em si pera meritos de seu galardão ante El Rey D. Manuel, que parecia virem aquellas cartas de mais longe que dos Antipodas, e de outro novo mundo, em que tinha feito mais servizo a El Rey, do que fizera o Almirante D. Vasco da Gama no descobrimento da India. **As quaes cartas fo-**

ram vistas na mão de Fernão de Magalhães, porque se prezava elle muito da amizade de Francisco Serrão, e em as mostrar denunciava aquelle grande serviço que tinha feito a ElRey; e tambem elle estribou logo tanto nellas para o proposito que dellas concebeo, que não fallava em outra cousa. O qual proposito se vio depois em cartas suas, que se acháram entre alguns papeis, que ficáram per falecimento de Francisco Serrão lá em Maluco, que Antonio de Brito mandou recolher, e eram respostas das que lhe elle Francisco Serrão escrevia; (como ora veremos,) nas quaes dizia, que prazendo a Deos, cedo se veria com elle; e que quando não fosse per via de Portugal, seria per via de Castella, porque em tal estado andavam suas cousas: por tanto que o esperasse lá, porque já se conheciam da pouxada pera elle esperar que ambos se haveriam bem. E como o demonio sempre no animo dos homens move cousas pera algum máo feito, e os acabar nelle, ordenou calo pera que este Fernão de Magalhães se descontentasse de seu Rey, e do Reyno, e mais acabasse em máos canichos, como acabou, e foi per esta maneira. Estando elle Fernão de Magalhães em Azamor, sendo Capitão daquella Cidade João Soares, em huma corrida que se fez contra

os Mouros a hum repique, foi elle Fernão de Magalhães ferido com huma lança de arremello; e parece que lhe tocou em algum nervo da juntura da curva, com que depois manquejava hum pouco. Sobre o qual caso succedeo em huma entrada que fez João Soares, por ser cousa notavel, segundo contamos em a nossa parte Africa, se chama a de Lei de Farax, em que se tomáram oitocentas e noventa almas, e duas mil cabeças de gado vacúm, da qual cavalgada João Soares por razão de sua aleijão, e lhe dar algum proveito, fez quadri-lheiro mór a este Fernão de Magalhães, e com elle a hum Alvaro Monteiro. Os quaes, segundo se depois os moradores da Cidade aqueixavam, por razão das partes que haviam de haver da cavalgada, ambos metéram bem a mão nella, principalmente no gado, dizendo que vendéram aos Mouros de Enxouvia quatrocentas cabeças. E o concerto foi, que viessem de noite por elle por o terem ao longo do muro da Cidade; e depois de ser levado, e que os Mouros o teriam já posto em salvo, fizeram repicar, dizendo, que furtavam o gado, e ao outro dia foram pela trilha d'elle, cuidando que estava ainda daquém do rio, e foram dar no vão per onde o passáram. Fernão de Magalhães, passado este impeto da

murmuração, como era cousa de muitos, a que ninguem quiz acudir, principalmente por se vir João Soares de Azamor, e ir de cá por Capitão D. Pedro de Sousa, que depois foi feito Conde do Prado, nesta volta de Capitão novo veio-se elle tambem pera este Reyno sem licença de D. Pedro. E como elle Fernão de Magalhães era homem de nobre sangue, e de serviço, e tambem manquejava da perna, começou ter logo alguns requerimentos com ElRey Dom Manuel, entre os quaes dizem que foi acrescentamento de sua moradia: cousa que tem dado aos homens nobres deste Reyno muito trabalho; e parece que he huma especie de martyrio entre os Portuguezes, e ácerca dos Reys causa de escandalo. Porque como os homens tem recebido por opinião commum, que as mercês do Principe dadas per merito de serviço são huma justiça commutativa, que se deve guardar igualmente em todos, guardada a qualidade de cada hum, quando lhe negão a sua porção, però que o soffrão mal, ainda tem paciencia; mas quando vem exemplo em seu igual, principalmente naquelles a que aproveitou mais artificios, e amigos, que meritos proprios, aqui se perde toda paciencia, daqui nasce a indignação, e della odio, e finalmente toda desesperação, té que vem com-

metter crimes, com que damnam a si, e a outrem. E o que mais damnou a Fernão de Magalhães, que mais meio cruzado de accrescentamento cada mez em sua moradia, que era seu requerimento, foi, que alguns homens, que se acháram em Azamor no tempo que elle lá esteve, sobre a fama que trouxe do furto do gado, começaram dizer que a sua manqueira era fingida, e artificio pera seu requerimento. As quaes cousas com outras, que elle soltava como homem indignado, vieram á noticia d'ElRey, com que lhe entreteve seu despacho. Accrescentou-se mais em seu damno escrever D. Pedro de Sousa Capitão de Azamor a ElRey, como elle Fernão de Magalhães se viera sem sua licença, e o que tinha feito na cavalgada, segundo se os moradores queixavam; que pedia a Sua Alteza mandasse saber como passava pera lhe dar a emenda que merecia. Fernão de Magalhães, posto que com palavras se queria justificar ante ElRey, não lhas quiz receber, e mandou que se fosse logo a Azamor livrar por justiça, pois lá era accusado. Chegado lá, ou porque elle seria limpo desta culpa, ou (segundo se mais affirma,) os fronteiros de Azamor polo não avexar o não accusáram, elle se tornou a este Reyno com a sentença de seu livramento; pe-
ró

ró sempre lhe ElRey teve hum entejo. E quando veio ao despacho de seus requerimentos, porque não foram á sua vontade, poz elle em obra o que tinha escrito a Francisco Serrão seu amigo, que estava em Maluco; donde parece que sua ida pera Castella andava no seu animo de mais dias, que movida de accidente do despacho. E prova-se, porque ante de o ter, sempre andava com Pilotos, Cartas de marcar, e altura de Leste, Oeste; materia que tem lançado a perder mais Portuguezes ignorantes, do que são ganhados os doutos per ella, pois ainda não vimos algum que o puzesse em effeito. Da qual prática que tinha com esta gente do mar, e tambem por elle ter hum engenho dado a isso, e experiencia do tempo que andára na India com mostrar as cartas, que lhe Francisco Serrão escreveu, começou semear nas orelhas desta gente, que as Ilhas de Maluco estavam tão Orientaes, quanto a nós, que cahiam na demarcação de Castella. E pera confirmação desta doutrina, que semeava nas orelhas dos mareantes, ajuntou-se com hum Ruy Faleiro Portuguez de nação Astrologo judiciario, tambem aggravado d'ElRey, porque o não quiz tomar por este officio, como se fora cousa de que ElRey tinha muita necessidade. Finalmente, avindos ambos neste

propósito de darem algum desgosto a El-Rey, deram comfigo em Sevilha, levando alguns Pilotos tambem doentes desta sua enfermidade, e lá acháram outros amadores deste Reyno, com que fizeram corpo de sua abonação por naquella Cidade concorrer muita gente deste mister do mar por causa das Armadas que se alli faziam pera as Antilhas. Na qual Cidade achou elle Fernão de Magalhães gazalhado, e favor pera suas coutas em casa de hum Diogo Barbosa natural Portuguez, que no anno de quinhentos e hum, (como atrás escrevermos,) na primeira Armada foi com João da Nova por Capitão de hum navio, que era de D. Alvaro irmão do Duque de Bragança D. Fernando. E no tempo que elle D. Alvaro andou em Castella, este Diogo Barbosa teve por elle, como Alcaide mór, o castello de Sevilha. Do qual gazalhado, que Fernão de Magalhães recebeu d'elle Diogo Barbosa, e parentesco que tambem entre elles havia, veio o mesmo Fernão de Magalhães casar com huma filha sua, já acreditado por El-Rey D. Carlos de Castella, que depois foi eleito por Emperador, e Rey dos Romanos. Ao qual Rey Alvaro d'Acosta Camareiro, e Guarda-roupa mór d'El-Rey D. Manuel, que então estava em Castella por seu Embaixador sobre o casamen-

mento da Infante D. Lianor, requereo que não quizesse intentar a tal empreza, por ser cousa que pertencia a este Reyno, dando pera isso as razões, e causas da antiga demarcação feita entre estes Reynos de Portugal, e Castella. E primeiro que com elle tivesse esta prática, a tivera com o mesmo Fernão de Magalhães, provocando-o a que desistisse daquella opinião, pois no que commettia não sómente offendia a Deos, e a seu Rey, mas ainda maculava perpetuamente sua honra, e damnava a seus parentes, e finalmente era causa de haver paixões, e desgostos entre dous Reys tão amigos, ligados, e parentes. As quaes razões deo por escusa ter já dado palavra de si a ElRey de Castella, como que em não ir avante com ella offendia mais a sua alma, e menos em seguir sua indignação. ElRey de Castella como estava namorado das cartas, e pomas de marear, que Fernão de Magalhães lhe tinha mostrado, e principalmente da carta que Francisco Serrão escreveu a-elle Fernão de Magalhães de Maluco, em que elle mais escorava, e assi das razões delle, e do Falciro Astrologo, tiveram estas pinturas, e palavras de homens indignados mais força pera ElRey se determinar em mandar huua Armada a este negocio, que quantas razões lhe apresentou Alvaro d'Acosta, sen-

do no maior fervor da liança que ElRey queria ter com elle, que era tratando o casamento da Infante D. Lianor com elle, que se então fez, como particularmente escrevemos em sua propria Chronica. As quaes vodas por serem nesta conjunção, parece que trocaram a ordem de totalas dos Principes, porque as mais das pazes que se entre elles fazem, passadas muitas differenças, guerras, e contendias, a paz destas cousas se remata per casamentos á maneira de Comedias: e este casamento, e nova liança d'ElRey D. Manuel, por guardar o decóro das Reaes pessoas com que se tratava, e fazia; houvesse mais respeito ao modo, que á causa, e causa de tanto parentesco, porque teve o princípio no fim das Tragedias, que acabam em trabalhos, e desgostos, como daqui procedêram. Porque o interesse he tão proprio a si mesmo, que como faz assento no animo de alguém, poucas vezes dá lugar a outras razões, por mui conjuntas, e obrigatórias que sejam. Finalmente ElRey D. Carlos de Castella pera este novo descobrimento, que Fernão de Magalhães promettia, mandou armar cinco vélas, de que o fez Capitão mór, e os outros Capitães haviam nome, Luiz de Mendoza, Gaspar de Quexada, João de Cartagena, e João Serrão, todos naturaes Castelhanos. NACIONAL ASSOCIADO TO-

toda a mais gente da Armada, que sería té duzentas e cincoenta pessoas, em que entravam alguns Portuguezes, delles parentes d'elle Fernão de Magalhães, assi como Duarte Barbosa seu cunhado, e Alvaro de Mesquita, e Estevão Gomes, e João Rodrigues Carvalho, ambos Pilotos, e outros homens induzidos per elles. - E não foi o Astrologo Ruy Faleiro, ou porque se arrependeo da jornada, ou por ver per sua astrologia em que fim havia de parar aquella Armada, e segundo dizem fingio doudice; mas permittio Deos que fosse ella verdadeira, com que ficou prezo em Sevilha na casa dos doudos, e em seu lugar foi outro Astrologo chamado Andres de San Martin, homem douto na sciencia de Astronomia, segundo vimos nas operações que fez nesta viagem, de que adiante faremos declaração. Mas parece que tambem este não calculou bem a hora do dia que a Armada partio de São Lucar de Barrameda, que foi a vinte e hum dias de Setembro do anno de quinhentos e dezenove, pois não vio como elle, e Fernão de Magalhães haviam de acabar na Ilha de Subo; nem menos vio a justiça, que se fez entre elles dos Capitães, nem quanta fortuna aquella Armada passou, como se verá neste seguinte Capitulo.

CAPITULO IX.

Da viagem que Fernão de Magalhães fez com esta frota: e o que succedeo a elle, e a ella té descubrir hum estreito, que passava ao mar do Ponente.

PArtida esta frota de S. Lucar de Barra-
meda, foi ter ás Canarias, onde se de-
tiveram quatro dias; e aqui veio a Fernão
de Magalhães huma caravella, na qual di-
zem que lhe veio aviso que tivesse tento em
si, por quanto os Capitães que levava hiam
com proposito de lhe não obedecer. E però
que ao diante elles vieram commetter este ca-
so, mais parece que procedeo das causas do
caminho, e do modo que elle Fernão de
Magalhães se havia com elles, que de o le-
varem em proposito. Porque passados o Rio
de Janeiro da nossa Provincia de Santa Cruz,
a que vulgarmente chamam Brasil, tanto que
começaram achar os mares frios, principal-
mente do rio da Prata por diante, que está
em trinta e cinco grãos, quizeram os Ca-
pitães pedir razão a elle Fernão de Maga-
lhães do caminho, e do que esperava fazer,
vendo que não achava cabo, nem estreito,
de que elle fazia tanto fundamento. Aos quaes
elle respondia, que o leixassem fazer, que
elle o entendia mui bem, **N**dando-lhes enten-
der

der que sobre seu conselho pendia todo aquelle negocio, e não delles. Seguindo seu descobrimento, chegaram a dous dias de Abril do anno de quinhentos e vinte a hum rio a que chamáram de S. Julião, que está em cincoenta grãos, e isto já com tantas tormentas, e frios, que os mareantes não podiam marear as vélas; porque naquellas partes o inverno em proporção de clima he mais frio que da parte do Norte, assi por razão do auge do Sol, como querem os Astronomos, como por ser desabrigado de terra firme da parte do pólo. No qual rio houve entre o Capitão mór, e os outros consulta sobre a navegação que fizeram, e tinham por fazer, da qual procedêram algumas paixões entre todos. Cá Fernão de Magalhães não recebeu hem nenhum de quantos inconvenientes lhe puzeram sobre irem mais avante, ante se determinou que havia de invernar alli, e como viesse o verão, proseguir no descobrimento do cabo, ou estreito té setenta e cinco grãos, dizendo, que pois os mares da costa de Noruega, e Islanda, que estavam em maior altura, no tempo do seu verão eram tão faciles de navegar, como os de Hespanha, assi o feriam aquelles. E porque Fernão de Magalhães nesta prática se mostrou izento, e não sujeito aos votos dos Capitães, e Pilotos, houve entre todos mur-

muração: os principaes, e de melhor juizo affirmando-se que aquelle descobrimento não era proveitoso aos Reynos de Castella; porque ainda que onde elles estavam, que era em cincoenta grãos de altura, fora cabo, ou estreito, já não era clima pera se navegar de tão longe. E se os mares de Noruega, e Islanda se navegavam, como elle Fernão de Magalhães dava por razão, isto era per gente natural da mesma terra, ou tão vizinha a elles, que em espaço de quinze dias de navegação podiam chegar ao mais remoto delles. Mas vir de Castella, e passar a linha Equinocial, e correr a costa de todo o Brasil, que haviam mistar mais de seis, ou sete mezes de navegação, e em tão diversos climas que na mudança de hum se mudavam os tempos, eram todos estes perigos perdição de náos, de gente, e de tanta substancia de fazenda, que importava mais em proveito commum, que todo o cravo de Maluco, quando tão facil fosse o caminho, que estava por passar da banda do outro mar, que ainda tinha por descobrir. A outra gente commum, que não tinha este discurso, dizia, que elle Magalhães por se retirar na graça d'ElRey de Portugal, a quem tinha offendido naquella empresa que tomaram, os queria a todos ir metter em parte onde morressem, e depois tornar-se a Por-

tugal. Finalmente como todos não se podiam amparar do frio, e padeciam trabalhos incomportaveis, ajuntando esta impaciencia ao escandalo, copilaram estes tres Capitães João de Cartagena, Gaspar de Quexada, e Luiz de Mendouça de prender, ou matar a Fernão de Magalhães, e tornar-se pera Castella, e dar razão do que té li tinham passado, e da contumacia d'elle. Fernão de Magalhães sabendo esta sua consulta, teve modo como mandou matar Luiz de Mendouça dentro na sua náó, que estava de fóra da boca do rio, per hum Gonçalo Gomes de Espinhosa, que servia de Meirinho da Armada, levando-lhe hum recado de sua parte; e tanto que este foi morto ás punhaladas, prendeo os outros dous, de que o Gaspar de Quexada logo foi esquartejado vivo, e assi o Luiz de Mendouça depois de morto. E porque na Armada não havia quem servisse deste officio, deo Fernão de Magalhães a vida a hum criado de Gaspar de Quexada pera o fazer, por elle ser comprehendido na traição do senhor, porque com titulo de trellores ao serviço d'ElRey de Castella té fez esta justiça. E a João de Cartagena foi perdoada aquella morte natural, e houve outra civil de perpétuo degredo naquella mesma terra; e com elle ficou tambem hum Clerigo, que tinha a mesma culpa com trinta

arrates de pão a cada hum pera se manter. E però que muita gente era com elles nesta consulta, sómente em suas pessoas se fez justiça de todos, porque havendo de punir os culpados, poucos lhe ficariam pera fazer sua viagem; mas no trabalho que deo a alguns, recebêram allás de pena. Porque como elle assentou de passar alli o inverno, que eram estes mezes, Maio, Junho, Julho, e Agosto, que o Sol anda cá parte do Norte, que habitamos; neste tempo não sómente os occupou em corregimento das náos, que era cousa piedosa ver o que padeciam com frio, mas ainda os mandou entrar pela terra dentro que fossem descubrir, e a tentar se ouviam da outra parte algum tom do mar, prometendo mercê áquelle que trouxesse alguma boa nova. Na qual ida entráram vinte leguas pelo sertão, em que gastáram dez diás, e trouxeram consigo huns homens da terra, cujos corpos passavam de doze palmos, aos quaes o Capitão mór mandou dar dadivas, e reteve dous por mostra de sua grandeza, e os trazer a Castella; mas duráram pouco por ser gente costumada comer carne crua. Neste mesmo tempo se lhe perdeu hum navio, Capitão João Serrão, o qual elle Fernão de Magalhães mandára diante ver se achava algum cabo, ou estreito. E posto que a gente se salvou daquelle nau-

fragio, sendo donde a Armada ficava té vinte leguas, em onze dias que parte da gente melhor disposta a veio buscar per terra, padecêram tantos trabalhos de fome, e frio, que quando chegáram quasi os não conhecia, por virem semelhaveis á mesma morte, e os mais que lá ficáram mandou vir Fernão de Magalhães em hum batel. Partido daqui, onde lhe faleceo alguma gente de frio, e trabalho de reparar as náos, foi costeando a terra, entrando em bahias, e portos por ver se achava algum estreito, té que chegáram a hum cabo a vinte dias de Outubro, a que chamáram das Virgens, por ser no dia que a Igreja celébra a festa das onze mil, o qual está em cincoenta e dous grãos; e diante d'elle obra de doze leguas acháram a barra de hum estreito, que estava em altura de cincoenta e dous grãos, cincoenta e seis minutos, e tinha de boca obra de huma legua. E como pela grande força da corrente que trazia, e diligencias que mandou fazer, e sinacs de baleas mortas que achavam na praia, Fernão de Magalhães entendeo que estava na boca de algum estreito, que passava a outro mar largo, mandou fazer grande festa per todas as náos, como que alli estava o fim de toda sua esperança. E porque entre a gente havia grande ruinar sobre o pouco mantimento que

tinham, visto como elle Fernão de Magalhães se determinava de entrar pelo estreito, e seguir seu intento, mandou lançar hum pregão per todas as náos, que qualquer pessoa que fallasse em não haver mantimento, que morresse por isso. Com a qual determinação elle entrou pelo estreito, que em partes tem largura de tiro de espingarda, e bombarda, e em outras de legua, e legua e meia, tudo de huma parte, e da outra terra alta, muita della escaldada dos ventos, e a outra com arvoredos, em que havia aciprestes. E no cume das mais altas motanhas viam jazzer a neve, como que todo anno estava sem se derreter, e alguma declinava a cór celeste, ou de mui antiga, e recapta, ou de qualquer outra cousa natural, que a gente não alcançava. Sendo já per dentro do qual estreito té cincoenta leguas, vendo per a ribeira delle angras, rios, e esteiros, que entravam pela terra, passáram hum lugar mais estreito, que se fazia entre duas serras mui altas, e além desta estreiteza víram que se fazia em dous braços. Fernão de Magalhães, porque se não soube determinar qual daquelles era o que passava a outro mar, pelo da parte do Sul mandou entrar huma náos, Capitão Alvaro de Mesquita, que fosse descobrir o que lá hia dentro; e pelo outro mandou hum batel, que logo tornou, descobrin-

do fômente té doze leguas. E porque elle poz limitação á náó, que aos tres dias tornasse com nova do que achava, e eram já passados seis, mandou outra náó que a fosse buscar, o Capitão da qual tornou dahi a tres dias, sem achar noticia alguma. Fernão de Magalhães desejando saber o que era feito della, disse ao Astrologo Andres de San Martin que prognosticasse pela hora da partida, e sua interrogação; o qual respondeo que achava ser a náó tornada pera Castella, e que o Capitão hia prezo. É posto que Fernão de Magalhães não deo muito credito a isso, todavis passou assi; porque o Piloto com favor de toda a gente se fez á volta de Hespanha; e ainda sobre o Capitão Alvaro de Mesquita o contrariar, foi ferido, e prezo, e vieram-se per onde leixavam os dons degredados João de Cartagena, e o Clerigo, e chegaram a Castella passados oito mezes depois que se partíram de Fernão de Magalhães. Elle quando se vio sem aquella náó, por nella ir Alvaro de Mesquita, e alguns Portuguezes, e não ficava com mais favor que de Duarte Barbosa, e alguns poucos de que se esperava ajudar, porque toda a outra gente Castellhana estava delle escandalizada, além do avorrecimento que tinha áquella jornada polos grandes trabalhos que tinham passado, ficou tão confuso, que se

não sabia determinar. E por se justificar contra estes do que se receava, passou dous mandados seus ambos de hum theor pera as duas náos, sem querer que as pessoas principaes viessem a elle; já como homem que não queria ver na sua náo muito ajuntamento, temendo alguma indignação delles, se lhe não respondesse á sua vontade. E porque hum destes seus mandados foi ter á náo, Capitão Duarte Barbosa, onde estava o Astrologo Andres de San Martin, o qual registou este mandado em hum livro, e ao pé poz sua resposta pera em todo tempo elle dar razão de si; e este seu livro com alguns papeis seus, por elle falecer naquellas partes de Maluco, nós os houvemos, e temos em nosso poder, como adiante diremos; não parece fóra da historia pôr aqui o traslado deste mandado, e a resposta delle Andres de San Martin; porque se veja não per nós, mas per suas próprias palavras, o estado em que elles hiam; e o proposito delle Fernão de Magalhães no caminho que se esperava commetter per vida do nosso descoberto, quando lhe falecesse o que elle desejava achar. E però que em a nossa linguagem, estas são suas palavras formaes, e frases da escriptura, sem mudar letra, segundo estava registado per Andres de San Martin, como dissemos:

Eu Fernão de Magalhães Cavalleiro da Ordem

dem de Sant-Iago, e Capitão geral desta Armada, que Sua Magestade envia ao descobrimento da especiaria, &c. Faço saber a vós Duarte Barbosa Capitão da não Victoria, e aos Pilotos, Mestres, e Contra-mestres della, como eu tenho sentido que a todos vos parece cousa grave estar eu determinado de ir adiante, por vos parecer que o tempo he pouco pera fazer esta viagem, em que imos. E por quanto eu sou homem que nunca engeitei o parecer, e conselho de ninguem, ante todas minhas cousas são praticadas, e communicadas geralmente com todos, sem que pessoa alguma de mi seja affrontada, e por causa do que; acontecco no porto de S. Julião sobre a morte de Luiz de Mendoca, Gaspar de Quexada, e desterro de João de Cartagena, e Pero Sanches de Reina Clerigo, vós-outros com temor leixais de me dizer, e aconselhar tudo aquillo que vos parece que he serviço de Sua Magestade, e bem segurança da dita Armada, e não mo tendes dito, e aconselhado: errais ao serviço do Emperador Rey Nosso Senhor, e is contra o juramento, e pleito, e menage que me tendes feito. Polo qual vos mando da parte do dito Senhor, e da minha rogo, e encomendo, que tudo aquillo que sentís que convem á nossa jornada, assi de ir adiante, co-

mo de nos tornar, me deis vossos pareceres per escrito cada hum per si: declarando as cousas, e razões por que devemos de ir adiante, ou nos tornar, não tendo respeito a cousa alguma por que leixeis de dizer a verdade. Com as quaes razões, e pareceres direi o meu, e determinação pera tomar conclusão no que havemos de fazer. Feito no canal de todos os Santos defronte do rio do ilheo em quarta feira vinte e hum de Novembro em cincoenta e tres grãos de mil e quinhentos e vinte annos. Per mandado do Capitão geral Fernão de Magalhães. Leon de Espelece. Foi notificado per Martim Mendes Escrivão da dita não em quinta feira vinte e dous dias de Novembro de mil e quinhentos e vinte annos. Ao qual dito mandado eu Andres de San Martin dei, e respondi meu parecer, que era do theor seguinte: Mui magnifico Senhor, visto o mandado de vossa mercê, que quinta feita vinte e dous de Novembro de mil e quinhentos e vinte me foi notificado per Martim Mendes Escrivão desta não de Sua Magestade chamada Vitoria, per o qual em effeito manda que dê meu parecer ácerca do que sinto que convem a esta presente jornada, assi de ir adiante, como tornar, com as razões que pera hum, e pera o outro nos moverem, como mais largo no dito man-

dado se contém, digó: Que ainda que eu
 duvide que per este canal de todos Santos,
 onde agora estamos, nem pelos outros que
 dos dous estreitos que a dentro estam, que
 vai na volta de Leste, e Ilesnordeste haja
 caminho pera poder navegar a Maluco, is-
 to não faz, nem desfaz ao caso, pera que
 não se haja de saber tudo o que se pu-
 der alcançar, servindo-nos os tempos, em
 quanto estamos no coração do verão. E pa-
 rece que vossa mercê deve ir adiante por
 elle agora, em quanto temos a frol do ve-
 rão na mão; e com o que achar, ou des-
 cubrir té meado o mez de Janeiro primei-
 ro que virá de mil e quinhentos e vinte
 annos, vossa mercê faça fundamento de
 tornar na volta de Hespanha, porque dahi
 adiante os dias mingnam já de golpe, e
 por razão dos temporaes hão de ser mais
 pezados que os de agora. E quando agora
 que temos os dias de dezefete horas, e mais
 o que ha da alvorada, e depois do Sol pos-
 to, tivemos os tempos tão tempestosos, e
 tão mudaveis, muito mais se espera que
 sejam quando os dias forem descendo de
 quinze pera doze horas, e muito mais no
 Inverno, como já no passado temos visto.
 E que vossa mercê seja desabocado dos es-
 treitos a fóra pera de todo o mez de Ja-
 neiro; e se puder neste tempo, **Abmada a**
agua,

agua , e lenha que basta , ir de ponto em
 branco na volta da Bahia de Calez , ou
 porto de S. Lucar de Barrameda donde par-
 timos. E fazer fundamento de ir mais na
 altura do polo Austral do que agora esta-
 mos , ou temos , como vossa mercê o deo em
 instrucção aos Capitães no rio da Cruz ,
 não me parece que o poderá fazer por a
 terribilidade , e tempestuosidade dos tem-
 pos ; porque quando nesta que agora temos
 se caminha com tanto trabalho , e risco ,
 que será sendo em sessenta , e setenta e
 cinco grãos , e mais adiante , como vossa
 mercê disse , que havia de ir demandar Ma-
 luco na volta de Leste , Lesnordeste , dobran-
 do o Cabo de Boa Esperança , ou longe del-
 le , por esta vez não me parece ; assi por-
 que quando lá formos seria já inverno , co-
 mo vossa mercê melhor sabe , como porque
 a gente está fraca , e desfalecida de suas
 forças ; e ainda que ao presente tem man-
 timentos que bastem pera se sustentar , não
 são tantos , e toes , que sejam pera cobrar
 novas forças , nem pera comportar traba-
 lho demaziado , sem que muito o sintam em
 o ser de suas pessoas ; e tambem vejo dos
 que cabem enfermos que tarde convalescem.
 E ainda que vossa mercê tenha boas náos ,
 e bem aparelhadas (louvado Deos) toda-
 via ainda falecem amarras ^{em especial} _{men-}

mente a esta não Vitoria : e além disso a gente he fraca , e desfalecida , e os mantimentos não bastantes pera ir pela sobredita via a Maluco , e de alli tornarem a Hespanha. Tambem me parece que vossa mercê não deve caminhar por estas costas de noite , assi por a seguridade das náos , como porque a gente tenha lugar de repouzar algum pouco : cá tendo de luz clara dezenove horas , que mande surgir por quatro , ou cinco horas que ficam de noite. Porque parece cousa concorde á razão surgir por quatro , ou cinco horas que ficam da noite , por dar (como digo) repouso á gente , e não tempestear com as náos , e aparelhos. E o mais principal por nos guardar de algum revés , que a contraria fortuna poderá trazer , de que nos Deos livre. Porque quando em as cousas vistas , e olhadas sõem aquaecer , não he muito temellos em o que ainda não he bem visto , nem sabido , nem bem olhado , senão que faça surgir ante de huma hora de Sol , que duas leguas de caminho adiante , e sobre noite. Eu tenho dito o que sinto , e o que alcanço por cumprir com Deos , e com vossa mercê , e com o que me parece serviço de Sua Magestade , e bem da Armada : vossa mercê faça o que lhe parecer , e Deos lhe encaminhar : ao qual praza de lhe prosperar

vida, e estado, como elle deseja. Fernão de Magalhães recebido este, e os outros pareceres, como sua tenção não era tornar atrás por cousa alguma, e sómente quiz fazer este cumprimento, por sentir que a gente não andava contente d'elle, mas aflorbrada do castigo que dera, pera dar razão de si, fez humia comprida resposta, em que deo largas razões, tudo ordenado a irem avante. E que jurava pelo habito de Santiago que tinha no peito, que assi lho parecia, polo que compria a bem daquella Armada: por tanto todos o seguiffem, cá elle esperava na piedade de Deos que os trouxera té aquelle lugar, e lhe tinha descoberto aquelle canal tão desejado, que os levaria ao termo de sua esperança. Notificado pelas náos este seu parecer, e mandado, ao outro dia com grande festa de tiros mandou levar ancora; e dado á véla, fez seu caminho té que sahio daquelle canal ao outto mar de Ponente. E posto que faça alguns tornos, ora a hum ruino, ora a outro, quasi a sahida está na altura da entrada, e em muitas partes vasa com a maré oito, e nove braças, e vai a agua tão teza que corre humia náos grande perigo, se não está muy bem amarrada, porque pórtta muito polas amarras.

CAPITULO X.

Do que Fernão de Magalhães passou em sua navegação do mar do Ponente té chegar á Ilha Subo , onde matáram a elle , e a principal gente de sua Armada : e do que mais succedeo aos que ficáram.

TAnto que Fernão de Magalhães se vio no mar do Ponente , porque andava tão furioso como o Oriental donde vinha por causa da frialdade do clima , mandou navegar contra a linha Equinocial pera se metter no quente ; e como achou os mares mais brandos , poz a proa em Aloesnorocste per espaço de quatro mezes. E sendo obra de mil e quinhentas leguas da boca do estreito , segundo sua estimação , e em altura de dezoito grãos da banda do Sul , acháram huma pequena Ilha , que foi a primeira terra que víram depois da sahida do estreito , a que puzeram nome Ilha Primeira. E dahi a duzentas leguas ao Noroeste desta em altura de treze grãos , acháram outra que sería de huma legua , em a qual fizeram pescaria ; e polos muitos Tubarões que nella havia , lhe chamáram dos Tubarões. E porque elle Fernão de Magalhães sabia que as Ilhas de Maluco estavam debaixo da linha Equinocial , desta Ilha dos

Tubarões foi navegando té se metter nella. Curfando tanto per este rumo que levava, que de lhe parecer que tinha escorrido as Illhas de Maluco, (cá segundo sua Carta, passava de cento e oitenta grãos de longura,) passou-se da banda do Norte em altura de quinze grãos e meio a ver se achava algumas Illhas, ou terra das que nós navegamos, pera tomar lingua, e saber em que paragem era, já como homem que tinha perdido a estimação do lugar em que podia ser. Na qual paragem achou hum número de Illhas pequenas, e dahi por serem desertas foram subindo té altura de vinte e hum grãos, desejando achar alguma terra firme, e fazendo interrogações sobre isso ao Astrologo Andres de San Martin, porque como lhe já falecia a conta, e razão do marcar, leixando a Astronomia, convertia-se á Astrologia. Finalmente, porque elle andou per aqui tornando a diminuir da altura de Ilha em Ilha, como dizem as re-des, em huma parte lhe matavam homens; em outra lhe furtavam o batel; e se aqui recebiam mantimentos, alli affrontas, e perigos, veio ter a huma Ilha chamada Su-bo, onde acabou seus trabalhos. A qual Ilha está em altura de dez grãos da parte do Norte, e terra em roda dez, ou doze leguas, onde acháram **N**uro, e tanto gaza-
NACIONAL illa-

lhado no Rey Gentio della , que veio Fernão de Magalhães ao querer fazer Christão ; o que elle acceitou , baptizando-se com sua mulher , e filhos , e mais de oitocentas pessoas , e isto mais por artificio do que havia mister delle , que por devoção , ou eleição de melhor estado ; e o caso foi este. Como onde ha vizinhança logo ha competencia , este Rey , a que elle no baptisimo poz nome D. Fernando , acertou de ter por vizinho outro Rey com quem andava em guerra , contra o qual elle lhe pediu ajuda ; pois era já feito Christão , e chamado Fernando do seu nome. Fernão de Magalhães polo comprazer metteo-se neste negocio de guerra : e però que houve duas vitorias do Rey inimigo de D. Fernando , quando veio a terceira com duas ciladas que lhe armáram os inimigos , foi necessario os Castelhanos recolherem-se aos bateis. E primeiro que se salvassem , foram mortos Fernão de Magalhães , e o Astrologo Andres de San Martin , e hum Christovão Rabello Portuguez com outros seis , ou sete homens a vinte e sete dias do mez de Abril de quinhentos e vinte hum. O qual tempo , e lugar de suas mortes não alcançou o Astrologo Andres de San Martin , posto que pelo ascendente de sua partida , e per algumas interrogações que lhe Fernão de Magalhães

fizera, elle lhe tinha dito que naquelle caminho lhe via hum grande perigo de morte. Parece que levava errados os números das Taboas do Almenach, per que se regia, como elle dizia, e adiante veremos, em algumas operações que fez de opposições de Planetas com a Lua para saber a distancia do meridiano de Sevilha ao lugar onde astomava. Sobre este grande defastre succedeo outro, que os metteo em maior confusão, e foi, que os Reys inimigos vieram fazer paz entre si, com tal que o Rey Fernando trabalhasse por os matar a todos. E porque não pode mais, acolheo vinte dos principaes, em que entravam os Capitães Duarte Barbosa, João Serrão; e com simulação de lhes dar hum banquete, foi do vaso da morte, do qual feito escapou sómente vivo João Serrão. Este foi trazido á praia com as mãos atadas á vista das náos, o qual deo nova do caso, e que o traziam alli pera o resgatarem por dous berços de metal, e alguma polvora. E però que os Castelhanos se puzessem em hum batel chegados hum pouco á praia, onde os Indios estavam com elle, a quem havia de fazer a entrega, começaram a pedir mais, entretendo os Castelhanos de maneira, que temendo elles alguma traição sem terem de ver mais com João Serrão, nem com as

palavras que elle dizia pera os mover a piedade , se recolhêram á não. E quando vio que o leixavam naquelle estado , porque João Lopes Carvalho o Portuguez ficou alli por principal cabeça , disse contra elle : *Ab compadre , mal vos demande Deos minha morte , pois me não quereis livrar della.* E então pedio que por amor de Deos que não esbombardeassem o lugar , por o não matarem logo , se com os tiros fizessem algum damno , cá se tornariam a elle. Os Castelhanos partidos dalli o primeiro de Maio de quinhentos e vinte e hum , que foi o dia em que lhe aqueceo esta má fortuna , foram ter a huma Ilha dez leguas desta ; e feito alardo da gente que tinham , por terem perdidos cincoenta homens na Ilha , e outros per o caminho , acháram-se per todos cento e oitenta pessoas. E havido conselho , porque não podiam navegar tres náos , queimáram huma , e per as duas reparáram a gente ; e de huma chamada a Vitoria fizeram Capitão hum João Sebastião , que era mestre da mesma não , e da outra o Piloto João Lopes Carvalho , o qual depois foi tirado do cargo , e prezo por algumas cousas que não aprouveram aos Castelhanos por ser homem vicioso. E esta prizão foi em a Ilha Burneo , tendo já passado por Mindanáo , e por outras Illias, **N** onde os

quizeram matar; e em lugar d'elle fizeram Capitão a hum João Baptista, que era Mestre da mesma náó. Finalmente de Ilha em Ilha foram ter ás de Maluco, onde ElRey de Tidore polos ciúmes que tinha de nós queremos fazer fortaleza ante em Ternate que em sua terra, os agazallhou mui bem, e acceitou ficarem alli alguns pera feitorizar cravo, que eram aquelles que ficáram com João de Campos, como atrás escrevemos. E porque nas Ilhas não havia tanto cravo que abastasse pera carregar as duas náós por ser fóra da novidade, e sómente havia algum velho, quizera-os ElRey deter té vir a novidade, e lho dar em abastança; o que elles não quizeram esperar, temendo que fossem lá ter nossas náós, como cada anno costumavam. ElRey quando vio a sua pressa, em hum mez, que foi o mais tempo que os alli pode deter, não sómente mandou buscar quanto pode haver na sua terra, mas ainda teve muita diligencia como pelas outras Ilhas, e principalmente em Ternate, lhe fizeram boa somma, muita parte do qual lá tinham feito Portuguezes per seus Feitores. E hum Portuguez per nome João de Lourousa que estava em Ternate, como homem desleal á patria, foi ainda em ajuda de fazer esta carga, e metteo por condição que elle

se queria vir em as mesma náos , e que lhe haviam de trazer nellas trinta baháres de cravo. O qual partido os Castelhanos acci-
 taram , porque pelos avisos que lhe elle dava das coufas da India , e promessas de os levar á Ilha de Banda a carregar de maçãs , e assi a Timor de sandalo , houveram elles que este homem lhe era enviado per Deos , com que polo contentar ao presente assen-
 taram de o fazer Capitão da náó de que tiráram o Carvalho , e assi o fizeram. Porém depois tiveram outro conselho , que melhor lhes vinha pera sua viagem tornar a capita-
 nia ao Carvalho por ser Piloto , que vir por Capitão João de Lourosa. Vindos a Banda , tomáram alli alguma maça em dez dias , cá não se quizeram mais deter , affombrados do que lhe João de Lourosa fazia crer , dizen-
 do que tinha por nova que na India se fazia huma Armada de certos galeões , de que era Capitão hum Pero de Faria , o qual mandava o Governador da India a fazer huma fortaleza em Maluco ; e que se os achasse , cressem verdadeiramente que era homem que os havia de metter no fundo. E não se contentou de dizer aos Castelhanos isto , não sendo assi , mas ainda fez algumas cartas a seus amigos da India , em que lhe notificava como lha naquellas náos de Castella , e as escusas que dava eram com dizer algu-
 mas

mas cousas contra este Reyno, as quaes cartas Antonio de Brito quando per alli veio, houve á mão; e polo que disse, e fez, lhe foi depois cortada a cabeça per elle mesmo Antonio de Brito em Ternate, com pregão de tedor, como veremos. Partidas estas duas náos de Banda, passáram per a Ilha de Timor pera sahirem pelo canal de Solor, e atravessarem aquelle golfão, e per fóra da Ilha de S. Lourenço virem demandar o cabo de Boa Esperança. E porque a náos, de que era Capitão, e Piloto o Carvalho, sendo da Ilha Banda obra de cento e oitenta leguas, lhe abriu huma agua de maneira, que se hiam ao fundo, houveram consellio que a outra náos se partisse pera Castella, e elles tornassem arribar a Ternate, como fizeram, e a de Castella fez seu caminho, e veio cá ter, que causou o que adiante diremos, e a outra tornou a Ternate. A qual foi logo muyto bem concertada; e ante que partisse, não polo caminho da outra, senão com fundamento de tomar a terra do porto de Panamá, que he nas costas da terra firme das Antilhas, faleceo o Piloto João Carvalho, e em lugar d'elle fizeram o mestre chamado Baptista Genoes, e Capitão Gonçalo Gomes de Espinosa, que fora Meirinho de toda Armada. O qual seguindo sua viagem, e sendo já oitocentas leguas de Maluco em qua-

renta e dous grãos de altura, tornou outra vez arribar, e veio ter nas costas da Ilha chamada Batochina em o porto de huma Villa per nome Gramboconora, do qual lugar Antonio de Brito foi logo avisado como alli estava, e tão desbaratada de agua que fazia, e fortuna que passára, que se lhe logo não acudira, ella, e a gente se perdêra. E a primeira cousa que fez a requerimento de hum Bartholomeu Sanches Escrivão da mesma náo, o qual o Capitão Gonçalo Gomes mandava pedir misericordia polo estado em que ficava, foi mandar huma caravella com muitos mantimentos, e ancoras pera a náo. E trás ella mandou logo Cachil Daroez Governador de Ternate com algumas coracóras, que são grandes navios de remo; e trás elle foi D. Garcia Henriques em navios pera trazerem a náo áquelle porto, e se não perder de todo, como o mesmo Gonçalo de Espinosa lhe mandava requerer. E porque Cachil Daroez per razão dos seus navios serem de remo chegou primeiro á náo que a caravella de D. Garcia, como homem que se queria mostrar leal a nossas cousas, e estar mui escandalizado d'ElRey Almançor receber em seu Reyno os Castelhanos; entrando em a náo, quizera com sua gente de guerra que levava fazer logo sangue. E verdadeiramente se não fora o Feitor **M** Duarte de

Rezende , ao qual Antonio de Brito com certos Portuguezes mandou ir com elle , sem diávida Cachil Daróez houvera de lavrar do ferro. Finalmente entrada a não , quando Duarte de Rezende vio a gente , houve grande piedade , porque os mais delles andavam derreados , que se não podiam mover senão com ajuda , quasi paralyticos , e eram já mortos trinta e sete homens , e andava a não tão ifcada da enfermidade , além dos trabalhos da fome , e outras necessidades , que receavam os nossos , depois que veio D. Garcia , entrar dentro como em coufa de peste. Trazida a não , e a gente ao porto de Ternate , como vinha desbaratada , com hum tempo que logo sobreveio se desfez toda em o recife de pedras que o porto tem. A gente Antonio de Brito a mandou curar , e prover com tanto cuidado , como se foram naturaes deste Reyno , e não levados áquellas partes pera lhe darem desgosto ; e quando se D. Garcia Henriques veio pera a India , todolos que com elle se quizeram vir elle os trouxe , e assi Gonçalo Gomes de Espinosa o Capitão , que depois o anno de quinhentos e vinte seis veio ter a este Reyno. Do qual eu houve alguns papeis que lhe achei , entre os quaes foi hum livro feito per elle de toda aquella sua viagem ; e assi houve outros papeis , e livros , que Duarte

de Rezende Feitor de Maluco recolheo do Astrologo Andres de San Martin. Porque como era Latino, e homem estudioso das cousas do mar, e Geografia, entendeo logo nellas; e vindo a este Reyno, houemos d'elle alguns, principalmente hum livro que elle Andres de San Martin escreveo de sua mão, em o qual está o decurso do caminho que fez, e de todas suas alturas, observações, e conjunções que tomou. E porque ácerca desta materia algumas pessoas tem escrito cousas, de que não tiveram boa informação, e outros maliciosamente dizem muitas falsidades, o que aqui dissermos será do mesmo seu livro, por ser parte sem suspeita polo que toca á nossa. No rio de Janeiro a dezesete dias do mez de Dezembro de quinhentos e dezenove tomou elle huma conjunção de Jupiter com a Lua; e no primeiro de Fevereiro de quinhentos e vinte tomou outra opposição da Lua, e Venus; e a vinte e tres do dito mez, e era, outra do Sol, e da Lua; e em dezesete de Abril do mesmo anno hum eclipse do Sol, e a vinte e tres de Dezembro, já passado o estreito, huma opposição do Sol; e da Lua, e todas estas observações calculava sobre o meridiano de Sevilha. E de lhe não responderem a seu proposito sobre o negocio a que hiam, aqueixasse de humas Taboas de Joannes de Monte

Regio, dizendo, que não pôde ser senão que os numeros estavam errados, e que lhe parecia que devia ser por culpa dos impressores. E em huma destas observações, (não dizemos em que parte foi, porque tudo guardamos pera seu tempo,) depois de ter calculado suas equações, diz estas formaes palavras: *De maneira, que haveria differença deste meridiano ao meridiano de Sevilha, não estando erradas as Taboas do dito Almanach, quarenta e dous minutos de hora; porém porque me consta ser muito mais a differença, insiro haver erro nas Taboas, que certo não sei a que o attribua. Porque attribuiillo a vicio da impressão, não he de crer huma cousa tão commum, e tão divulgada como os Almanaches de Joannes de Monte Regio da impressão de João Liertesim abondar de tantos vicios nella, por razão do credito de sua impressão. Pois attribuiillo a que Joannes de Monte Regio errasse a equação dos movimentos, também me parece grave cousa dizer hum homem de tanta veneração, e authoridade em Astronomia, ter errado sua obra. Também me maravilho, e muito mais ver minhas experiencias não convirem com o escrito: insiro, e cerro-me em dizer que Quod audivimus, loquimur; quod vidimus, testamur; e que toque a quem tocar, em o Almanach*

estam errados os movimentos dos ceos: Sic-
 uti experienciã experti fuimus. Foram tam-
 bem tomadas algumas cartas de mar; e pe-
 ró que não houvessemos alguma, sabemos
 que dellas vinham sómente arrumadas pera
 lançarem as terras que descobrissem. E por-
 que viam per estas operações do Astrologo,
 e assi per suas singraduras, e estimativa ao
 modo da sua arte, ser mais em nosso favor
 que no seu, situavam as terras da derrota
 a seu proposito, e não segundo o que achava
 elle Andres de San Martin. E de estas, e
 outras cousas serem feitas com malicia, tes-
 temunhou á hora de sua morte hum delles
 per nome Bustamente, o qual iudo em hum
 navio nosso de Malaca pera a India, foi ter
 ás Ilhas de Maldiva, onde faleceo por ir
 muito enfermo. E no seu testamento disse,
 que por descargo de sua consciencia declara-
 va, que tal cousa, e tal, em alguns estro-
 mentos que os Castelhanos tiráram em Ma-
 lucco sobre aquelle seu negocio, elle testemu-
 nhára o contrario da verdade, porque o fa-
 zia em seu favor; e onde se as cousas que-
 rem provar per este modo, ellas ficam ba-
 tizadas em nome. Fica aqui dizer huma cou-
 sa por honra de Duarte de Rezende, a que
 quero acudir por razão de sangue, e tam-
 bem das boas letras que tinha. Elle me di-
 rigio hum Tratado sobre esta **Navegação de**

Castella, como quem teve na mão huns apontamentos que o Astrologo Faleiro tinha feitos ante de sua doudice, nos quaes dava modo como se poderia verificar a distancia dos meridianos, a que vulgarmente os mareantes chamam altura de Leste Oeste. Sobre os quaes Fernão de Magalhães, em cujo poder elles ficáram, ante que passassem o estreito no porto de S. Julião, quiz ter prática; e foi assentado per todos os Pilotos, que em nenhum modo se podia navegar per alli. Do qual regimento, que era de trinta capitulos, Andres de San Martin, como homem douto na Astronomia, concede o quarto capitulo, que era pelas conjunções, e opposições da Lua com os outros Planetas, por ser causa certa, e facil. E porque Duarte de Rezende traz as formaes palavras que Andres de San Martin diz sobre esta materia, e tambem sobre hum eclipse do Sol, que alli tomou, de que atrás fallámos, e falla per termos Astronomicos, ou foi do Tratado que me elle dirigio, que eu emprestei, ou que tambem elle em sua vida daria o traslado a outrem, donde quer que fosse; quizeram-se aproveitar delle em huma escritura desta navegação do Magalliães. E o author da obra quando vem a fallar no caso, (bem sei que o não fez de malicia, mas de algum descuido, ou de não ter noticia dos termos,) con-

funde-os, dizendo, que o meridiano daquelle porto distava do de Sevilha donde partiram, sessenta e hum grãos de Norte, e Sul. E elle Andres de San Martin diz, que o meridiano daquelle porto distava do meridiano de Sevilha sessenta grãos da linha Equinoccial; porque grãos da Equinoccial são grãos de longura; e grãos de Norte Sul são de largura. E quem estava além da linha em quarenta e nove grãos, e dezoito minutos, em que está o rio de S. Julião, segundo o mesmo Andres de San Martin tomou, e em Sevilha que está da parte do Norte em trinta e sete e meio, ajuntando huns aos outros, faria oitenta e seis grãos, quarenta e oito minutos de Norte, e Sul; mas isto não se conta assi, nem menos Andres de San Martin faz esta conta. Quizemos apontar este erro, porque pôde a tal escriptura delle ir á mão de pessoas doutas nesta faculdade, não queria que dessem a culpa a Duarte de Rezende, senão a quem mal usou dos seus termos; ou demos por desculpa ao author da obra, a que tomava Andres de San Martin nas suas equações, que estavam os numeros errados por culpa do impressor, que he mui bom valhacouto aos que compomos alguma cousa. E assás de prudencia he quem se della sabe aproveitar, posto que mais modestia seria confessar que somos homens, de que

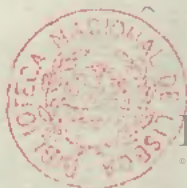
he proprio errar. O que resultou da vinda da náo que veio ter a Castella, foi haver entre ElRey D. João Nosso Senhor, e o Emperador D. Carlos Quinto, e Rey de Castella algumas dúvidas, tratando-se o caso sobre estes dous pontos, posse, e propriedade, por razão das demarcações, que entre estes dous Reynos havia; pera o qual negocio se ajuntáram de ambas partes tres generos de pessoas, Juristas, Geografos, e Mercantes. E porque entre elles houve mais duvidas das que havia no caso, estes dous Principes se concertáram depois per si da maneira em que ora o caso está; e parece-nos que o ha de vir a determinar por parte da propriedade o mesmo Andres de San Martin com seus eclipses, como demonstraremos em a nossa Geografia: e verificállos-hemos per suas proprias experiencias que fez, e per livros que não tenham erros na impressão, porque não haja valhacouto contra a verdade. E quanto á posse, quem ler o que atrás escrevemos da continuação que os nossos tinham naquellas Ilhas, do anno de onze que Affonso d'Albuquerque as mandou descobrir té o anno de vinte, ante que a Armada de Castella lá fosse, que são dez annos de tempo, com todos os outros negocios de cartas, e requerimentos, que os Reys daquellas Ilhas tiveram conosco, parece que julgará

a posse por boa. E pois estamos em a narração das partes mais Orientaes que descobrimos, e conquistámos, que são estas de Maluco; primeiro que partamos dellas, queremos dar conta do que Simão d'Andrade fez na China, terra tambem a mais Oriental da Asia; e do que passou Thomé Pires nosso Embaixador, que Fernão Peres d'Andrade enviou ao Principe daquellas regiões, como atrás escrevemos. E de si trataremos do que Diogo Lopes de Sequeira fez em Ormuz, e na India, em a narração das quaes cousas começaremos, e daremos fim a este seguinte sexto Livro.

FIM DO LIVRO V. DA DECADA III.

BIBLIOTECA DO POLITICO REPUBLICANO

THOME JOSÉ DE BARROS QUEIROZ

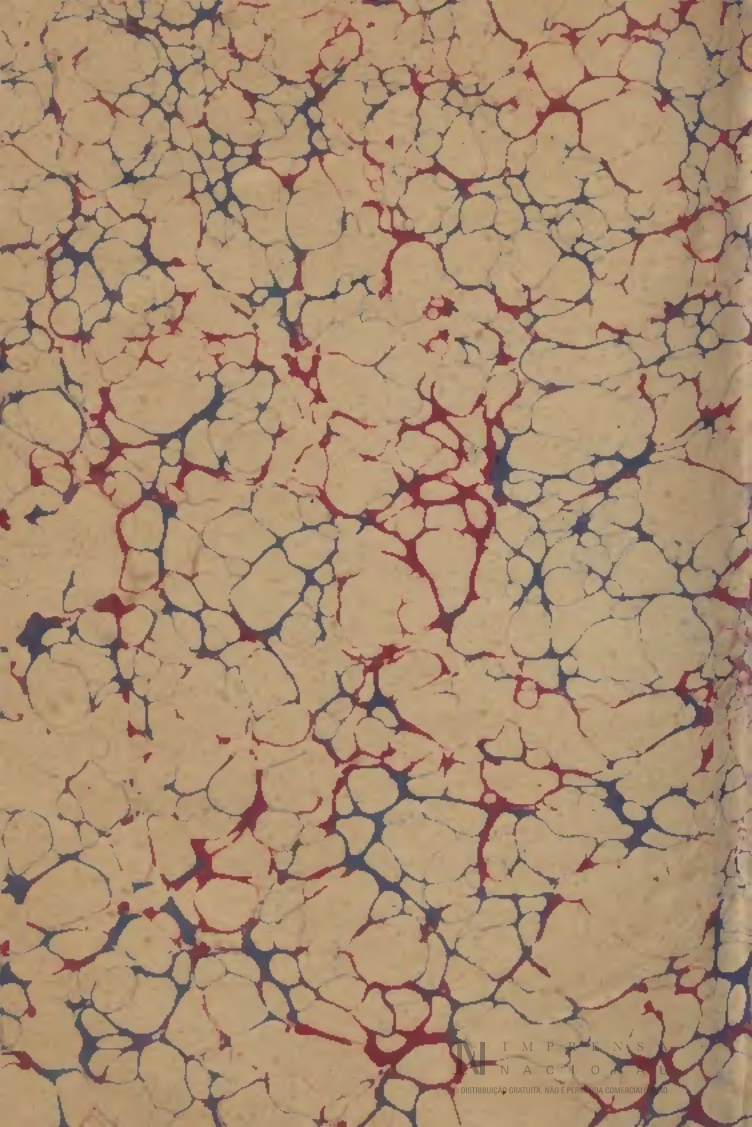


N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA. NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO

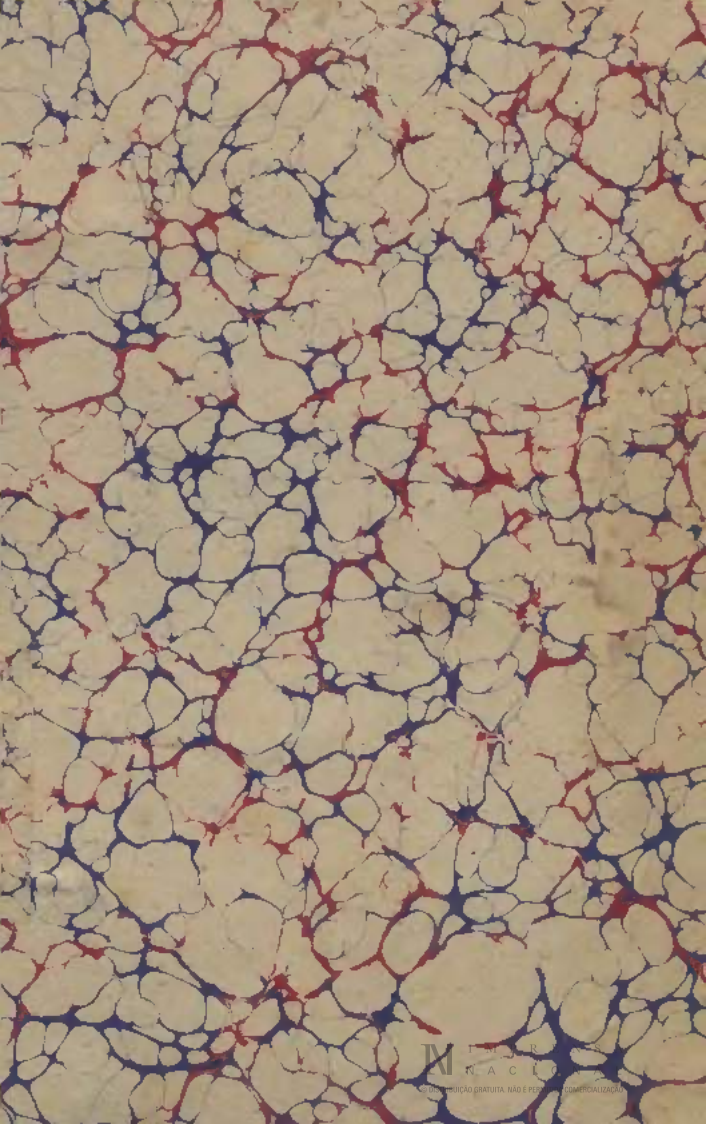
N IMPRENSA
NACIONAL

© DISTRIBUIÇÃO GRATUITA, NÃO É PERMITIDA COMERCIALIZAÇÃO



IMPRESSÃO
NACIONAL

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA, NÃO É PERÍCIA COMERCIAL



IMPER
NACI

EDIÇÃO GRATUITA, NÃO É PERMITS COMERCIALIZAÇÃO

